



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**Bárbara Figueiredo Souto**

**Mulheres e ideias impressas:**

Projetos feministas de emancipação em periódicos  
do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855)

Belo Horizonte  
2019

**Bárbara Figueiredo Souto**

**Mulheres e ideias impressas:**

Projetos feministas de emancipação em periódicos  
do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, Departamento de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, para a obtenção do título de Doutora em História.

Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Kátia Gerab Baggio

Belo Horizonte  
2019

301.412 S728m 2019	Souto, Bárbara Figueiredo. Mulheres e ideias impressas [manuscrito] : projetos feministas de emancipação em periódicos do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855) / Bárbara Figueiredo Souto. - 2019. 319 f. Orientadora: Kátia Gerab Baggio.  Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Inclui bibliografia.  1.História - Teses. 2.Feminismo - Teses. 3.Imprensa - Teses. 4.Manso, Juana, 1819-1875. I.Baggio, Kátia Gerab. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.
--------------------------	---

Ficha catalográfica elaborada por Vilma Carvalho de Souza - Bibliotecária - CRB-6/1390



**ATA DA DEFESA DE TESE EM HISTÓRIA DE BÁRBARA FIGUEIREDO SOUTO**  
 Nº REGISTRO: 2014718126

Aos 16 dias do mês de dezembro de 2019 (dois mil e dezenove), reuniu-se a Comissão Examinadora composta pelos professores doutores Kátia Gerab Baggio (UFMG), Adriane Aparecida Vidal Costa (UFMG), Claudia de Jesus Maia (Unimontes), Joana Maria Pedro (UFSC) e Stella Maris Scatena Franco Vilardaga (USP), para julgar o trabalho final intitulado: **MULHERES E IDEIAS IMPRESSAS: PROJETOS FEMINISTAS DE EMANCIPAÇÃO EM PERIÓDICOS DO RIO DE JANEIRO E BUENOS AIRES (1852-1855)**, requisito final para a obtenção do grau de **DOUTORA EM HISTÓRIA**. Abrindo a sessão no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais, Área de Concentração: História, tradição e modernidade: política, cultura e trabalho - Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas, a Presidente da Comissão, professora Kátia Gerab Baggio, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata, para a apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição de resultado final. A candidata foi considerada **APROVADA**. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ata, que foi assinada pelos examinadores participantes. Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2019.

**Observação da Banca:** A banca ressalta a contribuição do trabalho para a história intelectual e política das mulheres no Brasil e no Argentina no século XIX, em perspectiva comparada. E recomenda a publicação.

**Comissão Examinadora:**

Kátia Gerab Baggio  
 Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio - Orientadora (UFMG)

Adriane  
 Profa. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa (UFMG)

Claudia  
 Profa. Dra. Claudia de Jesus Maia (Unimontes)

Joana Maria Pedro  
 Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Stella Maris  
 Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco Vilardaga (USP)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



**"Mulheres e ideias impressas: projetos feministas de emancipação em periódicos  
do Rio de Janeiro e Buenos Aires (1852-1855)"**

**Bárbara Figueiredo Souto**

Tese aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profa. Dra. Kátia Gerab Baggio - Orientadora  
UFMG

Profa. Dra. Adriane Aparecida Vidal Costa  
UFMG

Profa. Dra. Cláudia de Jesus Maia  
Unimontes

Profa. Dra. Joana Maria Pedro  
UFSC

Profa. Dra. Stella Maris Scatena Franco Vilardaga  
USP

Belo Horizonte, 16 de dezembro de 2019.

Para Beth, Rosana e Soninha, mulheres aguerridas que muito me ensinam sobre determinação e amor.

\*\*\*

Dedico esta tese às mulheres latino-americanas que lutaram por sociedades menos hierárquicas e violentas, e a todas as pessoas que permanecem em movimento honrando a memória das feministas históricas e construindo caminhos de afeto, respeito e justiça social.

## **Agradecimentos**

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais por ter me proporcionado significativas oportunidades de aprimoramento intelectual, através de seu corpo docente, dos cursos oferecidos, dos financiamentos para participação em eventos acadêmicos e pela estrutura física da instituição. Sou grata à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida nos momentos iniciais do Doutorado, sem a qual seria inviável minha permanência em Belo Horizonte, para o cumprimento dos créditos em disciplinas, e minha viagem a Buenos Aires, para pesquisas em arquivos e bibliotecas.

Agradeço à minha orientadora, Kátia Gerab Baggio, por ter acreditado no meu projeto de pesquisa e pela leitura minuciosa desta tese. Sou grata às professoras Adriane Vidal Costa e Constância Lima Duarte por terem me apresentado instigantes possibilidades reflexivas durante o Exame de Qualificação. Agradeço às professoras Stella Maris Scatena Franco, Joana Maria Pedro e Cláudia Maia pelo aceite em compor a banca avaliadora da minha tese. Saibam que o diálogo com historiadoras tão competentes muito me honra.

Agradeço aos/às funcionários(as) dos acervos argentinos, pela gentileza com que me atenderam, principalmente à Susana Núñez (Biblioteca Nacional Mariano Moreno), à Mónica Ocaña (Biblioteca Pública de la Universidad Nacional de La Plata) e à Eugenia Sik (Centro Cultural Tierra Violeta).

Sou grata aos/às acadêmicos(as) da Universidade Estadual de Montes Claros, que me deram força e inspiração durante a escrita da tese. Nossas aulas são sempre momentos oportunos de troca de saberes e afetos!

Os caminhos até aqui percorridos não foram fáceis. Houve trechos prazeros e serenos, mas os obstáculos também deixaram suas marcas. Logo, a jornada do Doutorado só foi concluída devido às intensas demonstrações de apoio de pessoas magníficas que cruzaram minha estrada. É com gratidão e saudades que recordo da família que me acolheu em Belo Horizonte: Soninha, Rômulo e Lulu (sem a energia de vocês e as risadas incessantes, cumprir os créditos das disciplinas seria muito mais complicado!). Aos meus pais, Beto e Beth, e aos irmãos, Daniel, Tauane e Túlio, agradeço pelo carinho intenso e por sempre acreditarem no meu potencial! À família Lana Figueiredo e à família Souto agradeço pelos momentos de confraternização e alegria que foram fundamentais nesse processo. Meus amorosos

agradecimentos ao Roger Lambert, que me surpreendeu com um belo reencontro no início do Doutorado, tornando-se um esplêndido companheiro de vida, de luta e de profissão! Obrigada por tornar meus dias tão especiais e por estar sempre disposto a refletir sobre a imprensa oitocentista de forma tão profícua! Sou grata também à família Lambert, que me acolheu e me fortaleceu nesse processo. Agradeço aos(às) queridos(as) amigos(as) que a calorosa Montes Claros me presenteou, especialmente ao Felipe Cazetta, à Leonara Delfino, à Cynthia Gusmão e à Maria Alice Mendes. Sem yoga, café e conversas descontraídas, a tese não teria sido concluída. Por fim, agradeço à minha afilhada Isabela, por me dar tanto orgulho pela mulher que está se tornando; ao meu afilhado Otávio, por me proporcionar tanta alegria; e à minha afilhada Catarina, por trazer tanta leveza aos meus dias.



“Na verdade, o esquecimento de escritoras do século XIX é um esquecimento político. Pois não só porque mulheres escritoras são esquecidas; são esquecidas sobretudo as mais atuantes, as feministas, em uma palavra.”

Zahidé Muzart, 1996

“Yo he luchado con una osadía y un arrojo de que solo mis numerosos artículos en los diarios podrían dar a V. una idea, y solo enmudeceré para combatir la injusticia, cuando deje de existir o la fuerza me lo vede.”

Juana Paula Manso, 1867

## Resumo

O objetivo da tese é comparar projetos feministas de emancipação veiculados na imprensa de propriedade de mulheres, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, na primeira metade da década de 1850. Para tanto, analisei o impresso carioca *Jornal das Senhoras* (1852-1855) e os periódicos portenhos *La Camelia* (1852) e *Album de Señoritas* (1854). Tais periódicos possuíam caráter feminista e, durante seu período de circulação, publicaram críticas à sociedade da época e propuseram mudanças políticas e sociais, cujo cerne era a melhoria da condição de vida das mulheres. A análise das fontes foi realizada a partir das perspectivas da História Comparada, da História Transnacional, da História Intelectual, da História da Imprensa e dos Estudos Feministas. A hipótese norteadora da pesquisa foi que a opressão patriarcal e conservadora das sociedades comparadas – Rio de Janeiro e Buenos Aires – influenciaram de forma semelhante a imprensa feminista em ambos os países, gerando impressos com trajetórias comunicantes. Nesse sentido, estabeleci comparações e problematizei os projetos feministas veiculados na imprensa, além de colocar em cena agentes ainda pouco estudados pela historiografia. Concluí que houve mais semelhanças que diferenças nas pautas de emancipação das mulheres veiculadas nos impressos analisados, sendo o conservadorismo, presente no Rio de Janeiro e Buenos Aires, elemento determinante nas trajetórias dos impressos. Por fim, identifiquei uma intelectual feminista transnacional, Juana/Joanna Manso, que foi personagem central na construção e propagação das ideias feministas no Brasil e na Argentina, em meados do século XIX.

**Palavras-chave:** Feminismos, imprensa, Juana Manso, Rio de Janeiro, Buenos Aires, década de 1850

## Abstract

The purpose of the thesis is to compare emancipation feminists' projects published in the women's-owned press in Rio de Janeiro and Buenos Aires in the first half of the 1850s. Therefore, I analyzed the Rio de Janeiro newspaper *Jornal das Senhoras* (1852-1855) and the Buenos Aires periodicals *La Camelia* (1852) and *Album de Señoritas* (1854). These journals had a feminist character and, during their circulation, published criticism towards the society at the time, and proposed political and social changes, of which the core interest was the improvement of women's living conditions. The analysis of the sources was made from the perspectives of Comparative History, Transnational History, Intellectual History, History of the Press and Feminist Studies. The guiding hypothesis of the research was that the patriarchal and conservative pattern of the compared societies – Rio de Janeiro and Buenos Aires – similarly influenced the feminist press in both countries, generating printouts with communicative trajectories. In this sense, I established comparisons and problematized the feminist projects conveyed in the press, besides highlighting agents still understudied by historiography. I was able to conclude that there were more similarities than differences in the emancipation guidelines of the women conveyed in the analyzed printouts, having as a determining element on the trajectories of these works, both in Rio de Janeiro and Buenos Aires, conservatism. Finally, I identified a transnational feminist intellectual, Juana/Joanna Manso, who was a central character in the construction and propagation of feminist ideas in Brazil and Argentina, in the middle of the 19th century.

**Keywords:** Feminisms, press, Juana Manso, Rio de Janeiro, Buenos Aires, 1850s

## Lista de imagens

<b>Imagem 1</b> – <i>O Jornal das Senhoras</i> , Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1852.....	76
<b>Imagem 2</b> – <i>La Camelia</i> , Buenos Aires, 29 de abril de 1852.....	77
<b>Imagem 3</b> – <i>Album de Señoritas</i> , Buenos Aires, 01 de janeiro de 1854.....	78
<b>Imagem 4</b> – Miniaturas das primeiras páginas dos periódicos portenhos e carioca.....	91
<b>Imagem 5</b> – <i>O Jornal das Senhoras</i> , Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1852.....	98
<b>Imagem 6</b> – <i>O Jornal das Senhoras</i> , Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1853.....	99
<b>Imagem 7</b> – <i>Jornal das Senhoras</i> , Rio de Janeiro, [?] de [janeiro] de 1854.....	99
<b>Imagem 8</b> – <i>La Camelia</i> , Buenos Aires, 15 de abril de 1852.....	102
<b>Imagem 9</b> – Representação da Penitenciária Estadual da Filadélfia.....	112

## Lista de tabelas

<b>Tabela 1</b> – Preços do impresso <i>Jornal das Senhoras</i> .....	88
<b>Tabela 2</b> – Preços do periódico <i>La Camelia</i> .....	89
<b>Tabela 3</b> – Organização do número de páginas e colunas dos impressos.....	90
<b>Tabela 4</b> – Organização do <i>Jornal das Senhoras</i> em tomos.....	92
<b>Tabela 5</b> – Recorrência das seções do <i>Jornal das Senhoras</i> .....	93
<b>Tabela 6</b> – Recorrência das seções do periódico <i>La Camelia</i> .....	94
<b>Tabela 7</b> – Recorrência das seções no <i>Album de Señoritas</i> .....	95

## Sumário

<b>Introdução</b>	<b>14</b>
<b>Capítulo 1. Feminismos, história da imprensa e historiografia: reflexões sobre a América Latina</b>	
1.1 Memórias e esquecimentos consolidados pela imprensa e pela historiografia: diálogos entre Brasil e Argentina.....	42
1.2 Feminismos na América Latina em meados do século XIX.....	51
1.3 Imprensa e educação no Brasil e na Argentina oitocentistas.....	55
1.4 Os periódicos feministas e seus arranjos tipográficos.....	75
<b>Capítulo 2. Juana/Joanna Manso: tornando-se intelectual feminista transnacional em meados do século XIX</b>	
2.1 Professora transnacional.....	105
2.2 Professora e escritora transnacional.....	125
2.3 Professora, escritora e <i>periodista</i> transnacional.....	143
2.4 Professora, escritora, <i>periodista</i> e, sobretudo, intelectual feminista transnacional.....	153
<b>Capítulo 3. Projetos feministas de emancipação na imprensa carioca e portenha: papel e tinta como instrumentos de luta</b>	
3.1 “Senhora(s) a testa da redacção de um jornal!”: editoriais e redatoras em foco.....	172
3.2 “Libertad, no licencia”: reprodução ou subversão do discurso vigente?.....	192
3.3 “Emancipação moral ou intellectual da mulher”: direitos, educação e família em pauta.....	205
3.4 “La aguja y el telar valen mas que la Filosofia?”: mulheres refletindo sobre conhecimento e civilização.....	222
<b>Considerações finais</b>	<b>234</b>
<b>Fontes</b>	<b>238</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>240</b>
<b>Apêndices</b>	<b>255</b>

## Introdução

Em vez de manter os olhos fixos na Europa, é mais eficaz, para o historiador, olhar o Brasil ao lado dos países de colonização espanhola.<sup>1</sup>

Abro esta análise com a instigante frase de Maria Ligia Prado, na qual chamou a atenção dos(as) historiadores(as) para um fato comum em nosso *métier*: a insistente prática de utilizar a Europa como marco zero das reflexões e comparações com o Brasil. Por que essa prática é ainda tão comum, em pleno século XXI? Será que a Europa é o melhor parâmetro de comparação? Por que esse meridiano tem sido deslocado tão vagarosamente?

Em uma reflexão a este respeito, Kátia Gerab Baggio afirmou que o distanciamento entre o Brasil e os países hispano-americanos foi, em certa medida, interiorizado pela sociedade brasileira. Nas palavras da autora:

A identificação dos brasileiros como latino-americanos é fluida, variável, mais ou menos presente dependendo das circunstâncias e do momento histórico. Mas, não há dúvida de que as diferenças são mais destacadas do que as similitudes. A América Hispânica – vista a partir de olhares brasileiros – é uma ‘outra’ América, ainda que façamos parte deste todo complexo e contraditório denominado América Latina. Historicamente, nosso país se aproximou muito mais da Europa e, posteriormente, dos Estados Unidos do que dos seus vizinhos. Além disso, as relações do Brasil com os países hispano-americanos foram caracterizadas, em vários momentos, por desconfianças mútuas.<sup>2</sup>

No trabalho citado, Baggio analisou interpretações sobre a América Latina feitas por intelectuais brasileiros, nas primeiras décadas republicanas. Após investigar variadas obras, a historiadora chegou à conclusão de que os intelectuais divergiam em diversos temas polêmicos, apresentando peculiaridades interpretativas. Entretanto, prevaleceram as interpretações com viés negativo sobre a América Latina. Baggio defendeu que esses homens, de certo modo, reforçaram a distância e as relações ambíguas entre nosso país e os demais países latino-americanos. Portanto, “a América Hispânica permaneceu como uma ‘outra’ América. E o Brasil, ainda hoje, oscila entre o sentimento de ser, ou não, parte integrante da América Latina.”<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a História Comparada da América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, p. 12, 2005.

<sup>2</sup> BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 1999. p. 9.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 207-209.

Instigada pela complexidade dessa relação histórica entre Brasil e países hispânico-americanos, mais precisamente, entre Brasil e Argentina, é que realizei um trabalho comparativo. Minha análise centrou em impressos de propriedade feminina e caráter feminista.<sup>4</sup> Analisarei o *Jornal das Senhoras* (1852-1855), veiculado no Rio de Janeiro; *La Camelia* (1852) e *Album de Señoritas* (1854), publicados em Buenos Aires. Ao longo de sua trajetória, o jornal carioca teve como redatoras Joanna Paula Manso, Violante Atabalipa e Gervázia Nunezia; em sua breve veiculação, *La Camelia* teve como redatora Rosa Guerra; e o periódico portenho mais tardio teve Juana Paula Manso<sup>5</sup> em sua redação. Portanto, a seleção destas fontes históricas delimitaram meus recortes de pesquisa, sendo meu espaço de análise as sociedades carioca e portenha e os anos entre 1852 e 1855 a temporalidade focada nas reflexões da tese.

Nos anos 1850, o Brasil vivia o apogeu do regime Imperial, com poderes centralizados e reformas em andamento. Nas palavras de Nelson Werneck Sodré, “o Império está com a sua estrutura articulada e firme: consolidou-se para uma larga etapa e tudo ganha aspectos duradouros, parece definitivo.”<sup>6</sup> Após um longo período de disputas políticas,<sup>7</sup> o gabinete conservador assumiu as diretrizes do país, em 1848, e permaneceu no comando até 1853 – sendo o gabinete mais perene do Segundo Reinado. Após um histórico de revoltas que provinham, principalmente, do período regencial, o Império conseguiu consolidar um momento de estabilidade governativa e implementar mudanças na área social, política e econômica. Uma medida significativa foi a aprovação da lei que proibia o tráfico de escravizados para o Brasil, publicada em 4 de setembro de 1850. No mesmo ano, foi instituída a Lei de Terras, que regulamentava a questão fundiária no Brasil. Houve, também, uma reforma na Guarda Nacional, tornando-a mais atrelada ao governo. Na política externa, o gabinete conservador se posicionou e rompeu laços com Juan Manuel de Rosas – governador do Estado Confederado de Buenos Aires – e se aliou aos seus rivais Justo José de Urquiza e Benjamín Virasoro. Portanto, foi um contexto de mudanças e de grande centralização política

---

<sup>4</sup> No primeiro capítulo da tese, explicarei porque estou caracterizando os periódicos analisados como “feministas”.

<sup>5</sup> As diferentes grafias do nome da Argentina serão esclarecidas no segundo capítulo da tese. No entanto, vale adiantar que, ao me remeter às produções no Brasil, utilizei a grafia Joanna e, na Argentina, utilizei Juana, mantendo coerência com as fontes da época. Ao analisar a historiografia, manterei a grafia escolhida pelo(a) autor(a).

<sup>6</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 186.

<sup>7</sup> Para uma análise sobre os embates na esfera pública, em fins do Primeiro Reinado e início da Regência, a partir da imprensa periódica, ver: BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. *Anarquistas, rusguentos e demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na Corte Imperial (1829-1834)*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.



no país.<sup>8</sup> Os anos 1850 foram marcados também pela dinamização urbana, com o avanço do comércio, da organização bancária e da indústria. A imprensa e a cultura, de forma mais ampla, acompanharam as transformações da época.<sup>9</sup>

Conforme Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca, “a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel.”<sup>10</sup> Logo, nesta metade de século XIX, a imprensa brasileira já havia experienciado importantes iniciativas e avançado nos debates públicos, ou seja, toda a trama política, econômica e cultural do oitocentos não passou imune aos olhos dos(as) redatores(as) e dos(as) colaboradores(as) dos periódicos. Neste contexto, “o agente econômico mobilizador de significativas conquistas técnicas” foi o café, que, enquanto produto exportador, agregou recursos e inovação ao país. Nas palavras de Ana Luiza Martins, “à sombra do café e com a palavra liberada, tinha início o nosso Segundo ‘Império’, que foi o império do café, mas não só. Iniciava-se também o império da palavra impressa.”<sup>11</sup> As publicações periódicas concentraram-se no Rio de Janeiro, “produzidas sob a vista do poder”,<sup>12</sup> conseguiram propagar notícias, circular literatura e entretenimento, veicular críticas e consolidar um espaço de expressão do pensamento oitocentista.

Na Argentina, os anos 1850 também foram marcados por transformações. A região finalizava uma longa etapa de governo autoritário, chefiado por Juan Manuel de Rosas, que representava os interesses dos grupos proprietários e detia o avanço do projeto liberal de concretizar uma unificação nacional pautada num Estado liberal centralizado. Rosas foi governador de Buenos Aires, entre 1829 e 1832, e retornou ao poder, em 1835, permanecendo até 1852. Foi apenas com a aliança entre as províncias de Entre Ríos e Corrientes contra a província de Buenos Aires que Rosas foi destituído do poder e o cenário político-social se alterou de maneira significativa.<sup>13</sup> Em maio de 1852, foi firmado o acordo de San Nicolás, o qual foi assinado por 13 províncias das 14 que formavam as Províncias Unidas do Rio da Prata, sendo Buenos Aires a exceção. Este episódio “abrió el camino para una redefinición del

---

<sup>8</sup> CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *A construção nacional (1830-1889)*. V. 2. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA; Madrid: Fundación Mapfre, 2012. p. 98-102.

<sup>9</sup> SODRÉ, Nelson Werneck, 1999, p. 186.

<sup>10</sup> MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 8

<sup>11</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de, 2008. p. 47.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 57.

<sup>13</sup> BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.), 2012, p. 157-159.

sistema político.”<sup>14</sup> Neste acordo, Justo José de Urquiza foi nomeado Diretor Supremo provisório da nascente Confederação Argentina. No ano seguinte, a Constituição proclamou a vigência do regime republicano, a forma representativa, a federalização do governo, a divisão dos três poderes (legislativo, executivo e judiciário) e a adoção da religião católica como credo oficial. Além disso, foi determinada a nacionalização da aduana de Buenos Aires, bem como a federalização da cidade portenha. Insatisfeita com os dois últimos pontos, Buenos Aires ficou separada da Confederação e foi liderada por Bartolomé Mitre, conseguindo consolidar um período de “prosperidade econômica e cultural.”<sup>15</sup>

Nesse contexto, Buenos Aires foi uma cidade dinâmica, abrigando manifestações públicas e festejos nas ruas. Pululavam associações profissionais – sendo a Sociedad Tipográfica Bonaerense a mais consolidada – e novos órgãos da imprensa. Era comum a presença de grande número de pessoas nos teatros, praças e cafés. Com tamanha sociabilidade, os(as) portenhos(as) desenvolveram maneiras de se organizarem coletivamente para se expressar e protestar. Houve, então, a “constituición de una esfera pública, instancia fundamental de mediación con el Estado.”<sup>16</sup> Portanto, Buenos Aires, na década de 1850, foi “una sociedad dinámica, heterogénea, inestable, en transformación, donde se superponían nuevas y viejas relaciones y desigualdades.”<sup>17</sup>

Ainda refletindo sobre a Argentina, Jorge Myers enfatizou que, na segunda metade do século XIX, houve um crescimento dos periódicos femininos, devido à ampliação da rede educacional para mulheres e ao consequente aumento do público leitor feminino.<sup>18</sup> Segundo Francine Masiello, a imprensa de propriedade feminina nos revela uma “otra versión de la historia”, pois, ao contrário da ideia propagada de que as mulheres exerceram papéis de cúmplice ou ajudante do homem, esses materiais nos mostram que elas lutaram por seus direitos e se enveredaram pelos campos da política e da cultura. As mulheres de imprensa realizavam reflexões sobre a construção de uma “praxis democrática” e, ao contrário do que muitos pensam, tais ideias não se limitaram à discussão do direito à educação laica. Os debates eram bem mais amplos, envolvendo propostas que incluíam “una reflexión sobre el

---

<sup>14</sup> BONAUDO, Marta; SONZOGNI, Élida. Los grupos dominantes entre la legitimidad y el control. In: BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva historia argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. p. 29.

<sup>15</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de história nacional (1868-1912)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 22-23.

<sup>16</sup> SABATO, Hilda. La vida pública en Buenos Aires. In: BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva historia argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. p. 166-167.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 170.

<sup>18</sup> MYERS, Jorge. Introducción al volumen I. In: ALTAMIRANO, Carlos (ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008. p. 43.

acceso femenino a la ciencia, su rol en el debate positivista, un ataque contra la iglesia católica y las represiones del convento y una defensa de la libertad de expresión femenina. [...]” Essas mulheres criticavam, com regularidade, o discurso nacionalista que se constituía no século XIX e defendiam “una alianza entre los países de América Latina”. Neste contexto, a defesa da educação adquiriu novos contornos, além de contestarem o ensino atrelado à religião, abriram uma brecha para a valorização da cultura argentina e latino-americana em vez de se pautar nos moldes europeus.<sup>19</sup>

Ao pensar o Brasil, Constância Lima Duarte afirmou que, a partir do momento em que as mulheres tiveram acesso ao letramento, elas dominaram a leitura, lançaram mão da escrita e desenvolveram o pensamento crítico. Para a autora, o mundo da leitura despertou – nas jornalistas, poetisas, ficcionistas e professoras – a consciência a respeito do lugar de exceção que ocupavam naquela sociedade de mulheres analfabetas e sobre a condição de subalternidade legada ao sexo feminino, propiciando, por conseguinte, o florescimento de “escritos reflexivos e engajados”. Para Duarte, muito além dos livros, foram os impressos os pioneiros e principais meios de produção letrada feminina, que logo se configurou como “espaços de aglutinação, divulgação e resistência”.<sup>20</sup>

Nestas sociedades em movimento, Juana/Joanna Paula Manso, Violante Atabalipa, Gervázia Nunezia e Rosa Guerra entraram em cena. A propósito, quem foram estas mulheres, que num contexto de limitação da atuação feminina fundaram órgãos para se expressarem no espaço público?

A fundadora do *Jornal das Senhoras* e do *Album de Señoritas*, Juana Paula Manso nasceu no dia 26 de junho de 1819, em Buenos Aires,<sup>21</sup> no âmbito de uma “família culta progressista”.<sup>22</sup> Sua mãe, Teodora Cuenca, era portenha de ascendência hispânica. Seu pai, José María Manso, integrou a Revolução de Maio e atuou no governo de Bernardino Rivadavia. Em 1839, a família emigrou para Montevidéu por causa das perseguições sofridas durante o governo de Juan Manuel de Rosas. No Uruguai, Juana Manso escreveu poesia, fundou uma escola para meninas, atuou na imprensa e participou de reuniões com intelectuais

---

<sup>19</sup> MASIELLO, Francine (comp.). *La mujer y el espacio publico: el periodismo femenino en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994. p. 7-8 (grifos no original).

<sup>20</sup> DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 14.

<sup>21</sup> Apenas para situar o(a) leitor(as), apresentarei uma breve biografia das jornalistas. No entanto, ao longo da tese, a trajetória, as publicações e as ações das *periodistas* serão retomadas à medida que forem relevantes para as análises dos projetos de emancipação das mulheres.

<sup>22</sup> VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 228.

da denominada Geração de 1837,<sup>23</sup> como Esteban Echeverría, Juan María Gutierrez e José Mármol. Em 1842, Juana Manso e seus pais emigraram para o Brasil devido ao estado de sítio instaurado em Montevidéu, pelos apoiadores de Manuel Oribe.<sup>24</sup> Dois anos depois, Joanna Manso casou-se com o violinista português Francisco de Sá Noronha, com quem teve duas filhas, Eulália e Hermínia. Nos anos 1840, Joanna Manso escreveu romances e teatros. Em 1852, fundou o *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro. No ano seguinte, após a morte do pai e a separação do marido, Juana Manso retornou para sua terra natal com suas filhas. Em 1854, findou o periódico *Album de Señoritas* e ministrou aulas de francês, inglês e italiano para angariar alguma renda. Nas décadas de 1860 e 1870, atuou intensamente na área educacional, tornando-se uma colega de trabalho de Domingo Faustino Sarmiento. Juana Manso faleceu em 24 de abril de 1875, em Buenos Aires.<sup>25</sup>

A segunda redatora do *Jornal das Senhoras*, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco nasceu na Bahia, no dia 1º de dezembro de 1817 e faleceu em 25 de maio de 1875, no Rio de Janeiro. Era filha do Conselheiro Diogo Soares da Silva de Bivar e de Violante Lima de Bivar.<sup>26</sup> Ainda criança, Violante já se apresentava em saraus na Bahia. Era poliglota, dominando o inglês, o italiano e o francês, o que lhe permitiu traduzir produções estrangeiras. Foi membro do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, exercendo o poder de liberar ou censurar obras a serem apresentadas na instituição. Violante Atabalipa estudou canto, desenho e música e era ativa também no campo literário e jornalístico.<sup>27</sup> A partir de 4 de julho de 1852 passou a ser redatora chefe do *Jornal das Senhoras*. Em 23 de novembro de 1873, no Rio de Janeiro, fundou o periódico *O Domingo*: “jornal litterario e recreativo”.<sup>28</sup>

A terceira e última redatora do *Jornal das Senhoras*, Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves foi uma mulher que, apesar da atuação no jornalismo brasileiro, não teve seus

---

<sup>23</sup> Sobre o referido movimento intelectual, ver: MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1998.

<sup>24</sup> Manuel Oribe (1787-1857) foi um político e militar uruguaio. Entre 1811 e 1816, lutou contra os espanhóis. Em 1825, combateu as tropas brasileiras no território uruguaio. Em 1834, Oribe foi eleito presidente, mas foi deposto por Fructuoso Rivera. Em 1843, apoiado pelo governo argentino de Juan Manuel de Rosas, organizou um exército e sitiou Montevidéu. Oribe assumiu o governo uruguaio em 1851, mas logo foi deposto por Rivera, Juan Antonio Lavalleja e Venancio Flores, que tinham o apoio do Brasil. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/guerra-do-paraguai/os-personagens/manuel-oribe/>. Acessado em: 24 de outubro de 2019.

<sup>25</sup> DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata: romance histórico contemporâneo*. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015. p. 49-62.

<sup>26</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Vol. 7. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. p. 386.

<sup>27</sup> VASCONCELLOS, Eliane. Violante de Bivar e Velasco. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 194.

<sup>28</sup> VELASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. *O Domingo*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1873.

dados biográficos registrados. Nas pesquisas realizadas, as únicas informações encontradas sobre Gervázia foram as impressas nas páginas do *Jornal das Senhoras*.<sup>29</sup> Ela foi redatora em chefe entre os dias 12 de junho de 1853 e 30 de dezembro de 1855. Antes de assumir a redação, Gervázia publicou textos com os pseudônimos de Gervina P., Gervina P. S. N. e Gervina N. P. dos S. N..<sup>30</sup> Na edição do dia 05 de julho de 1853, foi veiculada a informação, na primeira página do *Jornal das Senhoras*, de que a redatora em chefe era “filha do falecido Sr. Innocencio Nunes Pires” e que, recentemente, tinha se casado com o Sr. Antonio José dos Santos Neves.<sup>31</sup>

Poucos dados também ficaram registrados sobre a fundadora do periódico portenho *La Camelia*. Rosa Guerra foi “educadora, escritora y periodista, nascida en Buenos Aires en fecha no conocida.”<sup>32</sup> Segundo Maria Cristina Arambel-Guiñazú e Claire Emile Martin, Rosa Guerra viveu toda a vida em sua terra natal e “causó escándalo en la sociedad porteña” devido à fundação do impresso *La Camelia*, veiculado em 1852. Dois anos depois, fundou “con mayor éxito” *La Educación*, periódico que lutou pelo direito das mulheres se instruírem. Além disso, publicou os romances *Lucia Miranda* e *La Camelia*, em 1860. Por fim, escreveu um manual didático para meninas intitulado *Julia o la educación*. Rosa Guerra faleceu em 1864.<sup>33</sup>

Nesta tese, analisei justamente este momento em que as mulheres começaram a se aventurar, em maior número, pelo universo da palavra escrita, aprendendo, conhecendo(-se), pensando, criticando e resistindo, através de suas ideias impressas nos periódicos. Portanto, meu principal objetivo foi refletir sobre projetos feministas de emancipação construídos na imprensa, em dois países da América Latina: Brasil e Argentina, em meados do século XIX.

Mas por que propor uma análise comparativa em dois países latino-americanos? Por que comparar a imprensa feminista em Buenos Aires e no Rio de Janeiro? Algumas reflexões teóricas me auxiliaram na escolha, tanto pela ausência de trabalhos que estabeleçam o viés comparativo em relação ao tema e recorte temporal propostos, quanto por apresentar a necessidade de discussões/aproximações sobre as relações de gênero e feminismos na

---

<sup>29</sup> Everton Barbosa indicou que Gervázia Nunezia nasceu no ano de 1824 e faleceu em 1872. No entanto, o autor não explicitou a fonte consultada. Ver: BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade, na Universidade Estadual Paulista, 2016. p. 32.

<sup>30</sup> Um panorama sobre as publicações de Gervázia Nunezia podem ser encontrados no Apêndice A desta tese.

<sup>31</sup> *JORNAL DAS SENHORAS*, Rio de Janeiro, p. 177, 5 jun. 1853.

<sup>32</sup> SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. 3ª ed. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1986. p. 294.

<sup>33</sup> ARAMBEL-GUIÑAZÚ, María Cristina; MARTIN, Claire Emilie. *Las mujeres toman la palabra: escritura femenina del siglo XIX*. Tomo I. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Volvert, 2001. p. 199.

América Latina.<sup>34</sup> No que diz respeito às fontes, através de levantamentos, observei que há uma proximidade temporal e temática no surgimento, desenvolvimento e veiculação de periódicos produzidos por mulheres em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Além disso, é significativo o fato do primeiro jornal feminista brasileiro ter sido fundado por uma argentina, o que despertou meu interesse pela trama impressa envolvendo nosso país vizinho.

Estudar projetos feministas de emancipação é uma prática que me fomenta desde a iniciação à pesquisa histórica. Ao vasculhar o universo da imprensa brasileira da segunda metade do século XIX, foram inúmeras ideias e agentes<sup>35</sup> que pululavam nas páginas impressas. O desejo de aprofundar questões e compreender os momentos iniciais da imprensa feminista brasileira me conduziu a Buenos Aires, devido à importante iniciativa de Joanna Manso em terras brasileiras. Ao decidir ultrapassar as fronteiras nacionais, inúmeras questões surgiram. A propósito, como fazer História Comparada? Existe um método de História Comparada? Quais as potencialidades de se pensar de maneira comparativa? Quais os desafios de articular ideias e agentes em fronteiras nacionais/culturais/linguísticas distintas?

Flavio M. Heinz e Ana Paula Korndörfer apontaram que as dúvidas e dificuldades são comuns entre os(as) estudiosos(as) que se propõem a fazer História Comparada. Alguns dos obstáculos são os seguintes:

a ausência de um rol claro de procedimentos a serem seguidos, o que, apesar dos atrativos, dificulta sua difusão. Assim, se é verdade que todos já escutaram falar de método comparado, a maioria não sabe exatamente como fazer, como aplicá-lo. Mais grave, quando alguém se lança a buscá-lo, via de regra, não encontra respostas *objetivas* quanto às suas etapas e consecução.<sup>36</sup>

Apesar da ausência de respostas objetivas para realizar trabalhos de História Comparada, algumas diretrizes foram lançadas por Marc Bloch, ainda na primeira metade do

---

<sup>34</sup> FEMENÍAS, María Luisa. Género y feminismo en América Latina. *Debate Feminista*, UNAM (México), vol. 40, p. 42-74, out. 2009; MIÑOSO, Yuderkys Espinosa (coord.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. Buenos Aires: En la Frontera, 2010.

<sup>35</sup> Para o caso brasileiro, Maria Odila Leite da Silva Dias publicou importantes estudos que perpassam a reflexão sobre a agência numa perspectiva feminista, ao cunhar o conceito de *Hermenêutica do Quotidiano*, que permite analisar a experiência vivida pelas mulheres, seus papéis informais, suas práticas de resistência e improvisações, além de desvendar “novas formas de apreensão da subjetividade feminina em outras épocas do passado.” Ver: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), n° 2, p. 373-382, 1994. Em âmbito internacional, a discussão sobre a agência (*agency*) nos estudos de gênero pode ser elucidado através do debate Tilly-Scott. Eleni Varikas realizou uma reflexão a respeito do conhecido “desacordo”. Ver: VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu*, Campinas, 3, p. 63-84, 1994; TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu*, Campinas, 3, p. 29-62, 1994; SCOTT, Joan W. Prefácio a GENDER AND POLITICS OF HISTORY. *Cadernos Pagu*, Campinas, 3, p. 11-27.

<sup>36</sup> HEINZ, Flavio M.; KORNDÖRFER, Ana Paula. Comparações e comparatistas. In: HEINZ, Flavio M. (Org.). *Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2009. p. 10. [grifo no original]

século XX. Por meio de um discurso didático, o historiador francês explicitou o que seria comparar no campo histórico: “escolher, em um ou vários meios sociais diferentes, dois ou vários fenômenos que parecem, à primeira vista, apresentar certas analogias entre si, descrever as curvas da sua evolução, encontrar as semelhanças e as diferenças e, na medida do possível, explicar umas e outras.”<sup>37</sup> Nesse sentido, conforme Bloch, só seria viável realizar uma análise comparativa se o(a) pesquisador(a) identificasse “uma certa semelhança entre os fatos observados – o que é evidente – e uma certa dissemelhança entre os meios onde tiveram lugar.”<sup>38</sup>

Estabelecidas algumas diretrizes, Marc Bloch destacou um relevante retorno que o(a) historiador(a) poderia ter ao realizar a análise comparada: “O mais evidente de todos os serviços a esperar de uma comparação atenta instituída entre fatos tirados de sociedades diferentes e vizinhas é permitir-nos discernir as influências exercidas por estes grupos uns sobre os outros.”<sup>39</sup>

A proposta apresentada por Bloch suscitou alguns esclarecimentos aos/às interessados(as) na comparação histórica, os quais considero importantes elementos preliminares de reflexão. Talvez, ainda mais primordial, seja a seguinte constatação: “[...] é preciso saber ler. Um documento é uma testemunha; como a maior parte das testemunhas, só fala se interrogado. O difícil é elaborar o questionário. É aí que a comparação proporciona a esse perpétuo juiz de instrução que é o historiador um precioso auxílio.”<sup>40</sup> A meu ver, o estudo comparativo é, de fato, um propiciador de novos questionamentos, os quais não surgiriam com o foco unilateral. Na pesquisa realizada, questionamentos afloraram pela imbricação de realidades contíguas, como apresentarei ao longo da tese.

Seguindo esse raciocínio, concordo com a concepção de José D’Assunção Barros ao afirmar que a História Comparada, essa complexa modalidade historiográfica, refere-se a “um modo específico de observar a história” e também requer a escolha de “um campo de observação” peculiar.<sup>41</sup> Portanto, “‘comparar’ é uma maneira bastante específica de propor e pensar as questões”.<sup>42</sup> Dessa forma, a comparação apresenta-se como um método que propicia analisar um objeto ou situação a partir do contraste com o outro, que seja mais familiar ao/à

---

<sup>37</sup> BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: \_\_\_\_\_. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998. p. 120-121.

<sup>38</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 126.

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 123.

<sup>41</sup> BARROS, José D’Assunção. História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas/SP, nº 13, p. 9-10, 2007.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 10.

pesquisador(a), lançando mão de analogias para refletir sobre semelhanças e diferenças entre ambas as realidades. Além disso, quando analisei dois objetos dinâmicos, pude

verificar como os elementos identificados através da comparação vão variando em alguma direção mais específica – de modo que se possa identificar um certo padrão de transformação no decurso de um tempo – e, mais ainda, se temos duas realidades contíguas, como uma influencia a outra, e como as duas a partir da relação recíproca terminam por se transformar mutuamente.<sup>43</sup>

Ao lançar o olhar para os projetos de emancipação veiculados na imprensa feminista, em duas sociedades contíguas, explorei as potencialidades propiciadas pelo método comparativo, que além das tratadas acima, me permitiu

examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico-sociais distintas, duas estruturas situadas no espaço e no tempo, dois repertórios de representações, duas práticas sociais, duas histórias de vida, duas mentalidades, e assim por diante. Faz-se por mútua iluminação de dois focos distintos de luz, e não por mera superposição de peças.<sup>44</sup>

Apesar das notáveis contribuições iniciais de Marc Bloch e das reflexões mais elaboradas de José D'Assunção Barros, a História Comparada enfrentou – e ainda enfrenta – críticas intensas, durante sua trajetória historiográfica.

Conforme Maria Ligia Prado, os(as) estudiosos(as) que realizaram análises comparadas sobre a História da América Latina, nas décadas de 1960 e 1970, produziram resultados generalizantes sobre os objetos de estudo. Segundo Prado, “los científicos sociales estudiaron la región partiendo de una perspectiva totalizadora que ponía énfasis en la macro-historia y privilegiaba las estructuras económicas y sociales.”<sup>45</sup> Além disso, em tais análises, o processo histórico da América Latina era compreendido a partir de categorias explicativas elaboradas *a priori* e tendo como parâmetro modelos interpretativos próprios do continente europeu.<sup>46</sup>

Abordagens mais recentes de História Comparada também foram colocadas em xeque. Serge Gruzinski argumentou que, já nos anos 2000, não havia reciprocidade de interesses entre pesquisadores(as) europeus(ias) e americanos(as) no que dizia respeito às análises históricas de suas regiões, ou seja, “os historiadores da Europa continuam manifestando pouca curiosidade pelo passado e pela historiografia que excedem as fronteiras da Europa ocidental,

---

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 10-11.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>45</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina: historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. *Anuario de la Escuela de Historia*, Rosario (Argentina), nº 24, p. 11-12, 2011-2012.

<sup>46</sup> *Ibidem*, p. 12.



e às vezes mesmo as fronteiras da sua própria nação”.<sup>47</sup> Criava-se, assim, uma hierarquia no campo historiográfico, a qual era refletida na maneira de nomear os(as) estudiosos(as): americanistas, aqueles(as) que pesquisavam a história da América, e Historiadores(as) – com “h” maiúsculo – aqueles(as) que se dedicavam à história da França ou de outra região da Europa ocidental.<sup>48</sup> Seguindo esse raciocínio, Gruzinsky enfatizou a permanência do eurocentrismo e etnocentrismo nas produções historiográficas. Conforme o autor, os(as) historiadores(as) que adotaram a História Comparada acreditavam ampliar os horizontes e escapar de tais armadilhas interpretativas, mas, para Gruzinsky, tal perspectiva é “enganosa”.<sup>49</sup> Para romper com os problemas analíticos identificados, o autor propôs interpretações pautadas nas *Connected Histories*:<sup>50</sup>

Parece-me que a tarefa do historiador pode ser a de exumar as ligações históricas [...]. O que implica que as histórias só podem ser múltiplas – em vez de falar de uma História única e unificada com ‘h’ maiúsculo. Essa perspectiva permite também a observação de que estas histórias estão ligadas e que se comunicam entre elas. Diante de realidades que convêm estudar sob diversos aspectos, o historiador tem de converter-se numa espécie de eletricitista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais e as histórias culturais desligaram ou esconderam, entaipando as suas respectivas fronteiras.<sup>51</sup>

Ao apresentar as potencialidades das Histórias Conectadas, Gruzinsky indicou aspectos que ele julgava frágeis na História Comparada. Apesar de reconhecer a originalidade e relevância das análises do estudioso das mestiçagens,<sup>52</sup> discordo de sua afirmação que culmina num entendimento de que a História Comparada, necessariamente, reproduz eurocentrismo e etnocentrismo. A meu ver, existem métodos mais apropriados para cada objeto de estudo e há maneiras diversas de usufruir das chaves de leitura propiciadas pelos conceitos.

---

<sup>47</sup> GRUZINSKY, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a ‘história cultural’ no novo milênio. *Estudos Avançados*, São Paulo, 17 (49), p. 321, 2003.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 321-322.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 322.

<sup>50</sup> Conceito cunhado pelo historiador indiano Sanjay Subrahmanyam. Ver: SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected histories: Notes towards a reconfiguration of early Modern Eurasia*. *Modern Asian Studies*, Cambridge University Press (Inglaterra), v. 31, nº 3, p. 735-762, jul. 1997. Disponível em: [https://warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/staff/gurminderkbhambra/research/iasproject/1/2/subrahmanyam\\_connected\\_histories.pdf](https://warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/staff/gurminderkbhambra/research/iasproject/1/2/subrahmanyam_connected_histories.pdf). Acessado em novembro de 2014; XAVIER, Ângela Barreto; SANTOS, Catarina Madeira. Entrevista a Sanjay Subrahmanyam. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, Lisboa (Portugal), v. 24, p. 225-268, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/904>. Acessado em novembro de 2014.

<sup>51</sup> GRUZINSKY, Serge. *Op. cit.*, p. 323.

<sup>52</sup> Destaco minha admiração, principalmente, pela obra do historiador em parceria com Carmen Bernard: GRUZINSKY, Serge; BERNAND, Carmen. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. Trad. de Cristina Murachco. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

Outros(as) estudiosos(as) se propuseram a superar a História Comparada através da perspectiva da História Transnacional. As primeiras propostas surgiram nos Estados Unidos, na década de 1990. A ideia era ultrapassar os limites geográficos da nação como marco espacial das pesquisas. Segundo Maria Ligia Prado:

La Historia Transnacional no está cerrada a ninguna visión metodológica particular. La Historia Política puede ser transnacional, así como la Cultural, la Intelectual o Empresarial. Más bien se refiere a una manera particular de observar los objetos de investigación, abierta a varias preferencias metodológicas y a muchos diferentes problemas. Pretende exaltar las interconexiones de la historia de la humanidad pensada sin fronteras. Enfatiza las redes, los procesos, las creencias y las instituciones, trascendiendo el espacio nacional.<sup>53</sup>

É pertinente notar que tal como José D'Assunção Barros caracterizou a História Comparada – “um modo específico de observar a história”<sup>54</sup> –, Maria Ligia Prado caracterizou a História Transnacional, como “una manera particular de observar los objetos de investigación”.<sup>55</sup> A meu ver, essa convergência se justifica pela pluralidade e flexibilidade proporcionadas pelos campos de estudos. Compreendo que a História Comparada e a História Transnacional não são excludentes ou divergentes, pelo contrário, elas propiciam os(as) historiadores(as) a perceberem seus objetos de estudo através de lentes multifocais. Do meu ponto de vista, essa é uma das grandes contribuições da História Comparada e da História Transnacional: permitir que estudiosos(as) de diversas temáticas e tendências observem seus agentes e contextos de “una manera particular” ou de “um modo específico”.

Maria Ligia Prado observou que a História Comparada, as Histórias Conectadas e a História Transnacional podem propiciar importantes leituras sobre a América Latina. A historiadora afirmou que, quando não reproduz o eurocentrismo e as generalizações, as comparações se tornam instrumentos relevantes para analisar temas compreendidos como “naturais” por certas vertentes da historiografia nacional. Além disso, Prado ressaltou que a escolha do enfoque dada pelo(a) pesquisador(a) dependerá do objeto de estudo e das fontes utilizadas.<sup>56</sup> Finalizando sua análise, Maria Ligia Prado afirmou que nos últimos anos os(as) historiadores(as) têm se dedicado a estudar a circulação de pessoas e ideias no âmbito da América Latina. Sendo assim:

Las conexiones establecidas no excluyen que se puedan proponer problemas en los cuáles la comparación pueda existir. Pienso que este es un camino

---

<sup>53</sup> PRADO, Maria Ligia, 2011-2012, p. 19.

<sup>54</sup> BARROS, José D'Assunção, 2007, p. 9.

<sup>55</sup> PRADO, Maria Ligia. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 21.

interesante para que conozcamos nuestras respectivas historias y pensemos en problemas que generen miradas cruzadas y que susciten preguntas que puedan ser importantes al ofrecer una visión innovadora sobre los viejos temas y interrogantes de la Historia de América Latina.<sup>57</sup>

Corroboro o posicionamento da historiadora, compreendendo a História Comparada, as Histórias Conectadas e a História Transnacional de forma articulada. Nesse sentido, utilizei tais abordagens como chaves de leitura para a análise dos projetos feministas de emancipação no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, na primeira metade da década de 1850.

Seguindo na mesma direção, Bárbara Weinstein argumentou que a História Transnacional não deve ser compreendida como uma inovação no campo historiográfico, mas como uma renovação.<sup>58</sup> Conforme a autora:

[...] os estudos transnacionais geralmente reconhecem a persistência da nação como uma esfera principal da política, da economia e da cultura. De um lado, isso permite uma maior atenção aos processos, às redes e aos fenômenos de todo tipo que atravessam as fronteiras da nação sem implicar a homogeneização; de outro, o transnacional nos permite ir além da identificação de particularidades ou especificidades num contexto nacional.<sup>59</sup>

Portanto, a História Transnacional enfatizou a complexidade do espaço que intitulamos de nação, sendo uma abordagem que “complica”<sup>60</sup> – ou complexifica – a história nacional. Weinstein concebeu que o surgimento do viés transnacional não significou a “morte da comparação”,<sup>61</sup> mas o fim da utilidade da comparação aos moldes positivistas. Para a historiadora:

[...] a comparação não depende de uma separação total das entidades sendo comparadas. Não é apenas uma questão de contraste; aliás, nós geralmente pensamos em comparar entidades que consideramos ‘comensuráveis’ – por isso, a famosa não comparação entre maçãs e laranjas. Desse ponto de vista, o viés transnacional, longe de expulsar a comparação, permite uma renovada abordagem comparativa mais adequada às preocupações do historiador.<sup>62</sup>

Outrossim, argumento que as abordagens transnacionais contribuíram para o aprimoramento das análises dos(as) historiadores(as) que estudaram temas/agentes/ideias que permearam múltiplos espaços. Desta maneira, enfatizo a importante – e talvez necessária –

---

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>58</sup> WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, n. 14, p. 19, jan./jun. 2013.

<sup>59</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>61</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>62</sup> *Ibidem*, p. 28.

articulação entre História Comparada e História Transnacional<sup>63</sup> para a realização de uma análise minuciosa do objeto de pesquisa desta tese. Afinal, os projetos feministas de emancipação construídos na imprensa carioca e portenha tiveram como articulistas mulheres em movimento, que exprimiram suas vivências transnacionais nas elaborações discursivas. A circulação das ideias impressas e a relevância dos periódicos no ambiente letrado oitocentista conduziram-me à compreensão de algumas *periodistas* como mediadoras culturais, mais especificamente como intelectuais mediadoras. Portanto, o olhar atento e peculiar despertado pelas premissas da História Comparada e da História Transnacional será de grande relevância na análise dos sujeitos históricos e projetos em questão.

Para pensar o objeto de pesquisa desta tese serão de suma importância as questões de gênero. Afinal, o “ser” mulher na América Latina, na segunda metade do século XIX, nos traz inúmeras peculiaridades que envolvem variadas relações de poder que não podemos negligenciar neste trabalho.<sup>64</sup>

Nesta tese refleti sobre ideias feministas que estavam nascendo no século XIX e que, ainda hoje, se mostram repletas de discussões profícuas. Portanto, foram mulheres em *locus* inesperado, imprevisíveis e críticas que se revelaram neste trabalho. Minha meta foi analisar ideias feministas em dois países diferentes, por isso, as perspectivas da História Comparada e da História Transnacional foram de grande relevância. Afinal, tais olhares sobre os objetos de análise me levam a abrir diálogos, a romper fronteiras (físicas, políticas e culturais) pré-estabelecidas e a questionar intolerâncias e representações<sup>65</sup> arraigadas socialmente.

---

<sup>63</sup> Tenho ciência que, no recorte temporal de análise nesta tese, as regiões analisadas ainda não tinham se consolidado enquanto Estados Nacionais. Ambas passavam por importantes processos de disputas políticas, econômicas e sociais, caracterizando um momento de formação da nação. Sobre o assunto, ver: JANCSÓ, István (Org.). *Brasil: formação do Estado e da Nação*. São Paulo: Hucitec, Unijuí, Fapesp, 2003; BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva Historia Argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. Ainda assim, a abordagem da História Transnacional revelou-se importante na análise por permitir problematizar o trânsito de pessoas e ideias entre regiões com organizações políticas e culturais distintas, propiciando um olhar mais amplo sobre as experiências de mulheres e sobre a construção das ideias feministas na América.

<sup>64</sup> Para compreender a importância das relações de gênero e das epistemologias feministas nos trabalhos históricos, ver: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995; DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), nº 2, p. 373-382, 1994; MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas. *OP SIS*, Catalão, v. 15, n. 2, p. 316-329, 2015.

<sup>65</sup> Compreendo representações conforme as reflexões de Roger Chartier. Conforme o autor, as representações se constituem em uma área de formulações mentais e de atitudes baseadas nas vivências dos grupos que as forjam na sociedade. Assim, as representações nos oferecem muito sobre a visão que alguns agentes em determinado momento histórico constroem sobre si mesmos, sobre os grupos com os quais dialogam e sobre a sociedade em que vivem. Ver: CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Garlhado. Lisboa: DIFEL, s/d, p. 17.

Atualmente, posso observar um crescimento significativo nas produções acadêmicas sobre as mulheres.<sup>66</sup> Entretanto, essa área do conhecimento revela-se como um campo necessariamente aberto a discussões empíricas e teóricas,<sup>67</sup> principalmente em se tratando de ideias feministas no século XIX, já que os(as) estudiosos(as) vêm privilegiando os feminismos do século XX – talvez pelo fortalecimento e organização dos movimentos feministas em ambos os países.<sup>68</sup>

Ao comparar a história da imprensa no Brasil e na Argentina, observei que elas surgiram em momentos distintos e seguiram ritmos próprios.<sup>69</sup> Entretanto, no caso dos periódicos de propriedade feminina, encontrei mais convergências. Através da pesquisa, constatei que o primeiro jornal escrito por uma mulher na Argentina, de que há registro, remete ao ano de 1830 – trata-se de *La Aljaba*, de propriedade de Petrona Rosende de Sierra.<sup>70</sup> No Brasil, na mesma década, no ano de 1833, surgiu no Rio Grande do Sul o

---

<sup>66</sup> Para o caso brasileiro, vale lembrar o nome de revistas como *Cadernos Pagu*, *Estudos Feministas*, *Revista Caderno Espaço Feminino* e *Labrys*, que estão disponíveis *on-line*, veiculando inúmeros artigos de autores(as) brasileiros(as) e estrangeiros(as) sobre o tema. É importante lembrar eventos como o Seminário Internacional Mulher e Literatura, o Colóquio Mulheres em Letras, o Fazendo Gênero, os Congressos Ibero-americanos de Ciência, Tecnologia e Gênero, o Seminário Internacional Desfazendo gênero e dos GT's regionais de Gênero da Associação Nacional de História. Por fim, é importante mencionar o incentivo que o CNPq concedeu a essa área de pesquisa, ao lançar entre 2005 e 2016 o concurso Construindo a Igualdade de Gênero. Para o caso argentino, temos a importante publicação *Feminaria*, publicada entre 1988 e 2007; em pleno vigor está a Red Argentina de Género, Ciencia y Tecnología, com publicações e projetos, e a revista *La Aljaba* (Segunda Época). Em novembro de 2016, a Biblioteca Nacional Mariano Moreno lançou o edital Flora Tristán II, com o objetivo de selecionar pesquisadores(as) que investiguem as representações femininas nas publicações argentinas.

<sup>67</sup> Para conhecer um panorama sobre a construção do campo de estudos História das Mulheres e das Relações de Gênero, focando o olhar no Brasil, ver: SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 54, v. 27, p. 281-300, dez. 2007. Para o mesmo tipo de análise, com foco na Argentina, ver: BARRANCOS, Dora. Historia, Historiografía y Género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social y Mentalidades*, Santiago, vol. 1/2, p. 35-65, 2004.

<sup>68</sup> A título de exemplo, ver: SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013; MAIA, Cláudia; SANTOS, Patrícia Lessa. Maria Lacerda de Moura: crítica à família burguesa e à exploração feminina. In: MAIA, Cláudia; PUGA, Vera. *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015; BARRANCOS, Dora. *Inclusión/exclusión: historia con mujeres*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002; GÓMEZ, Amanda. Elvira López: pionera del feminismo en la Argentina. *Cuyo: Anuario de Filosofía Argentina e Americana*, Mendoza (Argentina), v. 32, n. 1, p. 17-37, 2015; MARTÍNEZ PRADO, Natalia. La emergencia del feminismo en la Argentina: un análisis de las tramas discursivas a comienzos del siglo XX. *Revista Estudios Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 71-97, jan./abr. 2015; BLAY, Eva; AVELAR, Lucía (Orgs.). *50 años de feminismo: Argentina, Brasil e Chile. A construção das mulheres como atores políticos e democráticos*. São Paulo: Edusp, 2017.

<sup>69</sup> Para um panorama da história da imprensa brasileira no século XIX, ver: BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. Para um panorama da história da imprensa argentina no século XIX, ver: DE MARCO, Miguel Ángel. *Historia del periodismo argentino: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo*. Buenos Aires: Educa, 2006.

<sup>70</sup> No ano de 1830, surgiu também o periódico *La Argentina*, o qual se dizia ser escrito por uma mulher, porém, seu redator foi o escritor Manuel Irigoyen. Ver: LANDRUS, Vanessa. Mujeres al mando de la imprenta: la educación científica de la mujer en la prensa femenina argentina del siglo XIX. *Revista Iberoamericana*, vol. LXXVII, n. 236-237, p. 718, jul./dic. 2011.

periódico *Belona irada contra os sectarios de Momo*,<sup>71</sup> de propriedade de Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto.<sup>72</sup> A proprietária foi poetisa, escritora e professora,<sup>73</sup> porém, o mencionado periódico não tinha por objetivo discutir questões relacionadas à condição das mulheres na sociedade, sendo sua pauta principal a crítica ao carnaval<sup>74</sup> – como o próprio título do jornal sugere – a defesa dos caramurus,<sup>75</sup> que surgiram no cenário político brasileiro. No ano de 1832, apareceu no Rio de Janeiro o impresso intitulado *A filha única da mulher do Simplicio* e, no ano seguinte, *A mineira no Rio de Janeiro*. Ambos empreendimentos foram escritos na voz feminina, porém, suas pautas estavam voltadas para a política nacional, ofuscando as questões específicas das mulheres.<sup>76</sup>

Apenas em 1852, a imprensa dirigida por mulheres e com interesses feministas apareceu, concomitantemente, no Brasil e na Argentina, sendo publicados em suas capitais os seguintes impressos: *La Camelia*, em Buenos Aires, de propriedade da dramaturga Rosa Guerra; e *Jornal das Senhoras*,<sup>77</sup> no Rio de Janeiro – surpreendentemente, este último, também de propriedade de uma argentina, a exilada Joanna Paula Manso de Noronha.

Assim, optei por investigar este ponto de convergência, os primeiros anos da década de 1850, analisando os projetos feministas de emancipação construídos na imprensa de Buenos Aires e do Rio de Janeiro. Para a imprensa brasileira e, principalmente, para as mulheres, o ano de 1852 foi marcante devido ao surgimento do primeiro periódico feminista em território nacional, o qual teve o mérito de inovar e de abrir caminhos para novos empreendimentos. Nas palavras de Muzart: “A imprensa feminista teria nascido, pois, no

---

<sup>71</sup> Mantereí a grafia original nos nomes próprios e transcrições.

<sup>72</sup> Segundo Muzart, no âmbito literário, ela era conhecida como Maria Josefa Barreto. Ver: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Mulheres de faca na bota: escritoras e política no século XIX. Anuário de Literatura*, Florianópolis (SC), p. 156, 1996.

<sup>73</sup> Segundo Zahidé Muzart, Maria Josefa fundou, em parceria com Manuel dos Passos Figueroa, o periódico *Idade d’Ouro*, o qual se definia como “jornal político, agrícola e miscelâneo”. Portanto, apesar da importância do pioneirismo de Josefa na imprensa brasileira escrita por mulheres, seus periódicos não abordavam as questões relacionadas aos direitos femininos e ao lugar ocupado pelas mulheres naquela sociedade oitocentista. Sobre os empreendimentos de Maria Josefa, ver: MUZART, Zahidé. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v. 11, n. 1, 2003.

<sup>74</sup> MUZART, Zahidé. Maria Josefa Barreto. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) *Escritoras Brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p. 75-79.

<sup>75</sup> Caramurus, também conhecidos como restauradores, foi um grupo político surgido no período regencial brasileiro, que atuava em defesa do Imperador e de seu retorno ao trono, mesmo após a abdicação. Para uma análise das representações construídas sobre o mencionado partido político, na primeira metade do século XIX, ver: ANDRADE, Marcos Ferreira de; SILVA, Janaína de Carvalho. Moderados, Exaltados e Caramurus no prelo carioca: os embates e as representações de Evaristo Ferreira da Veiga (1831-1835). *Almanack Guarulhos*, Guarulhos (SP), n. 04, p. 130-148, 2º sem. 2012.

<sup>76</sup> Sobre tais periódicos, ver: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 60-64; p.72-74.

<sup>77</sup> Utilizarei a nomenclatura *Jornal das Senhoras*, mas vale esclarecer que durante 61 números – de 01/01/1852 a 27/02/1853 – ele foi veiculado como *O Jornal das Senhoras*.

Brasil, com a argentina Juana Paula Manso, cujas ideias foram logo encampadas por outras mulheres que também se tornaram jornalistas, e isso foi uma verdadeira bola de neve, pois os periódicos pipocaram por todo o país.”<sup>78</sup>

Para o caso argentino, no ano de 1852, a imprensa passou por um processo de expansão e ampliação da liberdade. Entre 1833 e 1852, Buenos Aires tinha cinco estabelecimentos tipográficos: a Imprenta del Estado, a Imprenta de la Independencia, a Imprenta de Hallet, a Imprenta Argentina e a Imprenta del Comercio. Em 1852, a Imprenta del Comercio foi suprimida, porém, surgiram outras três: a Imprenta Republicana, Diario de Avisos e a Imprenta Americana.<sup>79</sup> Foi a recém criada Imprenta Republicana que abriu brecha para a veiculação de uma publicação feminista em Buenos Aires, imprimindo *La Camelia*.

Não se pode negligenciar o fato de que, em 1852, ocorreu a Batalha de Caseros, que pôs fim à ditadura de Juan Manuel de Rosas. Tal processo afetou diretamente a imprensa, que recuperou sua liberdade de expressão – mesmo que por um curto tempo.<sup>80</sup> Segundo Néstor Auza, a vitória contra Rosas em Caseros gerou meses de euforia, expectativas e esperanças, inclusive para a imprensa argentina: “Todos confiaban en la panacea de la regeneración por la cultura y ésta, en buena parte, por via del periodismo.” Tal nível de confiança poderia ser medido pelo número de novas publicações: trinta, apenas no ano de 1852. Assim, *La Camelia* inaugurou uma nova fase da imprensa argentina: “Nunca hasta entonces la prensa toda de la Confederación había registrado en letra de imprenta un programa de tan aguerrida reivindicación del sexo femenino.”<sup>81</sup>

Diante desse cenário, analisei os projetos feministas de emancipação no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, utilizando o impresso carioca *Jornal das Senhoras* (1852-1855) e os portenhos *La Camelia* (1852)<sup>82</sup> e *Album de Señoritas* (1854). Vale ressaltar que a escolha dos periódicos não foi aleatória. Selecionei os periódicos de propriedade feminina, com caráter

---

<sup>78</sup> MUZART, Zahidé, 2003, p. 227.

<sup>79</sup> BOCCO, Andrea. *Literatura y periodismo* (1830-1861) – Tensiones y interpenetraciones en la conformación de la literatura Argentina. Córdoba: Editorial Universitas, 2004. p. 47.

<sup>80</sup> Segundo Andrea Bocco, em 1811 foi decretada a liberdade de imprensa na Argentina através do decreto de Triunvirato. Porém, outros decretos posteriores determinaram a suspensão de periódicos por questões morais e políticas. A partir da década de 1840, os impressos opositores ou rebeldes foram suprimidos com a consolidação do governo Rosas. Em 1852, a liberdade de imprensa foi restaurada com intensidade, porém, com a separação de Buenos Aires da Confederação, a censura voltou à tona. Ver: BOCCO, Andrea. *Op. cit.*, p. 50-51.

<sup>81</sup> AUZA, Néstor. *Periodismo y feminismo en la Argentina* (1830-1930). Buenos Aires: Emecé Editores, 1988. p. 162-163.

<sup>82</sup> Segundo Lily Sosa de Newton, com o fim da publicação do *La Camelia*, a proprietária Rosa Guerra fundou outro periódico: *La Educación*: “Periódico religioso, poético y literario, dedicado a la honorable Sociedad de Beneficiencia y al bello sexo argentino”, veiculado a partir de 24 de julho de 1852. Em nossas pesquisas, não encontramos tal periódico. Ver: SOSA DE NEWTON, Lily. *Las periodistas. Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, 639, p. 14, sept. 2003.

feminista, veiculados no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, na década de 1850, dos quais encontrei registros. A escolha da mencionada década justifica-se pelo florescer de propostas até então inexistentes na imprensa brasileira e há mais de vinte anos apagadas da imprensa argentina. Portanto, acredito que o recorte temporal delimitado é de grande relevância para refletir sobre os novos projetos que despontavam no âmbito das sociedades analisadas nesta tese.

O estudo dessas fontes revelou concepções mais complexas acerca da participação feminina nas sociedades carioca e portenha. Assim, meu objetivo geral foi analisar as ideias feministas veiculadas nos periódicos selecionados, sejam pelas proprietárias, diretoras, colaboradoras ou leitoras,<sup>83</sup> e tentar perceber as convergências e divergências entre as duas regiões sobre a temática proposta. Refleti também sobre a importância de Juana/Joanna Paula Manso na proposição e propagação de ideias feministas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires.

Os objetivos específicos deste trabalho foram: analisar as estratégias utilizadas pelas redatoras para propagar seus ideais; identificar o público-alvo dos impressos; indagar a respeito das concepções – políticas, religiosas, sociais e culturais – que inspiraram as mulheres em suas propostas e em relação às traduções que fizeram das mesmas. Além disso, a partir das fontes analisadas nesta tese, elaborei um banco de dados com os nomes, os títulos e a temática central das publicações das mulheres que participaram da imprensa, com o intuito de registrar sua agência no universo impresso e minimizar a invisibilidade a elas legada (ver apêndices B, C e D).

Tendo isso em vista, indaguei: Quais eram as metas das mulheres, cariocas e portenhas, ao se lançarem na imprensa? Elas conseguiram avanços em suas causas, após a fundação dos jornais feministas? A imprensa foi meio fundamental para a construção das ideias feministas? As mulheres dos dois países foram influenciadas por concepções semelhantes ou podemos perceber evidentes disparidades entre as mesmas?

Parto da hipótese de que a opressão patriarcal<sup>84</sup> e conservadora das sociedades comparadas – Rio de Janeiro e Buenos Aires – influenciaram de forma semelhante a imprensa

---

<sup>83</sup> Como o(a) leitor(a) irá perceber ao longo desta tese, alguns periódicos que analisei contou com a colaboração também de indivíduos do gênero masculino. Mas tendo em vista que a maioria tratava-se de mulheres e com o intuito de evitar a reprodução (mesmo que pontual) do caráter hegemonicamente masculino da linguagem, em casos de pluralidade de gênero, optei por manter a grafia no feminino.

<sup>84</sup> É preciso esclarecer que corroboramos as concepções de Laura Rita Segato ao constatar que o patriarcado não é universal, ou seja, ele pode variar de intensidade conforme a sociedade estudada. Ver: SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. Trad. de Rose Barboza. *e-cadernos CES*, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra (Portugal), 18, p. 106-131, 2012. No caso específico desta tese, identificamos um patriarcado de alta intensidade nas sociedades



feminista em ambos os países, gerando impressos com trajetórias comunicantes. Também é hipótese norteadora deste trabalho que Juana/Joanna Paula Manso foi uma intelectual mediadora entre os ideais feministas impressos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, tendo em vista que após a fundação do *Jornal das Senhoras*, e a consequente propagação de suas ideias feministas em território brasileiro, ela partiu para sua terra natal e criou outros periódicos de caráter emancipador.

O contato com as produções periódicas das mulheres oitocentistas – em especial com as publicações de Juana/Joanna Paula Manso, Rosa Guerra, Violante Atabalipa e Gervázia Nunezia – me levou ao seguinte questionamento: Posso considerá-las intelectuais? Mulheres, latino-americanas, produzindo em meados do século XIX, ainda assim intelectuais?

Esta inquietação durou alguns anos até eu chegar à seguinte conclusão: sim, posso considerá-las intelectuais. Porém, preciso esclarecer o que compreendo por este termo tão polêmico.<sup>85</sup> Inicialmente, é fundamental salientar que tenho ciência do reduzido número de mulheres intelectuais existentes no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, na década de 1850. Neste sentido, corroboro Jorge Myers ao afirmar que:

La conformación del espacio de las actividades intelectuales no podía sino registrar la estructuración de las relaciones de poder en la sociedad en general. En sociedades donde la educación de las mujeres había estado limitada casi exclusivamente a las hijas de las familias de la elite colonial, y aun en ese caso con el propósito de dotarlas de un mínimo barniz cultural que las preparara para la vida conyugal, las oportunidades para que aparecieran intelectuales mujeres eran escasas. [...]<sup>86</sup>

Apesar das dificuldades enfrentadas, algumas mulheres se dedicaram aos estudos, marcaram presença nos círculos letrados e tornaram-se intelectuais. Sendo assim, não basta informar que o contexto oitocentista restringia o acesso das mulheres às atividades letradas, é fundamental identificar – na medida do possível – quem foram as intelectuais e registrar/analisar suas ideias tal como é feito com os homens de letras.<sup>87</sup>

---

cariocas e portenhas, sendo tal opressão elemento contestado por algumas mulheres que se expressaram imprensa oitocentista.

<sup>85</sup> Reflexões importantes sobre a História Intelectual e a História dos Intelectuais podem ser encontradas em: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008; PICÓ, Josep; PECOURT, Juan. El estudio de los intelectuales: una reflexión. *Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas* [en línea], 2008; PALTI, Elias. La historia intelectual latinoamericana y el malestar de nuestro tiempo. *Anuario IEHS*, Tandil (Argentina), n. 18, 2003.

<sup>86</sup> MYERS, Jorge. Introducción al volumen I. In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Op. cit.*, p. 42.

<sup>87</sup> Uma análise sobre os intelectuais no Brasil, na primeira metade do século XIX, pode ser encontrada em: CARVALHO, José Murilo. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, p. 123-152, jan./dez. 2000.

Numa pesquisa em coletâneas sobre história intelectual na América Latina, publicadas no século XXI, detectei a quase invisibilidade das agentes femininas e da discussão sobre relações de gênero em suas composições.

Em 2008, foi publicada a importante obra *Historia de los intelectuales en América Latina*,<sup>88</sup> dirigida por Carlos Altamirano e editada por Jorge Myers. Este volume tem por subtítulo “La ciudad letrada, de la conquista al modernismo”, o qual foca em reflexões que remontam ao período colonial e finalizam em inícios do século XX. O livro é composto por 22 (vinte e dois) capítulos – escritos por diversos(as) autores(as) –, dos quais apenas 1(um) é dedicado à análise das mulheres como protagonistas. Este solitário capítulo foi escrito pela socióloga Dora Barrancos, que refletiu sobre as “maestras, librepensadoras y feministas” que atuaram na Argentina entre os anos de 1900 e 1912.<sup>89</sup> Algumas expressões que compõem os títulos dos capítulos da obra marcam o lugar masculino daqueles que foram considerados intelectuais, por exemplo: “los hombres de letras hispanoamericanos”<sup>90</sup> e “el erudito”.<sup>91</sup>

Em 2010, Carlos Altamirano dirigiu e editou o segundo volume da obra mencionada acima, a qual possui como subtítulo “Los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX”.<sup>92</sup> O livro é constituído por 34 (trinta e quatro) capítulos, dos quais apenas 1 (um) articulou o campo intelectual do século XX com a abordagem de gênero. Escrito por Heloisa Pontes, o referido capítulo foi intitulado “Campo intelectual, crítica literaria y género”.<sup>93</sup>

Na obra *Rethinking Intellectuals In Latin America*, editada por Mabel Moraña e Bret Gustafson,<sup>94</sup> em 2010, dentre os 15 (quinze) capítulos não encontramos reflexões que enveredassem pelas relações de gênero ou que inserissem mulheres como figuras centrais na análise. A mesma ausência foi identificada no conjunto dos 12 (doze) capítulos da obra *História Intelectual Latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*,<sup>95</sup> organizada por

---

<sup>88</sup> ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008.

<sup>89</sup> BARRANCOS, Dora. Maestras, librepensadoras y feministas en la Argentina (1900-1912). In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Op. cit.*, p. 465-491.

<sup>90</sup> Trata-se do capítulo escrito por Jorge Myers, intitulado: “El letrado patriota: los hombres de letras hispanoamericanos en la encrucijada del colapso del imperio español en América”; e também do capítulo “Los hombres de letras hispanoamericanos y el proceso de secularización (1800-1850)”, de autoria de Annick Lempérière.

<sup>91</sup> Trata-se do capítulo “El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo” escrito por Horacio Crespo.

<sup>92</sup> ALTAMIRANO, Carlos (Dir.; Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina. Los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX*. Vol. II. Buenos Aires: Katz, 2010.

<sup>93</sup> PONTES, Heloisa. “Campo intelectual, crítica literaria y género (1920-1968)”. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.; Ed.). *Op. cit.*, p. 733-758.

<sup>94</sup> MORAÑA, Mabel; GUSTAFSON, Bret (Eds.). *Rethinking Intellectuals In Latin America*. Iberoamericana: Madrid; Vervuert: Frankfurt, 2010.

<sup>95</sup> SÁ, Maria Elisa Noronha de (Org.). *História intelectual latino-americana*. Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, 2016.

Maria Elisa Noronha de Sá e publicada em 2016. No mesmo ano, Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen organizaram o livro *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ações políticas*,<sup>96</sup> no qual há 1 (um) capítulo dedicado a “uma autora e editora portuguesa”,<sup>97</sup> num universo de 14 (quatorze) capítulos.

Poder-se-ia considerar o resultado acima como um fato, ou seja, considerar “natural” o domínio masculino no universo letrado e a conseqüente lacuna percebida nas coletâneas analisadas. No entanto, é fundamental retomar os estudos de gênero para refletir sobre as relações de poder que envolvem as construções sociais. Conforme Joan Scott, a perspectiva de gênero “rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina”, ou melhor, o conceito elucida a “criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres.”<sup>98</sup> Logo, é preciso “pensar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais”.<sup>99</sup> A partir de tais premissas, enfatizo que é elementar questionar a escassa visibilidade das mulheres no mundo letrado e o reflexo historiográfico sobre esta questão. Como afirmou Guacira Lopes Louro, é no campo social que “se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos”, ou seja, os aparatos que justificam as desigualdades devem ser compreendidas “nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação.”<sup>100</sup> Portanto, a ausência das mulheres nos espaços intelectualizados não é um fato, mas, sim, uma construção histórica pautada nas opressões de gênero.

Apesar de breve, esse levantamento apresenta indícios de que mesmo com a consolidação da História das Mulheres, das análises sobre relações de gênero e dos estudos feministas na historiografia latino-americana, ainda é limitada a veiculação de reflexões sobre as mulheres nos compêndios sobre História Intelectual. É significativo notar que os capítulos pontuais identificados se dedicaram a estudar mulheres que atuaram durante o século XX. Sendo assim, as mulheres que produziram durante o século XIX foram totalmente excluídas das obras consultadas. Seria esse dado a constatação de que, para muitos(as) pesquisadores(as), antes do século XX não tínhamos mulheres intelectuais na América-Latina?

---

<sup>96</sup> GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

<sup>97</sup> Trata-se do capítulo “Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil”, de autoria de Angela de Castro Gomes.

<sup>98</sup> SCOTT, Joan W., 1995, p. 75.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>100</sup> LOURO, Guacira Lopes. A emergência do “gênero”. In: LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003. p. 22.

Inseridas em sociedades patriarcais, nas quais o desejo de subordinação feminina era evidente, as mulheres que se tornaram intelectuais, em geral, tiveram o privilégio de pertencer a famílias economicamente mais abastadas, o que lhes propiciava o acesso à educação formal, a livros, a periódicos, a teatros, a museus etc. Para além dos privilégios, foi preciso romper inúmeras barreiras sociais que tentavam delimitar o espaço de atuação das mulheres ao âmbito privado. Desta forma, para *tornar-se intelectual* era preciso romper com determinações atreladas ao gênero, o que me leva a argumentar que, para compreender o conceito de *intelectual*, não se pode negligenciar os aparatos de gênero, tendo em vista que homens e mulheres não tiveram oportunidades iguais e nem mesmo reconhecimento similar no universo letrado. Ricos e pobres não tiveram os mesmos acessos. Jovens e velhos foram vistos por ângulos diferenciados. Brancos, negros, indígenas e mestiços também tiveram tratamentos desiguais. Católicos, protestantes e adeptos de religiões de matrizes africanas não foram tratados de igual maneira. Ocidentais e orientais não foram respeitados da mesma forma.

Tendo isto em vista, argumento que só é possível considerar algumas mulheres – nesta tese, identifiquei Juana/Joanna Manso<sup>101</sup> – que se expressaram na imprensa portenha e carioca, na década de 1850, como intelectuais se nos atentarmos para as peculiaridades deste conceito apontadas anteriormente. Nesse sentido, vale destacar que, para a utilização do conceito de intelectual como chave de leitura, é preciso contextualizar os(as) agentes históricos(as), marcando seus lugares no tempo, no espaço e na sua categorização de gênero – que, na minha perspectiva, articula também lugares de classe, raça, geração, religião e perspectiva política. Refletirei sobre o conceito em pauta no intuito de delimitar melhor seu emprego nesta tese.

Segundo Helenice Rodrigues, a noção de intelectual surgiu na França, em fins do século XIX, a partir do “caso Dreyfus”.<sup>102</sup> O conceito nasceu com a marca da polimorfia, por isso, é sempre difícil estabelecer uma definição precisa, sendo o intelectual representado de diferentes maneiras conforme a sociedade e o tempo histórico. Nos momentos iniciais, “o termo intelectual parece significar mais um comportamento do que um conceito”. Assim

---

<sup>101</sup> Devido ao recorte desta pesquisa e ao acesso a determinado *corpus* documental, nesta tese constatei que Juana/Joanna Manso deve ser considerada intelectual. No entanto, não significa que outras mulheres que atuaram nos periódicos não foram intelectuais. Acredito que, com o avançar dos estudos feministas, outras intelectuais oitocentistas serão reveladas.

<sup>102</sup> O mencionado episódio foi um embate contra o poder jurídico que acusou o capitão do exército francês, de origem judaica, Alfred Dreyfus de traição. A batalha foi agenciada por um número significativo de professores universitários, artistas, escritores etc. Estes “intelectuais” fizeram um manifesto, apoiando o artigo de Émile Zola, intitulado *J'accuse* e publicado em 1898, no qual denunciava “os erros judiciários e o complô do exército francês contra Dreyfus”. Mais detalhes sobre o caso e a genealogia do termo intelectual podem ser encontrados em: RODRIGUES, Helenice. O intelectual no “campo” cultural francês: do “caso Dreyfus” aos tempos atuais. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, nº 34, p. 398-401, jul./2005.

sendo, até os anos 1970, “o intelectual define-se menos em função de uma profissão – um produtor do saber e da cultura, possuindo uma certa notoriedade em sua área do conhecimento –, do que em função do seu engajamento, ou seja, de sua atuação ‘política’ no espaço público.”<sup>103</sup>

Tendo em vista que a atuação na arena política foi característica central daqueles que foram intitulados – ou se autodeclararam<sup>104</sup> – intelectuais no oitocentos, defendo que, antes do fato marcante na sociedade francesa, havia sujeitos – também nas Américas – que devem ser compreendidos(as) como intelectuais. Segundo José Murilo de Carvalho, no Brasil, já nos anos 1820, os “principais intelectuais” da época eram proprietários de jornais e estavam inseridos na vida política. Conforme o autor, “em geral de curta duração, essas folhas eram o principal veículo do debate político e cumpriram papel importante no aprendizado democrático.”<sup>105</sup> Nesse sentido, concebo que alguns sujeitos ativos na imprensa oitocentista e no universo letrado, de forma mais ampla, atuaram enquanto intelectuais.

É preciso ressaltar a importância de analisar a figura do(a) intelectual atrelada ao seu tempo. Afinal,

“cada região do mundo produz seus intelectuais”, o que nos leva a crer que o intelectual é fruto de uma realidade sociocultural específica e encontra-se intimamente ligado a seu contexto histórico. Dessa forma, as representações do intelectual ou o que ele representa e como essas ideias são apresentadas para uma audiência ou um público estão intrinsecamente ligadas à realidade sociocultural a que pertence o intelectual (Rodrigues, 2005; Said, 2005).<sup>106</sup>

Sendo assim, as maneiras de atuação das pessoas no universo intelectual são marcadas por especificidades, que dialogam com seu lugar social e contextual, caracterizando grupos engajados em causas diversas e representados de formas peculiares pelos(as) interlocutores(as) e público alvo.

Ao tratar das potencialidades do uso do termo “intelectual” para analisar a sociedade francesa do século XX, Jean-François Sirinelli afirmou que existem duas acepções do intelectual: a primeira era composta pelos criadores e “mediadores” culturais, já a segunda era baseada na noção de engajamento. “[...] No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista

---

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 396-397.

<sup>104</sup> *Ibidem*, p. 399.

<sup>105</sup> CARVALHO, José Murilo, 2000, p. 139.

<sup>106</sup> COSTA, Adriane Vidal. Intelectuais públicos na América Latina: o debate sobre a função do intelectual na revista *Casa de las Américas* em fins da década de 1960. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 300.

como o escritor, o professor secundário como o erudito [...]”.<sup>107</sup> Para o autor, a segunda definição de intelectual era mais estreita e estava relacionada ao engajamento na vida pública. Entretanto, esta segunda acepção não era autônoma em relação à anterior. “[...] Exatamente por esta razão, o debate entre as duas definições é em grande medida um falso problema, e o historiador do político deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinado momento, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo.”<sup>108</sup>

Apesar de Sirinelli tratar de um local e de um tempo específicos em sua construção conceitual, suas concepções auxiliam na reflexão sobre o termo *intelectual* que estou utilizando para analisar a atuação de Juana/Joanna Manso, em meados do século XIX, nas sociedades carioca e portenha. A propósito, considero a *periodista* agente criadora de projetos/ideias e também *mediadora* cultural. Compreendo, assim, a mediação feita pela jornalista em três sentidos: o primeiro deles está relacionado ao exercício semelhante ao dos(as) professores(as), ou seja, aqueles(as) que têm capacidades de “traduzir” determinadas ideias com o intuito de transmiti-las de maneira mais didática (mas não simplória); o segundo sentido está relacionado à capacidade de propagar determinados aspectos culturais, ao selecionar textos e autores(as) que coadunam com suas concepções políticas e sociais, tornando seus/suas leitores(as) “receptores(as)” desse processo – o que não significa que esta lógica seja estável e atue em apenas uma direção, ou seja, que os(as) “receptores(as)” não rearranjem tais ideias recebidas e não sejam capazes de realizar leituras próprias e propagações –; por fim, o terceiro sentido está vinculado à vivência da intelectual em ambientes culturais distintos e sua consequente habilidade em articular as regiões por onde passam, ou seja, trata-se da capacidade da intelectual servir como agente de cadinhos culturais, constituindo novos arranjos e propagando culturas em forma de textos e ações.

A segunda acepção proposta por Sirinelli refere-se ao engajamento, o qual foi elemento marcante na imprensa feminista que estava dando os primeiros passos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Tal como Sirinelli, acredito que não é possível separar cada uma destas facetas da intelectual, afinal, todas as características elencadas agiam conjuntamente.

Para melhor especificar os elementos pontuados sobre a caracterização da intelectual, ressalto a importância de compreender a complexidade do processo de “tradução”, que, a meu

---

<sup>107</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, RENÉ (Dir.). *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 242.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 243.

ver, está intimamente relacionado com a mediação cultural.<sup>109</sup> Cláudia de Lima Costa e Sonia Alvarez afirmaram que:

A virada tradutória, por assim dizer, mostra que a tradução excede o processo linguístico de transferências de significados de uma linguagem para outra e busca abarcar o próprio ato de enunciação – quando falamos estamos sempre já engajados na tradução, tanto para nós mesmas/os quanto para a/o outra/o.<sup>110</sup>

Sendo assim, observo a relevância de atentar para as formulações da *periodista*, que, mesmo escrevendo para leitores(as) compatriotas, não deixou de traduzir – para si mesma e para eles(elas). Ou seja, o fato de veicular determinadas concepções implica em traduzir um universo subjetivo.<sup>111</sup> A tradução, como percebeu Gayatri Spivak, seria o ato de leitura mais íntimo.<sup>112</sup> Sendo assim, as formulações traduzidas não são estáveis, pelo contrário, estão em constante movimento. Como constatou Maria Lugones: “Traduzir significa ir e vir, estar no entrelugar, enfim, existir sempre des-locada/o.”<sup>113</sup>

Utilizo o termo tradução na sua complexidade polissêmica, que, além de tornar ideias mais didáticas e exprimir subjetividades, também pode trasladar pensamentos elaborados em outra geografia – podendo ser de autoria do sujeito tradutor ou não. Ao refletir sobre os trânsitos espaciais, concordo que “o cruzamento de fronteiras também sempre ‘reposiciona’ e transforma subjetividades e visões de mundo.”<sup>114</sup> Ou seja, o fato do(a) agente experienciar novas territorialidades afeta suas construções narrativas. Assim, compreendo que Juana/Joanna Manso imprimiu vivências múltiplas nos projetos feministas de emancipação.<sup>115</sup> Por fim, o sentido mais usual do termo tradução também não pode ser negligenciado, a reescrita de textos cujos originais foram produzidos em outros idiomas. Esta prática foi frequente entre as mulheres identificadas na pesquisa, conforme apresentei no apêndice A. Vale enfatizar a subjetividade de tais traduções, que sugerem escolhas, desde os(as)

---

<sup>109</sup> Conforme esclareci na nota 31, nesta tese, optei por manter a grafia original das fontes estudadas, inclusive, não realizei a tradução dos textos escritos em espanhol. Uma das motivações da minha escolha foi justamente o reconhecimento da complexidade do processo de tradução e da importância que delego às escolhas das palavras para expressar as ideias. Nesse sentido, corroboro Pierre Bourdieu: “Na política, nada é mais realista do que as brigas de palavras. Usar uma palavra no lugar de outra é mudar a visão do mundo social e, com isso, contribuir para transformá-lo.” Ver: BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Organização de Daniel Lins. Campinas: Papyrus, 2000. p. 62.

<sup>110</sup> COSTA, Cláudia de Lima; ALVAREZ, Sonia. Translocalidades: por uma política feminista da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17 (3), p. 739, set./dez. 2009.

<sup>111</sup> COSTA, Cláudia de Lima. As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v. 8, n. 2, p. 4, 2000.

<sup>112</sup> SPIVAK, Gayatri C. *Apud* COSTA, Cláudia de Lima. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>113</sup> LUGONES, Maria *Apud* COSTA, Cláudia de Lima; ALVAREZ, Sonia. *Op. cit.*, p. 740.

<sup>114</sup> ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 744, set./dez. 2009.

<sup>115</sup> Os projetos serão analisados no terceiro capítulo desta tese.

autores(as) e obras a serem traduzidos(as), até os trechos e palavras utilizadas na construção dos novos textos, que são propagados num lugar social específico com o intuito de defender posicionamentos.

Após o esboço do conceito fica evidente a potencialidade dessa perspectiva, por isso coaduno a assertiva de Sonia Alvarez: “[...] a análise de viagens e traduções de teorias, práticas e discursos feministas nas Américas pode oferecer perspectivas revigoradas sobre questões tipicamente recortadas em termos do transnacionalismo [...]”<sup>116</sup> Sendo assim, apresento um novo olhar sobre as construções discursivas das mulheres veiculadas na imprensa carioca e portenha, na primeira metade dos anos 1850, compreendendo Juana/Joanna Manso – enquanto intelectual mediadora engajada nos problemas de seu tempo.

Apesar do afastamento das mulheres das instituições políticas formais, elas utilizaram a imprensa como tribuna no intuito de exercer política. Ao analisar a geração de 1870, no Brasil, Angela Alonso percebeu que “a própria redação de textos se revela uma forma de ação. [...] Há uma complementaridade entre textos e formas de ação. Escritos e práticas se unificam politicamente.”<sup>117</sup> Tal constatação também deve ser feita para compreender a *periodista* enquanto intelectual na década de 1850. Afinal, as produções intelectuais veiculadas nos impressos *Jornal das Senhoras* e *Album de Señoritas* tinham claro propósito de intervenção política. A redatora e algumas colaboradoras tinham propostas de mudanças políticas, econômicas e sociais para o Brasil, para a Argentina e também para a América, de forma mais ampla – conforme analisarei nos próximos capítulos.

Dessa forma, defendo que algumas *periodistas* se tornaram intelectuais mediadoras. Como bem esclarecem Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen: “as práticas de mediação cultural podem ser exercidas por um conjunto diversificado de atores, cuja presença e importância nas várias sociedades e culturas têm grande relevância, porém, nem sempre reconhecimento.”<sup>118</sup> A falta de reconhecimento foi – e ainda é – notória quando as agentes pertencem ao gênero feminino, porém essa situação não impediu que algumas mulheres rompessem com a ordem estabelecida e agissem como intelectuais mediadoras.

Concordo, então, que os(as) intelectuais são agentes da “produção de conhecimentos e comunicação de ideias, direta ou indiretamente vinculados à intervenção político-social.”<sup>119</sup> Assim, considero Juana/Joanna Manso como personagem estratégica “nas áreas da cultura e

---

<sup>116</sup> ALVAREZ, Sonia E. *Op. cit.*, p. 750.

<sup>117</sup> ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 39.

<sup>118</sup> GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos, 2016, p. 9.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p. 10.



da política”.<sup>120</sup> Tendo em vista que a mesma utilizou a arma disponível em suas mãos – o papel e a tinta – como veículo de produção, ressignificação e circulação de ideias, bem como de ação política.

Segundo Gina Canepa, “la mujer letrada hispanoamericana encontró sin duda una tribuna de divulgación importantísima en el periodismo decimonónico, aparato de comunicación que superaba las limitaciones del saber de los claustros y de los salones de fines del siglo XVIII, donde se había producido hasta entonces.”<sup>121</sup> Complemento o pensamento da autora afirmando que não apenas as hispano-americanas usufruíram de tal potencial da imprensa, mas também suas companheiras continentais: as brasileiras.

Esta pesquisa foi realizada a partir da perspectiva de que nenhuma produção de conhecimento é neutra. As reflexões historiográficas não são apolíticas, pelo contrário, elas estão embebidas em relações de poder, por isso, a leitura do passado é um campo em disputa. Sendo assim, compartilho da seguinte reflexão de Diva do Couto Gontijo Muniz:

[...] a pesquisa histórica, e não apenas a pesquisa histórica feminista, é prática posicionada e comprometida: ela fala a partir de um dado lugar social e sob o modo de ver, interesses, experiências e expectativas de quem a realiza. A pesquisa histórica feminista é, porém, assumidamente interessada, pois quem a realiza nos aparece “não como uma autoridade invisível, ou anônima, mas como um indivíduo real, histórico, com desejos e interesses concretos específicos”, como defende Harding (1987, p. 09).<sup>122</sup>

Nesse sentido, a perspectiva histórica feminista conflui pontos de vista com os estudos decoloniais,<sup>123</sup> afinal, essas vertentes questionaram “o caráter particularista, ideológico, racista e sexista da ciência”, expondo as “relações de poder e saber” no Ocidente, as quais são pautadas nos “pressupostos de neutralidade, objetividade e universalidade” e defendem um “campo e uma forma de produção do conhecimento que é, porém, particularista e excludente”.<sup>124</sup>

No intuito de deslocar relações de poder e ampliar os horizontes da análise histórica, optei por apresentar o protagonismo de sujeitos marginalizados no discurso científico

---

<sup>120</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>121</sup> CANEPA, Gina. Escritoras y vida pública en el siglo XIX. Liberalismo y alegoría nacional. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. Tomo 2. Emancipação do discurso. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: UNICAMP, 1993. p. 271.

<sup>122</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas. *OP SIS*, Catalão, v. 15, n. 2, p. 319, 2015.

<sup>123</sup> Trata-se de uma perspectiva de análise que colocou em questão as relações de poder no sentido Norte-Sul e produziu outros saberes sobre a América Latina, na década de 1990. Este movimento epistemológico também ficou conhecido como “giro decolonial” ou “virada pós-colonial”. Para uma genealogia de tal campo do saber, ver: BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, nº 11, p. 89-117, mai./ago. 2013.

<sup>124</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo, 2015, p. 319-320.

tradicional, ou seja, coloquei em cena mulheres latino-americanas que atuaram no âmbito da imprensa periódica; além disso, priorizei dialogar com as produções acadêmicas de autores(as) também latino-americanos(as).

A tese foi organizada em três capítulos. No primeiro, “Feminismos, história da imprensa e historiografia: reflexões sobre a América Latina”, problematizei o “esquecimento” da agência feminina nas memórias e nas historiografias brasileira e argentina, bem como ressaltar a importância dos feminismos latino-americanos. Além disso, neste primeiro capítulo refleti sobre o cenário da imprensa feminista oitocentista no Rio de Janeiro e em Buenos Aires e analisei a materialidade dos periódicos estudados. No segundo capítulo, “Juana/Joanna Manso: tornando-se intelectual feminista transnacional”, investiguei as facetas centrais das ações e pensamentos da argentina, que se exilou no Brasil e estimulou a elaboração e circulação de ideias feministas através da imprensa, sendo um elo fundamental entre os dois países. No terceiro capítulo, “Projetos feministas de emancipação na imprensa carioca e portenha: papel e tinta como instrumentos de luta”, analisei as reivindicações que as mulheres colocaram em pauta, assim como a elaboração de projetos de sociedade inseridos e debatidos nas páginas dos periódicos *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas*.

# Capítulo 1.

## Feminismos, história da imprensa e historiografia: reflexões sobre a América Latina

Procuro despir-me do que aprendi,  
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,  
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,  
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,  
Desembrulhar-me e ser eu [...]

Alberto Caeiro

Abro o primeiro capítulo desta tese com um fragmento de um poema de Fernando Pessoa,<sup>125</sup> o qual me transmite a ideia de que a lembrança é, também, algo que nos ensinam. Desse modo, infiro que há fatos e pessoas que são selecionados para serem lembrados, enquanto outros devem ser relegados ao esquecimento. Almejo, então, “raspar a tinta” com que pintaram nossos sentidos com o objetivo de problematizar a memória que construíram da imprensa brasileira e argentina, bem como questionar a “inclusão diferenciada e desigual das mulheres no discurso historiográfico”,<sup>126</sup> em ambos os países. Quem sabe, assim, conseguirei “desencaixotar” outros agentes e versões e “desembrulhar” outras histórias que nos constitui?

### 1.1 Memórias e esquecimentos consolidados pela imprensa e pela historiografia: diálogos entre Brasil e Argentina

Ao estudar as comemorações ocorridas no ano de 1908 em razão do “primeiro centenário da imprensa periódica no Brasil”, promovidas por funcionários do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a historiadora Laura Antunes Maciel percebeu que, ainda que a proposta fosse montar uma “Exposição de todos os jornais publicados no Brasil, no século decorrido de 1808 a 1907”, houve uma clara seletividade na listagem de jornais eleitos para contarem a história da imprensa brasileira. Maciel observou que, através da omissão ou de informações pontuais a respeito da “pequena imprensa” (periódicos de variedades, humorísticos, de resistência), reafirmou-se o poder dos “grandes diários”,

---

<sup>125</sup> Vale esclarecer que Alberto Caeiro foi um heterónimo de Fernando Pessoa.

<sup>126</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Mulheres na historiografia: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada. In: STEVENS, Cristina *et al.* (Org.). *Gênero e feminismo: convergências (in)disciplinares*. Brasília/DF: Ex Libris, 2010. p. 70.

principalmente daqueles publicados no Rio de Janeiro, com caráter mais conservador e ligados ao poder. Nas palavras da autora:

Evidentemente, não se trata de esquecimento involuntário mas de escolhas orientadas por suas concepções e posicionamentos frente ao fazer jornalístico e histórico, que nos remetem para a seletividade das memórias preservadas e a necessidade de empreender uma análise crítica sobre os materiais aos quais atribuímos o estatuto de fontes históricas, no passado, e no presente.<sup>127</sup>

Como se pode perceber pela análise de Maciel, a seletividade da memória<sup>128</sup> da imprensa gera graves problemas que têm a capacidade de influir no presente, inclusive na profissão dos(as) historiadores(as). De acordo com a autora, as seleções feitas no passado e consagradas como memória social foram transmitidas para as gerações posteriores, influenciando produções historiográficas no século XX e o atributo de fonte histórica. Deste modo, as primeiras produções sobre história da imprensa edificaram uma narrativa no singular, com o intuito de abarcar a universalidade de periódicos, delimitando “a imprensa periódica”.<sup>129</sup>

Marcada por um caráter elitizante e excludente, essa história da imprensa preserva apenas a memória dos grupos sociais dirigentes, dos seus meios de expressão e formação da opinião – a chamada grande imprensa –, os símbolos da sua cultura e da sua intervenção social –, sempre apresentados como universais, consensuais e verdadeiros, expropriando a maioria da população de sua memória e história.<sup>130</sup>

Esta seleção, elitizante e excludente, influenciou também na preservação – material e imaterial – dos registros da memória da imprensa. Maciel ressaltou que as instituições guardiãs de documentação possuem também, como critério de preservação, as demandas de pesquisa e solicitações de acesso. Assim, a digitalização e recuperação dos acervos históricos também são seletivos.<sup>131</sup> Por isso, Maciel criticou: “Em geral, a organização de instrumentos de busca para a democratização do acesso à memória popular tem sido negligenciada pelos pesquisadores e gestores desses acervos.”<sup>132</sup>

Não por acaso, as fontes de pesquisa desta tese – tanto as brasileiras quanto as argentinas – não foram fáceis de serem encontradas, afinal, elas não pertencem a coleções

---

<sup>127</sup> MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, história e memória: da unicidade do passado às outras histórias. *Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n. 2, p. 66, dez. 2009.

<sup>128</sup> Para uma discussão importante a respeito da memória, ver: POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

<sup>129</sup> MACIEL, Laura Antunes. *Op. cit.*, p. 66.

<sup>130</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>131</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>132</sup> *Ibidem*, p. 76.

específicas e alguns(mas) funcionários(as) dos acervos desconhecem sua existência. Diante dessa realidade, foi preciso muita busca e contatos institucionais para conseguir algum acesso. Foi necessário excluir alguns títulos da pesquisa devido ao alto grau de deterioração; e há, ainda, aqueles que não encontrei, sabendo de sua existência por alguma menção pontual em trabalhos historiográficos.<sup>133</sup>

Com a mesma perspectiva, Constância Lima Duarte refletiu sobre o fato da imprensa feminina no Brasil ser quase invisível nos principais estudos sobre a história da imprensa. Segundo a autora, “independente da extensão e da importância desses estudos, em sua maioria eles realizam análises pontuais de um jornal, ou tratam do conjunto a partir de uma visão historicista, sem se deter na especificidade daqueles pensados para mulheres.”<sup>134</sup> De acordo com Duarte, apenas a partir da década de 1980, período em que as brasileiras intensificam a produção de sua própria história nas instituições acadêmicas, os periódicos femininos foram “descobertos” e tornaram-se fontes para a elaboração de livros, teses, dissertações e artigos.<sup>135</sup>

Ao que minhas pesquisas indicaram, há grande semelhança entre este quadro brasileiro e a situação argentina. Se, no Brasil, o IHGB propôs uma exposição para comemorar o centenário da imprensa, na Argentina, o Círculo de la Prensa<sup>136</sup> promoveu um concurso de redação de uma história do *periodismo* argentino, com o intuito de comemorar o 50º aniversário da organização. Nesse concurso, o vencedor foi Juan Romulo Fernandez, que escreveu a obra *Historia del periodismo argentino*, publicada em 1943. No mencionado texto, o autor elaborou uma narrativa detalhada dos acontecimentos políticos e dos líderes argentinos, articulando-os ao desenvolvimento da imprensa no país. Há uma clara intenção de engrandecimento da pátria e do papel desempenhado pela imprensa em todos os acontecimentos da política nacional. Nessa narrativa, ilustrada com imagens de órgãos da imprensa e dos personagens, há grande seletividade periodística, focando nos periódicos mais reconhecidos e mais ativos no desenrolar das tramas políticas. Assim, as mulheres de imprensa não foram escolhidas para compor esta história argentina. Dentre as redatoras oitocentistas, há menção apenas a Juana Paula Manso e Juana Gorriti:

También cuadra consignar la actuación de la mujer en nuestro periodismo. Como lejano precedente surge el nombre de Juana Gorriti, salteña, hija de un

---

<sup>133</sup> É o caso, por exemplo, do periódico *La Educación*: “Periódico religioso, poético y literario, dedicado a la honorable Sociedad de Beneficiencia y al bello sexo argentino”, veiculado a partir de 24 de julho de 1852.

<sup>134</sup> DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 15.

<sup>135</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>136</sup> Sobre esta instituição pioneira na América Latina, ver: MARTINCHUK, Ernesto. El Círculo de la Prensa en la historia del periodismo argentino. Disponível em: <http://www.escueladeperiodismo.edu.ar/el-circulo-de-la-prensa-en-la-historia-del-periodismo-argentino/>. Acessado em 28 de fevereiro de 2017.

argentino guerrero de la Independencia, y esposa de un presidente de Bolivia, que colaboró en distintos periódicos hasta después de 1880. Más tarde actuaron en la prensa Juana Manso, Raquel Caamaño y Ada María Elfein; esta última fué hacia 1910 la primera mujer que trabajó en un diario (*La Prensa*) sometida ao régimen que la tarea comporta. Hoy son muchas las mujeres que trabajan en diarios, algunas en secciones de redacción y otras en tareas de administración [...]<sup>137</sup>

Pela escrita de Fernandez, observei que as linhas dedicadas a Juana Gorriti enfatizaram mais a paternidade e o casamento do que sua própria atuação. Há evidente desconhecimento da trajetória de Juana Gorriti, negligenciando os periódicos que fundou e os romances que havia publicado.<sup>138</sup> O autor optou por registrar na memória argentina a participação bélica do pai e o importante cargo ocupado pelo marido, apagando as ações da escritora. Há também negligência para com os empreendimentos da fundadora do *Jornal das Senhoras*, que, desde meados do século XIX, atuou e publicou no Uruguai, Brasil e Argentina. Apenas em páginas posteriores, apareceu solto o título *Album de Señoritas* (1854), indicando que se tratava de uma revista, mas sem mencionar a proprietária ou analisar seu conteúdo.<sup>139</sup> Por fim, Fernandez foi pouco cuidadoso ao estudar a atuação das mulheres na imprensa, que, no caso argentino, remonta à primeira metade do século XIX.

No mesmo ano foi publicada a obra de Oscar R. Beltrán, *Historia del periodismo argentino: pensamiento y obra de los forjadores de la patria*.<sup>140</sup> O autor se propôs a traçar uma história da imprensa argentina, retomando os pioneiros e traçando uma cronologia. Beltrán retomou o primeiro *periodista* argentino, Hipólito Vieytes, proprietário do *Semanario de Agricultura, Industria e Comercio*, fundado em 1802. A obra foi organizada de acordo com os marcos políticos, pensando a imprensa no período colonial, no contexto da luta pela independência, durante o governo de Rosas, após a Batalha de Caseros etc. Assim, o autor fez uma análise factual de marcos históricos, mencionou inúmeros periódicos e teceu biografias dos fundadores. Observo uma tentativa de agregar o maior número possível de jornais. Entretanto, houve ênfase nas publicações oficiais e naquelas fundadas por personagens reconhecidos. Dessa maneira, assim como no caso brasileiro, os impressos femininos e feministas foram quase apagados da história da imprensa argentina. Beltrán analisou o periódico *La Aljaba* (1830), fundado e dirigido por Petrona Resende, de maneira muito

<sup>137</sup> FERNANDEZ, Juan Romulo. *Historia del periodismo argentino: primer premio del concurso organizado por el Circulo de la Prensa*. Buenos Aires: Librería Perlado Editores, 1943.

<sup>138</sup> Sobre a autora, ver: GUIDOTTI, Marina Liliiana. Juana Manuela Gorriti, una periodista argentina del siglo XIX. *Caracol* 2, São Paulo, n. 2, p. 42-72, 2011.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 111.

<sup>140</sup> BELTRÁN, Oscar R. *Historia del periodismo argentino: pensamiento y obra de los forjadores de la patria*. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1943.

sucinta, não gastando meia página de escrita, enquanto na análise de impressos como *Gaceta de Buenos Ayres* (1810), fundado por Mariano Moreno, dedicou várias páginas. No caso do periódico *La Camelia* (1852), o autor apenas mencionou seu título e descreveu que foi “escrito por una mujer y que proclamaba la igualdad entre ambos sexos”.<sup>141</sup> Com o avançar da segunda metade do século XIX, a negligência do autor para com os impressos feministas foi aumentando, afinal, ele sequer mencionou *Album de Señoritas* (1854), *La Alborada del Plata* (1877-1878), *Alborada Literaria del Plata* (1880) e *La Voz de la Mujer* (1896-1897).

Mais de sessenta anos depois, em 2006, o historiador Miguel Ángel de Marco lançou a obra *Historia del periodismo argentino: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo*,<sup>142</sup> em que se propôs a analisar as origens da imprensa argentina até o início do século XX, como o próprio título elucida. Observo a permanência dos marcos tradicionais da historiografia na organização da obra, a qual contém os seguintes capítulos: “Primeras manifestaciones periodísticas”, “Los órganos de la revolución”, “La búsqueda de la independencia y la organización del Estado”, “En la época de la disolución nacional”, “El periodismo en el país y en exilio durante la dictadura de Rosas”, “La prensa del país dividido (1852-1861)”, “Reorganización política, enfrentamientos civiles y una guerra internacional”, “Entre los mandatos de Sarmiento y Avellaneda”, “Avances tecnológicos, compromiso político y afanes culturales”, “Una década de desarrollo y de conflictos” e “Hacia el Centenario”. Na obra, houve clara valorização dos empreendimentos masculinos e dos personagens mais conhecidos por suas atividades políticas e comerciais, negligenciando, desta maneira, os periódicos feministas.

Constatei que, tal como no Brasil, a construção da memória e da história da imprensa na Argentina possui caráter historicista, privilegiando o resgate das origens, os grandes homens e seus feitos heroicos. Entretanto, poder-se-ia argumentar que é natural e previsível que tais narrativas confirmem destaque aos grandes homens, haja vista que os mesmos eram (e continuam sendo) protagonistas no espaço público. De fato, estou tratando de sociedades nas quais o lugar destinado às mulheres era o âmbito privado. Porém, considero importante questionar: nós, historiadores(as), ao nos limitarmos a reconhecer tal obviedade não estaríamos contribuindo para a reprodução historiográfica dessa realidade social e dessas narrativas que colocam as mulheres em segundo plano, sendo, em geral, silenciadas e apagadas da história da imprensa? Acredito que, ao nos limitarmos a apenas registrar o

---

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 240.

<sup>142</sup> DE MARCO, Miguel Ángel. *Historia del periodismo argentino: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo*. 1ª ed. Buenos Aires: Educa, 2006.

protagonismo dos grandes homens no espaço público, estaríamos perpetuando relações de poder históricas que impunham silêncios às mulheres. Ou seja, nós, historiadores(as), poderíamos estar colaborando para transformar o silenciamento histórico num silenciamento historiográfico, ao não chamar a atenção para essas mulheres que estavam em luta para se fazerem presentes no espaço público.

A propósito, não foram apenas as escritas das histórias da imprensa brasileira e argentina que silenciaram o protagonismo das mulheres. Ao refletir sobre a trajetória do campo historiográfico nos dois países, deparei-me com similitudes em relação à tardia e diferenciada inserção das mulheres enquanto objeto de estudos dos(as) historiadores(as).

Joana Maria Pedro e Rachel Soihet, ao realizarem uma análise sobre “a emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero”, constataram:

A fertilidade dos dias atuais contrasta, entretanto, com a **trajetória difícil** que a categoria de análise ‘gênero’ enfrentou no campo historiográfico. Nas ciências humanas, a disciplina História é certamente a que mais tardiamente apropriou-se dessa categoria, assim como da própria inclusão de ‘mulher’ ou de ‘mulheres’ como categoria analítica na pesquisa histórica.<sup>143</sup>

Segundo as autoras, parte desse atraso na disciplina História poderia ser explicado pelo “caráter universal atribuído ao sujeito da história, representado pela categoria ‘homem’”.<sup>144</sup> Desta forma, todos os indivíduos, inclusive as mulheres, deveriam se sentir representados por tal categoria homogeneizante. No Brasil, a partir dos anos de 1970, tal universalização do sujeito foi colocada em xeque com a produção de trabalhos – publicados na década seguinte – de historiadoras pioneiras como Maria Odila Leite da Silva Dias,<sup>145</sup> Luzia Margareth Rago,<sup>146</sup> Miriam Moreira Leite,<sup>147</sup> Martha de Abreu Esteves,<sup>148</sup> Magali Engel,<sup>149</sup> Rachel Soihet<sup>150</sup> e Eni de Mesquita Samara.<sup>151</sup> Segundo Margareth Rago, a presença

---

<sup>143</sup> SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 54, v. 27, p. 284, dez. 2007. [grifos meus]

<sup>144</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>145</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>146</sup> RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

<sup>147</sup> LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984; LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

<sup>148</sup> ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

<sup>149</sup> ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

<sup>150</sup> SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.



maciça das mulheres no meio acadêmico foi elementar para esse deslocamento na “produção dos saberes”, tendo em vista que elas “passaram a reivindicar seu lugar na História”.<sup>152</sup>

A historiografia argentina também demorou a inserir as categorias de análise “mulher”, “mulheres” e “gênero” em suas reflexões. Conforme Valeria Pita, nos anos 1990, a categoria gênero tornou-se majoritária nos estudos sobre as mulheres, entretanto, notou-se claro atraso de emprego ao comparar com outras áreas das Ciências Humanas como a Filosofia e a Psicanálise.<sup>153</sup> Dora Barrancos afirmou que os estudos sobre as mulheres no campo universitário foi “morosa en comparación con el profuso agendamiento que se vivía en ámbitos paralelos a las altas casas de estudio”.<sup>154</sup> Ou seja, a historiografia argentina privilegiou outras perspectivas e abordagens em detrimento da História das Mulheres e dos Estudos de Gênero. Desta forma, tal como no Brasil, apenas na década de 1970 foram produzidas as primeiras reflexões “en torno a la Historia de las Mujeres que se propusieron honrar con mayor rigor<sup>155</sup> las reglas del juego disciplinario”.<sup>156</sup> Nesse momento, surgiram alguns trabalhos pioneiros, tais como os de Lily Sosa de Newton,<sup>157</sup> Catalina Wainermann e Marysa Navarro,<sup>158</sup> María Del Carmen Feijóo,<sup>159</sup> Mirta Henault,<sup>160</sup> Inés Cano,<sup>161</sup> Estela dos Santos,<sup>162</sup> Lúcia Gálvez<sup>163</sup> e Julia Silva Guivant.<sup>164</sup>

Neste rol de produção, é importante observar que o trabalho da última pesquisadora argentina mencionada foi desenvolvido no Brasil – na Universidade Estadual de Campinas

---

<sup>151</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX*. São Paulo: Marco Zero; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

<sup>152</sup> RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), n. 11, p. 90, 1998.

<sup>153</sup> PITA, Valeria *Apud* BALBUENA, Yamila; CONSTANZA, Canela. Feminismo y historia de las mujeres en la historiografía posdictadura. VII JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNLP, 5 al 7 de diciembre de 2012, La Plata (Argentina). p. 6.

<sup>154</sup> BARRANCOS, Dora. Historia, historiografía y género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social e Mentalidades*, Santiago (Chile), vol. 1/2, p. 45, 2004.

<sup>155</sup> A autora enfatiza essa questão, pois ao longo do século XX foram publicadas obras pontuais que colocavam as mulheres em cena. Entretanto, tais “esfuerzos iniciáticos” não se adequavam ao rigor historiográfico, devido à carência de preocupações conceituais nas análises. *Ibidem*, p. 36-37.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>157</sup> SOSA DE NEWTON, Lily. *Las argentinas de ayer y de hoy*. Buenos Aires: Zanetti, 1967; SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. Buenos Aires: Plus, 1972.

<sup>158</sup> WAINERMANN, Catalina; NAVARRO, Marysa. *El trabajo de la mujer en la Argentina: un análisis preliminar de las ideas dominantes en las primeras décadas del siglo XX*. Buenos Aires: CENEP, 1979.

<sup>159</sup> FEIJÓO, María del Carmen. *Las feministas*. Buenos Aires: CEAL, 1980; FEIJÓO, María del Carmen. *Feminismo y socialismo. Todo es historia*, Buenos Aires, 175/183, 1981-1983.

<sup>160</sup> HENAULT, Mirta. *Alicia Moreau de Justo*. Buenos Aires: CEAL, 1983; HENAULT, Mirta. La incorporación de la mujer al trabajo asalariado. *Todo es historia*, Buenos Aires, n. 183, 1983.

<sup>161</sup> CANO, Inés. El movimiento feminista argentino en la década de 1970. *Todo es historia*, Buenos Aires, Año XVI, n° 183, 1982.

<sup>162</sup> DOS SANTOS, Estela. *Las mujeres peronistas*. Buenos Aires: CEAL, 1983.

<sup>163</sup> GÁLVEZ, Lucía. La mujer en la conquista del río de la Plata y Tucumán. *Todo es historia*, Buenos Aires, n. 232, 1986.

<sup>164</sup> SILVA GUIVANT, Julia. *A visível Eva Perón e o invisível rol político feminino*. Dissertação de Mestrado em Sociologia defendida na Universidade Estadual de Campinas, 1980.

(UNICAMP). Segundo Julia Silva Guivant, “é impossível dissociar minha carreira acadêmica da situação política argentina na década de 70”.<sup>165</sup> Afinal, a vinda da filósofa para o Brasil, no ano de 1976, foi necessária em razão da repressão da ditadura implantada em sua terra natal. Ao residir em São Paulo, Julia Silva Guivant teve a oportunidade de se inserir no Mestrado na UNICAMP. Apesar do Brasil também vivenciar um regime ditatorial, a pesquisadora sentia que “a ditadura era muito diferente que na Argentina”, a Universidade “parecia ser uma bolha”. Conforme relatado em seu Memorial:

Marisa Correia, professora de antropologia, me introduziu numa forma de pensar desconhecida para mim, mas de alguma maneira intuitivamente assumida no meu cotidiano: a do feminismo. A partir da iniciativa de Marisa e também de Verena Martinez-Alier (na época e depois Verena Sockler) foi formado um grupo de conscientização feminista. Éramos poucas incluindo-se algumas outras alunas como eu. O contato com a bibliografia feminista me levou a uma identificação total. E aí encontrei o novo tema para meu mestrado: o discurso político de Eva Perón sobre as mulheres.<sup>166</sup>

De acordo com o registro de Julia Silva Guivant, foi no Brasil que ela teve contato com os debates sobre o feminismo, fato que possibilitou a delimitação do seu tema de Mestrado. Dora Beatriz Barrancos, outra argentina que se tornou pesquisadora dos estudos sobre as mulheres, também teve contato efetivo com o movimento feminista no Brasil.<sup>167</sup> A meu ver, esses exemplos são significativos ao revelar experiências compartilhadas entre brasileiras e argentinas; além de apresentar o cruzamento de trajetórias entre o campo de estudos da História das Mulheres no Brasil e na Argentina.

A importância dos movimentos feministas no processo de desenvolvimento e consolidação do campo de pesquisa História das Mulheres e Estudos de Gênero é reconhecida por várias estudiosas da área, seja em nível mundial ou nacional. A trajetória dessa área de produção de saber, no Brasil e na Argentina, esteve articulada com as lutas feministas da segunda metade do século XX.<sup>168</sup> Instigante observar que a publicação, na França, da

---

<sup>165</sup> SILVA GUIVANT, Julia. *Memorial de atividade acadêmica*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 9. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176891/MAA\\_Julia%20Silvia%20Guivant.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176891/MAA_Julia%20Silvia%20Guivant.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acessado em 22 de abril de 2018.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>167</sup> OSTA VÁZQUEZ, María Laura. Uma síntese da história das mulheres na Argentina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3), p. 921-935, set./dez. 2009.

<sup>168</sup> A título de exemplo, ver: BALBUENA, Yamila; CONSTANZA, Canela, 2012; BARRANCOS, Dora, 2004; SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997; SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria, 2007.

coletânea *História das Mulheres no Ocidente*, nos anos de 1991 e 1992,<sup>169</sup> bem como suas traduções para o português<sup>170</sup> e para o espanhol,<sup>171</sup> no ano de 1993, “constituyó un estímulo central a nuestra historiografía, aun porque esta producción, si bien centralmente orientada hacia la experiencia europea, hizo un lugar a las contribuciones de colegas<sup>172</sup> latinoamericanas.”<sup>173</sup> Além disso, o sucesso da coletânea estimulou a publicação de obras similares em vários países. No caso brasileiro, ficou a cargo de Mary del Priore coordenar o livro *História das Mulheres no Brasil*,<sup>174</sup> publicado em 1997.<sup>175</sup> Três anos depois, foi publicada a coletânea *Historia de las mujeres en la Argentina*, sob a direção de Fernanda Gil Lozano, Valeria Silvana Pita e María Gabriela Ini.<sup>176</sup> Outro elemento marcante, que colaborou para o fortalecimento e o próprio repensar dos trabalhos no campo da História das Mulheres, inclusive no Brasil e na Argentina, foi o contato com as obras de teóricos ligados ao pós-estruturalismo, principalmente, com as produções do filósofo francês Michel Foucault.<sup>177</sup>

Na década de 1990, no Brasil e na Argentina, inseriu-se a discussão da categoria ‘gênero’, inspirada principalmente pelos trabalhos da historiadora norte-americana Joan Scott.<sup>178</sup> O aprofundamento desse debate tornou o campo de estudos sobre as mulheres mais sofisticado e amplo. Apesar de todo o avanço, a desconfiança em relação a essa área da História ainda permanece, em pleno século XXI. A este respeito, Andrea Andújar declarou o impacto dessa postura no quesito financiamento de projeto: “E eu creio que essa escassez de recursos não é casual, ela indica o nível de resistência que a formação acadêmica argentina

---

<sup>169</sup> PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 272, jan./jun. 2011.

<sup>170</sup> PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1993.

<sup>171</sup> PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). *Historia de las mujeres en Occidente*. Madrid: Taurus, 1993.

<sup>172</sup> Trata-se das contribuições das argentinas Susana Bianchi e Cristina Iglesias; das brasileiras Eni de Mesquita Samara e Maria Izilda de Matos; e da mexicana Gabriela Cano.

<sup>173</sup> BARRANCOS, Dora, 2004, p. 40.

<sup>174</sup> Quinze anos após essa publicação, Carla B. Pinsky e Joana Maria Pedro organizaram a obra *Nova história das mulheres no Brasil*. Segue a referência: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

<sup>175</sup> DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

<sup>176</sup> GIL LOZANO, Fernanda; PITA, Valeria Silvana; INI, María Gabriela (Dir.). *Historia de las mujeres en la Argentina*. Buenos Aires: Taurus, 2000.

<sup>177</sup> Para reflexões sobre a importância desses teóricos no repensar da História das Mulheres, no Brasil e Argentina, ver: BARRANCOS, Dora, 2004, p. 37; MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas. *OPSI*, Catalão, v. 15, n. 2, p. 321-322, 2015a; RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, 1995. p. 85-88; RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, out. 1995.

<sup>178</sup> RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), nº 11, p. 89-98, 1998; BARRANCOS, Dora, 2014, p. 39-40.

coloca sobre a importância de se fazer uma História, uma Educação, uma Filosofia, reconhecendo a perspectiva de gênero.”<sup>179</sup>

Nesse sentido, corroboro Diva Muniz ao constatar a existência de um “arraigado preconceito” entre os(as) historiadores(as) quanto à legitimidade do campo História das Mulheres e Estudos de Gênero. Esta prática revela “a inclusão diferenciada e desigual das mulheres no discurso historiográfico.” Portanto, na conjuntura atual, “as mulheres são ainda percebidas e reconhecidas na comunidade como tema/objeto menos importante, significadas diferenciada e desigualmente no discurso historiográfico.”<sup>180</sup>

Ao perceber os silêncios impostos à presença e atuação das mulheres na História brasileira e argentina, o compromisso dessa tese se intensificou, pois realizou uma análise a respeito dos projetos feministas de emancipação construídos em periódicos – inserindo as articulistas na história da imprensa e na vida pública oitocentista –, mas também demonstrou que não se trata de uma reflexão menos relevante ou menos letígia no campo historiográfico, contribuindo para ampliar os enquadramentos sobre as sociedades carioca e portenha da década de 1850.

## 1.2 Feminismos na América Latina em meados do século XIX

Há indícios de que a criação do termo “feminismo” tenha sido realizada pelo filósofo francês Charles Fourier (1772-1837) e que sua aplicação prática tenha se difundido em fins do oitocentos.<sup>181</sup> Ao longo do século XX, o vocábulo ganhou empregos e releituras em diversos países. Mesmo após intensos debates, o uso do termo cunhado por Fourier ainda causa muita polêmica.

Segundo Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy,

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias.<sup>182</sup>

---

<sup>179</sup> VEIGA, Ana Maria. Estudos de gênero na Argentina – olhares contemporâneos sobre o tema. Entrevista com Andrea Andújar e Alejandra Ciriza. *História Unisinos*, São Leopoldo (RS), v. 14, n. 2, p. 228, mai./ago. 2010.

<sup>180</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo, 2015a, p. 70.

<sup>181</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. A cidade das mulheres: Mariana Coelho uma feminista brasileira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Mariana Coelho: a evolução do feminismo* – subsídios para a sua história. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 14.

<sup>182</sup> ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. p. 7.

Como bem expressaram as autoras, a definição do termo é tarefa difícil. A meu ver, não existe um conceito fechado de feminismo, pois ele é plural. Sendo assim, é preciso pensar em feminismos. Concordo que o vocábulo se refere a um processo, por isso ele deve ser conceituado em sua especificidade temporal, espacial e situacional. Devido à amplitude dos movimentos que o vocábulo representa, ao desconhecimento e preconceito para com as lutas das mulheres – desde suas manifestações históricas –, a polêmica é frequente quando a palavra de ordem é feminismos.

Ao refletir sobre os movimentos feministas, é comum caracterizá-los a partir das clássicas “Ondas”. A Primeira Onda teria ocorrido em fins do século XIX e início do século XX, momento em que as mulheres lutavam por direitos políticos, sociais e econômicos; já a Segunda Onda teria iniciado nos anos 1960, quando as mulheres reivindicaram “o direito ao corpo, ao prazer, e lutavam contra o patriarcado.”<sup>183</sup> Entretanto, cabe questionar: tais classificações dos movimentos feministas em “Ondas” possuem caráter universal, ou seja, servem como balizas para pensar as diversas manifestações ocorridas ao redor do mundo? Sendo mais específica, ao estudar os movimentos feministas na América Latina, as duas “Ondas” feministas representam as demandas das mulheres em nossa parte do continente?

Defendo que se corre um grande risco de generalização e de não compreensão das especificidades das experiências das mulheres latino-americanas ao se tomar os movimentos europeus e norte-americanos como parâmetros de comparação e, até mesmo, de determinação de pautas feministas. Segundo María Luisa Femenías:

En pocas palabras, al marco formal igualitario y universalista, al que responden en mayor o en medida todas nuestras constituciones – que ha resultado históricamente insuficiente –, debemos sumarle un conglomerado de cuestiones materiales. Sobre todo, en la medida en que el proclamado universal pocas veces se aplicó distributivamente por igual a todos los miembros de la sociedad, discriminando por sexo-género, por etnia y por clase. Como bien sabemos, esto ha sido también así respecto de las mujeres de los países hegemónicos, **pero nuestro caso no es exactamente paralelo y nuestras particularidades merecen destacarse**. En principio, porque los mecanismos de inclusión/exclusión de las mujeres han seguido un derrotero propio atravesado fundamentalmente por la diversidad étnica y cultural (incluída la religión) muchas veces enmascarada como si de cuestiones de económicas o de clase se tratara. Asimismo, la libertad y la independencia que los estudios de las historiadoras muestran respecto de las vidas de las mujeres latinoamericanas incluso durante la colonia no guarda equivalencia con los países hegemónicos.<sup>184</sup>

---

<sup>183</sup> PEDRO, Joana Maria, 2011, p. 271.

<sup>184</sup> FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 15(1), p. 12, jan./abr. 2007. (grifos meus)

Conforme elucidou Femenías, é fundamental marcar as particularidades das vivências das mulheres latino-americanas, as quais são marcadas por distintas experiências atravessadas pelas questões étnicas e culturais. Nesse sentido, não é adequado pensar os movimentos feministas e suas pautas de forma universalizante, nem mesmo entre os próprios países latino-americanos. Portanto, as concepções pré-estabelecidas de “Primeira Onda” e “Segunda Onda” dos movimentos feministas “no puede[n] aplicarse por igual a todas las Américas, incluyendo las áreas insulares del Caribe, y tampoco en paralelo a las cronologías europea y estadounidense.”<sup>185</sup> É mais prudente analisar cada manifestação feminista em sua historicidade e particularidade para, assim, estabelecer possíveis fios comunicantes com outras vivências feministas, ou seja, é elementar um esforço de pesquisa para revelar a existência ou inexistência de pautas feministas convergentes, e não tentar encaixar os feminismos em categorias rígidas e estabelecidas *a priori*.

Desta forma, corroboro Maria Odila Leite da Silva Dias ao afirmar que “a crítica feminista torna-se contextual, histórica e relativista, o que de início implica uma atitude crítica iconoclasta que consiste em não aceitar totalidades universais ou balizas fixas. Trata-se de historicizar os próprios conceitos com que se tem de trabalhar [...]”.<sup>186</sup> Assim, estudar feminismos na América Latina requer que o(a) historiador(a) se atente para a contextualização dos conceitos e de ideias construídas social e historicamente. Além disso, é fundamental se desviar do desejo tentador de atingir verdades universais e generalizantes. Para percorrer as fímbrias da normatividade social, é elementar olhar para as narrativas de diversos ângulos e buscar conhecimentos parciais e provisórios, representativos da cartografia feminista latino-americana.

Coloco em xeque as tradicionais “Ondas” feministas como parâmetro confiável de análise das ideias feministas na América Latina. Sendo assim, concordo com a assertiva da historiadora Joana Maria Pedro:

Convém sublinhar que pensar o feminismo a partir de ondas reforça a ideia da existência de centros irradiadores e suas margens; é como se uma pedra tivesse sido atirada na água, formando várias ondas. Elas vão se abrindo e apontando para a circulação de discursos e teorias que partem de um centro produtor – em geral, países considerados desenvolvidos do hemisfério norte – e se dirigem para o hemisfério sul, localização principal dos países considerados subdesenvolvidos.<sup>187</sup>

---

<sup>185</sup> FEMENÍAS, María Luisa. Género y feminismo en América Latina. *Debate Feminista*, UNAM (México), vol. 40, p. 47, out. 2009.

<sup>186</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), nº 2, p. 375, 1994.

<sup>187</sup> PEDRO, Joana Maria, 2011, p. 271.

Observo que ao tomar as “Ondas” irradiadas da Europa e Estados Unidos em direção aos países do hemisfério Sul como elementos norteadores da análise sobre as realidades das mulheres, contribui-se para o enrijecimento de hierarquias e de preconceitos historicamente perpetuados. Ao se considerar que as pessoas do hemisfério Norte são as capazes e responsáveis pela construção de teorias e as pessoas do hemisfério Sul são aquelas que recebem tais pensamentos para aplicar em suas reflexões, perpetua-se antigas assimetrias de poder e relações de dominação.

Assim, compreendo que, para estudar os feminismos latino-americanos – em suas múltiplas temporalidades –, é fundamental ater-se às imbricações do poder, analisando suas manifestações de forma articulada. Desta maneira, é preciso problematizar as hierarquias impostas no campo da produção dos saberes, buscando um pensamento descentrado. Cláudia de Lima Costa apontou a importância em pensar novas cosmologias e epistemologias a partir de “outros”<sup>188</sup> lugares de enunciação, incluindo os feminismos entre esses “‘outros’ espaços de teorização, interpretação e intervenção na América Latina.”<sup>189</sup>

Convicta da necessidade de criticar saberes e de lançar novos olhares para as fontes de pesquisa, apresentei outras versões dos feminismos latino-americanos nesta tese. Apesar de sua pluralidade, como poderíamos definir “feminismo”? No âmbito da análise aqui empreendida, “feminismo” deve ser compreendido como “todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher,<sup>190</sup> ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo.”<sup>191</sup> Defendo, então, o afastamento da concepção de que as ideias feministas teriam surgido apenas com a consolidação dos movimentos feministas, organizados na primeira metade do século XX – no caso brasileiro e argentino.

Nesse sentido, nesta tese utilizo a expressão “imprensa feminista” e não “imprensa feminina” para caracterizar os periódicos *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas*. A meu ver, é importante marcar essa diferença, pois se tratam de conceitos distintos. Por isso, corroboro Dulcília Buitoni ao afirmar que a “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres”. Em contrapartida, “a [imprensa] feminista, embora se

---

<sup>188</sup> Cláudia de Lima Costa inspira-se nas proposições de Catherine Walsh, apesar da autora não inserir os feminismos em sua formulação sobre o “pensamiento propio” latino-americano.

<sup>189</sup> COSTA, Cláudia de Lima. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. *Fragments*, Florianópolis (SC), n. 39, p. 51, jul./dez. 2010.

<sup>190</sup> Prefiro o uso do termo no plural, para que fique explícita a heterogeneidade expressa pelo vocábulo.

<sup>191</sup> DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.

dirija ao mesmo público, distingue-se pelo fato de defender causas”.<sup>192</sup> Considero que os periódicos analisados neste trabalho possuíam peculiaridades que, em seu conjunto, me levaram a caracterizá-los como feministas, quais sejam: 1) todos eram de propriedade feminina; 2) todos eram dirigidos por mulheres;<sup>193</sup> 3) tinham como meta primeira a defesa da melhoria de vida e a conquista de direitos para e pelas mulheres; 4) a total ou a maioria das colaborações nas páginas dos periódicos eram femininas; 5) lançaram críticas ao modo como a sociedade compreendia e determinava os papéis e espaços segundo o sexo;<sup>194</sup> 6) elaboraram projetos de mudanças políticas e sociais que envolviam a participação efetiva das mulheres nas questões públicas e privadas.

Reitero a relevância do emprego do termo “feminismo” para me referir aos empreendimentos aqui analisados, pois constatei o potencial emancipador de suas ações, mesmo tendo ciência de que ainda não existiam movimentos feministas no Brasil nem na Argentina. Assim, corroboro Zahidé Muzart quando afirma: “como prática, o feminismo preexiste ao emprego da palavra com que é designado”. Portanto, antes do vocábulo possivelmente cunhado por Charles Fourier tornar-se corrente, em fins do século XIX,<sup>195</sup> identificamos mulheres que, por suas pautas e reivindicações, devem ser consideradas “feministas”.

### 1.3 Imprensa e educação no Brasil e na Argentina oitocentistas

Atualmente, são inúmeros os(as) pesquisadores(as) que se dedicam a estudar a imprensa e as ideias por ela veiculadas. Entretanto, a inserção da mesma enquanto fonte e objeto de análise na produção historiográfica foi árdua, gerando desconfiças e muita polêmica.<sup>196</sup> Apesar da atual aceitação e expansão do número de trabalhos que se dedicam aos

---

<sup>192</sup> BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. p. 16.

<sup>193</sup> Marco essa diferença, pois havia jornais chamados de femininos, mas se tratavam de impressos produzidos por homens e voltados para o público feminino. Esse tipo de periódico não serve ao meu propósito, que é analisar as construções dos projetos de emancipação feministas produzidos pelas próprias mulheres, nos jornais dirigidos e escritos pelas mesmas.

<sup>194</sup> No contexto da década de 1850, no Brasil e Argentina, definia-se o sexo por suas determinações biológicas e sua organização binária, ou seja, ser mulher ou homem estava relacionado à morfologia (Ex.: nascer com vagina = mulher; nascer com pênis = homem). Tenho ciência das críticas contemporâneas a tal concepção, mas no âmbito das fontes analisadas era esta a interpretação sobre o sexo. Para uma reflexão crítica sobre as configurações do sexo e do corpo feminino, ver: SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. *Textos de História*, Brasília, nº1/2, v. 8, p. 47-84, 2000.

<sup>195</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci, 2002, p. 14.

<sup>196</sup> Para acompanhar um pouco desta trajetória, bem como os trabalhos pioneiros na historiografia brasileira, ver: LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.



periódicos, muitos cuidados devem ser tomados para não se cair nas armadilhas dos discursos. Ana Maria de Almeida Camargo alerta para o “risco de ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha ou um texto inteiro de uma realidade”.<sup>197</sup> Tendo isso em vista, fica claro que é elementar atender-se ao contexto social em que se deu a produção dos artigos. Como alerta Pablo Rocca, um periódico “sólo tiene pleno sentido en su relación con el marco, con su íntimo contacto con la vida social y cultural del momento.”<sup>198</sup> A desatenção para com o período de produção da fonte pode gerar interpretações simplórias ou até mesmo equivocadas.

Para refletir, vale ler um trecho do primeiro editorial do *Jornal das Senhoras*:

Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será? [...].

Ora! não póde ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Côrte e Capital do império, Metropoli do sul d’America, acolherá de certo com satisfação e sympathia O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o dezejo de propagar a illustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.<sup>199</sup>

O(A) estudioso(a) desatento(a) ao período de produção poderia questionar: como uma mulher que se propunha a reivindicar a emancipação colocaria em xeque seus talentos? Por que almejava uma emancipação moral? Para compreender tais concepções, é preciso levar em consideração que no Brasil, em 1852, apenas esta mulher – Joanna Paula Manso – tinha ousado fundar um jornal que colocasse em questão o lugar ocupado pelas mulheres na sociedade: era limitado o acesso feminino ao espaço público; era rara a presença das mulheres na imprensa; não fazia parte das “funções” femininas expressar suas ideias; era mais elevado o analfabetismo entre as mulheres do que entre os homens; o padroado vigorava de forma intensa; a religião católica exercia grande poder nos costumes e na educação feminina. Após se situar historicamente, o(a) pesquisador(a) pode interpretar com mais coerência os projetos de emancipação propostos nas páginas do *Jornal das Senhoras*, que, apesar da aparente reprodução da ordem, propunham mudanças significativas na condição de vida das mulheres oitocentistas, como serão apresentados ao longo dessa tese.

---

<sup>197</sup> CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. In: V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1971, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1971, p. 226.

<sup>198</sup> ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanoamerica*, Espanha, año 33, nº 99, p. 5, dez. 2004.

<sup>199</sup> NORONHA, Joanna Paula Manso de. [Sem título]. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1-2, 01 jan. 1852.

Antes da sociedade carioca presenciar a circulação de um periódico dirigido por uma mulher, a imprensa brasileira passou por um longo processo de impedimentos, dificuldades e censuras. A historiografia registrou o atraso na implantação de tipografias no Brasil Colonial se comparado à experiência dos nossos vizinhos que foram colonizados pela Espanha:

Em 1502, a Coroa autorizava a impressão no Novo Mundo; em 1539 foi estampada uma obra na Cidade do México; em 1600, havia oito oficinas gráficas. A tipografia chegou ao Peru em 1583. No entanto, não se sabe de nenhuma iniciativa para a instalação de uma tipografia quando o Brasil formou parte do império colonial espanhol, de 1580 a 1640, período em que o rei da Espanha era também rei de Portugal.<sup>200</sup>

Matías Martínez Molina analisou casos polêmicos envolvendo tentativas de instalação de tipografias no período Colonial, nas regiões do Recife e do Rio de Janeiro. Porém, segundo o historiador, não há provas para sustentar as suspeitas levantadas, tornando mais evidente a tardia produção de impressões no mencionado território. Conforme Molina, tal demora da prática das artes gráficas na região é, geralmente, atribuída a uma proibição da metrópole. “No entanto, se é verdade que a Coroa portuguesa não autorizou de maneira explícita a impressão no Brasil, também é certo que não foi encontrado nenhum documento dos séculos XVI e XVII que a proibisse.”<sup>201</sup>

Apesar da ausência documental da coibição, em meados do século XVIII, quando chegou informações em Lisboa a respeito da existência de um prelo na colônia, a Corte não tardou a impedir seu funcionamento e solicitar o envio para a metrópole. Tratava-se da tipografia de propriedade de António Isidoro da Fonseca, cujo maquinário fora adquirido em Portugal e realizado impressões de obras no território colonial, sem a permissão do governador-geral e do bispo.<sup>202</sup>

O surgimento da imprensa no “Brasil” se efetivou apenas após a chegada da família real portuguesa, em 1808. A Impressão Régia, recém instalada, a partir de 10 de setembro, passou a imprimir a *Gazeta do Rio de Janeiro*.<sup>203</sup> O primeiro jornal produzido neste território seguiu o padrão da *Gazeta de Lisboa*, que circulava com quatro páginas, cada uma contendo uma coluna que ocupava quase toda a largura do periódico, que media 13,5 x 19 cm.<sup>204</sup> A função principal da folha era “divulgar as notícias, com pouca ou nenhuma opinião” e não

---

<sup>200</sup> MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 16.

<sup>201</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 16-17.

<sup>203</sup> MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 29-30.

<sup>204</sup> MOLINA, Matías M., 2015, p. 114-115.

aprofundar em temas como literatura, economia ou artes. O jornal veiculava atos oficiais, publicações da *Gazeta de Lisboa*, anúncios – de escravos, livros, tecidos, periódicos importados, prestação de serviços etc. – e, nos seus primórdios, informações sobre a guerra que os países europeus enfrentavam contra Napoleão.<sup>205</sup> No intuito de isentar o governo de responsabilidade sobre opiniões veiculadas no jornal, já na primeira edição havia a informação de que “Esta Gazeta, ainda que pertença por Privilegio aos Officiaes da Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra não he com tudo Official; e o Governo sómente responde por aquelles papeis, que nella mandar imprimir em seu nome.”<sup>206</sup>

A primeira década após a instalação da Imprensa Régia apresentou um cenário ainda tímido no que diz respeito à circulação de periódicos. Além da *Gazeta do Rio de Janeiro* (1808-1822), a Corte presenciou o surgimento d’*O Patriota*: “Jornal litterario, político, mercantil do Rio de Janeiro”, no ano de 1813, apresentando 126 páginas; do *Almanach do Rio de Janeiro*, veiculado com 393 páginas, no ano de 1816; d’*A Rua*, veiculando quatro páginas, no ano de 1817, e d’*O testamento do Judas* (1819), com o mesmo número de páginas do jornal anterior. A década de 1820 apresentou um elevado aumento no número de títulos de periódicos publicados no Rio de Janeiro, somando ao menos 73 (setenta e três).<sup>207</sup>

O significativo aumento de impressos na Corte pode ser explicado pelo fim da censura prévia, que se deu com a assinatura do decreto de 2 de março de 1821. Os anos que precederam a Independência do Brasil foram marcados pelas transformações ocorridas na Península Ibérica. Em 1820, Espanha e Portugal foram palcos de revoluções constitucionalistas, baseadas no modelo liberal da Constituição de Cádiz (1812). Em 21 de setembro de 1820, a Junta de Governo da Revolução Constitucional portuguesa estabeleceu o decreto que concedia liberdade de imprensa. Em 13 de outubro do mesmo ano, também foi regulamentada a livre circulação de impressos portugueses para além das fronteiras do país. Estas medidas incentivaram a monarquia residente no Rio de Janeiro a suspender “provisoriamente a censura prévia para a imprensa em geral.”<sup>208</sup>

---

<sup>205</sup> *Ibidem*, p. 115.

<sup>206</sup> *GAZETA do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 4, 10 set. 1808. Disponível em ><http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=749664&PagFis=4&Pesq=>. Acessado em 19 de setembro de 2018.

<sup>207</sup> Pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acessado em 19 de setembro de 2018.

<sup>208</sup> MOREL, Marco, 2008, p. 34.

Apesar da oficialização da liberdade de imprensa,<sup>209</sup> o que se observou no Brasil não foi “uma linha progressiva e ascendente de crescimento dessa liberdade.” Houve, de fato, aumento numérico de títulos de periódicos, porém, “a questão do controle desta atividade seguiria uma linha sinuosa, com recuos e expansões”.<sup>210</sup>

A história da imprensa na Argentina também passou por fases de censuras impostas pelos governantes – como veremos adiante –, dentre outras semelhanças com a história da imprensa no Brasil, perpassando a falta de recursos, o alto índice de analfabetismo e a tardia publicação de periódicos de propriedade feminina, se comparada à atuação dos homens no jornalismo.

Os primórdios da imprensa argentina remontam aos tempos coloniais. Os primeiros títulos foram veiculados ainda na época do Vice-Reinado, quais sejam: *Telegrafo Mercantil*: “rural, político, economico e historiografo del Rio de la Plata”; *Semanario de Agricultura, Industria y Comercio* e *Correo de Comercio*. No dia 01 de abril de 1801, surgiu o primeiro periódico portenho, o qual publicou 95 (noventa e cinco) números, findando sua circulação em 15 de outubro de 1802.<sup>211</sup> O impresso em questão, geralmente, era publicado duas vezes por semana, saindo pela Real Imprenta de Niños Expósitos. Desde o primeiro número, foi registrado nas páginas do *Telegrafo*: “Con privilegio de este Real Superior Gobierno”,<sup>212</sup> esclarecendo a legalidade da circulação daquele periódico. O diretor fundador foi Francisco Antonio Cabello y Mesa (1764-1814).<sup>213</sup> O segundo jornal veiculado em Buenos Aires, *Semanario de Agricultura, Industria y Comercio*, foi impresso pela mesma tipografia do periódico anterior. O *Semanario* conseguiu circular entre 1802 e 1807, sob redação de Juan Hipólito Vieytes.<sup>214</sup> Na capa do prospecto, o redator registrou que o periódico contava “Con superior permiso”<sup>215</sup> de circulação.

---

<sup>209</sup> Aspectos mais amplos sobre a imprensa brasileira entre as décadas de 1820 e 1840 podem ser encontrados em: MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na cidade imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.

<sup>210</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>211</sup> Consulta realizada na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Buenos Aires, Argentina).

<sup>212</sup> *TELEGRAFO Mercantil*, Rio de la Plata, p. 8, 1 abr. 1801.

<sup>213</sup> Cabello y Mesa nasceu em Guadalajara (Espanha) e antes de fundar o *Telegrafo* havia dirigido periódicos em Madri e no Perú. Sobre o *periodista* ver: CARNERO, Guillermo. Francisco Antonio Evaristo Cabello y Mesa. In: *Diccionario biografico*. Madri: Academia Real de la Historia. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/52927/francisco-antonio-evaristo-cabello-y-mesa>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

<sup>214</sup> Vieytes nasceu em San Antonio de Arecos, em 1762. O *Semanario* foi sua primeira experiência na imprensa, no qual pode difundir novas ideias políticas e econômicas. Sobre a trajetória do *periodista*, economista e militar, ver: ASTORGANO ABAJO, Antonio. Juan Hipólito Vieytes. In: *Diccionario biografico*. Madri: Real Academia de la Historia. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/16332/juan-hipolito-vieytes>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

<sup>215</sup> VIEYTES, Juan Hipolito. *Semanario de Agricultura, Industria y Comercio*, Buenos Aires, 1802.

O terceiro periódico publicado em Buenos Aires, *Correo de Comercio*, registrou na primeira e na última página do prospecto a informação de que contava “Con superior permiso”<sup>216</sup> de circulação. Esta folha também foi impressa pela Imprenta Real de Niños Expósitos, sendo veiculada entre 1810 e 1811. A respeito do *Correo de Comercio*, a Biblioteca Nacional informa: “Semanario fundado y redactado por Manuel Belgrano,<sup>217</sup> cuyo principal objeto fue el estudio de las ciencias, artes, historia, geografía, estadística y filosofía de la historia.”<sup>218</sup>

Ao comparar os primeiros passos da imprensa argentina e brasileira, percebi que, apesar da possibilidade de imprimir periódicos em Buenos Aires no período colonial, a distância em termos temporais não foi grande, já que o primeiro jornal portenho saiu em 1801 e no Rio de Janeiro em 1808. Em ambos territórios, a necessidade de contar com autorização para circulação emitida pelo governo foi explícita. Portanto, elemento semelhante entre a imprensa de Buenos Aires e do Rio de Janeiro foi o impasse imposto por meio da censura.

Como apresentei anteriormente, os redatores brasileiros conseguiram certa liberdade de expressão na imprensa a partir de 1821, mas ainda assim a experiência da liberdade foi marcada por avanços e recuos. No caso de Buenos Aires, as primeiras medidas em prol da liberdade de imprensa se deram nos episódios de maio de 1810, sendo expedido um decreto em 20 de abril e outro em 26 de outubro do ano seguinte. Segundo Noemí Goldman:

El primero era copia textual del promulgado por las Cortes de Cádiz del 10 de noviembre de 1810 y creaba una Junta Suprema de Censura; el del 26 de octubre avanzaba en sus disposiciones al proclamar que todo hombre podía publicar libremente sus ideas y sin previa censura, y que las disposiciones contrarias a esta libertad quedaban sin efecto.<sup>219</sup>

Assim sendo, o segundo decreto abolia “las restricciones”, “los castigos” y “las multas” que eram, anteriormente, impostas aos redatores e impressores, além de propiciar a criação de uma “Junta Protectora de la Libertad de Imprenta” em contraposição à Junta Suprema de Censura. Porém, foi mantida a “previa censura del eclesiástico” para as

---

<sup>216</sup> *CORREO de Comercio*, Buenos Aires, p. 1; 5, 1810.

<sup>217</sup> Belgrano nasceu em Buenos Aires, no ano de 1770. Foi um grande estudioso de filosofia, economia e direito público. Antes de fundar o *Correo de Comercio* havia colaborado no *Telegrafo Mercantil*. Além das ações no campo intelectual, Belgrano se destacou pelas ações militares. Sobre sua trajetória, ver: OLIVERO, Sandra Fabiana. Manuel Belgrano González. In: *Diccionario biografico*. Madri: Real Academia de la Historia. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/12955/manuel-belgrano-gonzalez>. Acessado em: 20 de setembro de 2018.

<sup>218</sup> Disponível em: <https://catalogo.bn.gov.ar>. Acessado em 20 de setembro de 2018.

<sup>219</sup> GOLDMAN, Noemí. Libertad de imprenta, opinión pública y debate constitucional en el río de la Plata (1810-1827). *Prismas*. Revista de Historia Intelectual, Bernal (Argentina), n. 4, p. 10, 2000.

impressões de caráter religioso.<sup>220</sup> É importante observar na transcrição acima que Goldman afirmou que “todo hombre podia publicar libremente sus ideas”. Ao usar o termo “hombre” esperava-se uma compressão universal da humanidade ou reforçava o afastamento das mulheres das produções impressas? Em se tratando da Argentina, na primeira metade do oitocentos, é coerente pensar que não houve preocupação com o uso do termo no gênero masculino, pois era esperado – devido às construções sociais – que, ao regulamentar a imprensa, os sujeitos afetados eram, necessariamente, os homens.

Em 1815, ocorreu uma importante abertura no universo impresso portenho, sendo permitido a todo “individuo natural del País o extranjero” a fundar tipografias públicas em qualquer cidade ou vila. Vale ressaltar que, até aquele momento, só existia a imprensa de “Ninõs Expósitos”, que havia impresso oito periódicos.<sup>221</sup> Devido à intensificação do debate político, o governo e a Junta recomendaram aos periódicos mais “moderación” y “decoro” ao refletir sobre a conduta dos governantes. Assim, a partir de 1817, foi intensificada a vigilância em relação aos “abusos” da liberdade de imprensa. Portanto, “se desprende que la libertad de imprenta nació en el Río de la Plata en un ámbito atravesado por peculiares tensiones”.<sup>222</sup>

Após 1821, houve significativa ampliação da imprensa portenha devido ao apoio do governo reformista. Surgiu na cena pública periódicos de caráter crítico e satírico como o liderado pelo Padre Castañeda, o que levou o governo a colocar em pauta a contenção de práticas consideradas abusivas.<sup>223</sup>

En octubre de 1822, bajo el gobierno de Martín Rodríguez y el Ministerio de Bernardino Rivadavia, se sancionó una Ley reglando los Juicios de Imprenta en la órbita de la justicia ordinaria asociada con cuatro ciudadanos y se dictó un Decreto que obligaba a los impresores a pasar al gobierno tres ejemplares de toda publicación.<sup>224</sup>

Nos anos seguintes, principalmente entre 1824 e 1827, houve acirramento da disputa política entre unitários e federalistas,<sup>225</sup> tendo sido a imprensa um importante espaço de

---

<sup>220</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>221</sup> Além dos três periódicos que citei anteriormente, foram impressos: *Gazeta de Buenos Aires* (1810-1821), *Mártin o Libre* (1812), *El Censor* (1812), *El Grito del Sud* (1812-1813), *El Redactor de la Asamblea* (1813-1815) e *El Diarista del Ejército* (1814). Ver: GOLDMAN, Noemí, 2000, p. 10.

<sup>222</sup> GOLDMAN, Noemí, 2000, p. 11.

<sup>223</sup> WASSERMAN, Fabio. La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. *Almanack Brasiliense*, São Paulo, n. 10, p. 134, nov. 2009.

<sup>224</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>225</sup> Sobre o conflito entre o grupo que defendia um governo centralizado (unitário) e aqueles que advogavam pela autonomia das províncias (federalistas), ver: PAGANI, Rosana; SOUTO, Nora; WASSERMAN, Fabio. El ascenso de Rosas al poder y el surgimiento de la Confederación (1827-1835). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación* (1806-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

veiculação de afrontas pessoais entre os adversários. Por esse motivo, o governo de Manuel Dorrego sancionou uma lei, no mês de maio de 1828, através da qual definia de forma mais clara os delitos, as responsabilidades e as penas; além de “establecer que un jurado de cinco ciudadanos debía dar lugar a la acusación mientras que outro debía dictar sentencia, reduciendo la función de los jueces a ilustrarlo y a guardar el orden.”<sup>226</sup> No primeiro mandato de Juan Manuel de Rosas enquanto governador (1829-1832), novas medidas foram implementadas no sentido de reduzir a liberdade de imprensa. Em fevereiro de 1832 foi sancionado um Decreto que “sumetía a la prensa a un mayor control del gobierno, el cual se incremento durante su segundo gobierno (1835-1852)”.<sup>227</sup>

Nesse contexto da primeira metade do século XIX, tanto na Argentina quanto no Brasil, apenas uma mulher havia fundado um periódico. No primeiro país, o empreendimento foi liderado por Petrona Rosende de Sierra (1787-1863), uma uruguaia que se dedicava à docência e à literatura. *La Aljaba* foi inaugurado em 16 de novembro de 1830 e findou em 14 de janeiro de 1831, totalizando 31 (trinta e um) números publicados. Com o subtítulo “dedicada al bello sexo argentino”, o prospecto anunciava que *La Albaja* apresentaria “las columnas de la religion, el templo augusto de la moral”. Além disso, “sus trabajos no llevan mas objeto que formar hijas obedientes, madres respectables y dignas esposas”.<sup>228</sup> Mesmo com uma apresentação que atendia ao ditames da época, Petrona Rosende de Sierra não conseguiu manter o periódico em circulação por muito tempo. Segundo a despedida da redatora, o motivo de encerrar a publicação não foi por falta de apoio:

Aviso a los señores que favorecen a la que suscribe. Ésta suspende sus trabajos por hallarse indispueta de salud y porque en el estado actual del país se hallan los ánimos en un estado tal de agitación y efervescencia, que rechazan todo otro sentimiento que tienda a distraerlos del objeto de que están ocupados; mas este motivo no podrá impedirla que rinda las más expresivas gracias a todos los señores y señoras que la han honrado leyendo los artículos de la editora de *La Aljaba*.<sup>229</sup>

A fugacidade da experiência de um periódico escrito por uma mulher não diminui sua relevância. A redatora e professora demonstrou coragem e iniciativa ao despontar num universo dominado por homens, expressando suas ideias e convidando as argentinas a se integrarem ao mundo das letras. Infelizmente, ao que a declaração acima indicou, a saúde de

---

<sup>226</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>227</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>228</sup> PROSPECTO. *La Aljaba*, Buenos Aires, p. 1.

<sup>229</sup> LA ALJABA, Buenos Aires, 14 jan. 1831 *Apud* AUZA, Néstor. *Periodismo y feminismo en la Argentina* (1830-1930). Buenos Aires: Emecé Editores, 1988, p. 160.

Petrona e o contexto político argentino não favoreceram a permanência de uma mulher à testa da redação de um impresso, naquela primeira metade do oitocentos.

Em território brasileiro, o primeiro periódico chefiado por uma mulher foi fundado em 1833. Trata-se do impresso *Belona irada contra os sectarios de Momo*, veiculado em Porto Alegre, de propriedade de Maria Josefa da Fontoura Pereira Pinto, natural de Viamão, que se localizava na Província do Rio Grande do Sul. Maria Josefa foi poetisa, professora, escritora e jornalista.<sup>230</sup> Como mencionado na Introdução deste trabalho, a redatora não discutiu questões envolvendo as demandas das mulheres, focando seus esforços na crítica ao carnaval e na defesa do Partido Caramuru, que se opunha aos Farrapos – grupo que almejava um governo liberal e republicano. A redatora do periódico *Belona* apresentou um tom veemente em seu posicionamento político, conforme exemplifica o editorial abaixo:

Ora eis aqui os nossos fazedores de Repúblicas! E que tal! Sem saberem os primeiros elementos, querem dar-nos regras, e obrigar-nos a seguir suas doutrinas! Não há maior desaforo! Além de perversos, ignorantes, a ponto de não entenderem o que com a maior clareza está escrito! Quanto é desgraçado o Brasil, a quem esta corja de pedantes afeta querem endireitar!! Ora bravos os Solons, e os Licurgos que nos querem dar a Lei! Malvados aproveitai-vos da época; e temei Pan! Pan! Que já vos prognosticou a invicta BELONA.<sup>231</sup>

Observei, então, que ambos empreendimentos femininos da primeira metade do século XIX apareceram em cena com vigor, trazendo à tona elementos que remetiam ao mundo bélico para abrir caminho para as mulheres no espaço da imprensa. Importante indicativo dessa luta pode ser percebido pela escolha dos títulos dos periódicos. *Aljaba* – em português Aljava – é uma espécie de estojo utilizado para transportar flexas nos ombros. Assim, Petrona Sierra anunciou no prospecto: “La ALJABA armó sus flechas antes que la ARGENTINA pensára hablaros.”<sup>232</sup> Por sua vez, *Belona* era uma deusa romana, sendo considerada uma divindade da guerra. “Seu nome deriva do latim *bellum*, guerra, e no seu templo realizavam-se as reuniões relativas aos atos bélicos.”<sup>233</sup> Além disso, “as imagens conhecidas dessa deusa mostram-na com traços faciais refletindo a ira (daí ‘Belona Irada’), enquanto empunha

---

<sup>230</sup> Sobre sua trajetória ver: MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Josefa Barreto. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 75-79.

<sup>231</sup> O editorial transcrito não foi assinado, mas Zahidé Muzart sugeriu que o mesmo tenha sido escrito por Maria Josefa. Ver: *Ibidem*, p. 78.

<sup>232</sup> *LA ALBAJA*, Buenos Aires, p. 1.

<sup>233</sup> MUZART, Zahidé *Apud* DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 68.



instrumentos de morte como o gládio ou a lança, ou, em alternativa, uma tocha (que simboliza o fogo da destruição) e dirige um carro.”<sup>234</sup>

Após esses primeiros passos dados pelas mulheres na imprensa periódica, no Brasil e na Argentina, apenas na década de 1850 outras *periodistas* entraram em cena enquanto proprietárias e redatoras. Mas por que a expansão de jornais e revistas liderados por mulheres avançou de maneira tão vagarosa? Quais os desafios enfrentados em decorrência do contexto político-social?

Na perspectiva de Molina, além da coibição das autoridades em relação às opiniões veiculadas nos impressos, outras dificuldades precisaram ser encaradas:

A imprensa no Brasil enfrentou problemas de infraestrutura física e social que nem sempre conseguiu superar satisfatoriamente, como a precária situação dos transportes e das comunicações; a renda baixa e desigualmente distribuída; a exclusão da população da vida pública; as instalações gráficas insuficientes; a falta de papel. [...] Mas o principal obstáculo ao desenvolvimento dos jornais tem sido, certamente, a educação. [...].<sup>235</sup>

Esse cenário não representou apenas a realidade do Brasil, tais dificuldades também foram enfrentadas na Argentina.<sup>236</sup> Tema elementar nesse processo foi a educação, a propósito, os índices de analfabetismo eram elevados, sendo ainda mais alto entre as mulheres.

Infelizmente, não tenho dados da década de 1850, tendo em vista que os primeiros índices no Brasil, a este respeito, foram registrados pela Diretoria Geral de Estatística no ano de 1872. Ainda assim, é plausível que os dados das décadas seguintes dêem indícios a respeito do acesso às letras em meados do século XIX. Conforme os índices do censo de 1872, no Brasil, 88,5% das mulheres e 80,2% dos homens eram analfabetos.<sup>237</sup> Observei, então, que as mulheres eram ainda as mais afetadas pela precariedade educacional.

Essa configuração foi fruto de um processo de negligência para com a educação do povo e, até mesmo, de agentes da elite econômica. Os estudos indicam um baixo investimento do governo imperial na instrução pública, o qual “nunca superou 7% do orçamento”.<sup>238</sup> Os modos e os espaços de ensinar no oitocentos foram diversos, seja no campo ou na cidade.

---

<sup>234</sup> DUARTE, Constância Lima. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>235</sup> MOLINA, Matías M., 2015, p. 19.

<sup>236</sup> Uma reflexão sobre o cenário comparativo entre Brasil e Argentina no século XIX pode ser encontrada em: FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. A herança do passado e a construção nacional. In: \_\_\_\_\_. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Ed. 34, 2004.

<sup>237</sup> Dados retirados do gráfico inserido na obra: ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 334.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 99.

Apenas em fins da década de 1820, o Estado iniciou uma organização do ensino. Em 15 de outubro de 1827 foi decretada uma lei que determinava: “em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos haverão escolas de primeiras letras que forem necessárias”.<sup>239</sup> Vale ressaltar que tais “escolas de primeiras letras” deveriam ensinar apenas “os rudimentos do saber, *ler, escrever e contar*, não se imaginando, por outro lado, uma relação muito estreita dessa escola com outros níveis de instrução: o secundário e o superior.”<sup>240</sup>

Na década de 1830, havia escolas para meninas em várias províncias, entretanto, o ensino nesses espaços era voltado para prendas domésticas, orações e leitura. Essa constatação indica que as mulheres não eram oficialmente impedidas de frequentar as escolas, mas existia uma diferenciação do conteúdo conforme o gênero:

Elas deveriam aprender a ler, escrever e fazer as quatro operações. A parte relativa a decimais e proporções, bem como o estudo de geometria, que fazia parte do currículo dos meninos, era interdita às meninas. Elas aprenderiam, em contrapartida, a coser, bordar e os demais “mistérios próprios da educação doméstica”.<sup>241</sup>

Desta forma, mesmo a parcela de mulheres<sup>242</sup> que tiveram acesso ao ensino formal não usufruíram de oportunidades iguais aos homens, o que gerou a separação de funções conforme o gênero. Enquanto as mulheres eram educadas para cuidar das atividades no âmbito doméstico (administrar o lar, cuidar dos filhos e maridos), os homens foram preparados para a vida pública (ocupar cargos públicos, participar de debates políticos, trabalhar fora do lar). Nas palavras de Guacira Lopes Louro:

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino de leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de *mando* das criadas e serviços, também faziam parte da educação das moças; acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse

---

<sup>239</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta de Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 137.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 136. [grifos no original]

<sup>241</sup> VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Marta de Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 108-109.

<sup>242</sup> Tenho ciência que as mulheres eram/são plurais, apresentando especificidades quanto à classe, raça, religião, geração etc., as quais interferem nas oportunidades de inserção no espaço público e nas instituições. No âmbito desta tese, as reflexões se pautam no seletivo grupo de mulheres brancas, em sua maioria, pertencentes à elite econômica. Para pensar a vivência das mulheres negras, pobres e mestiças seria necessário outro esforço interpretativo e o acesso a outras fontes históricas.

domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens.<sup>243</sup>

Nesse cenário, uma oportunidade de articulação dos saberes privados com o âmbito público surgiu com a expansão das Escolas Normais. Tal processo teve início a partir de 1834 com a promulgação do Ato Adicional, que passou a responsabilidade de organização do ensino primário e secundário, além da formação de docentes, para as províncias. Essa medida estava vinculada ao processo de descentralização administrativa promovida pela Regência.<sup>244</sup>

O surgimento das Escolas Normais ocorreu num contexto peculiar da política Imperial, situando-se entre dois momentos que a historiografia nomeou de períodos da “Ação” e da “Reação”:

O período da “Ação” foi o de predomínio do princípio democrático, estendendo-se de 1822 a 1836 (da Independência à queda do Regente Feijó) e estaria dividido em duas fases: luta e triunfo, separadas pela Abdicação do Primeiro Imperador em 1831. O período da “Reação” ou do Regresso Conservador se localizaria, então, entre 1836 e 1852 distinguindo-se pelo avanço do princípio da autoridade, da centralização do poder, da recuperação do prestígio da Coroa e do aumento das prerrogativas do Executivo.<sup>245</sup>

As recém criadas Escolas Normais<sup>246</sup> admitiam homens e mulheres em seus cursos, porém, as pessoas deviam estudar em salas separadas por gênero e, de preferência, em turnos distintos. Segundo Diva do Couto Gontijo Muniz, naquele contexto, havia o “temor generizado e generalizado” a respeito da coeducação, mas principalmente “quanto às possibilidades de emancipação que a ampliação da educação das e para as mulheres acenava.”<sup>247</sup>

O objetivo das Escolas Normais era constituir um quadro de professores(as) que suprisse um esperado aumento da rede escolar. No entanto, as décadas de 1850 e 1860 não foram favoráveis à “consolidação da formação” dos professores e das professoras em tais

---

<sup>243</sup> LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997. p. 446. [grifo no original]

<sup>244</sup> VILLELA, Heloisa de O. S., 2007, p. 101.

<sup>245</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>246</sup> As primeiras Escolas Normais criadas foram em Minas Gerais (1835), no Rio de Janeiro (1835), na Bahia (1836) e em São Paulo (1846). Ver: *Ibidem*, p. 104.

<sup>247</sup> MUNIZ, Diva Couto Gontijo. Professoras de Minas e das Gerais: desenho inconcluso de suas memórias e histórias. In: MAIA, Cláudia; PUGA, Vera Lúcia (Orgs.). *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015. p. 26.

instituições, as quais recuperaram seu reconhecimento e valor social apenas a partir dos anos 1870.<sup>248</sup>

Inesperadamente, as Escolas Normais passaram a formar mais mulheres que homens, dando origem à “feminização do magistério”, processo que ocorreu em diversos países ocidentais, quando os homens se afastaram da sala de aula, provavelmente, devido ao desenvolvimento urbano e industrial que angariou a mão-de-obra masculina.<sup>249</sup>

A inserção das mulheres no magistério teve resistências e críticas. Porém, parcela da sociedade brasileira identificava a inclinação “natural” das mulheres para cuidar das crianças. Sendo assim, o magistério foi compreendido como “a extensão da maternidade”. Esse argumento vislumbrava a docência como a reafirmação do papel feminino, ou seja, a mulher exerceria uma atividade no âmbito público que não subvertia a função feminina de ser mãe. Nesse contexto, a atividade docente foi considerada uma “vocação” ou um “sacerdócio”.<sup>250</sup>

Segundo Alicia Palermo, a concepção de “madre educadora” surgiu durante a Revolução Francesa e foi empregada na Argentina, durante o século XIX. Nesse sentido, defensores da educação feminina utilizaram o discurso da “madre educadora” em contextos basilares: “Belgrano<sup>251</sup> y Rivadavia<sup>252</sup> primero, y más tarde Sarmiento, defendieron la educación de la mujer en un momento en el que la expansión de la educación primaria tenía como objetivo prioritario la construcción de identidades nacionales y la homogeneización de las poblaciones en determinados valores.”<sup>253</sup>

Observei que o panorama da educação feminina no Brasil possuía grande comunicação com a experiência argentina. Conforme Dora Barrancos, antes mesmo das reformas promovidas por Domingo Faustino Sarmiento – presidente da República de 1868 a 1874 –, “gran parte de la tarea pedagógica estuvo en manos femeninas”.<sup>254</sup> Com a instituição do regime republicano, houve significativa melhora nas condições educacionais das mulheres,

---

<sup>248</sup> VILLELA, Heloisa de O. S., 2007, p. 114-115.

<sup>249</sup> LOURO, Guacira Lopes, 1997, p. 449.

<sup>250</sup> *Ibidem*, p. 450.

<sup>251</sup> Natural de Buenos Aires, Manuel Belgrano (1770-1820) foi advogado, publicista e líder militar no processo de independência da Argentina. Sobre suas ideias educacionais ver: GAGLIANO, Rafael S. Manuel Belgrano: dilemas del pensamiento educativo de un ilustrado católico y revolucionario. In: BELGRANO, Manuel. *Escritos sobre educación*. Selección de textos. Buenos Aires: UNIPE, 2011.

<sup>252</sup> Bernardino Rivadavia (1780-1845) foi ministro do Governo de Buenos Aires entre 1821e 1824. Durante sua gestão propôs reformas que atingiram as esferas política, econômica, social e cultural. Para a elaboração de tais reformas contou com o dito “grupo rivadaviano”, que era composto por professores universitários, políticos e publicistas. Sobre as reformas, ver: GALLO, Klaus. “A la altura de las luces del siglo”: el surgimiento de un clima intelectual en la Buenos Aires posrevolucionaria. In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.), 2008.

<sup>253</sup> PALERMO, Alicia Itatí. El acceso de las mujeres a la educación universitaria. *Revista Argentina de Sociología*, Buenos Aires, nº 7, p. 32, 2006.

<sup>254</sup> BARRANCOS, Dora. Maestras, librepensadoras y feministas en la Argentina (1900-1912). In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.), 2008, p. 465-466.

sendo Manuel Belgrano um de seus promotores. Com as reformas de Bernardino Rivadavia,<sup>255</sup> houve uma ampliação de oportunidades no campo da educação para as argentinas. Um importante exemplo foi a fundação do Colegio de Huérfanas, que era mantido pela Sociedad de Beneficiencia. Esse Colegio foi importante para a instrução feminina, porém, “los progresos son lentos”.<sup>256</sup> Segundo Alicia Itatí, a Sociedad de Beneficiencia fundou também um Colegio de Enseñanza Superior<sup>257</sup> para Mujeres na Paróquia de Montserrat, no ano de 1825, porém, a experiência teve vida curta.<sup>258</sup>

O vagaroso avanço educacional após a independência pode ser explicado pela dificuldade das províncias financiarem o ensino público, articulado ao desinteresse de parcela dos governantes. Em compensação, nessa primeira metade de século XIX, surgiram muitas escolas privadas – tanto religiosas quanto leigas –, além daquelas fundadas por professoras particulares que se dedicavam, principalmente, à educação das mulheres da elite local.<sup>259</sup>

Na Argentina, em 1820, havia 27 escolas estatais e 71 privadas ou particulares; em 1830, o número das públicas subiu para 84 e das privadas e particulares para 130.<sup>260</sup> No entanto, a partir de 1835, a educação elementar sofreu grande desamparo por parte do governo, configurando-se num “terrible retroceso”, quando a maioria das escolas foi fechada. A educação das meninas também foi afetada, pois a Sociedad de Beneficiencia precisou paralizar suas atividades, devido à falta de recursos.<sup>261</sup> A Batalha de Caseros e a consequente queda de Juan Manuel de Rosas significou um crescimento significativo do ensino elementar e o aumento da presença feminina no magistério.<sup>262</sup> No ano de 1850, havia na Argentina uma população em idade escolar de 183.000 pessoas, mas apenas 11.903 estavam nas escolas, ou seja, 6,5%.<sup>263</sup>

Em 1860, o número de escolas públicas subiu para 317, superando as 276 instituições particulares.<sup>264</sup> No ano de 1869, a porcentagem de pessoas assistidas nas instituições escolares

---

<sup>255</sup> Sobre as reformas rivadavianas, ver: TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

<sup>256</sup> BARRANCOS, Dora, 2008, p. 466.

<sup>257</sup> Apesar da nomenclatura, tratava-se de uma instituição que oferecia educação secundária.

<sup>258</sup> PALERMO, Alicia Itatí, 2006, p. 34.

<sup>259</sup> FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J., 2004, p. 52-53.

<sup>260</sup> BARRANCOS, Dora. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>261</sup> SOLARI, Manuel Horacio. *Historia de la educación argentina*. 13ª reimp. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1991, p. 90-91.

<sup>262</sup> BARRANCOS, Dora. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>263</sup> EUJANIÁN, Alejandro. La cultura: publico, autores y editores. In: BONAUDO, Marta. (Dir.) *Nueva historia argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. p. 549

<sup>264</sup> FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Op. cit., p. 53.*

subiu para 20,4%, o que totalizava 82.679 pessoas.<sup>265</sup> Mas, os(as) estudiosos(as) argumentaram que foi Sarmiento o grande promotor da educação na Argentina oitocentista, o qual reservou importante papel para as mulheres nesse âmbito. Nas palavras de Barrancos:

El gran propulsor de la educación estaba convencido de que las mujeres ofrecían calidades superiores para el desempeño del magisterio, que sus funciones como procreadoras propendían a un mejor conocimiento del alma infantil y que sus atributos como guías principales de la enseñanza en la esfera del hogar las colocaba en una condición excepcional.<sup>266</sup>

Conforme a autora, os primeiros projetos de Escolas Normais que incorporaram “las vocaciones femeninas” foram promovidos por Sarmiento,<sup>267</sup> gerando, na década de 1870, um número maior de mulheres no magistério em detrimento dos homens. Sendo assim, apesar de toda discriminação de gênero e divisão sexual das funções, foram as mulheres as “protagonistas de la enseñanza pública que permitió el acceso a la alfabetización de las clases populares”.<sup>268</sup> Segundo Barrancos, com esse cenário é preciso considerar que “*las maestras* fueron artífices de los letrados.”<sup>269</sup> A autora concluiu que a feminização do magistério na Argentina não foi um fenômeno recente, foi sendo constituída desde o período colonial, perpassando a república oitocentista e se expandiu na primeira década do século XX.<sup>270</sup>

Portanto, percebi que, apesar das imposições sofridas pelas argentinas e brasileiras que viveram durante o século XIX, em sociedades marcadas pelo patriarcalismo, o magistério foi uma alternativa de inserção das mulheres no mundo do trabalho e na esfera pública, de forma mais ampla. Não é por acaso que grande parte das *periodistas* oitocentistas foram professoras e utilizaram a imprensa como uma tribuna de debate político e de defesa da educação das mulheres.<sup>271</sup>

Apesar do acesso de parte das mulheres à formação elementar e secundária, a inserção no Ensino Superior foi mais morosa. No vice-reinado do Rio da Prata foi fundada a

---

<sup>265</sup> EUJANIÁN, Alejandro. *Op. cit., loc. cit.*

<sup>266</sup> BARRANCOS, Dora, 2008, p. 466.

<sup>267</sup> É importante pontuar que Juana Paula Manso colaborou intensamente nos projetos educacionais de Sarmiento. Ela auxiliou na implementação de um plano educativo baseado nas concepções do educador e político estadunidense Horace Mann e tornou-se membro do Conselho Nacional de Educação. De 1862 a 1875 – ano de sua morte –, dirigiu os *Anales de Educación Común*, revista fundada por Sarmiento. Ver: ARAMBEL-GUIÑAZÚ, María Cristina; MARTIN, Claire Emilie. *Las mujeres toman la palabra: escritura femenina del siglo XIX*. Tomo I. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Volvert, 2001. p. 200.

<sup>268</sup> BARRANCOS, Dora, 2008, p. 467.

<sup>269</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>270</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>271</sup> A título de exemplo cito mulheres que atuaram na Argentina: Petrona Rosende de Sierra, Rosa Guerra, Juana Paula Manso, Juana Manuela Gorriti e Clorinda Matto de Turner; e mulheres que atuaram no Brasil: Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Maria Firmina dos Reis, Joanna Paula Manso, Francisca Senhorinha da Motta Diniz, Josephina Alvares de Azevedo, Narcisa Amália de Campos, Anália Franco e Revocata Heloísa de Melo.

Universidade de Charcas – região da atual Bolívia –, havia também a Universidade de Córdoba. No ano de 1822, o governo independente fundou a Universidade de Buenos Aires, que passou por momentos de ascensão e baixa, mas que oferecia formação nas áreas de Direito e Medicina, enquanto a de Córdoba ofertava cursos de Direito e Teologia. No Brasil, no ano de 1827, foram criados os cursos de Direito em São Paulo e Olinda, os quais se tornaram faculdades em 1854. Em 1832, foram instituídas as faculdades de Medicina no Rio de Janeiro e em Salvador. Uma distinção importante é que os cursos no Brasil eram pagos, já na Argentina isso só ocorreu durante o período Rosas.<sup>272</sup>

Se o número de cursos no Ensino Superior era limitado, a entrada das mulheres nesse nível de educação foi ainda mais restrita. No dia 19 de abril de 1879, o imperador Pedro II assinou a Lei Leôncio de Carvalho, que permitia o acesso das mulheres ao Ensino Superior. Nesse período, Maria Augusta Generosa Estrela estava estudando nos Estados Unidos, onde se formou em Medicina, também em 1879, tendo recebido bolsa paga pelo governo imperial.<sup>273</sup> Segundo Palermo, Maria Augusta foi a primeira mulher latino-americana a obter um título universitário.<sup>274</sup> Também se encontrava estudando no *New York Medical College and Hospital for Woman*, a brasileira Josefa Águeda Felisbella Mercedes.<sup>275</sup> É importante ressaltar que Joanna Paula Manso tornou-se cidadã brasileira para se matricular na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no ano de 1853, mas foi recusada por ser mulher.<sup>276</sup> Mesmo após a promulgação da lei, a inserção das mulheres nos cursos superiores foi demorada devido às concepções da época. Como dito anteriormente, definia-se muito bem os espaços que as mulheres deveriam ocupar.

Tal como no Brasil, o acesso das mulheres ao Ensino Superior na Argentina também foi demorado. Mais uma similitude entre as experiências dos dois países vizinhos se refere ao grande poder da tradição em dificultar a entrada das mulheres nos cursos superiores, mesmo após a regulamentação legal. Conforme Palermo, a Constituição argentina de 1853 reconhecia os mesmos direitos entre ambos os sexos, porém, isso não significou que as mulheres “pudieran ejercer su derecho a la educación superior sin mayores obstáculos.”<sup>277</sup> A primeira argentina a se inscrever numa instituição de Ensino Superior foi Élidea Passo, que cursou três

---

<sup>272</sup> FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J., 2004, p. 51.

<sup>273</sup> BLAY, Eva Alterman; CONCEIÇÃO, Rosana R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (76), p. 51, fev. 1991.

<sup>274</sup> PALERMO, Alicia Itatí, 2006, p. 29.

<sup>275</sup> As duas brasileiras fundaram o periódico *A Mulher* (1881-1883), que circulou nos Estados Unidos e, posteriormente, no Recife. Ver: DUARTE, Constância Lima, 2016, p. 25.

<sup>276</sup> LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-48, 1º sem. 2009.

<sup>277</sup> PALERMO, Alicia Itatí. *Op. cit.*, p. 31.

anos da Facultad de Humanidades y Filosofía de la Universidad de Buenos Aires e quatro matérias na Facultad de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales. Provavelmente, a hostilidade do meio acadêmico para com as mulheres tenha estimulado Élide a mudar de área. A pioneira seguiu a carreira do pai, conquistando o título de farmacêutica em 1885. Posteriormente, ela tentou matricular-se no curso de Medicina, mas sua inscrição foi negada. Após apelar a recurso judicial, a inscrição de Élide em Medicina foi deferida, mas ela não se formou devido ao seu falecimento em decorrência de tuberculose.<sup>278</sup>

Segundo Maria Ligia Prado, “as discussões sobre educação, desde a primária até a superior, ocupavam lugar pouco expressivo no cenário político do Império.” Sendo assim, os debates no Parlamento brasileiro, na década de 1850, deixaram as questões relacionadas à educação para segundo plano.<sup>279</sup> Conforme Luciano Mendes de Faria Filho, apenas na década de 1860 ganhou consistência a ideia de uma instrução organizada e sistematizada de acordo com “preceitos estabelecidos por leis gerais.”<sup>280</sup> No caso argentino, após a batalha de Caseros, houve esforços de reorganização do ensino, porém, “pocos fueron los progresos educativos en los primeros años, pues hasta que Sarmiento<sup>281</sup> comenzó a actuar, la educación se debatió en medio de la mayor desorientación”<sup>282</sup>. A partir de 1852, as questões educacionais ocuparam “lugar de destaque nos projetos políticos da elite liberal”,<sup>283</sup> ainda assim, as iniciativas, na área da educação, por parte da Confederação Argentina (1853-1861) “malograram sobretudo em razão da falta de recursos.”<sup>284</sup> Portanto, percebo que a educação na Argentina atingiu relevante superioridade em termos de amplitude de acesso, em relação ao Brasil, somente na segunda metade do século XIX, a partir dos investimentos dos governos de Bartolomé Mitre (1862-1868), de Domingo Faustino Sarmiento (1868-1874) e de Nicolás Avellaneda (1874-1880). Até o recorte temporal final desta tese – 1855 –, ao que a historiografia consultada revelou, o contexto educacional no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, inclusive em que concerne à educação das mulheres, não apresentou desnível significativo.

---

<sup>278</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>279</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. *Universidade, Estado e Igreja na América Latina*. In: PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 107.

<sup>280</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de, 2007. p. 139.

<sup>281</sup> Conforme Solari, “el verdadero progreso educativo de Buenos Aires se efectuó entre 1856 y 1861 y se debió a la acción personal desplegada por Sarmiento, que hizo de la provincia el centro renovador de la educación.” Ver: SOLARI, Manuel Horacio, 1991, p. 116.

<sup>282</sup> SOLARI, Manuel Horacio, 1991, p. 115.

<sup>283</sup> FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J., 2004, p. 52-53.

<sup>284</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de história nacional (1868-1912)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 23.



Ao vislumbrar esse cenário, percebo a necessária ousadia das argentinas e brasileiras ao lutarem pela causa feminina através da imprensa. Tanto no Brasil quanto na Argentina, o início da década de 1850 foi marcado por governos conservadores e, mesmo com as transições das forças políticas, traços das gestões anteriores faziam-se presentes na sociedade. Assim, os elementos fundamentais para o pleno exercício do ofício de *periodista* era dificultoso às mulheres, como o letramento e o acesso aos níveis superiores de ensino. Além disso, o imaginário construído sobre as mulheres oitocentistas também foi uma grande barreira. Como analisou Norma Telles, “tanto o senso comum como a ciência do século XIX, afirmavam que a mulher não pensa, ou não deve cansar sua cabecinha com problemas políticos ou filosóficos.”<sup>285</sup> Tais concepções geraram às mulheres “interdição à fala” e “interdição à escrita”, dificultando a imersão das mesmas em “importantes setores da linguagem e da erudição.”<sup>286</sup>

Segundo Néstor Auza, lançar um jornal feminino e mantê-lo em circulação, durante o século XIX, na sociedade portenha, exigia muito empenho para superar os preconceitos culturais e as adversidades financeiras, tendo em vista que tais impressos não ofereciam atrativos que angariassem financiamento dos grupos de alto poder aquisitivo e dos setores anunciantes da época. Por isso, para o autor, a história do *periodismo* portenho é tanto a de escritoras e redatoras esforçadas que objetivavam vencer as indiferenças de seus congêneres, criando e estimulando o gosto pela cultura, a começar pelo exercício de seus direitos, quanto a história do vagaroso avanço da “consciencia colectiva feminina” em direção à “conquista y consolidación de sus derechos a la cultura, a los ofícios, a las profesiones, y su rehabilitación como persona en la estructura social.”<sup>287</sup> Se manter jornais femininos em circulação exigia tanto esforço, imagine veicular periódicos de caráter feminista?

Tais reflexões de Néstor Auza também são válidas para a imprensa feminista carioca. Portanto, a presença das mulheres no universo da imprensa só foi possível devido à persistência e luta. Nas palavras de Norma Telles:

Para as mulheres que pensaram ser algo mais do que bonecas, ou inválidas, os textos masculinos colocaram problemas filosóficos, literários, metafísicos e psicológicos. Excluídas de participação efetiva na vida pública, da possibilidade de ocupar cargos, de assegurar dignamente sua sobrevivência e impedidas de ter acesso à educação superior, as mulheres do novecentos [e

---

<sup>285</sup> TELLES, Norma. *Encantaciones: escritoras e imaginação literária no Brasil. Século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 62.

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 63.

<sup>287</sup> AUZA, Néstor. *Periodismo y feminismo en la Argentina (1830-1930)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1988. p. 10.

também do oitocentos] permaneciam fechadas dentro de casas e sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, irmãos, senhores. [...] Ninguém é realmente aniquilado porque a cultura a define como não-ser ou pelos textos literários. E muitas brasileiras não o foram, pegaram na pena e escreveram.<sup>288</sup>

As argentinas e brasileiras encontraram na imprensa periódica um espaço de intervenção na vida pública, utilizando as páginas impressas para propagar ideias, convidar as mulheres a se expressarem e propor mudanças políticas e sociais. A meta de intervenção no espaço público é, segundo Tania de Luca, uma característica da imprensa brasileira oitocentista, que se preocupava mais com a defesa “apaixonada” de ideias do que com os retornos monetários gerados pelo jornalismo<sup>289</sup> — constatação que converge com os relatos expressos pelos periódicos analisados. Segundo a análise de Alexandra Pita González, a pretensão de controle da opinião pública<sup>290</sup> foi elemento marcante na imprensa latino-americana também na primeira metade do século XX.<sup>291</sup>

Os periódicos analisados tinham clara intenção de intervenção no espaço público, cujo foco era dado na questão feminina. A título de exemplo, segue o trecho de uma publicação do *La Camelia*:

Para sistemar la defensa de nuestro sexo, empezaremos por presentar la suerte que le cupo desde que el mundo fué creado, y con sola narracion de los hechos, quedará probada la injusticia del hombre hácia nosotras; injusticia tanto mais irritante, cuando solo estriba en el conocimiento de su fuerza fisica, de la que abuso para esclavizar a la mitad de sí mismo, y mitad la mas preciosa.<sup>292</sup>

Este periódico, que almejava findar com a opressão histórica imposta às mulheres, tinha por lema a “igualdad entre ambos sexos”. Outros impressos também deixaram expressos seus desejos de intervenção pública em prol das causas femininas, como o *Jornal das Senhoras*, que propunha a “emancipação moral” da mulher, e o *Album de Senõritas*, que lutou também pela “emancipacion moral de la muger”.

---

<sup>288</sup> TELLES, Norma. Fragmentos de um mosaico: escritoras brasileiras do século XIX. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, ago./dez. 2005. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys8/literatura/norma.htm>. Acessado em 12 de novembro de 2016.

<sup>289</sup> LUCA, Tania Regina de, 2005, p. 133.

<sup>290</sup> Ver discussão a respeito da opinião pública em: MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003; GOLDMAN, Noemí. Opinión publica. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Lenguaje y revolución*. Conceptos políticos clave en el Río de la Plata (1780-1850). Buenos Aires: Prometeo, 2008.

<sup>291</sup> PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Las revistas culturales como fuente de estudio de redes intelectuales. In: PALÁCIO MONTIEL, Celia del; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarely (Coord.). *Voces en papel*. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970. México, Universidad Autónoma de Chiapas, 2008. p. 5.

<sup>292</sup> [Sem título]. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 13 abr. 1852.

Pita González afirmou que a imprensa foi adquirindo elevada importância a partir de fins do século XIX, principalmente devido ao aumento do público leitor urbano.<sup>293</sup> Neste contexto da segunda metade do século XIX, tanto na Argentina quanto no Brasil, o lugar da polêmica pública ultrapassou os marcos estatais.<sup>294</sup> Segundo Mabel Moraña, exemplo desse tipo de discussão podia ser encontrado no *Jornal das Senhoras*, “empresa transnacionalizada de temprano feminismo americano que nuclea, como alternativa a los proyectos estatales de homogeneización ciudadana y patriarcalismo socio-cultural, a un sector que reclamaba nuevas formas de representatividad política y representación simbólica.”<sup>295</sup> Assim, os atores sociais envolvidos com os empreendimentos editoriais “buscaran expresar sus inquietudes a través de este medio de comunicación y, simultáneamente, encontrar un espacio que legitimara la posición que deseaban alcanzar.”<sup>296</sup>

Marco Morel também percebeu o aumento do público leitor no Brasil durante o oitocentos. O autor argumentou que, apesar do alto índice de analfabetismo, “o rótulo de ‘elitismo’ para a imprensa que surgia deve ser visto com cautela”. Pois “havia cruzamentos e interseções entre as expressões orais e escritas, entre as culturas letradas e iletradas”. Sendo assim, é importante considerar que a leitura “não se limitava a uma atitude individual e privada, mas ostentava contornos coletivos.”<sup>297</sup> Ao refletir sobre o mesmo contexto histórico, Marialva Barbosa seguiu o mesmo raciocínio de Morel, afirmando que “numa sociedade oralizada por excelência, as letras impressas sempre foram mais ouvidas do que lidas.”<sup>298</sup> A própria fonte analisada deixou indícios da prática de leitura oral, por exemplo, quando uma leitora/colaboradora do *Album de Señoritas* declarou em uma correspondência que, ao receber seu exemplar, se dirigiu para uma esquina vizinha: “Ya se sabe, hubo lectura en alta voz interrumpida por mil comentarios, favorables los unos, dudosos los otros.”<sup>299</sup>

Tais reflexões são relevantes para dimensionar a importância e o alcance dos debates travados na imprensa. Certamente, os periódicos propiciaram a discussão política em um número superior de assinantes e leitores(as) das folhas impressas, afinal os(as)

---

<sup>293</sup> PITA GONZÁLEZ, Alexandra, 2008, p. 5.

<sup>294</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>295</sup> MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Otra Travesía*, Ilha de Santa Catarina, n° 40/1, p. 67, 2° sem. 2003.

<sup>296</sup> ALTAMIRANO y SARLO *Apud* PITA GONZÁLEZ, Alexandra. *Op. cit.*, p. 5-6.

<sup>297</sup> MOREL, Marco, 2008, p. 39.

<sup>298</sup> BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 21.

<sup>299</sup> ANARDA. Sem título. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 12, 08 jan. 1854.

“leitores[as]/ouvintes” eram, de alguma maneira, “receptores[as] e também retransmissores[as]”<sup>300</sup> dos conteúdos e polêmicas publicadas.

Apesar da potencialidade expressa pelos periódicos, tanto no Rio de Janeiro quanto em Buenos Aires, como maneira de inserir algumas mulheres enquanto agentes sociais e pessoas ativas nos debates nacionais, observei também os inúmeros desafios enfrentados pelas proprietárias para manter os impressos em circulação. É a respeito desse veículo de divulgação das ideias feministas que refletirei no próximo tópico.

#### **1.4 Os periódicos feministas e seus arranjos tipográficos**

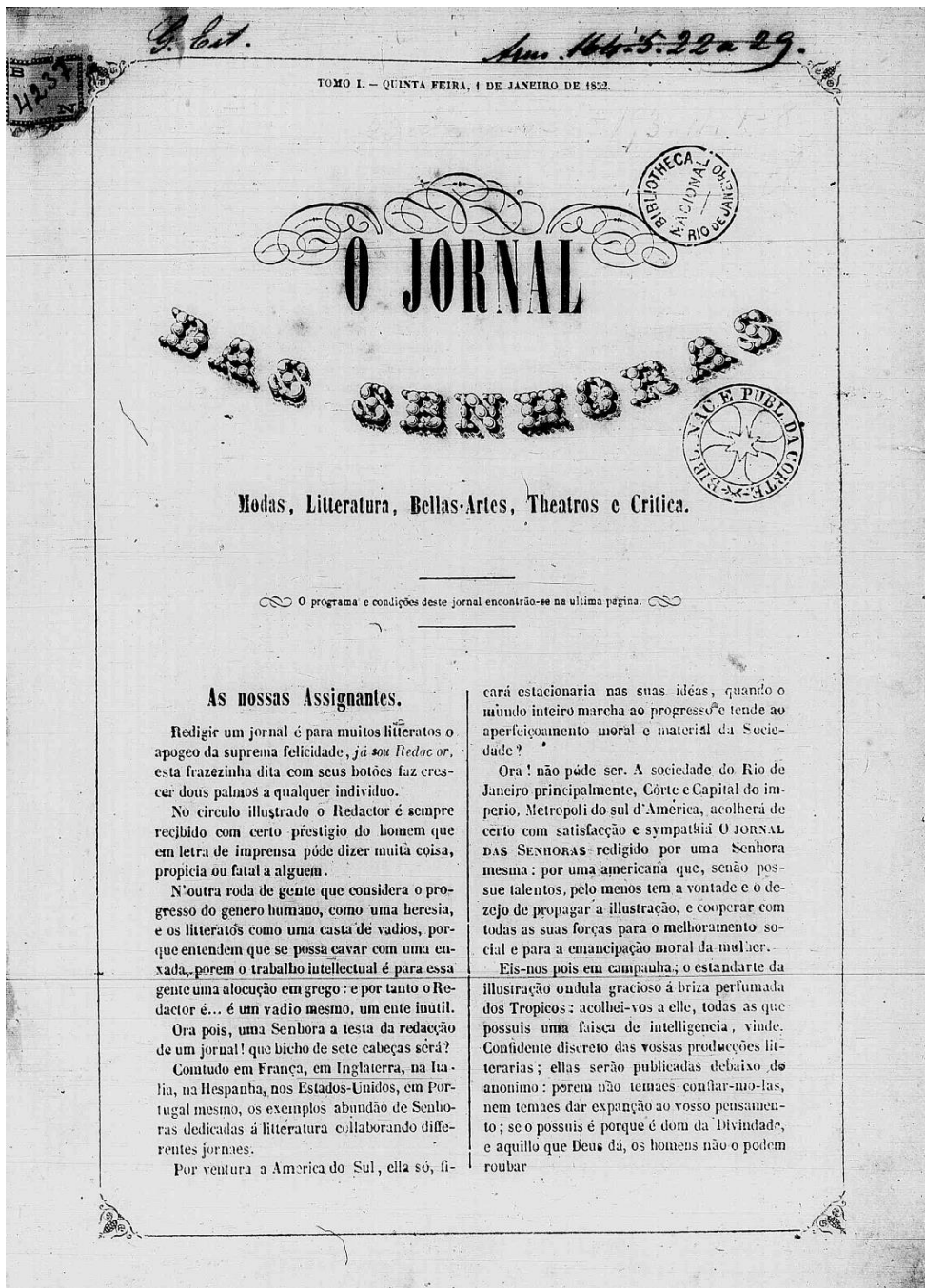
Ao manusear um periódico, geralmente, depara-se com uma arquitetura coerente de textos, recursos tipográficos, imagens, seções, títulos, diferentes formatos de letras, número diverso de colunas, cabeçalho, quantidade de linhas por página etc. Mas não se engane, a materialidade dos impressos não é algo dado. Para que jornais e revistas cheguem às nossas mãos num formato que pode parecer óbvio, passaram por um cuidadoso processo de escolhas dentre os recursos disponíveis, que envolvem tecnologia e intenção dos(as) proprietários(as) e redatores(as). Como bem afirma Tania Regina de Luca: “Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê.”<sup>301</sup>

Com os olhos atentos à materialidade dos impressos analisados neste trabalho, sugiro a observação da primeira página de cada um deles.

---

<sup>300</sup> MOREL, Marco, 2008, p. 41.

<sup>301</sup> LUCA, Tania Regina de, 2005, p. 132.



TOMO I. — QUINTA FEIRA, 1 DE JANEIRO DE 1852.

# O JORNAL

## DAS SENHORAS

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.

### As nossas Assignantes.

Redigir um jornal é para muitos litteratos o apogeo da suprema felicidade, já sou Redac. or. esta frazezinha dita com seus botões faz crescer dous palmos a qualquer individuo.

No circulo illustrado o Redactor é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pôde dizer muita coisa, propicia ou fatal a alguém.

N'outra roda de gente que considera o progresso do genero humano, como uma heresia, e os litteratos como uma casta de vadios, porque entendem que se possa cavar com uma enxada, porem o trabalho intellectual é para essa gente uma alocação em grego: e por tanto o Redactor é... é um vadio mesmo, um ente inutil.

Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será?

Contudo em França, em Inglaterra, na Italia, na Hespanha, nos Estados-Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundão de Senhoras dedicadas á litteratura collaborando diferentes jornaes.

Por ventura a America do Sul, ella só, fi-

cará estacionaria nas suas idéas, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?

Ora! não pôde ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do imperio. Metropoli do sul d'America, acolherá de certo com satisfação e sympathia O JORNAL DAS SENHORAS redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o dezojo de propagar a illustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher.

Eis-nos pois em campanha; o estandarte da illustração ondula gracioso á briza perfumada dos Tropicos: acolhei-vos a elle, todas as que possuís uma faísca de intelligencia, vinde. Confidente discreto das vossas produções litterarias; ellas serão publicadas debaixo do anonimo: porem não temaes confiar-mo-las, nem temaes dar expansão ao vosso pensamento; se o possuís é porque é dom da Divindade, e aquillo que Deus dá, os homens não o podem roubar.

Imagem 1: O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1852

¡ VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA !

LIBERTAD! NO LICENCIA; IGUALDAD ENTRE AMBOS SEXOS.

BIEN SU EGRO—  
se puede vivir sin color.



BIEN SU MUJER—  
no se puede vivir sin amor.

BIBLIOTECA  
B. A.  
PÚBLICA

# LA CAMELIA.

TOMO I. —BUENOS AYRES: Jueves 29 de Abril de 1852.— Núm. 9.

Esta Periódico, se publica los Domingos, Martes y Jueves por la IMPRENTA REPUBLICANA, Calle San Francisco Núm. 154.— Todo se admite suscripciones, como en la Librería de Ortíz, Calle de Santa Clara Núm. 51 y media—y Confitería de Gillo calle del Perú núm. 34.— Su Precio es el de 10 pesos mensuales pagaderos á fin de cada mes—á saber: cuatro 2 pesos.

## LAS REDACTORAS.

Dotadas nosotras como los hombres, con las mismas facultades que la naturaleza les ha concedido, con las mismas obligaciones para con la sociedad, con el mismo fin de civilizar y engrandecer los pueblos y el Universo todo; ¿por qué pues, se niega el cultivo, á una mitad de los seres de la tierra? ¿Cómo querer desconocer que estamos dotadas de las mismas facultades ligadas á los mismos intereses, y en la misma posibilidad de ilustrar, y de ser ilustradas? . . . La Patria precisa, que se hagan universal el conocimiento de las ciencias en ambos sexos, por que así puede esperar, que la nueva generacion dé ciudadanos útiles, y capaces de sustituir, á los que hoy presiden los altos destinos de la República.

Nuestras generaciones podrian decir lo que los espartanos "Ellos nos han transmitido la vida y las virtudes."

Si en un país como el nuestro se requiere elevar el alma de los hombres, á producir sentimientos sublimes, ¿y quienes mas aparentes para inspirar este sentimiento á nuestros hijos que nosotras? Pero como! si nos hallamos desnudas de los conocimientos científicos; si no poseemos

otra dote que lo que la naturaleza nos ha concedido; ¿por qué no concluyen las preocupaciones que hasta aquí han existido entre nosotros? Preocupaciones, tan denigrantes á un pueblo civilizado y culto como el nuestro, como indebido tambien, juzgar que nuestro sexo es incapaz de poseer conocimientos en ciencias, ó que son innecesarias en nosotras.

Si nuestra educacion fuese mas esmerada; si se nos diese el auxilio de las ciencias se desterraría de entre nosotras las supersticiones y el abuso; entonces seriamos mas útiles á nuestros hijos, porque podriamos enseñarles y decirles: unos mismos alimentos os mantienen, y unas mismas leyes os gobiernan, amaos unos á otros, sed útiles y servid á la Patria, morid por ella si es necesario. De este modo se dispondría el hombre desde la infancia á la virtud y al heroismo: si, de este modo se enseñaría á la juventud á respetar, lo que hay mas respetable, Dios y la Patria. Así se harian desaparecer aquellos jóvenes insensatos, que no estiman sino lo frívolo, y no desprecian sino lo grande: La ciencia es el mejor patrimonio que podemos heredar de nuestros padres, ella nos hace conocer nuestras obligaciones para con la sociedad, para con Dios y la Patria; ella borra esa idea funesta en la imaginacion de los vicios, que siempre acecha al que no la posee; en fin, consagremos esta época de libertad y felicidad para regenerar el vicio é instituir la

Imagen 2: *La Camelia*, Buenos Aires, 29 de abril de 1852

# ALBUM DE SEÑORITAS.

PERIÓDICO

DE

LITERATURA, MODAS, BELLAS ARTES Y TEATROS.

El programa y condiciones de esta publicación se encontrarán en la última página.

## LA REDACCION.

Prometí un prospecto al público, y falté á lo prometido: hubieron personas que me digeron: *Los prospectos y las proclamas están desacralitados entre nosotros*: reconocí la justicia de esta observacion y juzgué que el mejor prospecto que podia dar era el primer número de mi periódico—Entre tanto habrá quien haya esperado por él, y yo ni aun he corregido los anuncios de los diarios—he tenido pereza, he dicho—me perdonarán cuando sepan que un primer número me cuesta cinco veces mas que un prospecto y que he preferido gastar mas, con tal de dar una idea mas clara de mi pensamiento, y una prueba mas eficaz de mi buena voluntad.

Todos mis esfuerzos serán consagrados á la ilustracion de mis compatriotas, y tenderán á un único propósito—Emanciparlas de las preocupaciones torpes y añejas que les prohibian hasta hoy hacer uso de su inteligencia, enagenando su libertad y hasta su conciencia, á autoridades arbitrarias, en oposicion á la naturaleza misma de las cosas, quiero, y he de probar que la inteligencia de la muger, lejos de ser un absurdo, ó un defecto, un crimen, ó un desatino, es su mejor adorno, es la verdadera fuente de su virtud y de la felicidad doméstica porque Dios no es contradictorio en sus obras, y cuando formó el alma humana, no le dió *sexro*—La hizo igual en su esencia, y la adornó de facultades idénticas—Si la aplicacion de unas y de otras facultades difiere, eso no abona para que la muger sea condenada, al embrutecimiento, en cuanto que

el hombre es dueño de ilustrar y engrandecer su inteligencia; desproporcion fatal que solo contribuye á la infelicidad de ambos y á alejar mas y mas nuestro porvenir. Y no se crea que *la familia* no es de un gran peso en la balanza de los pueblos, ni que la desmoralizacion y el atraso parcial de los individuos no influye en bien ó en mal de la sociedad colectiva.

Si soy tan feliz que consigo la proteccion de mis compatriotas, desenvolveré un plan de estudios que creo apropósito para mi objeto. Conocimientos fáciles de adquirir que estuvieron hasta hoy en el recinto del misterio y en el dominio exclusivo de los hombres y que publicados en este periódico harán mas por el desenvolvimiento de la inteligencia que millares de reflexiones y de palabras.

Mas adelante tambien, con un aumento de otros diez pesos mensuales podré obtener todos los meses figurines, moldes de vestidos, dibujos y músicas.

Recibiré desde ahora con mucho placer todas las correspondencias que se dignen enviarme y que publicaré como lo exijan.

El elemento americano dominará exclusivamente los artículos literarios. Dejaremos á Europa y sus tradiciones seculares, y cuando viajemos, será para admirar la robusta naturaleza, los gérmenes imponderables de la riqueza de nuestro continente: y no perderemos nada. Allá el pensamiento del hombre y el polvo de mil generaciones! aquí el pensamiento de Dios, puro, grandioso y primitivo, que no es posible contemplar sin sentirse conmovido.

Ahi teneis pues, el primer número del *Album de*

Imagen 3: *Album de Señoritas*, Buenos Aires, 01 de janeiro de 1854

Após a observação, questiono: tratava-se de jornais ou de revistas? Apesar da aparente semelhança, já no século XIX, jornais e revistas eram veículos diferentes. Segundo Regina Crespo, os conhecidos como “grandes periódicos” tinham mais complexidade em sua estrutura e possuíam melhores recursos financeiros, o que lhes permitia inserir em suas páginas os suplementos; já as revistas geralmente eram caracterizadas pela precariedade em sua organização, o que lhes acarretava problemas na distribuição, escassez de recursos e, às vezes, o cessar de sua circulação.<sup>302</sup> A autora caracterizou as revistas como publicações intermediárias entre os livros e os jornais: enquanto o livro possuía um tempo de reflexão mais demorado, os jornais precisavam trabalhar numa temporalidade mais imediata, “al calor de los hechos”; já o tempo da revista era menos urgente, o que lhe permitia produzir textos mais reflexivos e analíticos.<sup>303</sup>

Os impressos analisados neste trabalho não podem ser caracterizados como “grandes periódicos”, pois se tratavam de empreendimentos de grupos pequenos de mulheres, as quais usavam seus próprios recursos para colocar suas ideias em circulação. Sem patrocínio, as proprietárias tinham grande dificuldade em manter um periódico. Por isso, era preciso conquistar assinantes para que as ideias permanecessem em constante movimento. Mesmo após adquirir um número significativo de assinaturas, as redatoras enfrentavam situações difíceis. Para compreender as peculiaridades dos impressos analisados, trago algumas reflexões de ordem financeira, que são elementares para as considerações sobre o *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas*.

As dificuldades financeiras para a manutenção de periódicos não era exclusividade do Rio de Janeiro. Segundo Andrea Bocco, durante o século XIX, na Argentina, a questão econômica era central para os órgãos jornalísticos e pode revelar a complexidade das relações estabelecidas por tais empreendimentos com o Estado, com os grupos políticos e com o público leitor.<sup>304</sup> Conforme Hilda Sabato, na década de 1850, para aqueles(as) que fundavam um periódico “la dependencia del Estado era casi total”. Como a venda dos impressos se dava por meio de assinaturas, para conseguir mantê-los em circulação, os(as) jornalistas “debían

---

<sup>302</sup> CRESPO, Regina. Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación. COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA Y CIENCIAS SOCIALES, Colima, Universidad de Colima, 2010. CD-ROM, p. 1.

<sup>303</sup> *Ibidem*, p. 2.

<sup>304</sup> BOCCO, Andrea. *Literatura y periodismo* (1830-1861) – Tensiones y interpenetraciones en la conformación de la literatura argentina. Córdoba: Editorial Universitas, 2004. p. 47.



conseguir subsidios o suscripciones importantes por parte del gobierno provincial o nacional.”<sup>305</sup>

Naquele contexto, devido à escassez de recursos, para colocar as ideias em circulação, era necessário muito além de um(a) redator(a) responsável, era preciso ter acesso a materiais básicos como papel e verbas para o pagamento de funcionários(as) da imprensa. Também era fundamental arquitetar os pontos de distribuição dos impressos. De acordo com Bocco, até 1867, as assinaturas eram o único meio de circulação de periódicos e tal mecanismo de propagação teve que lutar contra algumas adversidades. A autora enfatizou o alto índice de analfabetismo na República Argentina, em meados do século XIX, e a relativamente recente atividade jornalística no país,<sup>306</sup> conforme analisei no tópico anterior.

Desta forma, o fato das pessoas terem acesso limitado à prática de leitura era um empecilho para a venda dos periódicos e, conseqüentemente, para a manutenção dos impressos em circulação. Percebo que tal situação foi semelhante em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Ao vislumbrar este cenário, não causa espanto o fato de que Juana Paula Manso tenha enfrentado dificuldades para manter suas ideias em circulação, ao retornar à sua terra natal e criar um novo órgão de imprensa. Após publicar oito números do impresso *Album de Señoritas*, a proprietária e redatora, com pesar, anunciou o fim de seu empreendimento:

Concluyen con este número mis tareas, y con el derecho del amor maternal, labro aquí el epitafio de este mi querido hijo, cuya muerte prematura es para su madre una decepcion de mas en la vida [...]!  
Vivió y murió desconocido como su madre lo *fué siempre* en la region del Plata; no bastaron ni cuidados ni sacrificios á robustecerle una vida minada por la *consuncion* desde que nació en el desamparo y en el páramo de la indiferencia: ahí quedas hijo mio, página de mi alma, que encierras mas de un misterio de dolor: en tu fosa solitaria, quién depondrá una flor? Nadie!  
Adios pues, lectoras, perdonad si acostumbrada á escribir en otro idioma, no usé un language puro y castizo; si mi corta inteligéncia nada creó que os fuere útil, y si mi estilo no tiene la fluidez y la frescura de otros.  
No fué la voluntad la que me faltó, pero cada uno *es lo que es y no lo que debería ser*.<sup>307</sup>

A despedida que Juana Paula Manso ofereceu às suas leitoras demonstra o empenho da redatora em sua causa e a conseqüente decepção ao declarar a “muerte prematura” de seu estimado *Album de Señoritas*. Segundo o relato da proprietária, seu impresso teria sido pouco conhecido, assim como ela mesma. Entristecida, Juana Paula Manso afirmou ter sido

---

<sup>305</sup> SABATO, Hilda. La vida pública en Buenos Aires. In: BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva Historia Argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999. p. 193.

<sup>306</sup> BOCCO, Andrea, 2004, p. 48-49.

<sup>307</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 64, 17 feb. 1854. [grifos no original]

desamparada e ter sofrido indiferença de seus conterrâneos, o que inviabilizou a manutenção do impresso. Por fim, ela pediu desculpas por uma possível defasagem intelectual (seria realmente a falta de qualidade do impresso que gerava tamanha indiferença e falta de apoio?). A redatora já previa, quatro números antes, o possível fim de seu periódico, demonstrando frustração por não ter tido apoio em sua terra natal pela iniciativa de escrever exclusivamente para senhoras, enquanto num país estrangeiro seu talento fora reconhecido (teria sido a imprensa feminista, de forma mais abrangente, mais bem aceita no Rio de Janeiro do que em Buenos Aires?). Nas palavras de Juana Manso:

Toda mi ambicion era fundar un periódico dedicado enteramente á las señoras, y cuya única mision fuese ilustrar; lo habia conseguido asi en el Rio de Janeiro donde “El Jornal das Senhoras” está en el tercer año de su publicacion. Las simpatias que mereci en aquella corte, los testimonios todos de deferencia y de apoio, con que me favorecieron, me indugeron á esperar outro tanto en mi pais.... Infelizmente mis esperanzas fueron flores pasajeras, que el viento del desengaño deshojó al querer abrir....<sup>308</sup>

Diante das recorrentes súplicas de apoio financeiro encontradas nas páginas dos impressos, percebi o quão importante e, até mesmo, determinante foi o acesso a recursos básicos para a manutenção dos periódicos. Ana Luiza Martins constatou que as “assinaturas sustentavam parte das publicações, mas o aporte de capitais era fundamental para a manutenção do impresso, alimentando uma imprensa política desde então comprometida com seus financiadores.”<sup>309</sup> No mesmo sentido, ao analisar a imprensa oitocentista, Matías Molina afirmou que a trajetória da imprensa no Brasil “é a história dos subsídios”, prática muito mais intensa do que costuma-se pensar. Conforme o autor, grande parte da imprensa vivia “à sombra do poder público”, ou seja, os governos e partidos “justificavam o pagamento de dinheiro público em troca de uma opinião favorável da imprensa.”<sup>310</sup> Como os jornais feministas analisados não estavam atrelados aos partidos políticos, a dificuldade de manutenção foi constante. Assim, no avançar da lógica capitalista, os ideais foram muitas vezes abafados pela escassez de moeda.

Na Argentina, durante a década de 1850, o governo subsidiava alguns periódicos a partir das seguintes modalidades:

la cesión de la Imprenta del Estado, la provisión de insumos (tinta o papel), el otorgamiento de cargos en la administración a redactores y editores (o al revés: la actuación de funcionarios como redactores); pero lo más usual era

---

<sup>308</sup> MANSO DE NORONHA, J. P.. A nuestras subscriptoras. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 40, 29 feb. 1854.

<sup>309</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de, 2008, p. 57.

<sup>310</sup> MOLINA, Matías M., 2015, p. 453.

la suscripción de ejemplares y la contratación de la imprenta para publicar documentos oficiales.<sup>311</sup>

*Album de Señoritas* não conseguiu angariar nenhuma das modalidades de subsídio governamental, somando ao baixo número de assinantes conquistados(as), tornou-se insustentável a permanência de sua veiculação.

Ao retomar a reflexão sobre as aproximações e distanciamentos dos formatos de jornal ou revista, não se pode negligenciar as implicações dos recursos na própria configuração material dos impressos. Conforme Hilda Sabato, em Buenos Aires, os periódicos mais “importantes” possuíam diagramação bem semelhante, apresentando uma grande dimensão – entre 85cm X 65cm –, com colunas de 6 a 8 centímetros e com variados estilos de letras. Além disso, não era comum a impressão de imagens, sendo exceções as edições satírico-burlecas por veicularem caricaturas.<sup>312</sup>

As fontes em questão tinham organização textual dotada de pouca complexidade e utilizavam diminutos recursos tipográficos. Basta retornar às imagens anteriormente apresentadas para perceber a simplicidade gráfica dos periódicos analisados: apresentavam cabeçalho simples; poucas imagens e de baixa qualidade; mínima variação de letra; pouco recurso para delimitar as seções etc. Ressalto que a simplicidade apresentada não estava relacionada à ausência de prelos com capacidade para a impressão de periódicos mais sofisticados, pois havia periódicos contemporâneos que foram veiculados com vinhetas mais trabalhadas,<sup>313</sup> que apresentavam seções demarcadas, que continham mais colunas e mais textos por página. No caso brasileiro, a título de exemplo, podemos citar o *Jornal do Commercio*,<sup>314</sup> periódico criado pelo francês Pierre Plancher em 1827. Segundo Ana Luiza Martins, Plancher, ao chegar ao Brasil em 1824, trouxe “equipamentos avançados e alguns operários especializados”.<sup>315</sup> Tendo isso em vista, de acordo com a reflexão de Crespo, os impressos em questão neste trabalho se aproximam mais do formato de revistas literárias e culturais.

De acordo com Dulcília Buitoni, no século XIX, “o termo revista relacionava-se mais com o conteúdo do que com o formato, pois, na prática, era difícil distingui-la dos jornais

---

<sup>311</sup> WASSERMAN, Fabio, 2009, p. 135.

<sup>312</sup> SABATO, Hilda, 1999, p. 193.

<sup>313</sup> Para este quesito, consultar periódico *La ilustracion Argentina* (1853-1854), veiculado em Buenos Aires, disponível no Tesouro da Biblioteca Nacional Mariano Moreno.

<sup>314</sup> Este jornal, que conseguiu manter-se em circulação por quase 189 anos, sendo interrompido no ano de 2016, agora encontra-se disponível para pesquisa na Hemeroteca Digital do Rio de Janeiro.

<sup>315</sup> MARTINS, Ana Luiza, 2008, p. 52.

pelo aspecto visual”.<sup>316</sup> Dessa forma, seria o entretenimento, a poesia, os relatos de viagem e a ficção que definiria um impresso oitocentista como revista.<sup>317</sup> Na mesma direção, constatou Constância Lima Duarte, em sua reflexão sobre o século XIX, no Brasil: “Naquela época, jornal e revista, observo, tinham a mesma aparência, distinguindo-se apenas na diversidade de gêneros literários e nas matérias de entretenimento, que costumavam ser maiores nas denominadas revistas.”<sup>318</sup>

Corroboro Buitoni e Duarte a respeito da dificuldade em distinguir, em meados do século XIX, revista e jornal pelo formato. Entretanto, os conteúdos dos impressos aqui analisados ultrapassam o caráter de entretenimento e literatura estabelecido por Buitoni para caracterizar uma revista. Os periódicos analisados veicularam esse tipo de conteúdo, mas também trouxeram artigos reflexivos sobre a questão feminina, a educação, a política, os costumes etc.

Para Roxana Patiño, a revista possui natureza híbrida, localizando-se na interseção entre “o periodístico, e o intelectual e artístico”. Porém, no campo cultural, as revistas não possuem um lugar pré-estabelecido: “mais do que um lugar fixo e imutável em uma determinada ordem cultural, as revistas possuem funções específicas mais flexíveis.”<sup>319</sup> Além disso, para a autora, o tempo da revista “por excelência, é o presente”. Assim, ela trabalha para “deixar sua marca no presente, não está interessada no futuro como o livro.”<sup>320</sup>

Beatriz Sarlo dialogou com esse posicionamento de que a “autenticidade” da revista está no presente, por isso sua vontade é sempre de intervir na sociedade para modificá-la. Ao comparar as temporalidades da revista e do livro, a autora afirmou que “la revista hace posible intervenciones exigidas por la coyuntura, mientras que los libros juegan habitualmente su destino en el mediano o el largo plazo,”<sup>321</sup> Tendo isto em vista, Sarlo enfatizou que o tempo por excelência da revista enquanto prática de produção e circulação é o presente. Dessa maneira, “las revistas no se planean para alcanzar el reconocimiento futuro”, porém, textos avulsos, que foram veiculados em revistas, podem atingir temporalidades futuras.<sup>322</sup> Observei, então, que a autora defendeu que a “*forma revista*”, enquanto prática, só é possível num tempo presente. Em suas palavras: “De algún modo, nada es más viejo que una revista vieja:

---

<sup>316</sup> BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. p. 17.

<sup>317</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>318</sup> DUARTE, Constância Lima, 2016, p. 21.

<sup>319</sup> PATIÑO, Roxana. América Latina. Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (Orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 460.

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 461.

<sup>321</sup> SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *América: Cahiers du CRICAL*, París (França), n. 9-10, p. 9, 1992.

<sup>322</sup> *Ibidem*, loc. cit.

ha perdido el aura que emerge de su capacidad o, mejor, de su aspiración a ser una presencia inmediata en la actualidad.”<sup>323</sup> Além disso, para Sarlo, as revistas são “*bancos de prueba*”, já que deixam registrado como se pensava o futuro em determinado presente.<sup>324</sup> Portanto, as “revistas viejas” são matérias de estimável importância para os(as) historiadores(as).

Ao levar em consideração os argumentos de Patiño e Sarlo, identifiquei nos impressos analisados neste trabalho a vontade de intervir na sociedade para modificá-la. Entretanto, há diferenças na perspectiva temporal, já que os impressos feministas em questão tinham nítida perspectiva de futuro, seja nas mudanças políticas e sociais, no desejo de circulação e releituras constantes, e ao propor projetos que abrangiam temporalidades curtas, médias e longas.

A própria paginação dos impressos é um indício elucidativo da preocupação com o tempo futuro. A paginação do *Jornal das Senhoras* era contínua, ou seja, a cada nova publicação a página não iniciava no numeral um, ela seguia a sequência da edição anterior – o mesmo ocorreu com o impresso publicado em Buenos Aires: *Album de Señoritas*. Logo na segunda publicação do periódico *Jornal das Senhoras*, percebi a preocupação de Joanna Paula Manso em incentivar suas leitoras a arquivar os números do jornal para leituras futuras, nas palavras impressas: “pedir ás minhas assignantes de fazerem encadernar este Jornal, bem encadernadinho.”<sup>325</sup> Além disso, encontrei um aviso da redação – sob chefia de Gervazia Nunezia – a respeito de um intervalo que a publicação faria, no dia 30 de dezembro de 1855:

Nem tão pouco nós esmorecemos, Senhoras. Não esmoreceremos jamais. Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessaria, no proximo anno de 1856; e com favor de Deus o JORNAL DAS SENHORAS reaparecerá em 1857, para porsequirmos ao honroso fim a que nos propoemos [...] – adeos – até o anno de 1857.<sup>326</sup>

Infelizmente, não tenho vestígios do retorno da publicação. Entretanto, não posso deixar de considerar o desejo da equipe de manter o periódico em circulação. Para os dias atuais, a prática de arquivamento dos periódicos pode soar estranha, já que os jornais veiculam notícias do “calor da hora”, ficando rapidamente desatualizadas. O ato de colecionar os jornais feministas oitocentistas fazia sentido devido ao caráter reflexivo dos textos veiculados. Além desses artigos, tais periódicos veiculavam poesia, romance, conto, biografia, figurino, charadas, receitas domésticas etc., ou seja, elementos duradouros, que faziam jus a

---

<sup>323</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>324</sup> *Ibidem, p. 9-11.*

<sup>325</sup> QUEM eu sou e os meus propósitos. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 11, 11 jan. 1852.

<sup>326</sup> A REDACÇÃO. [Sem título]. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 409, 30 dez.1855.

serem arquivados ou colecionados para consulta posterior. Ainda chamo atenção para o fato de que muitos projetos, construídos nas páginas da imprensa aqui analisada tinham temporalidade duradoura, e como mudanças estruturais não são possíveis de ocorrer em curto intervalo de tempo, tais projetos demorariam a se tornar desatualizados, o que fazia sua leitura válida por muitos anos.

Após perpassar esse debate, retomo a questão inicial: os impressos analisados neste trabalho devem ser caracterizados como revistas ou jornais? Vale atentar para as relevantes considerações de Tania de Luca:

As definições hoje correntes, que reservam o termo *jornal* para a publicação diária, em folhas separadas, e *revista* para as de periodicidade mais espaçada, enfeixadas por uma capa e com maior diversidade temática, tampouco esgotam a questão, pois sempre se pode citar os jornais semanais e seu afã de também tudo abarcar, ou as revistas extremamente especializadas. As classificações abstratas e generalizantes, por muito útil que sejam, não prescindem da caracterização específica construída a partir da análise do próprio corpo documental selecionado, das funções autoatribuídas, em articulação constante com a sociedade, o tempo e o espaço no qual a fonte se insere. Em outras palavras, as diferenças na apresentação física e estruturação do conteúdo não se esgotam em si mesmas, antes apontam para outras, relacionadas aos sentidos assumidos pelos periódicos no momento de sua circulação.<sup>327</sup>

Inspirada na reflexão dessa historiadora, concluí que é mais interessante atentar para a autodenominação feita pelos próprios impressos e compreendê-los em suas particularidades do que tentar encaixá-los em uma caracterização mais abstrata. Por isso, optei, ao longo desse trabalho, por referenciar o *Jornal das Senhoras* como jornal; o *La Camelia* e *Album de Señoritas* como periódicos, já que foram as formas através das quais eles mesmos se identificaram e se compreenderam em suas peculiaridades, em seu tempo e espaço. É importante destacar que, em espanhol, a palavra “jornal” não é usada no sentido que tem em português; em espanhol, usa-se periódico ou diário (no caso dos jornais diários). Portanto, os impressos carioca e portenhos se autodenominaram com vocábulos que tinham o mesmo significado, sendo distintas apenas por questão de tradução. Tal ocorrência converge com minha análise, na qual observo grandes semelhanças em termos de formato, conteúdo e função social nos órgãos feministas de meados do século XIX.

Após refletir a respeito da autodenominação dos impressos, analisei a materialidade em seus aspectos internos, ou seja, sobre a organização das páginas, colunas, seções, artigos e títulos. Para tanto, tomei como referência o artigo de Alexandra Pita González e María del

---

<sup>327</sup> LUCA, Tania de, 2005, p. 131-132.

Carmen Grillo, que sistematiza as “unidades de lectura propias del periodismo”. Antes de pormenorizar as categorías analíticas, esclareço que Pita González e Grillo pensam tal metodologia para “revistas culturales”. Ao caracterizar revistas culturais, as autoras não inseriram os impressos feministas em tal categoria. Entretanto, sugiro que é possível pensar as fontes de pesquisa desta tese no âmbito dessa proposta. As autoras afirmam:

A diferencia de las revistas literarias del siglo XIX, las revistas culturales de la primera mitad del siglo XX se caracterizaron por dedicarse a una amplia variedad temática y se presentaron como órganos de expresión de grupos que defendían una determinada propuesta política y artística (Checa Godoy, 1993). Aunque esta noción sigue siendo amplia y puede ser cuestionada, los investigadores que la utilizan suelen enfatizar su interés en destacar su articulación en el campo intelectual a través de la defensa de ideas, convirtiendo sus páginas en una arena de debates y de experimentación artística.<sup>328</sup>

Pensando nessa categoria, questioneei: tratar da condição feminina, do matrimônio, do mercado de trabalho, da educação, do sufrágio, das sucessões governamentais, da legislação, da literatura, do teatro, da moda, da economia doméstica, das produções intelectuais, da escravidão etc., não seria “una amplia variedad temática”? Publicar folhetins, contos, romances, charadas e poesias nas páginas dos impressos não seria uma “experimentación artística”? Levantar a bandeira da emancipação das mulheres, do sufrágio universal, da igualdade de direitos entre os sexos, do acesso à educação de qualidade, da valorização das produções intelectuais femininas nas páginas da imprensa, não seria uma “articulación en el campo intelectual a través de la defensa de ideas, convirtiendo sus páginas en una arena de debates”?

Pita González e Grillo organizaram as unidades de análise dos impressos em três grandes categorias, quais sejam: dimensão material, dimensão material e imaterial, dimensão imaterial.

La primera, hace referencia a lo material a través de las siguientes variables: el lugar de edición, formato, cantidad de páginas y diseño, la impresión, papel y encuadernación, lugar, cantidad de números y etapas, periodicidad, precio y venta, tirada y zona de difusión. La segunda categoría, que participa de ambas dimensiones por las características de las variables a estudiar, responde a los contenidos. Estos no pueden ser considerados como sinónimo de lo expresado en los textos y es necesario abrir la noción a aspectos formales. Esta categoría incluye como variables: título y subtítulo, manifiestos, programas y notas editoriales, índice, secciones y distribución de páginas, temas y problemas, ornamentación, publicidad y novedades. Por

---

<sup>328</sup> PITA GONZÁLEZ, Alexandra; GRILLO, Maria del Carmen. Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, Buenos Aires, vol. 5, n. 01, p. 26, jun. 2015. Disponível em: <http://www.relmeecs.fahce.unlp.edu.ar/article/view/relmeecsv05n01a06>. Acessado em 1 de setembro de 2015.

último, la categoría que hace referencia de la dimensión inmaterial, nos remite al grupo humano que hace la publicación y que se conforma en una red intelectual: director, comité editorial y administración, amigos e impresor, colaboradores (de texto y gráficos), corresponsales y distribuidores, lectores y/o suscriptores, traductores y referentes.<sup>329</sup>

Neste item foquei na dimensão material, tendo em vista que as outras dimensões já começaram a ser pensadas nessa escrita e outras serão analisadas posteriormente. Deste modo, almejo refletir sobre periodicidade, preços, número de páginas e colunas; organização textual e seções.

A periodicidade foi um elemento peculiar na imprensa feminista oitocentista no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Eram grandes as dificuldades de manutenção desses veículos, como exposto anteriormente. Assim, em geral, ao fundar um impresso, as proprietárias estabeleciam metas de periodicidade. Apesar da vida curta dos impressos feministas, as redatoras conseguiram cumprir com a periodicidade anunciada.

O *Jornal das Senhoras* foi veiculado aos domingos,<sup>330</sup> de 1 de janeiro de 1852 a 30 de dezembro de 1855. *La Camelia* circulou entre 11 de abril e 20 de junho<sup>331</sup> de 1852, sendo publicado aos domingos, terças e quintas, de forma regular até seu fim no 31º número.<sup>332</sup> O Decreto de 12 de maio de 1852, que proibiu a circulação dos periódicos *La Avispa*, *El Torito*, *La Nueva Época* e *Padre Castañeta* impediu a criação de novos órgãos da imprensa e proibiu o anonimato na imprensa como um todo.<sup>333</sup> Tal fato pode ter contribuído para *La Camelia* ter saído de cena. Afinal, ao parar de veicular o periódico, a proprietária Rosa Guerra se resguardou, evitando qualquer tipo de problema com o governo, naquele momento tão complexo e perigoso para aqueles(as) que expressavam seus pensamentos. Entretanto, Néstor Auza sugeriu que o motivo do periódico não ter voltado a circular, após o fim da censura, foi devido à dificuldade financeira. Para o autor, “um suceso político aparece así como el causante del cierre de *La Camelia*. Valía más perecer bajo el golpe de la espada que morir sin

---

<sup>329</sup> *Ibidem*, p. 6-7.

<sup>330</sup> Exceções foram os primeiros números de 1852 e 1853, que saíram na quinta-feira e sábado, respectivamente, pois a redação fez questão de publicar no primeiro dia do ano.

<sup>331</sup> LANDRUS, Vanessa. Mujeres al mando de la imprenta: la educación científica de la mujer en la prensa femenina argentina del siglo XIX. *Revista Iberoamericana*, vol. LXXVII, n. 236-237, p. 723, jul./dic. 2011; AUZA, Néstor, 1988, p. 176.

<sup>332</sup> Nessa tese, analisei apenas os primeiros 14 (quatorze) números do periódico, devido à inexistência dos demais nos acervos pesquisados.

<sup>333</sup> Este decreto foi sancionado por Justo José de Urquiza, que após um curto momento de apoio da imprensa, com o fim do governo de Rosas, ganhou a oposição dos *periodistas* devido a embates que envolviam interesses provinciais e nacionais. Para um panorama da trama entre imprensa e poder político na década de 1850, ver: WASSERMAN, Fabio, 2009, p. 130-146.



gloria bajo banales razones pecuniarias.”<sup>334</sup> No entanto, é preciso considerar também a análise realizada por Vanessa Landrus ao apresentar as dificuldades políticas impostas às mulheres jornalistas do período: “Lo cierto es que la necesidad de Guerra de usar un seudónimo [...], sumado al hecho de que el semanário desapareció [...] muestra la tensión vigente en el periodismo de entonces, el cual todavía era considerado un privilegio masculino.” Por fim, *Album de Señoritas* entrou em cena em 1º de janeiro de 1854, conseguindo manter publicações aos domingos até 17 de fevereiro de 1854,<sup>335</sup> quando completou sua 8ª publicação.

Interessante notar que os três impressos analisados nesta tese tinham publicações aos domingos.<sup>336</sup> Acredito que esta escolha não foi aleatória. Sugiro que as editoras pensaram no dia mais tranquilo da rotina das mulheres. Provavelmente, domingo seria o dia em que as mulheres teriam mais tempo para se dedicar à leitura. Suponho uma influência cristã nesta escolha: não é domingo o dia do descanso?

Passo para a reflexão a respeito do valor dos impressos. Observe a tabela abaixo, na qual indica as variações nos valores de venda do *Jornal das Senhoras*:

Periódico	Período	Capital/ Ano	Capital/ Semestre	Capital/ Trimestre	Capital / Avulso	Interior/ Ano	Interior/ Semestre	Interior/ Trimestre	Interior/ Avulso
<i>Jornal das Senhoras</i>	01/01/1852 a 01/08/1852	-	-	3U000 rs	-	-	-	4U000 rs	-
	* 08/08/1852 a 10/10/1852	*	*	*	*	*	*	*	*
		-	6U000 rs	-	-	-	7U000 rs	-	-

**Tabela 1:** Preços do impresso *Jornal das Senhoras*

O alto valor do jornal foi um aspecto que me chamou a atenção. Afirmo que se tratava de um valor elevado ao comparar com outro periódico de propriedade feminina como *O Domingo*, que cobrava 2\$000 réis pela assinatura semestral, enquanto o *Jornal das Senhoras* acrescentava 4\$000 réis pelo mesmo período. Provavelmente, o valor mais elevado justificava-se pelo maior número de páginas (ele possuía oito páginas, enquanto os demais tinham, em geral, quatro) e pelos figurinos e partituras anexados ao jornal – o que tornava

<sup>334</sup> AUZA, Néstor. *Op. cit.*, p. 179.

<sup>335</sup> Apenas este último número saiu numa quinta-feira.

<sup>336</sup> Esta característica foi comum a outros impressos feministas, da segunda metade do século XIX, como *Bello Sexo* (Rio de Janeiro, 1862), *O Domingo* (Rio de Janeiro, 1873-1875), *La Alborada del Plata* (Buenos Aires, 1877-1878) e *Alborada Literaria del Plata* (Buenos Aires, 1880).

necessário o uso de uma prensa de melhor qualidade e de tecnologia mais sofisticada. É importante esclarecer que, até 27 de junho de 1852, os figurinos e partituras eram tipografados em Paris. Apenas a partir de 4 de julho de 1852, a redatora do *Jornal das Senhoras* conseguiu imprimir partituras e figurinos no Brasil.<sup>337</sup> Esses materiais, anexados ao jornal, eram produzidos em tipografias diferentes daquela que produzia as demais páginas escritas.<sup>338</sup> Infelizmente, só tenho conhecimento do valor deste jornal para seu primeiro ano, pois as redadoras omitiram tal informação nos demais anos de circulação.<sup>339</sup>

Em contrapartida, o valor do *Jornal das Senhoras* não pode ser caracterizado como alto se compararmos com periódicos como o *Novo Correio das Modas*, que durante o ano de 1852 cobrava, para os(as) residentes na Corte, 7\$000 pela assinatura semestral. Portanto, este panorama me permitiu observar que a variação de preços entre os periódicos era comum. Além disso, percebo que o *Jornal das Senhoras* era vendido a um valor não muito acessível, se comparado com o periódico *O Domingo* – que possuía uma estrutura mais modesta. Porém, com a ampliação do panorama, percebo que o *Jornal das Senhoras* cobrava o valor médio dos periódicos da época.

Analisando o valor cobrado pelos impressos feministas portenhos, construí a tabela abaixo:

Periódico	Período	Capital / Ano	Capital/ Semestre	Capital/ Mensal	Capital/ Avulso	Interior/ Ano	Interior/ Semestre	Interior/ Mensal	Interior/ Avulso
<i>La Camelia</i>	11/04/1852 a 11/05/1852	-	-	10 pesos	2 pesos	-	-	10 pesos	2 pesos
<i>Álbum de Señoritas</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-

**Tabela 2:** Preços do periódico *La Camelia*

Não tive acesso aos valores cobrados pelo *Album de Señoritas*. Mas, pude comparar *La Camelia* com outros impressos da época. Durante o ano de 1853, o diário *El Pueblo* cobrava 23\$ pesos mensais pela assinatura. Já *El Proletario*: “Periódico Semanal, Político, Literario y de Variedades”, em 1858, cobrava 10\$ pesos mensais, e 3\$ pesos pelo número avulso. Entre 1858 e 1859, o semanário *La Guirnalda*: “Periódico Literario, de Variedades y Modas” cobrava 10\$ pesos mensais pelas publicações. Percebi, então, que *La Camelia*

<sup>337</sup> CHRISTINA. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 208, 27 jun. 1852.

<sup>338</sup> Certamente, este fato está relacionado à necessária técnica para imprimir as partituras e imagens, ou seja, era necessário o uso de um prelo mais moderno. Sobre o difícil avanço das técnicas gráficas no Brasil oitocentista, ver: MOLINA, Matías M. Instalações gráficas. In: MOLINA, Matías M, 2015, p. 430-448.

<sup>339</sup> Do dia 17 de outubro 1852 a 30 de dezembro de 1855 não tenho informações sobre o valor do jornal.

cobrava um valor que não destoava de outros órgãos da imprensa portenha. Acredito que a manutenção dos preços médios tenha sido uma tentativa da proprietária de se inserir no campo da imprensa de maneira a concorrer de igual pra igual com os demais órgãos que circulavam em Buenos Aires.

Para além dos preços, outro elemento que me interessou nesta análise foi a organização textual dos periódicos. Tanto a imprensa feminista portenha quanto a carioca possuíam diagramação simples, sendo a grande maioria de suas páginas compostas por textos e com utilização escassa de recursos gráficos. Os textos veiculados eram impressos com determinados números de páginas e colunas, conforme a tabela abaixo:

<b>Periódico</b>	<b>Nº de páginas</b>	<b>Nº de colunas</b>
<i>Jornal das Senhoras</i>	8	2
<i>La Camelia</i>	4	2
<i>Álbum de Señoritas</i>	8	2

**Tabela 3:** Organização do número de páginas e colunas dos impressos

Através da tabela acima, observei que tanto o *Jornal das Senhoras* quanto *Album de Señoritas* foram veiculados com 8 páginas, indicando que Juana Manso estava atenta às inovações técnicas do período, pois, segundo Ana Luiza Martins, “a partir da década de 1850, uma mudança formal se observa: rareavam os jornaizinhos de quatro folhas *in-8º* para darem lugar aos grandes jornais [...]”.<sup>340</sup> As medidas das páginas dos periódicos eram as seguintes: *Jornal das Senhoras* (27X19cm),<sup>341</sup> *Album de Señoritas* (28X28cm) e *La Camelia* (21X28cm).<sup>342</sup> Os impressos foram organizados em duas colunas, podendo identificar semelhanças em suas materialidades.

<sup>340</sup> MARTINS, Ana Luiza, 2008, p. 52.

<sup>341</sup> Medida aproximada a outros jornais da época como *Marmota Fluminense* (29X22cm) e *Novo Correio das Modas* (28X19cm).

<sup>342</sup> Tanto o periódico de Joanna Manso quanto o de Rosa Guerra apresentavam pequenas dimensões para o parâmetro portenho. Exemplifico com dimensões de alguns jornais da época: *El Padre Castañeda* (30cmX30cm), *La Ilustración Argentina* (42cmX42cm), *La Avispa* (44cmX44cm).



**Imagem 4:** Miniaturas das primeiras páginas dos periódicos portenhos e carioca

Tendo por base a tabela com o número de páginas e colunas, bem como a imagem acima, observei claras semelhanças materiais entre os periódicos. É notório seu caráter didático: com letras grandes e pouco texto por página. Certamente, esse aspecto tinha o intuito de facilitar o acesso ao conteúdo pelo público-alvo – as mulheres –, para o qual o universo das letras era restrito e árduo. Entretanto, o caráter didático dos impressos findava nestes quesitos, tendo em vista que o uso de poucos recursos gráficos e o número limitado de seções não tornava as folhas organizadas. Apesar de tais semelhanças gerais, cada periódico apresentava peculiaridades, por isso, analisarei separadamente os aspectos internos das fontes estudadas nesta tese.

*O Jornal das Senhoras* conseguiu manter-se no espaço público durante quatro anos. Durante este período, o impresso teve três redatoras “em chefe”, em momentos distintos: a fundadora foi Joanna Paula Manso de Noronha; a segunda foi Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco,<sup>343</sup> e a última, Gervazia Nunezia Pires dos Santos Neves. Estas três mulheres optaram por organizar as publicações em tomos, conforme tabela abaixo:

<sup>343</sup> Erroneamente, Nelson Werneck Sodré atribuiu a fundação do *Jornal das Senhoras* à Violante Atabalipa. Ver: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 186.

Tomos	Início	Término	Ano	Paginação	Números	Redatora em chefe
I	01/01/1852	27/06/1852	1º	1 a 215	1 a 26	Joanna Paula Manso
II	04/07/1852	26/12/1852	1º	1 a 212	27 a 52	Violante Atabalipa
III	01/01/1853	26/06/1853	2º	1 a 208	1 a 26	Violante Atabalipa/ Gervazia Nunezia <sup>344</sup>
IV	05/07/1853	25/12/1853	2º	209 a 416	27 a 52	Gervazia Nunezia
V	[?]/01/1854	25/06/1854	3º	1 a 208	1 a 26	Gervazia Nunezia
VI	02/07/1854	31/12/1854	3º	209 a 424	27 a 53	Gervazia Nunezia
VII	07/01/1855	05/08/1855	4º	1 a 248	1 a 31	Gervazia Nunezia
VIII	12/08/1855	30/12/1855	4º	249 a 416	32 a 52	Gervazia Nunezia

**Tabela 4:** Organização do *Jornal das Senhoras* em tomos

Por meio da tabela, pude notar que cada tomo teve duração média de seis meses. Assim, a cada dois tomos o jornal completava um ano de circulação. Percebi também que a numeração do periódico era reiniciada a cada dois tomos, bem como a paginação – em relação a este segundo item, o tomo II é uma exceção. Portanto, concluí que a publicação das edições do *Jornal das Senhoras* foi bem planejada e sistematicamente organizada.

Uma peculiaridade do *Jornal das Senhoras* era a presença constante de anexos. Em seus 209 números veiculados, apareciam oito páginas de textos, além de anexos – os quais não contabilizavam na paginação –, que podiam ser figurinos, partituras, composições musicais, literatura etc. Durante sua trajetória, o jornal publicou 1.680 páginas de textos, excluídos os anexos.

O *Jornal das Senhoras* foi organizado em duas colunas e distribuiu parte de suas publicações em seções. A utilização das seções não foi feita de forma muito rígida, nem sempre ficando clara a delimitação das mesmas – não havia padrão nas letras utilizadas para marcar as seções. Devido a isso, foi preciso realizar uma pesquisa minuciosa, atentando para a recorrência dos títulos para compreender se tratava ou não de uma seção. Além disso, muitos textos foram veiculados fora de seções, sendo separados apenas pelos títulos ou por pequenas marcas tipográficas, tendo sido comum o uso de traços para marcar a separação.

No levantamento das seções, cheguei às seguintes informações:

<sup>344</sup> Gervazia Nunezia anunciou que tinha assumido a chefia da redação do periódico na publicação do dia 12 de junho de 1853.

Nome das seções	Recorrência das seções durante os anos, totalizando 209 números analisados			
	Ano: 1852	Ano: 1853	Ano: 1854	Ano: 1855
	Qtd. de n°s: 52	Qtd. de n°s: 52	Qtd. de n°s: 53	Qtd. de n°s: 52
Boletim Musical	0	0	11	18
Boletim dos Theatros	0	0	8	0
Charada	0	20	32	31
Chronica da Quinzena	12	18	0	0
Chronica da Semana	7	0	0	0
Chronica dos Salões	0	0	28	43
Correio dos Salões	0	0	18	0
Correio das Senhoras	0	3	0	0
Modas	34	44	27	27
Poesia	20	39	46	48
Theatros	5	5	0	0
Theatro Lyrico	0	4	0	0
Variedades	0	0	0	30

**Tabela 5:** Recorrência das seções do *Jornal das Senhoras*

Através dessa tabela, pude observar que as únicas seções constantes em todos os anos do jornal foram “Modas” e “Poesia”, as quais tiveram ritmos diferentes: enquanto a seção “Poesia” teve crescimento gradual ao longo dos anos, a seção “Modas” cresceu do primeiro para o segundo ano, depois sofreu uma grande queda e se manteve no último ano. Através dos dados, percebi como a seção “Poesia” teve êxito no jornal, contando com intensa colaboração das leitoras. Já a seção “Modas” começou com grande prestígio, sendo um dos grandes atrativos do jornal, afinal, segundo o *Jornal das Senhoras*, ele era o único no Brasil que trazia figurinos inéditos de Paris, feitos exclusivamente para o periódico,<sup>345</sup> havendo necessidade até de reimpressão por demanda das leitoras,<sup>346</sup> mas, com o tempo, foi perdendo força. Suponho que tal decréscimo não tenha ocorrido por falta de interesse das leitoras, mas por dificuldades em manter um(a) correspondente em Paris e em continuar estampando tais figurinos – já que os mesmos necessitavam de uma prensa mais sofisticada e era feito em outra tipografia.

Pelos títulos das seções veiculadas, constatei também o claro interesse pelo âmbito cultural da sociedade, trazendo informações sobre música,<sup>347</sup> teatro e salões. É interessante enfatizar que, geralmente, os artigos que discutiram a emancipação das mulheres não apareciam dentro das seções. Tenho duas hipóteses para tal fato: a primeira refere-se ao

<sup>345</sup> [Sem título]. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 26, 25 jan. 1852.

<sup>346</sup> [Sem título]. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 17-18, 18 jan. 1852.

<sup>347</sup> Sobre a importância da música na composição do *Jornal das Senhoras*, ver: BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2018.

público e a segunda à questão de produção. É possível que as reflexões sobre emancipação não fossem veiculadas em seção para não afastar leitoras que não eram adeptas às ideias feministas. Estrategicamente, seria mais efetivo publicar textos de caráter mais polêmico de forma menos alarmante, afastando o perigo de causar repulsa antes mesmo do contato com o conteúdo; além disso, algumas seções contavam com uma colaboradora específica, correndo o risco de tornar a pauta da emancipação limitada caso todos os artigos sobre o tema se encaixassem numa única seção. A segunda hipótese é que esse tipo de artigo demandava mais tempo de reflexão, tendo em vista que, muitas vezes, havia necessidade de leitura de livros e artigos de outros(as) autores(as), dificultando a publicação semanal. Somado a isto, vale enfatizar a precariedade da infraestrutura gráfica da imprensa no Brasil. Neste contexto, grande parte dos jornais era composto manualmente, sendo o processo executado da seguinte maneira:

O tipógrafo (compositor) pegava com uma mão os tipos das caixas, um por um, e os colocava num “componedor”, uma espécie de régua metálica que levava na outra mão, montando o texto. Com prática, conseguia compor de 1200 a 1500 caracteres por hora, talvez 10 mil por dia. Um jornal diário precisava de vários compositores. Num periódico de quatro páginas, como a maioria das folhas no início do século XIX, a composição manual podia demorar dezesseis horas.<sup>348</sup>

Portanto, era necessária uma cuidadosa organização prévia da publicação, bem como um cálculo de tempo preciso. O *Jornal das Senhoras*, durante seus quatro anos de veiculação, demonstrou ter redações eficientes nestes quesitos.

O periódico *La Camelia* utilizou menos seções para organizar seus artigos, entretanto, delimitou-as melhor. Através de levantamento, cheguei ao seguinte resultado:

Nome das seções	Recorrência das seções durante 1852, totalizando 14 números analisados
Correspondencias	14
Modas	4
Variedades	13

**Tabela 6:** Recorrência das seções do periódico *La Camelia*

Diferentemente do jornal veiculado no Rio de Janeiro, *La Camelia* deu menos ênfase ao tema modas. Em contrapartida, encontrei maior equilíbrio entre as demais seções. Um elemento interessante que este levantamento revelou foi a grande interação do público leitor

<sup>348</sup> MOLINA, Matías M, 2015, p. 438.

com o periódico, através de correspondências, as quais foram organizadas na seção mais frequente do *La Camelia*.

Semelhantemente ao impresso anterior, *Album de Señoritas* também se caracterizou pelo equilíbrio quantitativo das seções.

Nome das seções	Recorrência das seções durante 1854, totalizando 8 números analisados
Anécdotas	2
Correspondencia	2
Crónica de la quincena	1
Crónica Semanal	1
Variedades	1

**Tabela 7:** Recorrência das seções no *Album de Señoritas*

Entretanto, *Album de Señoritas* apresentou maior diversidade de seções, as quais davam ênfase a aspectos cotidianos. Tal qual o *Jornal das Senhoras*, os artigos que debatiam a emancipação das mulheres não eram inseridos nas seções. É provável que esta escolha tenha sido opção de Juana/Joanna Manso, que foi fundadora do periódico carioca e proprietária do portenho. No caso do periódico *La Camelia*, os debates sobre emancipação foram frequentes nas três seções – Correspondencias, Modas e Variedades –, além de estar presente nos editoriais e espaços não delimitados da folha.

Após a análise das seções dos impressos estudados nesta tese, percebi que a forma de organização das publicações deixou indícios importantes do programa e da trajetória dos impressos. A organização simples, as letras grandes e os espaçamentos amplos entre as linhas dos textos, revelaram a didaticidade dos discursos veiculados, facilitando o acesso e a compreensão textual por parte de um público que tinha uma educação de baixa qualidade. A similitude na escolha temática entre os periódicos analisados apresentou um ambiente cultural do Rio de Janeiro e de Buenos Aires que era comum ao público alvo – as mulheres da elite – dos três impressos. Ao privilegiar elementos como a moda, o teatro, a música e a literatura, os periódicos se aproximavam do universo de sociabilidade das mulheres ilustradas da época e propiciava um aprimoramento da bagagem intelectual das leitoras, que poderia culminar em reflexões mais refinadas e críticas sobre a própria condição das mulheres oitocentistas. As charadas também foram elementos cruciais da imprensa escrita pelas mulheres, cuja intenção de divertir e exercitar o intelecto ficou explícita nas páginas publicadas. Portanto, a escolha dos títulos das seções estava diretamente articulada aos projetos feministas de emancipação em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, em meados do século XIX.



Gostaria de enfatizar a relevância que os aspectos materiais das fontes possuem nessa análise. Parto de uma perspectiva que considera que a forma de veiculação impressa de informação possui poder de significação, interferindo em leituras e apropriações.<sup>349</sup> Como apresentado anteriormente, não é objetivo deste trabalho refletir sobre a maneira como os projetos e discursos feministas de emancipação foram recebidos pelas leitoras, mas como eles foram construídos pelas redatoras e colaboradoras.<sup>350</sup> Nessa construção, cujo fim primeiro era o público leitor, a materialidade dos impressos foi trabalhada de formas específicas, o que muito contribuiu para a análise. Entretanto, as reflexões sobre a materialidade não se esgotaram neste capítulo, elas foram retomadas durante a análise dos artigos, para aprofundar a percepção das relações entre conteúdo e espaço/formato selecionado para veiculação.

Após tratar sobre a organização interna dos impressos, me deti nos títulos e subtítulos de cada um deles, com o intuito de perceber os motivos de tais escolhas e suas articulações com os programas propostos.

Alexandra Pita González e Maria del Carmen Grillo argumentaram sobre a importância de se atentar à materialidade, elencando cada aspecto tipográfico dos impressos que o(a) pesquisador(a) deve se deter para realizar uma análise minuciosa.<sup>351</sup> Em se tratando especificamente dos títulos, as autoras ressaltaram:

El nombre de la revista es un *signo del programa*, de cómo se conciben a si mismos los editores, de cómo formulan la misión de la revista en el campo intelectual frente a otras revistas con las que compite o a las que se opone, es decir implica una búsqueda permanente de demostrar ante los demás si su aparición significa que irrumpen para transgredir, o si se incorporan para continuar con el *statu quo*. [...]<sup>352</sup>

Além dessa relação estreita do título com o campo da imprensa no momento de circulação, Pita González e Grillo também defenderam que o nome do periódico agrega, de alguma maneira, a identidade da publicação. Em alguns impressos, tal identidade pode ser revelada já no primeiro número, pelo próprio grupo que elaborou o título; outras vezes, é

---

<sup>349</sup> As obras de Roger Chartier foram uma importante inspiração para a atenção dada à materialidade em nossas reflexões, principalmente as mencionadas a seguir: CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988; CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991; CHARTIER, Roger. Roger Chartier entrevistado por Robert Darnton. *MATRIZES*, São Paulo, nº 2, Ano 5, p. 159-177, jan./jun. 2012.

<sup>350</sup> Compreendo “colaboradoras” de forma ampla, ao considerar as autoras convidadas pela redação, mas também as leitoras que enviavam suas cartas com reflexões. Desta forma, mesmo não me propondo a trabalhar com recepção, as produções das leitoras foram analisadas no âmbito da construção dos projetos de emancipação.

<sup>351</sup> PITA GONZÁLEZ, Alexandra; GRILLO, Maria del Carmen, 2015, p. 1-30.

<sup>352</sup> *Ibidem*, p. 13.

preciso estudar o restante do material para desvendar o sentido que os(as) editores(as) e colaboradores(as) mobilizaram na escolha do nome.<sup>353</sup>

Não menos importante é o subtítulo do impresso, que geralmente é uma “expansión del nombre del título; puede explicar un nombre alegórico o metafórico, puede ofrecer indicaciones acerca de su finalidad, de su periodicidad o de sus destinatários.”<sup>354</sup> Além desses aspectos, é preciso ficar atento(a) à tipografia própria do título – o *logotipo* –, bem como às imagens – *isotipo* –, as quais, normalmente, aparecem juntas ao título no cabeçalho do impresso, sendo tal recurso denominado por Pita González e Grillo de “*logoisotipo*”.<sup>355</sup> Empenhada neste esforço metodológico, refleti sobre os títulos dos periódicos em questão nesta tese.

Em relação ao *Jornal das Senhoras*, as redatoras não explicaram o título, mas posso inferir que o mesmo sugere que a proprietária e redatoras eram senhoras – no sentido de indivíduos com atribuições do sexo feminino e, mais especificamente, casadas –, bem como este era o sexo do público que o periódico almejava atingir. Elementos dessa última constatação estão nas expressões utilizadas, como “minhas queridas leitoras”. Além disso, conjecturo que o título pode ter sido escolhido estrategicamente, pois a não menção a elementos que sugerissem a emancipação feminista poderia acarretar em maior aceitação social, dando mais credibilidade e respeito ao impresso, potencializando assim sua circulação.

O *Jornal das Senhoras* começou a ser publicado no dia 1º de janeiro de 1852, com o subtítulo “Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica”. Após exatamente um ano, data que coincide com o início do tomo III, o subtítulo passou a ser “Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros”, ou seja, houve supressão do termo “Critica”. Ao que este ato indica, a alternância entre inserção e eliminação de tal termo no subtítulo do jornal foi polêmica, tendo em vista que o mesmo retornou após nove números de ausência, sendo extinto definitivamente a partir de 1854. Tal indecisão pode indicar certo receio em estampar no subtítulo de um impresso escrito por mulheres o termo “critica”, que remete a inferências incisivas e questionadoras, o que poderia causar reações não almejadas pela redação do *Jornal das Senhoras*. A última mudança se deu no primeiro número de 1854, com a adição da seguinte expressão: “Jornal da boa companhia”. Seguem, abaixo, os cabeçalhos:

---

<sup>353</sup> PITA GONZÁLEZ, Alexandra; GRILLO, Maria del Carmen, 2015, p. 13.

<sup>354</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>355</sup> *Ibidem*, loc. cit.



**Imagem 5:** *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1852



Imagem 6: *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 01 de janeiro de 1853



Imagem 7: *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, [?] de [janeiro] de 1854

Observa-se que foi significativa a troca de subtítulo, principalmente pela supressão, em alguns momentos, do termo “Crítica”. Analisarei, mais detidamente, essa questão no Capítulo 3, mas vale revelar desde já que tal mudança tinha relação com o conteúdo do jornal, que, a partir de 1854, diminuiu a veiculação de matérias sobre a emancipação das mulheres. Ou seja, a palavra “Crítica” estava vinculada a pensamento crítico e não apenas a crítica literária e de arte. Houve mudança também no *logotipo*, mas não parece ter tido relação com a mudança de estabelecimento tipográfico.

Durante o período de vigência do *Jornal das Senhoras*, sua impressão foi realizada em cinco tipografias, quais sejam: Typographia Parisiense<sup>356</sup> (01/01/1852 a 29/02/1852), Typographia de Santos e Silva Junior<sup>357</sup> (07/03/1852 a 17/10/1852), Typographia do *Jornal das Senhoras*, de Santos & Silva Jnr.<sup>358</sup> (24/10/1852 a 27/02/1853), Typographia do *Jornal das Senhoras* de G. Leuzinger<sup>359</sup> (06/03/1853), Typographia do *Jornal das Senhoras*<sup>360</sup> (13/03/1853 a 30/12/1855). Observei que, já no primeiro ano, a redação do jornal conseguiu estabelecer parceria e inserir seu nome na tipografia,<sup>361</sup> o que deve ter refletido em mais autonomia nas questões gráficas. Portanto, conjecturo que as mulheres tenham influenciado diretamente nas escolhas do *logotipo*, *isotipo* e vinhetas utilizadas nas páginas do *Jornal das Senhoras*.

Everton Barbosa realizou uma análise a respeito da localização geográfica das tipografias que imprimiram o *Jornal das Senhoras* e concluiu que as mesmas estavam numa área central, tendo vários empreendimentos comerciais ao seu redor. Assim, a circulação de pessoas, produtos e experiências “possibilitou a visibilidade deste impresso, sua aceitação por meio da assinatura e da leitura, e sua legitimação no espaço público.”<sup>362</sup>

Em relação ao periódico *La Camelia*, fundado em Buenos Aires, sob a direção de Rosa Guerra, seu título foi inspirado num conto que narra a história de uma condessa imperial de Veneza, na Itália, que era famosa por sua beleza e que, após a morte do marido, se transformou em camélia, brotando no túmulo do falecido. Essa história foi veiculada nas

---

<sup>356</sup> Essa tipografia localizava-se na rua Nova do Ouvidor, nº 20, Rio de Janeiro.

<sup>357</sup> Essa tipografia localizava-se na rua da Carioca, nº 32, Rio de Janeiro.

<sup>358</sup> Essa tipografia manteve o endereço, ou seja, rua da Carioca, nº 32, Rio de Janeiro.

<sup>359</sup> Essa tipografia localizava-se na rua do Ouvidor, nº 36, Rio de Janeiro.

<sup>360</sup> Essa tipografia manteve o endereço anterior, ou seja, rua do Ouvidor, nº 36, Rio de Janeiro. No dia 5 de julho de 1853, houve mudança no endereço da tipografia que passou a ser rua da Alfândega, n. 54; por fim, a partir de 21 de agosto de 1853, o endereço da tipografia passou a ser rua do Cano, n. 165, Rio de Janeiro.

<sup>361</sup> No ano de 1855, a Typographia do *Jornal das Senhoras* anunciou a venda de livros e composições musicais impressas pela própria tipografia, o que pode ser um indicativo de estratégia de manutenção do periódico. Ver: NOTICIA. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 24, 21 jan. 1854; HYMNO. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 376, 25 nov. 1855; HYMNO. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 416, 30 dez. 1855.

<sup>362</sup> BARBOSA, Everton Vieira, 2018, p. 65.

páginas do periódico, entre os dias 11 e 20 de abril de 1852. Acredito que o nome de uma flor também funcionava como atrativo para o público alvo dos impressos femininos, prática que foi comum também no Brasil do século XIX, mas para jornais de propriedade masculina que visavam o público feminino. Segundo Zahidé Muzart, esses títulos de periódicos como *A Camelia*, *A Violeta* e *O Lírio* foram utilizados como metáforas da figura feminina.<sup>363</sup> A escolha de um nome para o periódico que remetia ao belo e à delicadeza, e a justificativa por meio de uma história de amor e sacrifício feminino, revelam a complexidade da imprensa feminista oitocentista. As mulheres de letras não questionavam a concepção de “natureza feminina” e nem as importantes funções atribuídas às mulheres no âmbito privado. Sendo assim, os ideais de beleza, sensibilidade, recato e honra estavam presentes nos discursos. As propostas de emancipação não rompiam com tais ideais, ou melhor, utilizavam todos esses valores como argumentos para o engrandecimento e abertura de novas oportunidades para as mulheres. Sendo assim, não me parece contraditório a escolha do nome de uma flor<sup>364</sup> para um periódico que almejava atingir um público feminino – mesmo veiculando concepções feministas – naquele início dos anos 1850.

*La Camelia* não tinha subtítulo, mas inseriu em seu cabeçalho três frases: “¡VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA!”; “LIBERTAD: NO LICENCIA; IGUALDAD ENTRE AMBOS SECSOS”; “SIENDO FLOR – se puede vivir sin olor; SIENDO MUGER – no se puede vivir sin amor.” A primeira delas marcou o posicionamento do periódico em relação aos governos argentinos, revelando seu apoio a Justo José de Urquiza e seu repúdio à ditadura de Juan Manuel de Rosas, chamado de “tirano” pelo periódico.<sup>365</sup> A segunda frase deixou claro que o objetivo do periódico era lutar pela liberdade e igualdade entre os sexos, mas sem gerar qualquer tipo de caos social.<sup>366</sup> Por fim, a última frase foi retirada do conto que inspirou o título do periódico,<sup>367</sup> remetendo ao amor e respeito que as mulheres reivindicavam.

---

<sup>363</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 11 (1), p. 228, jan./jun. 2003.

<sup>364</sup> A flor escolhida, camélia, teve uma simbologia muito forte no Brasil, de fins do século XIX, por ter se tornado a flor dos(as) abolicionistas. Entretanto, não encontrei nenhuma simbologia semelhante para a sociedade argentina. Sobre o caso brasileiro, ver: SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura*: uma investigação de história cultural. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

<sup>365</sup> LA NUEVA Era. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 11 abr. 1852.

<sup>366</sup> Conforme o *Diccionario de la lengua española*, edição de 1817, naquele contexto, *licencia* significava “la demasiada libertad que alguno se toma para hacer ó decir alguna cosa”. Ver: <http://web.frl.es/ntllet/SrvltGUILoginNlletPub>. Acessado em 27 de outubro de 2019.

<sup>367</sup> HISTORIA de la Camelia. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 20 abr. 1852.

¡ VIVA LA CONFEDERACION ARGENTINA !



Imagem 8: *La Camelia*, Buenos Aires, 15 de abril de 1852

Conforme revelado pela imagem acima, *La Camelia* possuía *isotipo* que representava uma mulher com venda nos olhos, espada na mão esquerda e balança na mão direita, figura utilizada geralmente para representar a justiça. Tal imagem dialoga<sup>368</sup> com uma das metas primeiras de *La Camelia*, que era atingir a justiça entre os sexos. Em outras palavras, lutar contra as injustiças cometidas pelos homens, dentre as quais, a que mais injuriava as redatoras do periódico *La Camelia* era aquela relacionada à força física.<sup>369</sup> Conforme as redatoras, os homens utilizavam de sua superioridade física para escravizar a metade “mas preciosa” de si mesmo. Nessa interpretação, elas defendiam que homens e mulheres faziam parte de um mesmo conjunto – conforme a visão católica da criação dos seres humanos –, por isso, cometer injustiça contra as mulheres, significava cometer este ato contra si.

O próximo periódico em questão é *Album de Señoritas*, veiculado em Buenos Aires no ano de 1854, de propriedade de Juana Paula Manso, a mesma fundadora do *Jornal das Senhoras*, publicado no Rio de Janeiro, dois anos antes. Após a queda de Juan Manuel de Rosas, Joanna Manso escolheu retornar para sua terra natal, supondo ter mais espaço de atuação no novo contexto político-cultural que se erguia após a derrota daquele autoritário.

<sup>368</sup> Diferentemente do *Jornal das Senhoras*, o periódico *La Camelia* não conseguiu ter sua própria tipografia. Esse fato pode ter reduzido a autonomia da equipe do periódico nas questões tipográficas. Entretanto, a escolha do *logoisotipo* foi de grande sensibilidade, seja essa escolha tendo sido feita pela redação ou pelo tipógrafo.

<sup>369</sup> LAS REDACTORAS. [Sem título]. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 13 abr.1852 [grifos nossos].

Logo, colocou em cena mais um periódico dedicado ao debate sobre a condição feminina, o que justifica seu título, delimitando seus objetivos e público alvo:

Todos mis esfuerzos serán consagrados à la **ilustracion** de mis compatriotas, y tenderán á un único propósito – **Emanciparlas** de las preocupaciones torpes y añejas que las prohibían hasta hoy hacer uso de su inteligencia, enagenando su **libertad** y hasta su conciencia, á autoridades arbitrarias [...].<sup>370</sup>

É interessante observar que houve mudança no termo que especifica o público e o agente produtor de seu periódico: de “Senhoras” para “Señoritas”. Tal alteração estaria atrelada a aspectos de sua vida pessoal? No ano de 1852, Joanna Manso era casada com o violinista Fernando Sá de Noronha; em 1854, a redatora do *Album de Señoritas* estava separada do marido e ficou responsável pelas duas filhas do casal.<sup>371</sup> Apesar do rompimento matrimonial, naquele contexto de meados do século XIX, seria difícil Juana Manso se considerar uma “señorita”, inclusive, ela continuou assinando as publicações no periódico portenho com seu nome de casada. Sendo assim, a mudança do título indica o desejo de direcionar as pautas a um público de mulheres mais jovens, que estivessem com mais vigor para colocar em ação os projetos construídos na imprensa. Se o título do periódico teve uma visível alteração, o subtítulo manteve-se muito semelhante: “Literatura, Modas, Bellas Artes y Teatros”.

Finalizando esse capítulo, resalto que os figurinos de Paris foram grandes impulsionadores de vendas de impressos para o público feminino da elite naquela segunda metade do século. Joanna Paula Manso teve tal percepção já em 1852. Ao fundar o *Jornal das Senhoras*, a proprietária convidou uma colunista de modas, que tinha por obrigação “relatar com toda a lealdade” o que presenciara em Paris.<sup>372</sup> Além disso, inseria figurinos inéditos, vindos diretamente da capital francesa, nas páginas de seu periódico para manter as vendas. Tal estratégia foi eficiente:

Está por tanto esgotada a edição toda dos nossos Figurinos, cujo numero tínhamos calculado que seria mais que suficiente, e não chegou! Ainda temos um considerável numero de Assignantes, que por sua mimia bondade esperão até o trimestre de Abril, que é quando poderemos receber de Paris um dobrado número de estampas para satisfazer a todos quantos nos quizerem honrar. [...].<sup>373</sup>

---

<sup>370</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. La redaccion. *Álbum de Señoritas*, Buenos Aires, p. 1, 1 jan. 1854 [grifos nossos].

<sup>371</sup> AREA, Lelia. El periódico *Álbum de Señoritas* de Juana Manso (1854): una voz doméstica en la fundación de una nación. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXIII, N°s 178-179, p. 149, ene./jun. 1997.

<sup>372</sup> MODAS. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 4, 1 jan. 1852.

<sup>373</sup> REDATORA em chefe. As nossas Assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro. p. 17, 18 jan. 1852.



Utilizando a moda como um dos seus temas, o *Jornal das Senhoras* conseguiu manter-se em circulação por quatro anos e levar até às leitoras debates sobre a condição feminina. Seria a moda um meio de atrair leitoras e proporcionar a elas acesso a um tema político: a emancipação das mulheres? Essa estratégia mostrou ser transnacional, afinal, *La Camelia* e *Album de Señoritas* também inseriram a discussão sobre moda em suas páginas e, muitas vezes, atrelaram a temática com a emancipação das argentinas. Juana/Joanna Manso, enquanto mediadora cultural, viajou com sua experiência para outra localidade geográfica/política/social/histórica para construir uma nova produção intelectual, onde traduziu ideias e projetos feministas de emancipação.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres de letras para a manutenção das suas iniciativas, foi devido à persistência e às estratégias adotadas que os periódicos conseguiram circular – mesmo que por períodos efêmeros – e as ideias feministas puderam enveredar pelo espaço público, despertando paixões e resistências. Constatei que, na segunda metade de século XIX, no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, a pedra angular que sustentou a construção de ideias feministas na imprensa foi a consolidação de redes de contato/apoio/divulgação. Portanto, quanto mais ampla a rede, mais tempo o periódico conseguia manter-se na arena impressa.

## Capítulo 2.

### Juana/Joanna Manso:

tornando-se intelectual feminista transnacional

Alzar el bordon del peregrino, é ir á buscar una *Patria* en alguna parte del mundo, donde la inteligencia de la muger no sea un delito. Donde su pensamiento no se considere un crimen; y donde la carrera literaria no sea clasificada de pretenciones ridículas.

Juana Manso, 01/01/1854

Como o(a) leitor(a) pode notar, Juana/Joanna Manso tornou-se elemento central nas reflexões conduzidas nesta tese. A argentina exilada no Brasil destacou-se por suas importantes ideias, pelos relevantes projetos e pelo pioneirismo em algumas iniciativas. Tendo em vista a complexidade desta personagem, foi necessário dedicar um capítulo para analisar com mais minúcia o projeto feminista que ela construiu nas páginas da imprensa carioca e portenha, em meados do século XIX, bem como compreender seu amadurecimento enquanto intelectual mediadora com intensa atuação no Rio de Janeiro e em Buenos Aires.

### 2.1 Professora transnacional

Em janeiro de 1852, momento de estreia do *Jornal das Senhoras*, Joanna Manso deixou explícita sua defesa da educação das mulheres, mas naquele momento imprimiu um discurso mais moderado. Ainda assim, a argentina exilada no Brasil destacou a importância do cultivo da inteligência pela mulher, pois daquela maneira ela seria capaz de desenvolver “toda a potencia intellectual” e de se preservar de “infames humilhações”.<sup>1</sup> O desejo da jornalista era que a mulher pudesse “encontrar na sua educação recurso honesto contra a opressão, [...], e contra a miséria.”<sup>2</sup>

No intuito de aprofundar suas reflexões educativas, Joanna Manso publicou uma série de artigos específicos sobre o tema, iniciando por um texto que foi veiculado em duas partes. Antes de ser impresso no periódico por ela fundado, o “Estudo sobre educação” havia sido publicado na *Imprensa do Rio Grande do Sul*. A professora esclareceu que suas ideias iam “de encontro com o practicado” até aquele momento, “assim como com os preceitos que

---

<sup>1</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Declaração sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 28, 25 jan. 1852.

<sup>2</sup> *Ibidem*, loc. cit.

vicião a educação da mocidade”. Ainda assim, não deixaria de “expor com toda a franqueza que devem ter opiniões de tal importancia.”<sup>3</sup> A dedicação à área educacional pode ser percebida por seu cuidado conceitual, afinal, Joanna Manso indagou sobre o significado do próprio vocábulo educação, concluindo que tratava-se do “aperfeiçoamento moral e intelectual do indivíduo”, o que envolvia justiça e honra, além dos deveres e ações.<sup>4</sup>

Joanna Manso iniciou suas reflexões constatando que “a América do Sul é um dos lugares do globo terráqueo mais atrasado a respeito dos methods de ensino.” Demonstrando preocupação com as metodologias aplicadas na educação infantil, a redatora do *Jornal das Senhoras* afirmou que “o ensino primario entre nós, [...]; é o flagello das creanças [...]” Em sua perspectiva, os indivíduos com idade entre 8 e 10 anos possuíam apenas “instincto da intelligencia”, sendo apenas capazes de imitar, ou seja, “apremdem de cór, e sem comprehender o sentido d’isso mesmo que lhes ensinão, facil e distinctamente e repetem.”<sup>5</sup> Com a meta de aprimorar as habilidades das crianças, Joanna Manso se propôs a esboçar um “plano de educação”. Além de argumentar a respeito da importância do “desempenho das virtudes”, do ensino da “doutrina da verdade” e da prática da “caridade”,<sup>6</sup> a professora percebeu a inexistência de um livro didático adequado à formação das crianças e a indiferença com que a educação era tratada, atingindo a própria seleção de professores. Nas palavras de Joanna Manso:

Trememos quando nos lembramos que os exames dos professores são apenas a analyze de certos conhecimentos vulgares, e que nunca se indaga uma palavra, nem sobre os sentimentos nem sobre o comportamento d’aquelles indivíduos encarregados de tão ardua e difficil tarefa!<sup>7</sup>

No dia 29 de fevereiro de 1852, Joana Manso publicou – nas duas primeiras páginas do *Jornal das Senhoras* – o artigo intitulado “Estudos sobre a educação das meninas”, no qual questionou: “Por que não se emprega um bem calculado e apropriado estímulo para despertar a vontade de aprender? [...] Em vez dessas rotinas rançosas, porque se não trata de empregar e aplicar os methods modernos?”<sup>8</sup> A redatora sugeriu a utilização do método mútuo<sup>9</sup> e a

---

<sup>3</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudo sobre a educação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 28, 25 jan. 1852.

<sup>4</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudo sobre a educação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 51, 15 fev. 1852.

<sup>5</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudo sobre a educação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 29, 25 jan. 1852.

<sup>6</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudo sobre a educação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 51, 15 fev. 1852.

<sup>7</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>8</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudos sobre a educação das meninas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 64, 29 fev. 1852.

elaboração de diretrizes uniformes a serem seguidas por todos os estabelecimentos de ensino. A professora demonstrou indignação em relação à “liberdade muito mal compreendida” concedida aos colégios particulares na escolha de seus regulamentos e métodos educativos.<sup>10</sup>

Na concepção de Joanna Manso:

Os estabelecimentos modelos devem ser os mesmos collegios da nação, e todos os outros que houverem no paiz devem conformar-se exactamente com elles, porque em geral a educação do paiz deve ser homogênea; menos porém as matérias que formão o luxo de educação, pois que á filha do pobre isso lhe é vedado por – falta de meios!<sup>11</sup>

Pelas propostas da redatora do *Jornal das Senhoras*, percebo o destaque proposital conferido ao tema ao publicar tais reflexões educativas na primeira página do periódico. Joanna Manso mostrava ser uma mulher atenta aos debates educacionais ao compor o grupo de pessoas que defendia o método mútuo, prática educativa que foi aplicada nas reformas rivadavianas,<sup>12</sup> na Argentina, e defendida nas páginas do jornal mineiro *O Universal*, no ano de 1825,<sup>13</sup> além de ter se tornado método oficial, no Brasil, através da Lei de 1827.<sup>14</sup>

Apesar de Joanna Manso ter expressado o desejo pela educação igualitária, ela revelou a impossibilidade das classes populares garantirem o acesso a determinados “luxos” que compunham a educação feminina, como o bordado, o canto e o piano; pois “o Dinheiro – sempre dividirá os homens em classe” e as meninas pobres não podiam perder tempo com tais amenidades. No entanto, todas as pessoas poderiam usufruir dos “benefícios de uma educação mais ampla e melhor adaptada às necessidades da nossa época” por meio da “aplicação do

---

<sup>9</sup> O método mútuo também ficou conhecido como lancasteriano por ter sido elaborado pelo inglês Joseph Lancaster. A proposta central do método era utilizar os(as) próprios(as) alunos(as) como auxiliares dos(as) professores(as). Acreditava-se que, com os recursos adequados – espaço amplo e auxílio de estudantes adiantados(as) –, um(a) professor(a) pudesse educar até mil alunos(as) numa única escola. Sobre o assunto, ver: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta de Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 141.

<sup>10</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudos sobre a educação das meninas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 64, 29 fev. 1852.

<sup>11</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>12</sup> TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. p. 179.

<sup>13</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda (Orgs.). *Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 25-26.

<sup>14</sup> Sobre a introdução do método lancasteriano no Brasil e sua defesa pelas elites ilustradas, ver: NEVES, Fátima Maria. A trajetória do método lancasteriano da Inglaterra ao Brasil. In: NEVES, Fátima Maria. *O método lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo* (São Paulo, 1808-1889). Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), 2003.

methodo Polytechnographico, ou melhor dito, um systema Encyclopedico” que “deveria adoptar-se tanto nos estabelecimentos de educação nacionaes, como nos particulares.”<sup>15</sup>

Já neste primeiro momento reflexivo, Joanna Manso apresentava propostas que estabeleciam diálogos com a perspectiva iluminista, provavelmente inspirada por leituras de enciclopedistas como Denis Diderot, Jean de Rond d’Alembert,<sup>16</sup> Jean-Jacques Rousseau<sup>17</sup> e Voltaire (François-Marie Arouet),<sup>18</sup> a professora conjecturava um método de ensino simples, universal, justo, igualitário e, claro, pautado na razão.

A professora esclareceu que a forma de aprendizagem mais eficaz era aquela centrada na escrita, ou seja, todas as lições deveriam ser “escriptas pela própria mão das meninas, e dictadas pela preceptora.” Conforme Joanna Manso, a técnica do uso das “*cartas de leitura*” já estava ultrapassado, era preciso estimular as crianças a terem prazer na prática do saber, por isso, “deve ensinar-se as crianças *brincando*.”<sup>19</sup> Portanto, a educação das crianças deveria ser “inteiramente prática”, deixando a teoria apenas para aqueles com “espíritos já formados”, nível que seria atingido gradativamente. Com tais mudanças metodológicas e com a sua adoção em todos os estabelecimentos – para ricos e pobres –, o país colheria “bons resultados” no futuro, concebendo cidadãos amorosos, virtuosos e trabalhadores.<sup>20</sup>

Joanna Manso apresentou perspectivas pedagógicas próximas àquelas experimentadas e defendidas por Johann Heinrich Pestalozzi. Além de estimular a vontade de saber, a curiosidade das crianças, o ensino prazeroso através da brincadeira, ao Joanna Manso propor que cada educanda aprendesse a escrever “pela própria mão”, há presente mais um elemento central do método de Pestalozzi: a autonomia. Segundo Michel Söetard, “para o autor de *Investigações*,<sup>21</sup> a autonomia só é real na medida em que não cessa de fazer-se entre as mãos

---

<sup>15</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudos sobre a educação das meninas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 64, 29 fev. 1852.

<sup>16</sup> Em agosto de 1852, o *Jornal das Senhoras* transcreveu uma reflexão de d’Alembert sobre as mulheres. Apesar de Joanna Manso não ser a redatora chefe naquele momento, é possível que ela também tivesse realizado leituras do mencionado filósofo. Ver: AFASTAMENTO em que se tem as mulheres de tudo quanto as póde esclarecer e elevar sua alma. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 51-52, 15 ago. 1852.

<sup>17</sup> O filósofo foi citado numa publicação de junho de 1852, assinada por F... Ver: F... Resumo do que disse Lavater e Rousseau sobre as physionomias e caracteres das mulheres. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 186-188, 13 jun. 1852.

<sup>18</sup> Em artigo publicado em 8 de fevereiro de 1852, Joanna Paula revelou ter lido o *Dicionário filosófico* de autoria de Voltaire. Ver: MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Resposta da redactora em chefe do *Jornal das Senhoras* á carta publicada em o primeiro domingo de Fevereiro assignada – o Homem. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 42, 08 fev. 1852.

<sup>19</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudos sobre a educação das meninas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 65, 29 fev. 1852.

<sup>20</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>21</sup> Trata-se da obra *Investigações sobre o curso da natureza em desenvolvimento do gênero humano*, produzida por Pestalozzi em 1797.

dos interessados.”<sup>22</sup> Apesar disso, tanto Joanna Manso quanto Pestalozzi apostaram no método mnemônico, pelo qual o pedagogo foi posteriormente repreendido. Conforme João Luis Gasparin:

[...] a crítica que se faz a Pestalozzi centra-se no fato de que a assimilação dos conhecimentos se efetiva de modo passivo pelo aluno, uma vez que nem sempre existe a possibilidade de tudo experimentar. A maioria das ações são desenvolvidas pelo mestre, limitando-se os alunos a memorizá-las e repeti-las, nem sempre chegando a formular o pensamento abstrato.<sup>23</sup>

Mesmo tendo optado pela memorização enquanto método de ensino, Gasparin ressaltou que as propostas de Pestalozzi foram muito respeitadas e importantes para o desenvolvimento da pedagogia, afinal, “ele trabalhou dentro das limitações sociais, filosóficas, educacionais, políticas de seu momento histórico.”<sup>24</sup>

Outros elementos comunicantes entre as propostas pedagógicas de Pestalozzi e da professora argentina<sup>25</sup> referem-se à preocupação com os(as) mais pobres; a crença na instrução enquanto regeneradora social; a compreensão do processo educativo em níveis de graduação; e a necessidade da tripla educação: física, moral e intelectual. Conforme João Luis Gasparin:

Pestalozzi acreditava, como a maior parte dos reformadores educacionais renascentistas, que a educação devia ser o principal meio das reformas sociais. Para ele a educação consistia no desenvolvimento moral, mental e físico da natureza da criança, de todas as crianças, independentemente de suas condições sociais. Segundo seu método, a educação é o desenvolvimento natural, progressivo e harmonioso.<sup>26</sup>

Para Joanna Manso, as professoras só conseguiriam promover a educação de qualidade ao edificar boas relações com os(as) alunos(as), “porque uma vez essa amizade estabelecida, ella pode dirigir e formar a seu jeito esses coraçõezinhos sinceros, innocentes, que amão com toda a vehemente ternura de quem ainda não aprendeu a mentir a si mesmo e ao mundo.”<sup>27</sup> Para otimizar o trabalho docente, proporcionar mais tempo para as professoras estudarem e

---

<sup>22</sup> SÖETARD, Michel. Ensaio: Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). In: SÖETARD, Michel. *Johann Pestalozzi*. Trad. de Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Ciriello Mazzetto. Organização de João Luis Gasparin. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. p. 18.

<sup>23</sup> GASPARIN, João Luis. As ideias de Pestalozzi no Brasil. In: SÖETARD, Michel, 2010, p. 38.

<sup>24</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>25</sup> Em 1872, quando residia em Buenos Aires, foi co-fundadora da “Sociedad Pestalozzi”, também conhecida como “Sociedad de Educación”. Ver: DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata*: romance histórico contemporâneo. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015. p. 61.

<sup>26</sup> GASPARIN, João Luis. *Op. cit.*, p. 38-39.

<sup>27</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudos sobre a educação das meninas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 66, 29 fev. 1852.

causar menos cansaço nos(as) alunos(as), Joanna Manso sugeriu modificações no horário das classes. A adoção de um turno mais amplo na escola beneficiaria principalmente as crianças pobres, cujos pais não podiam pagar para os filhos e filhas serem pensionistas e tinham o trabalho de levá-los(as) e buscá-los(as) duas vezes ao dia nos estabelecimentos de ensino público que, muitas vezes, eram longe de casa. Nas palavras da professora:

Por exemplo, as classes deverião abrir-se neste paiz tão calmoso, ás 7 horas da manhã. A's 10 conceder-se uma meia hora de recreio, meia hora de toucador, e ás onze começar de novo as classes até uma hora da tarde em que definitivamente ellas se fecharião até o outro dia, ficando tempo á mestre para estudar, por que aquelle que ensina a isso é obrigado, e as meninas também terião tempo de estudar – sem apanhar sol e atravessar as ruas quatro vezes no dia – o que não achamos muito a proposito na verdade.<sup>28</sup>

A professora continuou suas reflexões sobre a educação nas páginas do *Jornal das Senhoras*. Desta vez, Joanna Manso utilizou alguns registros de viagem para aprimorar seus argumentos. Segundo María Julia de Giorgio, a argentina viajou para Filadélfia e Nova York, no ano de 1846, para acompanhar seu marido Francisco de Sá Noronha em uma turnê artística, que findou com grande prejuízo econômico. Também foi neste ano, mais especificamente no dia 13 de outubro, na Filadélfia, que nasceu Eulália, a primeira filha de Joanna Manso.<sup>29</sup> Apesar das dificuldades financeiras e do tempo dedicado à maternidade, a professora conseguiu aproveitar a viagem para visitar uma casa de refúgio que abrigava meninas e meninos economicamente desfavorecidos(as) e uma penitenciária, com o objetivo de observar e registrar em seu diário os métodos de ensino adotados nos Estados Unidos.

Apesar da triste condição das crianças que habitavam o estabelecimento, meninas e meninos “privados dos afagos de uma mãe”, Joanna Manso ficou impressionada com a organização e limpeza do ambiente, admirando os espaços de estudos, as oficinas e os pátios destinados às atividades físicas: “o todo da casa respirava aceio, alegria e a actividade do trabalho.”<sup>30</sup> O estabelecimento adotava o “systema cellular” que, segundo a professora, era comum nas demais instituições que tinham por objetivo “subordinar o espirito rebelado, educar o coração, ou morigerar pela penitencia os vicios que a má educação, o habito ou a miseria, fizerão nascer.”<sup>31</sup> Na ampla cozinha, uma “multidão de meninas” auxiliavam na preparação dos alimentos e, após a refeição, na limpeza do ambiente. Na seção de trabalhos manuais havia atividades para os rapazes na tipografia, na oficina de encadernação, na

---

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 65.

<sup>29</sup> DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico, 2015, p. 52.

<sup>30</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Recordações de viagem: Casa de refugio para os meninos e meninas pobres no Estado da Pensilvania. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 107, 04 abr. 1852.

<sup>31</sup> *Ibidem*, loc. cit.

marcenaria, na ferraria etc. As atividades ali exercidas eram utilizadas para a manutenção da Casa de Refúgio, bem como para a reserva de um fundo que seria concedido aos/às órfãos(ãs) quando chegasse o momento de deixarem o estabelecimento, ou seja, quando as meninas completassem 18 anos e os meninos 21 anos.<sup>32</sup>

Joanna Manso observou que aqueles que cumpriam bem as tarefas atribuídas, “além de receberem do director algumas palavras de encorajamento, recebiam também dobrada ração”. Por sua vez, os que se comportavam mal eram “reprehendidos e privados da ceia, com obrigação de servir em pé aos seus companheiros.”<sup>33</sup> Conforme Joanna Manso, as meninas recebiam educação primária, instruções de música e desenho, além de se dedicarem a alguma atividade manufatureira – “ellas também tem suas officinas de trabalho, mas quase nunca ha exemplos de desobediência”.<sup>34</sup> O aprendizado de uma profissão era importante, aos olhos de Joanna Manso, pois, ao se inserirem na sociedade, as mulheres eram empregadas nas fábricas.

Após a visita à Casa de Refúgio para Meninos e Meninas Pobres,<sup>35</sup> Joanna Manso refletiu sobre “as vantagens daquelle util estabelecimento”, que acolhia crianças desvalidas, utilizando “utilmente este tempo ensinando-lhes a ganhar o pão”. Desta forma, os indivíduos tornavam-se “seres uteis e laboriosos”, com plenas capacidades de viver em sociedade, além de não gerarem ônus financeiros para o Estado, já que o estabelecimento era mantido com recursos próprios. Assim, a professora findou seu relato: “Por muito tempo não sahirá da minha lembrança o Asylo dos orphãos da Pensilvania.”<sup>36</sup>

Diferentemente da experiência de Domingo Faustino Sarmiento, que teve financiamento e apoio do Estado – no caso o chileno – para realizar viagens de estudos no intuito de conhecer as instituições de ensino estrangeiras e repensar os métodos educativos aplicados na América do Sul,<sup>37</sup> Joanna Manso realizou atividades exploratórias financiadas por ela e sua família.<sup>38</sup> Sendo assim, para aproveitar a estadia nos Estados Unidos e continuar

---

<sup>32</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Recordações de viagem: Casa de refugio para os meninos e meninas pobres no Estado da Pensilvania. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 107, 04 abr. 1852.

<sup>33</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 108.

<sup>35</sup> As impressões sobre este estabelecimento também foram publicadas nas páginas do *Album de Señoritas*. A redatora fez pequenas modificações no relato, acrescentando mais detalhes, modificando a organização e ordem dos parágrafos, porém, as conclusões foram iguais. Ver: MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Casa de refugio del estado de Pensilvania. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 43-45, 05 fev. 1854.

<sup>36</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>37</sup> MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1998. p. 410.

<sup>38</sup> Em fins do século XIX, a professora e redatora Josephina Alvares de Azevedo também financiou a própria viagem exploratória no intuito de conhecer instituições de ensino e os métodos aplicados na educação das meninas. Sobre o tema, ver: SOUTO, Bárbara Figueiredo. Uma viajante interna: Josephina Alvares de Azevedo

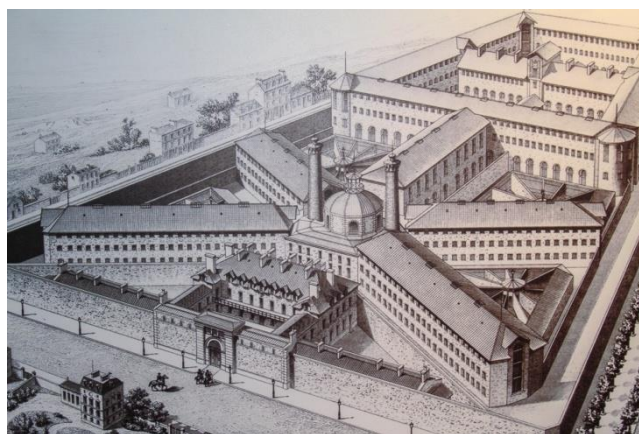


suas reflexões educativas, a professora realizou uma visita à Penitenciária da Pensilvânia, registrando em diário suas impressões, as quais foram veiculadas no *Jornal das Senhoras*, na edição do dia 02 de maio de 1852.

Joanna Manso demonstrou enorme encantamento pela Filadélfia, o que talvez tenha convencido a professora de que todas as pessoas daquela região fossem boas e morais, chegando ao ponto de defender o modelo de reclusão praticado naquela cidade. Antes de entrar na penitenciária, a viajante registrou suas impressões da região: “É muito linda esta cidade da Philadelphia! Como são largas, espaçosas e limpas as suas ruas! Agora que estamos no rigor do estio, as arvores das ruas prestão a sombra benefica da sua verde folhagem...tudo aqui respira alegria, bem estar e trabalho!”<sup>39</sup>

Imbuída da descrita sensação de prazer, Joanna Manso chegou à penitenciária. Ao vislumbrar a moderna arquitetura e o reduzido número de trabalhadores, ela pensou admirada: “Aqui a força moral da lei só me apresenta um caracter solemne e grandioso!”. Em seguida, atravessou a parte frontal da construção e registrou: “A minha admiração cresce a cada passo que dou; esta casa tem só quatro empregados!”. Impressionada com a otimização dos serviços, descreveu um elemento fundamental da penitenciária: “Ha um quarto octógono collocado no centro do edificio, cujos corredores estabelecidos em raios podem ser vigiados por uma só pessoa postada no centro desse quarto.”<sup>40</sup>

Para visualizarmos melhor a arquitetura, segue uma representação da construção visitada por Joanna Manso, em 1846:



**Imagem 9:** Representação da Penitenciária Estadual da Filadélfia<sup>41</sup>

---

e suas impressões feministas, na segunda metade do século XIX. *Labrys: Estudos Feministas*, Brasília, p. 1-24, jan./jun. 2016.

<sup>39</sup> MANSO DE NORONHA. A penitenciaria: recordações de viagem. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 137, 02 mai. 1852.

<sup>40</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>41</sup> Imagem disponível em: <https://i0.wp.com/www.viajoteca.com/wp-content/uploads/2018/09/Eastern-State-Penitentiary-em-Philadelphia-87.jpg?w=1000&ssl=1>. Acessada em 31 de janeiro de 2019.

A tecnologia empregada nos serviços penitenciários também causou boa impressão na professora argentina: “Um carril de ferro passa pelo centro de cada corredor para facilitar a rodagem do carro que conduz as rações, ao qual basta um pequeno impulso dado para se mover.” E prosseguiu com a descrição: “Já se sabe, a cozinha é de vapor, o pão é cortado por uma machina, que dá, não me lembra que numero extraordinario de rações, com um só golpe.”<sup>42</sup>

Ao visitar a “cellula” onde ficava o recluso, Joanna Manso registrou que a mesma media “tres varas de comprido sobre duas de largura” e “uma fenda lá perto do tecto dava-lhe luz bastante”. O ambiente era bem limpo, possuindo um lugar de repouso com travesseiro, cobertor e lençóis, além de uma mesa de trabalho e uma estante com três livros: a Bíblia, um tratado de álgebra e um de manufatura.<sup>43</sup> A professora afirmou que a permanência do homem isolado por alguns anos seria uma situação propícia para a reflexão sobre o presente, o passado e o futuro, bem como para o arrependimento dos erros cometidos.<sup>44</sup>

Após as observações sobre os espaços e procedimentos da penitenciária da Pensilvânia, Joanna Manso fez a seguinte assertiva: “Uma consequência natural, é que neste paiz a justiça não castiga, atormentando os réos; a missão da justiça é corrigir, morigerar os homens...”. Portanto, aos olhos da professora, os efeitos daquele método de reclusão era “optimo” para os detentos, pois eles eram bem vestidos, alimentados, tinham acesso a livros científicos, viviam num ambiente limpo, trabalhavam para seu sustento e o restante era guardado para ser resgatado no momento de sua reinserção social.<sup>45</sup>

Joanna Manso findou seu relato elaborando uma comparação entre os Estados Unidos e as sociedades sul-americanas, lamentando a diferença de grau civilizatório entre as regiões:

Como estes paizes, que ainda não contão um seculo de existencia política, puderão morigerar-se, instruir-se, e adiantar a este ponto, eu não sei!... acostumada á luta immoral e sanguinolenta, á luta fraticida do meu paiz, admiro-me de quanto vejo! Pasma de um sentimento de emulação que faz crescer-me o desejo de ter um poder omnipotente, para transportar estes melhoramentos todos para lá... onde empenhados em lutas mesquinhas, desperdição o tempo e se afastão cada vez mais da civilisação!<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> MANSO DE NORONHA. A penitenciaría: recordações de viagem. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 137, 02 mai. 1852.

<sup>43</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>44</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>45</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>46</sup> *Ibidem*, loc. cit.

O sistema de formação/regeneração de inspiração norte-americana, que a professora se convenceu que seria um bom modelo a ser implantado na América, de forma mais ampla, estava pautado em rígidos princípios disciplinares. Ao ler os relatos das observações de Joanna Manso e, principalmente, suas conclusões sobre as “vantagens” dos métodos empregados, a primeira sensação gerada foi a de estranhamento e indagação: Como uma mulher que prezava pela autonomia, pela liberdade, pela cidadania e pela igualdade entre as pessoas pode exaltar dispositivos de poder utilizados para subordinar os sujeitos?

Como exposto anteriormente, o método educacional empregado na Casa de Refúgio da Pensilvânia visava “subordinar o espírito rebelado” e a arquitetura montada na Penitenciária da Pensilvânia tinha como meta vigiar e “corrigir” os sujeitos.<sup>47</sup> As duas instituições visitadas por Joanna Manso apostaram no excesso de trabalho e na manutenção de um ambiente higiênico e ordeiro para manter os corpos disciplinados. Enquanto o estabelecimento que recebia órfãos de baixa renda escolheu investir nas repreensões e privações para educar, o presídio apostou no erguimento de uma arquitetura engenhosamente calculada: o panóptico.

A “espessa muralha”, o “edifício octangular” localizado no centro da construção, os “corredores estabelecidos em raios” e a “fenda” que proporcionava “luz bastante”, registrados por Joanna Manso, constituíam elementos precisos para a vigilância e repressão daqueles que eram considerados anormais ou desvirtuosos, no século XIX. Sobre a arquitetura do panóptico, afirmou Michel Foucault:

Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. [...] A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha.<sup>48</sup>

Desta maneira, o mecanismo do panóptico gerava um efeito cruel, que era “induzir no detendo um estado consciente e permanente de visibilidade” que garantia “o funcionamento

---

<sup>47</sup> A penitenciária da Filadélfia, fundada em 1829, é uma das mais famosas do mundo, justamente devido à modernidade de sua arquitetura para punir os(as) prisioneiros(as). A construção foi projetada pelo inglês John Haviland e serviu de modelo para várias detenções, funcionando até 1971. Atualmente, a penitenciária é aberta à visitação e possui um *site* oficial, que oferece *tour online* e agendamento para passeio turístico. Ver: <https://www.easternstate.org/>. Acessado em 01 de fevereiro de 2019.

<sup>48</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. de Raquel Ramalhe. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 166.

automático do poder”. Assim, independentemente do(a) cativo(a) estar sendo vigiado ou não, o fundamental é que ele(a) soubesse que poderia estar sendo vigiado(a).<sup>49</sup>

Esse processo sofisticado de promover a tão sonhada “regeneração social” por meio da educação e da formação de indivíduos “úteis” à sociedade, certamente não revelou sua face perversa frente às observações de Joanna Manso. A percepção da migração de um tipo de educação que castigava fisicamente os(as) alunos(as) para um método que introduzia o trabalho e acolhia as crianças num ambiente higiênico; e a transferência de um modelo prisional que amarrava os(as) detentos(as) em correntes de ferro e abusava dos castigos físicos para um método de reclusão onde os(as) presos(as) tinham “quartos” individuais com cama, roupa limpa e boa alimentação, encantou a professora que sonhava com a elevação de uma sociedade pacífica, onde todos(as) pudessem exercer a cidadania e viver do seu trabalho.

Joanna Manso não conseguiu perceber as malícias da estruturação da sociedade disciplinar no século XIX – conforme analisada por Foucault. Houve evidente transformação no exercício do poder. Se antes a violência física era o meio de punir os ditos transgressores, na sociedade disciplinar a violência simbólica foi a grande atuante, fazendo o poder exercer-se por meio da vigilância. Portanto, o grande deslumbramento de Joanna Manso ao entrar no presídio da Pensilvânia e deparar-se apenas com quatro funcionários não significava o alcance do refinamento moral que ela conjecturou, mas o avanço dos dispositivos de poder que sofisticaram os métodos de disciplinar os corpos.

Tendo isso em vista, compreendo que os elogios registrados por Joanna Manso nas páginas de seu diário e veiculados no *Jornal das Senhoras* não eram incompatíveis com suas propostas educativas, contudo, revelam as artimanhas do poder coercitivo potencializado no século XIX – através de vários discursos científicos – que tinha a habilidade de lubridiar até mesmo os(as) intelectuais mais capacitados(as).

Somente após o seu retorno para a terra natal, Juana Manso escreveu textos dedicados exclusivamente à reflexão educativa. Como já mencionado nesta tese, a professora voltou para a Argentina depois de quase duas décadas ausente. Há pouco tinha ocorrido a Batalha de Caseros que derrubou Juan Manuel de Rosas do poder e, ainda em 1852, Buenos Aires tornou-se palco da “revolución del 11 de septiembre”, culminando na autonomia da região portuária. Foi no ano de 1853, num contexto de transformação política e social, que Juana Manso voltou a residir em Buenos Aires, coincidindo com a etapa da vida que “se acentuaba

---

<sup>49</sup> *Ibidem*, p. 166-167.

su perfil de mujer madura, reflexiva y emprendedora”.<sup>50</sup> Sendo assim, no raiar do ano de 1854, o novo periódico mantido pela professora argentina veio a público em 01 de janeiro.

Logo na segunda edição do *Album de Señoritas*, estampado na primeira página, Juana Manso publicou o artigo intitulado “Organizacion de las escuelas”. A professora argentina – tal como seus/suas colegas da Geração de 37<sup>51</sup> – fez críticas diretas ao governo Rosas; tinha a Revolução de 1810 como uma referência positiva e acreditava na educação como via de transformação social. Tais concepções foram sintetizadas no parágrafo de abertura do artigo a seguir:

[...] despues del cáos, de la guerra y de la tiranía, se trata de organizar la sociedad, [...]; y en fin presentarnos á la faz del mundo, dignos de la herencia gloriosa que nos lego la revolucion de Mayo. Uno de los trabajos mas importantes y de mas trascendencia para lo futuro es la organizacion de las escuelas, es la educacion del pueblo.<sup>52</sup>

Juana Manso estava ciente da necessidade de aprimoramento dos estabelecimentos e métodos educacionais na Argentina, mas não desprezava o trabalho de organização que estava sendo realizado pela Sociedade Beneficente. No entanto, sabia da escassez de recursos e da pouca prioridade dada à educação por parte do governo, o que tornava o processo de mudança educacional moroso. Segundo a articulista, aquele país viveu “una triste experiencia”, pois não se preocupou em “derramar la ilustracion en las masas”. Para ela, caso tivesse havido tal cuidado após a Revolução de Maio de 1810, a população teria a “razon” emancipada e, talvez, “ni tanta sangre habria empapado esta tierra, ni tantas lagrimas habrian corrido!”.<sup>53</sup>

A professora registrou inúmeros elogios à sociedade norte-americana que, segundo ela, por meio da educação e da religião conseguiu erguer “el monumento eterno de civilization y de prosperidad”. Inspirada neste modelo, Juana Manso propunha o investimento na “educacion popular” e o rompimento com preceitos passados, pois “la juventud que se educa hoy con los principios de ayer, dentro de diez años, al acabar su educacion, se encontrará medio siglo atrasada de su época.”<sup>54</sup> A preocupação da argentina com o futuro ressalta sua faceta iluminista, aproximando-se de autores como Immanuel Kant, que declarou: “[...] não se deve educar as crianças segundo o presente estado da espécie humana, mas

---

<sup>50</sup> AUZA, Néstor. *Periodismo y feminismo en la Argentina (1830-1930)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1988. p. 194.

<sup>51</sup> A discussão a respeito da relação de Juana/Joanna Manso com a Geração de 37 será apresentada no Capítulo 3.

<sup>52</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Organizacion de las escuelas. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 9, 08 jan. 1854.

<sup>53</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>54</sup> *Ibidem*, loc. cit.

segundo um estado melhor, possível no futuro, isto é, segundo a ideia de humanidade e da sua inteira destinação.” E prosseguiu: “De modo geral, os pais educam seus filhos para o mundo presente, ainda que seja corrupto. Ao contrário, deveriam dar-lhes uma educação melhor, para que possa acontecer um estado melhor no futuro.”<sup>55</sup>

Juana Manso exigia que o governo fortalecesse e regulamentasse as bases educacionais, não permitindo que os(as) estrangeiros(as) conduzissem os estabelecimentos sem seguir as metas estipuladas pelas autoridades. Além disso, seria necessário estimular “las inteligencias del país” a produzirem bons livros didáticos, pois o material oferecido para a instrução primária era, segundo ela, lastimável.<sup>56</sup> A professora comentou sobre a importância e os métodos que poderiam ser desenvolvidos nos livros para o ensino da leitura, da aritmética, da religião e dos conhecimentos industriais e mercantis. Esse tipo de ensino prático e amplo era importante, pois “el comercio y la industria son la verdadera filosofia de este siglo, y la tendencia general de las sociedades todas”. O conhecimento da História também era elementar, afinal, “es absurdo vergonzoso, no conocer la situacion de su próprio país y su historia.” Convencida da potencialidade de um ensino enciclopédico, Juana Manso acreditava na possibilidade de reunir todos esses conhecimentos em um único manual que poderia se chamar “El Instructor Argentino”.<sup>57</sup>

Anos mais tarde, em 1862, a própria Juana Manso escreveu o livro didático “Compendio de la Historia de las Provincias Unidas del Rio de la Plata”, que foi dedicado ao General Bartolomé Mitre,<sup>58</sup> o qual autorizou sua introdução nas escolas argentinas, conforme explicitado no trecho a seguir: “Puedo decirle que es una obra cuya necesidad se hacia sentir, y que lo considero muy adecuado para servir de libro elemental de historia en las escuelas primarias, siendo su plan sencillo, habiendo método en la esposicion de los hechos, y bastante exactitud, á lo que se agrega un estilo correcto.”<sup>59</sup> Além da correspondência do presidente da República Argentina, foi impresso na nova edição do *Compendio* a seguinte informação:

---

<sup>55</sup> KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. rev. Piracicaba (SP): Editora Unimep, 1999. p. 22.

<sup>56</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Organizacion de las escuelas. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 10, 08 jan. 1854.

<sup>57</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Educacion popular. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 42, 05 fev. 1854.

<sup>58</sup> Conforme registrado na carta de Juana Manso dirigida a Mitre, o *Compendio* foi produzido tendo por base o texto *Ensayo histórico del Dean Funes* e a biografia de Belgrano escrita pelo próprio destinatário. Ver: MANSO DE NORONHA, Juana. [Correspondência]. Destinatário: Bartolomé Mitre. Buenos Aires. In: MANSO DE NORONHA, Juana. *Compendio de la historia de las Provincias Unidas del rio de la Plata*. Buenos Aires: Imp. y Lit. á vapor, de Bernheim y Boneo, 1862.

<sup>59</sup> MITRE, Bartolomé. [Correspondência]. Destinatário: Juana Paula Manso de Noronha. Buenos Aires, 15 abr. 1862. In: MANSO DE NORONHA, Juana. *Op. cit.*, 1862.

“Este libro ha sido aprobado por el Consejo de Profesores del Colegio Nacional de Buenos Aires en 1863, y por el Consejo de Instrucción Pública de esta misma Provincia en 1869.”<sup>60</sup>

A autora do livro pioneiro de história argentina<sup>61</sup> voltado especificamente para os estabelecimentos educacionais<sup>62</sup> voltou a defender a importância da instrução da mulher, lembrando que ela tinha “una influencia tan directa é importante en la familia”, sendo fundamental sua ilustração para o exercício da “augusta y honrosa mision que le destinó la Providencia.”<sup>63</sup> Esta mesma ideia foi defendida por Joanna Manso nas páginas do *Jornal das Senhoras*, sendo uma perspectiva compartilhada também pelas colaboradoras daquele jornal carioca, bem como pelas redatoras e colaboradoras do periódico portenho *La Camelia*, conforme apresentarei no próximo capítulo.

Tal como registrou nas páginas do jornal carioca, Juana Manso também dirigiu críticas ao catolicismo na publicação do *Album de Señoritas*, principalmente, à maneira como tal doutrina era ensinada nas escolas. Por isso, questionou: “De qué le puede servir para el desenvolvimiento de su inteligencia, y para la perfeccion de sus facultades morales, ese monton de palabras que se les hacen aprender de memoria?”. Após a indagação, esclareceu que a religião era a base do “edificio social”, porém, era preciso compreendê-la melhor e transmití-la de maneira simples para as crianças. Nesse sentido, Juana Manso manteve a defesa da educação moral e intelectual da humanidade,<sup>64</sup> pois para ela não era “bastante educar la inteligencia, ó mejor dicho ilustrarla, es necesario educar el alma, explotar todos los gérmenes de bien y de mal que existen en el corazon, [...]” Para tanto, era fundamental ensinar, desde a primeira infância, “el conocimiento exacto y práctico” de virtudes como “el amor á la justicia” e “el respeto de si mismo”.<sup>65</sup> A professora tinha convicção de que só se alcançaria a civilização por meio de uma reforma completa pela via obrigatória da educação do povo.

A grande preocupação conferida por Juana Manso à educação dos indivíduos pertencentes às classes economicamente desfavorecidas levou a redatora do *Album de*

---

<sup>60</sup> MANSO, Juana. *Compendio de la historia de las Provincias del rio de la Plata*. 9ª ed. Buenos Aires: Algel Estrada, 1881.

<sup>61</sup> Sobre os manuais de História Nacional, publicados entre 1868 e 1912, e as representações sobre a nação argentina, ver: FRANCO, Stella Maris Scatena. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de história nacional (1868-1912)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

<sup>62</sup> DE GIORGIO, María Julia, 2015, p. 55.

<sup>63</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Organización de las escuelas. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 10, 08 jan. 1854.

<sup>64</sup> Tais concepções também foram detalhadas no seguinte artigo: MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Educación popular. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 49-50, 12 fev. 1854.

<sup>65</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Organización de las escuelas. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 10, 08 jan. 1854. [grifos no original]

*Señoritas* a intitular suas reflexões educacionais autorais de “educación popular”, as quais continuaram a ser estampadas nas primeiras páginas do periódico portenho. Inspirada pelos pensadores liberais, a professora abriu seu artigo com uma epígrafe de autoria de John Locke: “Toda la felicidad que puede gozar el hombre en este mundo, se reduce á tener el cuerpo sano, y el alma bien formada: estas dos ventajas encierran en sí todas las otras.”<sup>66</sup>

Pautada nos preceitos do filósofo britânico, Juana Manso reforçou a educação centrada na “higiene física” e na “higiene moral”, o que conduziria os indivíduos à “felicidad” e ao “engrandecimiento”. Assim, “hombres sanos del cuerpo, ilustrados, morales y laboriosos, formarán siempre una grande nacion”. Certamente influenciada pela leitura dos contratualistas, a redatora do *Album de Señoritas* defendeu o importante papel do Estado na condução da sociedade e, conseqüentemente, dos estabelecimentos educativos. Para ela, o alcance de bons resultados educacionais era garantido pelas regulamentações governamentais, que daria “fuerza de ley en lo que respecta las bases esenciales de la educacion moral y física”, seja nas escolas públicas ou particulares.<sup>67</sup>

São significativas as reflexões de Juana Manso, pois indicam que ela estava atenta à reestruturação educacional da Argentina naquele contexto, principalmente, no que se referia à Buenos Aires. É importante salientar que, durante o período que Juan Manuel de Rosas estava no poder, o campo da educação foi diretamente afetado. As medidas liberais tomadas no governo de Bernardino Rivadavia foram desmanteladas por Rosas e seus aliados, instaurando diretrizes autoritárias. Assim, a administração das escolas ficou centralizada na figura do Inspetor Geral de Escolas. Logo, instituições escolares foram fechadas, professores e professoras destituídos(as) de seus cargos e imposições colocadas aos(às) novos(as) docentes. Conforme Manuel Horacio Solari:

A partir de 1831, Rosas inició su política de uniformación de la sociedad, no olvidando la educación. Su primera tentativa en este sentido fue la de ‘uniformar’ a los educadores desde el punto de vista de su ideología. A ello tendió la comunicación que dirigió al Inspector General de Escuelas ordenándole que, en toda propuesta para la designación de maestros, debía adjuntarse una nota especificando las cualidades del candidato ‘respecto a su adhesión a la causa federal’.<sup>68</sup>

Como esta política gerou conseqüências maléficas para a prática docente e para a sociedade, de forma mais ampla, a partir de 1852, alguns(mas) intelectuais intensificaram as

---

<sup>66</sup> LOCKE, John *Apud* MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Educacion popular. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 17, 15 jan. 1854.

<sup>67</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Educacion popular. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 17, 15 jan. 1854.

<sup>68</sup> SOLARI, Manuel Horacio. *Historia de la educación argentina*. 13ª reimp. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1991. p. 87.



reflexões com proposições para resolver os problemas vivenciados na Argentina.<sup>69</sup> Na senda deste movimento, Juana Manso usou a imprensa para registrar seus projetos educacionais.

Dito isto, a professora sugeriu a criação de “casas de refugio”, cujo modelo descrito muito se assemelhava ao estabelecimento da Pensilvânia registrado em seu diário de viagem e veiculado nas páginas do *Jornal das Senhoras*, em 1852. Imergir “sujetos al régimen celular, repartido el tiempo entre el estudio y el trabajo corporal”, proporcionaria a formação de cidadãos civilizados. Considerando que a sociedade argentina era “uma influência funesta” para as crianças, devido à experiência de “22 años de tirania”, a reclusão foi considerada por Juana Manso como um eficiente método educativo. Nesse sentido, o pensamento da professora se aproximava de outro pensador da Ilustração, Rousseau, que foi um dos pioneiros no que dizia respeito à valorização da educação da criança, argumentando sobre os malefícios gerados pela sociedade corrompida em sua formação, bem como apresentou a possibilidade de construção de uma nova sociedade por meio da educação.<sup>70</sup>

Na continuação de sua reflexão sobre a educação popular, Juana Manso reforçou a necessidade de implantação das Casas de Refúgio. Se fossem conduzidas com os princípios corretos, “esos niños segregados de los vicios que gangrenan hoy nuestras clases pobres, serian dentro de diez años una raza nueva de hombres.”<sup>71</sup> No intuito de cobrar ações efetivas do governo e questionar suas prioridades de investimento, a professora indagou:

El gobierno ha pedido planos para la aduana, para un teatro, por qué no lo pediria para una casa de refugio?  
Hace pocos dias que se ha publicado un decreto creando un seminario eclesiástico: por qué no se expediria otro creando las casas de refugio?  
Concibís la idea de un edificio sin simientos?  
Juzgais que sin educar el pueblo, podreis constituiros, y moralizaros?  
Quereis hacer revivir el esplendor da la Iglesia? Y por qué vais con tanta lentitud en lo que respecta la *educacion* popular?<sup>72</sup>

Dialogando sobre as metas do período de organização político-econômico-social da Argentina, Juana Manso articulou sua defesa com o contexto da época e afirmou que, sem uma educação sólida, “nunca habrá orden estable en el pais”. Assim “el pueblo será siempre

---

<sup>69</sup> A título de exemplo, vale mencionar a publicação, em 1852, da obra *Bases y puntos de partida para la organización de la República Argentina*, escrita pelo intelectual da Geração de 37, Juan Bautista Alberdi. A mencionada obra está disponível em: <http://biblioteca.libertyfund.org/bibliotecadelalibertad/bases>. Acessado em 28 de outubro de 2019.

<sup>70</sup> Sobre a influência das ideias de Jean-Jacques Rousseau no pensamento pedagógico brasileiro, ver: SOUZA, Rosiris Pereira de. Rousseau e a educação da infância. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo, v. 6, n. 18, p. 7-19, ago./dez. 2017.

<sup>71</sup> MANSO DE NORONHA, Joana Paula. *Educacion popular. Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 26, 22 jan. 1854.

<sup>72</sup> *Ibidem*, loc. cit.

una fuerza bruta, cuyo brazo estará á las órdenes del primer caudillo que lo quiera armar.”<sup>73</sup> Conforme argumento da professora, “nada seria tan simple como la adopcion de ese plan”, bastava o governo “nombrad una comision inteligente para ese efecto” e “una persona de inteligencia y patriotismo” para conduzir “primero el plano del edificio”.<sup>74</sup> Caso o governo estivesse com excasaz de recursos, bastava criar “una loteria pública” com a finalidade específica de erguer a Casa de Refúgio. A professora continuou detalhando as etapas para a efetivação do projeto: “Una vez habido el plano, y expedido el decreto de la instalacion, designad el dia en que se coloque la primera piedra de esse edificil. Despues, escribid ó pedid que escriban la constituicion interior del establecimiento.”<sup>75</sup>

Os escritos de Juana Manso revelaram uma mulher segura de suas propostas, metódica e didática na exposição dos argumentos e com grande poder de convencimento. É visível o empenho da professora argentina, que dedicou considerável tempo de leitura para basear seus projetos, os quais estavam permeados de influência filosófica ilustrada. Além disso, a experiência transnacional da exilada e viajante deixou fortes marcas na consolidação de seu pensamento.

A professora explicitou críticas à trajetória histórica da França, que construiu “su camino al través de oceanos de sangre”, alcançando uma educação imperfeita e um nível de civilização “parcial”, devido à centralidade das ações do governo nos espaços urbanos. Em contrapartida, os Estados Unidos tornaram-se o grande modelo civilizatório para a professora argentina, pois, segundo ela, após a independência, a educação foi propagada de maneira sólida e generalizada. Era esse o desejo de Juana Manso para a Argentina, a difusão do conhecimento em todas as regiões do país, atingindo os habitantes das cidades e das zonas rurais.<sup>76</sup>

Juana Manso tinha ciência do amadurecimento intelectual consolidado ao longo de sua formação letrada e através da experiência adquirida nos lugares por onde passou, tornando-a competente o suficiente para propor reformas educacionais e sociais em sua terra natal. Nas palavras da professora:

Antes de haber visto alguna cosa, cuando mi razon era apenas la de una niña de diez y ocho años, creo que aun existen recuerdos agradables del establecimiento que formé en Montevideo el año de 1841.

---

<sup>73</sup> MANSO DE NORONHA, Joana Paula. Educacion popular. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 26, 22 jan. 1854.

<sup>74</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>75</sup> *Ibidem*, p. 27.

<sup>76</sup> *Ibidem*, loc. cit.

Despues, estudios mas estensos, razon mas madura y el viajar, creo que me dan derecho de ofrecer lo poco que sé sin que esta oferta pueda tacharse de presuntuosa ó de inmodestia; [...].<sup>77</sup>

Outra maneira encontrada de defender a educação e estimular o aprimoramento intelectual feminino através das páginas do *Album de Señoritas* foi veicular a série de textos intitulados “Ilustracion de la muger”. Enquanto redatora do jornal carioca, Joanna Manso veiculou dois artigos específicos sobre filosofia, argumentando sobre: seu importante papel no desenvolvimento da capacidade crítica dos sujeitos; sua relação com a razão e com Deus; a busca da liberdade; e, principalmente, a filosofia como um instrumento de ilustração das mulheres.<sup>78</sup> Nas páginas do periódico portenho, em vez de veicular textos autorais, optou por transcrever parte de um curso de filosofia de autoria de Geruzez,<sup>79</sup> o qual apresentava concepções articuladas com as já publicadas pela redatora, como: o amor pela ciência; a necessidade da educação moral e intelectual; a capacidade racional das mulheres; a importância do conhecimento sobre Deus e a natureza; o gozo da liberdade; a relevância em conhecer a história; e a valorização da educação infantil.<sup>80</sup>

É provável que a mudança de método ao discutir filosofia tenha sido estratégica. A redatora veiculou concepções convergentes com seus projetos de emancipação das mulheres por meio de um discurso de autoridade, ou seja, através de um curso produzido na Europa por um professor da Sorbonne.

No último número do periódico *Album de Señoritas*, Juana Manso publicou o artigo intitulado “Educacion de la muger”, no qual retomou críticas já feitas à educação das mulheres e à opressão sofrida cotidianamente, mas, desta vez, num tom mais firme e exaltado do que nos artigos anteriores.

---

<sup>77</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>78</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudos: primeira lição. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 52, 07 mar. 1852; [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Estudos: lição II. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 74-75, 07 mar. 1852.

<sup>79</sup> Possivelmente trata-se da obra *Novo curso de filosofia, redigido segundo o novo programa para o bacharelado em letras*, de autoria do francês Nicolas Eugène Geruzez. Conforme o levantamento bibliográfico realizado por Antônio Paim, a mencionada obra era um dos manuais de filosofia utilizados no Brasil oitocentista, tendo tido uma edição impressa pela tipografia M. F. de Faria, em Pernambuco, no ano de 1840, e outra pela tipografia Niteroiense de Rego, em 1845. Ver: PAIM, Antônio. *Bibliografia Filosófica Brasileira (1808-1985)*. Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, [1983]. Disponível em: [http://www.cdpb.org.br/livro-a%20\(1808-1930\)\[1\].pdf](http://www.cdpb.org.br/livro-a%20(1808-1930)[1].pdf). Acessado em 03 de fevereiro de 2019.

<sup>80</sup> GERUZEZ *Apud Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 11, 08 jan. 1854; GERUZEZ *Apud Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 18, 15 jan. 1854; GERUZEZ *Apud Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 25-26, 22 jan. 1854; GERUZEZ *Apud Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 33, 29 jan. 1854; GERUZEZ *Apud Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 42-43, 05 fev. 1854; GERUZEZ *Apud Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 57-58, 17 fev. 1854.

A professora iniciou comentando um poema produzido por um português que sugeriu o extermínio das mulheres. A partir desse fato, ela afirmou que os homens nutriam sentimentos ambíguos pelas mulheres, maldizendo-as ou amando-as. Em tom de revolta, ela escreveu: “Y en fin, guerreros ó poetas, comerciantes ó médicos, abogados ó agiotistas, artesanos ó agricultores, sabios ó ignorantes, científicos ó leigos, todos venis á pedir que se os haga *felices*, como si Dios hubiera depositado vuestra dicha en nuestras manos!”<sup>81</sup>

Portanto, aos olhos de Juana Manso, os homens, em sua generalidade, oprimiam as mulheres, usurpando seus direitos como “*alma sensible, inteligente y libre*” e ainda esperavam que elas realizassem seus caprichos. Eles, seres tão inteligentes e capazes, que fizeram importantes descobertas em todos os campos do conhecimento, “solo á la muger no habeis podido descifrar”. Os homens não reconheciam nem estimulavam o aprimoramento intelectual e moral das mulheres, em vez disso, incentivavam-nas a ser vaidosas e a só se preocuparem com a beleza, tornando-as “esclava[s] de su espejo”. A mulher não era dona de sua dignidade e honra, como desabafou Juana Manso: “Honor? y para qué quiere honor la muger? Ella no tiene *palabra de honor*, quién se fia en palabras de muger? Su honor? de soltera es el honor del padre ó del hermano el que guarda, de casada, es el del marido!.... Insensatos!”<sup>82</sup>

A redatora construiu argumentos no intuito de demonstrar que os homens eram responsáveis por todos os vícios femininos. Sendo assim, indagou: “Y vosotros, ricos, por qué no la educáis ilustrada, en vez de criarla para el goce brutal? Y vosotros, pobres, por qué le cerrais torpemente la vereda de la industria y del trabajo, y la colocais entre la alternativa de la prostitucion ó la miseria?....”. A professora insistiu que as mudanças na vida das mulheres e, conseqüentemente, na sociedade, só ocorreriam se elas tivessem acesso a uma educação moral e esmerada.<sup>83</sup>

Portanto, Juana Manso findou seu periódico *Album de Señoritas* com uma defesa corajosa da educação das mulheres e com acusação aos homens por suas opressões mais sutis, que permeavam os âmbitos público e privado, e colocou luz sobre assuntos velados como as atitudes desvirtuosas das mulheres – raiva, vingança, ações ilícitas – e a prostituição.

Penso que algumas considerações da historiadora Diva do Couto Gontijo Muniz, a respeito de professoras oitocentistas de Minas Gerais, aproximam-se da vivência da professora argentina em questão:

---

<sup>81</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula]. Educacion de la muger. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 58, 17 fev. 1854. [grifo no original]

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 59. [grifos no original]

<sup>83</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

Foram mulheres que, finalmente, afirmaram seu protagonismo na construção de si como mestras e, sobretudo, como pessoas [...]. Mulheres/professoras insubordinadas, indóceis, indisciplinadas e, por certo, mais poderosas e felizes porque mais autônomas e emancipadas, já que construíram de formas próprias e diversas suas identidades e suas subjetividades, muitas vezes em discordância às proposições de seu tempo.<sup>84</sup>

Esta professora emancipada imprimiu suas ideias pedagógicas nos periódicos, que foram sendo amadurecidas a cada número publicado. O esforço reflexivo proporcionou um diálogo com os(as) leitores(as), estimulando a propagação do pensamento educativo e a construção de novos artigos sobre o tema. Essa prática, somada à experiência docente, à assiduidade no mundo da leitura e à vivência na América, propiciou a consolidação de uma intelectual com perspectivas educacionais avançadas. Como bem expressou Alejandra Judith Josiowicz: “[...] o pensamento pedagógico maduro de Manso foi profundamente interamericano e modernizador.”<sup>85</sup>

A jornada em prol da educação não findou após o término do *Album de Señoritas*. Juana Manso exerceu inúmeras atividades, na Argentina e no Brasil, como: exercício do magistério, tradução de obras pedagógicas, colaboração em periódicos educacionais, inauguração e direção de escolas, publicação de materiais didáticos, promoção de leituras públicas, fundação de bibliotecas públicas, debates sobre metodologias educacionais, co-fundação de institutos, elaboração de projeto de lei em prol da educação etc.<sup>86</sup> Ciente da dedicação da argentina, Zahidé Muzart afirmou: “Juana Manso foi, no século XIX, uma das pessoas que mais lutou pela educação, tendo promovido a criação de bibliotecas populares, realizado conferências e pregado sobre os direitos da mulher e da criança.”<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> MUNIZ, Diva Couto Gontijo. Professoras de Minas e das Gerais: desenho inconcluso de suas memórias e histórias. In: MAIA, Cláudia; PUGA, Vera Lúcia (Orgs.). *História das Mulheres e do Gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015. p. 39.

<sup>85</sup> JOSIOWICZ, Alejandra Judith. Juana Manso no Brasil: cidadania, educação e cosmopolitismo. *Revista Brasileira de História da Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 6, 2018.

<sup>86</sup> Importantes dados da trajetória de Juana Manso podem ser encontrados em: DE GIORGIO, María Julia, 2015; VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000; ARAMBEL-GUIÑAZÚ, María Cristina; MARTIN, Claire Emilie. *Las mujeres toman la palabra: escritura femenina del siglo XIX*. Tomo I. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Volvert, 2001.

<sup>87</sup> MUZART, Zahidé L. Juana Manso, uma voz subversiva. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata: romance histórico contemporâneo*. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015. p. 43.

## 2.2 Professora e escritora transnacional

Como trabalhado no tópico anterior, Juana/Joanna Manso foi uma amante da educação e do mundo letrado. Para além do universo pedagógico, a argentina também se enveredou no universo das letras para escrever literatura. A experiência peregrina deixou fortes marcas em sua escrita, gerando obras originais por meio de uma linguagem peculiar. Desde a adolescência, ela escreveu literatura, logo, sua vida permeada por deslocamentos não a impediu de produzir, ou melhor, a experiência transnacional foi motivo de inspiração.

O pai, José María Manso, foi o grande incentivador da formação intelectual de Juana. Ele impulsionou a criação da Sociedad de Beneficiencia Educativa, que fundou as escolas de Catalinas e Montserrat, onde Juana Manso teve suas instruções iniciais. Desde a mais tenra idade, a argentina demonstrou ter grande inteligência e curiosidade, desenvolvendo-se rapidamente na aprendizagem da leitura e da escrita. A partir de então, Juana não frequentou mais as escolas e tornou-se autodidata com “vocación literaria y pedagógica”. Ela demonstrou grande interesse pelo estudo de outros idiomas e obteve instrução musical.<sup>88</sup>

A iniciação na escrita deu-se via tradução, sob o pseudônimo “Una joven argentina”. Aos treze anos, ela traduziu, do francês, *El egoísmo y la amistad o los defectos del orgullo*, que seu pai levou para imprimir em Montevideu, no ano de 1834. Dois anos depois, uma segunda tradução foi realizada, da obra *Mavrogenia o la heroína de Grecia*, que foi dedicada à Sociedad de Beneficiencia.<sup>89</sup>

Segundo María Julia de Giorgio, Juana Manso foi uma “lectora precoz” e devorava rapidamente as publicações que adentravam sua casa. Essa bagagem cultural, tão cedo adquirida, propiciou que Juana vivenciasse a relevante experiência de participar do Salón Literario de Marcos Sastre e da Asociación de la Joven Generación Argentina, criada por Esteban Echeverría.<sup>90</sup>

Em 1839, Juana Manso e sua família emigraram para Montevideu, no intuito de escapar das perseguições sofridas pela ditadura de Rosas. Um ano após a estadia no Uruguai, a jovem argentina publicou suas primeiras composições poéticas, que foram intituladas *Recuerdos de la infancia* e veiculadas no jornal *El Nacional*, de Montevideu. Em 1841,

---

<sup>88</sup> DE GIORGIO, María Julia. *Juana Manso*. Disponível em: <http://www.juanamanso.org/su-vida/>. Acessado em 06 de fevereiro de 2019.

<sup>89</sup> *Ibidem*.

<sup>90</sup> *Ibidem*.

publicou mais poemas na imprensa uruguaia e participou de reuniões com alguns exilados como Esteban Echeverría, José Rivera Indarte, Juan María Gutiérrez e José Mármol.<sup>91</sup>

Devido ao cerco que as forças de Manuel Oribe fizeram em Montevideu, Juana Manso e sua família emigraram para o Brasil, em 1842. No mesmo ano publicou o conjunto de dísticos e análises filosóficas intituladas *Fragmentos sobre una momia egípcia que se halla en Rio de Janeiro*. Juana Manso passou o ano seguinte em Montevideu, momento em que veiculou as poesias *Una tumba* e *Una lágrima para ella* no periódico *El Nacional* e escreveu um *Manual para la educación de niñas*. Ainda no Uruguai, publicou, pela Imprenta del Nacional, a coletânea poética *Una armonía: homenaje de amistad al señor Don Juan Bautista Cúneo*.<sup>92</sup>

É importante observar que, com apenas dez anos de produção literária, Juana/Joanna Manso já possuía obras escritas e publicadas em três países diferentes: Argentina, Uruguai e Brasil. Assim, a jovem argentina, com 24 anos de idade, já experienciava uma vida literária marcada por fugas e deslocamentos.

Apesar da relevância desse *corpus* literário produzido por Juana/Joanna Manso entre 1833 e 1843, as obras mais polêmicas da argentina foram seus romances. *Misterios del Plata* começou a ser esboçado em 1846, quando Juana/Joanna Manso encontrava-se nos Estados Unidos. Por sua vez, *La familia del comendador* começou a ser escrito no Brasil, entre 1848 e 1849. Antes da conclusão e publicação dos romances, Juana/Joanna Manso compôs a letra *Cristóbal Colón* (1846), em parceria com o marido; escreveu o drama *La familia Morel* (1848-1849);<sup>93</sup> compôs as zarzuelas *Elvira de Saboyarda* (1848-1849) e *Esmeralda* (1851).<sup>94</sup>

Em primeiro de janeiro de 1852, Joanna Manso apresentou ao público carioca o *Jornal das Senhoras*, no qual seu romance *Misterios del Plata* passou a ser veiculado em fragmentos. A autora escreveu uma introdução ao romance para prestar alguns esclarecimentos. Apesar da semelhança do título, ela afirmou que sua obra não se tratava de “imitação servil” aos *Mistérios de Paris* e *Mistérios de Londres*<sup>95</sup> e justificou: “Chamei-o assim, porque considero

---

<sup>91</sup> *Ibidem*.

<sup>92</sup> *Ibidem*.

<sup>93</sup> Segundo Raúl Antelo, a peça teatral escrita por Joanna Manso tratava-se de uma adaptação da obra *Os Mistérios de Paris*, de Eugène Sue. Ver: ANTELO, Raúl. O Jornal da Senhora de Noronha. *Cuadernos de Literatura*, Bogotá (Colômbia), v. XX, n. 39, p. 205, ene./jun. 2016.

<sup>94</sup> DE GIORGIO, María Julia, [s.d].

<sup>95</sup> Sobre a influência das obras folhetinescas dos franceses Eugène Sue e Paul Féval, principalmente na primeira metade do século XIX, ver: MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 57-83. A respeito da introdução das obras de Sue e Féval em formato de folhetins na imprensa de Buenos Aires, ver: PAS, Hernán. Eugène Sue en Buenos Aires: edición, circulación y comercialización del folletín durante el rosismo. *Varia Historia*, Belo Horizonte, p. 193-225, v. 34, n. 64, jan./abr. 2018.

que as atrocidades de Rosas, e os sofrimentos de suas vítimas, serão um *mysterio* para as gerações vindouras, apesar de tudo quanto contra elle se tem escripto.”<sup>96</sup>

O trecho transcrito revela elementos importantes da obra em questão. Primeiramente, adianta o objetivo central dos *Misterios*: criticar a maneira tirânica e violenta com que Juan Manuel de Rosas governava a Argentina. Por conseguinte, demonstrou estar a par das produções contemporâneas questionadoras a Rosas. A propósito, Tatiana Mariano Feitoza e Luiza Lobo afirmaram que *Misterios del Plata* situa-se entre dois escritos de seus conterrâneos: *Amalia* (1844, em folhetim), de José Mármol, e *Facundo* (1845), de Sarmiento.<sup>97</sup>

Ciente da proximidade temática das produções dos três argentinos exilados e do curto espaço de tempo em que vieram a público, Luiza Lobo questionou:

Teria sido a obra de Juana Manso ignorada pela crítica durante tantos anos por não alcançar as qualidades da prosa romântica biográfica e do romance literário? Ou seria a causa dessa ignorância o fato de esta obra ter sido publicada em português sob a forma de folhetim, numa revista feminina de pouca circulação?<sup>98</sup>

Antes de sugerir uma resposta aos questionamentos de Lobo, é fundamental refletirmos a respeito dos cânones literários: Quem tinha autoridade para avaliar as obras? Era esperado que quais sujeitos produzissem literatura? Como sabemos, os cânones foram estabelecidos por uma elite letrada masculina e branca, sendo inviável o romance de Juana Manso ser equiparado qualitativamente às obras de Sarmiento e Mármol para a crítica da época – e também para a posterior.

Conforme Heloísa Buarque de Holanda, o cânone literário era “marcado pela exclusão das mulheres enquanto sujeito do discurso”, sendo colocado em xeque apenas em fins do século XX. A partir de então, passa-se a questionar a perspectiva patriarcal que permeava as determinações dos cânones e “começa-se a repensar a legitimidade daquilo que é considerado literário ou não, e a questionar os paradigmas de um essencialismo e de um universalismo que

---

<sup>96</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. Introdução. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 6, 1 jan. 1852.

<sup>97</sup> Análises pormenorizadas articulando as três obras podem ser encontradas em: FEITOZA, Tatiana Mariano. *Los misterios del Plata: literatura de autoria feminina e rosismo na Argentina do século XIX*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009; LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-48, 1º sem. 2009.

<sup>98</sup> LOBO, Luiza. *Op. cit.*, p. 65.



de certa forma determinam os critérios estéticos tradicionais e as estratégias interpretativas da crítica literária.”<sup>99</sup>

Portanto, o reconhecimento das produções femininas na literatura ocidental caracterizou-se pela morosidade. O caso da obra *Misterios del Plata* é ainda mais polêmico, pois, além da autoria, a narrativa construída por Joanna Manso destoava daquilo que se considerava uma escrita feminina, que eram temáticas voltadas para a intimidade e a sensibilidade. Distinto do esperado, Joanna Manso fez a seguinte assertiva na introdução veiculada no *Jornal das Senhoras*: “Neste romance encontrareis talvez o que ainda se chamão ideas ‘muito livres’ porque, apesar de sua civilização, o século 19 conserva preconceitos e horrores, [...]” E prosseguiu: “Eu, infelizmente talvez, nunca serei servil, nem nas minhas opiniões, nem nos meus escriptos; [...]”<sup>100</sup> Pautada em reflexões semelhantes, Feitoza chegou à seguinte conclusão: “Relegada à periferia do discurso antirrosista produzido por homens de 1837, a palavra de Manso reclama seu direito de existir e gera sua própria autoridade marginal, aquela que deriva precisamente de sua condição subordinada.”<sup>101</sup>

Tendo isso em vista, a utilização da língua portuguesa e a publicação num jornal de pequena circulação, por si só, não justifica o fato de a crítica ter ignorado *Misterios del Plata*. Penso que as reflexões de Zahidé Muzart, que efigura essa tese, seria uma resposta pertinente aos questionamentos de Luiza Lobo, ou seja, o esquecimento das escritoras oitocentistas foi um esquecimento político. Nas palavras de Muzart: “Não só porque mulheres escritoras foram esquecidas, sobretudo, as mais atuantes, as feministas, em uma palavra, as que desejaram mudar alguma coisa, tal como Juana Manso em sua luta pela educação e pela independência das mulheres.”<sup>102</sup>

A própria escritora do romance revelou que a história da Argentina, por ela narrada, comprovava a “necessidade da ilustração das mulheres”, a qual geraria mudanças sociais benéficas.<sup>103</sup> A trama de *Misterios del Plata* gira em torno da figura de Valentim Alsina,<sup>104</sup>

---

<sup>99</sup> HOLANDA, Heloisa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem. Disponível em: <https://www.heloisabuarquedeholland.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/>. Acessado em 06 de fevereiro de 2019.

<sup>100</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. Introdução. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 jan. 1852.

<sup>101</sup> FEITOZA, Tatiana Mariano, 2009, p. 75.

<sup>102</sup> MUZART, Zahidé L. MUZART, Zahidé L., 2015, p. 24.

<sup>103</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. Introdução. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 jan. 1852.

<sup>104</sup> Tratava-se de um portenho, nascido em 16 de dezembro de 1802. Valentín Alsina foi advogado, jornalista, político e professor. Durante o governo de Bernardino Rivadavia, assumiu o cargo de subsecretário do Ministério de Relações Exteriores. Devido às suas concepções políticas, sofreu perseguições durante o período que Juan Manuel de Rosas estava no poder. Após a Batalha de Caseros, liderou um grupo para defender a autonomia de Buenos Aires frente à Confederação Argentina. Assim, em 30 de outubro de 1852, foi eleito governador de

um unitário exilado em Montevidéu, e sua saga na tentativa de retornar para sua pátria, que estava sendo governada de forma atroz por Juan Manuel de Rosas. Alsina foi descrito como um “homem ilustrado”, de “alma nobre”, que se tornou vítima dos partidários do governo, os quais o interrogaram e o torturaram intensamente. O sonho do argentino era residir com sua família e lutar para inserir a “grande nação Argentina” na senda “do progresso social”. Apesar de todo o cuidado na construção do herói unitário e das críticas políticas aos federalistas, a personagem principal do romance de Joanna Manso foi D. Antonia Maza de Alsina, esposa de Valentim.<sup>105</sup> Tal personagem foi assim descrita:

D. Antonia não era uma linda mulher, era uma d’essas Portenhas graciosas, com grande intelligencia na mente e coração de fogo no peito; vergonhea de uma familia distincta, a sua educação tinha sido livre dos erros e preconceitos que desfigurão e vicião a natureza da mor parte das mulheres, por isso uma vez esposa e mãe preencha estas duas missões sublimes com a intelligente adhesão de quem governa suas acções pela força do dever e não pelo insticto, [...].<sup>106</sup>

D. Antonia representava o ideal de mulher construído por Joanna Manso nas páginas do romance e dos periódicos *Jornal das Senhoras* e *Album de Señoritas*. Indivíduo inteligente e aparentemente “fragil e delicado”, mas que, nos momentos de dificuldades e de ameaça àqueles que ama, “toma as proporções gigantescas da heroicidade”.<sup>107</sup>

Foi ela quem arquitetou e executou o resgate do marido que estava preso a mando de Rosas. Ela precisou controlar suas emoções e estancar seu pranto para agir precisamente, conforme ficou registrado em passagens do romance como as que seguem:

Por um esforço sobre-humano, acabava de enxugar as suas lagrimas de mulher [...].  
O rosto illuminado pela inspiração de quanto o amor tem de mais sublime, o olhar sereno e reflectido, só considerava os trabalhos do momento como passageiros, trabalhos da jornada [...].  
Nada a arredava; a sua coragem lutava contra a terrivel realidade que a cercava [...].<sup>108</sup>

---

Buenos Aires. Ver: OLAZA PALLERO, Sandro. Valentín Alsina: jurista, político y publicista de la república provincial de Buenos Aires a la creación de una Nación. In: ORTIZ, Tulio (Coord.). *Nuevos aportes a la historia de la Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Facultad de Derecho – Universidad de Buenos Aires, 2014. p. 115-119.

<sup>105</sup> Zahidé L. Muzart e Tatiana Mariano Feitoza também concluíram que Dona Antônia é a personagem principal do romance *Misterios del Plata*. Ver: MUZART, Zahidé L., 2015, p. 38.; FEITOZA, Tatiana Mariano, 2009, p. 85.

<sup>106</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 37, 01 fev. 1852.

<sup>107</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 77, 07 mar. 1852.

<sup>108</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 101-102, 27 mar. 1852.

Num primeiro momento, a “corajosa senhora” aproveitou o cansaço dos vigias durante a noite e o auxílio de dois colegas para armar-se com uma espingarda e fugir a cavalo com o marido, porém, foram pegos pelos mandantes de Rosas.<sup>109</sup> Após cinco meses que Alsina estava na prisão, D. Antonia disfarçou-se<sup>110</sup> para encontrar o amigo Lostardo à noite e revelar seu plano para o resgate do marido, conforme descrito no romance: “Serena e resoluta cruza a cidade; nada é capaz de acobardal-a, nem suspender a sua marcha.”<sup>111</sup> A estratégia de D. Antonia foi realizada e seu marido tornou-se um homem livre. Na última parte do romance, Joanna Manso reforçou a valorização à figura feminina: “Alsina estava livre! Sua dedicada esposa quebrára seus ferros! Consignando nos annaes immortaes da nossa historia o facto mais estrondoso da coragem de uma esposa e de uma mãe!”<sup>112</sup> Desta forma, Antonia revelou-se como uma mulher inteligente e corajosa, que agia por amor ao marido e à pátria.

Em *Misterios del Plata*, Antonia foi a representação da mulher emancipada, porém, as pautas feministas de Joanna Manso transpareceram também através do “inteligente” Valentim Alsina. Quando o argentino foi capturado pelos mandantes de Rosas, ele se despediu de sua família como se estivesse caminhando rumo à morte, e neste fatídico momento, Alsina deu um importante conselho ao filho Adolfo:

Consola tua mãe quando eu já não existir.... Se algum dia te casares, ama tua mulher, e lembra-te que és responsavel não só da sua subsistencia como da sua tranquillidade; desde que ella a ti se confiou é cobardia sem nome, opprimir e atormentar aquella que nos deu mais que a sua vida, porque com o seu sangue alimenta os nossos filhos; não consideres na tua mulher uma escrava, olha nella a tua companheira, a mãe dos teus filhos e sempre a tua melhor amiga....<sup>113</sup>

Observei, portanto, que Joanna Manso possuía uma perspectiva de análise feminista, pois mesmo elencando outros temas mais amplos para debater, ela não desviava o olhar da melhoria de vida das mulheres. Mesmo afirmando que *Misterios del Plata* era um “romance

---

<sup>109</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 117, 11 abr. 1852.

<sup>110</sup> Conforme descrição do romance: “D. Antonia pinta seu rosto, pescoço, mãos e braços, calça umas meias pretas e chinellas, recolhe os cabelos debaixo de um lenço de algodão vermelho, veste uma roupa vermelha, meio esfarrapada, e se embrulha n’uma larga manta de flanella vermelha, que a gente do povo usa, e que chamão vulgarmente *Reboso*.” [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 213, 27 jun. 1852. [grifo no original] Certamente, D. Antonia escolheu usar roupas vermelhas para não chamar atenção dos aliados de Juan Manuel de Rosas, já que esta cor representava o governo ditatorial.

<sup>111</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 213, 27 jun. 1852.

<sup>112</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 8, 04 jul. 1852.

<sup>113</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 87, 14 mar. 1852.

verdadeiro”,<sup>114</sup> ela mudou o destino de um personagem central<sup>115</sup> para inserir uma ação valente e patriótica realizada por uma mulher, deslocando a atenção dos(as) leitores(as) para as habilidades femininas.

A argentina tinha a capacidade de utilizar seus textos – jornalísticos ou literários – para fazer críticas sociais contundentes e polêmicas. Por exemplo, em inúmeras passagens de *Misterios del Plata* escreveu ataques diretos à Igreja Católica, que para ela tinha um histórico de violência voraz – devido à Inquisição – e havia afetado negativamente a educação na Argentina, além de ter escravizado os(as) indígenas. Para Joanna Manso, as missões implantadas nas Américas, em vez de “civilisar” os “tristes indígenas” com o Evangelho, submeteram-nos ao “jugo vergonhoso da escravidão em nome da CRUZ!”<sup>116</sup>

Foi com este tom forte, exibindo abertamente a violência da sociedade, que Joanna Manso escolheu escrever um “romance historico contemporaneo”, o qual representava fatos “assás veridicos”. Conforme a autora, sua obra começou a ser esboçada na Filadélfia, em 1846, e foi finalizada no Rio de Janeiro, entre 1849-1850. Como, no momento de conclusão do romance, Rosas ainda governava a Argentina<sup>117</sup> e alguns/mas personagens representados(as) ainda estavam vivos(as), ela “temia publical-o”. Apesar dos obstáculos, a escrita literária parece ter sido uma experiência prazerosa para a argentina, pois revelou: “Os *Misterios del Plata* não são mais do que o começo de uma serie de romances historicos que apparecerão mais tarde, se me fôr possivel dar-lhes publicidade.”<sup>118</sup>

A autora demonstrou desejo de publicar *Misterios del Plata* em espanhol, para vendê-lo na Argentina e no Uruguai – a propósito, a trama envolvia os dois países e o Brasil. Com esse objetivo, Joanna Manso escreveu uma carta para Valentin Alsina, acompanhada dos números do *Jornal das Senhoras*. Na correspondência ela, reforçou o apreço por Alsina e sua família, informando que escolheu manter suas identidades no romance, pois eles faziam parte da história argentina e porque “os homens publicos já não pertencem mais a si mesmos”. A

---

<sup>114</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. Introdução. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 jan. 1852.

<sup>115</sup> Joanna Manso colocou o nome do herói de Valentim Alsina, no intuito de homenagear o político. No entanto, nos eventos narrados no romance, o unitário perseguido pelos mandatários de Rosas era Marcos M. Avellaneda, que foi decapitado em outubro de 1841. Ver: MUZART, Zahidé, 2015, p. 37.

<sup>116</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 85, 14 mar. 1852.

<sup>117</sup> Formalmente, Juan Manuel de Rosas era governador de Buenos Aires.

<sup>118</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 8, 04 jul. 1852.

escritora revelou que ficaria muito feliz com a aprovação do romance por Alsina<sup>119</sup> e que contava com seu apoio para a publicação da versão em língua espanhola da obra.<sup>120</sup>

Na mesma edição, Joanna Manso declarou ter entregado os números do *Jornal das Senhoras* nas mãos da Imperatriz.<sup>121</sup> Mesmo mostrando-se uma defensora dos ideais republicanos, a escritora optou por manter boas relações com o governo do país em que estava exilada. Sendo assim, corroboro a assertiva de Alejandra Judith Josiowicz a este respeito:

Fica evidente, portanto, que ela desenha uma rede de alianças e apostas políticas por meio do *Jornal*, cobrindo tanto a Corte brasileira quanto o pós-guerra civil na Argentina. Essas estratégias revelam a situação híbrida de Juana Manso, que participa da cultura intelectual da Corte, mas também está atenta ao que acontece no Rio da Prata.<sup>122</sup>

Conforme elucidou Raúl Antelo, enquanto mediadora, Joanna Manso almejava que seus escritos atingissem dois grupos de destinatários: “Por un lado, la sociedad imperial, [...], pero, por el outro, la sociedad argentina sobre la cual no abdica de influir.”<sup>123</sup>

O romance *Misterios del Plata* também foi veiculado na Argentina,<sup>124</sup> sendo inserido em formato de folhetim no periódico *El Inválido Argentino*, entre 1867 e 1868, com o título *Guerras civiles de Río de la Plata*, sob o pseudônimo Violeta. A primeira parte da obra foi intitulada *Una mujer heroica*,<sup>125</sup> ressaltando o protagonismo feminino na trama. A omissão do nome da autora, mesmo com um maior distanciamento histórico dos fatos narrados, sugeriu um receio de Juana Manso de revelar sua identidade em escritos políticos em sua própria terra natal. A falta de aceitação das ideias publicadas no *Album de Señoritas* e as reações violentas às suas conferências sobre educação levaram a escritora a tomar certas precauções.

No ano de 1867, Sarmiento escreveu uma carta para Juana Manso, lamentando as reações contra ela: “Me estrictecen los desahogos, contra la presión que experimenta, ojalá por ser mujer! Leí la vez pasada, una serie de artículos contra usted en que el autor no

---

<sup>119</sup> As páginas do *Jornal das Senhoras* não registraram a resposta de Alsina, o que indica que ele não recebeu a carta ou não a respondeu, pois Joanna Manso tinha deixado claro o interesse de divulgar o retorno da correspondência, conforme indica o trecho a seguir: “Se Vm. se digna acusar o recebimento desta e dos Folhetins, que a acompanhão, eu terei muito gosto de dar publicidade nas columnas do *Jornal das Senhoras* às letras que me dirigir [...]. Ver: MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Sem título. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 89, 21 mar. 1852.

<sup>120</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>121</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Visita: Da redactora em chefe do *Jornal das Senhoras*, á Imperial Quinta da Boa Vista. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 88, 21 mar. 1852.

<sup>122</sup> JOSIOWICZ, Alejandra Judith, 2018, p.10.

<sup>123</sup> ANTELO, Raúl, 2016, p. 216.

<sup>124</sup> Após a morte da autora, *Misterios del Plata* foi publicado em formato de livro, sofrendo alterações significativas. A primeira edição foi publicada em 1899 e outras nas décadas de 1920 e 1930. Os detalhes dessas modificações podem ser encontrados em: FEITOZA, Tatiana Mariano, 2009, p. 80-103.

<sup>125</sup> DE GIORGIO, María Julia, 2015, p. 57.

pudiendo variar el asunto, variaba el vocativo, doña Juana, Madame Juana, tan bien vestidos los que tal lenguaje usan!”.<sup>126</sup> No entanto, os ataques contra a escritora não foram realizados apenas pelos homens, segundo Remedios Mataix. A ousadia intelectual e as atividades de Juana Manso “resultaron antipáticos a los hombres y también a las mujeres y le valieron la falta de apoyo institucional, de auspicios o publicidades, además del rechazo, el resentimiento, los ataques y el destierro de la memoria del público durante su vida y hasta mucho después.”<sup>127</sup> Como bem afirmou Adriane Vidal Costa, a respeito da figura do intelectual, trata-se de “uma vocação que é reconhecível publicamente, mas que envolve compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade.”<sup>128</sup>

Apesar do declarado desejo, Juana/Joanna Manso não escreveu mais romances históricos, porém, veiculou uma nova narrativa literária nas páginas da imprensa, desta vez, em seu empreendimento portenho: *Album de Señoritas*. Tal como fez no jornal carioca, Juana Manso começou a publicar seu romance no número de estreia do periódico. O romance *La familia del comendador* centrava a trama em familiares da elite carioca, que, para manter a sua fortuna, almejava casar a sobrinha Gabriela com o tio Juan, o qual apresentava sintomas de demência. Apesar da trama amorosa desenvolvida ao longo da narrativa, a grande denúncia do texto era em relação à moralidade da família do comendador Gabriel das Neves. Ao descrevê-lo, a escritora revelou o caráter imoral do mesmo:

Se habia casado con su prima Carolina, porque su madre asi se lo ordenara, y el habia obedecido, reservándose el derecho de seducir á las mucamas de su muger y á todas las jóvenes de su hacienda, que encontraba en su camino, de estos inocentes pasatiempos resultaban siempre ya una infeliz mulatilla, muerta á azotes por el látigo de los capataces, ya una negrita vendida para Minas ú el Pará.<sup>129</sup>

Com essa descrição, a escritora revelou os adultérios cometidos pelo comendador, mas, principalmente, a violência sofrida pelas mulheres negras escravizadas, que eram levadas a ceder seus corpos nas relações sexuais; eram torturadas para manterem-se na disciplina da fazenda e tinham seus destinos determinados pelo dinheiro. A pauta da violência contra as escravizadas foi insistentemente tratada por Juana Manso. O diálogo abaixo deu-se

---

<sup>126</sup> SARMIENTO, Domingo. [Correspondência]. Destinatário: Juana Manso. Nova York, 11 jun. 1867. Durante a década de 1860, Juana Manso e Domingo Sarmiento trocaram correspondências, algumas das quais estão disponíveis no epistolário do site organizado por María Julia de Giorgio: <http://www.juanamanso.org/>.

<sup>127</sup> MATAIX, Remedios. Antídotos del destierro. La escritura como desexilio em Juana Paula Manso. Alicante (Espanha): Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/antidotos-del-destierro-la-escritura-como-desexilio-en-juana-paula-manso/>. Acessado em 07 de fevereiro de 2019.

<sup>128</sup> COSTA, Adriane Vidal, 2016, p. 300.

<sup>129</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 6-7, 01 ene. 1854.

entre o comendador Gabriel das Neves e a esposa D. Carolina, no momento em que ele retornou da casa de sua mãe, D. Maria:

- Acababan de zurrar á Damiana, ya sabes la vendedora de caramelos, y estaban dando palmetazos á Antonia Mina porque no dió buenas cuentas de los bizcochuelos.
- Qué canalha de negras; no se pueda una averiguar con ellas! Pobre mi suegra que lidia tiene con sus vendedoras.<sup>130</sup>

Como se pode observar, a escritora usou a ironia como maneira de denunciar os abusos cometidos pelos senhores e senhoras de escravizados(as). No trecho acima, Juana Manso sabiamente ironizou a partir do uso dos adjetivos, fazendo a personagem D. Carolina caracterizar as escravizadas de “canalhas” e a sogra de “pobre”, quando a mensagem transmitida pela trama era exatamente oposta: a elite branca era canalha e os(as) escravizados(as) eram pobres economicamente e pela condição de sujeição.

A este respeito, a historiadora Maria Odila Dias afirmou que a vida das escravizadas no Brasil era penosa. As mulheres negras “eram vistas mais como mercadorias do que como seres humanos”, por isso, elas “foram obrigadas a trabalhar e sobreviver em condições extremamente precárias, que incluíam se submeter a constantes maus-tratos, além da violência inerente ao sistema escravista.” Portanto, para as mulheres escravizadas se manterem vivas “exigiu força, inteligência, capacidade de adaptação e, sempre que possível, rebeldia. É como se, a todo momento, fosse preciso inventar formas de não morrer, não adoecer e não enlouquecer enquanto serviam a seus senhores.”<sup>131</sup>

A denúncia contra a escravidão também foi realizada a partir do personagem Juan das Neves, irmão do comendador, que tinha passado uma temporada na Europa e retornado ao Brasil para gerir a fazenda após o falecimento do pai.

Desde el dia siguiente á su arribo, ese canto lúgubre y monótono de los negros, que al despuntar el día ya salen al campo á trabajar, le recordó que esos hombres, esas mugeres, esos niños eran esclavos, que iban á regar la tierra con su sudor en cuanto que Dios los habia hecho libres como á él, y un abuso cruel e feroz, atropellara esa libertad, engrillándolos á la mas bárbara esclavitud.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 7, 01 ene. 1854. O trecho transcrito refere-se às “escravas de ganho”, ou seja, aquelas que, nas áreas urbanas, atuavam no pequeno comércio de gêneros alimentícios e faziam vendas ambulantes. Sobre a atuação destas mulheres negras, ver: DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>131</sup> DIAS, Maria Odila. Resistir e sobreviver. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 360.

<sup>132</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 15, 08 ene. 1854.

Como a passagem acima representa, Juan era crítico aos abusos cometidos contra os(as) negros(as) e almejava reformar a fazenda para “aliviar la suerte de sus esclavos”.<sup>133</sup> Porém, o personagem teve vários embates com sua família, principalmente por considerarem os(as) escravizados(as) “*animales*”.<sup>134</sup>

Juana Manso articulou a falta de humanidade e moralidade da família Neves com a Igreja Católica, utilizando a trama do romance para fazer claras defesas do protestantismo que foi representado por meio da família de Emília – namorada de Juan, quando ele morou na Europa. A impressão sobre a família da protestante, revelada pelo personagem Juan, foi a seguinte: “Allá la práctica simple de la virtud, de la caridad, del amor á sus semejantes.”<sup>135</sup> Em contraste com a representação da doutrina protestante, Juana Manso lançou duras críticas ao catolicismo, como nas passagens a seguir:

El negro ha nacido para vivir engrillado á los pies del blanco! ha nacido para adorarlo de rodillas como á un Dios.  
Para renegar de todo cuanto existe de mas sagrado para él en la tierra, la libertad, la patria, la familia!!!  
Y á esos infelices se les trae encadenados, amontonados en buques infectos, y se les bautiza y se les hace cristianos!  
Y la Iglesia ha permanecido indiferente durante tantos siglos!...  
Basta....<sup>136</sup>

Outra temática polêmica inserida na obra de Juana Manso referia-se à constituição de famílias entre brancos(as) e descendentes de africanos(as). A escritora inseriu na história um relacionamento entre Camila, uma mulata não escravizada, e Juan, homem branco da elite carioca. Camila foi descrita como uma mulher ilustrada, que dominava a leitura, a escrita e a aritmética, sendo responsável pela gestão de algumas atividades da fazenda. Na trama, Juan e Camila geraram dois filhos que se destacaram pela inteligência, porém, Dona Maria – a avó de Juan e matriarca da família – não os considerava dignos de herdar os bens dos Neves.<sup>137</sup>

Conforme Adriana Amante, este aspecto da obra torna o romance de Juana Manso peculiar, pois, na época, a literatura brasileira inseria matrimônios mistos nas narrativas fundacionais da nação brasileira, tal como fez a segunda geração romântica nas obras *Iracema*

---

<sup>133</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 15, 08 ene. 1854.

<sup>134</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 16, 08 ene. 1854.

<sup>135</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 15, 08 ene. 1854.

<sup>136</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 31, 22 ene. 1854.

<sup>137</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 19-20, 15 ene. 1854.



e *Guarani*, de José de Alencar. No entanto, a mistura étnico-racial aceita socialmente se dava entre brancos(as) e indígenas. “En esse sentido, la novela de la argentina Juana Manso, pese a sus límites, puede estar haciendo punta.”<sup>138</sup>

Outro aspecto inusitado em *La familia do comendador* é o seu caráter abolicionista, sendo o romance escrito em meados do século XIX. Segundo Maria Ligia Prado e Stella Scatena Franco, várias brasileiras oitocentistas lutaram contra a escravidão no Brasil, criando associações abolicionistas, promovendo eventos beneficentes no intuito de arrecadar fundos para comprar a alforria dos(as) cativos(as) e escrevendo poesia e prosa. Nesse sentido, “o romance constituiu uma poderosa arma política” devido à sua capacidade de veicular tramas em que os(as) escravizados(as) foram representados(as) como indivíduos portadores de grande sofrimento e exclusão social, o que poderia comover os(as) leitores(as), angariando mais pessoas para a causa abolicionista.<sup>139</sup>

É preciso ressaltar que a ampliação do debate abolicionista<sup>140</sup> ocorreu a partir dos anos 1860 e, principalmente, nos anos 1880, momento em que “a opinião pública internacional havia se posicionado contra a escravatura e a contradição da teoria aparentemente liberal do Império era alardeada através dos jornais.”<sup>141</sup> Mesmo antes do fortalecimento das ideias abolicionistas no Brasil, mulheres como Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis<sup>142</sup> e Joanna Paula Manso já haviam publicado escritos em defesa dos(as) negros(as) escravizados(as).

Outro elemento marcante e original no romance *La familia del comendador* refere-se à complexidade dos perfis femininos. Mais uma vez, Juana Manso escapou dos padrões da época, apresentando diversos tipos de mulheres e todas com personalidade mais forte em detrimento dos personagens masculinos. Gostaria de destacar D. Carolina, D. Maria, Camila e Gabriela.

---

<sup>138</sup> AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010. p. 370-371.

<sup>139</sup> PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 202-203.

<sup>140</sup> Sobre a atuação de mulheres no abolicionismo da segunda metade do século XIX, em Minas Gerais, ver: MACENA, Fabiana. Liberdade aos infelizes escravizados: mulheres, política e abolicionismo em Minas Gerais (1850-1888). In: MAIA, Cláudia de Jesus; PUGA, Vera Lúcia (Orgs.). *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015. p. 73-95.

<sup>141</sup> DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. 2ª ed. rev. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008. p. 104-105.

<sup>142</sup> Sobre a autora e seu romance *Úrsula*, ver: MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.), 2000, p. 264-284; PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena, 2012, p. 203-204; TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

A primeira era esposa e prima do comendador Gabriel das Neves, mulher de grande apreço pelo dinheiro, era ela quem tomava as decisões finais na família, sendo autoritária com o marido e os filhos. Conforme registrado no romance: “mandaba con una mirada y su palabra era rápida, así como su voz ronca y volumosa.”<sup>143</sup> D. Carolina era morena, tinha cabelos e olhos negros, além de grossos cílios e sobranceiras. Era magra e baixa, “pero antes que afeminacion, bastaba verla una vez para comprender la fuerza de su voluntad y el fuego de las pasiones que dormitaban en el fondo de su alma ardiente é impetuosa.”<sup>144</sup>

Tal como a nora, D. Maria também valorizava as coisas materiais e era experiente em dar ordens. Inclusive, o comendador casou-se com D. Carolina por seu ditame. Ela era uma senhora católica de mais de setenta anos, com pele muito branca e rosada; quando mais nova era ruiva e na velhice restou-lhe pouco cabelo. Seus olhos eram verdes e pequenos, com olhar sombrio e carrancudo. A senhora era gorda e de feições grosseiras. D. Maria pouco se importava com o sofrimento alheio e tinha prazer em ficar rodeada de escravos e escravas lhe servindo.<sup>145</sup>

Os hábitos de D. Maria remetem à necessidade de demonstração do seu lugar social – membro da elite escravista oitocentista –, ou melhor, viver rodeada de sujeitos que lhe serviam era uma forma de manifestação de poder. Nesse sentido, ao analisar o período imperial, Flavia Fernandes de Souza afirmou que “a importância dos criados escravizados nos espaços domiciliares não se restringia ao trabalho.” Tendo em vista que “a escravidão estruturava a economia e a sociedade desde a Colônia, a presença de escravos nas casas oitocentistas era, também, um indicador de *status* social.” Logo, o número de escravizados domésticos numa residência estava diretamente relacionado com o “grau de riqueza, de poder e de prestígio de determinado grupo familiar.”<sup>146</sup>

Por sua vez, Camila era uma jovem mulata que não foi escravizada, mas servia D. Maria como mucama.<sup>147</sup> Ela era uma mulher bonita, altiva e resignada, “desde pequeña se habia distinguido por su inteligencia, sobriedad, aseo, y extricta observacion de sus

---

<sup>143</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 7, 01 ene. 1854.

<sup>144</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>145</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 36, 29 ene. 1854.

<sup>146</sup> SOUZA, Flavia Fernandes de. Escravas do lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na corte imperial. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012. p. 245.

<sup>147</sup> Sabe-se que as mucamas também poderiam ser mulheres escravizadas, porém, geralmente viviam mais próximas dos proprietários e proprietárias, realizando trabalhos no interior da casa. É provável que Juana Manso tenha chamado atenção para este quesito, sugerindo que Camila não era torturada e não trabalhava na lida do campo.

deberes.”<sup>148</sup> Ela se destacava em tudo o que fazia, por isso, tornou-se responsável por atividades de gerência do engenho como: supervisionar os trabalhos do administrador, cuidar da enfermaria, distribuir roupas e alimentos. Além disso, Camila era letrada, amorosa e gostava de romances.<sup>149</sup>

Gabriela era uma das filhas do comendador com D. Carolina e foi representada como uma jovem determinada, que enfrentou os pais quando impuseram que se casasse com o tio Juan. Ela não se parecia com seus familiares na aparência, nem no caráter. Gabriela era melancólica, centrada, leal e sincera em suas amizades. Ela tinha grande carinho pelos(as) escravizados(as), cujo sentimento era recíproco. Era uma mulher de aparência delicada e alma elevada. Sua pele era morena, porém pálida; seus olhos eram negros e as sobrancelhas arqueadas. Era dona de um olhar límpido e sereno, não tinha muita beleza, mas exalava uma alegria juvenil. Por fim, “era un perfil severo el de Gabriela, y todo en ella, como que presagiaba un destino fatal.”<sup>150</sup>

Como a síntese dos perfis femininos em *La familia del comendador* denotam, mais uma vez Juana Manso utilizou a linguagem literária para fazer críticas sociais e propagar ideais. Inspirada no contexto da vida na Corte brasileira oitocentista, a escritora representou uma realidade e incitou mudanças, vislumbrando uma sociedade mais igualitária e fraterna. Ao refletir sobre os(as) exilados(as) argentinos(as) no Brasil, no século XIX, Adriana Amante constatou que Juana Manso foi “la primera (y única)” a produzir uma “novela de tema netamente brasileño creada por un argentino.”<sup>151</sup>

Não se pode deixar de notar o *câmbio* cultural estimulado por Juana/Joanna Manso ao publicar *Misterios del Plata*, que tinha como cenário a história política argentina, num jornal publicado no Rio de Janeiro; e veicular *La familia del comendador*, que esboçava um panorama da sociedade brasileira, num periódico publicado em Buenos Aires. Nessa ação, há um gatilho para conexões transnacionais a partir de uma mediação intelectual. Os fios dialógicos se complexificam ainda mais ao verificar que o romance sobre a história argentina, publicado no *Jornal das Senhoras*, foi escrito em português; e o romance sobre a sociedade carioca, veiculado no *Album de Señoritas*, foi publicado em espanhol.

---

<sup>148</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 19, 15 ene. 1854.

<sup>149</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>150</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador: novela original. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 31, 22 ene. 1854.

<sup>151</sup> AMANTE, Adriana, 2010, p. 359.

A peregrinação de Juana/Joanna Manso edificou um elo entre duas nações vizinhas detentoras de significativas diferenças políticas e linguísticas. As necessárias fugas afetaram a escritora de diversas maneiras. O habitar uma nação que não era sua terra natal propiciou reflexões sobre o ambiente que a conduziu à expatriação, gerando sentimentos, por vezes, contraditórios, que *cambiava* entre a saudade, o amor e a repulsa; conforme revelado na introdução de *Misterios del Plata*:

Levantar o veio funerario do nosso passado; custa-nos muito; porque, d'entre esse mar escarlate do mais puro sangue argentino, vemos levantar-se pallidos e medonhos os spectros de nossos amigos, de nossos irmãos... Com tudo, como a ultima flor depositada pelo peregrino na porta do lar domestico que vae abandonar, nós escrevemos este romance, nas agonias do amor patrio que se extingua; e quando á força de soffrer, fomos arrastados ao cosmopolitismo indifferente.<sup>152</sup>

Ao mesmo tempo, Joanna Manso estabeleceu fortes relações pessoais no Brasil, tornando o lugar do exílio também um lar. A multiplicidade de lugares, pessoas e sentimentos erigidos refletiram no caráter transnacional dos escritos da argentina. Como afirmou Amante, “el exiliado piensa la patria de los otros para seguir pensando en su propia patria.”<sup>153</sup> Mas, na perspectiva de Juana/Joanna Manso, o Brasil seria apenas “la patria de los otros” ou tornara-se também “su propia patria”?

Compreender sujeitos situados num entre-lugar é uma tarefa difícil, pois não se trata de pessoas simples e estáveis, mas de indivíduos complexos e em constante movimento. Nesse sentido, corroboro Sonia Alvarez ao afirmar que o cruzar fronteiras necessariamente “reposiciona” os indivíduos e altera subjetividades e concepções de mundo.<sup>154</sup> Sendo assim, considero que a experiência de exílio no Brasil e no Uruguai, as viagens para os Estados Unidos e Cuba, bem como a constituição de fortes vínculos pessoais em terras brasileiras afetaram a subjetividade de Juana/Joanna Manso, tornando-a uma importante escritora e intelectual mediadora.

Marca indelével da experiência transnacional de Juana/Joanna Manso ficou registrada na sua escrita peculiar. Como apresentei ao longo da tese, sua formação inicial deu-se na Argentina, mas logo Juana tornou-se autodidata. Essa característica contribuiu para a flexibilização da sua escrita, que foi sendo aprimorada nos sucessivos deslocamentos. Ao

---

<sup>152</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. Introdução. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 jan. 1852.

<sup>153</sup> AMANTE, Adriana, 2010, p. 30.

<sup>154</sup> ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 744, set./dez. 2009.

exilar-se no Uruguai, a compatibilidade linguística facilitava a comunicação, no entanto, ao adentrar o território brasileiro, a língua tornou-se um obstáculo a ser superado.

Conforme a análise de Adriana Amante, o domínio da língua portuguesa entre os(as) argentinos(as) que passaram uma temporada no Brasil ou entre os que aqui se exilaram variou significativamente. Alguns, como Sarmiento, não se preocuparam em escrever no novo idioma; outros, como Juan María Gutiérrez, preferiram contar com o apoio de colegas brasileiros(as) para traduzir seus escritos; outros o aprenderam minuciosamente como Florencio Varela.<sup>155</sup> Por sua vez, Juana Manso, “que si lo dominó, genera en muchas ocasiones una especie de zona franca – cuando no de contaminación – entre su lengua materna y la de adopción.”<sup>156</sup> Esse cruzamento linguístico de Juana/Joanna Manso ocorreu tanto nos artigos jornalísticos quanto nos romances – conforme o(a) leitor(a) deve ter observado nas transcrições realizadas ao longo da tese.

Ao analisar o romance *Misterios del Plata*, Luiza Lobo fez a seguinte afirmação a respeito do formato textual: “O folhetim saiu em português com enredo incompleto e com muitos erros de impressão e forte imprecisão vocabular, transmitindo a ideia de uma tradução um tanto descuidada e feita pela própria autora [...]”. Para reforçar o argumento, Lobo mencionou alguns erros ortográficos como a variação do nome do personagem Alsina, que também foi grafado com “c”; e a província de Mendoza que também apareceu como Mendonça.<sup>157</sup>

É fundamental ponderar as assertivas de Lobo. Penso que a incompletude da obra é relativa, já que a versão publicada no *Jornal das Senhoras*, em 1852, foi escrita integralmente em 1850, conforme registro da própria Joanna Manso.<sup>158</sup> Portanto, as versões posteriores foram revisadas e ampliadas, sendo equivocado caracterizar o romance publicado nas páginas do periódico carioca como incompleto.

Os erros de impressão eram comuns na imprensa oitocentista, devido ao lento processo de modernização das tipografias brasileiras, predominando na cena impressa a composição manual do jornal, o que tornava o trabalho do(a) tipógrafo(a) difícil e demorado. Esta situação era mais penosa em órgãos da imprensa como os periódicos feministas, ou seja, aqueles que eram mantidos sem financiamentos e/ou anúncios. Discordo da adjetivação “descuidada” para caracterizar a tradução realizada por Joanna Manso. Primeiramente, não

---

<sup>155</sup> AMANTE, Adriana, 2010, p. 450-452.

<sup>156</sup> *Ibidem*, p. 453.

<sup>157</sup> LOBO, Luiza, 2009, p. 48.

<sup>158</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 8, 04 jul. 1852.

sabemos se *Misterios del Plata* foi escrito originalmente em português ou se foi necessário traduzi-lo do espanhol. Compreendo esse dito “descuido”, bem como a “imprecisão vocabular” como fruto de uma escritora que se construiu num entre-lugar linguístico, influenciada por suas vivências territoriais sul-americanas. Assim, escrever Alsina ou Alcina e Mendoza ou Mendonça sugere um vai-e-vem subjetivo,<sup>159</sup> bem como a familiaridade com duas línguas pátrias – uma de nascença e a outra naturalizada/escolhida.

Nesse sentido, é importante retomar a reflexão de Cláudia Lima Costa e Sonia Alvarez a respeito da tradução, que não deve ser compreendida como uma simples transposição de significados de uma língua para a outra; a tradução “busca abarcar o próprio ato de enunciação – quando falamos [ou escrevemos] estamos sempre já engajados na tradução, tanto para nós mesmas/os quanto para a/o outra/o.”<sup>160</sup> Portanto, penso que no ato de escrita de Joanna Manso na imprensa carioca, ela se constituía enquanto “uma mulher escriptora”<sup>161</sup> e também se preocupava em transmitir determinadas ideias aproximando-se cada vez mais de seu público leitor.

Tanto no *Jornal das Senhoras* quanto no *Album de Señoritas*, Juana/Joanna Paula Manso delimitou bem o tipo de literatura que almejava: a literatura americana. Nas palavras da redatora: “se a nascente litteratura da nossa America for sempre buscar seus typos na velha Europa, nunca teremos litteratura americana, nem litteratura nacional.”<sup>162</sup> Nesta proposição, identificamos uma busca de mudança de eixo na referência intelectual. Joanna Manso desejava que suas contemporâneas deslocassem o olhar da Europa para América – a meu ver, uma *mirada* pouco convencional para aquele contexto, em que a Europa era a grande referência intelectual dos países da América do Sul. Joanna Paula Manso foi enfática:

El elemento americano dominará exclusivamente los artículos literarios. Dejaremos la Europa y sus tradiciones seculares, y cuando viajemos, será para admirar la robusta naturaleza, los gérmenes imponderables de la riqueza de nuestro continente: y no perderemos nada. Allá el pensamiento del hombre y el polvo de mil generaciones! aquí el pensamiento de Dios, puro,

---

<sup>159</sup> Há indícios de que a fala de Joanna/Juana Manso também foi marcada por sua experiência transnacional. Numa publicação do periódico carioca *Correio Mercantil*, em que o articulista elogiava a atuação teatral de Joanna Manso, ele fez a seguinte consideração: “Mais um pouco de estudo da pronuncia da nossa lingua e a Sra. Manso tem o seu logar marcado no teatro.” Ver: M. Sem título. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 1, 22 jul. 1855.

<sup>160</sup> COSTA, Claudia de Lima; ALVAREZ, Sonia. Translocalidades: por uma política feminista da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17 (3), p. 739, set./dez. 2009.

<sup>161</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Quem eu sou e os meus propositos. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 11, 11 jan. 1852.

<sup>162</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata*. Introdução. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 7, 1 jan. 1852.

grandioso y primitivo, que no es posible contemplar sin sentirse conmovido.<sup>163</sup>

Como os escritos de Joanna Manso elucidaram, a defesa de uma produção literária nacional e americana era fundamental para instigar a reflexão sobre seu próprio lugar e era também elemento de renovação intelectual. A proposta de valorização da literatura americana também foi pauta, quase 25 anos depois, do periódico *La Alborada del Plata*, dirigido por Juana Manuela Gorriti e Josefina Pelliza de Segasta. Esse impresso criticava os demais periódicos literários que tratavam apenas das produções e problemas específicos de seu país. *La Alborada del Plata* se propôs a integrar todas as capitais americanas de fala espanhola, com o intuito de compartilhar suas produções e seus problemas. O periódico de Juana Manuela e Josefina se caracterizava como internacional, cuja meta era entrelaçar a literatura das repúblicas americanas e propagar seus progressos.<sup>164</sup>

Apesar da instigante proposta da década de 1870 possuir certa semelhança com o projeto de Joanna Paula Manso, da década de 1850, me chamam mais a atenção as diferenças entre eles. Enquanto as redatoras de *La Alborada del Plata* priorizavam as produções literárias de caráter continental, Joanna Paula Manso valorizou, sem hierarquias, produções nacionais e continentais – ambas contribuiriam para a valorização da América do Sul. Juana Manuela e Josefina almejavam integrar os países de fala espanhola, o que excluiria o Brasil da produção literária americana. Esta proposta me conduziu a uma questão crucial na trajetória de Juana/Joanna Paula Manso e que deixou marcas em suas produções intelectuais. Antes de concluir este raciocínio, é importante ler a reflexão de Jorge Myers:

El exilio ampliaba los horizontes intelectuales de los escritores públicos, les permitía formar lazos transnacionales intensos y duraderos [...], y en muchas ocasiones los ayudaba, finalmente, a mirar su propia patria, con sus específicos conflictos y dilemas, con nuevos ojos.  
[...] al verse obligados a vivir en sociedades distintas de la suya se sintieron impulsados por la fuerza de los hechos a establecer lazos con sus pares [...], y a participar no solo en los debates referidos a su propia patria sino también en aquéllos referidos a su tierra de refugio.<sup>165</sup>

Ao pensar nestas questões, concluí que a experiência de exílio de Juana/Joanna Paula Manso ampliou seus horizontes e estreitou seus laços com o Brasil. Essa vivência influenciou

---

<sup>163</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. La redaccion. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 1, 1 jan. 1854.

<sup>164</sup> PROSPECTO. *La Alborada del Plata*, Buenos Aires, p. 1, 18 nov. 1877.

<sup>165</sup> MYERS, Jorge. Introducción al volumen I. In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008. p. 41.

a reflexão sobre seus problemas e projetos.<sup>166</sup> Assim, ao vislumbrar a consolidação da literatura americana, o Brasil não poderia ser excluído, ao menos aos olhos daquela que se refugiou no Rio de Janeiro.

Portanto, determinar se Juana/Joanna Manso foi uma literata brasileira,<sup>167</sup> ou uma escritora “argentino-brasileña”<sup>168</sup> me parece menos relevante do que constatar a contribuição daquela “mulher-escriptora” para pensar as sociedades sul-americanas do século XIX de forma crítica e transnacional.

### **2.3 Professora, escritora e *periodista* transnacional**

A fonte central desta tese é a imprensa, por isso, muito já foi dito sobre seu processo de desenvolvimento e da importância desse suporte para a propagação de ideias no século XIX. Por esse ângulo, concordo com Asunción Lavrin que, ao refletir sobre os feminismos na América do Sul, constatou: “el periodismo fue la tribuna clave para los escritos de mujeres y para el debate sobre la reforma social.”<sup>169</sup> Somado a isso, naquele contexto, os(as) intelectuais(as) adeptos das concepções ilustradas acreditavam no poder dos periódicos enquanto veículos didáticos, ou seja, seria pelas páginas impressas que as luzes se propagariam e a civilização se concretizaria. Atrelada a tais perspectivas e aproveitando a abertura da imprensa no Brasil e na Argentina, Juana/Joanna Manso usufruiu da palavra impressa para fazer críticas, veicular literatura, propor projetos e ilustrar as mulheres. Segundo Zahidé Muzart, Juana Manso foi uma “entusiasta partidária da liberdade de imprensa”, considerando-a “la más bella de las conquistas civiles.”<sup>170</sup>

Conforme Néstor Auza, no momento em que Juana Manso retornou para Buenos Aires, a cidade portuária passava por importantes transformações e “el periodismo se evidenciaba como uno de los medios más pujantes y vigorosos de participación” na vida social, tornando o(a) jornalista o sujeito de maior destaque. Conforme o autor:

---

<sup>166</sup> Na análise que Affonso Celso Thomaz realizou a respeito das produções de Juan Bautista Alberdi e Domingo Faustino Sarmiento, durante o exílio no Chile, o autor chegou a conclusões semelhantes à esta constatação. Ver: PEREIRA, Affonso Celso Thomaz. *A terceira margem do Prata*. Alberdi, Sarmiento e a conformação do discurso republicano na imprensa chilena, 1841-1852. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2015.

<sup>167</sup> Luiza Lobo apresentou uma reflexão a respeito, concluindo que Joanna Manso não pertence à literatura brasileira, mas sim à literatura argentina. Ver: LOBO, Luiza, 2009, p. 48-50.

<sup>168</sup> Adriana Amante ressalta as marcas do exílio no Brasil na produção da argentina, considerando-a uma escritora “argentino-brasileña”. Ver: AMANTE, Adriana, 2010, p. 374.

<sup>169</sup> LAVRIN, Asunción. *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile y Uruguay, 1890-1940*. Santiago, Chile: Ediciones de la Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 2005. p. 491.

<sup>170</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula *apud* MUZART, Zahidé L., 2015, p. 34.



Diríase que en la estructura social simplificada de aquella sociedad, el periodista y su instrumento, la letra de molde, constituían el símbolo más codiciado de consideración pública, influencia y prestigio social. Por lo demás, pocas labores podían ofrecer mejor ocasión para satisfacer la necesidad de servir a la comunidad.<sup>171</sup>

Naquele momento, Juana Manso procurou emprego nos periódicos com perspectivas liberais, no intuito de “ejercer el periodismo como modo de vida” e suprir as necessidades financeiras de sua família. No entanto, apesar da experiência “exitosa” que trazia da prática no *Jornal das Senhoras*, a argentina não conseguiu o almejado trabalho. Não obstante as dificuldades enfrentadas e a escassez de pecúlios, ela se organizou para fundar um periódico.<sup>172</sup>

Antes de inaugurar seu novo impresso, *Album de Señoritas*, Juana Manso enviou uma colaboração para *La Ilustracion Argentina*, a qual foi publicada na primeira página, retomando discussões já realizadas no *Jornal das Senhoras* e que foram enfatizadas em seu empreendimento portenho. Sob o título “Emancipacion moral de la mujer”, a *periodista* afirmou que, por toda a parte, a imprensa estava discutindo essa questão “grave”, seja para defendê-la ou refutá-la. Para as mentes vulgares, a emancipação moral da mulher era considerada “el apocalipsis del siglo” e gerava muitos comentários e questionamentos, como os seguintes:

Ya no hay autoridad paterna!  
Adios despotismo marital!  
Emancipar la muger! Cómo! Pues ese trasto de salon (ó de cocina), esa máquina procreativa, ese cero dorado, ese frívolo juguete, esa muñeca de las modas, será un ser racional?<sup>173</sup>

No intuito de esclarecer a dúvida gerada, Juana Manso afirmou que Deus criou a mulher com as mesmas capacidades morais e intelectuais do homem, por isso sua emancipação passava pelo “ejercicio del *libre arbitrio*”. De forma irônica, escreveu: “De ese modo la muger se tornará *un ente racional*, y dejará de ser un valor nulo! Y qué transtorno social! qué caos!!!”<sup>174</sup> Em seguida, argumentou sobre a necessidade de ilustração da mulher, pois sua missão para o progresso da humanidade era “séria y grandiosa”. A articulista ressaltou que a emancipação da mulher estava relacionada com a constituição familiar, não

<sup>171</sup> AUZA, Néstor, 1988, p. 194-195.

<sup>172</sup> AREA, Lelia. El periódico *Album de Señoritas* de Juana Manso (1854): una voz doméstica en la fundación de una nación. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXIII, N°s 178-179, p. 151, ene./jun. 1997.

<sup>173</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. Emancipacion moral de la mujer. *La Ilustracion Argentina*, Buenos Aires, p. 17, 13 dic. 1853.

<sup>174</sup> *Ibidem*, loc. cit. [grifos no original]

prevendo o “divorcio del hombre”. No entanto, tinha convicção de que o matrimônio “no ha de ser en la union de una muger ignorante y de un marido brutal y déspota”. Perseverante na transformação social, Juana Manso deixou registrado nas páginas do periódico *La Ilustracion Argentina*:

Y con todo llegará un día en que el código de los pueblos garantizará á la muger los derechos de su libertad y de su inteligencia.  
La humanidad no puede ser retrógrada, sus tendencias son al progreso y á la perfectibilidad; por eso mal grado las preocupaciones añejas y todos los espíritus mezquinos que pugnan por el statu quo de las sociedades, la muger ocupará el lugar que le compete en la gran familia social.<sup>175</sup>

Munida de uma visão evolucionista e com grande perspectiva no progresso social, Juana Manso depositou bastante credibilidade no papel da imprensa. Esta arena de debate público seria o meio compatível com os propósitos de Juana Manso, que era ser “útil a los otros”.<sup>176</sup> Com esta meta, a *periodista* se esforçou para produzir impressos de qualidade, veiculando amplas e diversificadas reflexões, que abrangiam moda, política, arte e literatura.

Mesmo após a fundação do *Album de Señoritas*, em Buenos Aires, Juana Manso não perdeu o vínculo com o Brasil, ficando a par dos acontecimentos do país que lhe acolheu e estabelecendo ligação entre os dois territórios via publicações periódicas. Da primeira à última edição do novo impresso, veiculou o romance *La familia del comendador*, cujo cenário era o Brasil, mais especificamente, a capital do Império;<sup>177</sup> publicou os relatos de viagem do Conde de Castelneau, que na época residia na Bahia de Todos os Santos;<sup>178</sup> veiculou o poema “Una flor sobre la tumba”, escrito no Rio de Janeiro;<sup>179</sup> noticiou a chegada de mesas giratórias no Rio de Janeiro;<sup>180</sup> louvou a inauguração da navegação a vapor que estreitava os laços entre Brasil, Bolívia e Peru;<sup>181</sup> narrou um fato curioso ocorrido na Corte Imperial no Brasil.<sup>182</sup> Seu trabalho no Rio de Janeiro foi parâmetro para o empreendimento lançado em Buenos Aires, mas o público não teve a mesma receptividade. Juana/Joanna foi uma argentina cosmopolita cuja experiência brasileira marcou sua vida pessoal e profissional.

---

<sup>175</sup> *Ibidem*, p. 17-18.

<sup>176</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula]. Educacion popular. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 27, 22 ene. 1854.

<sup>177</sup> MANSO DE NORONHA, Juana P. La familia del comendador. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, 01 ene.-17 fev. 1854.

<sup>178</sup> VIAGES del Conde de Castelneau por el interior de América. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 4-5, 01 ene. 1854.

<sup>179</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Una flor sobre la tumba. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 8, 01 ene. 1854.

<sup>180</sup> MESAS Giratórias. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 11-12, 08 ene. 1854.

<sup>181</sup> NAVEGACION á vapor. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 24, 15 ene. 1854.

<sup>182</sup> COINCIDENCIA Singular. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 39, 29 ene. 1854.

No processo de pesquisa das fontes, parti da hipótese de que a imprensa feminista carioca e argentina teriam aspectos comunicantes devido ao caráter patriarcal e conservador de ambas as regiões, o que se comprovou a partir da análise das condições similares de acesso das mulheres à educação e ao universo impresso no Brasil e na Argentina. No entanto, uma ressalva deve ser feita em se tratando especificamente da experiência de Juana/Joanna Manso. Conclui que as ideias da *periodista* veiculadas no *Jornal das Senhoras* tiveram melhor receptividade e apoio do que as publicações no *Album de Señoritas*. Constatei, então, que a manutenção do periódico carioca por um período mais longo só foi possível devido às estratégias discursivas utilizadas pela redatora, que lançou mão de discursos mais moderados em diversas ocasiões. E, em contrapartida, em 1854, Juana Manso retornou para Buenos Aires com uma trajetória intelectual mais ampla, com a tonalidade discursiva mais elevada e numa condição considerada ameaçadora para a época – separada do marido –, o que impossibilitou a continuidade da circulação de suas ideias impressas.

É significativo observar que grande parte das variadas produções textuais de Juana/Joanna Manso – como romances, poesias e relatos de viagens – tornaram-se públicas, inicialmente, por meio da imprensa, como apresentado ao longo desta tese. Mesmo quando não era viável a publicação de uma produção da autora, como composições musicais, livretos e peças teatrais, o *periodismo* foi utilizado como veículo de divulgação.

No dia 22 de maio de 1853, o *Jornal das Senhoras* divulgou a peça teatral “O ditador Rosas e a Mashorca”, escrita por Joanna Manso.<sup>183</sup> Em 23 de setembro do mesmo ano, a articulista da seção “Chronica da Quinzena” afirmou que a ex-redatora do periódico pretendia fazer seu benefício<sup>184</sup> no dia 8 de outubro.<sup>185</sup> Na primeira página da edição seguinte, a redatora em chefe, Gervazia Nunezia Neves confirmou o benefício no Theatro S. Pedro de Alcantara,<sup>186</sup> e inseriu o anúncio, na última página do jornal, no qual esclareceu que os dramas que seriam apresentados eram: “Esmeralda, Familia Morel, Saloia, Dictador Rosas, e vaudeville – Manias do Seculo.”<sup>187</sup>

---

<sup>183</sup> *JORNAL DAS SENHORAS*, Rio de Janeiro, p. 167, 22 mai. 1853.

<sup>184</sup> Durante o século XIX, a sobrevivência a partir da renda do teatro era precária. Então, era comum os(as) artistas promoverem espetáculos para beneficiar determinado(a) pessoa. Conforme Ornan Messer Levin, “os espetáculos em benefício [...] significava que a renda da bilheteria seria revertida para o artista indicado, que por sua vez, em agradecimento ao público assumia os papéis principais e dirigia algumas palavras de gratidão.” Ver: LEVIN, Ornan Messer. O teatro e os gêneros do XIX – o palco e leitura. O programa teatral brasileiro antes do Romantismo (1822-1838) – gêneros. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, julho de 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2011. p. 12.

<sup>185</sup> L. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 312, 23 set. 1853.

<sup>186</sup> NEVES, Gervazia Nunezia Pires dos Santos. Carta dirigida pela Ilma. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redação do *Jornal das Senhoras*. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 313, 2 out. 1853.

<sup>187</sup> THEATRO S. Pedro de Alcantara. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 320, 02 out. 1853.

Na década de 1850, a imprensa brasileira veiculou o nome de Joanna Manso com frequência, destacando sua atuação nos teatros, seja como compositora ou atriz. A escolha por essa arte era coerente com os propósitos impressos pela argentina, afinal, como ressaltou Valéria Andrade:

[...] entre meados da década de 1850 e inícios da de 1900, circunscreve o momento em que, na esteira do movimento feito por muitas brasileiras em direção a estar no mundo além dos limites da casa – e, sobretudo, mostrar-se nele e dele fazer parte, apropriando-se da palavra escrita para dizer de si e de um novo lugar para si neste mundo –, algumas delas começam também a se mover no sentido de assumir a autoria de palavras que, pela mediação do fenômeno teatral, *dramatizam-se*, ou seja, tornam-se ação, carregando em si o impacto de uma outra possibilidade de ser e de estar no mundo, uma *segunda vida*, virtual mas concretamente instaurada no espaço cênico.<sup>188</sup>

Seguem alguns exemplos de registros da atuação de Joanna Manso: o *Diário do Rio de Janeiro*, em 23 de novembro de 1853, anunciou a vaudeville “As manias do século ou os rapazes de agora”, que seria encenada no dia seguinte;<sup>189</sup> em 1855, o *Correio Mercantil* anunciou a estreia teatral de Joanna Manso com a peça *A atriz, o teatro e os doudos*,<sup>190</sup> e, na semana seguinte, o articulista M. fez elogios à atuação da argentina.<sup>191</sup> Em 1856, o periódico *A Abelha* publicou uma crítica à atuação de Joanna Manso na peça *A Dama das Camélias*, apresentando os momentos de bom desempenho e o exagero nos atos finais.<sup>192</sup> Em 1857, o *Jornal do Commercio* anunciou a volta de Joanna Manso ao teatro a partir da atuação numa “comédia-drama” de autoria de Mme. Girardin.<sup>193</sup>

Além do teatro, outras produções da argentina foram noticiadas na imprensa. No ano de 1857, a *Marmota Fluminense* anunciou a obra *As Consolações*, escrita por Joanna Manso, conforme descrição do periódico: “livrinho que todas as mães de família devem ler para melhor se acautelarem dos perigos da irreflexão, e de todos os males que d’ella resultam.”<sup>194</sup> Em outubro de 1857, o *Diário do Rio de Janeiro* traduziu “Um episódio da tyrannia de Rosas”, material originalmente publicado no periódico uruguaio *Comercio del Plata*, em

---

<sup>188</sup> ANDRADE, Valéria. Dramaturgas brasileiras no século XIX: escritura, sufragismo e outras transgressões. *Plural Pluriel* – Revue des Cultures de Langue Portugaise, Nanterre (França), n. 8, p. 2, printemps-été 2011. Disponível em: [http://revue1-13.pluralpluriel.org/?fbclid=IwAR2r7mtP9-fjqselBCEFBZ-SYjF4rZC2rNgl7p-9xHV\\_4nr7Mg86hLDThXA](http://revue1-13.pluralpluriel.org/?fbclid=IwAR2r7mtP9-fjqselBCEFBZ-SYjF4rZC2rNgl7p-9xHV_4nr7Mg86hLDThXA). Acessado em 12 de fevereiro de 2019.

<sup>189</sup> THEATRO DE S. Pedro de Alcantara. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 4, 23 nov. 1853.

<sup>190</sup> NOTÍCIAS Diversas. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 1, 15 jul. 1855.

<sup>191</sup> M. Sem título. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, p. 1, 22 jul. 1855.

<sup>192</sup> A. T. Teatro do Gymnasio: A Dama das Camélias. *A Abelha*, Rio de Janeiro, p. 11, 15 mar. 1856.

<sup>193</sup> GYMNASIO Dramatico. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, p. 4, 18 jul. 1857.

<sup>194</sup> AS CONSOLAÇÕES. *Marmota Fluminense*, Rio de Janeiro, 6 jan. 1857.

1848, no qual Joanna Manso criticou a violência do governador de Buenos Aires, denunciando o assassinato de um padre e uma grávida.<sup>195</sup>

Portanto, a imprensa foi elemento marcante na trajetória de Juana/Joanna Manso, tornando-se parte da sua vida enquanto profissional e gerando recursos financeiros para sua sobrevivência. Foi através das letras impressas que a *periodista* defendeu seus projetos políticos e sociais, arquitetando a construção de nações civilizadas na América do Sul. Conforme Remedios Mataix, as iniciativas determinadas de Juana Manso no mundo letrado causaram repulsa em algumas pessoas, em razão da

[...] audacia de postularse a sí misma como *escritora patriota*, muy interesada en contribuir con sus diagnósticos y pronósticos al proceso de construcción de la nueva sociedad que llegaría con la caída de la dictadura, que irrumpe en el medio ‘masculino’ de la política y la historia pátrias transgrediendo los límites de lo sentimental, lo doméstico o lo legendario, considerado propio de la mujer.<sup>196</sup>

Em consonância com as ideias propagadas nos romances de sua autoria, Juana/Joanna Manso expressava nos seus artigos jornalísticos o cultivo do sentimento patriótico, a valorização das belezas e potencialidades da América, bem como a importância de se lutar pela prosperidade e independência – política e intelectual – do continente americano.<sup>197</sup> Percebi uma lógica de integração e processo no pensamento da *periodista*, sendo por meio do aprimoramento das partes que se atingiria a perfeição geral, ou seja, a nação só seria desenvolvida se a igualdade e a fraternidade reinassem entre os indivíduos; o continente americano só atingiria a civilização, se todos os países mudassem seus costumes; a humanidade só se consolidaria com a harmonia de todos os povos, sem violência, desigualdade e dominação.

---

<sup>195</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Um episodio da tyrannia de Rosas. *Apud Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, p. 2, 03 out. 1857. No artigo, Juana Manso escreveu sobre o caso real da jovem pertencente à oligarquia portenha, Camila O’Gorman, e do padre de Tucuman, Ladislao Gutiérrez, que tinham um relacionamento amoroso durante a ditadura de Juan Manuel de Rosas. Devido à proibição do namoro, o casal fugiu para Corrientes, mas foi perseguido a mando de Rosas. Este episódio ficou amplamente conhecido na Argentina e os(as) opositores(as) ao federalismo utilizaram-no para lançar críticas à ditadura de Rosas. Um ano após a publicação do artigo de Juana Manso, conforme Alcilene Cavalcante, Domingo Sarmiento escreveu uma crônica intitulada “Asesinato de Camila O’Gorman”, repudiando a tirania do federalista. Ver: CAVALCANTE, Alcilene. A representação da ditadura civil-militar argentina no filme *Camila*. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, julho de 2001, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2001. p. 3.

<sup>196</sup> MATAIX, Remedios, 2010, p. 3. [grifos no original]

<sup>197</sup> A título de exemplo ver: [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Misterios del Plata: romance historico contemporaneo. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 6-7, 01 jan. 1852; MANSO DE NORONHA, Juana P. Emancipacion moral de la mujer. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 2-3, 01 ene. 1854.

Esse prisma enciclopédico culminou na articulação da luta pelos direitos femininos com a pauta nacional,<sup>198</sup> argumentando que a ilustração das mulheres era elementar, pois elas tinham “influencia directa” sobre a “familia” e a “nação”.<sup>199</sup> A preocupação nacional ficou ainda mais explícita quando Juana Manso retornou para Buenos Aires e revelou no editorial do *Album de Señoritas* que aquele impresso tinha como grande meta a “ilustracion de mis compatriotas”.<sup>200</sup> Em suma, a jornalista elaborou projetos que visavam uma transformação social, principalmente no Brasil e na Argentina.

A pauta sul-americana pode ser encontrada nos escritos jornalísticos de Joanna Manso desde o primeiro editorial do *Jornal das Senhoras*, quando ela se identificou como uma redatora “americana”, criticou o “atraso civilizatório” da “America do Sul” e se pôs em “campanha” para levantar o “estandarte da ilustração” que deveria se espalhar “gracioso á briza perfumada dos Tropicós”.<sup>201</sup> Nas páginas do *Album de Señoritas*, Juana Manso publicou relatos de viagem do “Conde de Castelneau” pelo interior da América,<sup>202</sup> com o objetivo de revelar detalhes sobre as belezas naturais e a diversidade populacional, além de apontar as possibilidades comerciais e civilizatórias possíveis de se desenvolver naquele território. Ao apresentar o naturalista inglês que residia na Bahia de Todos os Santos, Juana Manso declarou “derramar lágrimas” pela sensação “indescrípible” que sentia “en el alma cuando se habla de América” e pela admiração ao viajante que precisou “abandonar la Patria, la familia, los amigos” para se dedicar aos estudos científicos.<sup>203</sup> Certamente, a emoção da redatora estava relacionada com sua própria vivência de exilada e estudiosa dedicada à interpretação da América.

O desejo de consolidação de um latino-americanismo foi expresso em *Misterios del Plata*, via personagem Simon,<sup>204</sup> que lutava com os ideais “do nosso grande *San Martin*”,<sup>205</sup> mas também através de artigos jornalísticos, por meio de notícias como a intitulada “Navegacion á vapor”. Conforme a *periodista*, em primeiro de janeiro de 1853, tinha sido

---

<sup>198</sup> Uma análise sobre a articulação das pautas veiculadas no *Album de Señoritas* com a nação pode ser encontrada em: AREA, Lelia, 1997.

<sup>199</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna]. Emancipação moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 14, 11 jan. 1852.

<sup>200</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Sem título. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 1, 01 ene. 1854.

<sup>201</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 01 jan. 1852.

<sup>202</sup> Os registros das expedições do naturalista inglês podem ser acessados na plataforma Brasileira Eletrônica UFRJ, através do link: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/autores/136/castelneau-francis-de>.

<sup>203</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula]. Sem título. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 4, 01 ene. 1854.

<sup>204</sup> É interessante a escolha do nome da personagem, por nos remeter à figura de Simón Bolívar. No entanto, não encontrei registros de Juana Manso revelando que se inspirou no revolucionário sul-americano.

<sup>205</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. *Misterios del Plata: romance historico contemporaneo*. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 110, 04 abr. 1852. [grifos no original]

inaugurada a navegação a vapor através de rios que interligavam Brasil, Perú e Bolívia. Aquele feito de aprimoramento da comunicação entre os países sul-americanos despertou a esperança de vivenciar a união sul-americana.<sup>206</sup> Juana Manso acreditava que estavam aparecendo os primeiros sintomas da “*Revolucion Silenciosa*”, que extirparia “para siempre los tiranos” e eliminaria “los gérmenes de la guerra fratricida” na América. A *periodista* almejava que os vizinhos continentais se desenvolvessem econômica-político-culturalmente e no futuro edificasse “la confederacion gigante”.<sup>207</sup>

A concepção da vida em sociedade expressa por Juana/Joanna Manso era mais ampla do que aquelas defendidas pelos governantes brasileiros e argentinos, por isso, utilizou a imprensa para advogar em prol da integração de minorias marginalizadas na categoria de cidadãos(ãs), quais sejam: mulheres, pobres, negros e indígenas.

Tendo em vista o conjunto das publicações periódicas de Juana/Joanna Manso constatei que suas defesas mais intensas giraram em torno dos direitos das mulheres. No entanto, ela refletiu também sobre a inserção social dos pobres a partir, principalmente, da educação e do trabalho; e da integração dos negros a partir da abolição da escravidão. A questão indígena foi tratada de maneira mais pontual, sendo inserida no romance *Misterios del Plata* – conforme mencionado no tópico anterior – e num artigo publicado no *Album de Señoritas*.

Certamente, a pauta indígena ganhou mais fôlego no momento em que Juana Manso retornou para Buenos Aires, no contexto do cisma político entre o Estado de Buenos Aires e a Confederação Argentina, quando grupos indígenas se organizaram em confederações e buscaram se aliar a grupos *criollos* que mais se aproximavam de suas propostas de defesa territorial e de autonomia comercial.<sup>208</sup> Conforme Gabriel Passetti, “através da negociação política e da pressão militar, foram confrontados distintos projetos para inserção dos nativos na sociedade *criolla* argentina.”<sup>209</sup> Logo, Juana Manso registrou suas concepções sobre a

---

<sup>206</sup> É importante ressaltar que, apenas no início do século XX, houve esforços por parte do governo brasileiro e de intelectuais para uma aproximação mais efetiva com os países hispano-americanos. Kátia Gerab Baggio realizou reflexões a este respeito, analisando relatos de viagens de três brasileiros sobre a Argentina. Ver: BAGGIO, Kátia Gerab. Dos trópicos ao Prata: viajantes brasileiros pela Argentina nas primeiras décadas do século XX. *História Revista*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 425-445, jul./dez. 2008; BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 1999.

<sup>207</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula]. Navegacion á vapor. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 24, 15 ene. 1854. [grifos no original]

<sup>208</sup> PASSETTI, Gabriel. Confederações indígenas em luta por participação política, comercial e territorial: Argentina, 1852-1859. *História*, São Paulo, 28 (2), p. 108, 2009.

<sup>209</sup> *Ibidem*, loc. cit.

condição dos indígenas, mas devido ao curto período de circulação do *Album de Señoritas*, não foi possível acompanhar com mais minúcia as proposições da *periodista* sobre o tema.

Sob o título “Las misiones”, Juana Manso elaborou uma proposta que auxiliaria a Argentina a marchar rumo à “era nueva” do “progreso”. Conforme seus registros, tropas organizaram-se para conter “la invasion de indios”, o que culminaria em mais derramamento de sangue. Indignada com a persistente violência, questionou: “Será que no haya otros medios de persuasion para esos desventurados, sino el sable y el plomo? No seria posible conquistar todos esos corazones á Dios, esas inteligencias á la sociedad, y esos millares de brazos al trabajo de nuestros incultos desiertos?”<sup>210</sup>

A partir de seu prisma, seria necessário capacitar missionários virtuosos para levar o Evangelho aos(às) indígenas, porém, sem fanatismos, anátemas ou narrativas apavorantes sobre o inferno. Bastava propiciar reflexões sobre “caridad”, “fé”, “esperanza” e “misericordia”. Com esta ação, em um ano e meio seria possível “formarse las primeras aldeas de indios trabajadores aplicados á la labranza de las tierras.” Caso a população e o governo colaborassem com o financiamento de tais missões, os trabalhos seriam ampliados e “el pais habria reportado dos beneficios”, afinal, ao “civilizar esas tribus hoy errantes” geraria força de trabalho e conseqüente “prosperidad material” para o país.<sup>211</sup>

É importante ressaltar que, desde o fim do século XVIII, houve propostas para evitar as *malones*.<sup>212</sup> Conforme Passetti, durante a primeira metade do século XIX, governantes como Bernardino Rivadavia e Juan Manuel de Rosas fizeram tratados para tentar resolver a questão indígena, mas todos eram muito frágeis.<sup>213</sup> Além disso, é pertinente enfatizar que a violência também foi intensamente praticada, como as chamadas “Campanhas do Deserto”, do ano de 1833, durante o governo Rosas.<sup>214</sup> Nos anos 1850, com as tensões políticas ocorridas, os caciques aproveitaram a oportunidade e exigiram negociações. Conforme Passetti:

A negociação política com os *criollos* fazia parte do cotidiano indígena desde a chegada dos espanhóis, foi fortalecida durante o governo de Rosas e

---

<sup>210</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula]. Las misiones. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 38, 29 ene. 1854.

<sup>211</sup> *Ibidem*, p. 38-39.

<sup>212</sup> Refere-se às invasões às fazendas, cujo objetivo principal era roubar gados. Conforme Passetti, “os embates sempre ocorriam e a violência era mútua, sendo que os indígenas geralmente matavam os homens adultos e levavam as mulheres e crianças como cativos, enquanto que os *criollos* igualmente não poupavam nenhum *malonero* encontrado durante as invasões [...]” PASSETTI, Gabriel, 2009, p. 112.

<sup>213</sup> PASSETTI, Gabriel, 2009, p. 5-10.

<sup>214</sup> A mando de Rosas, tropas partiram de Mendoza, Buenos Aires e Córdoba com a meta de avançar contra os indígenas e dominar a região até a cidade de Bahía Blanca, que se localizava no litoral do Atlântico. A Campanha findou em 25 de maio de 1834 com o seguinte saldo: 1.000 cativos resgatados, 1.200 aprisionados e 3.200 indígenas mortos. PASSETTI, Gabriel, 2009, p. 114.



se tornou crucial no período posterior. Informados pela leitura de jornais e por informantes mantidos nas principais cidades, os caciques procuraram identificar os grupos *criollos* em disputa e analisar os projetos políticos em jogo. Conscientes de sua força e importância, mas também temerosos diante de tropas que derrotaram o até invencível Rosas, iniciaram uma sequência de invasões para afirmar sua força e abrir negociações.<sup>215</sup>

Neste contexto de tensões e avanço das invasões indígenas, Juana Manso demonstrou posicionamento mais atrelado à concepção defendida pelo Estado de Buenos Aires. Afinal, a Confederação Argentina estabeleceu diálogos e acordos com os indígenas, enquanto Buenos Aires foi mais inflexível, “afirmando que as relações deveriam se dar de maneira desigual, com a aceitação e assimilação de costumes ditos civilizados pelos indígenas e a submissão política.”<sup>216</sup>

Conforme Juana Manso, a experiência comprovava a “inteligencia” dos(as) índios(as), assim, bastava civilizá-los(as) para vislumbrar seus “mil sentimientos nobles y generosos”. Convicta da importância de inserir aqueles sujeitos à margem da vida social como cidadãos(ãs) úteis à pátria, a *periodista* concluiu seu raciocínio, deixando os seguintes argumentos nas páginas do *Album de Señoritas*:

Esta patria es de ellos como nuestra. La conquista los esclavizó, los arrojó de sus lares, los despedazó, y nosotros despues de la independencia no hemos hecho mas que continuar la obra que comenzó la conquista. Para atraerlos á nuestra amistad no hemos tenido otros arbitrios que, ó subyugarlos con el hierro mostífero, ó halagarles su vanidad con zarandajas, origen de discordia entre ellos, ó licores perniciosos con que hemos acabado de viciarlos.<sup>217</sup>

Como tenho argumentado, a imprensa foi um espaço de grandes embates de ideias, tendo sido explorado com maestria por Juana/Joanna Manso. As denúncias das mazelas sociais e as propostas de mudanças efetivas dominaram as páginas impressas de autoria da argentina. Pensando num aspecto comparativo, observo convergências e divergências nos sujeitos marginalizados no Brasil e na Argentina elucidados por Juana/Joanna Manso. Um grande problema social vislumbrado pela *periodista* foi a escravidão, tendo sido ressaltada a dos(as) negros(as), no Brasil; e a dos(as) indígenas, na Argentina. Por outro lado, em ambos países, a opressão contra as mulheres e os(as) pobres tratou-se de críticas convergentes.

Portanto, Juana/Joanna Manso nos legou instigantes críticas, reflexões, produções literárias e deixou registros de seus caminhos no mundo artístico por meio da imprensa

---

<sup>215</sup> PASSETTI, Gabriel, 2009, p. 117.

<sup>216</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>217</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula]. Las misiones. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 39, 29 ene. 1854.

brasileira e argentina. Essa *periodista* que, por muito tempo foi “esquecida” pela história e pela historiografia, tem se revelado uma importante ativista transnacional. Segundo Lidia F. Lewkowitz, Juana Manso “fue la mujer más destacada del siglo XIX argentino. Su planteamiento fue realmente atrevido. Hizo lo que ninguna mujer hubiera osado: se negó a aplicar lo que ella llamaba virtudes negativas: callar, ignorar y obedecer. El uso de la palabra escrita fue su principal arma [...]”<sup>218</sup> Por sua vez, Muzart constatou: “[...] entre as mulheres que ousaram escrever, no Brasil dessa época, destacam-se muitas brasileiras, mas creio poder afirmar que houve uma ação civilizadora de Juana Manso em terras brasílicas, [...] seu periódico [...] marcou época e influenciou seguramente algumas escritoras.”<sup>219</sup>

#### **2.4 Professora, escritora, *periodista* e, sobretudo, intelectual feminista transnacional**

Neste capítulo, demonstrei que Juana/Joanna Manso foi uma mulher multifacetada, que dedicou sua vida a reflexões e ações em prol do aprimoramento social. Tratava-se de uma mulher complexa e ousada, tendo sido, muitas vezes, mal compreendida em seu tempo e posteriormente. Suas escolhas de vida geraram reações imediatas e interpretações diversas. Sabiamente, Néstor Auza questionou: “¿había lugar para una mujer en el periodismo político y militante de aquellos días?”<sup>220</sup> A luta histórica das latino-americanas revelou que, para as mulheres ocuparem os lugares que desejavam foi preciso estratégia, resistência e insistência, ou seja, a resposta a Auza é negativa, pois grande parte das pessoas ainda não estava preparada para conviver com intelectuais ativas como Juana/Joanna Manso em meados do século XIX.

A dificuldade – e satisfação – de estudar as ideias daquela mulher oitocentista, através da imprensa, é que seu pensamento era abrangente e dinâmico, ou seja, havia a preocupação de abarcar vários grupos sociais e regiões distintas por meio de formulações que foram sendo revistas/aprofundadas em cada publicação. Portanto, é fundamental acompanhar os escritos de Juana/Joanna em seus movimentos cartográficos e sentimentais para tentar compreender as pautas levantadas e as defesas mais intensas. Como mencionei anteriormente, a própria escrita da “argentino-brasileña/americana” é reveladora do seu vai-e-vem que construiu a intelectual transnacional.

---

<sup>218</sup> LEWKOWICZ, Lidia F. Juana Manso. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, p. 46, sept. 2003.

<sup>219</sup> MUZART, Zahidé, 2015, p. 34.

<sup>220</sup> AUZA, Néstor, 1988, p. 195.

O olhar através de lentes transnacionais foi fundamental para perceber que a própria assinatura da professora-escritora-jornalista-intelectual foi sendo alterada conforme o lugar e o momento da trajetória. Em sua primeira tradução, realizada em 1833, em sua terra natal, *El egoísmo y la amistad o los defectos del orgullo* foi assinada pelo pseudônimo “Una joven argentina”, sinal de acanhamento no momento inicial de sua vida intelectual. O compêndio poético publicado no Uruguai, em 1844, foi assinado por Juana Paula Manso, revelando o amadurecimento de uma intelectual que já transitara por três países, envolvendo-se com pessoas do universo letrado e que não temia estampar seu nome de nascimento na capa de uma obra. Em terras brasileiras, a grafia do primeiro nome foi sempre Joanna e, na terra natal, foi Juana, sinalizando o processo de tradução devido à distinção do idioma de cada região.

Após o casamento, ela acrescentou o sobrenome do marido, “de Noronha”, mas manteve o sobrenome familiar herdado do pai, “Manso”. Assim, nos textos veiculados no *Jornal das Senhoras* a assinatura impressa era Joanna Paula Manso de Noronha. Mesmo após a separação, em 1853, ela continuou a assinar suas produções com o sobrenome do marido, seja no Brasil ou na Argentina, afinal o divórcio não era regulamento em ambos os países e, possivelmente, era uma forma de suas produções serem mais aceitas socialmente. É provável que o nome composto não lhe agradasse, pois a argentina passou a indicá-lo apenas pela letra P. ou a omiti-lo, principalmente após 1853 (ela teria aguardado o falecimento do pai, para não desagradá-lo?). Como mencionado anteriormente, em 1867, ao veicular a versão em espanhol de *Misterios del Plata*, a escritora precisou se esconder atrás do pseudônimo Violeta, certamente, no intuito de se proteger das reações do público.

As reações violentas para com Juana/Joanna Manso não se limitaram ao período em que ela esteve “a testa da redacção” de periódicos, sendo extendidas durante seus pronunciamentos públicos, que eram chamados de “conferencias de maestras”, como revelou Liliana Zuccotti: “En su tercer conferencia en Chivilcoy, organizada con el objeto de juntar fondos para construir una biblioteca, cuando comenzaba a leer su drama “Rosas”, apedrean la escuela a cascotazos, y al salir, le lanzan asafétida en la ropa.”<sup>221</sup> Zuccotti explicou o motivo de tanta repugnância: “La palabra femenina en el siglo XIX, si por algo se caracteriza, además de por su peligrosidad, es por la falta de autoridad de que está investida. La agresión, el desconocimiento, la desautorización, son las reacciones previsibles.”<sup>222</sup>

---

<sup>221</sup> ZUCCOTTI, Liliana. Gorriti, Manso: de las veladas literarias a “Las conferencias de maestra”. In: FLETCHER, Lea (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994. p. 101.

<sup>222</sup> ZUCCOTTI, Liliana. *Op. cit.*, p. 105.

Portanto, a experiência transnacional de Juana/Joanna Manso exigiu que a escritora modificasse sua própria autoidentificação, seja para se adaptar à língua local, para se proteger ou para se expressar da maneira que mais lhe representava. O certo é que as barreiras linguísticas e regionais, e os embates ocorridos não impediram que a peregrina se expressasse. Como constatou Lelia Area, “Silenciar a Juana Manso fue una tarea imposible a lo largo de su altisonante y luchadora existencia, [...]”<sup>223</sup>

Além de algumas críticas e desafios enfrentados pelas mulheres de letras apresentadas ao longo desse trabalho, é muito simbólico o fato da argentina, que foi pioneira na imprensa feminista brasileira e um dos nomes mais conhecidos na luta pela emancipação das mulheres em sua terra natal, ter sido chamada de “La loca”.<sup>224</sup> Num contexto de avanço da medicina e, mais especificamente, da psiquiatria, no Brasil e na Argentina, que contribuiu para a normatização dos corpos e práticas femininas, adjetivar uma mulher como “La loca” reflete uma concepção de gênero. O peso dessa nomeação torna-se ainda mais intenso ao considerar que, em 1852, foi fundado em Buenos Aires o “Hospital de Mujeres Dementes”, que também era conhecido como “La casa de las locas”.<sup>225</sup>

A oposição à Juana Manso permaneceu até o fim de sua vida, pois ela continuou envolvendo-se na luta pelos direitos das mulheres, pela educação pública e na vida política da Argentina, inclusive, fazendo campanha em prol da presidência de Sarmiento. Em resposta ao ativismo da intelectual, o professor de espanhol, do Departamento de Escuelas, Enrique M. de Santa Olalla lhe escreveu:

A la. Sra. Juana Manso, Da. Juana  
Hace algún tiempo que inspiran temores entre sus amigos las muestras visibles de desorganización cerebral que tan gravemente afectan sus facultades intelectuales, y parece que ha llegado el caso de poner algún remedio a tan triste dolencia.  
Créame, Da. Juanita, sería muy sensible para las personas que la estiman el ver un día en la Residencia á la “mas preciosa joya” de la Nación Argentina – Tome señora, tome por Dios algunos calmantes...<sup>226</sup>

É visível a ironia com que o professor de espanhol se remeteu à sua colega professora. O tom desrespeitoso e depreciativo iniciou-se pela forma como se dirigiu a ela, “D. Juanita”, ou seja, o uso do diminutivo sugeriu infantilização e/ou incapacidade cognitiva. Enrique de

---

<sup>223</sup> AREA, Lelia, 1997, p. 167.

<sup>224</sup> ZUCCOTTI, Liliana. *Op. cit.*, p. 103.

<sup>225</sup> Sobre a trajetória da instituição e a função da Sociedad de Beneficiencia em sua administração, ver: PITA, Valeria S. *La casa de las locas*. Una historia social del Hospital de Mujeres Dementes. Buenos Aires, 1852-1890. Rosario: Prohistoria, 2012.

<sup>226</sup> SANTA OLLALA, Enrique M. de. [Correspondência]. Destinatário: Juana Manso. Buenos Aires, 29 ago. 1866. In: ZUCCOTTI, Liliana, 1994, p. 105.

Santa Ollala colocou em questão as capacidades intelectuais de Juana Manso, certamente pelo desempenho e visibilidade além do esperado para as mulheres oitocentistas. Sugerir o uso de medicamento para acalmar os nervos indicou explicitamente que a professora precisava de tratamentos mentais, por isso, a mencionada “Residencia” certamente era o “Hospital de Mujeres Dementes”.

Maria Clementina Pereira da Cunha afirmou que o comportamento considerado desviante “constitui uma ameaça concreta e palpável: desvio da imaginação, reverso da razão, fim da inteligibilidade, uso indevido da liberdade.”<sup>227</sup> Ênfase a última categoria indicada por Cunha, pois alguns consideraram que Juana Manso fez “uso indevido da liberdade” e por isso a hostilizaram. Conforme as análises de Zoccotti, ela destoava de todo o estereótipo feminino da época, que era a mulher recatada, delicada, bela e submissa. A intelectual argentina era “gorda, vieja, fea, pobre, protestante”, além de falar em alto e bom tom tudo o que pensava.<sup>228</sup> Ao comparar três mulheres argentinas letradas do século XIX, Lea Fletcher chegou a conclusão semelhante:

Sí realizáramos una encuesta acerca del conocimiento general sobre ellas, obtendríamos resultados parecidos a: “ah si, Gorriti ...fue querida por sus contemporáneos y escribió cuentos fantásticos; Eduarda Mansilla de García, la hermana de Lucio V., fue muy linda, como su madre; Juana Manso ...fue gorda y fea y la colaboradora de Sarmiento.”<sup>229</sup>

Além de não corresponder aos ideais estéticos atribuídos às mulheres do século XIX, Juana/Joanna Manso foi considerada “loca” por ousadas como produzir uma obra com caráter autobiográfico, como *Misterios del Plata*. Conforme Luiza Lobo, a argentina foi uma pioneira, pois “se dedicou à escrita de um folhetim que tem um tema mais comum entre os escritores, político, autobiográfico, abstrato e distanciado do cotidiano e da intimidade do lar, numa perspectiva em geral alheia à literatura de mulheres.” Além disso, “o traço feminista de sua obra inova no gênero (auto)biográfico ao valorizar paralelamente o amor em família e no casamento, quando a heroína faz grandes sacrifícios pessoais para salvar o marido prisioneiro da ditadura Rosas.”<sup>230</sup> Por fim, Lobo constatou que a representação de “‘exterminios coletivos’, revestidos da maior atrocidade e violência, perpetrados nas *mazorcas* ou ataques

---

<sup>227</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo*: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996, p. 14.

<sup>228</sup> ZUCCOTTI, Liliana, 1994, p. 107.

<sup>229</sup> FLETCHER, Lea. Juana Manso: una voz en el desierto. In: FLETCHER, Lea (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994. p. 108.

<sup>230</sup> LOBO, Luiza, 2009, p. 57.

federalistas pelo grupo de apoio ao ditador Rosas, explica por que *Misterios del Plata* destoa totalmente das obras de autoria feminina do século XIX.”<sup>231</sup>

Apesar da importância desse romance, segundo Lea Fletcher, ele foi menos questionado que *La familia del comendador*, pois esta segunda obra teria proposto “un cambio revolucionario” na ordem estabelecida, abrangendo aspectos públicos (como a Igreja, a escravidão e o racismo) e privados (como a religião e a família). Tal ousadia teria gerado a “amnesia generalizada” da obra e de sua autora.<sup>232</sup>

Mesmo que o vigor de Juana/Joanna tenha gerado reações negativas à sua pessoa e às suas produções, há elementos que demonstraram que ele também inspirou muitas mulheres. Valéria Andrade sugeriu que a futura dramaturga brasileira Maria Angélica Ribeiro (1829-1880) fosse leitora do *Jornal das Senhoras* e que tenha atendido ao convite feito, em outubro de 1853, pela redatora em chefe, para prestigiar a apresentação do drama histórico *O dictador Rosas e a Mashorca* e a vaudeville *As manias do século*, de autoria de Joanna Manso de Noronha.<sup>233</sup> A partir dessa inferência, Andrade afirmou:

Não é arriscar muito supor que, após assistirem àquela demonstração pública e coletiva de que nada incapacitava uma mulher de escrever um texto para teatro, uma ou outra espectadora tenha sido assaltada pela ideia de também se aventurar como autora teatral. E de fato, pouco depois disso, pelo menos uma delas remetia ao Conservatório Dramático o primeiro resultado de sua incursão no campo da literatura dramática – o drama *Guite ou A feiticeira dos desfiladeiros negros*, [...].<sup>234</sup>

As páginas do *Jornal das Senhoras* também registraram a importância de Joanna Manso enquanto inspiração para algumas mulheres. Já no segundo mês de vigência do jornal carioca, “Uma assignante” enviou uma correspondência para a redatora louvando sua “nobre coragem” e pioneirismo feminino na “difícil tarefa do jornalismo”. Para a leitora, Joanna Manso merecia reconhecimento não apenas pelo “util intretenimento que dais às do nosso sexo sobre modas”, mas principalmente “pelos sublimes e tocantes pensamentos com que desenvolveis as nossas intelligencias”. A leitora afirmou não ser ilustrada como Joana Manso, mas em sinal de agradecimento por “quem tão dignamente pugna pelos direitos da emancipação da mulher”, ela enviaria alguns artigos traduzidos ou extraídos de outros autores para que pudessem ser publicados.<sup>235</sup>

---

<sup>231</sup> *Ibidem*, p. 58.

<sup>232</sup> FLETCHER, Lea, 1994, p. 109.

<sup>233</sup> ANDRADE, Valéria, 2011, p. 4.

<sup>234</sup> *Ibidem*, p. 5.

<sup>235</sup> UMA ASSIGNANTE. Sem título. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 44, 08 fev. 1852.

Também em fevereiro de 1852, Lina encaminhou uma carta para Joanna Manso relatando seu entusiasmo ao ver o anúncio do *Jornal das Senhoras* nas páginas do *Jornal do Commercio*. Lina relatou que, ao adquirir seu exemplar, rapidamente realizou a leitura e, ao vislumbrar o convite para que as mulheres encaminhassem seus escritos, teve a seguinte sensação: “Foi o mesmo que se estivesse com muita sede e calor, e a senhora me oferecesse um sorvete.”<sup>236</sup> Com gratidão, Lina escreveu: “Nem eu sei como agradecer-lhe este benefício que nos faz á todas, pois que estou certa que todas como eu são unânimes em tributar-lhe votos de gratidão pela empreza que tomou á hombros.” Após os agradecimentos, a nova leitora revelou a condição em que viviam as mulheres naquele contexto: “Somos quasi passivas na sociedade, antes quasi que só vegetamos.”<sup>237</sup> E exemplificou através de uma metáfora:

Bem como a mangueira, crescemos carregamo-nos de folhas, que dão sombra agradável, enchemo-nos de flores odoríferas, que são o encanto dos viventes, produzimos nossos fructos, que o homem colhe soffrego, e depois? ahi ficamos abandonadas, com a folhagem secca, porque já não damos fructos.<sup>238</sup>

Em seguida, Lina ressaltou a importância de Joanna Manso para mudanças na vida das mulheres: “A senhora veio-nos abrir um campo de actividade, em que podemos exercitar as nossas forças, e sahir do nosso estado de vegetação. Como lhe agradecemos?”. Além disso, registrou a satisfação em poder expressar suas ideias no espaço público: “[...], que prazer o de escrever alguma coisa em letra redonda; saber que outras léem nossos pensamentos. Tanto que eu desejava isto, agora a senhora me offerece uma oportunidade.”<sup>239</sup> E, para finalizar, declarou sua colaboração para com o *Jornal das Senhoras*: “Aceito pois o seu convite, e me animo á remetter-lhe por principio duas pequenas poesias. Se pois forem achadas dignas de se publicar estas primeiras, continuaremos a remetter alguns versinhos e alguns artiguinhos, [...]”<sup>240</sup>

Apesar da perceptível insegurança, a leitora Francina também revelou ter se sentido estimulada a escrever a partir do convite que Joanna Manso lançou nas páginas do *Jornal das Senhoras*. Por isso, escreveu uma carta acompanhada de sua colaboração:

Snra. Redactora. – Todas nos devemos contribuir com o nosso cabedal para a prosperidade do JORNAL DAS SENHORAS, único que tem dito a verdade em nosso favor, [...]; por isso tratei de fazer alguma coisa, filha da

---

<sup>236</sup> LINA. Sem título. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 44, 08 fev. 1855.

<sup>237</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>238</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>239</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 45.

minha curta intelligencia, mas amamentada com a minha boa vontade, para lhe offerecer.<sup>241</sup>

Não foram apenas as leitoras do jornal que registraram apreço pelos pensamentos e iniciativas de Joanna Manso, a colega de trabalho Gervázia Nunézia deixou a seguinte impressão:

Queira ella consentir que, com esta mesma carta, levemos nos a cada uma das nossas assignantes a recordação do reconhecimento e o signal da gratidão que nosso amor consagra á primeira senhora, que, no Brasil, com seu punho traçou um Jornal e firmou-o com seu nome, abrindo assim tão nobremente o precioso exemplo da senda litteraria, que outras senhoras para logo a imitárão.<sup>242</sup>

As palavras de Gervazia Nunézia expressaram reconhecimento pelo pioneirismo de Joanna Manso na imprensa brasileira, ressaltando a importância de tal iniciativa para estimular a inserção de mais mulheres no mundo das letras. Animada com essa conjectura, a redatora em chefe desejou que, entre as leitoras do *Jornal das Senhoras*, surgisse uma “nova Stael” e seria viável, pois as brasileiras tinham em quem se inspirar. Em suas palavras: “Felizmente já tivemos entre nós quem dêsse o passo da estréa, quem se tornasse o alvo das animações, onde as esperanças se convergem hoje!”<sup>243</sup> Ao comentar a apresentação das peças teatrais, de autoria de Joanna Manso, ocorridas em 8 de outubro de 1853, Gervazia recomendou: “Bem gravado deve estar em nossas reminiscencias esse triumpho da noite passada, colhido pela primeira mulher que entre nós aventurou os espinhos de uma corôa, tão brilhante e cara para os estranhos, e tão cruel para si!...”<sup>244</sup> Animada com o desempenho de Joanna Manso e da boa recepção da plateia, a articulista louvou o avanço da “emancipação litteraria” que estava sendo estimulada por feitos como o da intelectual argentina. Com tais sentimentos, escreveu:

Admiro e orgulho-me por meu turno, quando tenho de traçar o panegyrico de algumas dessas heroínas da litteratura e da época, que contra a expectativa do crasso indifferentismo social, apresentão-se como que, inspiradas pelo ethereo lume, clamando pela emancipação de seu sexo, em prol do qual tem sacrificado ás vigílias, seu repouso votado às lucubrações!

A Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha está incontestavelmente no caso de fazer jus á minha admiração e aos meus encomios; e mais alto que tudo isto fallárão em prol do merito dessa senhora os freneticos applausos, a extraordinaria concurrencia, a ovação completa que tornárão immorredoura a

---

<sup>241</sup> FRANCINA. Sem título. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 45, 08 fev. 1852.

<sup>242</sup> NEVES, Gervazia Nunezia Pires dos Santos. Carta dirigida pela Illm. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redacção do *Jornal das Senhoras*. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 313, 02 out. 1853.

<sup>243</sup> N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 328, 9 out. 1853.

<sup>244</sup> *Ibidem*, loc. cit.



recordação grata e saudosa dessa noite de triumpho ao genio, de emulação e estímulo á litteratura patria, de gloria e de entusiasmo ao nosso sexo!<sup>245</sup>

A estima por Joanna Manso também ficou registrada nos versos da literata francesa Adèle Toussaint, os quais foram escritos em 8 de junho de 1853 e veiculados no *Jornal das Senhoras*, em 25 de setembro do mesmo ano, ou seja, quatorze meses depois que a argentina deixou a chefia da redação:

Joanna! pour toi ces vers que ma faible main trace;  
Pour toi, dont le talent, prisme aux mille couleurs  
Tantôt fier et hardi, tantôt rempli de grâce,  
Parle à tous les esprits, répond à tous les coeurs.

Mère, tu sais parler aux coeurs des pauvres mères;  
Chacune, en t'écoutant, sent ses yeux se mouiller,  
Car chacune comprend ces souffrances amères  
Qui torturent l'esprit et le font vaciller.

Poète, tes accents dans les âmes d'élite  
Font vibrer un écho; les esprits généreux  
Au moindre appel, Joanna, se comprennent bien vite  
E sur un mot du coeur se connaissent entr'eux.

Chrétienne, tu voulus nous montrer la puissance  
De ce prêtre chrétien, appui du melheureux  
Donnant, au nom du Dieu de paix et de clémence,  
Le pardon, cette fleur tombée un jour des cieux.

Femme, l'amour aussi s'est glissé sous ta plume,  
L'amour, ce tout puissant, ce grand consolateur  
Qui vient chez Edouard, aux pensées d'amertume  
Mêler, même en prison, des pensées de Bonheur.

Ame libre, tu sus flétrir la tyrannie  
Et chaque citoyen sent son coeuer agite  
A ce cri généreux poussé par ton genie  
Plus d'esclaves jamais!... vive la liberté.

Salut à toi! ma soeur comme femme et chrétienne  
Au nom d'un sexe que tu viens de grandir,  
Je te benis, Joanna! car ta gloire est la sienne  
Aux hommes le passé, nous, femmes, l'avenir.<sup>246</sup>

O poema revelou que Joanna Manso foi inspiração também para mulheres mais experientes no universo letrado. Os versos de Adèle Toussaint representaram Joanna Manso como uma mulher inteligente, ousada, cristã, amorosa, repleta de empatia, crítica da tirania, defensora da liberdade e engajada na construção de um futuro melhor para as mulheres.

---

<sup>245</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>246</sup> TOUSSAINT, Adèle. A Joanna Noronha. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 312, 25 set. 1853.

Todos os atributos elencados pelas admiradoras de Joanna Manso foram fundamentais para que a intelectual cumprisse seu objetivo de emancipar as mulheres através da ilustração. A experimentação no *Jornal das Senhoras* agradou a jornalista, dando-lhe fôlego para fundar um impresso em sua terra natal, conforme relatou às leitoras do *Album de Señoritas*: “Toda mi ambicion era fundar un periódico dedicado enteramente á las señoras, y cuya única mision fuese ilustrar; lo habia conseguido asi en el Rio de Janeiro donde ‘El Jornal das Senhoras’ está en el tercer año de su publicacion.”<sup>247</sup> Após a alegre lembrança, a redatora comparou a receptividade de sua proposta nas duas regiões: “Las simpatias que merecí en aquella corte, los testimonios todos de deferencia y de apoyo, con que me favorecieron, me indugeron á esperar otro tanto en mi pais.... Infelizmente mis esperanzas fueron flores pasajeras, que el viento del desengaño deshojó al querer abrir....”<sup>248</sup> Esta falta de apoio em sua terra levou Juana Manso a metaforizar seu novo periódico, adjetivando-o de “planta exótica”, pois não encontrou condições favoráveis para se desenvolver. Anos mais tarde, em 1869, a metáfora foi retomada para definir a si mesma. Ao trocar cartas com a educadora Mary Mann, Juana escreveu: “Conozco que la época en que vivo soy en mi país un alma huérfana o una planta exótica que no se puede aclimatar.”<sup>249</sup>

Observei que a experiência transnacional vivida intensamente por Juana/Joanna Manso a estimulava a pensar as sociedades de forma articulada, propiciando raciocínios comparados e despertando desejos de compartilhamento de iniciativas positivas entre as regiões, principalmente no território americano. Nesse movimento de trocas de saberes e fazeres, a intelectual exerceu a função de mediadora cultural, espalhando ideias e inspirando pessoas através de seus escritos, sobretudo por meio da imprensa.

Nesses frequentes movimentos, a intelectual estabeleceu contatos – físicos ou não – angariando apoiadores(as) e, por que não, inimigos(as), os(as) quais lhe deram elementos para seu aprimoramento intelectual. A propósito, os projetos construídos nas páginas da imprensa periódica carioca e portenha tinham caráter dialógico, os quais foram consolidados discursivamente a partir do diálogo constante.

A rede de pessoas e ideias que Juana/Joanna conseguiu tecer em torno dos seus empreendimentos e propostas causaram efeitos concretos no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, inserindo novos produtos culturais à disposição das pessoas, mas principalmente das

---

<sup>247</sup> M. DE NORONHA, J. P. A nuestras subscriptoras. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 40, 29 ene. 1854.

<sup>248</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>249</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. [correspondência]. Destinatário: Mary Mann. Buenos Aires, 1869 *Apud* SOUTHWELL, Myriam. Juana P. Manso (1819-1875). *Perspectivas*: Revista Trimestral de Educación Comparada, Paris (França), vol. XXXV, n. 1, p. 2, mar. 2005.

mulheres. A partir de 1852, as brasileiras letradas foram estimuladas a fazerem leituras dominicais e a usar a tinta e o papel para veicular seus pensamentos no espaço público. A partir de 1853, as cariocas foram incitadas a irem aos teatros prestigiar peças compostas por uma artista do gênero feminino. Tais mudanças, aparentemente pequenas, são capazes de gerar efeitos estruturais numa sociedade patriarcal.

A mediação intelectual propiciada pelos exílios e viagens pessoais da “joven argentina” causou impacto significativo na imprensa brasileira, abrindo caminhos para outros agentes históricos compartilharem diagnósticos e prognósticos da sociedade, desenvolverem habilidades reflexivas e, algumas, se tornarem cronistas, redatoras, poetisas, dramaturgas etc. Sendo assim, reforço a perspectiva que defende que os(as) intelectuais despertam pensamentos e estimulam a constituição de consciência de grupo. No caso específico de Juana/Joanna, o despertar é de uma consciência feminista em terras brasileiras e argentinas.

O trânsito de lugares e experimentações da intelectual mediadora oportunizou a reorganização de suas próprias ideias. A análise das publicações da redatora do *Jornal das Senhoras* e, posteriormente, do *Album de Señoritas*, me permitiu encontrar pautas que sofreram modificações no tempo, o que pode refletir a utilização de estratégias discursivas, mas também um natural amadurecimento intelectual propiciado pela bagagem cultural e influências diversas, como convivência, experiências pessoais e necessidades de sobrevivência.

Ao apresentar-se ao público carioca, a redatora em chefe do *Jornal das Senhoras* lançou mão de um discurso mais ameno, atrelando a emancipação das mulheres unicamente ao aprimoramento das funções ditas femininas exercidas no âmbito privado: ser boa mãe e esposa. Neste primeiro momento, chegou a negar a necessidade das mulheres exercerem profissões liberais e a restringir-se ao conhecimento das leis de seu país com a única meta de educar os(as) filhos conforme o legislado. A instrução feminina seria focada na religiosidade e não na ciência. Além disso, Joanna Manso permitiu que suas colaboradoras veiculassem artigos, principalmente na seção Modas, em que: a estética e a magreza eram supervalorizadas; o escárnio para com os(as) negros(as) era permitido; o preconceito em relação aos pobres era revelado.<sup>250</sup>

No entanto, com o avançar de sua trajetória, Juana/Joanna Manso mostrou mais intensidade em suas proposições, apresentando mudanças de postura a respeito da exaltação da beleza feminina; colocando em pauta a violência contra as mulheres; criticando a falta de

---

<sup>250</sup> A título de exemplo, ver: *O JORNAL DAS SENHORAS*, Rio de Janeiro, p. 49-50, 15 fev. 1852; *O JORNAL DAS SENHORAS*, Rio de Janeiro, p. 57-59, 22 fev. 1852.

abertura de vagas de emprego para as mulheres; argumentando sobre a relevância do conhecimento científico e da Filosofia; denunciando a opressão marital; fazendo oposição ao sistema escravista e pregando o respeito aos diversos grupos sociais, principalmente as mulheres, os negros, os indígenas e os pobres. A pauta mais perene em seu pensamento foi a emancipação das mulheres, ainda assim, foi notório o aprofundamento e ampliação dos direitos reivindicados.

Identifiquei o pioneirismo de Juana/Joanna Manso no jornalismo feminista brasileiro e argentino. Se em sua terra natal ela não foi a primeira a lançar um periódico de caráter feminista, certamente foi a mais intensa e a que mais polêmica causou. Defendo que a experiência peregrina foi elemento primordial no amadurecimento de Juana/Joanna Manso, *tornando-a* uma intelectual feminista transnacional. Nesse sentido, corroboro bell hooks ao afirmar: “Feministas são formadas, não nascem feministas. [...] Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação.”<sup>251</sup>

Certamente foi a complexidade da trajetória de Juana/Joanna Manso e seu amplo horizonte de expectativa que despertou a sensação de ser uma “planta exótica” em sua própria terra natal. A mulher que retornou para Buenos Aires em 1853 já não era a mesma “joven argentina” que emigrou em 1839; se a configuração sócio-política Argentina apresentava modificações, a subjetividade da intelectual argentina não se encontrou naquele cenário ainda fortemente conservador aos seus olhos. Ao fundar *Album de Señoritas*, em 1854, Juana Manso ainda não encontrara verdadeiramente sua pátria, pois para ela:

Alzar el bordon del peregrino, é ir á buscar una *Patria* en alguna parte del mundo, donde la inteligencia de la muger no sea un delito. Donde su pensamiento no se considere un crimen; y donde la carrera literaria no sea clasificada de pretenciones ridículas.<sup>252</sup>

Nesse sentido, a intelectual feminista faleceu expatriada, mesmo vivenciando outras pátrias e lutando pelo aprimoramento social de todas elas. Juana/Joanna Manso não pertenceu a um único lugar, ela era fruto de cadinhos de vários locais, ideias e experiências. Talvez, seja esse o motivo de tanta incompreensão sobre suas propostas e também do seu longo “esquecimento político”.

---

<sup>251</sup> bell hooks. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. p. 25.

<sup>252</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula]. Ultimo dia del año, y año nuevo. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 2, 01 ene. 1854.

No ano em que comemoramos 200 anos do nascimento de Juana Manso, é lamentável concluir que na pátria em que ela escolheu lançar seu primeiro periódico feminista sua memória ainda esteja sendo negligenciada e seu engajamento amenizado.

Na tese intitulada *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)*, Joelma Varão Lima afirmou que o periódico veiculava ideias “de certo modo inovadoras para os padrões da época”, mas que “não possibilitavam a abertura de caminhos” para as mulheres.<sup>253</sup> As análises que apresentei ao longo deste trabalho me conduziram a conclusões diferentes, revelando a capacidade da imprensa feminista e das agentes envolvidas em sua produção de despertarem consciências e abrirem possibilidades de atuação para as mulheres. A meu ver, algumas considerações feitas por Lima a respeito do *Jornal das Senhoras* foram contraditórias ou, no mínimo, vagas, pois em determinados momentos a autora enfatizou que “o jornal era um espaço em que se ponderava sobre as relações de gênero” no intuito de promover um “consenso social”,<sup>254</sup> assim, agiria e pensaria conforme seu público leitor no intuito de “discipliná-lo e moldá-lo nas relações de poder presentes nos meados do século XIX.”<sup>255</sup> Em contrapartida, em outros momentos afirmou que as jornalistas “questionaram o *status quo*” no intuito de defender a instrução feminina.<sup>256</sup> Em outra passagem, ao comentar sobre a presença de partituras nas páginas do *Jornal das Senhoras*, sem maiores reflexões, a autora chegou à seguinte conclusão: “As mulheres refinadas tocavam piano na corte Imperial e desejavam a emancipação moral da mulher, sendo consideradas membros da primeira onda feminista do Brasil, ou seja, as precursoras do movimento feminista no século XIX.”<sup>257</sup> E por fim, Lima concluiu: “Joana Paula Manso de Noronha defendia a emancipação moral da mulher por intermédio da educação, revelando, no entanto, um conceito de emancipação feminina diferente daqueles vistos em outros momentos.”<sup>258</sup> Portanto, as considerações de Lima a respeito do caráter emancipador do *Jornal das Senhoras* e de Juana Manso não foram esclarecidas, gerando dúvidas e incertezas.

Por sua vez, Giovanna Benedetto Flores se propôs a estudar o *Jornal das Senhoras* com o objetivo de compreender a emancipação feminina elaborada por Juana Manso através

---

<sup>253</sup> LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012. p. 49.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 52.

<sup>255</sup> *Ibidem*, p. 53.

<sup>256</sup> *Ibidem*, p. 121.

<sup>257</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>258</sup> *Ibidem*, p. 177.

do método de análise do discurso, na perspectiva de Michel Pêcheux e Eni Orlandi. Não obstante Flores tenha reconhecido a importância do surgimento de um periódico escrito por uma mulher, em meados do século XIX, ela concluiu que: “[...] a posição-sujeito ocupada por ela [Juana Manso], ao enunciar, não produz tal emancipação, já que a mulher não se constitui no gesto de interpretação do seu interlocutor, do leitor do jornal, mas continua como objeto do discurso, como nos demais periódicos, [...]”<sup>259</sup> E complementou afirmando que a redatora, “ao propor uma nova posição para a mulher na sociedade”, mantinha-a “na mesma posição e formação discursiva [...]”<sup>260</sup> Na minha perspectiva, este tipo de análise apresentou-se insuficiente para compreender a complexidade da proposta de emancipação das mulheres elaborada pela intelectual argentina, que deve ser pensada em seus contextos linguísticos, mas também geográficos, impressos, de gênero e, principalmente, históricos.

Na estimável coletânea *Escritoras brasileiras do século XIX*, organizada por Zahidé Lupinacci Muzart, Eliane Vasconcellos ficou responsável por traçar um perfil de Juana Manso, apresentando alguns dados biográficos e suas ideias centrais. Neste texto, Vasconcellos entrou em contradição ao apresentar as defesas da argentina. Inicialmente constatou que a *periodista* “possuía o instinto da emancipação, mas, infelizmente, ainda se encontrava presa aos padrões sociais vigentes e a sua ‘Declaração’<sup>261</sup> só tem força mesmo no título, [...]”<sup>262</sup> Além da curiosa associação entre instinto e emancipação, Vasconcellos chegou a conclusões opostas sobre o periódico redigido por aquela mulher que só revelava a emancipação no título do artigo: “Além de ser um jornal dirigido ao sexo feminino, que desperta nas mulheres valores novos, ou valores adormecidos, vai possibilitar a elas, reclusas no lar, um espaço em que podem ter voz, seja para publicar suas produções intelectuais, seja para exprimir seus desejos e opiniões.”<sup>263</sup> Sendo assim, questiono: tais efeitos não devem ser considerados emancipadores?

Ao analisar as produções de Juana Manso, Luiza Lobo percebeu uma “faceta feminista” na obra *Misterios del Plata*, representada pela personagem Antonia,<sup>264</sup> e reconheceu a contribuição da autora para o feminismo na Argentina, bem como na imprensa

---

<sup>259</sup> FLORES, Giovanna Benedetto. O Jornal das Senhoras e a subjetivação do feminino no jornal dedicado as mulheres. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos*. Florianópolis: Alcar Sul, 2014, p. 7. Disponível em: <http://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/gthistoriografiadamia-Giovanna-B-Flores.dc-1.pdf>. Acessado em 01 fev. 2019.

<sup>260</sup> *Ibidem*, p. 8.

<sup>261</sup> Refere-se ao artigo publicado por Joanna Manso, em 25 de janeiro de 1852, no *Jornal das Senhoras*.

<sup>262</sup> VASCONCELLOS, Eliane, 2000, p. 230.

<sup>263</sup> *Ibidem*, p. 231.

<sup>264</sup> LOBO, Luiza, 2009, p. 66.

brasileira.<sup>265</sup> No entanto, argumentou que a *periodista* argentina tinha a “mesma posição conservadora de Júlia Lopes de Almeida, em *O livro das noivas* (1925)”, no qual recomendava que a mulher casada jamais frequentasse “festas e recepções após o nascimento do primeiro filho, uma vez que é à cabeceira do berço que ela deve permanecer e velá-lo!”<sup>266</sup> Sendo assim, para Lobo, as propostas de emancipação das mulheres veiculadas por Juana Manso não eram “originais” e revelavam “um imenso temor de ultrapassar um determinado limite do decoro e das convenções estabelecidas desde a Ilustração do século XVIII.”<sup>267</sup> Apoiada nas reflexões de Luisa Ballesteros Rosas, Lobo argumentou que, em meados do século XIX, “as mulheres só exigiam seus ‘direitos intelectuais’, enquanto os homens já falavam de liberdade, igualdade e fraternidade, em consonância com as ideias da Revolução Francesa.”<sup>268</sup>

É importante pontuar que as assertivas de Lobo são questionáveis em termos temporais e de relações de gênero. A comparação entre Joanna Manso e Júlia Lopes de Almeida<sup>269</sup> não é viável, pois pertenceram a gerações distintas e apresentaram propostas peculiares. Além disso, ressalto que é preciso aprofundar a análise das produções periódicas da intelectual argentina para compreendê-las de maneira mais ampla, e mesmo que Manso tivesse circunscrito sua luta ao reconhecimento e autonomia intelectuais das mulheres, não poderíamos entender como algo pequeno para mulheres situadas em sociedades patriarcais, conservadoras e disciplinadoras, em que as relações de poder pautadas nas questões de gênero atuavam com intensidade.

Afora os apontamentos críticos pontuais às obras mencionadas anteriormente, ressalto a relevância das autoras terem resgatado a atuação de Joanna Manso e inserido-a no processo de formação da sociedade brasileira, interpretando suas ações e pensamentos.

Outros trabalhos brasileiros utilizaram as produções de Joanna Manso como fontes. No entanto, não se propuseram a realizar análises na perspectiva de gênero e/ou não refletiram sobre o caráter feminista das ideias e ações da intelectual. Everton Vieira Barbosa, em sua Dissertação de Mestrado, se propôs a conhecer o cenário musical do Rio de Janeiro a partir

---

<sup>265</sup> LOBO, Luiza, 2009, p. 71.

<sup>266</sup> *Ibidem*, p. 69.

<sup>267</sup> *Ibidem*, p. 70.

<sup>268</sup> *Ibidem*, *loc. cit.* [grifos meus]

<sup>269</sup> Sobre Júlia Lopes de Almeida, ver: MAIA, Cláudia. Julia Lopes de Almeida. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. 2ª ed. Dourados (MS): Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 434-438; MAIA, Cláudia. Gênero e historiografia: um novo olhar sobre o passado das mulheres. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 209-226, jul./dez. 2015; DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 12, p. 275-299, 1999.

das impressões do *Jornal das Senhoras*.<sup>270</sup> Por sua vez, Tatiana Mariano Feitoza, também em sua Dissertação de Mestrado, analisou o romance *Misterios del Plata* para refletir sobre a literatura de autoria feminina produzida no período rosista.<sup>271</sup> Por fim, Sheila Lopes Leal Gonçalves utilizou como parte de suas fontes de pesquisa os periódicos *Jornal das Senhoras* e *Album de Señoritas* para compreender as relações entre o teatro e o cenário político no Rio de Janeiro e em Buenos Aires,<sup>272</sup> entre 1830 e 1850, focando em agentes históricos marginalizados.<sup>273</sup>

Por outro lado, Dayanny Rodrigues publicou um artigo, no qual realizou uma discussão sobre representações femininas e emancipação das mulheres no *Jornal das Senhoras*, a partir da perspectiva das relações de gênero.<sup>274</sup> Não posso deixar de enfatizar a inspiração proporcionada pelos trabalhos de Zahidé Lupinacci Muzart<sup>275</sup> e de Constância Lima Duarte,<sup>276</sup> que ressaltaram o engajamento de Juana Manso em terras brasileiras, abrindo meus horizontes e permitindo o avanço de minhas análises numa perspectiva feminista.

A partir desse cenário, observei que as produções de Joanna Manso despertaram mais interesse entre as estudiosas da área da Letras e, de forma geral, há uma clara predominância de pesquisadoras mulheres na dedicação a tais reflexões. Tais indicativos coadunam com o panorama das produções internacionais a que tive acesso. No entanto, os trabalhos estrangeiros apresentaram uma característica marcante, qual seja, grande parte deles

---

<sup>270</sup> BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade, na Universidade Estadual Paulista, 2016; BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro Oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2018.

<sup>271</sup> FEITOZA, Tatiana Mariano, 2009.

<sup>272</sup> Apesar da autora não ter se proposto a realizar uma análise a partir da perspectiva dos estudos de gênero, Sheila Gonçalves considerou Juana Manso uma intelectual.

<sup>273</sup> GONÇALVES, Sheila Lopes Leal. *O teatro e o político: práticas sociais no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1830-1850)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.

<sup>274</sup> RODRIGUES, Dayanny. Escritos de e para mulheres no século XIX: o conceito de emancipação e a representação feminina no *Jornal das Senhoras*. *Revista Outras Fronteiras*, Cuiabá-MT, v. 4, n. 1, p. 54-76, jan./jul. 2017.

<sup>275</sup> Refiro-me, principalmente, às seguintes produções: MUZART, Zahidé. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v.11, n.1, 2003; MUZART, Zahidé Lupinacci (Org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000; MUZART, Zahidé L. Juana Manso, uma voz subversiva. In: MANSO, Juana. *Mistérios Del Plata: romance histórico contemporâneo*. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015.

<sup>276</sup> Refiro-me, principalmente, às seguintes produções: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016; DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003; DUARTE, Constância Lima. A mulher e o jornalismo: contribuição para uma história da imprensa feminista. In: AUAD, Sylvia Maria Von Atzingen Venturoli (Org.). *Mulher: Cinco séculos de desenvolvimento na América – Capítulo Brasil*. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Carreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999.



considerou Juana Manso portadora de ideais feministas ou, ao menos, enfatizaram sua ousadia e vigor.

A historiadora argentina Lily Sosa de Newton, em seu clássico *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*, já na década de 1970 ressaltava o “espírito combativo” de Juana Manso.<sup>277</sup> Na década seguinte, o cientista político argentino Néstor Tomas Auza revelou o “carácter firme de Juana Manso, su independencia de criterio y la seguridad y variedad de tonos con que expresaba su pensamiento” e identificou um “verdadero programa feminista” nos periódicos por ela fundados.<sup>278</sup>

Em 1994, foi publicada a coletânea *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*, na qual Lea Fletcher se dedicou a escrever sobre Juana Manso, a partir da análise do romance *La familia del comendador*. Para Fletcher, a argentina foi “una mujer pensadora” que “no se contentaba con el lugar que la sociedad le indicaba para ella o cualquier mujer”.<sup>279</sup> Manso foi “pionera en su rechazo” aos “valores patriarcales”,<sup>280</sup> sendo “una mujer excepcional para cualquier época” e por isso tão “combativa y combatida”.<sup>281</sup> Liliana Zuccotti também deixou sua contribuição nesta obra, escolhendo comparar a vida e os escritos das argentinas Juana Paula Manso e Juana Manuela Gorriti. Em sua análise, Zuccotti afirmou: “Juana Manso grita, su estilo grita, muy lejos del susurro, y del suspiro que, se supone, caracteriza a las mujeres.”<sup>282</sup> Manso não se preocupou em proteger sua imagem pública como fez Gorriti. Nas palavras de Zuccotti: “Podríamos sintetizar, si su palabra ‘trasgrede’, lo hace porque utiliza un género (la conferencia), asume una retórica (la de la ‘verdad’) y elige un tono de voz (el grito), que parecen ajenos a las damas del siglo XIX.”<sup>283</sup> No mesmo ano, Francine Masiello publicou a compilação de parte dos periódicos fundados por mulheres na Argentina do século XIX e traçou um perfil dos mesmos. Ao comentar sobre o *Album de Señoritas*, a autora revelou que o mesmo ampliou significativamente as temáticas veiculadas pelos impressos anteriores, “ya que habla del progreso argentino, la ciencia y el oficio de escritor/a, vistos

---

<sup>277</sup> SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. 3ª ed. Buenos Aires: Plus, 1986. p. 383.

<sup>278</sup> AUZA, Néstor, 1988, p. 197.

<sup>279</sup> FLETCHER, Lea, 1994, p. 111

<sup>280</sup> *Ibidem*, p. 112.

<sup>281</sup> *Ibidem*, p. 116.

<sup>282</sup> ZUCCOTTI, Liliana, 1994, p. 105.

<sup>283</sup> *Ibidem*, loc. cit.

exclusivamente desde la perspectiva de la mujer.”<sup>284</sup> Masiello ressaltou a importância da experiência internacional de Juana Manso e sua “visión claramente modernizadora”.<sup>285</sup>

Em 1997, Lelia Area analisou o *Album de Señoritas* e concluiu que “la propuesta de Juana Manso de Noronha fue particularmente abarcadora ya que pretendió realizar un cambio revolucionario tanto en las esfera pública como en la privada.”<sup>286</sup> Em 2001, Carollina Kauffmann analisou a vida e a obra de Juana Manso e afirmou que “indudablemente, Juana Manso avanza e irrumpe en tareas y espacios que hasta el momento eran de dominio casi exclusivo de una ‘cultura varonil’”,<sup>287</sup> elencando suas atividades na literatura, na imprensa e na crítica musical. Segundo Kauffmann, o *Jornal das Senhoras* seria o “primer periódico feminista latinoamericano” e, corroborando L. Vitale, reiterou que “además de ser precursora del movimiento feminista argentino, Juana Manso ha sido considerada como la precursora del movimiento feminista brasileño.”<sup>288</sup> No mesmo ano, María Cristina Arambel-Guiñazú e Claire Emilie Martin organizaram a obra *Las mujeres toman la palabra: Escritura femenina del siglo XIX* e classificaram os periódicos de Juana Manso na categoria “La prensa feminista”.<sup>289</sup>

Em 2005, Myriam Southwell, professora de História da Educação Argentina e Latino-Americana na Universidad Nacional de La Plata, publicou uma análise sobre a trajetória de Juana Manso, na qual afirmou que ela foi “precursora del feminismo en Argentina, Uruguay y Brasil.”<sup>290</sup> Numa publicação de 2010, Remedios Maitaix escreveu que Juana Manso foi uma mulher de “convicciones antiesclavistas, feministas y democráticas”,<sup>291</sup> tendo sido caracterizada por algumas estudiosas como uma “intelectual fracasada”, justamente por sua perspectiva “demasiado adelantada, obstinada, vehemente o transgresora”.<sup>292</sup> No ano seguinte, Elisabetta Pagliarulo estudou o pensamento pedagógico da intelectual argentina e constatou: “Además es tan importante y fundamentada la defensa de la mujer frente a las características de la mentalidad de la sociedad argentina y americana del siglo XIX que sin dudas Juana

---

<sup>284</sup> MASIELLO, Francine (Comp.). *La mujer y el espacio publico: el periodismo femenino en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994. p. 14.

<sup>285</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>286</sup> AREA, Lelia, 1997, p. 151.

<sup>287</sup> KAUFFMANN, Carollina. Juana Manso: lo dicho, lo susurrado y lo no dicho de una educacionista argentina del siglo XIX. In: BRAVO JÁUREGUI, Luis; ZAMBRANO, Gregory (Eds.). *Mujer, cultura y sociedad en América Latina*. Caracas: Universidad Central de Venezuela; Universidad de Los Andes, 2001. p. 45.

<sup>288</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>289</sup> ARAMBEL-GUIÑAZÚ, María Cristina; MARTIN, Claire Emilie. *Las mujeres toman la palabra: escritura femenina del siglo XIX*. Tomo I. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Volvert, 2001. p. 60-64.

<sup>290</sup> SOUTHWELL, Myriam, 2005, p. 2.

<sup>291</sup> MAITAI, Remedios, 2010, p. 6.

<sup>292</sup> *Ibidem, p. 2.*

Manso es considerada como una de las fundadoras del feminismo en América.”<sup>293</sup> Também em 2011, Gabriela Hernández Vega publicou dois trabalhos sobre Juana Manso, destacando sua atuação no século XIX. Conforme a autora: “En ese contexto sobresale una figura femenina considerada “clave” para la historia del sur, y a quien se puede definir como un acontecimiento del orden feminista.” Devido a sua “brillante capacidad intelectual y regia personalidad”, Juana Manso pode “trascender con fuerza los límites impuestos por la exclusión social.”<sup>294</sup> Sendo assim, Hernández Vega afirmou que Juana Manso foi uma “precursora del feminismo en el sur del continente americano”.<sup>295</sup>

Após este breve panorama dos trabalhos publicados sobre a trajetória de Juana/Joanna Manso e seu pensamento, ressalto a necessidade de ampliação das reflexões, no Brasil, chamando atenção para os seguintes pontos: 1) a importância da intensificação de estudos, no âmbito da historiografia, com o intuito de refinar análises em termos de criticidade e temporalidade; 2) a abertura de horizontes de pesquisas que pode ser demonstrada a partir de olhares de pessoas identificadas nas plurais performances de gênero; 3) a potencialidade que as reflexões brasileiras podem apresentar ao aprofundar os estudos sobre as produções de Juana/Joanna Manso pelo viés da transnacionalidade; 4) a necessidade de analisar os saberes e fazeres da intelectual argentina numa perspectiva dos estudos feministas para que se possa situar suas propostas no âmbito das relações de poder vigentes nas sociedades americanas oitocentistas.

Finalizo este tópico lembrando que o desejo de aprofundar questões e entender os momentos iniciais do *periodismo* feminista brasileiro me conduziu a Buenos Aires, devido à importante iniciativa de Joanna Manso em terras brasileiras. Nesse processo de buscas, tive a feliz surpresa de me deparar com uma intelectual transnacional, mas que ainda revela-se como uma personagem controversa no âmbito das pesquisas acadêmicas. A partir da análise dos pensamentos de Juana/Joanna, concluí que a argentina exilada no Brasil revelou elementos fundamentais na constituição de sua subjetividade que perpassaram o exercício do magistério, a inserção no mundo literário e a intensa atuação na imprensa, mas todas essas ações e produções geradas por ela foram marcadas por um olhar feminista que lutava contra os males

---

<sup>293</sup> PAGLIARULO, Elisabetta. Juana Paula Manso (1819-1875): presencia femenina indiscutible en la educación y en la cultura argentina del siglo XIX, con proyección americana. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Boyacá (Colombia), v. 13, n. 17, p. 31, jul./dic. 2011.

<sup>294</sup> HERNÁNDEZ VEGA, Gabriela. El sentido civilizatorio en el pensamiento de Juana Manso: Argentina 1819-1875. In: SOTO ARANGO, Diana Elvira et al (Eds.). *Educadores en América Latina y el Caribe. De la Colonia a los siglos XIX y XX*. Colombia: Ediciones Doce Calles, 2011. p. 172.

<sup>295</sup> HERNÁNDEZ VEGA, Gabriela. Educadora Juana Paula Manso. Precursora del feminismo en el sur del continente americano (1819-1875). *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Boyacá (Colombia), v. 13, n. 17, p. 347-362, jul./dic. 2011.

presentes na humanidade, partindo sempre da violência primária que estruturava toda a sociedade: a opressão contra a mulher. Portanto, o modo de Juana/Joanna mirar o mundo, sua vivência peregrina e seu acesso ao universo letrado marcaram seu pensamento e *a tornaram* uma intelectual feminista transnacional.

### Capítulo 3.

## Projetos feministas de emancipação na imprensa carioca e portenha: papel e tinta como instrumentos de luta

Eis-nos pois em campanha; o estandarte da  
illustração ondula gracioso á briza perfumada dos  
Tropicós.

Joanna Manso, 01/01/1852

Todos mis esfuerzos serán consagrados à la  
ilustracion de mis compatriotas.

Juana Manso, 01/01/1854

Abro o presente capítulo com trechos de editoriais escritos por Juana/Joanna Manso. O primeiro, veiculado na estreia do *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro; o segundo, publicado no primeiro número do *Album de Señoritas*, em Buenos Aires. Através desses meios de comunicação, a redatora propagou ideais de emancipação das mulheres, agregando aos seus projetos os desejos de outras sul-americanas que ousaram se expressar na década de 1850. Além dos empreendimentos de Juana/Joanna Manso, também serão analisadas, neste capítulo, as propostas de emancipação publicadas no periódico de Rosa Guerra, *La Camelia*, que em seu cabeçalho clamava: “Igualdad entre ambos os sexos”.

O *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas* colocaram em pauta reivindicações semelhantes, mas alguns aspectos revelaram as peculiaridades de cada um dos impressos. A comparação que propus neste capítulo tem por objetivo ressaltar as convergências e as divergências entre as reivindicações e projetos, veiculados em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, na década de 1850.

### 3.1 “Senhora(s) a testa da redacção de um jornal!”: editoriais e redatoras em foco

Naquela metade de século XIX, mulheres fundarem periódicos, defenderem ideias, proporem mudanças, criticarem arranjos sociais e costumeiros significava romper com barreiras historicamente impostas ao gênero feminino. Como pode-se conjecturar, não foram poucas as reações às iniciativas de Juana/Joanna Manso, Rosa Guerra, Violante Atabalipa, Gervazia Nunézia e suas colaboradoras. Apesar disso, instigantes propostas foram planejadas e divulgadas nas páginas impressas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires.

O *Jornal das Senhoras* entrou em cena no Rio de Janeiro, no ano de 1852. Neste contexto, os valores patriarcais faziam-se sentir de maneira intensa na vida das mulheres, remontando ainda a práticas do período colonial. A partir da premissa patriarcal, as mulheres deveriam ser submissas e obedecer ao poder do *pater familias*, ou seja, elas ficavam sob o controle do pai ou do marido. Sendo assim, “os projetos individuais e as manifestações de desejos e sentimentos particulares tinham pouco ou nenhum espaço quando o que importava era o grupo familiar e, dentro dele, a vontade do seu chefe, o patriarca, era soberana.”<sup>296</sup> Apesar de tais limitações impostas pelo contexto da vida imperial brasileira, Joanna Manso conseguiu colocar em prática um projeto individual e manifestar seus desejos no espaço público.

No número de estreia do *Jornal das Senhoras*, a redatora publicou um editorial direcionado às assinantes, na primeira e segunda páginas, deixando grafado seu nome: Joanna Paula Manso de Noronha. A redatora anunciou que tinha por meta “cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral das mulheres.”<sup>297</sup> Porém, antes de tal anúncio, Joanna Manso construiu argumentos sólidos para convencer seus/suas leitores(as) da pertinência de suas ideias. A primeira estratégia foi lançar um questionamento que as pessoas de seu tempo certamente colocariam: “Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! que bicho de sete cabeças será?”<sup>298</sup> Para responder à pergunta, a redatora informou que, em países como França, Inglaterra, Itália, Espanha, Estados Unidos e Portugal, era prática corrente a colaboração de senhoras para com os jornais. Sendo assim, colocou mais um questionamento, no intuito de fazer as pessoas refletirem: “Por ventura a América do Sul, ella só, ficará estacionaria nas suas idéas, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade?”<sup>299</sup> A própria Joanna Manso respondeu à pergunta retórica, afirmando que o Rio de Janeiro, que era Corte, capital do Império e metrópole sul-americana, certamente acolheria o *Jornal das Senhoras*. Então, observei que Joanna Manso tocou num ponto nevrálgico daquele contexto: o progresso. Sua argumentação foi construída no sentido de convencer as pessoas de que o Rio de Janeiro precisava se aliar às práticas de outros países importantes para se inserir na ordem de

---

<sup>296</sup> SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-16.

<sup>297</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 1 jan. 1852.

<sup>298</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>299</sup> *Ibidem*, loc. cit.

progresso tão buscada naquela metade de século.<sup>300</sup> Para tanto, era necessário aprovar a presença feminina na direção e colaboração do periódico recém fundado.

Joanna Manso foi além, apesar de mostrar tamanho conhecimento sobre a conjuntura mundial, não deixou de expressar humildade ao declarar que o *Jornal das Senhoras* era redigido por “uma americana que, senão possui talentos, pelo menos tem a vontade e o desejo de propagar a ilustração.”<sup>301</sup>

A humildade para com os dotes intelectuais foi elemento de ligação entre os dois impressos fundados no ano de 1852, a qual foi expressa de antemão nos editoriais e nas apresentações nos momentos de transição de redatora em chefe. No periódico *La Camelia*, nem mesmo o nome da redatora foi revelado ao longo de suas páginas, pelo contrário, foi publicado um artigo negando o fato de Rosa Guerra participar da redação do jornal.<sup>302</sup> Entretanto, estudiosos(as) da imprensa afirmaram que Rosa Guerra foi, de fato, redatora e proprietária de *La Camelia*.<sup>303</sup> Pela constante utilização do termo “Las redactoras” inferi que Guerra contava com o apoio de outras mulheres em sua redação, as quais mantiveram o anonimato. A necessidade sentida pela redatora de omitir seu nome e das colaboradoras utilizarem pseudônimos ou omitirem a assinatura é sintomático de um contexto de limitada liberdade das mulheres também na Argentina.

Dora Barrancos, ao analisar a Argentina, na primeira metade do século XIX, ressaltou os amplos poderes do patriarcado sob a vida das mulheres. Conforme a autora, “es imprescindible insistir en que el poder patriarcal se conduce por el principio de la hegemonía, por lo que no es necesario que los varones actúen de manera coactiva directa”.<sup>304</sup> Ou seja, o poder patriarcal é percebido “naturalmente”, arraigando amplamente nos “hábitos y conductas

---

<sup>300</sup> Ana Maria Mauad refletiu sobre a imagem e auto-imagem do Império brasileiro, a partir dos registros fotográficos de meados do século XIX. Neste trabalho, Mauad constatou a preocupação de D. Pedro II em transmitir a imagem de um Brasil “moderno e culto” aos padrões da cultura ocidental. Logo, houve uma clara preocupação em inserir o Império brasileiro na senda do “progresso” oitocentista. Ver: MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil 2: Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

<sup>301</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 1 jan. 1852.

<sup>302</sup> LA CAMELIA. [Sem título]. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1-2, 06 mai.1852.

<sup>303</sup> A título de exemplo, ver: AUZA, Néstor. *Periodismo y feminismo en la Argentina (1830-1930)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1988. p. 166-168; SOSA DE NEWTON, Lily. Cien años de periodismo. In: GIL LOZANO, Fernanda; PITA, Valeria Silvina; INI, María Gabriela (Dir.). *Historia de las mujeres en la Argentina. Colonia y siglo XIX*. Buenos Aires: Taurus, 2000. p. 174-175; LANDRUS, Vanessa. Mujeres al mando de la imprenta: la educación científica de la mujer en la prensa femenina argentina del siglo XIX. *Revista Iberoamericana*, vol. LXXVII, n. 236-237, p. 717-718, jul./dic. 2011.

<sup>304</sup> BARRANCOS, Dora. *Mujeres en la sociedad argentina: una historia de cinco siglos*. 2ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. p. 874 [e-book]

de los dos sexos.”<sup>305</sup> Sendo assim, as portenhas também precisaram enfrentar as imposições ancoradas nas relações de gênero para atuarem na imprensa, em meados do século XIX.

O periódico portenho *La Camelia* estreou sua entrada no espaço público com as seguintes palavras: “Temeraria empresa es por cierto arrojarse à escritoras en un pueblo tan ilustrado, y cuando tantas capacidades dedican sus plumas à la redaccion de periòdicos; mas confiadas en la galanteria de nuestros cólegas, nos atrevemos à presentarnos entre ellos.”<sup>306</sup> Essa declaração da redação, publicada na primeira página, revelou também uma busca de apoio da sociedade, mas principalmente dos colegas de imprensa. Além disso, pela expressão “nos atrevemos”, ficou explícita a ciência da excepcionalidade da presença de mulheres naquele espaço de atuação, ainda mais a tentativa das redatoras em angariar parceria com homens “ilustrados”.

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, ao dar sequência ao trabalho de Joanna Manso na redação do *Jornal das Senhoras*, também escreveu humildemente: “Nova na carreira litteraria não vos posso offerecer altas garantias acerca de meus cabedaes de intelligencia, e nem pomposas promessas vos quero fazer – porque – pelo que fizer em prol do *Jornal das Senhoras* vós me julgareis então mais acertadamente.”<sup>307</sup> Apesar desse anúncio tímido, Violante Atabalipa nasceu numa família que lhe proporcionou “primorosa educação”.<sup>308</sup> Aos oito anos de idade, Violante era ouvida nos saraus da Bahia, sua terra natal, “merecendo applauso geral de um auditorio illustrado”.<sup>309</sup> Ela dominava os idiomas francês, italiano e inglês, viabilizando traduções de peças teatrais.<sup>310</sup> Ao traduzir *O xale de cachemira verde*, de autoria de Alexandre Dumas e E. Sue, Violante Atabalipa conseguiu entrar para o Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, onde fez críticas de peças teatrais e tinha autonomia para liberar e censurar apresentações. Além disso, Violante tornou-se sócia honorária da instituição, sendo o único nome feminino naquele momento.<sup>311</sup> Apesar da familiaridade da baiana com as atividades intelectuais, ela registrou de maneira ponderada sua

---

<sup>305</sup> *Ibidem*, p. 874-875.

<sup>306</sup> SEM AUTOR(A). *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 11 abr. 1852.

<sup>307</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 04 jul. 1852.

<sup>308</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Vol. 7. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. p. 386.

<sup>309</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>310</sup> Violante Atabalipa traduziu as seguintes obras: do francês (*O xale de cachemira verde*; *Clermont ou a mulher de um artista*; *Os íteres ou a roda da fortuna*; *O maricas*; *Carolina*: história polaca), do inglês (*Rob-Roy Mac-Gregor Campbell*; *Orfão*) e do italiano (*Pamela solteira*; *Pamela casada*; *Cartas de Jacopo Ortis*). Ver: *Ibidem*, p. 386-387.

<sup>311</sup> VASCONCELLOS, Eliane. Violante de Bivar e Velasco. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 194.



atuação na carreira literária. Esta moderação no discurso também deixou sinais das divisões dos papéis e dos espaços delegados aos homens e às mulheres no século XIX.

Em 12 junho de 1853, Gervazia Nunezia Pires dos Santos Neves assumiu a chefia da redação do *Jornal das Senhoras*, permanecendo no cargo até 30 de dezembro de 1855. Foi com bastante humildade que se apresentou ao público. Após receber com honra a responsabilidade assumida, revelou aos(às) leitores(as): “Se levardes minha capacidade a justa classificação, não tereis errado vossos juízos mediocrizando-a, pois que essas chronicas da quinzena submettidas à vossa indulgencia de ha muito vos terão documentado a escacez de minhas idéas.”<sup>312</sup> Além de desvalorizar suas próprias crônicas publicadas anteriormente no jornal,<sup>313</sup> Gervazia Nunezia escreveu que muito ousava em conduzir aquele “temível e imenso tribunal de previa censura”, já que tinha ciência da “viciada educação” que as mulheres recebiam, tendo por meta esterelizar suas intelectualidades.<sup>314</sup>

Conforme Margareth Rago, os discursos que negavam a capacidade intelectual das mulheres, veiculados no século XIX, tinham o objetivo de inviabilizar “a profissionalização das escritoras quanto a ascensão e a manifestação feminina na esfera pública e na vida política.”<sup>315</sup> Nesse sentido, defendia-se que a criação artística era um “dom específico dos homens”, sendo a mulher impedida de atuar nesta esfera devido aos seus atributos biológicos, ou seja, “pela estrutura corporal, pelo peso dos quadris, pelo formato do crânio e pela obrigação da maternidade.”<sup>316</sup> No mesmo sentido, Norma Telles enfatizou que, ao atribuir a criação cultural às funções masculinas, as práticas da escrita, da leitura e do pensamento reflexivo tornaram-se estranhas ao universo das mulheres e podiam, até mesmo, serem consideradas “inimigas das características femininas.”<sup>317</sup> Para a autora, “essas e outras ideias correlatas devem ter impedido, ou sido obstáculo, para muitas mulheres adentrarem os caminhos das mente.”<sup>318</sup>

A humildade e reconhecimento da própria “deficiência” intelectual anunciada pelas redatoras do *Jornal das Senhoras* e do *La Camelia* não foram situações isoladas, mas inseridas em um universo amplo e histórico. Ao refletir sobre as poetisas latino-americanas,

---

<sup>312</sup> NEVES, Gervasia Nunezia Pires dos Santos. Minha apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 185, 12 jun. 1853.

<sup>313</sup> Antes de assumir a redação, Gervazia Nunezia escreveu crônicas assinadas com pseudônimos. Sobre as produções da redatora/colaboradora, ver Apêndice A.

<sup>314</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>315</sup> RAGO, Margareth. Prefácio: em defesa da escrita feminina. In: TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil. Século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012. p. 15.

<sup>316</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>317</sup> TELLES, Norma, 2012, p. 61.

<sup>318</sup> *Ibidem*, p. 61-62.

Márgara Russotto também identificou esse tipo de manifestação que foi nomeada de “falsa desculpa”, sendo identificada em diversas temporalidades. Conforme a autora: “En efecto, la declaración de autodescalificación previa, literal o entre líneas, sincera o irónica, como para ‘curarse en salud’ o para agredir indirectamente las expectativas del lector, tiene como base el hecho de juzgar la propia obra como algo insuficiente e insustancial.”<sup>319</sup> Portanto, “la poesía femenina reitera ese antiguo lugar común formal, la ‘falsa disculpa’, al insistir en las declaraciones sobre su ignorancia, la modestia de sus ambiciones y la insignificancia de sus emprendimientos.”<sup>320</sup> Argumento que a conclusão de Russotto sobre a poesia feminina latino-americana coaduna com os textos em verso e prosa veiculados no *Jornal das Senhoras* e em *La Camelia*, sendo expresso pelas redatoras e grande parte das colaboradoras.

Esta recorrente manifestação de autodesqualificação proferida pelas escritoras latino-americanas foi utilizada devido à insegurança em adentrar publicamente o universo das letras, refletindo as “imagens-máscaras”<sup>321</sup> que os homens construíram para enquadrá-las. Mas, como bem esclareceu Russotto, também foi utilizada de maneira irônica, subvertendo o sentido aparente das desculpas pela baixa qualidade das produções femininas. A expressa declaração de reconhecimento das possíveis falhas nas produções evitava maiores confrontos, pois correspondia ao que a sociedade oitocentista esperava das mulheres: falta de domínio do universo letrado e ciência de uma inferioridade em relação aos homens.

No entanto, Juana Manso, ao regressar a Buenos Aires e fundar o periódico *Album de Señoritas*, em 1854, ponderou a “falsa disculpa” nas novas produções. Avaliei que três fatores contribuíram para o deslocamento do discurso da argentina: 1) a experiência adquirida com o *Jornal das Senhoras*, bem como suas demais produções jornalísticas<sup>322</sup> e literárias;<sup>323</sup> 2) a perspectiva otimista para com a nova configuração política da Argentina; 3) a residência em sua terra natal. Estes três elementos se converteram em autoconfiança, gerando discursos mais convictos da escritora. No editorial do periódico, Juana Manso mostrou-se segura na produção e nos métodos adotados para atingir a meta de “ilustrar” as argentinas. No artigo subsequente, há um sutil vestígio da “falsa disculpa”: “Año de 54, preséntame á mis

---

<sup>319</sup> RUSSOTTO, Márgara. Punta y pomo del discurso: la voz femenina en la poesía latinoamericana. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. Tomo 2. Emancipação do discurso. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: UNICAMP, 1993. p. 818-819.

<sup>320</sup> *Ibidem*, p. 819.

<sup>321</sup> Expressão utilizada por Norma Telles. Ver: TELLES, Norma, 2012, p. 62.

<sup>322</sup> No ano de 1853, publicou artigos nos periódicos *La Ilustración Argentina* e *El Plata Científico y Literario*. Ver: DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata: romance histórico contemporâneo*. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015. p. 53.

<sup>323</sup> Entre 1848 e 1854, escreveu o romance *La familia do comendador*, que foi veiculado no *Album de Señoritas*, entre 01/01 e 17/02/1854.

compatriotas y dñes que estoy dispuesta á consagrar mis esfuerzos y mi escasa inteligencia al bien general, en cambio solo pido – *Un poco de simpatia.*”<sup>324</sup> É possível que o toque de “falsa desculpa” tenha sido empregado no intuito de conquistar apoio mais amplo da sociedade, que naquele contexto localizava bem os espaços femininos.

Com “falsa desculpa” ou não, Juana/Joanna Manso, Rosa Guerra, Violante Atabalipa e Gervazia Nunezia tiveram coragem de conduzir impressos direcionados às mulheres num contexto desafiador para aquelas que escolheram se inserir no âmbito público no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Para além dos entraves relacionados às questões de gênero, as jornalistas enfrentaram outro desafio atrelado à classe social. Como já esclarecido nesta tese, as mulheres estudadas pertenciam à elite letrada, mas, não necessariamente, às famílias muito abastadas. A este respeito, June Hahner elucidou que “para mulheres com educação, mas não suficientemente ricas, o caminho da emancipação era muito mais árido e incerto.”<sup>325</sup> Apesar deste empecilho, cada uma à sua maneira utilizou o espaço do editorial, enquanto conseguiu manter o periódico em circulação, para revelar os propósitos do empreendimento que dirigia.

Como mencionado no início deste tópico, Joanna Manso fundou o *Jornal das Senhoras* com o intuito de promover o “melhoramento social e a emancipação moral” das mulheres, cujas diretrizes da proposta foram aprofundadas ao longo do primeiro semestre de circulação do periódico. Ao assumir a redação, no dia 04 de julho de 1852, Violante Atabalipa declarou que empregaria todos os seus “esforços para imitar e seguir a senda que ella [Joanna] traçou na redacção deste jornal”,<sup>326</sup> o que significava manter a veiculação de “artigos originaes sobre a educação da mulher, seus deveres e posição social, e muitos outros, moraes e religiosos; muitas poesias, e artigos sobre modas, theatros, bellas artes... e um lindo romance.”<sup>327</sup> Além de manter os elementos propostos pela fundadora do jornal, Violante Atabalipa informou que haveria “melhoras consideraveis [...] no que diz respeito a – figurinos – porque na parte litteraria a ausencia de Illm. Sra. D. Joanna difficilmente poderá ser substituida.”<sup>328</sup> Gervazia Nunezia, por sua vez, não detalhou as propostas de sua chefia no *Jornal das Senhoras*, apenas revelou o desejo de manter “o encargo de uma missão tão alta e

---

<sup>324</sup> [MANSO DE NORONHA, Juana Paula.] Ultimo dia del año, y año nuevo. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 2, 01 jan. 1854.

<sup>325</sup> HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 60.

<sup>326</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 04 jul. 1852.

<sup>327</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>328</sup> *Ibidem*, loc. cit.

nobre, quão digna e sabiamente até hoje satisfeita por essas senhoras de reconhecido merito litterato, a quem tive a honra de succeder.”<sup>329</sup>

As redatoras do *La Camelia* foram menos objetivas em seus propósitos com a fundação do periódico. Na parte inicial do editorial, esclareceram que o “gênio no tiene secso”, argumentando sobre a possibilidade das mulheres realizarem produções intelectuais. Entretanto, focaram na necessidade de apoio dos colegas de imprensa, solicitando que “se dignen mirar nuestras producciones con suma indulgencia.”<sup>330</sup> Também estava na parte central do cabeçalho do periódico a frase: “¡Viva la Confederación Argentina!”. Como as publicações do *La Camelia* foram veiculadas apenas até o dia 11 de maio de 1852, ou seja, antes do Pacto de San Nicolás, as redatoras dirigiram palavras de apoio, desde o primeiro número, tanto a Bartolomé Mitre quanto a Justo José Urquiza.<sup>331</sup> Para elas, era uma satisfação vivenciar “la nueva era” Argentina, que tinha se afastado da violência e tirania experienciada durante o governo de Rosas. Então, também era propósito do *La Camelia* defender uma sociedade pautada em direitos políticos e sociais. No momento final do editorial, as redatoras esclareceram que o lema do periódico era “Libertad, no licencia”, apresentando o direito de conquistar a liberdade que os homens admitiam apenas para si. Conforme o editorial, *La Camelia* não buscava promover a anarquia, mas a liberdade por meio da equidade.<sup>332</sup>

Como exposto na epígrafe deste capítulo, no primeiro editorial do *Album de Señoritas*, Juana Manso revelou que a meta do seu novo periódico era “ilustrar” suas compatriotas e isso culminaria em: “Emanciparlas de las preocupaciones torpes y añejas que las prohibian hasta hoy hacer uso de su inteligencia, enagenando su libertad y hasta su conciencia, á autoridades arbitrarias, en oposición á la naturaleza misma de las cosas.”<sup>333</sup> Juana Manso ainda almejou mais:

[...] quiero, y he de probar que la inteligencia de la muger, lejos de ser un absurdo, ó un defecto, un crimen, ó un desatino, es su mejor adorno, es la verdadera fuente de su virtud y de la felicidad doméstica porque Dios no es contradictorio en sus obras, y cuando formó el alma humana, no le dio *sexo* – La hizo igual en su esencia, y la adornó de facultades idénticas – Si la aplicacion de unas y de otras facultades difiere, eso no abona para que la muger sea condenada, al embrutecimiento, en cuanto que el hombre es dueño de ilustrar y engrandecer su inteligencia; desproporción fatal que solo

---

<sup>329</sup> NEVES, Gervasia Nunezia Pires dos Santos. Minha apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 185, 12 jun. 1853.

<sup>330</sup> SEM AUTOR(A). *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 11 abr. 1852.

<sup>331</sup> Fiz esta ressalva pois, em 1853, foi constituída a Confederação Argentina, sendo Urquiza eleito presidente constitucional do país. No entanto, Buenos Aires não se integrou à Confederação e sua liderança ficou nas mãos de Mitre.

<sup>332</sup> SEM AUTOR(A). *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 11 abr. 1852.

<sup>333</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. La redaccion. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, 01/01/1854, p. 1.

contribuye á la infelicidad de ambos y á alejar mas y mas nuestro porvenir.<sup>334</sup>

Para atingir metas tão significativas como o desenvolvimento intelectual das mulheres, a liberdade de consciência, o reconhecimento e o respeito pelo intelecto feminino, além da conseqüente felicidade de homens e mulheres, Juana Manso esperava contar com a “proteccion” de seus/suas compatriotas. A redatora revelou qual método utilizaria para atingir seus objetivos, caso tivesse o apoio necessário. Ela desenvolveria um plano de estudos que seria composto por “conocimientos fáciles de adquirir que estuvieron hasta hoy en el recinto del misterio y en el dominio exclusivo de los hombres y que publicados en este periódico harán mas por el desenvolvimiento de la inteligencia que millares de reflexiones y de palabras.”<sup>335</sup> Ao fazer votos pelo pleno desenvolvimento do periódico, Juana Manso previa um futuro aumento no preço do *Album de Señoritas* para viabilizar a publicação de figurinos, moldes de vestidos, desenhos e músicas – tornando o periódico portenho mais parecido com o *Jornal das Senhoras*.

Também era objetivo de Juana Manso, enquanto redatora do *Album de Señoritas*, veicular literatura, a qual deveria ter uma especificidade: “el elemento americano dominará exclusivamente los artículos literarios.”<sup>336</sup> Esta proposta é interessante por valorizar a produção do continente americano em detrimento das obras europeias muito conhecidas e traduzidas no Brasil e na Argentina. No caso brasileiro, entre 1830 e 1854, foram veiculadas 74 traduções de romances estrangeiros nas páginas dos jornais, número muito superior às produções nacionais.<sup>337</sup>

Marlyse Meyer realizou uma minuciosa análise da presença e influência dos romances-folhetins franceses nas páginas dos periódicos brasileiros oitocentistas, sendo a França a grande referência literária e cultural naquele contexto. Segundo Meyer:

Arrimado à sólida tradição do “era uma vez”, acoplado ao melodrama e, como ele, nascido de profundas convulsões sociais, o romance-folhetim, fatiado nos jornais, retomado em volumes, novamente seccionado em fascículos, encanta a Europa que o engendrou e a América Latina que o acolheu como se fora coisa sua.<sup>338</sup>

---

<sup>334</sup> *Ibidem, loc. cit.* [grifo no original]

<sup>335</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>336</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>337</sup> MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 55.

<sup>338</sup> MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 417.

No caso argentino, Ana Eugenia Vázquez constatou que, durante as primeiras décadas do século XIX, as novelas francesas representavam 50% das obras veiculadas no país.<sup>339</sup> Desta forma,

[...] desde la primera década del siglo se constituye en Buenos Aires una sociabilidad literaria organizada principalmente sobre el consumo de textos europeos, entre los cuales la ficción irá ocupando un lugar cada vez más central. De esta manera, la novela forma desde los años tempranos del siglo XIX un público entre la elite porteña, del cual forman parte los primeros escritores y escritoras nacionales.<sup>340</sup>

Entretanto, Vázquez ressaltou que a relação dos(as) literatos(as) locais com as produções estrangeiras foi marcada por tensões. A título de exemplo, pode-se citar o artigo “Las novelas francesas”, publicado por Juan Bautista Alberti, em 1841, no *El Nacional* de Montevideo, no qual havia fortes ataques a Honoré de Balzac, George Sand e Alexandre Dumas.<sup>341</sup> Em contrapartida, literatos(as) como Domingo Faustino Sarmiento, Bartolomé Mitre e Juana Manso “vieron en el éxito de la novela francesa una clave a partir de la cual estimular la lectura y conformar un público local.”<sup>342</sup>

Certamente, a literatura estrangeira fez parte da formação cultural de Juana/Joanna Manso e serviu de inspiração para suas produções. Porém, nos anos 1850, a perspectiva da redatora do *Album de Señoritas* mudara e seu desejo era o desprendimento das produções europeias e o estímulo à literatura americana. Num momento em que a publicação de livros era pouco acessível, a imprensa funcionava como um espaço propício e mais democrático para a experimentação literária e, também, para a veiculação de produções dos(as) artistas mais conhecidos(as). Sendo assim, mais um dos objetivos do novo empreendimento de Juana Manso era estimular, agregar e veicular a produção literária do continente americano.

É importante observar, naquele contexto, a fusão entre o ofício do(a) literato(a) e do(a) redator(a). Ou seja, não havia distinção rigorosa entre as duas funções, ambas pertenciam a um mesmo universo: o mundo das letras. Segundo a reflexão de Joanna Paula Manso, realizada em 1852, havia percepções distintas sobre o *métier* do redator:

Redigir um jornal é para muitos litteratos o apogeo da suprema felicidad, *já sou Redactor*, esta frazezinha dita com seus botões faz crescer dous palmos a qualquer individuo.

---

<sup>339</sup> VÁZQUEZ, Ana Eugenia. La novela argentina y la importación cultural en el siglo XIX. *Exlibris*: Revista del Departamento de Letras (Universidad de Buenos Aires), Buenos Aires, p. 481, 2016.

<sup>340</sup> *Ibidem*, p. 480.

<sup>341</sup> *Ibidem*, p. 482.

<sup>342</sup> *Ibidem*, loc. cit.

No círculo ilustrado o Redactor é sempre recebido com certo prestígio do homem que em letra de imprensa pôde dizer muita coisa, propicia ou fatal a alguém.

N'outra roda de gente que considera o progresso do género humano, como uma heresia, e os litteratos como uma casta de vadios, porque entendem que se possa cavar com uma enxada, porem o trabalho intellectual é para essa gente uma alocação em grego: e por tanto o Redactor é... é um vadio mesmo, um ente inútil.<sup>343</sup>

Conforme Joanna Paula Manso, tornar-se redator podia significar uma ascensão para o literato. Observei, então, uma certa hierarquia no mundo letrado, na qual divulgar pensamentos na imprensa poderia significar “prestígio” e ter autoridade para produzir comentários benéficos ou perigosos. Assim, na concepção de Joanna Manso, o ofício de redator era valorizado entre as pessoas “ilustradas”. Em contrapartida, havia os avessos ao “progresso do género humano”, que eram aqueles que olhavam os redatores com desconfiança, considerando-os “vadios”.

A historiadora Ana Luiza Martins percebeu que, durante meados do século XIX, havia preconceitos em relação à figura do literato. Segundo a autora, a Academia de Direito do Largo de São Francisco, localizada em São Paulo, formava intelectuais que se “expressavam quase que exclusivamente pelas folhas da imprensa.”<sup>344</sup> Essa instituição gerou “talentosos escritores” que produziram ficção, poesia, teatro, história, filosofia e textos jornalísticos. As produções estavam atreladas à escola Romântica, revelando um nativismo latente. Assim, produções literárias brasileiras de qualidade foram veiculadas na imprensa, sendo “o suporte preferencial de homens letrados que conjugavam a política e a literatura na atividade jornalística.”<sup>345</sup> Entretanto, houve constante preconceito dividindo aqueles que se tornaram bacharéis e exerceram funções públicas, e aqueles que se tornaram literatos. Era preciso cautela por parte dos escritores que almejavam ascender à carreira pública, sendo necessário o uso de pseudônimo ou anonimato em suas publicações na imprensa.<sup>346</sup>

Esta imbricada e complexa relação entre redatores, colaboradores e literatos também foi analisada por Julio Ramos. Tal como constatou Martins para o caso brasileiro, Ramos afirmou – concordando com Ángel Rama – que o campo literário latino-americano tinha

---

<sup>343</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 7, 01 jan. 1852.

<sup>344</sup> MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de Império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 59.

<sup>345</sup> *Ibidem*, p. 60.

<sup>346</sup> *Ibidem*, loc. cit.

“estreita relação com a política”.<sup>347</sup> Assim sendo, até o último quarto do século XIX, “a relação entre literatura – ou as letras – e a vida pública não era em geral problemática.”<sup>348</sup> Portanto, no período que Ramos intitulou República das Letras – entre 1820 e 1880 –, o jornalismo era o espaço básico de veiculação da escrita. Não havia, então, embate entre literatura e jornalismo. A imprensa era “onde formalizava a vida pública em vias de racionalização.”<sup>349</sup> Conforme o autor, no contexto mencionado, o jornalismo também foi importante para construir a imagem da nacionalidade, tornando-se um “dispositivo pedagógico fundamental para a formação da *cidadania*.”<sup>350</sup>

Em consonância com as reflexões dos(as) autores(as) mencionados(as) acima, observei que, na segunda metade do século XIX, a presença da literatura também estava claramente associada ao discurso de emancipação das mulheres, veiculado na imprensa. Logo, era comum o uso dos termos “Literario(a)/Literatura” nos títulos e/ou subtítulos dos impressos feministas.<sup>351</sup> No caso específico dos materiais analisados nesta tese, verifiquei as seguintes recorrências: *Jornal das Senhoras* – “Modas, **Litteratura**, Bellas-Artes, Teatros e Critica” e *Album de Señoritas* – “**Literatura**, Modas, Bellas Artes y Teatros”. Além disso, é notória a presença de produções literárias como poesias, romances e contos nas páginas dos jornais.

Para Juana/Joanna Paula Manso, a produção literária era uma maneira de engajamento, uma forma das mulheres propagarem suas vozes/letras e serem ouvidas/lidas. Desta maneira, o incentivo à literatura americana estava atrelado a outra proposta da jornalista que pode ser articulada com as demais redatoras brasileiras e argentinas analisadas nesta tese: o desejo de receber colaborações das leitoras.

Ainda no primeiro editorial do *Jornal das Senhoras*, a redatora escreveu: “todas as que possuis uma faisca de intelligencia, vinde.” Com o intuito de estimular tais colaborações, Joanna Manso informou que o periódico seria “confidente discreto das vossas producções litterarias”, sendo assim, “ellas serão publicadas debaixo do anonimo”. A garantia da omissão da identidade nas publicações era uma estratégia para tranquilizar as colaboradoras mais

---

<sup>347</sup> RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 81.

<sup>348</sup> *Ibidem*, p. 75.

<sup>349</sup> *Ibidem*, p. 107-108.

<sup>350</sup> *Ibidem*, p. 108. [Grifo no original]

<sup>351</sup> A título de exemplo, veja alguns títulos e subtítulos: *O Sexo Feminino*: “Semanario **Literario**, Recreativo e Noticioso Especialmente Dedicado aos Interesses da Mulher”; *O Domingo*: “Semanario **Litterario**, Recreativo e Noticioso”; *La Alborada del Plata*: “**Literatura**, Artes, Ciencias, Teatros y Modas”; *Alborada Literaria del Plata*: “**Literatura**, Artes, Ciencias, Teatros y Modas”; *A Familia*: “Jornal **Litterario** Dedicado á Educação da Mãe de Família”. [grifos nossos].



inseguras ou tímidas. A redatora ainda reforçou: “não temaes confiar-mo-las, nem temaes dar expansão ao vosso pensamento; se o possuis é porque é dom da Divindade, e aquillo que Deus dá, os homens não o podem roubar.”<sup>352</sup> A meu ver, o apelo a argumentos religiosos no intuito de encorajar a expressão feminina na imprensa foi uma escolha acertada de Joanna Manso, já que o poderio da Igreja Católica era significativo naquele contexto e as mulheres deixaram as marcas intensas da formação cristã nas colaborações encaminhadas.

Ao finalizar o primeiro ano de veiculação do *Jornal das Senhoras*, a redatora Violante Atabalipa anunciou com entusiasmo: “Temos a satisfação de anunciar-vos que o pessoal das nossas dignas collaboradoras acha-se enriquecido com a nova aquisição de mais tres illustradas e nobres senhoras desta corte.”<sup>353</sup> A redatora referiu-se a colaboradoras permanentes do jornal, as quais assumiram o compromisso de enviar textos assiduamente.<sup>354</sup> Inclusive, algumas assumiram seções específicas como a “Chronica da Quinzena”. Entretanto, Violante Atabalipa também valorizava as colaborações espontâneas, como revelado no trecho que segue: “Ah! praza a Deus que tantas outras illustres patricias, cujos talentos só confião de seu gabinete de estudo, dignem-se imitar as nossas collaboradoras, honrando tambem as paginas do JORNAL DAS SENHORAS!”<sup>355</sup>

Ao assumir a direção do jornal, Gervazia Nunezia seguiu os caminhos da fundadora e clamou às mulheres: “Dignissimas collaboradoras, convencida de que me não isolareis n’esta ardua tarefa a que me comprometti, e conscia do valioso auxilio de vossas idéas, conto desde já com a assidua concorrência de vossos escriptos para a realização d’esse grandioso edificio cujas bases já se firmarão.”<sup>356</sup> Percebi que além da redatora revelar a responsabilidade que lhe foi legada ao conduzir os trabalhos iniciados por Joanna Manso e seguido por Violante Atabalipa, ela estava ciente da importância das colaborações das leitoras para a manutenção do jornal em circulação.

Diferentemente do jornal brasileiro, *La Camelia* não fez chamados diretos para as mulheres enviarem colaborações para o periódico. No entanto, as redadoras mostraram-se agradecidas ao receber os textos: “Tenemos el gusto de insertar en este mismo número la

---

<sup>352</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 01 jan. 1852.

<sup>353</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. A’s nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 202, 26 dez. 1852.

<sup>354</sup> O panorama da contribuição de todas as mulheres que assinaram seus nomes ou pseudônimos nos três periódicos analisados nesta tese está registrado no Apêndice A.

<sup>355</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. A’s nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 202, 26 dez. 1852.

<sup>356</sup> NEVES, Gervasia Nunezia Pires dos Santos. Minha apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 185, 12 jun. 1853.

correspondencia de la Señorita ZOILA – Aceptamos gustosas su oferta, y aun le damos las gracias.”<sup>357</sup> Além dos agradecimentos, as redatoras portenhas também tinham ciência da importância de tais colaborações para a sobrevivência do periódico: “Con colaboradoras de esta clase, la *Camelia* nada teme – recorrerá el campo con confianza.”<sup>358</sup> Apesar da inexistência dos chamados explícitos, as páginas do periódico e seus informes revelam que não houve falta de colaboração por parte das mulheres: “Suplicamos à la Señorita Helena se digne disculparnos la tardanza que ha sufrido la insercion de su Comunicado. Vivamente hemos sentido que las columnas de nuestro periódico hubiesen estado cerradas con los materiales suficientes, para haberlo publicado el mismo dia de su remision.”<sup>359</sup>

Ao escrever o primeiro editorial do *Album de Señoritas*, Juana Manso foi mais objetiva ao conclamar as colaborações: “Recibiré desde ahora con mucho placer todas las correspondencias que se dignen enviarme y que publicaré como lo exijan.”<sup>360</sup> Apesar da brevidade do recado, a redatora mostrou-se flexível, dando margem para a interpretação que as colaboradoras poderiam solicitar a omissão de suas identidades caso fosse de sua vontade. Na quinta página da primeira edição do periódico, a redatora anunciou que o *Album de Señoritas* possuía apenas uma colaboradora – com pseudônimo Anarda –, que escreveria artigos sobre modas, e convidou as demais mulheres: “recomendamos á nuestras compatriotas que la imiten enviando sus correspondencias al escritorio de redaccion calle de Santa Clara num. 11.”<sup>361</sup>

A este respeito, chama atenção o apoio (ou falta dele) conquistado pelos impressos. Observei que, quanto maior o número de colaboradores(as) – leitores(as) –, por mais tempo o veículo conseguiu manter-se em circulação. Juana Paula Manso, enquanto redatora do *Album de Señoritas*, conquistou apenas uma colaboradora e precisou declarar a “muerte prematura” de seu periódico com apenas oito números e menos de um mês no universo da imprensa. *La Camelia*, com um pouco mais de apoio, conseguiu publicar 31 (trinta e um) números e manter-se três meses em atividade. Em contrapartida, o *Jornal das Senhoras* teve a capacidade de angariar inúmeros(as) colaboradores(as), o que criou a possibilidade para seus 209 números, veiculados durante quatro anos. Como bem expressou Pablo Rocca: “más allá

---

<sup>357</sup> *LA CAMELIA*, Buenos Aires, p. 2, 11 abr. 1852.

<sup>358</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>359</sup> *LA CAMELIA*, Buenos Aires, p. 2, 09 mai. 1852.

<sup>360</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. La redaccion. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 1-2, 01 jan. 1854.

<sup>361</sup> *ALBUM DE Señoritas*, Buenos Aires, p. 5, 01 jan. 1854.

de las fragilidades o de las potencias administrativas y financieras, es capaz de mantenerse la revista que ha sabido crear un proyecto, que es outra manera de decir, crear un público.”<sup>362</sup>

É importante enfatizar que compreendo o “público” como ativo no processo de ressignificação cultural, ou seja, ele não apenas recebe a mensagem, mas tem a capacidade de produção e circulação de bens culturais. Nesse sentido, corroboro uma importante proposição de Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen: “não há sujeito ou público passivo, e não importa idade, gênero, grau de instrução, condições socioeconômicas, acesso à informação etc. Todo leitor, ouvinte, espectador, aluno etc. reelabora os significados dos bens culturais que se apropria, em função da sua experiência de vida.”<sup>363</sup>

Mas, para conquistar esse público, como as redatoras se apresentaram aos/às leitores(as) e colegas de imprensa? Quais características e adjetivos ressaltaram ao se colocarem à frente de impressos que seriam canais de expressão das senhoras e senhoritas oitocentistas?

Com o sugestivo título “Quem eu sou e os meus propositos”, Joanna Manso ensaiou uma apresentação às suas leitoras – sim, ela se dirigia às mulheres. O texto foi aberto com a revelação da “triste-tarefa” que é falar de si e da sua não pretensão de construir uma biografia. A redatora afirmou que não faria um discurso romântico e poético sobre seus sentimentos, até por que teria ficado no passado a fase em que foi “romantica da quinta essencia”. Joanna Manso mudou sua maneira de compreender e sentir o mundo ao ter contato com os “vícios humanos, ao fogo activissimo dos desenganos do mundo”, tornando seu coração “secco, que nem pergaminho.”<sup>364</sup> Após essa introdução, a redatora do *Jornal das Senhoras* encontrou uma frase para se definir: sou “uma mulher escriptora”. Joanna Manso sabia que uma mulher escritora, em meados do século XIX, despertava curiosidade. Tinha consciência de que as pessoas fariam vários questionamentos sobre sua fisionomia e pensamentos, mas ela optou por não definir-se para as leitoras no intuito de não gerar desencantos, como o experimentado por ela mesma. Joanna Manso argumentou que os(as) poetas e pintores(a) deveriam ser vistos

---

<sup>362</sup> ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (Sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanoamerica*, Espanha, año 33, nº 99, p. 8, dez. 2004.

<sup>363</sup> GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo. In: GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 15.

<sup>364</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Quem eu sou e os meus propositos. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 11, 11 jan. 1852.

de longe, ou seja, através da imaginação.<sup>365</sup> Para sustentar seu argumento, a redatora narrou uma história:

Lembro-me sempre, que eu era apaixonada até o frenesi, das poesias de um Estevan Echeverria,<sup>366</sup> a quem Alexandre Dumas, chamou – *Lamartine Americano* – esse moço, cujas rimas doces e sonoras penetrarão como uma musica melodiosa até o fundo do meu coração, imaginava-o eu, pallido e formoso, meio homem meio arcanjo; e sobre tudo o que eu estava mais certa de encontrar nelle erão olhos grandes azues, de olhar profundo e sereno.  
Ai! desgraçada!  
Um dia apresentarão-me Echeverria!  
Era moreno, bexigozo, feio, e tinha olhos pequenos e vesgos!  
Eu dei um grito involuntario, e esclamei:  
Pois este!... é Echeverria!!!  
Este! – segundo a entonação da minha voz, era o mesmo que dizer – este monstro! Foi uma dor mortal a que eu senti vendo o meu *ideal* despedaçado!  
[...]  
Nunca mais li as rimas de Echeverria.  
Por isso não vos direi quem eu sou.<sup>367</sup>

Sendo assim, a redatora optou por deixar suas leitoras usarem a imaginação para idealizá-la fisicamente. Porém, seus propósitos, ao fundar o *Jornal das Senhoras*, foram claramente descritos: “Fallar em diferentes coisas, e sobre tudo, das mulheres, dos seus direitos, sua missão, etc.”<sup>368</sup> Ao lançar ideias ainda novas em terras brasileiras, Joanna Manso mostrou ter ciência dos questionamentos que surgiriam: “Fallar nos direitos, na missão da mulher, na sua emancipação moral! Máo, máo; isto não é leitura que se deva permittir nas casas de família.” Nesse momento da escrita, a redatora se dirigiu aos senhores estimulando-os a conhecerem as ideias a fundo, ou melhor, a não fazerem julgamentos prévios. Joanna Manso findou sua apresentação rogando a proteção de Deus para seguir adiante com seus propósitos.<sup>369</sup>

Tal como Joanna Manso, as redadoras do *La Camelia* tinham ciência da curiosidade despertada a respeito das mulheres *periodistas* naqueles anos 1850, por isso escreveram de maneira jocosa, no primeiro editorial: “*sin ser niñas ni bonitas, no somos viejas ni feas.*”<sup>370</sup> Ainda no primeiro número do periódico, revelaram: “*rayamos con la edad de nuestro*

---

<sup>365</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>366</sup> Segundo Jorge Myers, Esteban Echeverría foi o responsável por irromper o romantismo na Argentina, no ano de 1830, através da publicação de suas primeiras poesias na imprensa portenha. Ele tornara-se um importante escritor, fazendo sucesso principalmente entre o público feminino mais jovem. Ver: MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. p. 395-397.

<sup>367</sup> *Ibidem, loc. cit.* [grifo no original]

<sup>368</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>369</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>370</sup> LAS REDACTORAS. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 11 abr. 1852. [grifos no original]

Redentor”.<sup>371</sup> Tratava-se de “tres señoras” que criaram uma maneira interessante de se revelarem na sociedade: “hemos adoptado un signo visible para reconocernos y hacernos conocidas, y este signo es un *seductor* verde ó blanco, con un lazo de ambos colores.”<sup>372</sup> O traje usado pelas redatoras tinha a função de identificação, mas também de representação do lema do periódico, ou seja, era a manifestação da luta travada pelas mulheres. Nas palavras da redatora que assinava como Eliza: “este signo ù adorno, como gusteis, tendrá por nombre *Seductor á la Camelia*, lo que equivaldrá á decir: *Igualdad entre ambos secsos, basado en la razon.*”<sup>373</sup>

No mesmo dia em que surgiu o periódico *La Camelia*, em Buenos Aires, Bellona teve sua estréia no *Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro, colaborando na seção “Chronica da Semana”. Antes de publicizar a crônica, Bellona se apresentou ao público, iniciando por esclarecer quem ela não era e o que ela não queria fazer: “eu não sou cavalleiro que enriste lanças, cortejando á direita e esquerda, porque, naturalmente vexada, receio enganar-me nos cortejos, mais para um do que para outro lado, e passar por injusta ou parcial, do que tenho muito medo.”<sup>374</sup> A cronista seguiu com as negativas: “nem sou escriptor que diga perolas, porque nenhuma instrucção, louvado Deus, tenho para isso.”<sup>375</sup> Por fim, “nem chronista que queira passar por velho, porque entendo que não nos devemos apadrinhar com o credito alheio para dizermos o que sentimos, uma vez que somos responsáveis pelos nossos pensamentos, palavras e obras perante Deus e a sociedade.”<sup>376</sup> Após os esclarecimentos, Bellona revelou quem era: “sou mulher, bem moça; tenho sómente 22 annos; não sou casada, nem solteira, nem aggregada; não tenho pretensões de litterata, nem me acompanha a mais pequena idea de que os meus escriptos agradem.”<sup>377</sup> Além da breve apresentação, Bellona revelou: “Tenho ardente desejo de ver como sahem as minhas *garatujas* em letra redonda, e se ficão parecidas com muitas outras que eu leio, e acho-as tão bonitas... Se assim não acontecer, e ellas não me agradarem, também não vos encommodarei mais.”<sup>378</sup> Ao que a recorrência dos textos revelam, os escritos da inexperiente e humilde cronista<sup>379</sup> agradaram ao público, à redação e à própria Bellona, sendo publicados de 11 de abril a 26 de dezembro de 1852.

---

<sup>371</sup> LOS HOMBRES no tienen espalda. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 11 abr. 1852.

<sup>372</sup> ELIZA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 4, 11 abr. 1852. [grifo no original]

<sup>373</sup> *Ibidem*, loc. cit. [grifos no original]

<sup>374</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 114, 11 abr. 1852.

<sup>375</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>376</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>377</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>378</sup> *Ibidem*, loc. cit. [grifo no original]

<sup>379</sup> A partir da edição do dia 11 de julho de 1852, a seção “Chronica da Semana” tornou-se “Chronica da Quinzena”.

A segunda redatora do *Jornal das Senhoras*, Violante Atabalipa Vellasco, apresentou-se às leitoras como uma mulher nova na carreira literária, mas muito entusiasmada para dar sequência ao “tão pesado encargo” que lhe foi confiado. A redatora garantiu que “não arriparemos na carreira encetada pela nossa illustre amiga, enquanto o *Jornal das Senhoras* fôr protegido por vós [...]”<sup>380</sup> Ainda na chefia de Violante Atabalipa, uma nova cronista se apresentou. Délia afirmou que estava acanhada ao se apresentar às leitoras, ao fazer sua “estréia no mundo litterario” e ao oferecer crônicas “despidas dos atavios da eloqüencia”.<sup>381</sup> Délia não poupou elogios à antecessora de seção e informou que suas crônicas seriam interrompidas assim que Bellona descansasse e retornasse para sua “nobre posição de collaboradora” do *Jornal das Senhoras*. A nova cronista pediu desculpas às “benignas leitoras” pela “ousadia” de assumir a “Chronica da Quinzena” e justificou: “o orgulho porém de ser convidada para tomarmos parte nos trabalhos litterarios do JORNAL DAS SENHORAS nos prestará forças para envidarmos os maiores esforços afim de que fiquem satisfeitas e contentes com os nossos artigos.”<sup>382</sup> Com humildade, Délia findou sua apresentação:

Desculpe-nos a illustre redactora do JORNAL a quem pedimos protecção, e a quem rogamos que haja de corrigir os nossos escriptos todas as vezes que nelles encontrar defeitos ou erros, mui palpaveis em quem pela primeira vez, e balda de sufficiencia, se apresenta nas columnas de JORNAL illustrado, e perante as illustrações e capacidades litterarias do paiz [...].<sup>383</sup>

Ao falar de si, Délia acabou por apresentar qualidades de Violante Atabalipa, prática recorrente nos impressos analisados nesta tese. A “falsa desculpa” das redadoras e colaboradoras gerou desencontros discursivos, pois enquanto a própria escritora ponderava seus dotes intelectuais, as colegas de trabalho e de luta ressaltavam as potencialidades – como no caso acima transcrito. Essa atitude permite a interpretação de que algumas mulheres, mesmo cientes das suas capacidades, usavam a “falsa desculpa” para propiciar empatia e conquistar um público amplo.

Diferentemente das apresentações até aqui analisadas, a inserção de Gervazia Nunezia na equipe do *Jornal das Senhoras* foi anunciada previamente pela redação antecedente, veiculando a seguinte informação na primeira página da edição do dia 05 de junho de 1853: “No dia primeiro deste mez dignou-se tomar conta da Redacção em chefe do JORNAL DAS

---

<sup>380</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. A’s nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 04 jul. 1852.

<sup>381</sup> DÉLIA. Apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 15, 09 jan. 1853.

<sup>382</sup> *Ibidem*, p. 15-16.

<sup>383</sup> *Ibidem*, p. 16.

SENHORAS, a Illm. Sra. D. Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves, filha do falecido Sr. Innocencio Nunes Pires, e recentemente casada<sup>384</sup> com o Sr. Antonio José dos Santos Neves.”<sup>385</sup> Anunciar a nova redatora do jornal, indicando como referência dois homens – certamente, respeitados na sociedade – tinha uma função estratégica de conquistar credibilidade e apoio.

Além do anúncio, a nova redatora em chefe também se apresentou ao público leitor. Gervazia Nunezia reconheceu a responsabilidade que era assumir a chefia da redação do *Jornal das Senhoras* e mencionou seu laço matrimonial e o apoio concedido pelo marido no exercício do jornalismo. Gervazia ponderou sua capacidade intelectual, ao mencionar a educação “viciada” que era oferecida às mulheres, e findou solicitando a colaboração das senhoras na leitura e envio de produções para o jornal.<sup>386</sup>

Em fevereiro de 1853, uma nova colaboradora assumiu a importante seção “Modas” do *Jornal das Senhoras*. Ritinha passou a escrever sobre modas a pedido de uma de suas melhores amigas, e assim se apresentou às leitoras: “Com 16 annos de idade, e sem o traquejo do jornalismo, eu reconheço a minha insufficiencia para substituir dignamente a vossa engraçada e espirituosa Christina.”<sup>387</sup> Ritinha ainda declarou: “Não tenho talentos, nem grandes conhecimentos desta matéria; mas se os esforços de uma boa vontade bastarem para apresentar-vos todas as semanas algumas linhas que possais ler, [...]”<sup>388</sup> Observei a semelhança dessa apresentação com as anteriores, as quais apresentaram a jovialidade das escritoras, a inexperiência no mundo das letras e a vontade de contribuir com o jornal através de muito esforço.

Ao retornar a Buenos Aires e lançar o *Album de Señoritas*, em 1853, Juana Manso ressaltou a preocupação em contribuir para com as argentinas, sendo revelada através de expressões como “ilustracion de mis compatriotas” e “proteccion de mis compatriotas”.<sup>389</sup> A redatora também desejou marcar seu lugar enquanto argentina, mostrar sua alegria ao retornar à terra natal e contar com a receptividade dos(as) argentinos(as), como é possível observar nestes trechos: “considerará feliz vuestra obsecuente compatriota”, “Que despues de una

---

<sup>384</sup> Segundo Sacramento Blake, Antonio José dos Santos Neves serviu ao Exército, foi funcionário da Diretoria Geral de Obras Públicas e serviu na Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra. Além disso, escreveu dois livros de caráter patriótico e religioso. O primeiro foi intitulado *Louros e espinhos* (1866) e o segundo, *Homenagem aos heroes brasileiros* (1870). Ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. p. 225.

<sup>385</sup> MOVIMENTO DOS Salões. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 177, 05 jun. 1853.

<sup>386</sup> NEVES, Gervasia Nunezia Pires dos Santos. Minha apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 185, 12 jun. 1853.

<sup>387</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 9, 8 jan. 1854.

<sup>388</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>389</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. La redaccion. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 1, 01 jan. 1854.

ausencia de *veinte años*, al volver á mi pais natal, encuentre lo que iria á conocer por vez primera.”, “*El lar Patrio!* ese bienestar que solo conozco por las descripciones de Lamartine, por los contos del Child Harold de Byron....si así no fuese.....si en vez de simpatias me volviesen indiferencia, si en vez de hermanos hallase enemigos, ¿qué haria?”<sup>390</sup>

Além de se apresentar como uma argentina com saudades de sua terra e interessada em aprimorar a instrução das compatriotas, Juana Manso enfatizou sua função materna: “antes que escritora yo soy madre de familia”.<sup>391</sup> Neste período, Juana Manso estava separada do marido Noronha e era responsável pelas duas filhas: Eulália e Hermínia.<sup>392</sup> Pouco antes do retorno para a argentina, seu pai – o engenheiro José María Manso – havia falecido, privando Juana da ajuda financeira que recebia.<sup>393</sup> Naquele momento delicado, possivelmente, as atribuições maternas foram intensificadas, tornando Juana a responsável financeira e emocional das filhas, o que deve ter contribuído para a sua apresentação como mãe de família, função que sobressaía à sua atividade de escritora.

Ao destacar a maternidade, Juana Manso também conseguiu expressar uma compatibilidade entre sua atuação na esfera pública sem prejuízos às atribuições esperadas das mulheres naquele contexto. A este respeito, Dora Barrancos afirmou que, durante o século XIX, houve uma intensificação das obrigações em relação à maternidade. O estatuto de mãe tornou-se tão significativo que ampliaram os manuais e instruções para definir as condutas a serem seguidas.<sup>394</sup> Conforme a autora, o foco na reprodução foi tão significativo que “la condición femenina se reducía a esa misión.”<sup>395</sup> Haja isto em vista, “la sensibilidad maternal fue un aprendizaje de la nueva subjetividad que se abrió paso a lo largo del siglo XIX: lejos de ser un instinto innato, esa creencia se propagó especialmente durante ese siglo.”<sup>396</sup> Portanto, é previsível que as jornalistas, de alguma forma, tenham reproduzido a centralidade da maternidade em suas vidas – seja para simplesmente coadunar as concepções em voga ou para ampliar os horizontes de atuação das mulheres, como propôs Juana Manso.

A partir das apresentações das redatoras e colunistas do *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas* percebi que os elementos priorizados na construção dos

---

<sup>390</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Último día del año, y año nuevo. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 2, 01 jan. 1854.

<sup>391</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. A nuestras subscriptoras. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 40, 29 jan. 1854.

<sup>392</sup> VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 228.

<sup>393</sup> DE GIORGIO, María Julia, 2015, p. 53.

<sup>394</sup> BARRANCOS, Dora, 2007, p. 743.

<sup>395</sup> *Ibidem*, p. 744.

<sup>396</sup> *Ibidem*, p. 748.



discursos foram similares. As mulheres optaram por se dirigirem às leitoras – o público-alvo dos três periódicos –; se apresentaram como pessoas dispostas a trabalhar em prol da ilustração das leitoras – mesmo que essa tarefa lhes demandasse muito esforço –; fizeram mea-culpa para antecipar qualquer crítica sobre a qualidade dos textos, justificando por meio da baixa qualidade da educação disponível para as mulheres; demonstraram muito respeito e reconhecimento para com o trabalho das colegas que escreviam na imprensa; mostraram-se receptivas, incentivando a colaboração das leitoras por meio do envio de produções intelectuais e assinaturas dos periódicos; deixaram transparecer a jovialidade e inexperiência no universo letrado – com exceção de Juana/Joanna Manso –; e, por fim, marcaram o lugar de mulheres casadas e/ou mães de família. Tais constructos narrativos não propunham grandes rompimentos com os papéis esperados para as mulheres na década de 1850, no Brasil e na Argentina. Portanto, a veiculação de um discurso moderado nas apresentações me parece elementar para a conquista do público leitor e para a facilitação do acesso das mulheres aos periódicos de Juana/Joanna Manso, Violante Atabalipa, Gervazia Nunezia e Rosa Guerra.

### **3.2 “Libertad, no licencia”: reprodução ou subversão do discurso vigente?**

Segundo Lucía Gálvez, na Argentina, a segunda metade do século XIX teve início em fevereiro de 1852, após a vitória do general e governador Justo José de Urquiza e seus apoiadores na Batalha de Caseros, que culminou na queda de Juan Manuel de Rosas,<sup>397</sup> que havia governado a Argentina com “plenos poderes” e perseguido seus inimigos com afincos, principalmente os unitários.<sup>398</sup> Conforme Gálvez, finalizado o período de intensa centralização política, um clima de renovação permeou a república. Após o “triumfo revolucionário”, o ambiente ficou conturbado, configurando uma sociedade com “federales no rosistas, partidarios o enemigos de Urquiza, unitarios deseosos de venganza o justicia, emigrados que volvían de Montevideo, de Chile, de Bolivia y hasta de Brasil”, onde “todos querían participar y dar su opinión.”<sup>399</sup>

Nesse ambiente de disputas políticas e sociais, surgiu o periódico *La Camelia*, inserindo as portenhas na cena pública para opinar e propor novas arquiteturas para a

---

<sup>397</sup> GÁLVEZ, Lucía. La segunda mitad del siglo. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, p. 7, sept. 2003.

<sup>398</sup> PRADO, Maria Ligia Coelho. Moro e Echeverría: duas visões da questão da soberania popular. In: PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 78.

<sup>399</sup> GÁLVEZ, Lucía. *Op. cit., loc. cit.*

Argentina. Com o título “Las mugeres”, foi veiculado na primeira e segunda páginas do impresso um artigo que discutiu escritos publicados a respeito dos dois “secsos”. Segundo as redatoras, algumas pessoas reivindicavam a igualdade, mas outras exigiam a supremacia de seu sexo. As redatoras argumentaram que era importante reivindicar os direitos, “pero sin traspasar los limites que la misma naturaleza parece habernos prescripto”.<sup>400</sup> Assim sendo, não havia a intenção de formar “batallones, ni escuadrones de mugeres”. A inserção num contexto de liberdade garantiria às mulheres seu exercício. Seria preciso que os homens agissem com justiça, reconhecendo que a liberdade não era privilégio deles. Nesse sentido, as redatoras definiram o lema do periódico: “Libertad, no licencia”, ou seja, “Libertad para nuestro secso, libertad únicamente limitada por la razon por la equidad.”<sup>401</sup>

A proposta colocada em pauta pela redação do periódico, que estreou num momento de reorganização nacional, veiculou um discurso ordeiro e contra a desregulação moral, mas garantidor da participação das mulheres no novo cenário que surgia. Era fundamental convencer o público leitor de que a liberdade feminina não geraria descontrole nem rompimento com os preceitos mais modernos da sociedade. Observei a importância dessa defesa para a redação, ao notar a escolha de veiculá-la nas primeiras páginas do número estreante do periódico. O lema escolhido, “Libertad, no licencia”, foi reforçado pelos demais textos impressos durante a vigência do *La Camelia*.

Exatos três meses antes, Joanna Manso havia elaborado argumentos similares aos veiculados no *La Camelia*. A redatora do *Jornal das Senhoras*, ao defender a emancipação das mulheres, publicou: “Ai! que temos revolução; dirão por ahi os que pugnando contra Deus e a natureza, querem conservar o mundo estacionário.”<sup>402</sup> Negando a assertiva da revolução, Joanna Manso acalmou o público: “Socegae. Não se trata de levantar o estandarte da rebelião. Rebelião inutil; o que nós vamos dizer, não são delirios de utopista, são verdades eternas, e que estão ao alcance de todas as intelligencias, mesmo mediocres.”<sup>403</sup> Na publicação do dia 25 de janeiro, Joanna Manso reforçou ideias convergentes com aquelas veiculadas no periódico portenho. Segundo a redatora, seu projeto de emancipação da mulher não defendia um “*mundo às avessas*” nem almejava “contrariar a natureza”. Joanna Manso não desejava

---

<sup>400</sup> LAS MUGERES. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 11 abr. 1852.

<sup>401</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>402</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Emancipação moral da mulher. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 12, 11 jan. 1852.

<sup>403</sup> *Ibidem*, loc. cit.

afastar a mulher da “missão marcada pelo Creador – a mãe e a esposa.”<sup>404</sup> Além disso, afirmou:

Não quero tão pouco que a mulher seja soldado.

- Nem empregado publico.

- Nem official de marinha.

- Nem ministro de Estado.

- Nem Doctor graduado em leis.

Com quanto deva ella conhecer as do seu proprio paiz, porque tem de educar seus filhos no espírito da lei.

Nem quero que se gradue em Medicina; com quanto deva ella conhecer a medicina domestica, porque a mãe de família faz a irmã de caridade junto de seu esposo, de seus filhos, de seus domesticos, quando estão doentes.<sup>405</sup>

No momento da publicação dos mencionados artigos de Joanna Manso, a vida política brasileira apresentava certa estabilidade, mas há pouco vivera uma fase “turbulenta” – entre os anos de 1831 e 1850 – em que a “unidade do país esteve seriamente ameaçada”, sendo considerada pelo historiador José Murilo de Carvalho como o período da “construção da ordem”.<sup>406</sup> Segundo o autor, o ano de 1850 foi “o grande marco divisório” da história política do século XIX devido à implementação de reformas.<sup>407</sup> Em 1848, o gabinete conservador assumiu o governo, conseguindo derrotar a rebelião Praieira e mantendo-se no poder até 1853 – com algumas mudanças. Após a supressão das revoltas, o governo sentiu-se confortável para resolver problemas emergenciais na área econômica, social e de política externa.<sup>408</sup> Um importante passo foi dado no dia 4 de setembro de 1850, com a aprovação da nova lei de proibição do tráfico de escravos. No mesmo ano, foram aprovadas a Lei de Terras e o primeiro Código Comercial brasileiro, dando início à “modernização capitalista” no país.<sup>409</sup> No âmbito da política externa, o Brasil definiu sua posição na política platina, rompendo relações com o governo de Juan Manuel de Rosas e aliando-se aos seus rivais Urquiza e Virasoro.<sup>410</sup> Houve reforma na Guarda Nacional, intensificando as relações da instituição com o governo. Com todas as medidas efetivadas, “tornou-se mais visível o peso da centralização em um país tão vasto.”<sup>411</sup>

---

<sup>404</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Declaração sobre as minhas ideias da Emancipação moral da mulher. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 27, 25 jan. 1852. [grifos no original]

<sup>405</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>406</sup> CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *A construção nacional (1830-1889)*. V. 2. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA; Madrid: Fundación Mapfre, 2012. p. 83.

<sup>407</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>408</sup> *Ibidem*, p. 98.

<sup>409</sup> *Ibidem*, p. 100-101.

<sup>410</sup> *Ibidem*, p. 101.

<sup>411</sup> *Ibidem*, p. 102.

Tendo em vista a experiência de décadas de rebeliões e conflitos na região platina, o governo brasileiro queria manter a conquistada estabilidade, afastando de seu cenário qualquer possibilidade de desordem econômica, política ou social. Portanto, era fundamental que as jornalistas, ao formularem seus projetos de emancipação, transmitissem um clima de pacificidade e ordem. Nesse sentido, a imprensa feminista brasileira e portenha veicularam discursos comunicantes, argumentando que os direitos das mulheres convergiam com a ordem vigente.

A redação do *La Camelia* pensou as pautas reivindicatórias em diálogo direto com a ordenação social argentina do ano de 1852. As redatoras escreveram o editorial do dia 20 de abril, com o objetivo de criticar as pessoas que desejavam uma sociedade anárquica após a Batalha de Caseros. Na perspectiva das redatoras, “el Gobierno vela sobre la seguridad individual y el órden.”<sup>412</sup> Elas lamentaram “la tiranía de veinte años” que a Argentina viveu, a qual deixou como patrimônio “los vicios, la licencia, la impiedad”. Porém, conforme as redatoras, após o fim do governo Rosas havia um grupo de pessoas violando “el pudor de las vírgenes, la delicadeza de las matronas, la casa de oracion, el Templo de Dios.” Tratava-se de uma “juventud desenfrenada, sin educacion, sin moral, sin religion.” Aquelas pessoas não poderiam ser consideradas “civilizadas”, pois desrespeitavam as mulheres, a religião e Deus. Sendo assim, as redatoras sugeriram que o chefe de polícia organizasse rondas noturnas nas ruas de Buenos Aires, pois havia homens proferindo “palabras obscenas” e injuriando a “delicadeza” feminina com “palabras grotescas”.<sup>413</sup>

Como observado nos artigos acima analisados, não houve tentativa de rompimento com os pressupostos da dita “natureza feminina”. Mas, o que seria compreendido por “natureza feminina” no século XIX? Refletindo sobre o contexto da França, Michelle Perrot concluiu que havia a compreensão de que as mulheres estavam ligadas à natureza, à sensibilidade, à delicadeza, à reprodução, à educação e à transmissão das tradições.<sup>414</sup> Segundo a historiadora, tal perspectiva fez com que homens e mulheres fossem identificados pelo sexo; portanto, elas foram:

condenadas ao seu [sexo], ancoradas em seus corpos de mulher chegando a ser por eles presas cativas [...] Esta naturalização das mulheres, presas a seus corpos, à sua função reprodutora materna e doméstica, e excluídas da cidadania política em nome desta mesma identidade, traz uma base biológica ao discurso paralelo e simultâneo da utilidade social.<sup>415</sup>

---

<sup>412</sup> *LA CAMELIA*, Buenos Aires, p. 1, 20 abr. 1852.

<sup>413</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>414</sup> PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 3ª ed. Trad. de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

<sup>415</sup> *Ibidem*, p. 460.

Constatei que a análise de Perrot coaduna com os discursos vigentes no oitocentos brasileiro e argentino. Este discurso da “natureza feminina” era reforçado pela tradição cristã judaica, que contribuiu para legitimar a concepção da inferioridade das mulheres. Conforme Ana Maria Colling, o relato bíblico da criação da humanidade foi incessantemente retomado para justificar a superioridade masculina. No mito do Éden era enfatizada a ideia do pecado original, em que Eva teria conduzido Adão à tentação. Logo, as mulheres das gerações vindouras deveriam pagar por este pecado. Por isso, no século XIX, quando alguns médicos desenvolveram pesquisas que avançaram em técnicas para a realização de partos sem dor, eles não foram bem vistos pela Igreja ortodoxa. Afinal, redimir as mulheres de sentirem dor era o mesmo que contrariar os “ditames de Deus e da natureza”.<sup>416</sup>

Conforme Colling, a condição de pecado e de inocência feminina era mais intensa no caso das mulheres casadas, pois os textos bíblicos determinavam a “desigualdade natural” entre os cônjuges, reforçando a concepção das incapacidades específicas das mulheres e necessária subordinação das mesmas ao marido.<sup>417</sup> Havia uma corrente misógina cristã que defendia a malignidade inata das mulheres. Dentre os membros deste grupo, alguns negaram, inclusive, a racionalidade feminina, classificando as mulheres como seres sem alma e indignos de aspirarem ao céu.<sup>418</sup> Na senda de tais interpretações bíblicas, Adão (o homem) foi associado ao intelecto e Eva (a mulher) aos desejos terrenos. Logo, “o sexo feminino foi considerado um símbolo de desordem por excelência”, que era “atribuída à sua própria fisiologia.”<sup>419</sup>

Os periódicos carioca e portenhos também se apropriaram do discurso da “natureza feminina”, mas fizeram interpretações próprias sobre a questão. Entre 05 de setembro e 24 de outubro de 1852, a colaboradora do *Jornal das Senhoras* que assinava como L. C. d’A. publicou uma série de artigos com o título “A mulher perante Deus e o mundo”. A colaboradora argumentou que a mulher “foi sempre mãe” e esse fato era “uma verdade que não desfigura”.<sup>420</sup> Para sustentar seus argumentos, L. C. d’A. retomou a história da criação dos seres a partir do discurso religioso de Adão e Eva, através do qual constatou que Eva era a responsável pela educação da alma de Adão, ela era o ser ponderado, que tinha a “missão de

---

<sup>416</sup> COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014. p. 64.

<sup>417</sup> *Ibidem*, p. 66-67.

<sup>418</sup> *Ibidem*, p. 74.

<sup>419</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>420</sup> D’A., L. C.. A mulher perante Deus e o mundo. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 76, 05 set. 1852.

progresso”. Enquanto Adão era prepotente, orgulhoso, despótico e obcecado pelo “instincto de mandar”, Eva “era a harmonia, a suave passagem ou o passamento de paz, que vivia na terra, como um anjo da missão da brandura.”<sup>421</sup> A colaboradora reforçou que “Eva era mãe”, sendo a responsável pelas “primeiras caricias que um filho recebêra de uma mãe”. As mulheres – descendentes de Eva –, em todos os tempos, se mantiveram firmes na “sagrada missão”, pois nasceram para esse fim.<sup>422</sup> Segundo a colaboradora, “a natureza depositou no coração da mulher um desejo vago e sagrado, [...] um desejo de transmittir parte de sua alma n’um corpinho, que vem ao mundo sorrindo-se ou chorando [...]”<sup>423</sup> Tratava-se do desejo de ser mãe.

Como se pode perceber, L. C. d’A. ressignificou o mito do Éden, propondo uma nova leitura sobre a relação entre os homens e as mulheres. Para a articulista, a mulher que era o ser de virtude, a responsável por equilibrar a vida em sociedade e educar a humanidade. Nesse sentido, enfatizo a importância do letramento feminino, afinal, as mulheres só tiveram oportunidade de elaborar e registrar suas próprias interpretações sobre o lugar que ocupavam na história e nas representações sociais a partir do momento em que tiveram acesso aos textos, não se limitando mais às pregações religiosas e aos discursos masculinos circulantes.

A maternidade e a caridade feminina foram vinculadas aos trabalhos de beneficência, os quais foram exaltados pelas redatoras e colaboradoras do *Jornal das Senhoras* e *La Camelia*. O destaque às obras de caridade pelas redatoras do *La Camelia* pode ser exemplificado pela publicação, na primeira página do periódico, do discurso da Sra. Crecencia Boado de Garrigós, presidenta da Sociedad de Beneficencia. As redatoras confiavam que “sus sentimientos maternales, hoy serán mucho mas activos, desde que cuenta con la proteccion del Gobierno Provisorio, para el cultivo de los tiernos é inocentes corazones de esa infeliz juventud; en los que sabrá, grabar las instituciones santas, de moral y religion.”<sup>424</sup>

Tal como *La Camelia*, a redação do *Jornal das Senhoras* – sob as três direções – refletiram e deram notícias sobre os trabalhos caridosos.<sup>425</sup> Violante Atabalipa reproduziu informações sobre a chegada de 30 (trinta) irmãs de caridade francesas da Ordem São Vicente

---

<sup>421</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>422</sup> *Ibidem, p. 77.*

<sup>423</sup> D’A., L. C.. A mulher perante Deus e o mundo. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 83, 12 set. 1852.

<sup>424</sup> *LA CAMELIA*, Buenos Aires, p. 1, 22 abr. 1852.

<sup>425</sup> Exemplos de outros artigos podem ser encontrados em: A REDACTORA em chefe. O benefício aos madeirenses. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 256, 7 ago. 1853; AS IRMÃS de caridade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 272, 21 ago. 1853; CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 289-290, 11 set. 1853.

de Paula<sup>426</sup> que atuavam na Santa Casa de Misericórdia junto aos enfermos. Contando com o apoio das brasileiras, a redatora escreveu: “Estamos pois que todas as nossas queridas leitoras unirão suas vozes às nossas para agradecermos em nome da humanidade um tão relevante serviço prestado ao paiz [...]”<sup>427</sup>

A historiadora June E. Hahner ressaltou que a Igreja Católica limitava a atuação das mulheres da elite ao âmbito privado. Embora, ao incentivar os trabalhos de filantropia tenha permitido que as mulheres desempenhassem papéis ativos na sociedade.<sup>428</sup> Conforme afirmou Hahner, era esperado que o mundo feminino fosse o doméstico. Mesmo as mulheres dos grupos privilegiados não poderiam se inserir no universo “masculino” da política. Assim, algumas mulheres acabaram por exercer a política “por debaixo dos panos”.<sup>429</sup> Portanto, observei que as jornalistas aproveitaram desta oportunidade aceita socialmente para estimular mais uma forma de atuação feminina no século XIX.

Outro universo atribuído ao gênero feminino – nas páginas do *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas* – foi a moda. A propósito, o campo foi debatido nos três impressos, com grande destaque para o jornal brasileiro, que dizia ter uma “fiel interprete das modas”, que escrevia artigos “acompanhados sempre da verdade e da exactidão”.<sup>430</sup>

A colaboradora da seção “Modas” – quase sempre veiculada nas primeiras páginas do *Jornal das Senhoras* – aceitou o desafiante convite feito por Joanna Manso com a condição de manter o anonimato. Antes de iniciar suas análises do mundo elegante, denunciou a precária educação oferecida às mulheres: “Esta educação! esta educação! Pobre sexo feminino que tão mal tem sido compreendido!”.<sup>431</sup> Tais defasagens educativas geraram insegurança nas produções intelectuais das mulheres, como expressou a colaboradora: “[...] este meu medo, este meu suor copioso e este turbilhão de coisas, que quero dizer e não posso, o que mais é se não o effeito da incompleta educação que recebemos [...]”<sup>432</sup> Durante as reflexões sobre figurinos, a colaboradora também inseriu críticas à educação vigente:

[...] o meu mestre de primeiras letras (José Lourenço por signal se chamava elle; já morreu!) não me ensinou regras e preceitos para escrever; contentou-se em fazer-me escrever os bens conhecidos *pãozinhos*, o feliz *bastardo*, e o

---

<sup>426</sup> Segundo June E. Hahner, as famílias mais abastadas enviavam suas filhas para os internatos de freiras dirigidos pelas Filhas da Caridade de São Vicente de Paula. Ver: HAHNER, June E., 2012, p. 58.

<sup>427</sup> DA REDACÇÃO. As irmãs de caridade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 152, 07 nov. 1852.

<sup>428</sup> HAHNER, June E., 2012, p. 48.

<sup>429</sup> *Ibidem*, p. 47-48.

<sup>430</sup> O *JORNAL das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 25, 25 jan. 1852.

<sup>431</sup> O VOSSO convite. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 2, 01 jan. 1852.

<sup>432</sup> *Ibidem*, loc. cit.

antigo *bastardinho*<sup>433</sup> e foi-se, como se ão n'outro tempo e vão-se no presente, os actuaes *Joses Lourenços* que ensinão primeiras letras a meninas.<sup>434</sup>

Um mês após sua estreia na seção “Modas”, a colaboradora fez esclarecimentos às leitoras sobre os figurinos do *Jornal das Senhoras*, que eram todos produzidos em Paris. Porém, não se tratava de antigos modelos já utilizados pelas parisienses nem de figurinos lançados concomitantemente na capital da moda, devido à variação de estação entre o Brasil e a França. Os moldes elaborados para o jornal brasileiro acompanhavam a tendência da moda, mas alterações eram feitas para a adaptação ao clima, conforme esclareceu a “interprete das modas”: “Se o figurino ainda é dos que hão de apparecer, tenho n'isso um gostinho particular; e se é feito só para nós, pulo de contente, porque só assim teremos modas adaptadas ao nosso clima, uma vez que nos mandem as fazendas e os mais necessarios precisos.”<sup>435</sup> A colaboradora apresentava frequentemente a preocupação em garantir que, além de bonitas e elegantes, as mulheres se sentissem confortáveis com os figurinos. Sendo assim, era comum em suas análises constatações como: “o menos encommodo e o mais apropriado á estação”; “a moda não impõe execução forçada”.<sup>436</sup>

Em outro artigo, a colaboradora do *Jornal das Senhoras* ressaltou a importância de um espartilho bem feito para evitar “soffrimentos”: “o arrocho do seu espartilho, o qual, se não for ajustado ao corpo guardando-lhes as fórmãs naturaes, certo que deixará ficar comprimidas em todos os seus movimentos.”<sup>437</sup> Por isso, sugeriu que as adaptações no mundo da moda eram importantes: “sempre ando á moda sem molestar-me e sem dar-me ao trabalho de a copiar polegada por polegada.”<sup>438</sup>

Naquele contexto, era inquestionável que a Europa, mais especificamente Paris, fosse a referência de elegância. Assim sendo, no Brasil e na Argentina, as mulheres que escreveram na imprensa debateram sobre a utilização de roupas europeias nos países da América do Sul e a viabilidade – ou não – de adaptações. Além disso, a moralidade e o pudor foram colocados em pauta ao discutirem a moda.

---

<sup>433</sup> Trata-se de antigos formatos caligráficos. Segundo o verbete do Dicionário Aurélio, bastardo é “letra de talhe meio inclinado, com ligaturas [...]” e bastardinho é “espécie de bastardo de módulo menor e traçado mais corrente.” Ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

<sup>434</sup> AHI VOU eu. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 4, 01 jan. 1852. [grifos no original]

<sup>435</sup> *O JORNAL das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 34, 01 fev. 1852.

<sup>436</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>437</sup> *O JORNAL das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 50, 15 fev. 1852.

<sup>438</sup> *Ibidem*, loc. cit.



Tal como o *Jornal das Senhoras, La Camelia* também lançou uma seção “Modas” já em seu primeiro número. As redatoras declararam que a seção não trataria de “puerilidades”, afinal, as mulheres – “amantes de las modas” – eram bastante “sensatas” e veiculariam artigos de “tendencia moral”.<sup>439</sup> Na perspectiva da redação, a “Señora Da. *Moral*, es hermana y muy querida de la *Libertad*, y antipática con la señorita *Licencia*.”<sup>440</sup> Importante observar o reforço das virtudes esperadas de uma mulher para justificar o teor da seção “Modas” e a escolha em se remeter à *Moral* como senhora e à *Licencia* como senhorita, revelando a preconcebida maturidade das mulheres morais. Apesar da defendida moralidade, a redação esclareceu que a seção não pregaria uma “moral tan austera” que afastaria a juventude, pelo contrário, “nuestra moral es muy jovial, amiga de la nueva generacion, aficionada á diversiones honestas.”<sup>441</sup> Além disso, as redatoras clamaram às mulheres e aos homens para não fazerem da moda algo ridículo, tratando de “adoptar lo que mas les siente, tanto en el vestuario como en el peinado.”<sup>442</sup> Por fim, alertaram: “Hay modas que son indecentes, y denotan en quien las sigue falta de pudor – Este es uno de los puntos con que nuestra moral no trajise.”<sup>443</sup>

Após as redatoras do periódico *La Camelia* lançarem a seção “Modas”, algumas leitoras enviaram reflexões sobre o tema no intuito de colaborar com as discussões propostas. Assinando como “Unas suscriptoras”, as mulheres criticaram a moda do excesso de anáguas adotada em Buenos Aires. As colaboradoras apresentaram os inconvenientes gerados pelo emprego de tal moda, dentre eles, a dificuldade de circular nas estreitas ruas da cidade e de sentar nos sofás devido ao espaço ocupado pela roupa; e o rigor do verão que se mostrava incompatível com os figurinos de anáguas, configurando uma “moda perjudicial!” que “debía modificar por mil razones!”<sup>444</sup> A correspondência enviada pelas colaboradoras findou com alguns desejos: “esperamos de las bellas argentinas, mas prudencia, mas economia, y menos emision de enaguas.”<sup>445</sup>

As críticas das colaboradoras foram muito interessantes e ousadas para um contexto em que a beleza era tão exaltada e constituía um atributo da própria feminilidade. A estética era fundamental para as futuras esposas, que tinham o dever de agradar a seus maridos também no aspecto visual. A crítica ao desconforto proporcionado pelas vestimentas e à adoção rigorosa dos modelos parisienses refletiu desejos de mentes emancipadas, que

---

<sup>439</sup> *LA CAMELIA*, Buenos Aires, p. 3, 11 abr. 1852.

<sup>440</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>441</sup> *LA CAMELIA*, Buenos Aires, p. 3, 11 abr. 1852.

<sup>442</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>443</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>444</sup> UNAS SUSCRIPTORAS. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 22 abr. 1852.

<sup>445</sup> *Ibidem*, loc. cit.

prezavam pela saúde e liberdade das mulheres. Conforme mencionei anteriormente, a sociedade oitocentista não estava interessada em proporcionar conforto às mulheres. O corpo feminino devia suportar todas as dores necessárias à sua função de esposa e mãe. A concepção predominante no século XIX era a de que o corpo feminino “tomado por uma enorme plasticidade” podia “ser perturbado por todo tipo de paixões.”<sup>446</sup> Por isso, a construção de discursos que subvertiam costumes e preceitos vigentes causava incômodos e reações.

Em resposta à publicação das “suscriptoras”, Ernestina e Luisa escreveram uma correspondência para o periódico *La Camelia*, apresentando suas concepções e revelando intenso afeto pelas redatoras. O tom do texto de Ernestina e Luisa era de ataque e ironia. As colaboradoras associavam a moda à juventude no intuito de argumentar que somente as pessoas velhas teriam qualquer crítica às tendências elegantes. Para exemplificar, afirmaram: “A los quince años – la primavera de nuestra vida – todo es bello – no respiramos sino encantos, no soñamos sino placeres [...]”, em contrapartida “a los 40 años, – el otoño de nuestras esperanzas – todas esas flores con que se engalano nuestra existencia empiezan á perder su brillo [...]”<sup>447</sup> Sendo assim, Ernestina e Luisa defenderam que as “suscriptoras” criticavam a moda por serem velhas – momento da vida marcado por “ilusiones perdidas” –, não podendo “juzgar con propiedad” as “exigencias de moda regenerada”.<sup>448</sup> Em alguns momentos, Ernestina e Luisa se dirigiram diretamente às “suscriptoras”, como no trecho seguinte: “A esa edad la moda! es tan ridícula y extravagante como una guirnalda entrelazada entre los pocos cabellos canos de una cabeza octogenaria. Pero à los 15, Señoras *Suscriptoras*, es otra cosa [...]”<sup>449</sup>

A partir desta publicação ficou explícito o debate sobre modas travado nas páginas do *La Camelia*, apresentando dois posicionamentos distintos, um crítico à moda em vigência e outro favorável à moda adotada pelas argentinas. As redatoras do periódico revelaram uma posição na discussão ao tecer elogios à publicação de Ernestina e Luisa: “Nos felicitamos por las bellas inspiraciones que han dictado el artículo de las Señoritas Ernestina y Luisa, [...] – Llamamos la atencion de las amables suscriptoras, sobre las ideas que encierran estos artículos de MODA; porque comprendemos que abarcan un interés general respecto del buen gusto.”<sup>450</sup>

---

<sup>446</sup> COLLING, Ana Maria, 2014, p. 94.

<sup>447</sup> [HERNESTINA Y LUISA]. Ernestina y Luisa. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 25 abr. 1852.

<sup>448</sup> *Ibidem*, p. 4.

<sup>449</sup> *Ibidem*, p. 3. [grifo no original]

<sup>450</sup> *LA CAMELIA*, Buenos Aires, p. 2, 25 abr. 1852.

A leitora Nisefora também se inseriu no debate, expressando suas observações sobre a moda. Ela argumentou que os trajes longos copiados da Europa não eram adequados para serem usados na Argentina, pois além de tampar as graciosas formas femininas e impedir a circulação de ar, também gerava o inconveniente de “varrer” as ruas e esgotos da cidade, impregnando odor nas vestes femininas. Na perspectiva de Nisefora, a moda adotada era “ridícula”, por isso argumentou: “toda moda que no favorezca á nuestro secso, la debemos condenar al olvido; no debemos convenir con lo perjudicial, sino con lo benéfico, pues asi lo impone la buena razon; [...]”<sup>451</sup>

Após o texto de Nisefora, a redação do *La Camelia* publicou mais uma parte da correspondência de Hernestina e Luisa, na qual escreveram que a moda ter-se-ia modernizado, tornando o argumento das “suscriptoras” “completamente falso”, pois a anágua “ni está en uso, ni puede estarlo”.<sup>452</sup> Conforme Hernestina e Luisa, nos anos 1850, havia “libertad de vestir bien”, ficando no passado a escravidão aos trajes exagerados e incômodos. Assim, argumentaram: “Hoy Señoras *suscriptoras* no existen ese despotismo del buen gusto – Lo que se llamaba *moda* ha desaparecido – viniendo á sustituirla la verdadera libertad en los trajes; la verdadera regularidad artística aplicada individualmente à las comodidades personales – Esta es la verdadera *moda* [...]”<sup>453</sup>

As “suscriptoras” e Nisefora não escreveram trélicas dos artigos de modas, porém, a leitora Ariana corroborou o posicionamento das mesmas ao narrar um acontecimento constrangedor ocorrido com uma moça que usava armações e compareceu num baile semelhante a um globo. Para Ariana, este tipo de vestimenta era “desfavorable” e “ridícula”, sendo necessário acabar com toda moda que “contribuya à desfigurar ‘la natural figura de muger’ [...]”<sup>454</sup> Entretanto, as redatoras do *La Camelia* apresentaram perspectiva mais próximas de Hernestina e Luisa. Assim sendo, na seção “Modas” da edição de 02 de maio, foram descritos trajes usados nas comemorações do Primeiro de Maio, em Paris. A proposta das redatoras era manter as leitoras atualizadas com o mundo elegante e inspirá-las na confecção de figurinos para os bailes de inverno. Possivelmente, os debates anteriormente travados entre as leitoras tenham inspirado a redação a comentar as vestimentas parisienses “mas adaptables con nuestras costumbres.”<sup>455</sup>

---

<sup>451</sup> NISEFORA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 27 abr. 1852.

<sup>452</sup> [HERNESTINA Y LUIZA]. Correspondencia de Hernestina y Luisa. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 27 abr. 1852.

<sup>453</sup> *Ibidem*, loc. cit. [grifos no original]

<sup>454</sup> ARIANA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2-3, 02 may. 1852.

<sup>455</sup> LA CAMELIA, Buenos Aires, p. 2, 02 may. 1852.

Logo, a redação de *La Camelia* apresentava-se mais favorável à manutenção da ordem vigente do que algumas das leitoras que enviaram colaborações. Entretanto, é preciso reconhecer a importância da criação do veículo de comunicação que estimulava o debate e concedia espaço a perspectivas distintas sobre a vida das mulheres oitocentistas das classes altas.

Por sua vez, a colunista de moda do *Album de Señoritas* apresentou um discurso mais enfático na crítica à adoção da moda europeia nos países da América do Sul. Anarda chamou atenção para a diferença de estações entre os hemisférios, o que gerava um “obstáculo insuperable”, fazendo com que as argentinas vestissem em dezembro os figurinos usados no mês de agosto em Paris. Segundo a colunista, tal prática era uma “aberracion”, por isso preferia “la libertad, la invencion, esto de imitar un figurin, parece una cosa, [...]”<sup>456</sup>

Nesse sentido, argumentou: “En nuestra América meridional, tan lejos de Europa, tan opuestas las costumbres, los usos, y hasta las estaciones, no deberíamos sujetarnos al rigorismo de la moda francesa que nos invade hoy.”<sup>457</sup>

Observei que os três periódicos – *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas* – defenderam a liberdade das mulheres. Para tanto, os órgãos da imprensa partiram de elementos atribuídos à “natureza feminina”, como a moral, a virtude, a maternidade, o cuidado, a benevolência e a moda. Portanto, as mulheres de letras utilizaram suas armas – o papel e a tinta – para reivindicar direitos, mas sem romper com os preceitos sociais e morais vigentes.

Relacionado a esta questão, o historiador francês Roger Chartier fez uma importante reflexão, partindo dos avanços do “processo de civilização” – tal como caracterizado por Norbert Elias.<sup>458</sup> Ele afirmou que, no período moderno, houve uma redução no uso da violência física e um avanço das lutas simbólicas.<sup>459</sup> Para o autor, no mencionado contexto, a construção da identidade feminina se pautou na interiorização pelas mulheres de regras impostas pelos discursos masculinos.<sup>460</sup> Porém, tal incorporação não culminava, necessariamente, em submissão. No intuito de compreender as possíveis manipulações dos

---

<sup>456</sup> ANARDA. Sem título. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 5, 01 jan. 1854.

<sup>457</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>458</sup> ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

<sup>459</sup> CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, (4), p. 40, 1995.

<sup>460</sup> *Ibidem*, p. loc. cit.

discursos vigentes, o historiador utilizou a concepção de “efeito de beleza”.<sup>461</sup> As mulheres – ao se conformarem com os cânones desejados pelos homens – não estavam, necessariamente, se curvando a uma “submissão alienante”, elas também estavam arquitetando uma ferramenta de deslocamento ou de subversão à relação dominante. Assim sendo, “o ‘efeito de beleza’ deve ser entendido como uma tática que mobiliza – aceita mas que se volta contra a ordem que a produziu.”<sup>462</sup> As fissuras que abalam as relações de poder “nascem com frequência no interior do próprio consentimento, quando a incorporação da linguagem da dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência.”<sup>463</sup>

A meu ver, as jornalistas estudadas nesta tese utilizaram o “efeito de beleza” ao reforçarem aspectos da dita “natureza feminina” para elaborar seus projetos de emancipação. Ao estudar as peregrinações de Nísia Floresta, a historiadora Stella Franco constatou algo semelhante nos projetos da brasileira. Conforme a autora,

Nísia Floresta acomodou o discurso do “poderoso sexo frágil” à sua linha de pensamento sobre as mulheres, projetando, sem transgredir a suposta essência da natureza feminina, uma utopia do poder feminino, exercido, inicialmente, no seio da família, mas que extrapolaria este domínio, uma vez que repercutiria como um bem para a humanidade.<sup>464</sup>

Como apresentei neste tópico, as mulheres de letras reivindicaram direitos numa concepção de equidade, ou seja, sem romper com funções consideradas básicas como a maternidade e o matrimônio. Na visão das redatoras e colaboradoras, a tão sonhada justiça social fazia parte da ordenação natural da sociedade, não provocando desordens e imoralidade. As mulheres enfatizaram a estima pela legalidade, o repúdio à anarquia, a benevolência e o pudor “naturais” das pessoas do gênero feminino.

Afinal, a defesa da “libertad, no licencia” reproduzia ou subvertia o discurso vigente? Constatei que as construções discursivas das *periodistas* tinham a habilidade de reproduzir e subverter, ou melhor, algumas mulheres de letras reproduziram para subverter!<sup>465</sup> Eis o “efeito de beleza” das jornalistas oitocentistas atuantes em Buenos Aires e no Rio de Janeiro.

---

<sup>461</sup> A referida expressão foi empregada por Véronique Nahoum-Grappe. Ver: NAHOUM-GRAPPE, Véronique. *La belle femme* Apud CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, p. 41.

<sup>462</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>463</sup> CHARTIER, Roger. *Op. cit.*, p. 42.

<sup>464</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de Outrora: Viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 150

<sup>465</sup> Um dado relevante está vinculado à trajetória pessoal de Joanna Manso. A historiografia registrou que a argentina naturalizou-se brasileira e se inscreveu na Faculdade de Medicina, no ano de 1852, porém sua matrícula foi recusada pelo fato de ser mulher. Neste mesmo momento – como transcrevi no início do tópico – a redatora em chefe declarou que “Nem quero que [a mulher] se gradue em Medicina”. Como compreender este aparente paradoxo se não pelo “efeito de beleza”?

### 3.3 “Emancipação moral ou intellectual da mulher”: direitos, educação e família em pauta

Nos anos 1840, o médico baiano Dr. Lino Coutinho escreveu cartas no intuito de dar conselhos à preceptora de sua filha Cora. Os escritos de Coutinho foram publicados, em 1849, com o título *Cartas sobre a educação de Cora*. No mencionado ano, o autor já havia falecido e a iniciativa de publicizar as reflexões foi empreendida pelo amigo João Gualberto de Passos. No prefácio da obra, o editor esclareceu:

Não querendo fazer de sua filha nenhuma Dacier<sup>466</sup> nem Staël, porque ninguém, melhor do que elle, sabia que o destino da mulher na sociedade não é figurar como litterata ou como sabia, soube todavia, com bem regulada parcimonia, ministrar-lhe os conhecimentos necessarios para bem desempenhar o sublime encargo que lhe herdára a natureza; sendo outro-sim admiravel a sabedoria com que, explanando as suas doutrinas e reflexões, harmonisára o sentimento com a razão, conciliara o espirito com o coração, para que, prestando as forças de um amparo ás fraquezas do outro, nem tornasse sua filha uma senhora *romanesca*, nem tão pouco a despisse da melhor flôr, da mais bella prenda do coração da mulher, – a sensibilidade em seus justos limites.<sup>467</sup>

O pensamento do editor Passos dialogava com as concepções vigentes em meados do século XIX, segundo as quais as mulheres deviam se dedicar aos estudos, mas não ultrapassar os limites de sua “natureza”. Sendo assim, seria inviável oferecer instruções que conduzissem as mulheres à escrita literária e à independência intelectual. Dr. Lino Coutinho registrou em suas cartas que almejava que sua filha tivesse “um espirito razoavelmente ilustrado” para atingir o estado de mulher casada e mãe de família, tal como “destinou a natureza”.<sup>468</sup> Na concepção de Coutinho “[...] é só n’esta qualidade de esposa e de Mãe que algum dia podereis ser feliz, ou desgraçada.”<sup>469</sup> O pai de Cora também direcionou conselhos à própria filha, assim, justificou o motivo da escrita das cartas: “[...] eu que até hoje vos tenho dirigido, e que vos amo mais que a própria vida, continuarei na minha tarefa esclarecendo-vos com meus conselhos sobre a escolha de um bom marido, e sobre os sagrados deveres de esposa e de Mãe.”<sup>470</sup> Sendo assim, instruiu: “prestai, portanto, toda atenção aos conselhos de um Pae, e

---

<sup>466</sup> Provavelmente, o autor se refere à escritora francesa Anne Dacier (1647-1720). Sobre a importância da autora e suas traduções sobre obras clássicas gregas e latinas, ver: PIUCCO, Nanceli. Anne Dacier, a tradutora francesa dos clássicos gregos e latinos. *Via Litterae*: Revista de Linguística e Teoria Literária, Anápolis, v. 3, n. 1, p. 111-124, jan./jun. 2011.

<sup>467</sup> COUTINHO, Lino. *Cartas sobre a educação de Cora*. Bahia: Typographia de Carlos Pongetti: 1849, p. XIV. Disponível em: <http://lhs.unb.br/bertha/?p=409>. Acessado em 31 de outubro de 2018.

<sup>468</sup> *Ibidem*, p. 101-102.

<sup>469</sup> *Ibidem*, p. 102.

<sup>470</sup> *Ibidem*, loc. cit.

vêde que seus dictames, sendo deduzidos do conhecimento da natureza humana e dos fins da sociedade, não podem deixar de muito vos aproveitar, e ser uteis no estado que tendes a tomar.”<sup>471</sup>

Os conselhos do médico baiano são representativos de uma perspectiva iluminista, a qual compreendia que a “instrução conduziria não apenas a um acréscimo de conhecimento no sujeito, mas também a um aprimoramento do indivíduo que se instrui.”<sup>472</sup> As reformas pombalinas ocorridas em Portugal – que implementaram mudanças também no âmbito educacional – atingiram a então colônia na América. Os textos de Lino Coutinho apresentam concepções similares às dos dois principais ideólogos das reformas de Pombal: António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1782) e Luís António Verney (1713-1792). O próprio título da coletânea dos escritos do médico baiano possivelmente foi inspirado na obra *Cartas sobre a educação da mocidade*, de autoria de Ribeiro Sanches, que, segundo Carlota Boto, “constitui um importante opúsculo [...] em matéria educativa”.<sup>473</sup> O autor português recomendava a criação de um colégio específico para a formação das meninas fidalgas, considerando as mães as primeiras educadoras, elas deveriam se instruir para o exercício de sua missão.<sup>474</sup>

No mesmo sentido, Verney inseriu um apêndice à sua obra *O verdadeiro método de estudar*, o qual foi intitulado “Estudo das mulheres”. Verney foi considerado um defensor da educação feminina devido à escrita do mencionado texto, no qual afirmou: “Parecerá paradoxo, a esses cidadãos Portugueses, ouvir dizer, que as Mulheres devem estudar; contudo se examinarem o caso, conhecerão, que não é nenhuma loucura, ou coisa nova; mas bem usual, e racional.”<sup>475</sup> Porém, a defendida educação possuía um objetivo específico, como revelado pelo documento: “Quanto à necessidade, eu acho-a grande, que as mulheres estudem. Elas, principalmente, as mães de família, são as nossas mestras, nos primeiros anos de vida [...] Além disso, elas governam a casa [...]”<sup>476</sup>

Portanto, a obra *Cartas sobre a educação de Cora* trata-se de um registro representativo da perspectiva educacional para as mulheres ainda vigentes em meados do século XIX. Foi neste contexto, mais especificamente no ano de 1842, que Juana Manso

---

<sup>471</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>472</sup> BOTO, Carlota. A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 282, 2010.

<sup>473</sup> *Ibidem*, p. 286.

<sup>474</sup> *Ibidem*, p. 289.

<sup>475</sup> VERNEY, Luis Antonio. Estudo das mulheres. In: \_\_\_\_\_. *Verdadeiro metodo de estudar: para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necesidade de Portugal./ Exposto em varias cartas, escritas polo[sic] R. P. \* \* \* Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. \* \* \* Doutor na Universidade de Coimbra ; Tomo segundo - Valensa [Nápoles]: na oficina de Antonio Balle [Genaro e Vicenzo Muzio], 1747. p. 291. Disponível em: <http://purl.pt/118/4/>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.*

<sup>476</sup> *Ibidem*, loc. cit.

imigrou para o Brasil, devido ao estado de sítio de Montevidéu chefiado pelas forças de Manuel Oribe. Em 1843, a argentina retornou para o Uruguai onde foi nomeada diretora de uma escola para meninas e escreveu um manual sobre educação feminina. No ano seguinte, regressou ao Rio de Janeiro.<sup>477</sup> Em 1852, quando foi lançado o *Jornal das Senhoras*, a redatora em chefe veiculou sua proposta de emancipação moral da mulher. Uma das pautas centrais de Joanna Manso era a educação das mulheres, área em que ela tinha vasto conhecimento devido à experiência adquirida na Argentina, Uruguai e Brasil.

Entre 1824 e 1832, Juana Manso aprendeu a ler e escrever em sua casa, em Buenos Aires. Ela concorreu a uma vaga para se inserir na escola Montserrat, fundada por Bernardino Rivadavia, e se destacou pela inteligência e aversão aos métodos de ensino aplicados.<sup>478</sup> Apesar da leitura impecável, foi recusada por não ter memorizado o alfabeto. Juana Manso foi autodidata com grande vocação para a literatura e a pedagogia. Ela aprendeu outros idiomas com perfeição, tendo traduzido “El egoísmo y la amistad o los defectos del orgullo”, assinando como “Una joven argentina”.<sup>479</sup> Em 1839, emigrou para Montevidéu e dois anos depois iniciou suas atividades pedagógicas ao fundar o *Ateneo de Señoritas*, instituição dedicada à educação de meninas. Sua mãe, Teodora Cuenca, foi nomeada diretora da escola devido à jovialidade de Juana Manso, que tinha apenas 22 anos de idade. No ateneu, as jovens e senhoras aprendiam “leitura, aritmética, gramática, lições de moral, francês, piano, canto, trabalhos manuais e desenho.”<sup>480</sup> Quando se exilou no Brasil, em 1842, ministrou aulas de francês e castelhano. Entre 1848 e 1849, lecionou aulas particulares às famílias da aristocracia brasileira.<sup>481</sup>

A professora autodidata publicou, no dia 11 de janeiro de 1852 – no segundo número do *Jornal das Senhoras* –, o artigo intitulado “Emancipação moral da Mulher”, que já havia sido publicado no 5º número da *Imprensa do Rio Grande do Sul*.<sup>482</sup> Joanna Manso tinha o objetivo de propagar suas ideias para o maior número de pessoas possível, buscando apoio da sociedade brasileira para colocar em prática a emancipação da mulher. Mas o que seria a emancipação moral da mulher? Nas palavras da argentina exilada no Brasil:

---

<sup>477</sup> DE GIORGIO, María Julia, 2015, p. 51-52.

<sup>478</sup> Segundo Marcela Ternavasio, as reformas rivadavianas aplicaram o método lancasteriano na educação. Ver: TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación* (1806-1852). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998. p. 179.

<sup>479</sup> DE GIORGIO, María Julia, 2015, p. 49-50.

<sup>480</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>481</sup> *Ibidem*, p. 51-52.

<sup>482</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Emancipação moral da Mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 12, 11 jan. 1852.



É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o *brutal egoísmo* do homem lhe rouba, e dos quaes à desherda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceo que um anjo lhe será mais util que uma boneca.<sup>483</sup>

A partir da síntese das propostas de Joanna Manso e do aprofundamento de tais questões ao longo de suas publicações, elenquei as reivindicações principais da professora: 1) consolidar os direitos das mulheres, que eram “naturais”, existentes desde a criação dos seres humanos, mas que os homens não reconheciam; 2) aprimorar a ilustração das mulheres para que elas pudessem exercer com maestria sua “missão” na sociedade: ser mãe e esposa – a primeira educadora dos homens e mulheres; 3) reconhecer o efetivo valor das mulheres enquanto seres pensantes, tão capazes intelectualmente como os homens, e superiores na sensibilidade e virtude, sendo anjos e não bonecas.

As pautas mencionadas por Joanna Manso culminaram em argumentos para questões mais específicas das mulheres oitocentistas. No entanto, a redatora direcionou seu texto também aos homens, pois para a efetivação da emancipação seria preciso que eles compreendessem tal necessidade: “Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não é a ellas<sup>484</sup> a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral.”<sup>485</sup>

Na perspectiva de Joanna Manso, as mães – enquanto educadoras – teriam papel fundamental na alteração da maneira dos homens tratarem as mulheres: “Todas as mães devem mui seriamente desarraigar esse preconceito funesto do espirito de seus filhos; essa idéa de uma superioridade injusta deve desaparecer no homem, desde menino, [...]”<sup>486</sup> Portanto, a missão da mulher enquanto educadora da família era central para a efetivação da emancipação moral da mulher, educação esta que seria baseada no amor.

Tendo como mote o amor entre os sexos, Joanna Manso questionou: “É por ventura essa união inteiramente moral poderá nunca realizar-se entre o senhor e sua escrava?”<sup>487</sup> Em

---

<sup>483</sup> *Ibidem, loc. cit.* [grifos no original]

<sup>484</sup> Abro um parêntese para defender a importância desta proposta de Joanna Manso ainda nos dias atuais, enfatizando essa pauta como um desafio permanente dos movimentos feministas contemporâneos. Nesse sentido, a intelectual negra e teórica feminista bell hooks escreveu, nos anos 2000: “Feministas visionárias sempre compreenderam a necessidade de converter os homens. Sabemos que todas as mulheres do mundo poderiam se tornar feministas, mas, se os homens permanecerem sexistas, nossa vida ainda será desvalorizada.” hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. p. 164.

<sup>485</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>486</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Emancipação moral da Mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 13, 11 jan. 1852.

<sup>487</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Emancipação moral da Mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 13, 11 jan. 1852.

seguida, a redatora respondeu: “Não. Porque ante a superioridade de um dos sexos – o amor – se define, desaparece, e troca o seu fagueiro riso em lagrima silenciosa.” A partir desse raciocínio, Joanna Manso criticou a forma como as mulheres eram tratadas no matrimônio. Para ela, o casamento era “o fim da sua existência”, ou seja, a mulher sonhava com aquela união, mas se decepcionava devido à “tyrannia insupportavel” ou ao “abandono mais completo” do homem.<sup>488</sup>

Conforme a redatora chefe, grande parte dos homens casava apenas para mudar seu *status* social ou para angariar fortuna. Ao construir uma relação de interesse, geralmente, o homem dizia: “*Minha mulher* – com a mesma entonação de voz com que diz – *meu cavallo, minhas botas, etc., etc., etc.*”<sup>489</sup> Com essa atitude, o homem compreendia que tanto a mulher, quanto o cavalo e as botas eram “trastes de seu uso”. As mulheres eram relegadas ao “ignorantismo mais profundo”.<sup>490</sup>

Como expresso, Joanna Manso questionava a concepção de mulher-coisa/mulher-objeto, criticando os homens que subordinavam suas esposas a tal condição. A redatora estava atenta às distinções de classe, percebendo como a opressão entre as mulheres não era homogênea. Nas palavras de Joanna Manso: “Nas classes pobres da sociedade é onde mais funesto resultado se colhe do embrutecimento da mulher. Todas as carreiras industriaes estão lhes vedadas.”<sup>491</sup> Esta percepção da redatora do *Jornal das Senhoras* é importante pois demonstra o sentimento de empatia para com mulheres pertencentes a um meio social distinto do seu, tornando sua visão sobre a emancipação moral da mulher mais abrangente do que as leitoras do jornal, de forma geral. Joanna Manso lamentava o fato das mulheres pobres precisarem trabalhar em condições precárias para conseguir seu sustento: “[...] só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que ha de metigar-lhe a fome!!”<sup>492</sup> Defesas como esta revelam a amplitude da luta pela emancipação das mulheres no oitocentos, que era permeada por vários fios que constituíam as mazelas sociais, engendradas por aspectos como gênero e classe.

A redatora mostrou ser uma pessoa bem informada sobre a condição das mulheres em outras regiões do mundo, alegando que tais absurdos aconteciam na América do Sul, mas que nos Estados Unidos e Europa, “a mulher exerce quasi todas as profissões [...]”<sup>493</sup> Como

---

<sup>488</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Emancipação moral da Mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 13, 11 jan. 1852.

<sup>489</sup> *Ibidem*, *loc. cit.* [grifos no original]

<sup>490</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>491</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>492</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>493</sup> *Ibidem*, p. 14.

Joanna Manso não almejava causar desarranjos sociais, esclareceu que “toda a família necessita de um chefe, e que o chefe natural da família, é o homem.”<sup>494</sup> Sendo assim, o fato das mulheres serem reconhecidas e ocuparem espaços no mercado de trabalho não era incompatível com os “deveres naturaes que prendem as mulher ao lar domestico”.<sup>495</sup> Portanto, a boa instrução da mulher significaria um ganho para toda a família, “porque o coração da mulher, illustrada sobre sua verdadeira missão, é o receptaculo das dores e dos prazeres da família.”<sup>496</sup>

Além de não defender imediatas modificações estruturais na sociedade, Joanna Manso construiu sua proposta de emancipação moral da mulher em consonância com importantes instituições: a família e a Igreja. As ideias veiculadas reforçavam a importante função das mulheres no âmbito da família, apresentando as contribuições proporcionadas pelas mães e esposas ilustradas. O discurso religioso também coadunava com a emancipação, ao reforçar as virtudes e os dons que Deus concedeu às mulheres.

Joanna Manso incentivava as mulheres a usufruírem de suas capacidades, convidando-as a enviarem colaborações para o impresso, argumentando que Deus dava às mulheres o “dom” do pensamento.<sup>497</sup> Esta foi apenas uma das oportunidades encontradas pela redatora chefe de usar sua fé cristã em Deus para defender pautas em prol das mulheres. Ao expor seu projeto de “emancipação moral da mulher”, Joanna Manso afirmou: “Convencidas estão ellas que têm essa alma que Deos lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão que o emprego util de suas faculdades moraes completa a obra do Creador.”<sup>498</sup>

Estes são apenas exemplos pontuais da presença constante do discurso religioso nas publicações de Joanna Manso. É importante observar que a redatora não fez ode ao catolicismo como foi comum entre as próximas redadoras e as colaboradoras do *Jornal das Senhoras*. A argentina demonstrou sua fé, mas seu posicionamento em relação à Igreja Católica foi crítico. Em tom irônico, Joanna Manso desejou que a Inquisição não fosse restabelecida: “Quem sabe, se o innocente JORNAL DAS SENHORAS, não vae soffrer

---

<sup>494</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>495</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Emancipação moral da Mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 14, 11 jan. 1852.

<sup>496</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>497</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 01 jan. 1852.

<sup>498</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Emancipação moral da Mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 12, 11 jan. 1852.

algum auto de fé privado”,<sup>499</sup> mas findou o mencionado artigo mostrando sua religiosidade: “[...] irei adiante com a minha tarefa; e em nome de Deus – *en avant!*”<sup>500</sup>

Em resposta à carta de um homem que questionou sua proposta de emancipação moral da mulher, a redatora retomou o tema da Inquisição, afirmando: “Confessae que se tivésseis á vossa disposição as torturas e as fogueiras da inquisição já eu tinha provado: o fogo, – agua, – a cadeira, o potro, os aneis, e por fim estava a esta hora carbonizada.”<sup>501</sup> Ainda respondendo ao “homem”, Joanna Manso esclareceu que catolicismo e cristianismo eram conceitos diferentes: “Esqueceste que o catholicismo nada tem de comum com o christianismo, que as fogueiras da inquisição não podião ser os interpretes das tres bases da doutrina de Christo – Liberdade – Fraternidade – Humanidade?”<sup>502</sup> Posicionamentos como o de Joanna Manso, num contexto de vigência do Padroado, devem ser compreendidos como, no mínimo, corajosos. Lembrando que as considerações foram formuladas por uma mulher em resposta às acusações de um homem, deve-se potencializar a coragem da redatora do *Jornal das Senhoras*. Após o fim da chefia de Joanna Manso na redação, foi possível constatar um aumento do número de textos de caráter religioso e a ausência de críticas sobre esta questão.

Como afirmaram Ari Pedro Oro e Marcela Ureta, a América Latina se constituiu em um território de domínio católico, já que os portugueses e espanhóis que aqui aportaram não buscaram apenas a conquista econômica, eles tinham o intuito de “ver concretizado o sonho milenarista e salvacionista cristão” de chegar ao paraíso terrestre. Sendo assim, a expansão ibérica também propiciou a expansão do catolicismo na América.<sup>503</sup> No Brasil e na Argentina, mesmo após os processos de independência, a Igreja Católica foi mantida como religião oficial, sendo moroso e polêmico o processo de laicização do Estado.

No Brasil, a Constituição de 1824 conservou o regime de Padroado e intensificou o poder do Estado sobre os assuntos eclesiásticos.<sup>504</sup> O governo de D. Pedro II manteve os marcos institucionais advindos do Primeiro Reinado e da Regência, “em lugar da República livre e laica, cogitada pelos liberais, vingara a monarquia centralizadora e católica, na qual

---

<sup>499</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Quem eu sou e os meus propositos. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 11-12, 11 jan. 1852.

<sup>500</sup> *Ibidem*, p. 12. [grifo no original]

<sup>501</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Resposta da Redactora em Chefe do Jornal das Senhoras à carta publicada em o primeiro domingo de fevereiro assignada – o homem. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 42, 08 fev. 1852.

<sup>502</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>503</sup> ORO, Ari Pedro; URETA, Marcela. Religião e política na América Latina: uma análise da legislação dos países. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 27, p. 281, jan./jun. 2007.

<sup>504</sup> SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Acomodações recíprocas: a Igreja Católica e o poder temporal na Argentina e no Brasil. *Passagens: revista internacional de história política e cultura jurídica*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 50-64, jul./dez. 2009.

Igreja e Estado prosseguiram compartilhando o poder [...].”<sup>505</sup> Na Argentina, em 1853, o Congresso Nacional assegurou as bases para a oficialização do catolicismo como religião oficial, mantendo preceitos presentes no contexto da independência, quando ocorreu o Congresso de Tucumán (1816). No mencionado Congresso, houve a realização de juramentos em nome de Deus Nosso Senhor e súplicas pela defesa da religião católica apostólica romana na Argentina.<sup>506</sup> Durante o governo de Bernardino Rivadavia, foram implementadas reformas que interferiram nos interesses eclesiásticos, mas as bases do catolicismo foram perpetuadas. Não foi diferente com a Constituição nacional de 1853, que, apesar do viés liberal, “manteve a regulação sobre as questões religiosas”, assegurando o “regime de cristandade”.<sup>507</sup>

O histórico das relações entre Igreja e Estado, no Brasil e na Argentina, propiciou discursos semelhantes entre as jornalistas e as colaboradoras brasileiras e argentinas no que diz respeito ao uso de argumentos religiosos para reivindicar direitos femininos. Ao refletir sobre a Antiguidade, L. C. d’A. – colaboradora do *Jornal das Senhoras* – constatou que, naquele período, a mulher era “escrava sublime, sujeita ao barbarismo” dos homens, que “só via[m] na mulher um instrumento [...] que servia á reprodução.”<sup>508</sup> Os homens não compreendiam que a mulher era sua “companheira”, “a perfeita composição do Criador”, e os vestígios “dessa velha superstição” ainda estavam presentes na civilização moderna.<sup>509</sup> A colaboradora lamentou que “a liberdade tão decantada por velhas e novas gerações, conservou a mulher quasi sempre n’um estado de servidão.” Porém, L. C. d’A. defendia que os homens precisavam entender que a liberdade deveria “estender-se a todos os seres que pensão; e se a mulher pensa, tambem ella deve ter essa mesma liberdade.”<sup>510</sup> Para instigar os(as) leitores(as), L. C. d’A. questionou: “Não será a mulher tão predestinada á liberdade do pensamento e da acção, como o homem? Vós, homens, que lhe roubais a liberdade, confiais-lhe vosso filho para modelal-os pela educação, e não credes que quem póde ser apta para educar, não possa ser livre?”<sup>511</sup> Após os questionamentos, a colaboradora esclareceu que suas reivindicações não tinham nenhuma novidade, pois estavam baseadas na religião e na justiça. Ainda argumentou que, devido à sensibilidade feminina, aquelas que se dedicavam à ilustração

---

<sup>505</sup> MARTINS, Ana Luiza, 2008, p. 47.

<sup>506</sup> SOUSA, Jessie Jane Vieira de. 2009, p. 54.

<sup>507</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>508</sup> D’A., L. C.. A mulher perante Deus e o mundo. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 83, 12 set. 1852.

<sup>509</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>510</sup> *Ibidem*, p. 84.

<sup>511</sup> D’A., L. C.. A mulher perante Deus e o mundo. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 106, 3 out. 1852.

tornavam-se seres superiores aos homens, afinal, “o homem é preciso acostumar-se para compreender, a mulher só basta sentir.”<sup>512</sup>

No dia 7 de novembro de 1852, outra colaboradora do *Jornal das Senhoras* – que se identificou como “ninguem” – publicou um artigo em que direcionou severas críticas a filósofos como Hipócrates e Aristóteles<sup>513</sup> por afirmarem que a mulher seria um ser imperfeito ou não pertencente ao gênero humano. Segundo a colaboradora, várias gerações reproduziram tais argumentos, injuriando as mulheres. Por isso, “para repudiarmos essa sucessão deslustradora voaremos ao combate, com o Evangelho na mão [...]”<sup>514</sup>

É importante observar que a colaboradora se propôs a refutar os argumentos dos filósofos gregos a partir do discurso religioso. No intuito de desqualificar o discurso de Aristóteles e de Hipócrates, “ninguém” escreveu de forma sarcástica: “Acreditou o mesquinho verme da terra ter assim segura na cabeça a coroa de *rei* da *criação* [...]”. Em seguida, afirmou: “O impio não quiz crer, não quiz compreender o benefício, que Deus lhe outorgára – criando a mulher – não quiz lembrar-se que fora feita á sua semelhança, que não era um objecto do seu dominio, senão um complemento do seu próprio ser!”<sup>515</sup> Portanto, mais uma articulista se apropriou do discurso religioso e construiu suas próprias leituras em benefício da emancipação das mulheres.

Com tom mais suave, a assídua colaboradora Baroneza de... também defendeu a ilustração das mulheres, usando o discurso religioso atrelado à moralidade e à família. Para ela, a educação feminina apresentava significativos avanços se comparada com a geração de cinquenta anos atrás, quando a mulher “vivia enclausurada voluntariamente dentro de estreitas rotulas, entregue apenas aos serviços domesticos [...]”<sup>516</sup> Naqueles tempos passados, a educação moral e religiosa era “dictada pelo fanatismo e aceita pelo temor do castigo, sem fé nem mesmo raciocinio ou bom senso [...]”<sup>517</sup> Mas, em meados do século XIX, a Baroneza de... afirmou que a educação havia ampliado, pois os homens compreenderam a importância social e familiar da ilustração da mulher. Daquela maneira, o sexo feminino estava exercendo seus “deveres para com Deos e para com a sociedade inteira [...]”, contribuindo para o desenvolvimento da “moralidade social” e da “pureza dos costumes”.<sup>518</sup> Porém, a

---

<sup>512</sup> *Ibidem*, p. 107.

<sup>513</sup> Uma análise sobre as concepções dos dois filósofos em relação ao corpo feminino pode ser encontrada em: COLLING, Ana Maria, 2014, p.51-62.

<sup>514</sup> NINGUEM. Emancipação moral da mulher. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 147, 7 nov. 1852.

<sup>515</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>516</sup> BARONEZA DE...Educação do sexo feminino. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 62, 25 fev. 1855.

<sup>517</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

<sup>518</sup> *Ibidem*, *loc. cit.*

colaboradora acreditava que ainda era preciso aprimorar a instrução feminina, tornando-a “solida e variada como convém ao brilhantismo de uma nação como a nossa [...]”.<sup>519</sup> Para que o Brasil tivesse uma educação feminina ideal, a colaboradora sugeriu: modificações nas disciplinas oferecidas, primor para com a formação dos(as) professores(as) e a consolidação de um sistema de ensino. Na perspectiva da Baroneza de..., esse investimento seria primordial, pois “os destinos da sociedade dependem da moralidade dos homens; e esta provém em maior parte, senão completamente, das qualidades e da instrução das mãis de família.”<sup>520</sup>

Na Argentina, as redatoras do *La Camelia* também usaram referências religiosas para reivindicar direitos para as mulheres. As redatoras afirmaram que, desde que o mundo foi criado, os fatos revelavam que os homens cometiam injustiças para com as mulheres, utilizando da força física para “esclavizar à la mitad de si mismo, y mitad la mas preciosa.”<sup>521</sup> Recorrendo ao Antigo Testamento, as redatoras interpretaram: “sabemos q’Dios creó *la muger*, no de barro como el hombre, si de una costilla del hombre; sabemos tambien que aquella fué su última *Obra* y por tanto no se nos puede acusar de vanidosas si sostenemos que fué, pues debió serlo, *la mas perfecta*. [...]”<sup>522</sup> Apesar disso, os patriarcas que descenderam de Adão “no eran nada corteses” com suas companheiras, considerando-as “solo como un medio de reproduccion de la especie humana [...]”.<sup>523</sup> Portanto, as redatoras ressaltaram que os fatos bíblicos estavam em consonância com seus argumentos: “*El hombre abusó siempre de su fuerza y de nuestra debilidad*.”<sup>524</sup>

Provavelmente para agregar mais credibilidade aos seus posicionamentos, as redatoras transcreveram trechos proferidos por um homem com título de Visconde. Conforme as transcrições, a mulher sempre se resignava em prol do bem da família, mas não recebia o devido reconhecimento.<sup>525</sup> Além disso, “donde falta la fuerza fisica, suple la moral: que nuestra dominacion, sobre este secso, no es mas que una usurpacion perpetuada [...]; y que [...] sus cualidades intelectuales son iguales á las nuestras [...]”<sup>526</sup>

As palavras do Visconde estavam articuladas às propostas veiculadas pela equipe do *La Camelia*. Além da valorização da moralidade feminina, do reconhecimento das injustiças

---

<sup>519</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>520</sup> *Ibidem, p. 63.*

<sup>521</sup> [LAS REDACTORAS]. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 13 abr. 1852.

<sup>522</sup> *Ibidem, loc. cit.* [grifos no original]

<sup>523</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>524</sup> *Ibidem, loc. cit.* [grifos no original]

<sup>525</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>526</sup> *Ibidem, p. 14.*

cometidas pelos homens, das capacidades intelectuais das mulheres, ele argumentou que as possíveis diferenças que poderiam existir entre os sexos estavam vinculadas ao acesso à educação e aos hábitos construídos desde a mais tenra idade. Portanto, a escolha das redatoras em publicar pensamentos de um homem importante com ideias emancipadoras era uma inteligente estratégia de luta em prol da liberdade e melhoria de vida das mulheres.

Na publicação do dia 06 de maio de 1852, as redatoras do periódico *La Camelia* reforçaram suas críticas em relação à educação recebida pelas argentinas. Elas acreditavam que o país “sería mucho mas feliz, si à nuestro secso se le diese una educacion mas esmerada y científica [...]”<sup>527</sup> Com tal defesa, as redatoras esclareceram que as mulheres precisavam de boa educação para exercerem suas funções de mães e esposas – ideias convergentes com aquelas veiculadas no periódico carioca.

De maneira semelhante ao artigo de Joanna Manso, na edição do dia 25 de fevereiro de 1852 do *Jornal das Senhoras*, as redatoras do *La Camelia* afirmaram: “No se crea que al pedir un nuevo òrden de ensenanza, nos animan aspiraciones indebidas à nuestro secso; no tratamos de ocupar con el tiempo, un lugar en las càmaras, ni llenar la mision de un enviado ácerca de una potencia estrangera [...]”<sup>528</sup> Tal como fez Joanna Manso, as redatoras também almejavam tranquilizar os homens em relação às suas reivindicações: “no señores, tratamos solamente de llenar el vacio, que el órden social nos prescribe, y què la misma naturaleza nos imponen; *cuidar de la educacion de nuestros hijos, defender sus derechos, y dar ciudadanos útiles à la Patria.*”<sup>529</sup>

Notei que a ideia da “natureza feminina” estava sempre em voga, funcionava como um importante argumento para reivindicar direitos femininos. As redatoras do *La Camelia* foram enfáticas na importância da educação para o cumprimento das “sagradas obligaciones” das mulheres. Afinal, elas se consideravam peças fundamentais na condução dos seres em formação, priorizando as instruções que fossem úteis às missões de cada um e à pátria. Partindo de tais premissas, as redatoras se queixaram: “Nuestras jóvenes vejetan en el apredisaje del piano, del dibujo y de otras fruslerias, que aunque son un adorno en la niñez, de nada le son útiles, cuando pasan á llenar la mision de madres y de esposas [...]”<sup>530</sup> A proposta não era eliminar tais conhecimentos, mas agregá-los ao ensino da ciência, pois não se podia esquecer “las muchas ventajas que proporcionan una madre ilustre á la sociedad, [...]”<sup>531</sup> Por

---

<sup>527</sup> [LAS REDACTORAS]. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 06 mai. 1852.

<sup>528</sup> [LAS REDACTORAS]. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 06 mai. 1852.

<sup>529</sup> *Ibidem*, loc. cit. [grifos no original]

<sup>530</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>531</sup> *Ibidem*, loc. cit.



isso, clamaram pelo fim do modelo educativo que limitava as realizações femininas aos conhecimentos “de la aguja.”<sup>532</sup>

Apesar da distância geográfica entre as mulheres de letras, mais uma vez observei sincronia nas construções argumentativas das redatoras do *La Camelia* e de Joanna Manso, enquanto redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*. A argentina exilada no Brasil lançou questionamentos no intuito de alertar as pessoas a respeito da importância da ampliação da educação das mulheres, conforme pode ser percebido pelo trecho a seguir:

Como? Pois a mulher pode ter outra influencia que não seja sobre as panellas? outra missão alem das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja?  
Deveras?!  
Pois, escutae-me. E a educação de seus filhos?<sup>533</sup>

Não há dúvidas que a educação foi a grande bandeira das mulheres que lutaram por emancipação no século XIX, no Brasil e na Argentina. Em Buenos Aires, o periódico pioneiro de Petrona Resende já anunciava, em 1830, o desejo de “ver el bello sexo elevado á la cumbre de la instruccion.”<sup>534</sup> No Brasil, Nísia Floresta também iniciou suas reflexões sobre a educação na década de 1830, atuando na imprensa e publicando a obra *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*.<sup>535</sup> Cada autora apresentava suas especificidades na condução do argumento e nas escolhas de formato de veiculação das suas reivindicações, porém, o aprimoramento da educação feminina foi elemento de ligação entre as mulheres que desenvolveram uma “consciência feminista”<sup>536</sup> no oitocentos.

Com papel e tinta à mão, as mulheres letradas aproveitaram a abertura da imprensa para denunciar as injustiças e abusos que sofriam. Mesmo sendo criticadas por alguns homens, elas persistiram. Segundo Zoila – colaboradora do *La Camelia* –, alguns “jovencitos” disseram: “*qué monada, las muchachas con un periódico!*”<sup>537</sup> Tais ironias não foram o suficiente para impedir que reivindicações fossem divulgadas na imprensa. Em tom de denúncia, Zoila escreveu os seguintes versos:

Somos flores sin olor

---

<sup>532</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>533</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Educação Moral da Mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 14, 11 jan. 1852.

<sup>534</sup> [ROSENDE DE SIERRA, Petrona]. Prospecto. *La Aljaba*, Buenos Aires, 1830.

<sup>535</sup> DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. 2ª ed. rev. Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2008. p. 185.

<sup>536</sup> Expressão usada por Constância Lima Duarte ao refletir sobre a importância do acesso ao letramento e à leitura por parte das mulheres. Conforme a autora, esses processos proporcionaram produções escritas femininas, desenvolvimento crítico e o surgimento da consciência feminista. Ver: DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Século XIX. Dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. p. 14.

<sup>537</sup> ZOILA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 4, 11 abr. 1852.

Que adornamos solo el ramo,  
Somos esclavas sin amo  
Nunca nos falta un Señor.<sup>538</sup>

Estes curtos versos estão repletos de significados. Zoila dialogou diretamente com a epígrafe do periódico: “Siendo flor – se puede vivir sin olor. Siendo muger – no se puede vivir sin amor.” A colaboradora usou duas recorrentes metáforas para se referir às mulheres: flores e escravas. Se para as redatoras, as flores podiam viver sem o perfume, para Zoila, as mulheres enquanto flores desperfumadas estavam incompletas, mutiladas em sua existência, cumprindo apenas o papel de mulher-objeto. Zoila fez trocadilho com a palavra amor denunciando que a mulher tinha vários amos, vivendo na condição de escravidão.

A associação da condição feminina com a escravidão foi recorrente na imprensa feminista carioca e portenha. A redação do *La Camelia*, em seu primeiro editorial, transcreveu trechos da francesa Fanny de Bauharnais em que declarava: “[...] el Ser Supremo [...] Dió al hombre una compañera [...]. No dijo – te entrego una esclava [...]”<sup>539</sup> Este argumento foi repetido incessantemente por aquelas que lutavam pela melhoria de vida das mulheres, negando a opressão masculina.

No primeiro número do *Jornal das Senhoras*, Joanna Manso argumentou que Jesus foi o primeiro a se levantar a favor das mulheres, porém, suas doutrinas foram mal empregadas e a Igreja Católica manteve as mulheres na condição de escravas, usurpando seus direitos e retardando suas perspectivas de futuro.<sup>540</sup> A redatora transcreveu o prospecto do jornal pernambucano *Jardim das Damas* – que era dirigido por um homem –<sup>541</sup> pois o mesmo reforçava argumentos publicados por Joanna Manso. Em relação à associação da condição feminina com a escravidão, o prospecto afirmava: “Desgraçadamente o homem não tem sempre mantido a mulher na posição que Deos lhe assignou; abusando de sua força, elle a tem tratado muitas vezes antes como escrava que como companheira [...]”<sup>542</sup> Muito satisfeita com as defesas do colega de imprensa, a redatora declarou que o prospecto do jornal pernambucano era um “tiro de metralha” nas bases dos retrógrados materialistas e um alerta para os dois elementos universais da existência: “AMOR E PROGRESSO”.<sup>543</sup>

---

<sup>538</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>539</sup> [LAS REDACTORAS]. Las mugeres. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 11 abr. 1852.

<sup>540</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna]. A mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 6, 01 jan. 1852.

<sup>541</sup> Tratava-se de Felipe Neri Colaço. Sobre o *Jardim das Damas*, ver: DUARTE, Constância Lima, 2016, p. 122-123.

<sup>542</sup> EXTRACTO DO PROSPECTO. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 46, 08 fev. 1852.

<sup>543</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna]. Post-Escriptum. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, p. 46, 08 fev. 1852.

Violante Atabalipa também transcreveu um trecho da produção de um homem – neste caso de D’Alembert – que criticava a “escravidão” e o “aviltamento” em que as mulheres eram submetidas.<sup>544</sup> Joanna Manso voltou a refletir sobre a escravidão da mulher mesmo após deixar a redação do *Jornal das Senhoras*. No mês de outubro de 1852, a ex-redatora se sentiu estimulada a responder a um artigo publicado no *Novo Correio de Modas*, que criticava o projeto de emancipação moral da mulher. Durante suas ponderações, Joanna Manso defendeu que a escravidão das mulheres tratava-se de uma herança dos árabes<sup>545</sup> que deixaram resquícios na Península Ibérica. Assim, os conquistadores portugueses propagaram tais costumes durante a colonização da América. Conforme Joanna, a Espanha apagou tais marcas devido à “joven formosa, inteligente e liberal” Maria Christina de Bourbon, “que soube quebrar os ferros de escravidão da nação hespanhola e iniciar a Emancipação intellectual da Mulher.” Sendo assim, o Brasil ficou mais vulnerável à “lastimável” herança árabe, enquanto os países de colonização espanhola “adoptarão o systema liberal, e a mulher, ainda que sepultada por enquanto nas trevas da ignorancia, não está subjugada brutalmente pelo homem.”<sup>546</sup>

No mesmo mês da contribuição da ex-redatora, o *Jornal das Senhoras* recebeu uma colaboração assinada por “Ninguém”, intitulada “Artigo 1º”. Violante Atabalipa relatou que desconhecia o sexo do(a) autor(a), porém, nos escritos deixou indícios de que se tratava de um “cavalheiro sem nome”. O texto publicado apresentou engajamento intenso, muito semelhante às pautas de Joanna Manso – seria mais uma contribuição da ex-redatora? Se sim, ela escondeu-se atrás do anonimato no intuito de conquistar mais adeptos? O artigo clamava pela “emancipação da mulher”, pelos “direitos da mulher”, pela “justiça”, pela “moralidade”, pela “intelectualidade” e pela “regeneração da mulher”. Além de todas essas pautas, “Ninguém” criticou o fato de o homem tratar a mulher como “escrava” e não como “companheira”.<sup>547</sup>

Após dois anos, a luta contra a submissão da mulher continuava vigorosa. Enquanto redatora do periódico portenho *Album de Señoritas*, Juana Manso escreveu um extenso e

---

<sup>544</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. Afastamento em que se tem as mulheres de tudo quanto as pode esclarecer e elevar sua alma. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 202, 26 dez. 1852.

<sup>545</sup> Esta concepção de Joanna Manso provém de estereótipos construídos sobre o mundo árabe, influenciada por discursos eurocêntricos e que foram disseminados através da mídia e da literatura. No âmbito historiográfico, os trabalhos de Edward Said foram elementares para repensar as construções que o Ocidente fizeram/fazem sobre o Oriente. Sobre as reflexões de Said, ver: SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. Uma interpretação que problematiza o lugar das mulheres no mundo árabe pode ser encontrada em: EL SAADAWI, Nawal. *A face oculta de Eva: as mulheres no mundo árabe*. São Paulo: Global Editora, 2002.

<sup>546</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna. Emancipação moral da mulher. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 131, 24 out. 1852.

<sup>547</sup> NINGUEM. Artigo 1º. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 139-140, 31 out. 1852.

engajado artigo sobre a emancipação moral da mulher, cuja temática da escravidão foi relembada. Corajosamente, a redatora criticou as agressões físicas que as mulheres sofriam por parte dos maridos.<sup>548</sup> Conforme Juana Manso, um homem inglês havia sido condenado a dois meses de prisão por ter batido em sua esposa. Indignada com a atitude do homem, a redatora reiterou que alguns homens julgavam viver nos tempos em que se podia açoitar mulheres ou até mesmo amarrá-las pelo pescoço para vendê-las no mercado. Juana Manso demonstrou grande admiração pelas políticas humanitárias inglesas, ressaltando a multiplicidade de trabalhos filantrópicos e as iniciativas de extinção do tráfico de escravizados. Sendo assim, “una gran nacion como la Inglaterra [...] no podia abrigar en si misma una monstruosidad semejante, como la de conservar á la muger en el estado de la mas degradante y torpe esclavitud.”<sup>549</sup> Esta foi a única crítica explícita às agressões físicas sofridas pelas mulheres no âmbito dos relacionamentos, o que me levou a concluir que este tipo de violência foi mais velada e/ou mais aceita do que a violência simbólica revelada pelas mulheres oitocentistas emancipadas. Mais uma vez, a denúncia de Juana Manso revela-se atual, sendo registrada nos altos índices de violência doméstica no Brasil e na Argentina.<sup>550</sup>

Como analisei neste tópico, por meio do uso da tinta e do papel, as redadoras e colaboradoras do *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas* conseguiram expressar suas indignações, lutando por direitos, por educação e pela família. Cada periódico, ou melhor, cada redatora dava o tom das pautas centrais, revelando posicionamentos mais amenos ou exaltados.

Iniciei este tópico mencionando a obra *Cartas sobre a educação de Cora*, que representava certos preceitos educativos e comportamentais para as mulheres oitocentistas. Observei que alguns pontos elencados pelo Dr. Lino Coutinho dialogavam com as pautas das

---

<sup>548</sup> Este artigo de Joanna Manso trata-se da única denúncia contra violência física no âmbito do matrimônio encontrada nos periódicos analisados nesta tese, bem como nos periódicos brasileiros que analisei em minha Dissertação de Mestrado: *O Sexo Feminino, Primavera, O Quinze de Novembro do Sexo Feminino e A Família*.

<sup>549</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Emancipación moral de la muger. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 2-3, 01 jan. 1854.

<sup>550</sup> No Brasil, o Observatório da Mulher contra a Violência (OMV) do Senado realizou uma pesquisa sobre violência doméstica e familiar contra a mulher e concluiu que houve aumento no número de mulheres que se declararam vítimas do tipo de violência analisado, passando do percentual de 18%, em 2015, para 29%, em 2018. Ver: PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa. *Pesquisa Violência doméstica e familiar contra a mulher* (DataSenado/OMV, 2017). Instituto Patrícia Galvão, São Paulo. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/pesquisa-violencia-domestica-e-familiar-contr-a-mulher-datasenado-omv-2017/>. Acessado em 21 de janeiro de 2019.

Na Argentina, através da Oficina de Violencia Doméstica (OVD), a vice-presidente da Suprema Corte, Elena Highton de Nolasco, registrou 2.581 casos de violência doméstica apenas no primeiro trimestre de 2018, sendo que 66% tratavam de violência física contra as mulheres. Ver: LA OFICINA de Violencia doméstica presentó las estadísticas del primer trimestre del año. *Centro de Información Judicial*, 17 may. 2018. Disponível em: <https://www.cij.gov.ar/nota-30317-La-Oficina-de-Violencia-Dom-stica-present--las-estad-sticas-del-primer-trimestre-del-a-o.html>. Acessado em 21 de janeiro de 2019.

jornalistas, como: a valorização da família, a importância da religião, a função educadora das mulheres, a relevância do matrimônio, a sacralização dos papéis de mãe e esposa. Entretanto, as redatoras e colaboradoras acreditavam que as mulheres deveriam ser meticulosamente ilustradas para exercerem com perfeição suas funções sociais e não “razoavelmente” ilustradas como sugeriu o médico baiano. Apesar de concordarem com a concepção de “natureza feminina”, as jornalistas não concebiam incompatíveis as funções socialmente atribuídas às mulheres com o exercício literário ou intelectual. Se o Dr. Coutinho tinha receio de que Cora se tornasse uma Stael, a redatora Gervazia Nunezia pensava de maneira diferente e não tardou a registrar seu desejo: “Quizera ver d’entre vós, leitoras, surgir uma nova Stael!”<sup>551</sup>

Considerando que os escritos de Dr. Lino Coutinho representavam percepções correntes no contexto em questão, concluí que as jornalistas partiram de bases similares – perspectiva iluminista, discurso religioso e organização patriarcal – às propostas do médico, mas conduziram os argumentos para uma finalidade específica: a emancipação das mulheres.

É importante destacar a similitude de propostas de emancipação veiculadas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires, na década de 1850. No intuito de chamar atenção para as proximidades, inclusive na escolha das palavras fiz a opção por transcrever inúmeros trechos das fontes estudadas ao longo do trabalho. Termos como educação, instrução, direitos, missão sagrada, religião, moralidade, virtude, amor, progresso, regeneração, família, ordem, lei, natureza feminina, leitura, filosofia, ciência, razão, etc. foram enfaticamente usados para apresentar características de sujeitos e sociedades, bem como para expressar os desejos das mulheres. Em contrapartida, as palavras desordem, anarquia, rebelião, retrocesso, brutalidade, escravidão, opressão, violência, abuso etc. foram empregadas para criticar pensamentos e ações vigentes na sociedade. Nesse sentido, corroboro a afirmação de Elisabeth Juliska Rago:

A troca de experiências entre as feministas se deu principalmente por meio da imprensa de mulheres, o que representou um estímulo ao desenvolvimento da consciência feminista e, em alguns casos, significou uma ruptura com representações anteriores, como, por exemplo, a maneira como as próprias mulheres percebiam e concebiam a sua posição na sociedade.<sup>552</sup>

A personagem que é elo de ligação entre os dois países analisados nesta tese, Juana/Joanna Manso, reivindicava o pioneirismo na proposta de “Emancipação Moral da

---

<sup>551</sup> N., Gervina N. P. dos S. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 328, 09 out. 1853.

<sup>552</sup> RAGO, Elisabeth Juliska. *Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007. p. 94.

Mulher”. Em outubro de 1852, em resposta a contestações efetuadas contra seu projeto, a argentina clamou:

Como fui a primeira que falei na Emancipação moral da Mulher, sempre que uma penna estúpida ou mal intencionada pretenda manchar, torcer ou desfigurar as minhas doutrinas, eu levantarei a luva de desafio e sustentarei princípios reconhecidos hoje e outr’ora pelas sociedades civilizadas [...].<sup>553</sup>

Joanna Manso retomou os aspectos centrais da “Emancipação moral ou intellectual da Mulher” esclarecendo que a manutenção da família sempre foi seu desejo, nunca a sua destruição. Nas palavras da *periodista*: “Haverá quem – por um momento só – julgue que é uma mãe de família a que quer desligar a mulher dessa missão sagrada de mãe e esposa, para metamorphoseal-a n’um ente indigno e monstruoso?”<sup>554</sup>

Ao reforçar o papel da família – e a centralidade da mulher nesse âmbito – a argentina buscou expressar o quanto as críticas aos seus projetos eram infundadas. Apesar do uso de palavras fortes, em tom de desabafo, Joanna Manso mostrava ser uma articulista muito cuidadosa ao reivindicar a emancipação da mulher. A própria escolha de adjetivar a emancipação como moral revelou sua perspicácia. Afinal, a jornalista tinha ciência de que propostas radicais não seriam acatadas pela sociedade – nem mesmo por suas companheiras de gênero.

A este respeito, as historiadoras Stella Franco e Maria Ligia Prado afirmaram:

No século XIX, os textos escritos por mulheres e publicados em livros, jornais e revistas, dependendo do tema abordado, eram alvo de especial atenção e estavam sujeitos a muitas críticas. Assim, é muito comum encontrarmos nos escritos femininos dessa época a convivência de propostas de mudanças bastante radicais com relação ao comportamento feminino ao lado de afirmações extremamente convencionais. As escritoras faziam isso porque se preocupavam com as repercussões de seus escritos entre o público leitor e com as represárias que podiam sofrer por pensarem muito diferente do esperado.<sup>555</sup>

Sendo assim, mesmo que a pauta da educação e do incentivo às produções femininas sempre tenha feito parte das reivindicações de Joanna Manso, inicialmente, ela não usou a expressão “Emancipação intellectual da Mulher”. Portanto, é provável que a amenidade expressa pelo termo “moral” tenha sido uma escolha estratégica.

---

<sup>553</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna. Emancipação Moral da Mulher. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 130, 24 out. 1852.

<sup>554</sup> *Ibidem*, p. 131.

<sup>555</sup> PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 207.

A primeira a empregar a expressão “Emancipação intellectual da Mulher” foi a colaboradora Maria Clementina da Cruz, em artigo publicado no dia 29 agosto 1852.<sup>556</sup> As propostas da jovem pernambucana convergiam com as de Joanna Manso. Após dez meses de debate impresso sobre a emancipação da mulher, a ex-redatora do *Jornal das Senhoras* inseriu o termo “intellectual” em seu projeto, nomeando o conjunto de suas reivindicações como “Emancipação moral ou intellectual da Mulher”.

### 3.4 “La aguja y el telar valen mas que la Filosofia?”: mulheres refletindo sobre conhecimento e civilização

Na década de 1850, o Brasil estava sendo governado por Pedro II – o primeiro monarca nascido no Brasil –, que ascendeu ao trono aos 14 anos de idade. Após 11 (onze) anos de reinado do Imperador brasileiro, entrou em cena o *Jornal das Senhoras*, que não poupou elogios à família real. No editorial do dia 21 de março de 1852, Joanna Manso relatou, encantada, sua visita à Quinta da Boa Vista, onde entregou pessoalmente a 11ª (décima primeira) edição do jornal à Imperatriz Teresa Cristina:

Domingo passado, minhas queridas leitoras, foi para mim, um dia feliz, d’aquelles que fazem epoca na vida do artista [...]. Era a primeira vez que tinha a honra de ver tão de perto a Augusta Soberana [...]. Dirigiu-me poucas palavras, que eu recolhi com avidez e guardei no fundo do meu coração; porque forão ditas com aquella benevolencia que encadeia os corações, acompanhadas d’aquelle meigo sorriso, que faz por um instante esquecer as distancias sociaes [...].<sup>557</sup>

A edição do jornal levado por Joanna Manso continha várias homenagens à Imperatriz, como poesias, hinos e uma música – esta produzida pelo marido da redatora, Francisco de Sá Noronha.<sup>558</sup> As demais redatoras do *Jornal das Senhoras* também revelaram sua admiração pela família real em diversas ocasiões. A título de exemplo, Violante Atabalipa ofereceu uma poesia<sup>559</sup> e uma música<sup>560</sup> em homenagem ao aniversário da Imperatriz, além de dedicar-lhe algumas palavras: “Amanhã é o dia 14 de Março, anniversario natalicio da nossa AUGUSTA IMPERATRIZ, cujas virtudes radicarão em nossos peitos o amor e devoção que

---

<sup>556</sup> CRUZ, Maria Clementina da. Artigo II. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 67-69, 29 ago. 1852.

<sup>557</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula]. Visita da redactora em chefe do *Jornal das Senhoras*, à Imperial Quinta da Boa Vista. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 88, 21 mar. 1852.

<sup>558</sup> *O JORNAL das Senhoras*, Rio de Janeiro, 14 de março de 1852.

<sup>559</sup> AUGUSTO, Philadelpho. Ao anniversario natalicio de S. M. a Imperatriz do Brasil. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 82-83, 13 mar. 1853.

<sup>560</sup> FACHINETTI, Joseph. Flor mimosa do Brazil. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 13 mar. 1853.

Lhe consagramos.”<sup>561</sup> Gervazia Nunezia agradeceu ao Imperador por ter solicitado a construção de uma estátua do falecido conselheiro José Clemente Pereira para ser fixada no Hospício de Pedro II: “É com effusão de entusiasmo que nos fazemos cargo de transmittir ao conhecimento das nossas leitoras os actos magnanimos do Excelso Monarcha, que nunca deixa escapar uma circumstancia qualquer para manifestar a grandeza de Sua alma, a Magestade do Coração.”<sup>562</sup>

A revelada admiração da equipe do *Jornal das Senhoras* para com a família Imperial era importante para garantir a legitimidade do impresso na cena pública, além de expressar a defesa da ordem por parte das redatoras.

Ao estudar a imprensa no Segundo Reinado, Ana Luiza Martins chamou atenção para o valor simbólico de um monarca como D. Pedro II no governo do Brasil. Um sujeito loiro de olhos azuis, com porte físico dos Habsburgo e com grande apreço pelos livros era quem reinava em um território com alto índice de analfabetismo e de população negra e mestiça. A figura do Imperador remetia à civilização – “marco figurativo da nova representação que se pretendia do país”<sup>563</sup> – e a imprensa foi cultivada pela “carga de civilidade que comportava.”<sup>564</sup>

Desde a primeira metade do século XIX, havia grande preocupação em civilizar o povo através de uma educação moral e intelectual. Para tanto, seria fundamental mudanças de hábitos na Corte e nas demais regiões do Brasil. Conforme explicita o trecho abaixo, a imprensa foi elemento pedagógico nesse processo:

Seguindo toda essa necessidade de civilização da população e das ideias de se aprimorar a sociedade, cresce a convicção da instrução como um meio eficaz para atingir esses objetivos. Não é por acaso que periódicos nascidos no século XIX se auto-intitulam como “difusores de luz”, “veículos da cultura, do progresso e da liberdade”.<sup>565</sup>

Na senda deste movimento, as jornalistas que publicaram no Rio de Janeiro associaram o desenvolvimento da imprensa à civilização, argumentando que o próprio *Jornal das Senhoras* seria “órgão dos progressos e da civilização do sexo feminino”.<sup>566</sup> Nesse

---

<sup>561</sup> AS REDACTORAS do *Jornal das Senhoras*. Queridas leitoras. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 82, 13 mar. 1853.

<sup>562</sup> A REDACTORA EM CHEFE. Acto de magestade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 90, 19 mar. 1854.

<sup>563</sup> MARTINS, Ana Luiza, 2008, p. 46.

<sup>564</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>565</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda (Orgs.). *Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 14.

<sup>566</sup> ALINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 87, 12 mar. 1854.



sentido, a função de ilustrar as mulheres – almejada pelo jornal – colaboraria para o avanço do país.

Na Argentina, os debates sobre a importância de inserir o país nos rumos da civilização remetem à primeira metade do século XIX, sendo intensos entre os intelectuais conhecidos por pertencerem à “Geração de 37”, que reunia autores(as) como Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría, Domingo Faustino Sarmiento, Juan María Gutiérrez, José Mármol, Vicente Fidel López,<sup>567</sup> Mariquita Sánchez e a própria Juana Manso. Esses(as) intelectuais precisaram se exilar no Chile, Uruguai e Brasil por se oporem ao governo federalista e ditatorial de Juan Manuel de Rosas. Durante a experiência no exílio, estes(as) intelectuais atuaram politicamente e produziram importantes obras, muitas das quais representavam os caudilhos e as regiões interioranas como fontes de barbárie. Em contrapartida, havia uma visão laudatória da cidade como “difusora de ideias ilustradas”.<sup>568</sup>

Além disso, os(as) intelectuais exilados(as) realizaram importantes reflexões sobre a educação, “idealizando-a como meio para impulsionar a civilização para o país.”<sup>569</sup> Eles(as) se opunham a Juan Manuel de Rosas, optando por retomar propostas da primeira geração de liberais unitários que atuaram no contexto político da Revolução de 1810, resgatando personagens como Mariano Moreno, Manuel Belgrano e Bernardino Rivadavia – este último representava “o modelo do ideal ilustrado” para a geração de 37.<sup>570</sup> Nas palavras da historiadora: “Contrariamente ao rumo dado por Rosas à educação, os liberais exilados mantinham o ideal da educação como propulsor da civilização e como ponto fundamental para a organização do Estado.”<sup>571</sup>

Segundo Jorge Myers, esta “nueva elite intelectual” se considerava filha da Revolução de Maio, pois a maioria de seus integrantes havia nascido entre 1805 e 1821.<sup>572</sup> Apesar de Juana Paula Manso ter nascido em 1819, ter convivido e produzido no âmbito das inquietações do mencionado “movimiento político-literário”, Myers não a inseriu neste grupo de “hombres de letras”. O autor parece ter sido literal na designação, pois, apesar da importante reflexão produzida em seu capítulo “La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas”, as mulheres foram negligenciadas

---

<sup>567</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de história nacional (1868-1912)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 20.

<sup>568</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>569</sup> *Ibidem, loc. cit.*

<sup>570</sup> FRANCO, Stella Maris Scatena, 2003, p. 20-21.

<sup>571</sup> *Ibidem, p. 21.*

<sup>572</sup> MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1998. p. 384.

em sua atuação na geração de 1837. A única menção a Juana Manso deu-se quando Myers afirmou que José Mármol foi recebido pela compatriota no Brasil, onde a amiga lhe facilitou contatos, inserindo-o nas discussões públicas.<sup>573</sup>

Myers demonstrou o explícito embate dos intelectuais da Geração de 1837 com o governo de Juan Manuel de Rosas. Para ser mais precisa, o autor afirmou que, entre 1839 e 1843/44, “la política del grupo se definía por su antirrosismo implacable [...]”<sup>574</sup> Como demonstrei nesta tese, na primeira metade dos anos 1850, Juana Manso e as *periodistas* portenhas ainda mantinham acesa a chama do antirrosismo. Uma das pautas fundamentais do embate veiculado na imprensa dizia respeito justamente à educação, que as jornalistas associavam diretamente à civilização e à emancipação das mulheres.

As redatoras do periódico portenho *La Camelia*, em seu número de estreia, afirmaram que, no período em que o “tirano” Rosas estava no poder, a educação da juventude fora afetada, fazendo com que os homens não respeitassem as mulheres. Com a queda de Rosas, as articulistas ficaram esperançosas acreditando que a “ilustracion” e a “civilidad” voltassem a vigorar na Argentina.<sup>575</sup>

A Europa foi utilizada como parâmetro de comparação pelas articulistas portenhas para justificar a compatibilidade da atividade intelectual com o sexo feminino. Segundo elas, nas “ciudades mas cultas y civilizadas” a educação das mulheres não era “efímera ni superficial”, ao contrário, era oferecida educação “esmerada y científica”. No intuito de defender as capacidades das mulheres letradas do hemisfério Sul, as redatoras alegaram:

No somos las americanas de inferior clase que las europeas, no somos formadas de distinta matéria que aquellas. Nuestro benigno clima, nos ha favorecido con un don particular de la naturaleza que nos ha concedido predisponiendo nuestras facultades intelectuales á una inteligencia mucho mas perspicaz que de ellas.<sup>576</sup>

Tendo em vista todo o potencial intelectual das argentinas, as redatoras asseguraram que, se a elas fossem oferecidos conhecimentos de Filosofia, História, Ciências Exatas e Medicina, “en un corto periodo de tiempo, un nuevo progreso en las ciencias y las artes” ocorreria na Argentina.<sup>577</sup>

No número seguinte, publicado em 04 de maio de 1852, as redatoras deram continuidade à reflexão do editorial anterior, criticando a visão deturpada que certos europeus

---

<sup>573</sup> *Ibidem*, p. 404.

<sup>574</sup> *Ibidem*, p. 402.

<sup>575</sup> [LAS REDACTORAS]. Los hombres no tienen espaldas. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 11 abr. 1852.

<sup>576</sup> [LAS REDACTORAS]. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 02 mai. 1852.

<sup>577</sup> *Ibidem*, loc. cit.

tinham dos habitantes da América, com suas mentes colonizadoras, acreditavam que os americanos eram selvagens.<sup>578</sup> Contradizendo o pensamento colonial dos europeus, as redatoras do *La Camelia* atestaram que havia “entre nosotras, señoras respetables por sus conocimientos en distintas materias de ciencias; señoras que en las córtes europeas, ocuparían un lugar distinguido por sus conocimientos científicos, como por su alta política de gabinete; [...]”<sup>579</sup>

Ao lançar pensamentos tão convictos sobre as capacidades das mulheres e críticas contundentes aos preconceitos dos europeus em relação aos países sul-americanos, as *periodistas* veicularam ideias pouco debatidas em meados do século XIX e valorizaram as mulheres bem como as sociedades em que viviam, usando a imprensa como formadora de novas representações sociais. Esta diferente maneira de *mirar* a América do Sul pode ter alterado toda uma lógica discursiva que gerava submissão – afetando o colonialismo e o patriarcado – e propiciando a elaboração de pensamentos feministas.

Nesse sentido, as redatoras do periódico *La Camelia* mantiveram-se consistentes na defesa da educação das mulheres, pois este elemento seria o fator que propiciaria as mudanças necessárias na sociedade argentina, afinal, as mulheres precisavam educar bem os(as) filhos(as) para “civilizar la sociedad” e “engrandecer nuestra Patria”.<sup>580</sup> Com o objetivo de demonstrar a necessidade de conhecimentos mais sólidos na formação das argentinas, as *periodistas* retomaram a filósofa grega Hipárquia, que questionava: “[...] la aguja y el telar, valen mas que la filosofía?”<sup>581</sup> Em consonância com os pensamentos da filósofa, as redatoras argumentaram, em várias publicações, que as jovens argentinas viviam em estado vegetativo por terem a instrução restrita à aprendizagem de piano, de desenho e de outras habilidades que no futuro não lhes eram úteis para a missão de mães e esposas. Por isso, clamaram: “Finalice entre nosotras ese fanatismo ridículo y perjudicial, de que no precisamos otros conocimientos que los de la aguja para ser felices; concluya para siempre ese abuso supersticioso hijo de la ignorancia, y del tiempo de las conquistas.”<sup>582</sup>

Tal como *La Camelia*, a redação e as colaboradoras do periódico *Jornal das Senhoras* também realizaram defesa enfática da necessidade do aprimoramento da educação das mulheres. A articulista Christina registrou “um dialogo domestico”, que teria ocorrido em 11 de novembro de 1851, quando uma filha buscava convencer o pai a lhe dar permissão para

---

<sup>578</sup> [LAS REDACTORAS]. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 04 mai. 1852.

<sup>579</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>580</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>581</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>582</sup> [LAS REDACTORAS]. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1, 6 may. 1852.

estudar francês e geografia. No entanto, o pai se mostrava muito resistente ao ousado pedido. Na tentativa de fazer o pai mudar de ideia, a filha insistiu:

- Mas meu pai, eu lhe prometto não fallar francez á sua vista, prometto não lhe pedir mais nada, nada mais, se me conceder a permissão de aprender francez e geographia, já que nada mais ensinarão-me para distrahir-me da monotonia desta vida em que definho, sem nada saber de interessante, para ser util a mim e aos outros.<sup>583</sup>

Apesar da lamentação da filha e do argumento de que as mulheres não aprendiam nada de útil para elas e para a sociedade, o rígido pai retrucou: “- Ora essa é boa! bem boa! E não aprendeste a coser, a fazer crivos, rendas e pegamentos? Tua tia não te ensinou as primeiras letras, o que mais queres, heim?”<sup>584</sup>

Percebi que a perspectiva do mencionado pai coadunava com as concepções expressas pelo Dr. Lino Coutinho, em sua obra *Cartas sobre a educação de Cora*, ou seja, a limitação da educação feminina, que deveria atender apenas aos ditames sociais do casamento e dos cuidados para com a família. Entretanto, algumas mulheres oitocentistas expandiram seus horizontes – como foi o caso da filha apresentada na narrativa de Christina – e fizeram declarações como esta: “mas isso não é o bastante para me fazer feliz”.<sup>585</sup> Além disso, a filha teve coragem de criticar as ações dos homens da geração de seu pai e de seu avô, afirmando:

Se ella [a mãe] quando casou não sabia francez, nem geographia, foi por que meu avô pensava como Vm. Por isso muitas senhoras d’aquelle tempo, depois de chingarem os escravos todo o santo dia, resavão o Terço, e o resto do tempo á noite levavão a murmurar da vida alheia e... coitadas já a culpa vinha dos paes desse tempo!...<sup>586</sup>

O trecho acima é representativo da cadeia de violências e hierarquias raciais e sociais do século XIX. Enquanto as mulheres da elite apareciam como opressoras dos escravizados, elas eram também vítimas, mas dos homens de seu grupo social. Logo, apesar dos sólidos argumentos, a filha conseguiu apenas irritar o pai e não convencê-lo a dar-lhe a permissão para estudar francês e geografia. A articulista Christina afirmou que, naquele tempo, ainda havia muitos homens “que entendem que a mulher quanto menos educada mais se amolda aos seus estúpidos caprichos”, por isso, clamava: “Educação! *solida e verdadeira* educação ás nossas filhas, para um dia bem dizermos a sua felicidade.”<sup>587</sup>

---

<sup>583</sup> CHRISTINA. Um dialogo domestico. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 76, 07 mar. 1852.

<sup>584</sup> CHRISTINA. Um dialogo domestico. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 76, 07 mar. 1852.

<sup>585</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>586</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>587</sup> *Ibidem*, loc. cit. [grifos no original]

A colaboradora Adelaide também publicou um “episodio domestico” no intuito de “provar o quanto a educação da mulher é útil nos mais pequenos discursos da vida.”<sup>588</sup> Conforme a articulista do *Jornal das Senhoras*, a trama teria se passado no ano de 1827. O episódio ocorreu no âmbito de uma família abastada, cuja filha Ritinha não tinha “educação litteraria, nem mesmo os conhecimentos elementares que lhe fossem sufficientes”, ainda assim era considerada “um bom partido”, por ser “formosa, docil, e boa filha”.<sup>589</sup> No entanto, o tio de Ritinha, que fora vigário, lhe ensinou “com algum trabalho a ler soletrado e escrever ainda que mal”. Algum tempo depois, Julio – “um moço bem educado, joven e livre” – pediu Ritinha em casamento e teve a aceitação da família. Para a efetivação do matrimônio faltava apenas que Julio realizasse um exame final na cidade de onde veio e retornasse para Itaguaí. Durante a ausência, o noivo enviou uma carta para Ritinha declarando sua fidelidade, mas devido à pouca instrução da moça, a correspondência foi equivocadamente interpretada e o casamento não foi realizado, tornando os amantes infelizes. A partir desta narrativa, a colaboradora Adelaide concluiu: “Tal é leitoras, um dos inconvenientes da ignorância no nosso sexo!”<sup>590</sup> Portanto, o objetivo da colaboradora com a narrativa do caso acima, era defender que a educação das mulheres era elementar em todos os aspectos da vida, desde ao conhecimento relacionado à vida pública aos assuntos mais miúdos da vida privada.

Uma colaboradora pernambucana, de apenas 14 anos, Maria Clementina da Cruz, também criticou o grau de ignorância que padeciam as mulheres. Mesmo supondo que os homens criticariam a exposição de suas ideias, ela questionou:

Quando a maior parte dos pais de familia procurárão dar uma educação ás suas filhas, franca, completa e liberal? Quando não se desapreciarão as suas faculdades intellectuaes, e quando finalmente tentar-se-há cultivar a sua intelligencia, deixando que a liberdade do pensamento fluctue em seus escriptos?...<sup>591</sup>

Após as indagações iniciais, a colaboradora seguiu ao encontro da defesa das articulistas do periódico portenho *La Camelia*, argumentando que à mulher não bastava “saber música, tocar piano, coser, bordar, marcar e escrever”, pois esses eram aspectos elementares e não a educação completa. Conforme a pernambucana, “quando ella se acha neste estado, é que, litteralmente fallando, principia os seus verdadeiros trabalhos”, ou seja, “um apurado estudo de philosophia”, de “historia universal e particular das nações”, “estudo das línguas”, além de “alguma applicação á poesia e ás sciencias phisicas e chemicas”. Com esta bagagem

<sup>588</sup> ADELAIDE. Amor e a ortographia. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 106, 04 abr. 1852.

<sup>589</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>590</sup> ADELAIDE. Amor e a ortographia. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 106, 04 abr. 1852.

<sup>591</sup> CRUZ, Maria Clementina da. Artigo II. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 67, 29 ago. 1852.

de conhecimento, a mulher passaria a ter “consciência de si”, eliminando qualquer diferença de pensamento entre o marido e a esposa. Portanto, estaria “estabelecida a liberdade de idéas entre os dois”, ficando reconhecida a “emancipação intelectual desta mulher”.<sup>592</sup>

A jovem colaboradora retomou pautas já defendidas pelas colegas de imprensa – brasileiras e argentinas –, como é o caso da educação para além dos conhecimentos domésticos. No entanto, Maria Clementina colocou em questão outro elemento fundamental para o discurso de emancipação das mulheres: a autonomia de pensamento em relação ao marido. Este tipo de emancipação intelectual era ousado para um contexto em que, a inferioridade das mulheres no casamento era legalmente, religiosamente e tradicionalmente defendida, e que o homem era considerado o chefe da família. Ao argumentar que a mulher teria consciência de si, a articulista tocou no cerne da construção da subjetividade. A este respeito, corroboro a reflexão da historiadora Margareth Rago que, pautada no conceito de “escrita de si”<sup>593</sup> elaborada por Michel Foucault, afirmou:

[...] as mulheres, ao narrar, borram as fronteiras entre público e privado, ficção e realidade, intimidade e política, o eu e o mundo, especialistas que são na arte da transgressão e do questionamento dos mecanismos de sujeição. Com os feminismos, as mulheres passam a desconstruir as narrativas que controlavam as suas vidas e buscam produzir novas cartografias existenciais.<sup>594</sup>

Apesar da visão otimista sobre a emancipação das mulheres, Maria Clementina tinha ciência de que sua geração não gozaria de tais prazeres devido à “prepotência do homem sobre os direitos da mulher”. Porém, tinha esperança de que as crianças usufríssem “plenamente dessa liberdade”, pois haveria o “apogeu da civilização” e a “felicidade” seria “universal”.<sup>595</sup> Logo, as “novas cartografias existenciais” apontadas por Rago foram sendo traçadas ao longo das lutas das mulheres. No entanto, é importante ressaltar que os passos pioneiros das jornalistas oitocentistas foram de suma importância para o avanço das ideias feministas.

Outra maneira das jornalistas defenderem a importância do conhecimento na vida das mulheres e provarem a competência das mesmas em âmbito extra doméstico foi a publicação de uma série intitulada “Mulheres célebres”, na qual foi construída uma espécie de dicionário

---

<sup>592</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>593</sup> Sobre o conceito, ver: FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

<sup>594</sup> RAGO, Margareth. Escritas de si, parrésia e feminismos. In: VEIGA-NETO, Alfredo; CASTELO BRANCO, Guilherme. (Orgs). *Foucault, filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 252

<sup>595</sup> CRUZ, Maria Clementina da. Artigo II. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 67-68, 29 ago. 1852.

biográfico de mulheres estrangeiras. Segundo Maria Ligia Prado e Stella Scatena Franco, tais tipos de produção tornaram-se comuns na segunda metade do século XIX, os quais seriam “portas de entrada interessantes para as atividades políticas das mulheres no passado brasileiro.”<sup>596</sup> Para as historiadoras, os dicionários biográficos estavam inseridos num universo cultural e educacional mais abrangente, que “se propunha a escrever a História da jovem nação brasileira, colaborando para forjar sua nova identidade.”<sup>597</sup> Homens e mulheres se dedicaram à construção dos compêndios que veicularam biografias de mulheres consideradas dignas de serem homenageadas. A título de exemplo, pode-se citar a obra *Brasileiras célebres* (1862), de autoria de Joaquim Noberto de Sousa e Silva; *Mulheres célebres* (1878), de Joaquim Manuel de Macedo; *Galeria Ilustre* (1897), de Josefina Álvares de Azevedo<sup>598</sup> e *Mulheres ilustres do Brasil* (1899), de Inês Sabino.<sup>599</sup>

O dicionário biográfico “Mulheres célebres” foi veiculado quando o *Jornal das Senhoras* estava sob a direção de Gervazia Nunezia, iniciando a série em 21 de agosto de 1853 com a breve biografia de Adelaide Dufrenoy – literata nascida em Nantes, no século XVIII – e desaparecendo, sem ser concluída, na edição do dia 03 de setembro de 1854 com informações sobre a poetisa Gionetta.<sup>600</sup> Ao todo, foram publicados 17 (dezessete) artigos com informações biográficas e, logo na primeira edição da série, foi esclarecido que seria celebrada a memória de mulheres artistas e literatas com o objetivo de afastar a “presumpçosa calúnia” de que o sexo feminino “nada possui de seu na república das letras e no reinado das artes”. O desejo da redação era de que as biografias servissem de “incentivo a muitos gênios que se ocultam nas trevas da indiferença, guiados talvez por mal entendido receio de se arrancarem o véu em público.” Como a listagem publicada era exclusivamente de mulheres estrangeiras, havia o desejo de que, no futuro, fossem produzidas biografias de “patricias nossas, de cujos talentos e ilustração a ninguém é dado duvidar!”<sup>601</sup>

O desejo da equipe do *Jornal das Senhoras* foi realizado, pena que com muita morosidade. Atualmente, algumas das brasileiras oitocentistas recebem destaque por seus

---

<sup>596</sup> PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 195.

<sup>597</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>598</sup> A professora pernambucana, redatora do periódico *A Família*, publicou a mencionada obra, na qual traçou perfis de mulheres que se destacaram pela inteligência e bravura. Sobre o assunto, ver: SOUTO, Bárbara Figueiredo. “*Senhoras do seu destino*”: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Alvares de Azevedo – projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira (1873-1894). Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2013. p. 140-141.

<sup>599</sup> Para mais detalhes sobre os dicionários biográficos de mulheres, ver: PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena, 2012, p. 195-196.

<sup>600</sup> MULHERES Celebres. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 286, 03 set. 1854.

<sup>601</sup> J.P. Mulheres celebres. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 269, 21 ago. 1853.

talentos intelectuais, como é o caso de Nísia Floresta. Porém, já em 1852, Joanna Paula Manso reconhecia o potencial dos trabalhos da brasileira. Nas palavras da redatora:

Sentimos vivo prazer em anunciar ás nossas Assignantes a chegada da Sra. D. Nizia Augusta Floresta, brasileira, tão conhecida entre nós pela sua intelligencia e illustração; tão respeitada pelo seu longo magisterio, ha 16 annos, empregado com desvelos na educação de suas patricias; e tão louvável e digna de nossa admiração por sua dedicada constancia ao amor da sabedoria e ao engrandecimento de sua patria. A Sra. D. Nizia estava ausente de nós ha dois annos e meio,<sup>602</sup> viajando neste intervallo a França e a Inglaterra, onde visitou os melhores collegios de instrucção, os mais abalisados litteratos, e senhoras illustradas; [...].  
Está pois entre nós a Sra. D. Nizia, demos-lhe um abraço de viva amizade e gratidão, em nome do nosso sexo.<sup>603</sup>

A recepção calorosa para com Nísia Floresta e a breve divulgação de seus trabalhos possivelmente tinham a mesma função da série “Mulheres célebres”, ou seja, era mais uma forma de inspirar as mulheres a produzirem e a valorizarem suas capacidades intelectuais.

Para a satisfação das leitoras, em dezembro de 1853, o *Jornal das Senhoras* extraiu do jornal *Liberal* dois artigos da aclamada Nísia Floresta, que compunham sua obra *Opúsculo Humanitário* – publicada naquele mesmo ano. Tais produções da professora norte-riograndense foram assinadas por B.A., duas iniciais de seu pseudônimo Nísia Floresta Brasileira Augusta,<sup>604</sup> que já tinham sido utilizadas para assinar o romance histórico *Dedicação de uma amiga*, de 1850.<sup>605</sup>

No primeiro artigo de Nísia Floresta, extraído pelo *Jornal das Senhoras*, há intensa crítica à educação das brasileiras aristocratas. Segundo a professora, as mulheres passavam os dias ociosas e precisavam das escravas para todo o tipo de serviço. Diante dessa realidade, B.A. escreveu:

É na verdade para lastimar ver algumas de nossas meninas, possuindo aliás os necessarios elementos para tornarem-se excellentes mãis de familias e mulheres notaveis, entregues ao torpor de uma má educação, dormirem até alto dia, levantarem-se machinalmente e vagarem pelo meio da familia em

---

<sup>602</sup> Sobre a experiência de Nísia Floresta em suas viagens pela Europa, ver: FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008; DUARTE, Constância Lima. Memórias de uma viajante. In: DUARTE, Constância Lima, 2008.

<sup>603</sup> [MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Sem título. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 63, 22 fev. 1852.

<sup>604</sup> A rio-norte-grandense nascida em 1810 foi batizada como Dionísia Gonçalves Pinto, adotando o pseudônimo na década de 1830. Segundo Constância Lima Duarte, “o pseudônimo escolhido revela sua personalidade e opções existenciais: Nísia, diminutivo de Dionísia; Floresta, para lembrar o sítio Floresta [onde nasceu]; Brasileira, como afirmação do sentimento nativista; e, Augusta, uma homenagem ao companheiro Manuel Augusto.” Ver: DUARTE, Constância Lima, 2008, p. 18.

<sup>605</sup> *Ibidem*, p. 21.



completo desalinho, sem uma ideia do nobre fim para que forão criadas, sem um estímulo para as praticas e a ordem que as devião conduzir a este fim!<sup>606</sup>

Utilizando a França como parâmetro de comparação, Nísia Floresta comentou a respeito da educação prejudicial praticada durante o Antigo Regime e sobre os bons resultados adquiridos quando “a nobreza compreendeu, que não devia limitar a instrução de suas filhas ao conhecimento das etiquetas”. A partir de então, as mulheres passaram a ser “educadas em principios mais conformes á humanidade” e buscaram “adquirir solidos conhecimentos no genero de instrucção [...], sendo quasi toda a nobreza de accordo em amestrar a mocidade ao trabalho”.<sup>607</sup>

No segundo artigo publicado pelo *Jornal das Senhoras*, a preocupação em relação à educação das mulheres permaneceu presente nos escritos de Nísia Floresta. Entretanto, um novo e polêmico elemento foi inserido na reflexão: a escravidão dos negros. Num contexto em que o tráfico de escravos havia sido vetado há pouco, mas que na prática o sistema escravista funcionava a todo vapor, a professora foi uma das mulheres precursoras na crítica à escravidão no Brasil, tendo proferido palestras e publicado escritos desde a década de 1840.<sup>608</sup>

No texto veiculado no *Opúsculo Humanitário*, B.A. demonstrou a importância das mães educarem as filhas e filhos no sentido de respeitar os(as) escravizados(as), cessando com os castigos físicos e tratando-os com humanidade. Por isso, Nísia Floresta suplicou:

Mães brasileiras, afastai dos olhos de vossos filhos o espetaculo de uma oppressão cruel, que lhes enerva a compaixão, e agrava mais a triste sorte desses miseros a quem deveis, como christãos, caridosamente dirigir. Ensinai principalmente á vossas filhas a olhal-os como nossos semelhantes, e por conseguinte dignos de nossa commiseração no estado á que os reduzirão nossos maiores.<sup>609</sup>

Com este pedido, a professora revelava preceitos convergentes aos defendidos pelas redatoras e colaboradoras dos periódicos *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas*, ou seja, argumentava pela necessidade de concender uma sólida educação às mulheres, que ultrapassasse o universo das amenidades, para que fosse viável que as mesmas exercessem o papel social de educadoras da humanidade, através do qual deveriam trabalhar pelo fim da “opressão cruel”, em prol da propagação da “educação moral” e da consolidação da “civilização dos povos”.

---

<sup>606</sup> B.A. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 397, 11 dez. 1852.

<sup>607</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>608</sup> Sobre o assunto, ver: DUARTE, Constância Lima. Do escravismo cristão ao abolicionismo. In: DUARTE, Constância Lima, 2008; FRANCO, Stella Maris Scatena. Os paradoxos de um discurso “feminista”. In: FRANCO, Stella Maris Scatena, 2008.

<sup>609</sup> B.A. Esboço humanitário. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1853, p. 405-406.

Para finalizar, retomo a pergunta lançada pela equipe do periódico *La Camelia*: “La aguja y el telar valen mas que la Filosofia?”. Compreendendo a Filosofia na perspectiva platônica de que a mesma seria “o uso do saber em proveito do homem”<sup>610</sup> ou na perspectiva do *Jornal das Senhoras*, que seria a consciência da “liberdade d’alma humana”,<sup>611</sup> para as redatoras e colaboradoras dos periódicos analisados nesta tese, a resposta de tal questão era claramente negativa. Como declarou Joanna Paula Manso: “Quanto mais civilisada estiver a sociedade, mais largo será o circulo de profissões que pode exercer a mulher.”<sup>612</sup> Afinadas com os discursos que buscavam inserir o Brasil e a Argentina no rol das nações “civilizadas”, as mulheres oitocentistas utilizaram um recurso eficaz na construção e propagação de seus ideais de emancipação moral/intelectual da mulher: a imprensa. Transitando entre nações e espalhando ideias impressas, a argentina Joanna Paula Manso continuou sua luta armada com tinta e papel: “Eis-nos pois em campanha; o estandarte da illustração ondula gracioso á briza perfumada dos Tropicós.”<sup>613</sup>

---

<sup>610</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 442.

<sup>611</sup> ESTUDOS. Primeira lição. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 52, 15 fev. 1852.

<sup>612</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Resposta da redactora em chefe do *Jornal das Senhoras* á carta publicada em o primeiro domingo de Fevereiro assignada – o Homem. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 42, 08 fev. 1852.

<sup>613</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 01 jan. 1852.

## Considerações finais

Ao estudar os projetos feministas arquitetados, escritos e veiculados na imprensa carioca e portenha, entre 1852 e 1855, me deparei com uma gama de pautas supreendente para aquele contexto, que perpassou pelo(a): reconhecimento da igualdade da capacidade intelectual entre mulheres e homens; acesso das mulheres ao conhecimento científico; “ilustração” feminina; participação política e direitos políticos para as mulheres; liberdade de expressão; liberdade de ir e vir; progresso; moralidade; justiça social; fim da condição de submissão feminina; transformação nos métodos de ensino; acesso à educação pelos pobres; modernização legislativa; abolição da escravatura; inserção dos índios na nação argentina; fortalecimento do sentimento nacionalista; formação de sujeitos “úteis” para a pátria; fim da violência física contra as mulheres; reestruturação política e social da América do Sul.

Tendo em vista a amplitude de temas que foram passíveis de discussão na arena impressa, enfatizo a relevância da imprensa na compreensão das sociedades oitocentistas, bem como seu potencial de transformação social. Assim sendo, as fontes impressas tornaram-se documentos de grande importância para os(as) estudiosos(as) do passado, permitindo o acesso a formulações e reelaborações de projetos, dos quais alguns se tornaram realidades concretas. Devido ao curto período de circulação dos periódicos, alguns projetos lançados não puderam ser aprofundados, mas este fato não diminui a relevância das ideias que iniciaram a arquitetar novos devires para as mulheres. Uma das epígrafes desta tese, que se trata de um trecho de correspondência escrito por Juana Manso, representa a importância e o caráter combativo da imprensa oitocentista: “Yo he luchado con una osadía y un arrojo de que solo mis numerosos artículos en los diarios podrían dar a V. una idea, [...]”<sup>1</sup>

As jornalistas iluminaram questões relevantes na vida das mulheres, ainda pouco debatidas em meados do século XIX, por isso, concordo com a análise que Irene Susana Coromina realizou sobre o *Album de Señoritas*, e amplio a consideração para os demais impressos analisados nesta tese: “El *Álbum* representaba un nuevo espacio cultural; proponía un nuevo modo de observar, pensar y narrar la realidad; exigía de sus lectoras un nuevo modo de leer.”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> MANSO, Juana. [Correspondência]. Destinatário: María Mann. Nova York, 11 ago. 1867. Disponível em: <http://www.juanamanso.org>. Acessado em 10 de fevereiro de 2019.

<sup>2</sup> COROMINA, Irene Susana. El *Album de Señoritas* y la emancipación de la mujer. *Dialogía: Revista de Lingüística, Literatura y Cultura*, Madrid (Espanha), n. 3, p. 183, 2008.

Ao colocar no centro da análise personagens negligenciadas pela historiografia e impressos apagados da memória brasileira e argentina, desejei revelar novas facetas da história latino-americana. Nesse sentido, parafraseando Regina Crespo, indaguei: quais elementos são fundamentais para que um periódico se torne reconhecido? Por que é relevante estudar periódicos de curta e precária existência?<sup>3</sup> A própria autora mostrou que regularidade, longevidade e hegemonia cultural não são suficientes para garantir um lugar de destaque para um periódico.<sup>4</sup> Além disso, os impressos pouco estudados também merecem análises profundas. Nas palavras da autora:

Esas publicaciones forman parte del campo cultural latinoamericano, al lado de las revistas que se consagraron como polos de referencia. Si se quiere entender el desarrollo de la historia cultural de América Latina, hay que ampliar el espectro de análisis y proceder a trabajos pacientes y meticulosos de comparación, sin dejar que determinados esquemas de clasificación y jerarquización reduzcan y empobrezcan el trabajo analítico. La historia se hace también de ausencias y con muchos actores en el reparto.<sup>5</sup>

Mesmo tendo circulado por pouco tempo, não se pode deixar de reconhecer o valor do *Jornal das Senhoras*, do periódico *La Camelia* e *Album de Señoritas*, tendo em vista os desafios enfrentados pelas mulheres no início da segunda metade do século XIX: a necessidade de lançar um periódico sem apoio financeiro; o recebimento de críticas da sociedade e, provavelmente, da própria família; o desafio de romper com os preceitos que a ordem vigente lhes impunha. Portanto, considero que a relevância de um periódico está vinculada, também, aos seus objetivos, à linha editorial empreendida e aos impactos que eles geraram na vida das pessoas, e não apenas à popularidade; à tiragem; ao reconhecimento público de jornalistas, colunistas ou editores(as); ou ao reconhecimento da crítica da época.

As *periodistas* precisaram utilizar estratégias discursivas para tentar se manter na cena pública naquelas sociedades patriarcais e conservadoras, adotando, por exemplo, um discurso ordeiro num momento em que Brasil e Argentina estavam consolidando estabilidade política e social, após períodos de conflitos. Ou seja, partiram de preceitos recorrentes na época, mas conduziram-no num sentido inovador, que culminou na elaboração de projetos de emancipação, cujo cerne era a defesa dos direitos femininos.

Além da relevância das fontes impressas, gostaria de ressaltar a importância das perspectivas comparada e transnacional na condução deste trabalho, as quais contribuíram

---

<sup>3</sup> CRESPO, Regina. Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación. COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA Y CIENCIAS SOCIALES. Colima: Universidad de Colima (México), 2010, p. 9.

<sup>4</sup> *Idem.*

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 14.

para iluminar questões e ampliar os debates sobre os projetos feministas de emancipação. Conforme demonstrado, concluí que havia mais similitudes que diferenças nas pautas feministas elaboradas no Rio de Janeiro e Buenos Aires, naquele início de 1850. Além disso, os periódicos criados pelas mulheres e com evidente caráter de engajamento nas questões femininas apresentaram trajetórias comunicantes, marcadas pelas opressões patriarcais e pelo conservadorismo das sociedades em questão. Logo, ao olhar com lentes multifocais para meu objeto de estudos, encontrei importantes aproximações entre regiões do Brasil e da Argentina. Tais perspectivas de análise, somada às concepções da História Intelectual, me permitiram analisar com minúcia as ideias que Juana/Joanna Manso construiu nas páginas da imprensa, tornando esta mulher uma figura central nesta tese, a qual revelou-se como uma intelectual feminista transnacional.

Além disso, as leituras no âmbito dos estudos feministas nortearam as percepções sobre a atuação das mulheres oitocentistas, bem como o histórico esquecimento feminino nas fontes e nas reflexões acadêmicas, que estão articulados aos preconceitos e desconhecimento dos feminismos. Segundo a historiadora Diva do Couto Gontijo Muniz:

Reconhecer-se como “feminista” é atitude que, lamentável e incompreensivelmente, e também compreensivelmente, ainda causa certo desconforto e até mesmo algum constrangimento em quem assim se identifica. E isso não se dá por acaso, mas em razão do preconceito, descabido, mas ainda existente em nossa sociedade em geral, e no campo da história em particular, em pleno século XXI. Feminista, afinal, é palavra negativamente significada, e esta conotação pejorativa produz os efeitos de estranhamento, recusa, silenciamento e até mesmo explícita oposição por parte de muitos gregos e também de várias troianas.<sup>6</sup>

No mesmo sentido, Constância Lima Duarte constatou a resistência em torno do vocábulo “feminismo” no Brasil. Ela argumentou que a vitória dos movimentos feministas é inquestionável, ao nos depararmos com pautas que foram consideradas radicais no passado e que hoje fazem parte da nossa sociedade, como a presença das mulheres nas universidades, a candidatura feminina e a livre opção profissional.<sup>7</sup> No entanto, ainda vivemos um dilema, conforme revelou a autora:

Mas se esta foi a vitória do movimento feminista, sua grande derrota, a meu ver, foi ter permitido que um forte preconceito isolasse a palavra, e não ter conseguido se impor como motivo de orgulho para a maioria das mulheres. A reação desencadeada pelo antifeminismo foi tão forte e competente, que não só promoveu um desgaste semântico da palavra, como transformou a

---

<sup>6</sup> MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. *Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas*. OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 318, 2015.

<sup>7</sup> DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e literatura no Brasil*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151, 2003.

imagem da feminista em sinônimo de mulher mal amada, machona, feia e, a gota d'água, o oposto de “feminina”. Provavelmente, por receio de serem rejeitadas ou de ficarem “mal vistas”, muitas de nossas escritoras, intelectuais, e a brasileira de modo geral, passaram enfaticamente a recusar tal título. Também é uma derrota do feminismo permitir que as novas gerações **desconheçam a história das conquistas femininas, os nomes das pioneiras**, a luta das mulheres de antigamente que, de peito aberto, denunciaram a discriminação, por acreditarem que, apesar de tudo, era possível um relacionamento justo entre os sexos.<sup>8</sup>

Ainda que, após a publicação de Duarte, a América Latina vivenciou uma retomada dos feminismos entre as camadas mais jovens, ainda estamos distantes da consolidação de um conhecimento vasto sobre o tema e de dismantelar antigos estereótipos sobre as lutas das mulheres no passado.

Estudar o *periodismo* dirigido por mulheres e personagens como Juana/Joanna Manso me fez perceber os perigos do “esquecimento” das mulheres, da falta de conhecimento sobre suas ideias e da incompreensão sobre os feminismos. Penso ser urgente estimular releituras das produções femininas e o conhecimento mais refinado dos contextos históricos para a realização de análises mais coerentes – e talvez mais justas – da agência feminista na América Latina.

É certo que as *periodistas* feministas aqui estudadas influenciaram várias outras pessoas em seu tempo e posteriormente, pena que, ao propagar ideias ousadas, tenham recebido pejorativos julgamentos sociais. Os registros que elas deixaram nas páginas impressas revelaram o grande desejo de batalharem pelo futuro e de ajudarem a construir novas configurações de sociedade para as gerações vindouras. Sendo assim, as intelectuais e jornalistas oitocentistas não fracassaram, as pautas construídas nas páginas do *periodismo* carioca e portenho serviram de inspiração para outros(as) agentes históricos(as). Apesar de não terem desfrutado da efetivação dos projetos feministas de emancipação das mulheres, as Joanas, Rosas, Violantes e Gervazias deixaram importantes contribuições para a marcha da luta feminista na América Latina... continuamos em movimento!

---

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 151-152. [grifos meus]

## Fontes

- Periódicos portenhos:

*ALBUM DE SEÑORITAS*, Buenos Aires, 01/01/1854-17/02/1854. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]

*LA CAMELIA*, Buenos Aires, 11/04/1852-11/05/1852. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]

- Periódico carioca:

*JORNAL DAS SENHORAS*, Rio de Janeiro, 01/01/1852-30/12/1855. [Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro]

- Obras de Juana/Joanna Manso:

MANSO DE NORONHA, Juana. *Compendio de la historia de las Provincias Unidas del Rio de la Plata*. Buenos Ayres: Imp. y Lit. á vapor, de Bernheim y Boneo, Perú 147, 1862. [Acervo da Bibliothèque Nationale de France – Gallica]

MANSO, Juana. *Compendio de la historia de las Provincias del Rio de la Plata*. 9ª ed. Buenos Aires: Ángel Estrada, Bolivar 196 á 204, [1881]. [Acervo da Biblioteca Nacional de Maestros]

- Epistolário:

MANSO, Juana. [Correspondência]. Destinatário: María Mann. Nova York, 11 ago. 1867. Disponível em: <http://www.juanamanso.org>. Acessado em 10 de fevereiro de 2019.

SARMIENTO, Domingo. [Correspondência]. Destinatário: Juana Manso. Nova York, 11 jun. 1867. Disponível em: <http://www.juanamanso.org>. Acessado em 10 de fevereiro de 2019.

- Fontes impressas secundárias:

*A ABELHA*, Rio de Janeiro, 1856. [Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro]

*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1853; 1857. [Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro]

*CORREIO MERCANTIL*, Rio de Janeiro, 1855-1856. [Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro]

*CORREO DE COMERCIO*, Buenos Aires, 1810. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]

COUTINHO, Lino. *Cartas sobre a educação de Cora*. Bahia: Typographia de Carlos Pongetti, 1849. Disponível em: <http://lhs.unb.br/bertha/?p=409>. Acessado em 31 de outubro de 2018.

- EL PADRE CASTAÑETA*, Buenos Aires, 1852. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]
- GAZETA DO RIO DE JANEIRO*, Rio de Janeiro, 1808. [Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro]
- JORNAL DO COMMERCIO*, Rio de Janeiro, 1857. [Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro]
- LA ALJABA*, Buenos Aires, 1830. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]
- LA ALBORADA DEL PLATA*, Buenos Aires, 1877-1878; 1880. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]
- LA ILUSTRACION ARGENTINA*, Buenos Aires, 1853. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]
- MARMOTA FLUMINENSE*, Rio de Janeiro, 1857. [Acervo da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro]
- SEMANARIO DE AGRICULTURA, INDUSTRIA Y COMERCIO*, Buenos Aires, 1802. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]
- TELEGRAFO MERCANTIL*, Rio de la Plata, 1801. [Acervo da Biblioteca Nacional de la República Argentina – Mariano Moreno]



## Bibliografia

### - História comparada e transnacional

- BARROS, José D'Assunção. História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. *História Social*, Campinas/SP, nº 13, p. 7-21, 2007.
- BLOCH, Marc. Para uma história comparada das sociedades europeias. In: \_\_\_\_\_. *História e historiadores*. Lisboa: Teorema, 1998.
- FAUSTO, Boris; DEVOTO, Fernando J. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- GRUZINSKY, Serge; BERNAND, Carmen. *História do Novo Mundo: da descoberta à conquista, uma experiência europeia (1492-1550)*. Trad. de Cristina Murachco. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- GRUZINSKY, Serge. O historiador, o macaco e a centaura: a 'história cultural' no novo milênio. *Estudos Avançados*, São Paulo, 17 (49), p. 321-342, 2003.
- HEINZ, Flavio M.; KORNDÖRFER, Ana Paula. Comparações e comparatistas. In: HEINZ, Flavio M (Org.). *Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. América Latina: historia comparada, historias conectadas, historia transnacional. *Anuario de la Escuela de Historia*, Rosario (Argentina), nº 24, p. 9-22, 2011-2012.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Repensando a história comparada da América Latina. *Revista de História*, São Paulo, n. 153, p. 11-33, 2005.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected histories: Notes towards a reconfiguration of early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Cambridge University Press (Inglaterra), vol. 31, nº 3, p. 735-762, jul. 1997. Disponível em: [https://warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/staff/gurminderkbhambra/research/iasproject/1/2/subrahmanyam\\_connected\\_histories.pdf](https://warwick.ac.uk/fac/soc/sociology/staff/gurminderkbhambra/research/iasproject/1/2/subrahmanyam_connected_histories.pdf). Acessado em novembro de 2014.
- XAVIER, Ângela Barreto; SANTOS, Catarina Madeira. Entrevista a Sanjay Subrahmanyam. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, v. 24, p. 225-268, 2007. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cultura/904>. Acessado em novembro de 2014.
- WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, São Paulo, n. 14, p. 9-36, jan./jun. 2013.

### - História da imprensa e contexto impresso

- ANDRADE, Marcos Ferreira de; SILVA, Janaína de Carvalho. Moderados, exaltados e caramurus no prelo carioca: os embates e as representações de Evaristo Ferreira da Veiga (1831-1835). *Almanack Guarulhos*, Guarulhos (SP), n. 04, p. 130-148, 2º sem. 2012.
- ANTELO, Raúl. O Jornal da Senhora de Noronha. *Cuadernos de Literatura*, Bogotá (Colômbia), v. XX, n. 39, p. 201-228, ene./jun. 2016.
- ARAMBEL-GUIÑAZÚ, María Cristina; MARTIN, Claire Emilie. *Las mujeres toman la palabra: escritura femenina del siglo XIX*. Tomo I. Madri: Iberoamericana; Frankfurt: Volvert, 2001.
- AREA, Lelia. El periódico *Álbum de Señoritas* de Juana Manso (1854): una voz doméstica en la fundación de una nación. *Revista Iberoamericana*, Vol. LXIII, Nºs 178-179, p. 149-171, Ene./Jun. 1997.

- ASTORGANO ABAJO, Antonio. Juan Hipólito Vieytes. In: *Diccionario biográfico*. Madri: Real Academia de la Historia. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/16332/juan-hipolito-vieytes>. Acessado em 20 de setembro de 2018.
- AUZA, Néstor. *Periodismo y feminismo en la Argentina (1830-1930)*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1988.
- BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História e Sociedade, na Universidade Estadual Paulista, 2016.
- BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2018.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1800-1900*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. *Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*. São Paulo, v. 18, n. 2, p. 84-101, jul./dez. 1995.
- BELTRAN, Oscar R. *Historia del periodismo argentino: pensamiento y obra de los forjadores de la patria*. Buenos Aires: Editorial Sopena Argentina, 1943.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Vols. 1-7. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.
- BOCCO, Andrea. *Literatura y periodismo (1830-1861): tensiones y interpenetraciones en la conformación de la literatura argentina*. Córdoba: Editorial Universitas, 2004.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. *Imprensa feminina*. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. A imprensa periódica como fonte para a história do Brasil. In: V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1971, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Gráfica da FFLCH/USP, 1971, p. 225-239.
- CANEPA, Gina. Escritoras y vida pública en el siglo XIX. Liberalismo y alegoría nacional. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palabra, literatura e cultura*. Tomo 2. Emancipação do discurso. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: UNICAMP, 1993.
- CANO, Inés. El movimiento feminista argentino en la década de 1970. *Todo es historia*, Buenos Aires, Año XVI, nº 183, 1982.
- CARNERO, Guillermo. Francisco Antonio Evaristo Cabello y Mesa. In: *Diccionario biográfico*. Madri: Academia Real de la Historia. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/52927/francisco-antonio-evaristo-cabello-y-mesa>. Acessado em 20 de setembro de 2018.
- CAVALCANTE, Alcilene. A representação da ditadura civil-militar argentina no filme *Camila*. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, julho de 2001, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2001. p. 1-11.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara. Apolo e Mársias: certame ou duelo musical? Abordagem mitológica da dualidade simbólica entre a líra e o aulós. *Classica*, São Paulo, v. 25, p. 61-78, 2013.
- CERQUEIRA, Fábio Vergara; CARDERARO, Lidiane C. Dionísio e Ariadne sob a harmonia de Apolo: uma leitura iconográfica da música no cortejo nupcial. *Interfaces Brasil/Canadá*, Canoas, v. 15, n.1, p. 127-151, 2015.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, jan./abr. 1991.
- CHARTIER, Roger. Roger Chartier entrevistado por Robert Darnton. *MATRIZES*, São Paulo, nº 2, Ano 5, p. 159-177, jan./jun. 2012.

- CRESPO, Regina. Las revistas y suplementos culturales como objetos de investigación. COLOQUIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA Y CIENCIAS SOCIALES. Colima, Universidad de Colima (México), 2010. CD-ROM, p. 1-15.
- DUARTE, Constância Lima. A mulher e o jornalismo: contribuição para uma história da imprensa feminista. In: AUAD, Sylvia Maria Von Atzingen Venturoli (Org.). *Mulher: Cinco séculos de desenvolvimento na América – Capítulo Brasil*. Belo Horizonte: Federação Internacional de Mulheres da Cerreira Jurídica, CREZ/MG, Centro Universitário Newton Paiva, IA/MG, 1999.
- DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- DE MARCO, Miguel Ángel. *Historia del periodismo argentino: desde los orígenes hasta el centenario de Mayo*. Buenos Aires: Educa, 2006.
- EUJANIÁN, Alejandro. La cultura: público, autores y editores. In: BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva Historia Argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.
- FEIJÓO, María del Carmen. Gabriela Coni. Feminismo y socialismo. *Todo es historia*, Buenos Aires, 175/183, 1981-1983.
- FEIJÓO, María del Carmen. *Las feministas*. Buenos Aires: CEAL, 1980.
- FERNANDEZ, Juan Romulo. *Historia del periodismo argentino*. Primer premio del concurso organizado por el Circulo de la Prensa. Buenos Aires: Librería Perlado Editores, 1943.
- FLORES, Giovanna Benedetto. O Jornal das Senhoras e a subjetivação do feminino no jornal dedicado as mulheres. In: ENCONTRO REGIONAL SUL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2014, Florianópolis. *Anais eletrônicos*. Florianópolis: Alcar Sul, 2014. Disponível em: <http://alcarsul2014.sites.ufsc.br/wp-content/uploads/2014/10/gthistoriografiadamedia-Giovanna-B-Flores.dc-1.pdf>. Acessado em 1 de fevereiro de 2019.
- GAGLIANO, Rafael S. Manuel Belgrano: dilemas del pensamiento educativo de un ilustrado católico y revolucionario. In: BELGRANO, Manuel. *Escritos sobre educación*. Selección de textos. Buenos Aires: UNIPE, 2011.
- GIRON, Luís Antônio. *Minoridade Crítica: a ópera e o teatro nos folhetins da Corte: 1826-1861*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- GOLDMAN, Noemí. Libertad de imprenta, opinión pública y debate constitucional en el Río de la Plata (1810-1827). *Prismas*. Revista de Historia Intelectual, Bernal (Argentina), n. 4, p. 9-20, 2000.
- GOLDMAN, Noemí. Opinión Pública. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Lenguaje y revolución*. Conceptos políticos clave en el Río de la Plata, 1780-1850. Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- GUIDOTTI, Marina Liliana. Juana Manuela Gorriti, una periodista argentina del siglo XIX. *Caracol 2*, São Paulo, n. 2, p. 42-72, 2011.
- LANDRUS, Vanessa. Mujeres al mando de la imprenta: la educación científica de la mujer en la prensa femenina argentina del siglo XIX. *Revista Iberoamericana*, vol. LXXVII, n. 236-237, p. 717-730, jul./dic. 2011.
- LEVIN, Ornan Messer. O teatro e os gêneros do XIX – o palco e leitura. O programa teatral brasileiro antes do Romantismo (1822-1838) – gêneros. In: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, julho de 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2011. p. 1-13.
- LOBO, Luiza. Juana Manso: uma exilada em três pátrias. *Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, p. 47-48, 1º sem. 2009.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

- MACIEL, Laura Antunes. Imprensa, história e memória: da unicidade do passado às outras histórias. *Patrimônio e Memória*, UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n. 2, p. 58-81, dez. 2009.
- MARTINCHUK, Ernesto. El Círculo de la Prensa en la historia del periodismo argentino. Disponível em: <http://www.escueladeperiodismo.edu.ar/el-circulo-de-la-prensa-en-la-historia-del-periodismo-argentino/>. Acessado em 28 de fevereiro de 2017.
- MARTINS, Ana Luiza. Imprensa em tempos de império. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MASIELLO, Francine (Comp.). *La mujer y el espacio publico: el periodismo femenino en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- MOLINA, Matías M. *História dos jornais no Brasil: da era colonial à Regência (1500-1840)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- MORAÑA, Mabel. Revistas culturales y mediación letrada en América Latina. *Otra Travesía*, Ilha de Santa Catarina, nº 40/1, p. 67-74, 2º sem. 2003.
- MOREL, Marco. *As transformações dos espaços públicos: imprensa, atores políticos e sociabilidades na Cidade Imperial, 1820-1840*. São Paulo: Hucitec, 2005.
- MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- MUZART, Zahidé. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v.11, n.1, 2003.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Josefa Barreto. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Mulheres de faca na bota: escritoras e política no século XIX. *Anuário de Literatura*, Florianópolis (SC), p. 149-162, 1996.
- OLIVERO, Sandra Fabiana. Manuel Belgrano González. In: *Diccionario biografico*. Madri: Real Academia de la Historia. Disponível em: <http://dbe.rah.es/biografias/12955/manuel-belgrano-gonzalez>. Acessado em: 20 de setembro de 2018.
- PALERMO, Alicia Itatí. El acceso de las mujeres a la educación universitaria. *Revista Argentina de Sociología*, Buenos Aires, nº 7, p. 11-46, 2006.
- PAS, Hernán. Eugène Sue en Buenos Aires: edición, circulación y comercialización del folletín durante el rosismo. *Varia História*, Belo Horizonte, p. 193-225, v. 34, n. 64, jan./abr. 2018.
- PATIÑO, Roxana. América Latina. Literatura e crítica em revista(s). In: SOUZA, Eneida M. de; MARQUES, Reinaldo (Orgs.). *Modernidades alternativas na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- PESSOA, Fernando. *Alberto Caeiro: poemas completos*. São Paulo: Nobel, 2008.
- PITA GONZÁLEZ, Alexandra. Las revistas culturales como fuente de estudio de redes intelectuales. In: PALÁCIO MONTIEL, Celia del; MARTÍNEZ MENDOZA, Sarelly (Coord.). *Voces en papel*. La prensa en Iberoamérica de 1792 a 1970. México: Universidad Autónoma de Chiapas, 2008.
- PITA GONZÁLEZ, Alexandra; GRILLO, Maria del Carmen. Una propuesta de análisis para el estudio de revistas culturales. *Revista Latinoamericana de Metodología de las Ciencias Sociales*, Buenos Aires, vol. 5, n. 01, p. 1-30, jun. 2015. Disponível em:

- <http://www.relmecs.fahce.unlp.edu.ar/article/view/relmecs05n01a06>. Acessado em 1 de setembro de 2015.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p. 3-15, 1989.
- ROCCA, Pablo. Por qué, para qué una revista (sobre su naturaleza y su función en el campo cultural latinoamericano). *Hispanoamerica*, Espanha, año 33, nº 99, p. 3-19, dez. 2004.
- SABATO, Hilda. La vida pública en Buenos Aires. In: BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva historia argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.
- SARLO, Beatriz. Intelectuales y revistas: razones de una práctica. *America: Cahiers du CRICAL*, París (França), n. 9-10, p. 9-16, 1992.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4ª ed. São Paulo: Mauad, 1999.
- SOLARI, Manuel Horacio. *Historia de la educación argentina*. 13ª reimp. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1991.
- SOSA DE NEWTON, Lily. Cien años de periodismo. In: GIL LOZANO, Fernanda; PITA, Valeria Silvina; INI, María Gabriela (Dir.). *Historia de las mujeres en la Argentina. Colonia y siglo XIX*. Buenos Aires: Taurus, 2000.
- SOSA DE NEWTON, Lily. Las periodistas. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, 639, p. 13-21, sept. 2003.
- TELLES, Norma. Fragmentos de um mosaico: escritoras brasileiras do século XIX. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, ago./dez. 2005. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys8/literatura/norma.htm>. Acessado em 12 de novembro de 2016.
- VÁZQUEZ, Ana Eugenia. La novela argentina y la importación cultural en el siglo XIX. *Exlibris: Revista del Departamento de Letras (Universidad de Buenos Aires)*, Buenos Aires, p. 475-486, 2016.
- WASSERMAN, Fabio. La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. *Almanack Brasiliense*, São Paulo, n. 10, p. 130-146, nov. 2009.

#### **- História das mulheres, estudos de gênero e feminismos**

- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.
- ANDRADE, Valéria. Dramaturgas brasileiras no século XIX: escritura, sufragismo e outras transgressões. *Plural Pluriel – revue des cultures de langue portugaise*, Nanterre (França), n. 8, p. 1-26, printemps-été 2011. Disponível em: [http://revue1-13.pluralpluriel.org/?fbclid=IwAR2r7mtP9-fjqselBCEFBZ-SYjF4rZC2rNg17p-9xHV\\_4nr7Mg86hLDThXA](http://revue1-13.pluralpluriel.org/?fbclid=IwAR2r7mtP9-fjqselBCEFBZ-SYjF4rZC2rNg17p-9xHV_4nr7Mg86hLDThXA). Acessado em 12 de fevereiro de 2019.
- BALBUENA, Yamila; CONSTANZA, Canela. Feminismo y historia de las mujeres en la historiografía posdictadura. VII JORNADAS DE SOCIOLOGÍA DE LA UNLP, 5 al 7 de diciembre de 2012, La Plata (Argentina).
- BARRANCOS, Dora. Historia, historiografía y género. Notas para la memoria de sus vínculos en la Argentina. *Revista de Historia Social e Mentalidades*, Santiago, vol. 1/2, p. 35-65, 2004.
- BARRANCOS, Dora. *Inclusión/exclusión: historia con mujeres*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- BARRANCOS, Dora. *Mujeres en la sociedad argentina: una historia de cinco siglos*. 2ª ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2007. [e-book]

- BLAY, Eva; AVELAR, Lucia (Orgs.). *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile. A construção das mulheres como atores políticos e democráticos*. São Paulo: Edusp, 2017.
- BLAY, Eva Alterman; CONCEIÇÃO, Rosana R. da. A mulher como tema nas disciplinas da USP. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, (76), p. 50-56, fev. 1991.
- CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, (4), p. 37-47, 1995.
- COLLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção histórica do corpo feminino*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.
- COROMINA, Irene Susana. El *Album de Señoritas* y la emancipación de la mujer. *Dialogía: Revista de Linguística, Literatura y Cultura*, Madrid (Espanha), n. 3, p. 169-186, 2008.
- COSTA, Cláudia de Lima. As teorias feministas nas Américas e a política transnacional da tradução. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), v. 8, n. 2, p. 1-6, 2000.
- COSTA, Cláudia de Lima; ALVAREZ, Sonia. Translocalidades: por uma política feminista da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17 (3), p. 739-742, set./dez. 2009.
- COSTA, Cláudia de Lima. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. *Fragmentos*, Florianópolis (SC), n. 39, p. 45-59, jul./dez. 2010.
- DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico. In: MANSO, Juana. *Mistérios Del Plata: romance histórico contemporâneo*. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015.
- DE GIORGIO, María Julia. *Juana Manso*. Disponível em: <http://www.juanamanso.org/su-vida/>. Acessado em 06 de fevereiro de 2019.
- DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.
- DE LUCA, Leonora. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 12, p. 275-299, 1999.
- DIAS, Maria Odila. Resistir e sobreviver. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Novas subjetividades na pesquisa histórica feminista: uma hermenêutica das diferenças. *Estudos Feministas*, Florianópolis (SC), nº 2, p. 373-382, 1994.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DOS SANTOS, Estela. *Las mujeres peronistas*. Buenos Aires: CEAL, 1983.
- DUARTE, Constância Lima. Do escravismo cristão ao abolicionismo. In: DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra*. 2ª ed. rev. Natal, RN: EDUFRRN – Editora da UFRN, 2008.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151-172, 2003.
- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: Vida e Obra*. 2ª ed. rev. Natal, RN: EDUFRRN – Editora da UFRN, 2008.
- EL SAADAWI, Nawal. *A face oculta de Eva: as mulheres no mundo árabe*. São Paulo: Global Editora, 2002.
- ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ESTEVEZ, Martha de Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FEITOZA, Tatiana Mariano. *Los misterios del Plata: literatura de autoria feminina e rosismo na Argentina do século XIX*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

- FEMENÍAS, María Luisa. Esbozo de un feminismo latinoamericano. *Estudios Feministas*, Florianópolis, 15(1), p. 11-25, jan./abr. 2007.
- FEMENÍAS, María Luisa. Género y feminismo en América Latina. *Debate Feminista*, UNAM (México), vol. 40, p. 42-74, out. 2009.
- FLETCHER, Lea. Juana Manso: una voz en el desierto. In: FLETCHER, Lea (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade e política*. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Trad. de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. Os paradoxos de um discurso “feminista”. In: FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de Outrora: Viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de Outrora: Viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.
- GÁLVEZ, Lucía. La mujer en la conquista del río de la Plata y Tucumán. *Todo es historia*, Buenos Aires, n. 232, 1986.
- GÓMEZ, Amanda. Elvira López: pionera del feminismo en la Argentina. *Cuyo: Anuario de Filosofía Argentina e Americana*, Mendoza (Argentina), v. 32, n. 1, p. 17-37, 2015.
- HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Trad. de Eliane Lisboa. Apres. de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- HAHNER, June E. Honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- HENAULT, Mirta. *Alicia Moreau de Justo*. Buenos Aires: CEAL, 1983.
- HENAULT, Mirta. La incorporación de la mujer al trabajo asalariado. *Todo es historia*, Buenos Aires, n. 183, 1983.
- HERNÁNDEZ VEGA, Gabriela. Educadora Juana Paula Manso. Precursora del feminismo en el sur del continente americano (1819-1875). *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Boyacá (Colombia), v. 13, n. 17, p. 347-362, jul./dic. 2011.
- HERNÁNDEZ VEGA, Gabriela. El sentido civilizatorio en el pensamiento de Juana Manso: Argentina 1819-1875. In: SOTO ARANGO, Diana Elvira et al (Eds.). *Educadores en América Latina y el Caribe. De la Colonia a los siglos XIX y XX*. Colombia: Ediciones Doce Calles, 2011.
- HOLANDA, Heloisa Buarque de. Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira abordagem. Disponível em: <https://www.heloisabuarquedehollandia.com.br/os-estudos-sobre-mulher-e-literatura-no-brasil-uma-primeira-abordagem-9/>. Acessado em 06 de fevereiro de 2019.
- hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Trad. de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- JOSIOWICZ, Alejandra Judith. Juana Manso no Brasil: cidadania, educação e cosmopolitismo. *Revista Brasileira de História da Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 1-22, 2018.
- KAUFFMANN, Carollina. Juana Manso: lo dicho, lo susurrado y lo no dicho de una educacionista argentina del siglo XIX. In: BRAVO JÁUREGUI, Luis; ZAMBRANO, Gregory (Eds.). *Mujer, cultura y sociedad en América Latina*. Caracas: Universidad Central de Venezuela; Universidad de Los Andes, 2001.
- LA OFICINA de Violencia doméstica presentó las estadísticas del primer trimestre del año. *Centro de Información Judicial*, 17 may. 2018. Disponível em: <https://www.cij.gov.ar/nota-30317-La-Oficina-de-Violencia-Dom-stica-present--las-estad-sticas-del-primer-trimestre-del-a-o.html>. Acessado em 21 de janeiro de 2019.

- LAVRIN, Asunción. *Mujeres, feminismo y cambio social en Argentina, Chile e Uruguay 1890-1940*. Santiago (Chile): Ediciones de la Dirección de Bibliotecas, Archivos y museos, 2005.
- LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX: antologia de textos de viajantes estrangeiros*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Adèle Toussaint-Samson em dose dupla. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, nº 2, mai./ago. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200020). Acessado em 22 de julho de 2018.
- LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.
- LEWKOWICZ, Lidia F. Juana Manso. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid (Espanha), p. 41-46, sept. 2003.
- LIMA, Joelma Varão. *O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. A emergência do “gênero”. In: LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.
- LOZANO, Fernanda Gil; PITA, Valeria Silvina; INI, María Gabriela (Dir.). *Historia de las mujeres en la Argentina*. Buenos Aires: Taurus, 2000.
- MACENA, Fabiana. Liberdade aos infelizes escravizados: mulheres, política e abolicionismo em Minas Gerais (1850-1888). In: MAIA, Cláudia de Jesus; PUGA, Vera Lúcia (Orgs.). *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2015.
- MAIA, Cláudia. Gênero e historiografia: um novo olhar sobre o passado das mulheres. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 209-226, jul./dez. 2015.
- MAIA, Cláudia. Julia Lopes de Almeida. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. 2ª ed. Dourados (MS): Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. p. 434-438.
- MAIA, Cláudia; SANTOS, Patrícia Lessa. Maria Lacerda de Moura: crítica à família burguesa e à exploração feminina. In: MAIA, Cláudia; PUGA, Vera. *História das mulheres e do gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015. p. 97-121.
- MARTÍNEZ PRADO, Natalia. La emergencia del feminismo en la Argentina: un análisis de las tramas discursivas a comienzos del siglo XX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 71-97, jan./abr. 2015.
- MATAIX, Remedios. Antídotos del destierro. La escritura como desexilio em Juana Paula Manso. Alicante (Espanha): Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/obra/antidotos-del-destierro-la-escritura-como-desexilio-en-juana-paula-manso/>. Acessado em 07 de fevereiro de 2019.
- MIÑOSO, Yuderkys Espinosa (Coord.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latinoamericano*. Buenos Aires: En la Frontera, 2010.
- MONTEIRO, Luíra Freire. Uma Maria em migalhas: cotidiano e vida privada de Maria II de Portugal. Disponível em: [https://www.academia.edu/23008251/UMA\\_MARIA\\_EM\\_MIGALHAS\\_COTIDIANO\\_E\\_VIDA\\_PRIVADA\\_DE\\_MARIA\\_II\\_DE\\_PORTUGAL?auto=download](https://www.academia.edu/23008251/UMA_MARIA_EM_MIGALHAS_COTIDIANO_E_VIDA_PRIVADA_DE_MARIA_II_DE_PORTUGAL?auto=download). Acessado em 16 de outubro de 2019.



- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e história das mulheres: leituras cruzadas. *OPSSIS*, Catalão, v. 15, n. 2, p. 316-329, 2015a.
- MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Mulheres na historiografia: práticas de silêncio e de inclusão diferenciada. In: STEVENS, Cristina *et al.* (Org.). *Gênero e feminismo: convergências (in)disciplinares*. Brasília/DF: Ex Libris, 2010.
- MUNIZ, Diva Couto Gontijo. Professoras de Minas e das Gerais: desenho inconcluso de suas memórias e histórias. In: MAIA, Cláudia; PUGA, Vera Lúcia (Orgs.). *História das Mulheres e do Gênero em Minas Gerais*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2015b.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A cidade das mulheres: Mariana Coelho uma feminista brasileira. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Mariana Coelho: a evolução do feminismo – subsídios para a sua história*. 2ª ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.
- MUZART, Zahidé L. Juana Manso, uma voz subversiva. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata: romance histórico contemporâneo*. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- OSTA VÁZQUEZ, María Laura. Uma síntese da história das mulheres na Argentina. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 17(3), p. 921-935, set./dez. 2009.
- PAGLIARULO, Elisabetta. Juana Paula Manso (1819-1875): presencia femenina indiscutible en la educación y en la cultura argentina del siglo XIX, con proyección americana. *Revista Historia de la Educación Latinoamericana*, Boyacá (Colombia), v. 13, n. 17, p. 17-42, jul./dic. 2011.
- PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 22, p. 270-283, jan./jun. 2011.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Trad. de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Orgs.). *História das mulheres no Ocidente*. Porto: Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1993.
- PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). *Historia de las mujeres en Occidente*. Madrid: Taurus, 1993.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. 3ª ed. Trad. de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- PIUCCO, Nanceli. Anne Dacier, a tradutora francesa dos clássicos gregos e latinos. *Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária*, Anápolis, v. 3, n. 1, p. 111-124, jan./jun. 2011.
- PRADO, Débora; SANEMATSU, Marisa. Pesquisa Violência doméstica e familiar contra a mulher (DataSenado/OMV, 2017). *Instituto Patrícia Galvão*, São Paulo. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/pesquisa-violencia-domestica-e-familiar-contra-a-mulher-datasenado-omv-2017/>. Acessado em 21 de janeiro de 2019.
- PRADO, Maria Ligia; FRANCO, Stella Scatena. Participação feminina no debate público brasileiro. In: PINSKY, Carla Bessanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 194-217.
- RAGO, Elizabeth Juliska. *Outras falas: feminismo e medicina na Bahia (1836-1931)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

- RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). *Cultura histórica em debate*. São Paulo: UNESP, 1995.
- RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas (SP), n. 11, p. 89-98, 1998.
- RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- RAGO, Margareth. Escritas de si, parrésia e feminismos. In: VEIGA-NETO, Alfredo; CASTELO BRANCO, Guilherme. (Orgs.). *Foucault, filosofia e política*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 251-267.
- RAGO, Margareth. O efeito-Foucault na historiografia brasileira. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 7, n. 1-2, p. 67-82, out. 1995.
- RAGO, Margareth. Prefácio: em defesa da escrita feminina. In: TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil. Século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.
- RUSSOTO, Mária. Punta y pomo del discurso: la voz femenina en la poesía latinoamericana. In: PIZARRO, Ana (Org.). *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Tomo 2. Emancipação do discurso. São Paulo: Memorial da América Latina; Campinas: UNICAMP, 1993.
- SAMARA, Eni de Mesquita. *As mulheres, o poder e a família: São Paulo século XIX*. São Paulo: Marco Zero; Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, 1989.
- SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. Trad. de Rose Barboza. *e-cadernos CES*, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra (Portugal), 18, p. 106-131, 2012.
- SILVA GUIVANT, Julia. *A visível Eva Perón e o invisível rol político feminino*. Dissertação de Mestrado em Sociologia defendida na Universidade Estadual de Campinas, 1980.
- SILVA GUIVANT, Julia. *Memorial de atividade acadêmica*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p. 9. Disponível em: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176891/MAA\\_Julia%20Silvia%20Guivant.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/176891/MAA_Julia%20Silvia%20Guivant.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acessado em 22 de abril de 2018.
- SCOTT, Ana Silvia. O caleidoscópio dos arranjos familiares. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). *Nova história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 15-16.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n° 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SCOTT, Joan W. Prefácio a GENDER AND POLITICS OF HISTORY. *Cadernos Pagu*, Campinas, 3, p. 11-27.
- SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- SOIHET, Rachel. *Feminismos e antifeminismos: mulheres e suas lutas pela conquista da cidadania plena*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 54, v. 27, p. 281-300, dez. 2007.

- SOSA DE NEWTON, Lily. *Las argentinas de ayer y de hoy*. Buenos Aires: Zanetti, 1967.
- SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. 3ª ed. Buenos Aires: Plus, 1986.
- SOUTHWELL, Myriam. Juana P. Manso (1819-1875). *Perspectivas: Revista Trimestral de Educación Comparada*, Paris (França), vol. XXXV, n. 1, p. 2-19, mar. 2005.
- SOUTO, Bárbara Figueiredo. “*Senhoras do seu destino*”: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Alvares de Azevedo – projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira (1873-1894). Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2013.
- SOUTO, Bárbara Figueiredo. Uma viajante interna: Josephina Alvares de Azevedo e suas impressões feministas, na segunda metade do século XIX. *Labrys: Estudos Feministas*, Brasília, p. 1-24, jan./jun. 2016.
- SOUZA, Flavia Fernandes de. Escravas do lar: as mulheres negras e o trabalho doméstico na corte imperial. In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio (Orgs.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.
- SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. *Textos de História*, Brasília, nº1/2, v. 8, p. 47-84, 2000.
- TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil. Século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- TILLY, Louise A. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu*, Campinas, 3, p. 29-62, 1994.
- VARIKAS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. *Cadernos Pagu*, Campinas, 3, p. 63-84, 1994.
- VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- VEIGA, Ana Maria. Estudos de gênero na Argentina – olhares contemporâneos sobre o tema. Entrevista com Andrea Andújar e Alejandra Ciriza. *História Unisinos*, São Leopoldo (RS), v. 14, n. 2, p. 226-232, mai./ago. 2010.
- VILLELA, Heloisa de O. S. O mestre-escola e a professora. In: LOPES, Eliane Maria Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- WAINERMANN, Catalina; NAVARRO, Marysa. *El trabajo de la mujer en la Argentina: Un análisis preliminar de las ideas dominantes en las primeras décadas del siglo XX*. Buenos Aires: CENEP, 1979.
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, s/d. [copyright 1928].
- ZUCCOTTI, Liliana. Gorriti, Manso: de las veladas literarias a “Las conferencias de maestra”. In: FLETCHER, Lea (Comp.). *Mujeres y cultura en la Argentina del siglo XIX*. Buenos Aires: Feminaria Editora, 1994.

#### **- História política e intelectual**

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008.
- ALVAREZ, Sonia E. Construindo uma política feminista translocal da tradução. *Estudos Feministas*, Florianópolis, p. 743-753, set./dez. 2009.
- AMANTE, Adriana. *Poéticas y políticas del destierro: argentinos en Brasil en la época de Rosas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- BAGGIO, Kátia Gerab. *A “outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 1999.
- BAGGIO, Kátia Gerab. Dos trópicos ao Prata: viajantes brasileiros pela Argentina nas primeiras décadas do século XX. *História Revista*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 425-445, jul./dez. 2008.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, nº 11, p. 89-117, mai./ago. 2013.
- BARRANCOS, Dora. La vida cotidiana. In: LOBATO, Mirta Zaida (Dir.). *Nueva historia argentina: el progreso, la modernización y sus límites (1880-1916)*. Buenos Aires: Sudamericana, 2000.
- BASILE, Marcello Otávio Neri de Campos. *Anarquistas, rusguentos e demagogos: os liberais exaltados e a formação da esfera pública na Corte Imperial (1829-1834)*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- BETHELL, Leslie. O Brasil no mundo. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *A construção nacional (1830-1889)*. V. 2. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA; Madrid: Fundación Mapfre, 2012.
- BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva Historia Argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.
- BONAUDO, Marta; SONZOGNI, Élica. Los grupos dominantes entre la legitimidad y el control. In: BONAUDO, Marta (Dir.). *Nueva historia argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.
- BOTO, Carlota. A dimensão iluminista da reforma pombalina dos estudos: das primeiras letras à universidade. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 282-299, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação*. Organização de Daniel Lins. Campinas: Papyrus, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. A vida política. In: CARVALHO, José Murilo de (Coord.). *A construção nacional (1830-1889)*. V. 2. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA; Madrid: Fundación Mapfre, 2012.
- CARVALHO, José Murilo. História intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 1, nº 1, p. 123-152, jan./dez. 2000.
- COSTA, Adriane Vidal. Intelectuais públicos na América Latina: o debate sobre a função do intelectual na revista *Casa de las Américas* em fins da década de 1960. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; SANTHIAGO, Ricardo (Orgs.). *História pública no Brasil: sentidos e itinerários*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 299-312.
- CRESPO, Horácio. El erudito coleccionista y los orígenes del americanismo. In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: formação do Estado e civilização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

- EUJANIÁN, Alejandro. La cultura: publico, autores y editores. In: BONAUDO, Marta. *Nueva historia argentina: liberalismo, Estado y orden burgués (1852-1880)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1999.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; ROSA, Walquíria Miranda (Orgs.). *Educação elementar: Minas Gerais na primeira metade do século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane Marta de Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Trad. de Raquel Ramalhte. 32ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Luzes e sombras na construção da nação argentina: os manuais de história nacional (1868-1912)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- GÁLVEZ, Lucía. La segunda mitad del siglo. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid (Espanha), p. 7-12, sept. 2003.
- GASPARIN, João Luis. As ideias de Pestalozzi no Brasil. In: SÖETARD, Michel. *Johann Pestalozzi*. Trad. de Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Ciriello Mazzetto. Organização de João Luis Gasparin. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- GOLDMAN, Noemí. Opinión publica. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Lenguaje y revolución*. Conceptos políticos clave en el Río de la Plata (1780-1850). Buenos Aires: Prometeo, 2008.
- GOMES, Angela de Castro. Aventuras e desventuras de uma autora e editora portuguesa: Ana de Castro Osório e suas viagens ao Brasil. In: GOMES, Angela de; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GOMES, Angela de; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais mediadores*. Práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- GONÇALVES, Sheila Lopes Leal. *O teatro e o político: práticas sociais no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1830-1850)*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Ouro Preto, 2017.
- RODRIGUES, Helenice. O intelectual no “campo” cultural francês: do “caso Dreyfus” aos tempos atuais. *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 395-413, jul. 2005.
- KANT, Immanuel. *Sobre a pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. 2ª ed. rev. Piracicaba (SP): Editora Unimep, 1999.
- LEMPÉRIÈRE, Annick. Los hombres de letras hispanoamericanos y el proceso de secularización (1800-1850). In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- MAUAD, Ana Maria. Imagem e auto-imagem do Segundo Reinado. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de (Org.). *História da vida privada no Brasil 2: Império: a Corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MELLO, Juliana Oakim Bandeira de. O abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro durante o período joanino. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, nº 4, p. 159-167, 2010.
- MORAÑA, Mabel; GUSTAFSON, Bret (Eds.). *Rethinking Intellectuals in Latin America*. Iberoamericana: Madrid; Vervuert: Frankfurt, 2010.

- MYERS, Jorge. El letrado patriota: los hombres de letras hispanoamericanos en la encrucijada del colapso del imperio español en América. In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008.
- MYERS, Jorge. Introducción al volumen I. In: ALTAMIRANO, Carlos (Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina. La ciudad letrada, de la conquista al modernismo*. Vol. I. Buenos Aires: Katz, 2008.
- MYERS, Jorge. La revolución en las ideas: la generación romántica de 1837 en la cultura y en la política argentinas. In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: Revolución, República, Confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- NEVES, Fátima Maria. *O método lancasteriano e o projeto de formação disciplinar do povo* (São Paulo, 1808-1889). Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP), 2003.
- OLAZA PALLERO, Sandro. Valentín Alsina: jurista, político y publicista de la república provincial de Buenos Aires a la creación de una Nación. In: ORTIZ, Tulio (Coord.). *Nuevos aportes a la historia de la Facultad de Derecho de la Universidad de Buenos Aires*. Buenos Aires: Facultad de Derecho – Universidad de Buenos Aires, 2014.
- ORO, Ari Pedro; URETA, Marcela. Religião e política na América Latina: uma análise da legislação dos países. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, n. 27, p. 281-310, jan./jun. 2007.
- PAGANI, Rosana; SOUTO, Nora; WASSERMAN, Fabio. El ascenso de Rosas al poder y el surgimiento de la Confederación (1827-1835). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva Historia Argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- PALTI, Elias. La historia intelectual latinoamericana y el malestar de nuestro tiempo. *Anuário IEHS*, Tandil (Argentina), n. 18, 2003.
- PAIM, Antônio. *Bibliografia filosófica brasileira (1808-1985)*. Salvador: Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, [1983]. Disponível em: [http://www.cdpb.org.br/livro-a%20\(1808-1930\)\[1\].pdf](http://www.cdpb.org.br/livro-a%20(1808-1930)[1].pdf). Acessado em 03 de fevereiro de 2019.
- PASSETTI, Gabriel. Confederações indígenas em luta por participação política, comercial e territorial: Argentina, 1852-1859. *História*, São Paulo, 28 (2), p. 107-142, 2009.
- PEREIRA, Affonso Celso Thomaz. *A terceira margem do Prata*. Alberdi, Sarmiento e a conformação do discurso republicano na imprensa chilena, 1841-1852. Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, 2015.
- PICÓ, Josep; PECOURT, Juan. El estudio de los intelectuales: una reflexión. *Reis: Revista Española de Investigaciones Sociológicas* [en línea], 2008.
- PITA, Valeria S. *La casa de las locas*. Una historia social del Hospital de Mujeres Dementes. Buenos Aires, 1852-1890. Rosario: Prohistoria, 2012.
- PONTES, Heloisa. “Campo intelectual, crítica literaria y género (1920-1968)”. In: ALTAMIRANO, Carlos (Dir.; Ed.). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Los avatares de la ‘ciudad letrada’ en el siglo XX. Vol. II. Buenos Aires: Katz, 2010.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Universidade, Estado e Igreja na América Latina. In: PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- PRADO, Maria Ligia Coelho. Moro e Echeverría: duas visões da questão da soberania popular. In: PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no século XIX: tramas, telas e textos*. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

- RAMOS, Julio. *Desencontros da modernidade na América Latina: literatura e política no século 19*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RODRIGUES, Helenice. O intelectual no “campo” cultural francês: do “caso Dreyfus” aos tempos atuais. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 21, nº 34, p. 395-413, jul./2005.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SÁ, Maria Elisa Noronha de (Org.). *História intelectual latino-americana*. Editora PUC-RJ: Rio de Janeiro, 2016.
- SILVA, Eduardo. *As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2009.
- SÖETARD, Michel. Ensaio: Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827). In: SÖETARD, Michel. *Johann Pestalozzi*. Trad. de Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes, Ciriello Mazzetto. Organização de João Luis Gasparin. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Acomodações recíprocas: a Igreja Católica e o poder temporal na Argentina e no Brasil. *Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 50-64, jul./dez. 2009.
- SOUZA, Rosiris Pereira de. Rousseau e a educação da infância. *Revista Latino-Americana de História*, São Leopoldo, v. 6, n. 18, p. 7-19, ago./dez. 2017.
- TERNAVASIO, Marcela. Las reformas rivadavianas en Buenos Aires y el Congreso General Constituyente (1820-1827). In: GOLDMAN, Noemí (Dir.). *Nueva historia argentina: revolución, república, confederación (1806-1852)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.
- VERNEY, Luis Antonio. “Estudo das mulheres”. In: \_\_\_\_\_. *Verdadeiro metodo de estudar: para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal./ Exposto em varias cartas, escritas polo[sic] R. P. \* \* \* Barbadinho da Congregasam de Italia, ao R. P. \* \* \* Doutor na Universidade de Coimbra ; Tomo segundo - Valensa [Nápoles]: na oficina de Antonio Balle [Genaro e Vincenzo Muzio], 1747. p. 291-299. Disponível em: <http://purl.pt/118/4/>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.*

#### - Sites pesquisados

- <https://www.bbm.usp.br/> - Biblioteca Brasileira (Universidade de São Paulo)
- <https://www.biblio.unlp.edu.ar/> - Biblioteca Pública (Universidad Nacional de La Plata)
- <https://www.bn.gov.ar/> - Biblioteca Nacional Mariano Moreno (Buenos Aires)
- <https://www.bn.gov.br/> - Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro)
- <http://www.bnm.me.gov.ar/> - Biblioteca Nacional de Maestros (Buenos Aires)
- <http://www.juanamanso.org> - Repositório Juana Manso (María De Giorgio/Buenos Aires)
- <http://www.rah.es/> - Real Academia de la Historia (Madrid)

## Apêndices:

### Apêndice A – “Trabalhei como uma mulher!”:

protagonismo feminino na imprensa carioca e portenha (1852-1855)

No intuito de construir o perfil letrado das mulheres, realizei um levantamento das produções publicadas nos periódicos *Jornal das Senhoras*, *La Camelia* e *Album de Señoritas* que foram assinadas com nomes no gênero feminino. Além de identificar a assinatura, registrei a data da publicação, o título e a ideia central das produções.<sup>9</sup> Abordei os perfis letrados em ordem alfabética, iniciando pelo primeiro periódico publicado: *Jornal das Senhoras*.

Nas publicações do periódico fundado por Joanna Paula Manso, assinaturas com o nome Adelaide apresentaram três variações. No dia 4 de abril de 1852, o texto intitulado “Amor e a ortographia”, assinado por **Adelaide**,<sup>10</sup> narrava um fato ocorrido em Itaguaí, no ano de 1827, cujo objetivo era argumentar sobre a importância da educação para as mulheres. Adelaide afirmou que foi convidada pela redação a escrever, mesmo assim se mostrava inibida com a pena: “Sei que os nossos escriptos não merecerão das minhas patricias as mesmas atenções, que os publicados neste interessante Jornal.”<sup>11</sup> No mês de setembro do mesmo ano, foi publicado um logogrifo<sup>12</sup> com a assinatura de **Adelaide P. de L.**<sup>13</sup> Os logografos foram veiculados em mais três números do periódico, quais sejam: 17/10/1852,<sup>14</sup> 22/05/1853<sup>15</sup> e 26/06/1853.<sup>16</sup> Para o(a) leitor(a) conhecer a produção da colaboradora, segue o último logogrifo publicado por ela:

Dous elementos diversos  
Tenho por extremidades  
E no centro? cousa boa?  
Não dirá quem diz verdades,

Porque primeira e segunda  
Bem póde dar fortaleza,  
E a primeira sósinha  
Faz risonha a natureza.

<sup>9</sup> O levantamento completo encontra-se nos apêndices B, C e D desta tese.

<sup>10</sup> Destaquei as assinaturas em negrito, na primeira menção, com o intuito de facilitar a visualização.

<sup>11</sup> ADELAIDE. Amor e a ortographia. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 106, 04 abr. 1852.

<sup>12</sup> Trata-se de uma “modalidade de charada em que as letras da palavra insinuada pelo conceito, parcialmente combinadas, formam outras palavras que é preciso adivinhar para se chegar àquela.” Ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3ª ed. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

<sup>13</sup> P. de L., Adelaide. Logogrypho. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 96, 19 set. 1852.

<sup>14</sup> P. de L., Adelaide. Logogrypho. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 130, 17 out. 1852.

<sup>15</sup> P. de L., Adelaide. Logogrypho. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 168, 22 mai. 1853.

<sup>16</sup> P. de L., Adelaide. Logogrypho. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 208, 26 jun. 1853.



A segunda só por si  
É má, não quero dizer,  
A terceira com a quarta  
Faço-o sempre com prazer.

A terceira com a quarta?  
É nome do meu paiz,  
Desta terra em que eu nasci,  
Chamada terra feliz.

Segunda, terceira e quarta  
Nome d'um grande opressor;  
Mas das quatro...oh leitoras  
É nome de uma guardador.<sup>17</sup>

As respostas dos logogrifos eram publicadas na última página da edição posterior à sua veiculação.<sup>18</sup> Em fevereiro de 1853, foi veiculado um artigo intitulado “Marido e mulher”. Segue um fragmento:

Vendo-se uma senhora, cujas qualidades e prendas encantão a todos geralmente, excepto a um unico homem, o qual pouco sensível aos elogios que ouve prodigalizar-lhe, falla della seccamente, tenha-se por certo que são marido e mulher.<sup>19</sup>

Esta publicação que criticava a vivência dos casais após o casamento foi encaminhada para publicação por **Adelaide P.**<sup>20</sup> Essas foram as Adelaides que deixaram registros nas páginas do *Jornal das Senhoras*, publicando nos anos de 1852 e 1853.

O talento de Joanna Paula Manso foi inspiração para a colaboradora de uma publicação só:

Joanna! pour toi ces vers que ma faible main trace;  
Pour toi, dont le talent, prisme aux mille couleurs  
Tantôt fier et hardi, tantôt rempli de grâce,  
Parle à tous les esprits, répond à tous les coeurs.<sup>21</sup>

Esses são apenas os primeiros versos do poema elogioso escrito por **Adèle Toussaint**.<sup>22</sup> Outras mulheres também veicularam apenas uma publicação no *Jornal das Senhoras* como **A indígena do Ypiranga**. Entre os dias 16 de julho e 6 de agosto de 1854, foi

---

<sup>17</sup> P. de L., Adelaide. Logogrypho. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 208, 26 jun. 1853.

<sup>18</sup> A resposta da adivinhação transcrita é “armário”.

<sup>19</sup> P., Adelaide. Marido e mulher. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 46, 06 fev. 1853.

<sup>20</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>21</sup> TOUSSAINT, Adèle. A Joanna Noronha. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 312, 25 set. 1853.

<sup>22</sup> Provavelmente se trata da escritora francesa Adèle Toussaint-Samson. Para uma interessante reflexão sobre a escritora, ver: LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Adèle Toussaint-Samson em dose dupla. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, nº 2, mai./ago. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2004000200020](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200020). Acessado em 22 de julho de 2018.

publicado o texto “Minhas distrações”, uma fábula inspirada na sagacidade dos ratos em fugirem das armadilhas montadas para matá-los. A fábula findou com a seguinte lição: “Só pelo trabalho e aplicação se póde gozar de verdadeira felicidade na vida!”<sup>23</sup>

Se algumas colaboradoras escondiam suas identidades por meio de pseudônimos – como a anteriormente citada –, outras usavam iniciais de seus nomes. Foi o caso de **A. J. P. C.**,<sup>24</sup> que publicou o poema “Aos meus annos”, no qual refletiu sobre seu aniversário e sobre o sofrimento de ser órfã. Seguem alguns trechos:

Oh! quatorze infeliz de fevereiro,  
Anniversario do natal saudoso  
Daquella que se enluta p’ra saudar-te!  
Tu excitas nest’alma reminiscencias  
D’um pretérito cheio de venturas  
Que contrasta com o meu fatal presente!

Saudosa e triste soffrendo  
Meu presente angustiado,  
Eu daria o meu futuro  
Por um’hora do passado!<sup>25</sup>

Diferentemente das colaboradoras até aqui mencionadas, **Alina** foi uma articulista com intensa colaboração no *Jornal das Senhoras*. Sua primeira publicação no periódico foi um artigo exaltando as festas do carnaval.<sup>26</sup> Após 14 dias, ela publicou um comentário sobre homenagens feitas à memória<sup>27</sup> de D. Maria Segunda.<sup>28</sup> Tais colaborações foram suficientes para Alina ser convidada a escrever a seção “Boletim Musical”, na qual comentava eventos ocorridos no universo musical e defendia os artistas nacionais. Nas palavras da articulista: “O desprezo pelos artistas nacionais mata completamente as bellas artes que ainda agora começam a florescer entre nós [...]”<sup>29</sup> No mês de outubro de 1854, Alina mudou de seção passando a escrever a “Chronica dos Salões”, na qual discutia moda, comentava eventos sociais e figurinos. Em sua totalidade, Alina publicou 78 artigos no periódico, permanecendo à frente

---

<sup>23</sup> YPIRANGA, A indígena do. Minhas distrações. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 255, 6 ago. 1854.

<sup>24</sup> Afirmo que se trata de uma produção feminina devido à seguinte informação: “Muito nos honra a nossa nova e digna collaboradora com a continuação das suas interessantes poesias. Não vai o seu nome por extenso por precisarmos ainda de autorisação.” *JORNAL das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 114, 11 abr. 1852.

<sup>25</sup> A. J. P. C. Aos meus annos. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 113-114, 11 abr. 1852.

<sup>26</sup> ALINA. O carnaval. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 66-67, 26 jan. 1854.

<sup>27</sup> ALINA. Exequias em S. Francisco de Paula. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 82-83, 12 mar. 1854.

<sup>28</sup> Dona Maria da Glória foi a filha mais velha de D. Pedro I com a Imperatriz Leopoldina, a qual ficou conhecida como D. Maria II ao assumir o trono em Portugal. Sobre a rainha, ver: MONTEIRO, Luíra Freire. Uma Maria em migalhas: cotidiano e vida privada de Maria II de Portugal. Disponível em: [https://www.academia.edu/23008251/UMA\\_MARIA\\_EM\\_MIGALHAS\\_COTIDIANO\\_E\\_VIDA\\_PRIVADA\\_DE\\_MARIA\\_II\\_DE\\_PORTUGAL?auto=download](https://www.academia.edu/23008251/UMA_MARIA_EM_MIGALHAS_COTIDIANO_E_VIDA_PRIVADA_DE_MARIA_II_DE_PORTUGAL?auto=download). Acessado em 16 de outubro de 2019.

<sup>29</sup> ALINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 95, 19 mar. 1854.

da seção “Chronica dos Salões” até o último número veiculado do *Jornal das Senhoras*, momento em que inseriu em seus escritos uma reflexão sobre a educação:

A educação bem dirigida, como sabeis, é um famoso correctivo das indoles e inclinações individuaes, e por conseguinte habilita o homem ou a mulher a viver na sociedade *comme il faut*: é verdade que não é a educação quem cria os genios, porque estes existem na natureza *em bruto*, e para se mostrarem resplandecentes são como diamante que ha mister ser lapidado; – os mestres pois, são os verdadeiros artistas que adornão, limpão e dão uma forma conveniente ao talento caracterizado por um gênio que tem depois de figurar mais tarde na vasta scena social.<sup>30</sup>

Duas colaboradoras com o primeiro nome Amalia tiveram suas produções registradas nas páginas do *Jornal das Senhoras*. **Amalia** escreveu quatro poesias,<sup>31</sup> as quais versavam sobre o amor, a vida, Deus e o aniversário de uma amiga. Segue alguns versos da primeira publicação de Amalia:

Oh! Que prazer! Que ventura  
Eu gozo neste momento!  
Suaves são meus suspiros,  
E’ de amor meu sentimento!

Eu já não posso, meu Deus,  
Occultar minha alegria;  
Chega o tempo da ventura  
Vai-se o da melancolia!...<sup>32</sup>

**Amalia C. T. C.** nos legou uma poesia intitulada “Ao faustoso natalicio de sua Magestade a Imperatriz”,<sup>33</sup> na qual prestou homenagens à Imperatriz Teresa Cristina. Segue o verso quatro vezes repetido na produção de Amalia C. T. C.:

Brazil exulta!  
Qu’em tua historia,  
THEREZA é excelso  
Padrão e gloria.<sup>34</sup>

A aclamação à família real brasileira era conteúdo frequente nas produções das colaboradoras do *Jornal das Senhoras*. Na mesma data, a jovem fluminense **Amelia F. C. T.** também deixou versos para a Imperatriz. Segue um pequeno trecho:

---

<sup>30</sup> ALINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 411, 30 dez., 1855. [Grifos no original]

<sup>31</sup> AMALIA. Esperança e illusão. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 5, 01 jan., 1853; AMALIA. Graças ao omnipotente. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 44-45, 06 fev., 1853; AMALIA. Ao anniversario natalicio de uma amiga achando-se inferma. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 45, 06 fev. 1853; AMALIA. Aos annos do innocente Diogo. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 164, 22 mai., 1853.

<sup>32</sup> AMALIA. Esperança e illusão. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 5, 01 jan., 1853.

<sup>33</sup> C., Amalia C. T. Ao faustoso natalício de sua Magestade a Imperatriz. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 14 mar., 1852.

<sup>34</sup> *Ibidem*.

Salve IMPERATRIZ EXCELSA,  
A quem gosto de adorar,  
Por ser MÃE tão extremosa,  
A quem me ensinão amar.

Dai-lhe oh meu Deus  
Longividade,  
Goze ELLA sempre  
Felicidade.<sup>35</sup>

O periódico contou com a contribuição de mais uma **Amelia**, a qual escreveu uma poesia,<sup>36</sup> refletindo sobre o amor não correspondido e duas charadas.<sup>37</sup> Segue um jogo de adivinhação escrito:

Quando é bem inspirado  
Com um – X – fazeis meu nome,  
E como alegre elle está!  
E zangado, eil-o assim,  
Nunca rir se lhe verá.<sup>38</sup>

No dia 18 de maio de 1854, em São Cristóvão (RJ), **Amitié** escreveu um logogrifo com o nome Adelaide, trazendo à tona aspectos como a beleza, o amor e a virgindade.<sup>39</sup> **Analia** tornou poesia seus sentimentos vivenciados em “Uma manhã no Cosme Velho”: “Quanto é bello o sorriso da Natura!/ Que enlêvo de prazer meu peito sente/ Contemplando do prado a formosura!”<sup>40</sup> **Anna Maria Clarisse** registrou em versos sua admiração pelos homens gordos: “Se eu fosse legisladora/ Proibiria o casar/ A todo o homem magriço./ Você quer? Vá engordar.”<sup>41</sup> **Antonia** escreveu sua “Ode” à Imperatriz, argumentando que ela trouxe alegria para a vida do Imperador e do povo: “Tudo então se mudou: já prasenteira/ Vê Pedro se escoar Sua existência;/ E o povo amante faz soar em Côro/ Um hymno de alegria!”<sup>42</sup>

Em setembro de 1854, a Sra. **Dona Augusta M. de O.** publicou a seguinte charada no *Jornal das Senhoras*: “Quizerão que eu fosse um X,/ Que ao soldado pertencesse,/ Que

<sup>35</sup> T., Amelia F. C. Ao dia 14 de março de 1852. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1852.

<sup>36</sup> AMELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 20 mar., 1853.

<sup>37</sup> AMELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 120, 15 abr., 1855; AMELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 144, 6 mai., 1855.

<sup>38</sup> As respostas das charadas eram publicadas na última página da edição seguinte. A resposta da charada transcrita é “Descontente”.

<sup>39</sup> AMITIÉ. Confissão. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 182, 4 jun. 1854.

<sup>40</sup> ANALIA. Uma manhã no Cosme Velho. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 55, 15 fev. 1852.

<sup>41</sup> CLARISSE, Anna Maria. Minhas observações a respeito dos homens gordos. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 189-190, 13 jun. 1852.

<sup>42</sup> ANTONIA. Ode. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1852.

ficasse solitario,/ Que de Osmindo o recebesse!”<sup>43</sup> Por sua vez, **Dona Augusta de S. P.** escreveu uma poesia refletindo sobre a tristeza:

Attento á negra fereza  
Do destino desabrido,  
Sinto no peito opprimido,  
*Minha pallida tristeza:*  
Ausencia – fatal crueza,  
Mortes mil, mil agonias,  
Me priva das regalias  
De te ver sempre ao meu lado...  
Tal rigor do ímpio fado  
*Consome meus tristes dias.*<sup>44</sup>

Entre os dias 28 de janeiro e 04 de março de 1855, foi veiculado um artigo intitulado “Educação do sexo feminino”, de autoria da **Baroneza de \*\*\***. Trata-se de um único texto, mas o mesmo foi publicado em três partes, possivelmente, devido à sua extensão. As primeiras frases da Baroneza resumem o objetivo dos seus escritos:

Parece-me oportuna a ocasião para offereccer á reflexão das senhoras fluminenses algumas ligeiras considerações sobre a necessidade de exigir para as nossas filhas o ensino de instrucção mais variada e séria do que a que até hoje aprendem nos collegios á que as confiamos, de alguns dos quaes as proprias directoras não tem as necessarias habilitações, porque o seu dever não se limita sómente ao ensino da simples leitura e de trabalhos de agulha.<sup>45</sup>

O *Jornal das Senhoras* contou com a colaboração intensa de uma cronista. **Bellona** – o pseudônimo seria uma homenagem ao primeiro jornal fundado por uma mulher no Brasil? – iniciou sua participação no periódico escrevendo na seção “Chronica da Semana”, na qual refletiu sobre assuntos variados como: a necessidade de modificações em ritos da Igreja Católica;<sup>46</sup> a formatura de mulheres francesas no curso de medicina;<sup>47</sup> os insultos que o *Jornal das Senhoras* sofria pelo fato das mulheres nele se expressarem;<sup>48</sup> e a saúde do Imperador.<sup>49</sup> Posteriormente, a seção escrita por Bellona passou a se chamar “Chronica da Quinzena”, cujo objetivo permaneceu o mesmo, modificando apenas a frequência das publicações. Na seção quinzenal, Bellona refletiu sobre temas como: o direito das mulheres discutirem qualquer tipo

---

<sup>43</sup> O., Dona Augusta M. de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 288, 3 set. 1854.

A resposta da charada é: “Despreso”.

<sup>44</sup> P., Dona Augusta de S. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 318, 01 out. 1854. [Grifos no original]

<sup>45</sup> BARONEZA DE \*\*\*. Educação do Sexo Feminino. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 31-32, 28 jan. 1855.

<sup>46</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 114-116, 11 abr. 1852.

<sup>47</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 125-127, 18 abr. 1852.

<sup>48</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 158-159, 16 mai. 1852.

<sup>49</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 172-173, 30 mai. 1852.

de assunto;<sup>50</sup> os posicionamentos retrógrados daqueles que censuraram as mulheres nos temas políticos;<sup>51</sup> festas e teatros;<sup>52</sup> a extinção do Conservatório de dança e música;<sup>53</sup> atividades de lazer do Imperador.<sup>54</sup> Ao findar o ano de 1852, a colaboração de Bellona com o periódico também foi finalizada. Há registros de que a cronista ficou fatigada com o trabalho na imprensa e que se retirou no campo para gozar as “delícias da estação”.<sup>55</sup>

Luís Antônio Giron fez a seguinte assertiva: “Joana, que logo assinará Bellona – a deusa da guerra romana – [...]”.<sup>56</sup> Infelizmente, o pesquisador não apontou os caminhos que o levaram a chegar a tal conclusão. No dia 20/06, a articulista assinou a seção com o nome **J. P. Bellona**.<sup>57</sup> Seria esse o indício? Giron teria suposto que J. P. significava Joanna Paula? Ainda é preciso refinar a pesquisa. Na estréia de Bellona, ela fez a seguinte afirmativa: “Sabei portanto que sou mulher, bem moça; tenho sómente 22 annos; não sou casada, nem solteira, nem aggregada; não tenho pretensões de litterata, [...]”.<sup>58</sup> Tendo por base essa afirmação, caso Joanna Paula tenha sido a autora das crônicas, ela construiu uma personagem chamada Bellona, que teria atributos diferentes do seu, afinal, a argentina nasceu em 26 de junho de 1819,<sup>59</sup> tendo no ano da mencionada publicação 32 anos.

No dia 9 de maio de 1852, Bellona findou sua crônica da seguinte maneira: “- Bem, Santos, agora leva estes papeis á Sra. D. Joanna, e dize-lhe da minha parte que o dito, dito.”<sup>60</sup> Outras crônicas terminavam de forma semelhante,<sup>61</sup> indicando que a cronista e a redatora eram pessoas distintas – ao menos era o que o discurso veiculado tentava convencer. Reconheço que é instigante o trecho “não sou casada, nem solteira, nem aggregada”, pois estudiosas afirmaram que o marido de Joanna Manso, o violinista português Francisco de Sá Noronha, a abandonou, “indo para Portugal com sua amante”, deixando-a sozinha com as

---

<sup>50</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 31-32, 25 jul. 1852.

<sup>51</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 47-48, 08 ago. 1852.

<sup>52</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 63-64, 22 ago. 1852.

<sup>53</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 94-96, 19 set. 1852.

<sup>54</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 175-176, 28 nov. 1852.

<sup>55</sup> DELIA. Apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 15, 09 jan. 1853.

<sup>56</sup> GIRON, Luís Antônio. *Minoridade crítica: a ópera e o teatro nos folhetins da Corte: 1826-1861*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. – Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. p. 163.

<sup>57</sup> BELLONA, J. P. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 200-203, 20 jun. 1852.

<sup>58</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 114, 11 abr. 1852.

<sup>59</sup> DE GIORGIO, María Julia. Itinerário biográfico. In: MANSO, Juana. *Mistérios del Plata: romance histórico contemporâneo*. Organização de Zahidé L. Muzart. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2015. p. 49; VASCONCELLOS, Eliane. Joana Paula Manso de Noronha. In: MUZART, Zahidé Lupinnacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. 2ª ed. rev. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 228; SOSA DE NEWTON, Lily. *Diccionario biográfico de mujeres argentinas*. Buenos Aires: Plus, 1972. p. 382.

<sup>60</sup> BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 150, 09 mai. 1852.

<sup>61</sup> A título de exemplo, ver: BELLONA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 159, 16 mai. 1852.

filhas no ano de 1852<sup>62</sup> ou 1853.<sup>63</sup> Mesmo que a partida de Sá Noronha tenha ocorrido antes da publicação do artigo, acho prudente não utilizar o termo “Bellona-Joana”<sup>64</sup>, conforme Giron, pois os elementos encontrados não são suficientes para confirmar a identidade da cronista Bellona.

O aparecimento da sigla antes da assinatura de Bellona me fez refletir se a autora dos textos assinados apenas por **J. P.** seria a mesma pessoa, tendo publicado uma poesia e três textos dissertativos, entre os dias 11 de janeiro e 21 de novembro de 1852. Entretanto, a poesia foi veiculada no dia 11 de janeiro de 1852,<sup>65</sup> momento em que Bellona ainda não estava em cena. Além disso, no dia 31 de outubro de 1852, a redatora em chefe, Violante Atabalipa, redigiu o seguinte informe: “Firmados com as iniciais *J. P.* registraremos d’ora em diante nas paginas do nosso JORNAL alguns artigos produzidos pela penna de uma senhora, que ainda agora completara 18 annos.”<sup>66</sup> Se eu considerar a sinceridade da redatora, J. P. não poderia ser Joanna Paula que naquele momento não tinha 18 anos e fazia aniversário no mês de junho, conforme mencionado no parágrafo anterior.

Everton Vieira Barbosa afirmou que “em outros artigos também apareceu as iniciais de J. P. atribuído à Joana”,<sup>67</sup> embora o historiador não tenha indicado as fontes e durante a pesquisa não consegui identificá-las. Portanto, ressalto que há possibilidade, sim, que Bellona tenha sido um pseudônimo utilizado por Joanna Paula Manso, conforme afirma Giron, e J. P. poderia ser outra maneira de Joanna Paula assinar suas produções. Entretanto, com a análise do *Jornal das Senhoras*, não encontrei informações suficientes para sustentar tais assertivas.

Belmira, Candida, Candilia e D. Carolina deixaram suas assinaturas uma única vez nas páginas do *Jornal das Senhoras*. **Belmira** traduziu um texto intitulado “A obra prima anonima”,<sup>68</sup> cuja trama girava em torno de uma importante pintura que não teve seu autor revelado. A redatora Gervázia Nunésia demonstrou grande contentação com o texto enviado pela nova colaboradora, criando a expectativa de novas colaborações: “Agradecemos vivamente á nova collaboradora o mimo que nos fez do presente artigo, cuja escolha nos dá as melhores esperanças de possuirmos ao nosso lado mais uma intelligente Senhora, a quem

---

<sup>62</sup> DE GIORGIO, María Julia, 2015, p. 53.

<sup>63</sup> SOSA DE NEWTON, Lily, 1972, p. 382.

<sup>64</sup> GIRON, Luís Antônio, 2004, p. 167.

<sup>65</sup> J.P.. Ultimo dia do anno. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 15, 11 jan. 1852.

<sup>66</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 138, 31 out. 1852. [Grifo no original]

<sup>67</sup> BARBOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2018. p. 89.

<sup>68</sup> BELMIRA. A obra prima anonima. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 14, 08 jan. 1854.

abraçamos cordialmente.”<sup>69</sup> Infelizmente, Belmira não manteve sua colaboração para com o periódico.

**Candida** também enviou uma tradução para o *Jornal das Senhoras*, a qual exaltava o dia de domingo:

É o dia consagrado ao descanso e ás diversões. É o dia em que cada um se procura e acha a si mesmo, em que dispõe do seu ser, e voluntariamente se esquece do trabalho, de obrigações e negocios.  
Visto-me são sem determinação, sem objecto. São por sair, para usar da minha independencia, para ser livre: é domingo.  
Hoje não curvarei diante do homem soberbo, desse homem, de quem a precisão me obriga a soffrer-lhe os despresos [...] <sup>70</sup>

Após ler uma tradução tão significativa para a emancipação das mulheres, foi lamentável não encontrar mais colaborações de Candida. Se o teor do texto veiculado pela colaboradora era colocado em prática pelas cariocas, não havia dia melhor para a circulação do *Jornal das Senhoras*: domingo!

**Candilia** colaborou com suas divagações sobre o amor: “Eis a hora da meditação e melancolia! [...] hora enfim em que a alma cheia de inspirações começa a exalar-se suavemente em canticos de amor!” <sup>71</sup>

Já **D. Carolina** deixou vestígios de sua existência através da seguinte Charada:

As moças trazem-me todas  
Muito bem escondidinho;  
Fui dança de tua avó,  
Suplantou-me o *Mindinho*.  
Junto a mim chega-se a bella,  
A velha, moça, ou taful;  
Não ha casa que não tenha  
Desde o Norte até ao Sul. <sup>72</sup>

Contrastando com as últimas colaboradoras mencionadas, **Christina** teve 81 publicações assinadas nas páginas do *Jornal das Senhoras*, sendo a pessoa que mais veiculou produções no periódico. Christina superou, inclusive, a quantidade de textos escritos pela redação do *Jornal das Senhoras*<sup>73</sup> e pelas próprias redatoras Joanna Paula Manso de

<sup>69</sup> REDATORA EM CHEFE. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 14, 08 jan. 1854.

<sup>70</sup> CANDIDA. Um domingo. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 188, 12 dez. 1852.

<sup>71</sup> CANDILIA. A tarde. Divagações. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 113, 11 abr. 1852.

<sup>72</sup> D. CAROLINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 408, 18 dez. 1853. [Grifos no original]

A resposta da charada é “peitoril”.

<sup>73</sup> Ao todo, encontrei 24 textos com as seguintes assinaturas: “A redacção do *Jornal das Senhoras*” e “As redactoras do *Jornal das Senhoras*”.



Noronha,<sup>74</sup> Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco<sup>75</sup> e Gervazia Nunezia Pires dos Santos Neves.<sup>76</sup>

A primeira vez que o nome de Christina apareceu no periódico foi no dia 27 de março de 1852, na qual ela escreveu um artigo exaltando as composições musicais conhecidas como modinhas brasileiras.<sup>77</sup> Certamente, a reflexão de Christina agradou à redação do *Jornal das Senhoras*, pois em menos de um mês ela tornou-se a escritora da seção de destaque do periódico: Modas. A colaboradora permaneceu à frente da seção até 17 de setembro de 1854, na qual analisava figurinos vindos de Paris;<sup>78</sup> sugeria modelos de roupas para diversas ocasiões;<sup>79</sup> comentava eventos ocorridos na Corte;<sup>80</sup> refletia sobre a importância da moda na vida das mulheres;<sup>81</sup> discutia as variações da moda conforme as estações do ano;<sup>82</sup> comentava sobre os tecidos vendidos na rua do Ouvidor;<sup>83</sup> dentre outros assuntos do universo da moda. Em meio aos escritos sobre moda, Christina registrava suas críticas sociais e defendia ideais. A título de exemplo, pode-se citar: em agosto de 1852, a articulista criticou os “linguareiros” que comentavam que a linguagem do *Jornal das Senhoras* não era feminina,<sup>84</sup> os quais questionavam, então, a capacidade das mulheres se expressarem através da imprensa; em outubro do mesmo ano, Christina defendeu a importância das mães na educação dos filhos e clamou por respeito às mulheres;<sup>85</sup> em janeiro de 1853, a colaboradora enfatizou que era uma mulher, e não um homem, como andavam dizendo<sup>86</sup> e lançou uma crítica sutil à desigualdade social em Paris;<sup>87</sup> em abril de 1853, elogiou a educação dada às crianças na Europa;<sup>88</sup> em maio de 1854, defendeu o sentimento patriótico e parabenizou o Barão de Mauá pelas instalações das estradas de ferro em território brasileiro.<sup>89</sup>

---

<sup>74</sup> No período em que Joanna Paula Manso era redatora do *Jornal das Senhoras*, ela assinou 5 artigos e veiculou o romance “Misterios del Plata” em 23 partes. Após sua saída da redação, Joanna Paula Manso publicou mais três textos no periódico carioca.

<sup>75</sup> Violante Bivar e Vellasco publicou textos assinados apenas durante o período em que estava na chefia da redação do periódico, somando 18 textos, além da tradução de um romance, publicado em 14 partes – a identificação da redatora em chefe enquanto tradutora só apareceu na última parte veiculada.

<sup>76</sup> Gervazia Neves assinou textos publicados no *Jornal das Senhoras* somente a partir do momento em que assumiu a chefia da redação. Durante o mencionado período, Gervazia Neves assinou 14 textos.

<sup>77</sup> CHRISTINA. As modinhas brasileiras. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 97, 27 mar. 1852.

<sup>78</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 9-10, 09 jan. 1853.

<sup>79</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 90-91, 20 mar. 1853.

<sup>80</sup> CHRISTINA. Movimento dos Salões. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 177-179, 05 jun. 1853.

<sup>81</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 121-122, 17 abr. 1853.

<sup>82</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 137-139, 31 out. 1852.

<sup>83</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 241-242, 30 jul 1854.

<sup>84</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 33-35, 01 ago. 1852.

<sup>85</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 105-106, 03 out. 1852.

<sup>86</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1-3, 01 jan. 1853.

<sup>87</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 17-18, 16 jan. 1853.

<sup>88</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 105-106, 03 abr. 1853.

<sup>89</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 145-146, 07 mai. 1854.

A articulista da seção “Modas” tinha ciência das responsabilidades assumidas ao aceitar a tarefa de escrever para um periódico semanal: “Já lá vão dous annos de trabalhos de uma pontualidade militar, que a vossa humilde Christina, quer boa ou doente, triste ou alegre, tem vos dado um artigo de modas cada semana”;<sup>90</sup> ela também sabia o quão árduo era o ofício na imprensa, por isso era preciso determinação e ousadia para cumpri-lo: “Trabalhei como um homem! costumão elles a dizer; e eu digo – trabalhei como uma mulher! Incansável [...]”<sup>91</sup>

June Edith Hahner supôs que Christina era um pseudônimo utilizado pela segunda redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco: “provavelmente, era ela a hesitante e anônima responsável pela seção de moda do jornal.”<sup>92</sup> Para sustentar seu argumento, a historiadora citou a edição de 4 de julho de 1852 do *Jornal das Senhoras*, na qual há um texto de Violante Atabalipa se apresentando enquanto redatora em chefe após a saída de Joanna Paula Manso. Possivelmente, Hahner se remetia ao seguinte trecho: “No semestre corrente melhoras consideraveis apresentará o *Jornal das Senhoras* no que diz respeito a – figurinos – porque na parte litteraria a ausência da Illma. Sra. D. Joanna difficilmente poderá ser substituída.”<sup>93</sup> É instigante a questão apontada por Hahner e, assim como ela, prefiro manter essa informação como uma suposição, não afirmando declaradamente que Christina era um pseudônimo de Violante Atabalipa, pois a declaração da nova redatora em chefe poderia se referir à continuidade da articulista que escrevia sobre modas e não, necessariamente, que ela mesma era a autora da seção.

Outras mulheres se dedicaram menos tempo às publicações no *Jornal das Senhoras* como **Clarinha** que apresentou uma escrita tímida e delicada, recheando sua narrativa amorosa de palavras no diminutivo:

Um priminho dançou tres contradanças com a amável priminha, e como, era provavel, dizia estar cançado, e dirigiu-se no seu passeio para o jardim. Mas o meu joven era ciumento, e embirrou com um *bouquet* de violetas que trazia a priminha. Como é lindo uns ciumesinhos entre dous corações que se amão!<sup>94</sup>

A colaboradora que também assinou sua publicação no diminutivo findou a história com o casamento dos “priminhos” e não mais escreveu para o periódico. **Cleomenenes**

---

<sup>90</sup> CHRISTINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1-2, 01 jan. 1854.

<sup>91</sup> *Ibidem*, p. 1.

<sup>92</sup> HAHNER, June Edith. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Trad. de Eliane Lisboa. Apres. de Joana Maria Pedro. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 89.

<sup>93</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A’s nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 4 jul. 1852.

<sup>94</sup> CLARINHA. Será isto historia? *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 163, 21 mai. 1854.

**Messeide** também deixou apenas uma colaboração no periódico, escrevendo um “Hymno a’ Santa Virgem” oferecido à D. Maria Adelaide Jardim.<sup>95</sup> Por sua vez, **Constança** escreveu uma anedota criticando a vaidade feminina<sup>96</sup> e a seguinte charada:

Dous nomes tem o meu nome,  
E feliz da humanidade  
Enferma que os alcança  
Antes de ir p’ra eternidade.

Porêm quem sou? Avesinha  
Bem modesta e elegante,  
Vivo em casa bem mancinha  
Ou vivo no brejo errante.<sup>97</sup>

Em novembro de 1854, o periódico chefiado por Gervazia Nunezia recebeu a colaboração de **Corina** na seção “Boletim Theatral”. Neste caso, a articulista tornou-se colunista sem publicar qualquer artigo antecedente. Corina escreveu apenas um artigo sobre o mundo teatral<sup>98</sup> e foi transferida para a seção “Boletim Musical”, na qual discutiu música sacra,<sup>99</sup> noticiou avanços no ensino de música<sup>100</sup> e comentou apresentações musicais realizadas na Corte:

Na segunda-feira teve logar a primeira representação da opera – *Luiza Miller* – no theatro Provisorio, cuja execução muito agradou. A musica é excellente, e o quarteto do segundo acto foi repetido á instancias do publico, que o applaudiu por sua belleza, originalidade e bom desempenho. A Sra. Zecchini foi justamente applaudida nessa noite, em que sua voz estava tão bella e forte que nos fez recordar do tempo em que ella só quase que sustentou o theatro lyrico, [...].<sup>101</sup>

Ao todo, foram 18 artigos escritos por Corina e veiculados no *Jornal das Senhoras*. As últimas linhas que ela escreveu sugeriam continuidade nas publicações,<sup>102</sup> mas tal fato não se concretizou.

**Délia** também se inseriu no periódico como colaboradora de uma seção específica. Ela relatou que foi convidada para substituir Bellona e se apresentou de maneira humilde:

---

<sup>95</sup> MESSEIDE, Cleomenenes. Hymno a’ Santa Virgem. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 100-101, 27 mar. 1852.

<sup>96</sup> CONSTANÇA. Anedocta: O casamento e a mortalha do céu se talha. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 23-24, 16 jan. 1853.

A resposta da charada é “saracura”.

<sup>97</sup> CONSTANÇA. Conceito. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 212, 27 jun. 1852.

<sup>98</sup> CORINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 367-368, 12 nov. 1854.

<sup>99</sup> CORINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 7-8, 7 jan. 1855.

<sup>100</sup> CORINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 16, 14 jan. 1855.

<sup>101</sup> CORINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 127, 22 abr. 1855.

<sup>102</sup> CORINA. . Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 223, 15 jul. 1855.

É com o maior acanhamento que vou apresentar-me perante ás leitoras do JORNAL DAS SENHORAS para fazer a minha estréa no mundo litterario [...].

A illustre redactora da chronica da quinzena deixa um vácuo que difficilmente preencheréi. Seus escriptos, cheios de fragancia e suavidade, e ao mesmo tempo de vigor, serão toscamente substituidos por mal ataviadas linhas. [...].

Desculpe-nos a illustre redactora do JORNAL a quem pedimos protecção, e a quem rogamos que haja de corrigir os nossos escriptos todas as vezes que nelles encontrar defeitos ou erros, mui palpáveis em quem pela primeira vez, e balda de sufficiencia, se apresenta nas columnas de um JORNAL illustrado [...].<sup>103</sup>

Apesar do acanhamento inicial, Délia escreveu 12 artigos para o *Jornal das Senhoras*, sendo, em sua maioria, veiculados na seção “Chronica da Quinzena”, nos quais refletiu sobre temas como: festas,<sup>104</sup> peças teatrais,<sup>105</sup> um naufrágio,<sup>106</sup> a descoberta de um grande diamante por uma escrava,<sup>107</sup> a morte de Marília de Dirceu,<sup>108</sup> o falecimento da princesa D. Maria Amélia.<sup>109</sup> Sobre essa articulista, o pesquisador Luís Antônio Giron fez a seguinte afirmação:

A direção do jornal sofre alterações a partir de meados de outubro, com a substituição de Joana por uma parecerista do Conservatório Dramático, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco. A nova redatora-em-chefe é mais conservadora e menos crítica. Utiliza o pseudônimo de Délia para elaborar as “Chronicas da Quinzena”.<sup>110</sup>

É fato que o uso de pseudônimos no período analisado era comum e podia ser usado como estratégia pelas mulheres no intuito de proteger a identidade. No caso das redatoras do periódico, poderia ser uma maneira de simular colaboradoras. Entretanto, Giron não mencionou os indícios encontrados nas fontes para fazer tal afirmação sobre o pseudônimo Délia. Sendo assim, nesta tese, não considerarei Délia e Violante Atabalipa como a mesma autora.

Algumas mulheres não registraram suas ideias nos periódicos, mas deixaram indícios de sua vida letrada através de traduções de pensamentos, romances, poesias e contos. Este foi o caso da **Sra. D. J... B...**, que traduziu uma produção italiana intitulada “Novella Moral: A verdade e a mentira”, a qual foi publicada em duas partes, a primeira no dia 11 e a segunda no

---

<sup>103</sup> DELIA. Apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 15-16, 09 jan. 1853.

<sup>104</sup> DELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 46-48, 06 fev. 1853.

<sup>105</sup> DELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 63-64, 20 fev. 1853.

<sup>106</sup> DELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 30-32, 23 jan. 1853.

<sup>107</sup> DELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 78-79, 06 mar. 1853.

<sup>108</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>109</sup> DELIA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 96, 20 mar. 1853.

<sup>110</sup> GIRON, Luís Antônio, 2004, p. 167.

dia 18 de agosto de 1852. Através de metáforas narra a história de duas irmãs – verdade e mentira –, com o intuito de argumentar que a verdade sempre impera:

Vós, ó inocentes moradores do campo, sereis sempre os primeiros a descobrir com o meu auxilio a verdade que depois será contestada pelos partidarios de minha irmã, os quaes acostumados a mentir hão de sempre ser como as paredes, que são construidas em logar aquoso, e que a pouco e pouco embebe-se a humidade por entre as juntas das pedras, até que por fim ellas arruinão-se tornando a habitação doentia e pestifera.<sup>111</sup>

**D. Dorothea** e **Dona S. J. R. F.** colaboraram com o periódico escrevendo charadas, como a que segue:

Eu sou o nome  
D'uma pastora,  
A quem Elvino  
Pastor adora.  
Ambos se assentão  
A' minha margem  
Vendo bolir  
Verde folhagem.

Vencendo os persas  
Mostrou valor,  
Batendo os Godos  
Igual primor.  
Mas este heroe,  
Tão afamado,  
Foi tão virtuoso  
Quão desgraçado!<sup>112</sup>

Por sua vez, **E. Adelaide da S. Pinto** agradeceu o *Jornal das Senhoras* com duas poesias. Conforme registros do periódico, uma das poesias foi escrita no Encanamento da Carioca,<sup>113</sup> às cinco da tarde, e refletia sobre a tristeza;<sup>114</sup> a outra versou sobre o amor não correspondido: “Como é triste a minha Lyra!/ Seus accordes tristes são!/ Amo – sem ser amada,/ Dão-me só ingratição!”<sup>115</sup>

Ao longo da vigência do *Jornal das Senhoras*, encontrei publicações assinadas por **Elisa** e **Eliza**. Trata-se, em grande parte, de textos traduzidos e extraídos; há apenas uma poesia autoral, publicada no último ano em que o periódico circulou. O traço marcante da

<sup>111</sup> D. J... B.... Novella Moral: a verdade e a mentira. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 23, 18 jul. 1852.

<sup>112</sup> F., Dona S. J. R.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 176, 28 mai. 1854.  
A resposta da charada é “Belizario”.

<sup>113</sup> Sistema de abastecimento de água que atendia ao perímetro urbano do Rio de Janeiro. Sobre a importância da implantação e aprimoramento de tais sistemas durante o século XIX, ver: MELLO, Juliana Oakim Bandeira de. O abastecimento de água da cidade do Rio de Janeiro durante o período joanino. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, nº 4, p. 159-167, 2010.

<sup>114</sup> PINTO, E. Adelaide da S.. Improviso. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 286, 03 set. 1854.

<sup>115</sup> PINTO, E. Adelaide da S.. A minha lyra. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 199, 18 jun. 1854.

tradução e da extração dos textos me faz questionar se não se tratava da mesma autora, sendo a permuta do “s” e do “z” um possível descuido da redação ou do(a) tipógrafo(a). Elisa extraiu um texto que narrava uma história passada em Londres, no século XVI, envolvendo um astrólogo misterioso e a vida conjugal da princesa Maria da Inglaterra. Na narrativa romanesca com final feliz, há uma crítica à situação das mulheres pertencentes à Corte:

Não se attende nem ás nossas pessoas nem aos nossos affectos. Provincias disputadas são os nossos dotes, nossos penhores de amor são odios que devemos apagar, e, como escravos que só devem obedecer, lança-nos sem remorso em braços estranhos...!<sup>116</sup>

O texto extraído por Elisa fez intensa crítica ao fato das mulheres não terem direito de escolha de seus maridos e de serem usadas para resolver questões políticas. Apesar do caráter crítico desse romance, Elisa traduziu outro que marcava o lugar das mulheres enquanto anjos do lar, que deveriam ser sempre subservientes aos maridos.<sup>117</sup> A colaboradora publicou uma poesia autoral na qual refletiu sobre o amor.<sup>118</sup>

Eliza extraiu um artigo que refletia sobre o amor que os árabes tinham pelas palmeiras de suas terras.<sup>119</sup> Além disso, traduziu duas histórias<sup>120</sup> que narravam trajetórias de mulheres batalhadoras: “Madame Guthier [...] aluga uma casa humilde em um dos bairros mais remotos da cidade; accommoda Sophia no armazém de uma modista, e procura, com sua agulha, o indispensável sustento para si e sua filha mais pequena, á custa de uma incessante fadiga.”<sup>121</sup>

“É uma graça ver um destes modestos velhos escreventes, de longa barba branca e enrugada figura.”<sup>122</sup> Foi assim que **Eloiza** descreveu os “escriptores publicos”, que trabalhavam nas ruas italianas atendendo, principlmente, os pobres apaixonados. Eloiza enviou sua colaboração para o *Jornal das Senhoras* com o intuito de refletir se a profissão descrita teria futuro também no Brasil.

No dia 1º de fevereiro de 1852, **Emilia** escreveu uma história de generosidade para ser publicada no *Jornal das Senhoras*.<sup>123</sup> Em 14 de março, **Emilia C. F. L.** publicou um soneto

---

<sup>116</sup> ELISA. O propheta Carmello: novellea. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 190, 12 jun. 1853.

<sup>117</sup> ELISA. A primeira mentira. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 331-334; 338-341, 15 e 22 out., 1854.

<sup>118</sup> ELISA. A minha flor. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 76-77, 11 mar. 1855.

<sup>119</sup> ELIZA. Os árabes e as suas palmeiras. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 231, 17 jul. 1853.

<sup>120</sup> ELIZA. Emma – Chronica allemã. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 122-123, 16 abr. 1854.

<sup>121</sup> ELIZA. Sophia ou o reconhecimento. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 179, 05 jun. 1853.

<sup>122</sup> ELOIZA. Um emprego que ainda hoje pode dar muito. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 262, 14 ago. 1853.

<sup>123</sup> EMILIA. Hum episodio em abril de 1850 no Rio de Janeiro. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 35, 01 fev. 1852.

em homenagem à Imperatriz.<sup>124</sup> No mês de junho, **Emilia Constança Ferreira de L.** publicou um tributo à redatora. Segue um fragmento:

Joanna Paula Manso de Noronha.  
O mais nobre coração teu peito encerra.  
Amizade, virtude, amor, Constancia.  
Não posso resistir aos teus agrados.  
Ninguém mais do que eu cultos te rende.<sup>125</sup>

Sugiro que as três produções foram elaboradas pela mesma mulher, a qual foi revelando sua identidade ao longo das publicações. Possivelmente, o periódico e a figura de Joanna Paula Manso encorajaram Emilia a se expressar e a assinar seus escritos.

“Eu amo o Sol nos teus olhos,/ Lindos raios dardejando,/ Amo a Lua no teu rosto/ Graciosa scintillando!”<sup>126</sup> Foi desta maneira que **Emilia A. da S. Pinto** iniciou sua poesia que refletia sobre o amor. Num ato de compaixão, **Emilia C.** escreveu versos para afagar uma mulher que sofria pelo fato do marido ter sido enviado para um conflito armado. Segue um fragmento:

Teu terno coração sangra é verdade  
Pungido por cruel separação,  
E não é por uma falsa ostentação  
Que vimos pr’a te ver na soledade!<sup>127</sup>

Diferente de todas as publicações comentadas até o momento, **Emilia Dulce Moncorvo de Figueiredo** colaborou com o *Jornal das Senhoras* compondo uma valsa<sup>128</sup> e escrevendo pensamentos, que foram escritos três dias antes de sua morte e publicados postumamente pela redação, como o seguinte: “A humildade sendo uma virtude; é a pedra de toque, é a verdadeira prova das outras virtudes. Em quanto não fordes humildes, não vos reputeis virtuosos.”<sup>129</sup> Com o falecimento da amiga, a redação revelou que as publicações anteriores assinadas por **E...** pertenciam à Emilia Figueiredo. Sendo assim, a colaboradora havia publicado duas traduções<sup>130</sup> e uma reflexão autoral.<sup>131</sup>

---

<sup>124</sup> L., Emilia C. F. Soneto. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 14 mar. 1852.

<sup>125</sup> L., Emilia Constança Ferreira de. Tributo de afectuosa estima. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 199, 20 jun. 1852.

<sup>126</sup> PINTO, Emilia A. da S. O que eu amo!. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 268, 26 ago. 1855.

<sup>127</sup> C., Emilia. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 212, 08 jul. 1855.

<sup>128</sup> FIGUEIREDO, Emilia Dulce Moncorvo de. As lagrimas da amizade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 30 mai. 1852.

<sup>129</sup> FIGUEIREDO, Emilia Dulce Moncorvo de. Pensamento. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 121, 18 abr. 1852.

<sup>130</sup> E.... A piedade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 66, 29 fev. 1852; E.... Oração da tarde. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 75, 07 mar. 1852.

<sup>131</sup> E.... Necessidade da oração. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 89, 21 mar. 1852.

**Escolastica P. de L.** enviou sete produções para o *Jornal das Senhoras*, sendo quatro charadas<sup>132</sup> e três histórias narrativas “verídicas”, que envolviam relacionamentos amorosos<sup>133</sup> e ato de bravura de ex-escravizado. Nas palavras da autora:

Um dia pegou fogo no novo pavilhão real, que a muitos pareceu ser a reprodução do fogo do palácio da Ajuda, em cujo logar ardendo a casa real, outras casas refrescarão; quando, perdidos os recursos de evitar o incendio e salvar as vidas compromettidas, apparece um homem armado de machado, e qual Hercules com a sua clava, derruba todos os obstáculos, corre, vôa, salva as vidas compromettidas, evita o incendio que fica circumscripto a pequeno espaço, e desaparece, sem esperar que o vejão.<sup>134</sup>

**Estrella** deixou seus registros nas páginas do periódico como escritora das seções “Chronica dos Salões” e “Theatro Lyrico”, além de veicular três artigos fora de seções. Estrella dedicava seus escritos à vida cultural da Corte, comentando bailes,<sup>135</sup> teatros<sup>136</sup> e atividades em sociedades filantrópicas.<sup>137</sup> Estrella também fez proposições, como a seguinte:

Ha muito que o bairro do catette e os seus amadores ja devião ter cuidado de instituir um ponto geral de reunião, para certo e determinado numero de socios com suas familias ahi passarem algumas noites do mez, entre os prazeres de uma partida familiar, tão reclamada nos diversos pontos desta corte.<sup>138</sup>

O pesquisador Luís Antônio Giron afirmou que, a partir de 5 de junho de 1853, “o *Jornal das Senhoras* muda de redatora e de folhetinista. Agora é Gervasia Nunezia Pires dos Santos Nunes, que passa a assinar as crônicas como Estrella.”<sup>139</sup> Não foi possível identificar como Giron chegou a tal conclusão. Com essa afirmativa, o autor parece sugerir que o pseudônimo seria utilizado pelas redadoras, primeiramente, por Joanna Paula Manso, pois era ela quem estava como redatora em chefe quando foi publicado o primeiro artigo assinado por Estrella; posteriormente, por Violante Atabalipa por ter assumido a redação com a saída da argentina e, por fim, por Gervazia Nunezia. Mais uma vez, enfatizo que não consegui sustentar a conclusão de Giron através da análise do *Jornal das Senhoras*.

---

<sup>132</sup> L., Escolastica P. de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 24, 15 jan. 1854; L., Escolastica P. de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 248, 05 ago. 1855; L., Escolastica P. de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 328, 14 out.. 1855; L., Escolastica P. de. Charada biographica. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 272, 26 ago. 1855.

<sup>133</sup> L., Escolastica P. de. Um noivo achado dentro de uma cabelleira. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 168-169, 30 mai. 1852; L., Escolastica P. de. Achar marido n’um ovo. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 197-198, 20 jun. 1852.

<sup>134</sup> L., Escolastica P. de. Um contraste. Simão, o homem do fogo. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 406, 18 dez. 1853.

<sup>135</sup> ESTRELLA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 60, 22 fev. 1852.

<sup>136</sup> ESTRELLA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 216, 03 jul. 1853.

<sup>137</sup> ESTRELLA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 97-98, 27 mar. 1852.

<sup>138</sup> ESTRELLA. O Catette. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 79, 07 mar. 1852.

<sup>139</sup> GIRON, Luís Antônio, 2004, p. 169.



No dia 20 de fevereiro de 1853, **Eugenia** publicou um artigo intitulado “O triumpho da natureza”, no qual relatou sua experiência de abandonar a família para viver com outro homem. A autora esclareceu que estava usando pseudônimo para não aumentar sua vergonha. Na narrativa, Eugenia se mostrou muito arrependida de seus atos e exaltou a virtude feminina, a maternidade e a família. O relato foi encerrado com uma expressão de remorso: “Todo o tempo que me restar de vida chorarei!”<sup>140</sup>

Tal como Emilia C., **Eugenia de L.** escreveu um poema para a mulher que se sentia desconsolada pelo envio do marido para uma batalha. Segue um curto fragmento: “A esposa! Amiga querida,/ Querida do coração,/ Deixa molesta saudosa,/ Em cruel separação./ Lá parte o bravo guerreiro/ Cumprir sua obrigação.”<sup>141</sup>

**Eugenia Foa** narrou a trajetória de Mozart, retomando fatos da sua infância e das dificuldades passadas por sua humilde família. A narrativa com final feliz e lições de moral teve desfecho com o reconhecimento do músico: “O filho pobre mestre da capella de Praga foi honrado por principes e imperadores. Qualquer que seja o estado do homem, elle gozará sempre de consideração na sociedade, se se esforçar por ser o primeiro na sua profissão, e tiver uma conducta honesta e virtuosa.”<sup>142</sup>

Em março de 1855, na região do Caju (RJ), **Eulalia M. dos S. Pereira** escreveu versos como quem sofria por amor: “As dores d’uma saudade/ O passado e seu amor,/ Eis o que faz-me infeliz,/ *Eis o que faz minha dor!*”<sup>143</sup> Mais alegre e entusiasmada revelou-se **Francina**, que escreveu um artigo elencando os divertimentos disponíveis na Corte:

Quem dicer que as semanas são tristes e mancambusias aqui na corte é um senhor herege que nunca commungou uma só vez em todos os dias da sua vida [...] temos tres theatros em serviço activo todas as semanas, onde ha muito que ver, ouvir, e cantar; temos na rua do Lavradio um circo olympico [...]; temos bailes [...]; temos aos domingos de manhã o Museu [...] temos depois a barca de banhos para purificar o corpo, e por fim o Passeio publico para arejar os pulmões. [...]

Outra Francina colaborou com o *Jornal das Senhoras*. A estréia se deu no dia 7 de maio de 1854:

Ha muito tempo que desejavamos fazer parte dessa brilhante pleiade de jovens senhoras, que com seus escriptos abrilhantão as columnas deste

<sup>140</sup> EUGENIA. O triumpho da natureza. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 62-63, 22 fev. 1853.

<sup>141</sup> L., Eugenia de. Saudades. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 212, 08 jul. 1855.

<sup>142</sup> FOA, Eugenia. A infancia de Mozart ou os pequenos artistas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 212-215, 2 jul. 1854.

<sup>143</sup> PEREIRA, Eulalia M. dos S. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 164, 27 mai. 1855. [Grifos no original]

<sup>144</sup> FRANCINA. As semanas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 45-46, 08 fev. 1852.

jornal; mas, conhecendo a incapacidade de nossa fraca intelligencia, desistiamos deste nosso desejo, contentando apenas com deleitarmo-nos com a leitura sempre agradável que em todos os Domingos offerecer-nos o Jornal que nos pertence, e que para mais braço é em sua maior totalidade escripto por pessoas do nosso sexo.<sup>145</sup>

Assim como outras colaboradoras, **Francina Oscenia** iniciou seus escritos de maneira humilde e tímida, afirmando ter incapacidades intelectuais para o mundo das letras. A recorrência desse discurso nos leva a perceber o quanto a sociedade oitocentista incutia nas mulheres a concepção de que havia incompatibilidade do feminino com as habilidades intelectuais. Apesar das colaboradoras reproduzirem tal discurso, elas enfrentaram seus medos e se expressaram nas páginas dos periódicos. Francina Oscenia tornou-se articulista da seção “Chronica dos Salões” na qual publicou 13 artigos, refletindo sobre bailes,<sup>146</sup> figurinos<sup>147</sup> e eventos culturais.<sup>148</sup>

**D. Francisca** marcou sua presença no *Jornal das Senhoras* através da publicação de uma charada: “Usado pelos tropeiros/ Sou feito d’um vegetal;/ Assim chamada por lei,/ Se commetti algum mal.”<sup>149</sup> Já **D. Francisca Luiza da Costa** registrou versos elogiosos “A’ uma amiga”: “Quando vi-te a vez primeira/ Tão terna, tão bonitinha,/ Tão amavel, feiticeira,/ Isabelinha.”<sup>150</sup>

**Gervazia Nunezia Pires dos Santos**, redatora do *Jornal das Senhoras* entre 12 de junho de 1853 e 30 de dezembro de 1855, assinou seu nome em: agradecimentos às assinantes,<sup>151</sup> homenagens à família Imperial,<sup>152</sup> recebimento de colaborações textuais,<sup>153</sup> anúncios de romances veiculados no periódico,<sup>154</sup> louvor à sociedade beneficente,<sup>155</sup> elogios

---

<sup>145</sup> OSCENIA, Francina. O baile da Sylphide. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 146, 07 mai. 1854.

<sup>146</sup> OSCENIA, Francina. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 201-202, 25 jun. 1854.

<sup>147</sup> OSCENIA, Francina. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 174-175, 28 mai. 1854.

<sup>148</sup> OSCENIA, Francina. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 281-282, 03 set. 1854.

<sup>149</sup> D. Francisca. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 352, 30 out. 1853.

A resposta da charada é “Jacaré”.

<sup>150</sup> COSTA, D. Francisca Luiza da. A’ uma amiga. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 396, 10 dez. 1854.

<sup>151</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 26 jun. 1853.

<sup>152</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Beneficencia Imperial. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 jun. 1853; SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Acto de magestade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 90, 19 mar. 1854.

<sup>153</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Saudades da minha terra. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 202, 26 jun. 1853; SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 14, 08 jan. 1854.

<sup>154</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 210-211, 03 jul. 1853.

<sup>155</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. O beneficio aos madeirenses. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 256, 07 ago. 1853.

às habilidades de uma menina sem braço,<sup>156</sup> homenagem e anúncio de peça teatral de Joanna Manso,<sup>157</sup> louvor ao marinheiro que salvou mulheres náufragas,<sup>158</sup> pesar pelo falecimento de D. Maria II<sup>159</sup> e informes sobre atrasos<sup>160</sup> e chegadas de figurinos de Paris, como no trecho a seguir: “felizmente chegarão ainda no mez de Junho, pelo vapor LUSITANIA, como tínhamos promettido [...]. D’agora em diante, confiamos em Deus, não passaremos mais por uma tão desagradavel crise; [...]”<sup>161</sup>

Sob o pseudônimo **Gervina P.**, Gervazia Nunezia escreveu quatro textos,<sup>162</sup> dos quais três foram veiculados na seção “Chronica da Quinzena”. O pseudônimo foi utilizado entre 17 de abril de 1853 e 5 de junho do mesmo ano. No dia 12 de junho de 1853, ao Gervazia Nunezia assumir a redação do periódico, seu pseudônimo foi revelado: “A vossa *Gervina P.* congratula-se pois, aceitando a Redacção em chefe do JORNAL DAS SENHORAS”.<sup>163</sup> Apesar da revelação, a articulista continuou utilizando pseudônimos para publicar artigos que não diziam respeito à redação, como se fosse uma colaboradora. Identifiquei dois artigos<sup>164</sup> assinados por **Gervina** e, a partir de 19 de junho do mesmo ano, ela acrescentou mais iniciais, assinando três textos<sup>165</sup> como **Gervina P. S. N.**. De modo similar, entre 31 de julho e 6 de novembro de 1853, a “Chronica da Quinzena” passou a ser assinada com o pseudônimo **Gervina N. P. dos S. N.**, sendo veiculados sete artigos.<sup>166</sup>

---

<sup>156</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Um phenomeno. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 04 set. 1853.

<sup>157</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Carta dirigida pela Illm. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redacção do Jornal das Senhoras. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 02 out. 1853.

<sup>158</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. Simão, o marinheiro. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1-2, 13 nov. 1853.

<sup>159</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. . *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro,

<sup>160</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. A’s nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 161, 21 mai. 1854.

<sup>161</sup> SANTOS, Gervazia Nunezia Pires dos. A’s nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 209, 02 jul. 1854.

<sup>162</sup> P., Gervina. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 127-128, 17 abr. 1853; P., Gervina. O Sr. Noronha. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 135, 24 abr. 1853; P., Gervina. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 142-143, 01 mai. 1853; P., Gervina. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 183-184, 05 jun. 1853.

<sup>163</sup> P., Gervina. Minha apresentação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 185, 12 jun. 1853.

<sup>164</sup> GERVINA. Justiça. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 187, 12 jun. 1853; GERVINA. Fragmentos de um livro santo. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 199-200, 19 jun. 1853. Antes da revelação do nome real da autora, outro artigo também havia sido veiculado com o pseudônimo Gervina: GERVINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 159-160, 15 mai. 1853. Pela proximidade das datas e pela similitude de seção, defendo que essa assinatura também era de Gervazia Nunezia.

<sup>165</sup> N., Gervina P. S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 198-199, 19 jun. 1853; N., Gervina P. S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 213-215, 3 jul. 1853; N., Gervina P. S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 230-231, 17 jul. 1853.

<sup>166</sup> N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 246-248, 31 jul. 1853; N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 262-263, 14 ago. 1853; N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 279-280, 28 ago. 1853; N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 295-296, 11 set. 1853; N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 327-328, 9 out. 1853; N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das*

**Guilhermina Santos** assinou apenas uma poesia, elogiando a singela ave, assim iniciou seus versos: “Linda rôla gemedora,/ Que suspiras noite e dia,/ Troca as notas da tristeza/ Pelos cantos da alegria.”<sup>167</sup> **Heloiza** também deixou versos, brincando com o duplo sentido das palavras, registrou seus elogios “A uma linda menina chamada Rosa”: “Mas pura *rosinha*,/ Modesta – singella,/ E’ entre as mais flôres/ A flôr a mais bella!”<sup>168</sup>

**Joaninha** – o nome seria uma homenagem à primeira redatora em chefe Joanna Paula Manso? – se inseriu no *Jornal das Senhoras* através das publicações na seção “Boletim Musical”. A articulista escreveu sete artigos, entre os dias 21 de maio e 15 de outubro de 1854. A estréia de Joaninha se deu com um instigante texto em defesa da música nacional. Segundo ela, “os nossos patricios e patricias têm uma grande vocação para a sublime arte da musica”, entretanto, “desprezamos tudo quanto é nosso, e só apreciamos o do estrangeiro, embora isso nos custe milhares de contos de réis.” Indignada, Joaninha questionou: “mas o que não fazem os nossos grandes *maestros*? Que proveito se ha colhido desse conservatorio de musica que dizem por ahi existir? Nada, inteiramente nada.” Assim, ela concluiu seu argumento: “Um máo fado persegue a tudo o que é do paiz: não nos faltão talentos, não nos faltão sublimes producções, mas por infelicidade nossa existe muito e muito – indifferentismo!”<sup>169</sup> Além do artigo de teor nacionalista, Joaninha comentou lançamentos musicais,<sup>170</sup> recomendou músicas,<sup>171</sup> analisou apresentações musicais,<sup>172</sup> estimulou as mulheres a executarem composições lançadas<sup>173</sup> e defendeu o universo musical.<sup>174</sup>

A fundadora e primeira redatora em chefe do *Jornal das Senhoras*, **Joanna Paula Manso de Noronha** produziu textos com claro caráter de emancipação das mulheres, além de romance histórico,<sup>175</sup> agradecimentos pelo apoio das mulheres ao periódico<sup>176</sup> e narração de passeios.<sup>177</sup> Instigante observar que nos anos de 1853 e 1854, a ex-redatora enviou

---

*Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 343-344, 23 out. 1853; N., Gervina N. P. dos S.. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 358-360, 6 nov. 1853.

<sup>167</sup> SANTOS, Guilhermina. A’ uma rola. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 364, 12 nov. 1854.

<sup>168</sup> HELOIZA. A uma linda menina chamada Rosa. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 30, 25 jul. 1852. [grifo no original]

<sup>169</sup> JOANINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 168, 21 mai. 1854. [grifos no original]

<sup>170</sup> JOANINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 183, 4 jun. 1854.

<sup>171</sup> JOANINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 240, 23 jul. 1854.

<sup>172</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>173</sup> JOANINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 263, 13 ago. 1854.

<sup>174</sup> JOANINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 336, 15 out. 1854.

<sup>175</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. *Mysterios del Plata. Romance Historico Contemporaneo. Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 01 jan.- 07 jul. 1852.

<sup>176</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. As nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 17, 18 jan. 1852.

<sup>177</sup> MANSO DE NORONHA, Joanna Paula. Visita. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 88-89, 21 mar. 1852.

colaborações para o *Jornal das Senhoras* assinando como **Dona Joanna de Noronha**.<sup>178</sup> No mesmo período, suas produções veiculadas em território argentino eram assinadas como **Juana Paula Manso de Noronha**.<sup>179</sup> Sendo assim, questionei: Por que inserir “Dona” nas assinaturas das publicações veiculadas em território brasileiro? Como mencionei anteriormente, a partir de 1853, Joanna Paula Manso não estava mais vivendo em matrimônio, mas as legislações que regulamentavam o divórcio e a consequente mudança de nome das mulheres foram conquistas ocorridas somente durante o século XX, tanto no Brasil quanto na Argentina. Sendo assim, “Dona” seria uma maneira de Joanna marcar essa nova etapa de sua vida? Se sim, por que não o fez também nas publicações em seu país natal? Talvez, pelo fato dela nunca ter vivido o matrimônio em território argentino, necessitando apresentar tal mudança apenas às leitoras brasileiras que tinham conhecimento da sua antiga condição de mulher casada.

Em outubro de 1854, **Julieta** apareceu nas páginas do *Jornal das Senhoras* ao registrar a autoria de quatro charadas, na mesma edição, dentre elas: “Acho-me em todo o bom dito,/ Sou a graça de quem falla;/ Com *pano* pertenço ao prelo;/ Sou bem preciso ao remeiro,/ E também ao marceneiro./ Afamado charlatão e bailarino,/ Nas praças fazer rir, pelotiqueiro.”<sup>180</sup> Julieta enviou charadas<sup>181</sup> para mais quatro edições do periódico, até que o mesmo parou de ser publicado em dezembro do mesmo ano.

**L. C.**, que se identificou como amiga de Analia, uma jovem de 20 anos que cometera suicídio devido ao amor não correspondido de um homem, enviou apenas uma colaboração para o *Jornal das Senhoras* com o intuito de registrar a tragédia que ocorrera com a amiga e criticar a atitude do sujeito responsável pela morte da “vítima do amor”. O último parágrafo de L. C., com tom de alerta às mulheres, revelava o seguinte:

Nessa mesma noite, aquelle homem rodeava e cumprimentava risonho e espirituoso um circulo de elegantes moças em um baile; alegre passeava com ellas de braço, dirigia-lhes finezas, e promettia casamento a uma clara de olhos pretos, pensando bem pouco na infeliz que lhe sacrificára a existência, e cuja alma, morta para o mundo, mas viva para eterna dor, vagava pelo espaço sem encontrar o bem do Céu.<sup>182</sup>

<sup>178</sup> NORONHA, D. Joanna de. Pensamentos. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 232, 17 jul. 1853; NORONHA, Donna Joanna de. A felicidade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 319, 01 out. 1854.

<sup>179</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Emancipacion Moral de La Mujer. *La ilustracion Argentina*, Buenos Aires, p. 5, 13 dec. 1853; MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Sem título. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 1, 01 jan. 1854.

<sup>180</sup> JULIETA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 320, 1 out. 1854. [grifo no original]

A resposta da charada é “saltimbanco”.

<sup>181</sup> JULIETA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 360, 5 nov. 1854; JULIETA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 368, 12 nov. 1854; JULIETA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 392, 03 dez. 1854; JULIETA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 416, 24 dez. 1854.

<sup>182</sup> L.C.. Analia: Vítima do amor. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 152, 07 nov. 1852.

**Leonor G\*\*\*** registrou seu nome nas páginas do *Jornal das Senhoras*, durante o ano de 1854, ao encaminhar a tradução de uma história envolvendo a intervenção do pintor Miguel Angelo para a realização de um casamento,<sup>183</sup> além de duas poesias,<sup>184</sup> em uma das quais versou sobre a beleza e força das índias:

[...]  
Lá no centro das florestas  
Quando coméço a cantar,  
Vêem – jovens – lindos guerreiros  
Junto a mim se ajoelhar;  
Todos elles são vassallos  
Que tem feito o meu olhar.

[...]  
E se alguma inimiga tribu  
Vier a minha offender,  
Hei de marchar á peleja,  
Jámais me vereis correr;  
Eu sou filha de guerreiros,  
Hei de a pé firme morrer.<sup>185</sup>

**Leontina** também escreveu poesias para serem publicadas nas páginas do *Jornal das Senhoras*. Os versos foram intitulados “Elle! Somente elle!”<sup>186</sup> e “Delirios”, os quais refletem sobre o amor. Nas palavras da colaboradora: “Amaste-me!! Morreremos juntos!/ Aos pés de Deus iremos confessar/ Este amor que na terra, como um crime,/ Não querem que possamos o gosar!!”<sup>187</sup> **Lina** também produziu versos sobre o amor,<sup>188</sup> mas foi além, escrevendo uma correspondência em que ressaltou a importância do periódico fundado por Joanna Paula Manso:

A senhora veio-nos abrir um campo de actividade, em que podemos exercitar as nossas forças, e sahir do nosso estado de vegetação. Como lhe agradecemos?  
Demais, que prazer o de escrever alguma coisa em letra redonda; saber que outras lêem nossos pensamentos. Tanto que eu desejava isto, agora a senhora me offerece uma oportunidade.<sup>189</sup>

Apesar do entusiasmo demonstrado na carta de Lina para a redatora do *Jornal das Senhoras*, infelizmente, não encontrei mais colaborações da admiradora de Joanna Paula

<sup>183</sup> G\*\*\*, Leonor. O dote de Maria. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 138-139, 30 abr. 1854.

<sup>184</sup> G\*\*\*, Leonor. Teu nome. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 253, 06 ago. 1854.

<sup>185</sup> G\*\*\*, Leonor. Araribá. Poesia Americana. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 157-158, 14 mai. 1854.

<sup>186</sup> LEONTINA. Elle! Somente elle!. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 140, 06 mai. 1855.

<sup>187</sup> LEONTINA. Delirio. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 350, 04 nov. 1855.

<sup>188</sup> LINA. Então me quer?. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 45, 08 fev. 1852.

<sup>189</sup> LINA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 44, 08 fev. 1852.

Manso. Lina seria um pseudônimo? Lina teria tomado coragem para assinar seu verdadeiro nome em outras publicações? Ficam os questionamentos.

Muitas mulheres deixaram seus nomes/pseudônimos gravados apenas uma vez no *Jornal das Senhoras*. **Mademoseille Brunet** propôs um enigma em francês;<sup>190</sup> **D. Manuelita** e **Manoela E. de C. Peixoto** escreveram uma charada;<sup>191</sup> **Maria F. de O. Barbosa** publicou uma homenagem ao general José Ballivian;<sup>192</sup> **D. Maria J. S. C.** produziu versos sobre a vida de Jesus;<sup>193</sup> **Mariquinhas** narrou uma história sobre amantes recém-casados;<sup>194</sup> **D. M. C. de J.** escreveu uma poesia sobre a dor;<sup>195</sup> **M. de Santa Rosa de Lima** narrou uma história que envolvia o falecimento de uma jovem e as grandezas do cristianismo;<sup>196</sup> e **Mme. Laura Prus** contou uma história de heroísmo em busca da liberdade.<sup>197</sup>

A jovem pernambucana de 15 anos, **Maria Clementina da Cruz**, solicitou ao seu irmão que entregasse na redação do *Jornal das Senhoras* dois artigos que refletiam sobre a emancipação das mulheres, os quais foram analisados nos capítulos desta tese. **Panorama** também remeteu duas colaborações ao periódico, sendo um conto<sup>198</sup> e um artigo sobre as “Vantagens de ler”: “A leitura, meus amigos!... sabeis vós bem o que é a leitura?! é de todas as artes a que menos custa e a que mais rende.”<sup>199</sup>

A articulista que assinava com nome de flor, **Papoula**, mostrou-se uma grande narradora de histórias, afinal, das seis publicações veiculadas no *Jornal das Senhoras*, cinco eram histórias com temas variados – fofocas na aldeia,<sup>200</sup> casamento e parentesco,<sup>201</sup> charlatão,<sup>202</sup> viúva e marido infiel,<sup>203</sup> educação das crianças<sup>204</sup> – e uma tratava-se de comentários sobre “A estação dos bailes”: “A estação corre ligeira como um sonho de felicidade, como o clarão de uma aurora boreal que brilha e desaparece, como um amor de

---

<sup>190</sup> BRUNET, Mademoiselle. Enigme. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 208, 25 jun. 1854.

<sup>191</sup> D. MANUELITA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 360, 06 nov. 1853; PEIXOTO, Manoela E. de C. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 136, 29 abr. 1855.

<sup>192</sup> BARBOSA, Maria F. de O. Elegia. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 141-142, 31 out. 1852.

<sup>193</sup> C., D. Maria J. S.. Adoração. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 420, 31 dez. 1854.

<sup>194</sup> MARIQUINHAS. Historieta. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 190-191, 11 jun. 1854.

<sup>195</sup> J., D. M. C. de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 303, 17 set. 1854.

<sup>196</sup> LIMA, M. de Santa Maria de. O enterro d'uma donzella christã. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 83-84, 13 mar. 1853.

<sup>197</sup> PRUS, Mme. Laura. O cavaleiro branco. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 05 a 12 set. 1852.

<sup>198</sup> PANORAMA. O duello das Damas. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 30 mai.- 06 jun. 1852.

<sup>199</sup> PANORAMA. Vantagens de lêr. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 246, 31 jul. 1855.

<sup>200</sup> PAPOULA. Histórias no ar. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 126-127, 17 abr. 1853.

<sup>201</sup> PAPOULA. Histórias no ar. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 135-136, 24 abr. 1853.

<sup>202</sup> PAPOULA. Modos de vida. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 143-144, 1 mai. 1853.

<sup>203</sup> PAPOULA. Histórias no ar. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 151-152, 8 mai. 1853.

<sup>204</sup> PAPOULA. Histórias no ar. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 174-175, 29 mai. 1853.

namorado, como um sorriso de poeta, [...].”<sup>205</sup> **Paula de L.** deixou como registro uma extensa poesia sobre “A menina vaidosa”, da qual transcrevo um trecho: “Hoje penso e com razão,/ Que uma menina vaidosa/ Jamais pôde ser ditosa,/ Quer solteira, quer casada:/ Quase sempre é pouco amada.”<sup>206</sup> Já **Paulina de L.** teve como especialidade escrever charadas – ao todo foram 6 publicadas<sup>207</sup> – como a seguinte: “Fui p’ra o Christo traição,/ Sou o regalo da gente./ Quem ha ahi tão sizuda/ Que não gosta de me dar?/ Gentes, o melhor de tudo/ Nestas cousas é – callar.”<sup>208</sup>

Em vez de utilizar pseudônimos, algumas mulheres escolheram uma maneira diferente de se identificar. A poesia intitulada “Saudade”<sup>209</sup> foi assinada **Pela joven cearense - B.P.**. A poesia de despedida à falecida D. Francisca Candida da Silva<sup>210</sup> foi escrita por **Uma sua amiga**. “Que terrível soffrer não tem meu peito!/ Que agonia terrível não tolera!/ Minha alma perturbada desespera;/ Meu coração de dor está desfeito!”.<sup>211</sup> Esses versos fazem parte do soneto escrito **Por uma infeliz**. Identifiquei uma charada<sup>212</sup> formulada **Por uma joven**. Finalmente, versos para louvar o ano de 1852<sup>213</sup> foram escritos **Por uma joven de 15 annos**.

**Ritinha** se inseriu no *Jornal das Senhoras* escrevendo para a seção de mais destaque do periódico: “Modas”. A nova colaboradora escreveu para substituir Christina, que precisou tirar uma licença temporária. Ciente de sua responsabilidade, Ritinha se apresentou às leitoras da seguinte maneira:

Com 16 annos de idade, e sem o traquejo do jornalismo, eu reconheço a minha insufficiencia para substituir dignamente a vossa engraçada e espirituosa Christina.

Não tenho talentos, nem grandes conhecimentos desta materia; mas se os esforços de uma boa vontade bastarem para apresentar-vos todas as semanas algumas linhas que possais ler, eu vos affirmo, que as tereis sempre escriptas com o desejo de fazer-vos o menos sensivel a falta de nossa amiga.<sup>214</sup>

<sup>205</sup> PAPOULA. A estação dos bailes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 166, 22 mai. 1853.

<sup>206</sup> L., Paula. A menina vaidosa. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 180, 06 jun. 1852.

<sup>207</sup> L., Paulina de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 232, 29 jul. 1855; L., Paulina de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 256, 12 ago. 1855; L., Paulina de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 280, 2 set. 1855; L., Paulina de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 336, 21 out. 1855; L., Paulina de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 360, 11 nov. 1855.

<sup>208</sup> L., Paulina de. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 400, 16 dez. 1855.

A resposta da charada é “Magnolia”.

<sup>209</sup> PELA JOVEN CEARENSE – B.P.. Saudade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 157, 20 mai. 1855.

<sup>210</sup> UMA SUA AMIGA. A sentida morte da Illm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Francisca Candida da Silva. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 183, 05 dez. 1852.

<sup>211</sup> POR UMA INFELIZ. Soneto. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 229, 17 jul. 1853.

<sup>212</sup> POR UMA JOVEN. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 208, 26 jun. 1853.

<sup>213</sup> POR UMA JOVEN DE 15 ANNOS. Um adeus ao anno passado. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 5, 01 jan. 1853.

<sup>214</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 9, 8 jan. 1854.



Ritinha colaborou com o periódico do dia 8 de janeiro a 30 de abril de 1854, totalizando 16 artigos publicados. Nesse período, ela refletiu sobre a moda como ciência e arte;<sup>215</sup> analisou a moda carioca;<sup>216</sup> comentou sobre a importância dos banhos para a higiene;<sup>217</sup> narrou uma reunião de amigas que simularam uma assembleia para debater a moda;<sup>218</sup> ressaltou a importância de se vestir adequadamente para cada ocasião;<sup>219</sup> analisou diversos figurinos;<sup>220</sup> defendeu a importância da moda;<sup>221</sup> refletiu sobre música<sup>222</sup> e narrou impressões de um baile.<sup>223</sup>

Em janeiro de 1854, o *Jornal das Senhoras* publicou uma tradução que **Thereza** fez de uma história inserida na obra *Les femmes* de autoria de Alphonse Karr,<sup>224</sup> a qual refletia sobre generosidade e lealdade.<sup>225</sup> **Uma assignante** enviou uma carta para a redação no intuito de elogiar a coragem e inteligência da primeira redatora:

[...] Se eu fosse ilustrada como vós sois, apresentar-me-hia para coadjuvar a vossa empresa, não por que disso carecesseis, mas para mostrar-me grata a quem tão dignamente pugna pelos direitos da emancipação da mulher. Posto não tenha o prazer de conhecer-vos, senhora, desejo obserquiar-vos de algum modo, e se o permittirdes, enviar-vos-hei alguns artigos traduzidos ou extrahidos de vários autores, a cuja leitura me tenho dado.<sup>226</sup>

Conforme anunciado na correspondência, a assignante enviou um texto extraído, o qual refletia sobre a amizade.<sup>227</sup> No mês seguinte, mais uma vez a assignante colaborou com o *Jornal das Senhoras*, noticiando que uma jovem pernambucana de 18 anos, surda e muda, havia aprendido piano com o professor Sr. Joseph Fachinetti e que, em breve, ela seria alfabetizada pelo mestre.<sup>228</sup>

**Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco** veiculou 19 publicações identificando-se, as quais se limitaram ao período em que ela estava na chefia da redação do

<sup>215</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 17-18, 15 jan. 1854.

<sup>216</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 25-26, 22 jan. 1854.

<sup>217</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 41-42, 05 fev. 1854.

<sup>218</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 49-50, 12 fev. 1854.

<sup>219</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 57-58, 19 fev. 1854.

<sup>220</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 65-66, 26 fev. 1854; RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 105-106, 02 abr. 1854.

<sup>221</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 81-82, 12 mar. 1854.

<sup>222</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 97-98, 26 mar. 1854.

<sup>223</sup> RITINHA. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 129-130, 23 abr. 1854.

<sup>224</sup> Jean-Baptiste Alphonse Karr foi jornalista e romancista francês, que viveu entre 1808 e 1890. A obra *Les femmes* está disponível integralmente no site da Gallica. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2055281/f1.image>. Acessado em 13 de agosto de 2018.

<sup>225</sup> THEREZA. Uma história que se passa em Inglaterra. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 10-12, 08 jan. 1854.

<sup>226</sup> UMA ASSIGNANTE. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 44, 08 fev. 1852.

<sup>227</sup> UMA ASSIGNANTE. Pensamentos sobre a verdadeira amizade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 44, 08 fev. 1852.

<sup>228</sup> UMA ASSIGNANTE. Interessante communicado. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 103, 27 mar. 1852.

*Jornal das Senhoras* – de 04 de julho de 1852 a 31 de maio de 1853. Mais da metade dos textos de Violante Atabalipa diziam respeito às atividades da redação, assim, precisou escrever sobre: a mudança de chefia da redação;<sup>229</sup> correspondências;<sup>230</sup> assinaturas;<sup>231</sup> os objetivos do periódico;<sup>232</sup> atrasos na publicação de figurinos;<sup>233</sup> nova colaboradora;<sup>234</sup> sacrifícios feitos para manter a qualidade do periódico;<sup>235</sup> materiais não publicados devido à falta de espaço;<sup>236</sup> balanço e perspectivas das atividades no *Jornal das Senhoras*.<sup>237</sup> Além dos mencionados assuntos, a segunda redatora refletiu sobre: atitude caridosa exercida por um médico;<sup>238</sup> a vida de Jesus e o falecimento de D. Maria Amélia, irmã do Imperador.<sup>239</sup> Violante Atabalipa também realizou traduções de textos em inglês e francês, versando sobre: a atriz Rosina Stoltz;<sup>240</sup> as vantagens da religião cristã;<sup>241</sup> a importante função do sacerdote;<sup>242</sup> a virgindade, a decência e beleza feminina;<sup>243</sup> o matrimônio, a maternidade, a benevolência e santidade feminina.<sup>244</sup>

---

<sup>229</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 1, 04 jul. 1852.

<sup>230</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 9, 11 jul. 1852.

<sup>231</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 8, 01 jan. 1853.

<sup>232</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. O Jornal das Senhoras. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 25, 25 jul. 1852.

<sup>233</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 114, 10 out. 1852; VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. Uma desculpa. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 185, 12 dez. 1852.

<sup>234</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 137, 31 out. 1852.

<sup>235</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 123-124, 17 out. 1852; VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p.

<sup>236</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 72, 27 fev. 1853.

<sup>237</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A's nossas assignantes. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 201-202, 26 dez. 1852.

<sup>238</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 86, 12 set. 1852.

<sup>239</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. Sem título. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 89, 20 mar. 1853.

<sup>240</sup> PILGRIM, Lord. A senhora Stoltz no Rio de Janeiro. Trad. de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 130-131, 24 abr. 1853.

<sup>241</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. Os prazeres e vantagens da religião. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 17-18, 18 jul. 1852.

<sup>242</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. O sacerdote. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 18-19, 18 jul. 1852.

<sup>243</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. A vigem de Van Dick. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 38-40, 01 ago. 1852.

<sup>244</sup> VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e. Karolina: Novella Polaca. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 28 ago 1852 a 13 fev 1853.

**Viscondessa da...** foi uma frequente colaboradora do *Jornal das Senhoras*, tendo registrado sua assinatura nas páginas do periódico de dezembro de 1852 a dezembro de 1854. A Viscondessa que não revelara seu nome mostrou-se uma grande leitora de temas variados. Dos 42 textos enviados para publicação, apenas 15 eram de sua autoria, os demais foram extraídos e/ou traduzidos. Seguem alguns assuntos tratados pela Viscondessa da...: vingança;<sup>245</sup> ginástica;<sup>246</sup> criações de Deus;<sup>247</sup> caridade;<sup>248</sup> casamento;<sup>249</sup> mulheres na medicina e educação.<sup>250</sup> Sobre o último tema, a colaboradora afirmou: “[...] educação – meio unico por que é possível mudar os costumes de um povo.”<sup>251</sup>

**Viscondessa de...** também foi uma colaboradora, porém, menos assídua. Ela extraía e traduziu obras, as quais discutiam sobre o amor,<sup>252</sup> a alforria<sup>253</sup> e a festa de São João.<sup>254</sup> Nos textos autorais, a Viscondessa de... refletiu sobre a amizade,<sup>255</sup> exaltou o trabalho das irmãs de caridade,<sup>256</sup> explicou o que se tratava a festa do corpo de Deus<sup>257</sup> e refletiu sobre o futuro.<sup>258</sup> Em sua última produção, a colaboradora argumentou: “A maior fortuna que podemos ter, é ignorar o nosso destino. É ser duas vezes desgraçado e conhecer com antecedencia o mal que nos deve sobrevir; e impossível será deixar de abandonar á dor e á tristeza, dias sobre os quaes nenhum direito ainda podemos ter.”<sup>259</sup>

Findo aqui o registro dos perfis letrados das mulheres que deixaram suas marcas no *Jornal das Senhoras*. Dando prosseguimento ao trabalho de identificação das mulheres de letras, passo a analisar as colaboradoras do periódico portenho *La Camelia*, veiculado entre 11 de abril e 20 de junho de 1852.<sup>260</sup> Uma característica marcante desse periódico foi o fato de grande parte das mulheres terem enviado apenas uma produção. Entretanto, tal constatação era esperada, haja vista que acessamos apenas 14 números do periódico *La Camelia*.

<sup>245</sup> VISCONDESSA DA... Da vingança. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 188, 12 dez. 1852.

<sup>246</sup> VISCONDESSA DA... Efeitos saudáveis da gymnastica. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 206-207, 26 jun. 1853.

<sup>247</sup> VISCONDESSA DA... Nada foi creado sem motivo. Legenda allemãa. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 271, 21 ago. 1853.

<sup>248</sup> VISCONDESSA DA... Quem tal diria!. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 311, 25 set. 1853.

<sup>249</sup> VISCONDESSA DA... Socrates e Francklin. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 319, 02 out. 1853.

<sup>250</sup> VISCONDESSA DA... A primeira parteira. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 334-335, 16 out. 1853.

<sup>251</sup> VISCONDESSA DA... Educação. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 280, 28 ago. 1853.

<sup>252</sup> VISCONDESSA DE... Dous amores. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 146-148, 08 mai. 1853.

<sup>253</sup> VISCONDESSA DE... Novecentos dolars: Por uma escrava. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 158-159, 15 mai. 1853.

<sup>254</sup> VISCONDESSA DE... As fogueiras de S. João na Bretanha. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 205-206, 26 jun. 1853.

<sup>255</sup> VISCONDESSA DE... As sympathias. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 129, 17 out. 1852.

<sup>256</sup> VISCONDESSA DE... As irmãs de caridade. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 155-156, 14 nov. 1852.

<sup>257</sup> VISCONDESSA DE... Festa do corpo de Deus. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 170, 29 mai. 1853.

<sup>258</sup> VISCONDESSA DE... O futuro. *Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, p. 171, 29 mai. 1853.

<sup>259</sup> *Ibidem*, loc. cit.

<sup>260</sup> Como esclarecido anteriormente, só tive acesso até a edição do dia 11 de maio de 1852.

¿ Por qué escondes tu grandeza  
Dónde las fieras se abrigan? ...  
¿ Por qué tu casta pureza;  
Y esos timbres de belleza,  
Tus temores no mitigan? ...  
[...]<sup>261</sup>

Foi com esses versos que **Adalia** iniciou sua poesia inédita intitulada “El Biricuya”, conhecida como a flor da paixão. Os versos foram escritos no dia 4 de maio de 1852 e dedicados às redatoras do *La Camelia*. Inspirada pelo nome do periódico, **Adela** também escreveu uma poesia para as redatoras. Seguem seus versos finais:

Tu vida, flor bella, privada de esencia,  
El símbolo forma nuestra existencia,  
Que vive sin goce, muriendo de amor –  
Tu cándido caliz, tu vírgen pureza,  
Solo es el espejo de nuestra belleza  
Debiera mirarse ¡ Castisima flor!<sup>262</sup>

A contribuição de Adela não se limitou à poesia acima, ela escreveu uma carta homenageando a argentina Da. Crecencia Boado de Garrigós,<sup>263</sup> que era “Presidenta de La Sociedad de Beneficencia”.<sup>264</sup> Em parceria com **Zoila**, Adela redigiu uma longa carta, publicada em duas partes, na qual defendeu a República Argentina e o General Urquiza.<sup>265</sup> É importante notar que o mencionado texto foi veiculado apenas três meses após a derrota de Juan Manuel de Rosas, na Batalha de Caseros, momento este em que a vida política na Argentina estava sendo reorganizada sob a direção de Justo José de Urquiza. Segundo Fabio Wasserman, apesar da liberdade de imprensa vivenciada na década de 1850, houve “constante intervención gubernamental procurando controlarla o acallarla.”<sup>266</sup> Portanto, o posicionamento aberto de Adela e Zoila marcava um lugar político, sendo estendido também para a redação de *La Camelia* que fazia questão de louvar o novo governo.

Outra colaboradora, **Adriana**, também encaminhou uma correspondência à redação do *La Camelia* que precisou ser publicada em duas partes, provavelmente, devido à sua extensão. O objetivo do texto era refletir sobre as funções dos homens e mulheres no matrimônio, a

---

<sup>261</sup> ADALIA. El biricuya. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 11 may. 1852.

<sup>262</sup> ADELA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 4, 18 abr. 1852.

<sup>263</sup> Crecencia Boado de Garrigós nasceu em Buenos Aires, em 1802, foi pintora e presidenta da Sociedade de Beneficência por vários períodos, além de ter sido inspetora da Casa de Órfãs. Ver mais detalhes sobre sua biografia em: SOSA DE NEWTON, Lily, 1972, p. 84-85.

<sup>264</sup> ADELA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 25 abr. 1852.

<sup>265</sup> ADELA Y ZOILA. 1º de mayo. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2-3, 04 may. 1852; ADELA Y ZOILA. 2 de mayo. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 06 may. 1852.

<sup>266</sup> WASSERMAN, Fabio. La libertad de imprenta y sus límites: prensa y poder político en el Estado de Buenos Aires durante la década de 1850. *Almanack Brasiliense*, São Paulo, n. 10, p. 131, nov. 2009.

moralidade e a família. Adriana transcreveu o relato de um viajante inglês, narrando como os povos Orientais escravizavam as mulheres. A partir do relato eurocêntrico, a colaboradora chegou à seguinte conclusão: “A este cuadro de la familia Europea, comparad un cuadro de la familia Oriental; la primera reposa en la igualdad y en el amor, la segunda en los excesos y en la esclavitud, que dejando al amor sus furores brutales, los quitan sus suaves conveniencias y sus ilusiones divinas.”<sup>267</sup> É importante comunicar que o mesmo relato do viajante inglês foi transcrito pela mineira Francisca Senhorinha da Motta Diniz, em seu periódico *O Sexo Feminino*, no dia 18 de outubro de 1873. Tanto a articulista portenha quanto a brasileira criticaram o modo como as mulheres eram tratadas no Oriente e partiram de concepções eurocêntricas para julgar as sociedades orientais. Entretanto, a finalidade das duas foi distinta: Adriana usou o relato para elogiar a organização familiar nas sociedades ocidentais e defender a necessidade do casamento para que a mulher pudesse exercer o poder intelectual e moral;<sup>268</sup> Francisca Senhorinha utilizou as observações do viajante para argumentar sobre a importância da educação na mudança da condição das mulheres e reivindicar educação física, moral e intelectual para suas companheiras de sexo.<sup>269</sup>

Em outra edição do periódico *La Camelia*, **Ariana** criticou a moda adotada na Argentina, descrevendo o traje de uma moça: “La circunferencia de su cuerpo era, sin exsagerar, la de un globo aéreo; tal nos pareció su voluminoso vestido; [...] desde que la jóven entró en el salon, todas las personas se miraron y sonrieron con malicia, pero disimulando [...]”<sup>270</sup> Por sua vez, **Cassiana** escreveu uma carta em resposta às críticas dos redatores do periódico *El Padre Castañeta*,<sup>271</sup> direcionadas ao periódico dirigido pelas mulheres. Com convicção, Cassiana argumentou: “S. R. no nos negará que somos iguales ante Dios, y ante la naturaleza; que la Divina voluntad del Ser Supremo, no instituyó leyes de desigualdad y mucho menos tiránicas.”<sup>272</sup>

A colaboradora **Clara** escreveu para perdoar os homens pelas injustiças cometidas contra as mulheres, pois ela compreendia que a culpa era do contexto político-social: “Todos

---

<sup>267</sup> ADRIANA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 27 abr. 1852.

<sup>268</sup> ADRIANA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 29 abr. 1852.

<sup>269</sup> DINIZ, Francisca Senhorinha da Motta. Educação intelectual. *O Sexo Feminino*, Campanha, p. 1-2, 18 out. 1873.

<sup>270</sup> ARIANA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2-3, 02 may. 1852.

<sup>271</sup> *El Padre Castañeta*: “periódico crítico-burlesco, literario, político y de costumbres” surgiu em 1852, vinte anos após a morte da pessoa que lhe inspirou o nome. Era veiculado às quartas e sábados pela Imprenta de Arzac, em Buenos Aires. O lema do periódico era “¡ Viva la Confederación Argentina!”, era editado por Miguel Navarro Viola (1830-1890) e contava com mais dois redatores: Benjamín Victoria (1831-1913) e Eusebio Ocampo. Impresso disponível no acervo da Biblioteca Nacional Mariano Moreno: [http://catalogo.bn.gov.ar/F/?request=Padre+Casta%C3%Bl eta&func=find-b&find\\_code=WRD&filter\\_request\\_4=CR](http://catalogo.bn.gov.ar/F/?request=Padre+Casta%C3%Bl eta&func=find-b&find_code=WRD&filter_request_4=CR). Acessado em 15 de agosto de 2018.

<sup>272</sup> CASSIANA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 1-2, 18 abr. 1852.

los lazos se habian roto, la sociedad no ecsistia, solo el crimen prosperaba.” Sendo assim, ela pediu aos homens para mudarem de atitude: “haceos dignos de nosotras, de vosotros mismos”.<sup>273</sup>

Em 11 de abril de 1852, **Eliza** declarou sua defesa aos periódicos escritos por mulheres através de um diálogo que teve com D. Hermógenes. O senhor questionou: “Será sin duda por decirse redactado por mugeres?”. Eliza respondeu: “Así es.”. O insistente Hermógenes disse: “Pues creo os equivocais; el redactor será algun hombre bajo el anónimo de *mugeres*.” Convicta, Eliza enfatizou: “No, señor.”<sup>274</sup> Até o fim da conversa, a colaboradora se posicionou em defesa ao periódico *La Camelia*.

**Hadalia** foi a pessoa que mais assinou textos no periódico *La Camelia*, totalizando 6 colaborações. Suas produções tiveram forte teor crítico, seja em forma de correspondência ou poesia. Hadalia elogiou o sistema republicano;<sup>275</sup> criticou a situação econômica<sup>276</sup> e social<sup>277</sup> da Argentina; defendeu a igualdade entre os sexos;<sup>278</sup> argumentou em prol da liberdade feminina<sup>279</sup> e criticou os homens que confundiam a generosidade das mulheres com submissão. Sobre o último aspecto, segue um fragmento escrito pela colaboradora: “La mezquindad de los hombres, su petulancia natural, y ese predominio que ellos mismos se han creado, y qué se trasmiten de generacion en generacion, como una herencia, clasifican nuestra *generosidad* con el ofensivo nombre de DEBILIDAD.”<sup>280</sup>

**Helena** marcou sua presença nas páginas do periódico portenho através de uma reflexão sobre o amor. O texto foi inspirado numa carta anteriormente enviada por um homem, solicitando orientação das redatoras sobre o tema tratado por Helena. A colaboradora findou seu artigo com um conselho ao leitor:

“No se puede luchar contra el destino decia un sábio y tú lo repites con él” luego te falta la filosofia necesaria para que te conformes, aleja de vuestra imaginacion esas crueles ideas, has que reine en tu espíritu la conformidad, y no pretendas oponerte á lo que la Divina Providencia te tiene destinado.<sup>281</sup>

Com o pseudônimo de **Hernestina y Luiza**, duas mulheres escreveram um artigo sobre modas que foi publicado em três partes nas páginas do *La Camelia*. Diferentemente

---

<sup>273</sup> CLARA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 4, 15 abr. 1852.

<sup>274</sup> ELIZA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 4, 11 abr. 1852. [grifo no original]

<sup>275</sup> HADALIA. A La flor del Aire. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 22 abr. 1852.

<sup>276</sup> HADALIA. Satira. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 02 may. 1852.

<sup>277</sup> HADALIA. Satirilla. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2-3, 09 may. 1852.

<sup>278</sup> HADALIA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 20 abr. 1854.

<sup>279</sup> HADALIA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2-3, 20 abr. 1854.

<sup>280</sup> HADALIA. Generosidad. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 22 abr. 1852. [grifo no original]

<sup>281</sup> HELENA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 09 may. 1852.

de Ariana, essas colaboradoras defenderam os figurinos adotados na Argentina: “Hoy menos que nunca tenemos derecho á quejarnos de las ridiculeces à que pudiera sugetarnos la moda, porque nuestra sociedad ha llegado, sin duda, à la escala de perfectibilidad, respecto del buen gusto.”<sup>282</sup>

No dia 15 de abril de 1852, a seguinte poesia de **Laura** foi publicada no periódico *La Camelia*:

Hombre infiel y sin constancia  
A quien amo con delirio  
Ven suaviza el cruel martirio  
Que tu me hacer padecer.

Ven y contempla un instante  
A la que juraste amor,  
Que entre pena y sinsabor  
Que gusto podre tener.

Ven y contempla si puedes  
A la que tanto te ha amado,  
Y saciate con agrado  
De su pena y su tormento.

Y cuando mires ufano  
La hechura de tus desdenes  
Dí que tú ni á Dios le temes –  
Ni à nadie tienes amor.<sup>283</sup>

Dois dias após a publicação de Laura, o redator do periódico *El Padre Castañeta*, Benjamín Victoria – que usava o pseudônimo Lima-Sorda – lançou duras críticas, em forma de poesia, à colaboradora do periódico *La Camelia*. O redator ficou horrorizado com “los versos ardientes” de Laura e afirmou que ela permanecia solteira devido a “tu delirio”.<sup>284</sup> Para se defender, Laura escreveu outra poesia, que foi publicada no periódico *La Camelia*, no dia 22 de abril de 1852.<sup>285</sup>

A colaboradora **Nisefora** se inseriu no debate sobre a moda na Argentina, criticando o uso das longas roupas vindas da Europa. Em suas palavras:

Una niña ó señora que vista tan ridicula moda, no es otra cosa, que una escoba pública, que barre las veredas que transita, llevando en el ruedo de su traje, y ropa interior la escencia de los albañales y de algunas rinconadas; este perfume lo transmiten á la casa que visitan, y van despues à depositar esta aroma, à sus cómodas ó roperos.<sup>286</sup>

<sup>282</sup> HERNESTINA Y LUISA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 27 abr. 1854.

<sup>283</sup> LAURA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 4, 15 abr. 1852.

<sup>284</sup> LIMA-SORDA. Sem título. *El Padre Castañeta*, Buenos Aires, p. 6, 17 abr. 1852.

<sup>285</sup> LAURA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 22 abr. 1852.

<sup>286</sup> NISEFORA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 27 abr. 1852.

As articulistas **Ortencia y Lila** retomaram o texto de Eliza, publicado no primeiro número do *La Camelia*. Elas criticaram, enfaticamente, a atitude de Hermógenes ao questionar a capacidade das mulheres escreverem num impresso. Ortencia y Lila argumentaram que bastava boa educação para que as mulheres desenvolvessem as capacidades intelectuais, tornando-se “capaces de escribir, no solamente un periódico, sino tambien algo de mayor volumen”.<sup>287</sup>

Tal como no periódico carioca *Jornal das Senhoras*, algumas colaboradoras do *La Camelia* optaram por não criarem pseudônimos para se identificarem. **Una aficionada á la moda** publicou um artigo no intuito de comentar “el buen gusto de las bellas argentinas”, assim como exaltar a beleza de suas compatriotas: “podríamos decir con veracidad, que nuestras calles han estado plagadas de diosas, y al frente de los altares hemos visto doblar la rodilla á multitud de àngeles tributando su gratitud à un Dios infinito.”<sup>288</sup> **Unas suscriptoras** também se posicionaram sobre a moda na Argentina, porém, de forma mais crítica. Segundo elas “hoy es sumamente general en nuestras jóvenes, el uso de una multitud de enaguas [...]; en las casas acontece que por hermoso que sea el sofá, no pueden estar mas de dos; [...]. En fin, esperamos de las bellas argentinas, mas prudencia, mas economia, y menos emision de enaguas.”<sup>289</sup>

Por fim, registrei a contribuição de **Zoila** para com o periódico *La Camelia*. Ela foi calorosamente recebida pela redação: “Con colaboradoras de esta clase, la Camelia, nada teme.”<sup>290</sup> O texto de Zoila foi publicado em duas partes, provavelmente, devido à sua extensão. A colaboradora refletiu sobre as opressões sofridas pelas mulheres: “¡ Oh Dios mio! victimas siempre desde que vemos la luz, hasta el momento de nuestro eterno adios.”<sup>291</sup>

A partir deste ponto, analisei as assinaturas impressas no periódico *Album de Señoritas*, veiculado entre 1º de janeiro e 17 de fevereiro de 1854. Em seus 8 números publicados foram registrados apenas os nomes da redatora, **Juana Paula Manso de Noronha**, e da colaboradora **Anarda**. Diferentemente do periódico que Juana Paula fundou no Brasil, que contou com muitas colaboradoras, no empreendimento lançado em sua terra natal, a redatora exerceu as atividades de imprensa com pouco apoio. Sendo assim, de maneira

---

<sup>287</sup> ORTENCIA Y LILA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 2, 25 abr. 1852. [grifo no original]

<sup>288</sup> UNA AFICIONADA Á LA MODA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3-4, 18 abr. 1852.

<sup>289</sup> UNAS SUSCRIPTORAS. Moda. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 3, 22 abr. 1852.

<sup>290</sup> LA CAMELIA, Buenos Aires, p. 2, 11 abr. 1852.

<sup>291</sup> ZOILA. Sem título. *La Camelia*, Buenos Aires, p. 4, 11 abr. 1852.



solitária, ela escreveu textos dissertativos sobre a emancipação das mulheres;<sup>292</sup> publicou, em oito partes, o romance *La familia del comendador*;<sup>293</sup> escreveu poesia<sup>294</sup> e realizou um balanço de sua jornada à frente do *Album de Señoritas*.<sup>295</sup> O periódico veiculou outros textos como crônicas e anedotas. Apesar de não constar a assinatura, é provável que os mesmos tenham sido escritos pela redatora.

A colaboradora Anarda veiculou apenas dois textos sobre modas, pois logo ficou enferma e não teve condições de continuar apoiando a amiga Juana Paula Manso.<sup>296</sup> A identidade da articulista de modas não foi revelada. Ela mesma esclareceu: “A la verdad, mi querida amiga, que me habeis puesto en figurillas, y si no me hubiéseis prometido el mais rigoroso sigilo, nunca me habria podido decidir á colocar mis pobres ideas en parangon con las de tanto sabio como hay en nuestra tierra [...]”<sup>297</sup>

Como identificado ao longo desta análise dos perfis letrados das mulheres de imprensa, a omissão do nome de nascimento foi prática recorrente entre as mulheres da década de 1850, seja na Argentina ou no Brasil. Assim sendo, corroboro Virgínia Woolf: “De fato, eu me arriscaria a supor que Anônimo, que escreveu tantos poemas sem assiná-los, foi muitas vezes uma mulher.”<sup>298</sup> Parafraçando Woolf, suponho que “Anônimo”, que escreveu tantos poemas, peças de teatro, artigos, contos e romances, sem assiná-los, foi muitas vezes uma/muitas mulher(es). O anonimato foi elemento corriqueiro na imprensa oitocentista carioca e portenha, fato que impede a atribuição do devido reconhecimento que deveria ser legado às articulistas, além de dificultar a análise da construção de ideias autorais nas páginas impressas. Apesar desse obstáculo, neste apêndice houve um esforço de rastrear as colaboradoras que deixaram indícios nos periódicos, com o intuito de perceber a participação delas na viabilidade de manutenção dos impressos e nas propostas de emancipação das mulheres veiculadas em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. Como apresentado, as mulheres se expressaram sobre temas muito variados e com abordagens bem peculiares. Sendo assim, resalto que mesmo aquelas que não refletiram sobre emancipação das mulheres, estavam

---

<sup>292</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Sem título. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 1-2, 01 jan. 1854; MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Emancipacion Moral de la Mujer. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 2-4, 01 jan. 1854.

<sup>293</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. La Familia Del Comendador. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, 01 jan.- 17 fev. 1854.

<sup>294</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. Uma flor sobre la tumba. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 8, 01 jan. 1854.

<sup>295</sup> MANSO DE NORONHA, Juana Paula. A nuestras subscritoras. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 40, 29 jan. 1854.

<sup>296</sup> SEM AUTOR. Modas. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 40, 20 jan. 1854.

<sup>297</sup> ANARDA. Modas. *Album de Señoritas*, Buenos Aires, p. 5, 01 jan. 1854.

<sup>298</sup> WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, s/d. [copyright 1928] p. 62.

agindo de maneira ousada. Afinal, o fato de pegar na pena, expressar suas ideias e enviar um texto para ser veiculado na esfera pública era um ato de coragem para a época.

É instigante observar o alto número de textos extraídos e traduções publicadas pelas mulheres. Este fato revelou o quão seletivo e privilegiado era o grupo de mulheres que colaborava com os impressos, o qual tinha acesso a uma esmerada educação e a um universo de livros, revistas e jornais invejáveis. Além disso, constatei que enviar obras extraídas ou traduzidas era uma maneira de colaborar com os periódicos sem expressar diretamente suas ideias, sendo utilizada como estratégia de inserção no espaço público de maneira gradual. Esta técnica era uma forma de superar a insegurança da própria escrita revelada por inúmeras colaboradoras dos periódicos analisados.

A expressão de Christina, a articulista do *Jornal das Senhoras*, “Trabalhei como uma mulher!” definiu muito bem o teor das fontes desta tese. Como esclarecido anteriormente, todos os periódicos analisados são frutos de empreendimentos de indivíduos do gênero feminino. Em geral, o acesso aos textos de autoria das proprietárias/redatoras foi mais fácil. Entretanto, o nível de dificuldade aumentou quando caminhei no sentido de identificar as colaboradoras. É explícita a ousadia das fundadoras de periódicos feministas naqueles meados do século XIX, em sociedades patriarcais como as do Rio de Janeiro e de Buenos Aires. No caso das colaboradoras — mesmo que houvesse um claro desejo de participar e uma nítida identificação com aquelas ideias lançadas na esfera pública —, pelo que as fontes indicaram, havia receio na exposição de suas afinidades com a emancipação por meio da assinatura dos textos. Como bem argumentou Norma Telles:

A conquista do território da escrita pelas mulheres no Brasil foi longa e difícil, assim como foi difícil derrubar as paredes da casa-prisão e da prisão-textual que as confinava tendo por motivos um corpo tido como frágil, enfermo e um cérebro meio mole, ou menor, em todo caso incapaz de formular questões essenciais.<sup>299</sup>

Tais estereótipos forjados a respeito das mulheres acabaram por inibir parte delas a se expressar. Lamento por não poder nomear e reconhecer cada autora que contribuiu formulando questões e propondo mudanças.

Ao identificar o protagonismo feminino na imprensa dos anos 1850, o propósito não foi buscar dados biográficos das mulheres. O objetivo foi traçar um perfil letrado, ou seja, compreender como as mulheres deixaram suas presenças registradas através da produção

---

<sup>299</sup> TELLES, Norma. Fragmentos de um mosaico: escritoras brasileiras do século XIX. *Labrys: estudos feministas*, Brasília, ago./dez. 2005. Disponível em: <http://www.labrys.net.br/labrys8/literatura/norma.htm>. Acessado em 12 de novembro de 2016.

escrita. Entretanto, busquei informações em livros e dicionários sobre as protagonistas identificadas. Infelizmente, constatei que os registros sobre a vida das mulheres de imprensa são mínimos. Identifiquei informações pontuais sobre a redatora Gervazia Nunezia e sobre Violante Atabalipa. No universo analisado, Joanna Paula Manso foi a mulher com mais informações biográficas disponíveis. Em contrapartida, é preocupante o apagamento das vidas das colaboradoras dos periódicos na memória do Brasil e da Argentina. Mesmo sobre aquelas mulheres que se atreveram a assinar o nome completo nas publicações, não foi possível encontrar mais registros sobre suas vivências.

Portanto, esse foi um breve mapeamento das assinaturas e tipos textuais que compunham a escrita das mulheres na imprensa carioca e portenha, na primeira metade dos anos 1850. Espero que, com o avançar dos estudos feministas, mais mulheres de letras sejam reveladas e inseridas em nossa história.

Apêndice B – Levantamento de publicações femininas no periódico *Jornal das Senhoras*

<b>Autora</b>	<b>Data do texto veiculado</b>	<b>Título</b>	<b>Ideia central</b>	<b>Observações</b>
<b>Adelaide</b>	04/04/1852	Amor e a ortographia	Defender a educação para as mulheres	Texto argumentativo
<b>Adelaide P.</b>	06/02/1853	Marido e mulher	Criticar a vivência na vida conjugal	Texto extraído
<b>Adelaide P. de L.</b>	19/09/1852	Logogrypho	Propor um jogo de adivinhação	Veiculado em forma de poesia
	17/10/1852	Logogrypho	Propor um jogo de adivinhação	Veiculado em forma de poesia
	22/05/1853	Logogrypho	Propor um jogo de adivinhação	Veiculado em forma de poesia
	26/06/1853	Logogrypho	Propor um jogo de adivinhação	Veiculado em forma de poesia
<b>Adèle Toussaint</b>	25/09/1853	A Joanna Noronha	Elogiar Juana Paula Manso	Poesia escrita em francês
<b>A indígena do Ypiranga</b>	16/07/1854 a 06/08/1854	Minhas distracções	Narrar uma história cuja moral é que apenas pelo trabalho atingimos a felicidade	Texto veiculado em três partes
<b>A.J.P.C.</b>	11/04/1852	Aos meus annos	Refletir sobre seu aniversário e sobre o sofrimento de ser órfã	Poesia
<b>Alina</b>	26/02/1854	O carnaval	Exaltar o período de carnaval	-
	12/03/1854	Exequias em S. Francisco de Paula	Comentar homenagem em memória de D. Maria Segunda	-
	12/03/1854	-	Exaltar a música e comentar músicas tocadas em funerais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”
	19/03/1854	-	Comentar concurso musical, apresentação de ópera e defender os artistas nacionais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”
	26/03/1854	-	Elogiar o artista Sr. José Joaquim Goyano	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”
	02/04/1854	-	Comentar eventos musicais ocorridos na semana	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”
	09/04/1854	-	Comentar pormenores do mundo musical da Corte	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”
	01/10/1854	-	Argumentar a respeito do desenvolvimento da moda e da instrução no Brasil	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	08/10/1854	-	Comentar festas e figurinos	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	15/10/1854	-	Refletir sobre a beleza das mulheres nos salões	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	15/10/1854	Pequenos abusos	Comentar atitudes abusivas ocorridas nos	- 291

<b>Alina</b>			bailes	
	22/10/1854	-	Comentar o baile da Vestal	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	22/10/1854	Pequenos abusos	Criticar a falta de cuidado dos homens nos bailes	-
	22/10/1854	-	Comentar as novas composições musicais publicadas	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
	29/10/1854	-	Comentar sobre as pequenas irregularidades de etiqueta presentes no Brasil e elogiar uma festa no campo	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	05/11/1854	-	Comentar que o nem o calor impede as atividades do mundo elegante; noticiar reuniões literárias	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	12/11/1854	-	Comparar a vida no baile e na casa de campo	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	19/11/1854	-	Comentar sobre os homens que freqüentam bailes	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	19/11/1854	Pequenos abusos	Comentar irregularidades na maneira de se comportar	-
	26/11/1854	-	Comentar bailes e reuniões	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	03/12/1854	-	Comentar reunião da Vestal e alertar as leitoras sobre a importância de cuidar da saúde	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	10/12/1854	-	Comentar eventos sociais e novidades cotidianas	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	17/12/1854	-	Comentar eventos e figurinos	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	24/12/1854	-	Solicitar que no ano novo as leitoras continuem assinando o periódico; comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	31/12/1854	-	Comentar eventos sociais e desejar que as senhoras continuem lendo este periódico	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	31/12/1854	Descrição da estampa	Analisar figurinos	Antes, essa descrição era vinculada à seção "Modas"
	07/01/1855	-	Desejar feliz ano novo e comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	14/01/1855	-	Comentar festividades	Texto veiculado na

<b>Alina</b>			de início de ano	seção “Chronica dos Salões”
	14/01/1855	Descrição da estampa	Analisar figurinos e justificar a publicação de estampas de inverno	-
	21/01/1855	-	Comentar as festas de dia de reis e bailes	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	28/01/1855	-	Comentar atividades sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	04/02/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	11/02/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	18/02/1855	-	Comentar bailes e figurinos	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	25/02/1855	-	Comentar bailes e reuniões	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	04/03/1855		Comentar bailes e reuniões	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	11/03/1855	-	Comentar bailes e figurinos	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	18/03/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	25/03/1855	-	Comentar bailes e figurinos	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	01/04/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	08/04/1855	-	Comentar eventos e festas religiosas	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	15/04/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	22/04/1855	-	Comentar bailes	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	29/04/1855	-	Comentar eventos sociais e figurinos	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	06/05/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	13/05/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	20/05/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”

<b>Alina</b>	27/05/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	03/07/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	10/06/1855	-	Comentar eventos sociais e figurinos	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	17/06/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	24/06/1855	-	Comentar bailes e figurinos	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	01/07/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	08/07/1855	-	Refletir sobre a escrita e comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	15/07/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	22/07/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	29/07/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	05/08/1855	-	Comentar eventos sociais e figurinos	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	12/08/1855	-	Comentar bailes e apresentações teatrais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	19/08/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	26/08/1855	-	Refletir sobre a situação política do país e comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	02/09/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	09/09/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	16/09/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	30/09/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	07/10/1855	-	Refletir sobre a escrita de crônicas e comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	14/10/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"

<b>Alina</b>				Salões”
	21/10/1855	-	Refletir sobre os desafios de escrever crônica e comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	28/10/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	04/11/1855	-	Refletir sobre o processo de escrita	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	11/11/1855	-	Comentar passeio por Niterói e eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	18/11/1855	-	Refletir sobre desejos e comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	25/11/1855	-	Refletir sobre educação e emancipação das mulheres	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	02/12/1855	-	Comentar eventos sociais e figurinos	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	09/12/1855	-	Comentar política e eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	16/12/1855	-	Comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	23/12/1855	-	Refletir sobre a escrita e comentar eventos sociais	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	30/12/1855	-	Refletir sobre a importância da educação	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
<b>Amalia</b>	01/01/1853	Esperança e illusão	Refletir sobre o amor não correspondido	Poesia
	06/02/1853	Graças ao omnipotente	Aclamar à Deus	Poesia
	06/02/1853	Ao anniversario natalicio de uma amiga achando-se enferma	Rogar pela vida de uma amiga	Acróstico
	22/05/1853	Aos annos do innocente Diogo	Felicitar pelo aniversario	Poesia
<b>Amalia C. T. C.</b>	14/03/1852	Ao faustoso natalício de sua magestade a Imperatriz	Homenagear a Imperatriz	Poesia
<b>Amelia</b>	20/03/1853	Mote	Refletir sobre amor não correspondido	Poesia
	15/04/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
	06/05/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
<b>Amelia F. C. T.</b>	14/03/1852	Ao dia 14 de março de 1852	Homenagear a Imperatriz	Poesia
<b>Amitié</b>	04/06/1854	Confissão	Compor um logogrifo com a palavra Adelaide	-
<b>Analia</b>	15/02/1852	Uma manhã no Cosme Velho	Elogiar a paisagem	Soneto
<b>Anna Maria</b>	13/06/1852	Minhas observações a	Elogiar os homens	Poesia



<b>Clarisse</b>		respeito dos homens gordos	gordos	
<b>Antonia</b>	14/03/1852	Ode	Homenagear a Imperatriz	Poesia
<b>Dona Augusta M. de O.</b>	03/09/1854	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção "Charada"
<b>Dona Augusta de S.P.</b>	01/10/1854	-	Refletir sobre a tristeza	Texto veiculado na seção "Poesia"
<b>Baroneza de ***</b>	28/01/1855 a 04/03/1855	Educação do sexo feminino	Criticar a instrução recebida pelas meninas e reivindicar mais qualidade	Artigo publicado em três partes
<b>Bellona</b>	11/04/1852	-	Propor mudanças em alguns ritos da Igreja	Artigo veiculado na seção "Chronica da Semana"
	18/04/1852	-	Noticiar a formatura de duas francesas no curso de medicina	Artigo veiculado na seção "Chronica da Semana"
	25/04/1852	-	Narrar seu passeio em Petrópolis	Artigo veiculado na seção "Chronica da Semana"
	09/05/1852	-	Tratar de assuntos variados como a morte do poeta Alvares de Azevedo, de teatro, de bailes e da benevolência do Imperador	Artigo veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	16/05/1852	-	Comentar insultos que o periódico estava sofrendo pelo fato das mulheres nele se expressarem.	Artigo veiculado na seção "Chronica da Semana"
	30/05/1852	-	Tratar de assuntos variados como a recuperação da saúde do Imperador, da páscoa, de bailes e de teatros. Além de lançar uma charada.	Artigo veiculado na seção "Chronica da Semana"
	06/06/1852	-	Tratar de assuntos variados como teatro, festas, corridas e bailes.	Artigo veiculado na seção "Chronica da Semana"
	11/07/1852	-	Informar que foi convidada pelo nova redatora a continuar escrevendo no periódico.	Artigo veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	25/07/1852	-	Defender que as mulheres devem comentar qualquer tipo de assunto	Artigo veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	08/08/1852	-	Criticar o fato das mulheres serem censuradas ao falarem de política	Artigo veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	22/08/1852	-	Tratar de assuntos diversos como bailes, festas, teatros e sobre uma negra que cura através do magnetismo	Artigo veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	05/09/1852	-	Tratar de assuntos	Artigo veiculado na

<b>Bellona</b>			diversos como a encenação da Mme. Stoltz no teatro	seção “Chronica da Quinzena”
	19/09/1852	-	Tratar de assuntos diversos e criticar a extinção do Conservatório de dança e música	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	03/10/1852	-	Comentar os bailes ocorridos nos últimos dias	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	17/10/1852	-	Tratar de assuntos diversos como troca de correspondência, saraus e teatros.	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	31/10/1852	-	Comentar atividades culturais ocorridas na quinzena	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	14/11/1852	-	Comentar sobre a regata ocorrida e lamentar a pouca disposição das pessoas para o passeio público	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	28/11/1852	-	Comentar sobre: atividades de lazer do Imperador, bailes e teatros	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	12/12/1852	-	Comentar festas, bailes e teatros	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	26/12/1852	-	Comentar assuntos diversos e ressaltar que a mulher deve se envolver nos assuntos políticos	Artigo veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
<b>Belmira</b>	08/01/1854	A obra prima anonima	Narrar história sobre uma pintura que não teve seu autor revelado	Texto traduzido
<b>Candida</b>	12/12/1852	Um domingo	Exaltar o domingo, dia reservado à liberdade	Trata-se de uma tradução feita por Candida
<b>Candilia</b>	11/04/1852	A tarde. Divagações	Refletir sobre o amor	Texto com teor poético
<b>D. Carolina</b>	18/12/1853	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charada”
<b>Christina</b>	27/03/1852	As modinhas brasileiras	Exaltar as modinhas brasileiras	-
	25/04/1852	-	Analisar modelos de roupas brancas	Texto veiculado na seção “Modas”
	02/05/1852	-	Sugerir figurinos para a temporada de bailes	Texto veiculado na seção “Modas”
	06/06/1852	-	Comentar sobre as cerimônias de casamentos e acerca dos figurinos indicados	Texto veiculado na seção “Modas”
	27/06/1852	-	Informar que o <i>Jornal das Senhoras</i> irá oferecer figurinos e letras de música tipografados no Rio de Janeiro	Texto veiculado na seção “Modas”

<b>Christina</b>	04/07/1852	-	Informar que mesmo com a mudança de redação, ela permanecerá escrevendo sobre modas	Texto veiculado na seção “Modas”
	11/07/1852	-	Ressaltar o sucesso do periódico e da seção de modas, bem como analisar um figurino de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	01/08/1852	-	Criticar os “linguарudos” que comentavam que a linguagem do <i>Jornal das Senhoras</i> não era de mulher. Analisar um figurino de baile.	Texto veiculado na seção “Modas”
	08/08/1852	-	Criticar aqueles que pensam que os artigos de moda são secundários. Analisar um figurino de passeio.	Texto veiculado na seção “Modas”
	15/08/1852	-	Comentar os bailes ocorridos. Analisar figurinos de visita e de passeio.	Texto veiculado na seção “Modas”
	22/08/1852	-	Comentar figurinos vistos nos bailes	Texto veiculado na seção “Modas”
	05/09/1852	-	Comentar sobre o baile Imperial e analisar figurinos de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	12/09/1852	-	Comentar sobre a moda para crianças	Texto veiculado na seção “Modas”
	26/09/1852	-	Defender a importância dos textos sobre moda	Texto veiculado na seção “Modas”
	03/10/1852	-	Ressaltar a importância da mãe na educação dos filhos e defender o respeito às mulheres	Texto veiculado na seção “Modas”
	17/10/1852	-	Analisar a estampa de uma amazona	Texto veiculado na seção “Modas”
	24/10/1852	-	Comentar mudanças na moda de Paris e analisar figurino de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	31/10/1852	-	Discutir as variações da moda conforme as estações do ano. Analisar dois figurinos de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	07/11/1852	-	Exaltar o campo e analisar figurino de receber visita	Texto veiculado na seção “Modas”
	14/11/1852	-	Informar sobre a chegada de novos figurinos de Paris	Texto veiculado na seção “Modas”
	21/11/1852	-	Informar as últimas tendências da moda em Paris	Texto veiculado na seção “Modas”
	05/12/1852	-	Elogiar o campo e analisar figurinos	Texto veiculado na

<b>Christina</b>			adequados para esse ambiente	seção “Modas”
	19/12/1852	-	Analisar, pela primeira vez, figurinos masculinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	26/12/1852	-	Analisar figurino de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	01/01/1853	-	Esclarecer que ela é uma mulher e não um homem como andavam dizendo. Analisar um figurino de noiva	Texto veiculado na seção “Modas”
	09/01/1853	-	Analisar figurino parisiense	Texto veiculado na seção “Modas”
	16/01/1853	-	Analisar moldes chegados de Paris e lançar crítica sutil à desigualdade social na França	Texto veiculado na seção “Modas”
	23/01/1853	-	Argumentar que o gosto é relativo e analisar figurinos de banho	Texto veiculado na seção “Modas”
	30/01/1853	-	Comentar sobre os preparativos para o carnaval e analisar figurino de carnaval infantil	Texto veiculado na seção “Modas”
	06/02/1853	O carnaval ou entrudo	Refletir sobre a história do carnaval	Texto dissertativo veiculado na primeira página
	13/02/1853	-	Relatar seus festejos de carnaval e analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	20/02/1853	-	Analisar figurino de passeio e de ficar em casa	Texto veiculado na seção “Modas”
	06/03/1853	-	Analisar figurino de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	20/03/1853	-	Refletir sobre figurinos de luto e de <i>soirée</i>	Texto veiculado na seção “Modas”
	27/03/1853	-	Informar que o jornal publica figurinos veiculado no <i>Moniteur de La Mode</i> e analisar figurino de fantasia	Texto veiculado na seção “Modas”
	03/04/1853	-	Comentar sobre educação das crianças na Europa e analisar figurino de fantasia infantil	Texto veiculado na seção “Modas”
	10/04/1853	-	Elogiar os bailes de máscaras e comentar peças bordadas	Texto veiculado na seção “Modas”
	17/04/1853	-	Refletir sobre a importância da moda na vida das mulheres. Analisar figurinos de baile	Texto veiculado na seção “Modas”
	24/04/1853	-	Analisar figurino de	Texto veiculado na

<b>Christina</b>			baile e de ficar em casa	seção “Modas”
	01/05/1853	-	Apresentar modelos de toucas – próprios para mulheres casadas	Texto veiculado na seção “Modas”
	08/05/1853	-	Criticar a inércia dos salões e analisar figurinos de baile	Texto veiculado na seção “Modas”
	22/05/1853	-	Opinar sobre os bailes mascarados e acerca dos trajés usados	Texto veiculado na seção “Modas”
	05/06/1853	Movimento dos salões	Comentar as festas ocorridas e analisar figurinos de visita e de ficar em casa	Texto veiculado na seção “Modas”
	12/06/1853	-	Analisar figurino de visita de criança	Texto veiculado na seção “Modas”
	19/06/1853	-	Transcrever tradução enviada pela Viscondessa da... e analisar figurinos masculinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	03/07/1853	-	Comentar os figurinos mais bonitos que se apresentaram nos últimos bailes e analisar um figurino de inverno	Texto veiculado na seção “Modas”
	10/07/1853	-	Comentar a moda de inverno	Texto veiculado na seção “Modas”
	17/07/1853	-	Comentar sobre a novidade do magnetismo e analisar dois figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	24/07/1853	-	Argumentar que a moda segue os preceitos da Igreja Católica. Analisar figurinos de comunhão e infantil.	Texto veiculado na seção “Modas”
	07/08/1853	-	Comentar os figurinos das últimas festas e analisar estampas de passeio de visita	Texto veiculado na seção “Modas”
	14/08/1853	-	Comentar tendências na moda e explicar padrões de bordado	Texto veiculado na seção “Modas”
	21/08/1853	-	Comentar festas, bailes e chapéus magnetizados, além de analisar figurino infantil e adolescente	Texto veiculado na seção “Modas”
	04/09/1853	-	Comentar figurinos vistos no baile do Cassino e estampa de usar na cidade	Texto veiculado na seção “Modas”
	11/09/1853	-	Comentar figurinos vistos no baile da beneficência francesa e analisar uma estampa	Texto veiculado na seção “Modas”
	18/09/1853	-	Comentar as últimas tendências da moda em Paris e explicar padrões de bordado	Texto veiculado na seção “Modas”

<b>Christina</b>	25/09/1853	-	Comentar sobre as jóias de cabelo e analisar figurino campestre	Texto veiculado na seção “Modas”
	02/10/1853	-	Comentar a moda masculina e descrever figurinos vistos nos bailes.	Texto veiculado na seção “Modas”
	09/10/1853	-	Criticar aqueles que valorizam apenas a moda antiga; publicar carta anônima; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	16/10/1853	-	Ressaltar a especificidade da moda em cada estação; analisar figurinos variados	Texto veiculado na seção “Modas”
	23/10/1853	-	Comentar sobre oficina que produz roupas finas na Corte; analisar figurino.	Texto veiculado na seção “Modas”
	30/10/1853	-	Comentar figurinos vistos nos bailes da Corte	Texto veiculado na seção “Modas”
	06/11/1853	-	Exaltar a moda e analisar figurinos de verão	Texto veiculado na seção “Modas”
	13/11/1853	-	Comentar os figurinos vistos no baile do Cassino; comentar figurino de soirée	Texto veiculado na seção “Modas”
	20/11/1853	-	Analisar figurinos de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	27/11/1853	-	Comentar as últimas tendências da moda em Paris e no Brasil; explicar padrões de bordados	Texto veiculado na seção “Modas”
	04/12/1853	-	Comentar, orgulhosa, que a última moda em Paris é o bordado brasileiro; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	11/12/1853	-	Comparar os armazéns da Rua do Ouvidor com os armazéns de Paris; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	18/12/1853	-	Refletir sobre a relação da moda com as estações do ano; analisar figurino de passeio	Texto veiculado na seção “Modas”
	25/12/1853	-	Desejar boas festas e solicitar a permanência do apoio das assinantes no próximo ano	Texto veiculado na seção “Modas”
	[01]/01/1854	-	Refletir sobre os dois anos de trabalho no jornal; comentar a vida elegante no campo;	Texto veiculado na seção “Modas”

			anunciar sua substituta temporária; analisar figurinos	
	07/05/1854	-	Anunciar seu retorno na seção de modas; defender o sentimento patriótico e parabenizar o Barão de Mauá pela instalação de estradas de ferro	Texto veiculado na seção “Modas”
	28/05/1854	-	Comentar sua ida à rua do Ouvidor para se atualizar sobre moda; criticar o uso de sobretudo pelos homens	Texto veiculado na seção “Modas”
	09/07/1854	-	Comentar sobre o atraso da chegada dos figurinos de Paris; analisar estampas	Texto veiculado na seção “Modas”
	16/07/1854	-	Comentar os figurinos vistos no baile do Cassino; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	23/07/1854	-	Comentar os figurinos vistos no baile do Cassino; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	30/07/1854	-	Comentar sobre as sedas que chegaram na rua do Ouvidor; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	06/08/1854	-	Comentar sobre o terceiro agosto que escreve para o Jornal das Senhoras; retomar o assunto das sedas da rua do Ouvidor; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	13/08/1854	-	Comentar bailes e figurinos; analisar estampas	Texto veiculado na seção “Modas”
	20/08/1854	-	Comentar bailes e figurinos; analisar estampas	Texto veiculado na seção “Modas”
	10/09/1854	-	Comentar bailes e figurinos; analisar estampas	Texto veiculado na seção “Chronica dos salões”
	17/09/1854	-	Comentar os prazeres de cavalgar e analisar figurino adequado para tal prática	Texto veiculado na seção “Modas”
<b>Christina</b>				
<b>Clarinha</b>	21/05/1854	Será isto historia?	Narrar o amor de dois primos	-
<b>Cleomenenes Messeide</b>	27/03/1852	Hymno a’ Santa Virgem	Exaltar a virgem Maria	Poesia dedicada à D. Maria Adelaide Jardim
	27/06/1852	Conceito	Propor adivinhação	Texto em versos na seção “Charadas”
<b>Constança</b>	16/01/1853	Anedocta: O casamento e a	Criticar a vaidade feminina	-

		mortalha do céu se talha			
<b>Corina</b>	12/11/1854	-	Comentar as novidades do universo teatral	Texto veiculado na seção “Boletim Theatral”	
	07/01/1855	-	Comentar sobre a música sacra	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	14/01/1855	-	Comentar apresentações musicais e avanços no ensino da música	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	21/01/1855	-	Comentar novidades do universo musical	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	28/01/1855	-	Comentar apresentações musicais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	04/02/1855	-	Informar que os compositores fizeram uma pausa nas produções	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	11/02/1855	-	Comentar sobre a organização do Conservatório Nacional	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	18/02/1855	-	Comentar novidades do universo musical	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	25/02/1855	-	Comentar apresentações musicais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	04/03/1855	-	Anunciar apresentações no teatro lírico	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	11/03/1855	-	Comentar apresentações musicais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	25/03/1855	-	Comentar apresentação no teatro lyrico	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	15/04/1855	-	Comentar novidades no universo musical	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	22/04/1855	-	Comentar apresentações musicais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	29/04/1855	-	Comentar novidades no universo musical	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	10/06/1855	-	Comentar apresentações musicais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	24/06/1855	-	Comentar apresentações musicais	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
	15/07/1855	-	Comentar a chegada de artistas no Brasil	Texto veiculado na seção “Boletim Musical”	
		09/01/1853	Apresentação	Apresentar-se enquanto nova cronista do	-



<b>Délia</b>			periódico	
	09/01/1853	-	Narrar alguns fatos desastrosos a título de lição	Texto veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	23/01/1853	-	Comentar festas, teatros e um naufrágio	Texto veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	06/02/1853	-	Comentar festas, bailes e teatros	Texto veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	20/02/1853	-	Comentar festas e teatros	Texto veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	27/02/1853		Comentar apresentações teatrais	Texto veiculado na seção “Theatros”
	06/03/1853	-	Noticiar grande diamante encontrado em Minas Gerais; informar a morte de Marília de Dirceu e comentar bailes e teatros	Texto veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	06/03/1853	-	Comentar apresentações teatrais	Texto veiculado na seção “Theatros”
	13/03/1853	-	Comentar apresentações teatrais	Texto veiculado na seção “Theatros”
	20/03/1853	-	Lamentar o falecimento da princesa D. Maria Amélia e anunciar a fundação do recolhimento Santa Thereza	Texto veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	03/04/1853	-	Comentar apresentações teatrais	Texto veiculado na seção “Theatros”
	03/04/1853	-	Comentar festas religiosas e teatros	Texto veiculado na seção “Chronica da Quinzena”
	<b>D.J...B...</b>	11/07/1852 a 18/07/1852	Novella Moral: A verdade e a mentira	Exaltar a verdade
<b>D. Dorothea</b>	18/02/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
<b>D.S.J.R.F.</b>	28/05/1854	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charada”
<b>Dona S.J.R.F.</b>	04/06/1854	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charada”
<b>E. Adelaide da S. Pinto</b>	18/06/1854	A minha lyra	Refletir sobre o amor não correspondido	Texto veiculado na seção “Poesia”
	03/09/1854	Improviso	Refletir sobre a tristeza	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Elisa</b>	12/06/1853 a 26/06/1853	O propheta Carmelo: Novelleta	Narrar história passada no século XVI, envolvendo um astrólogo misterioso e a princesa Maria da Inglaterra.	Texto extraído
	15/10/1854 a	A primeira mentira	Narrar a história de um casal, cuja mulher mentiu para o marido	Texto traduzido e publicado em duas partes

<b>Elisa</b>	22/10/1854		sobre suas ações enquanto ele estava ausente	
	11/03/1855	A minha flor	Refletir sobre o amor	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Eliza</b>	05/06/1853	Sophia ou o reconhecimento	Narrar a história de Sophia, mulher lutadora	Tradução
	17/07/1853	Os árabes e as suas palmeiras	Narrar uma história mostrando o amor dos árabes pelas palmeiras	Texto extraído
	16/04/1854	Emma – Chronica allemã	Narrar um ato de heroísmo de uma simples menina	Tradução do alemão
<b>Eloiza</b>	14/08/1853	Um emprego que ainda hoje pode dar muito	Comentar sobre a profissão de escritor público	Texto extraído
<b>Emilia</b>	01/02/1852	Hum episodio em abril de 1850 no Rio de Janeiro	Narrar uma história de generosidade	-
<b>Emilia A. da S. Pinto</b>	26/08/1855	O que eu amo!	Refletir sobre o amor	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Emilia C.</b>	08/07/1855	-	Consolar a mulher cujo marido foi enviado para um conflito armado	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Emilia C. F. L.</b>	14/03/1852	Soneto	Homenagear a Imperatriz	Soneto
<b>Emilia Constança Ferreira de L.</b>	20/06/1852	Tributo de afectuosa estima	Homenagear Juana Paula Manso	Correspondência acompanhada de poesia
<b>Emilia Dulce Moncorvo de Figueredo</b>	18/04/1852	Pensamentos	Refletir sobre temas diversos	Frases curtas
	30/05/1852	As lagrimas da amizade	Compor uma valsa	Partitura
<b>Escolastica P. de L.</b>	30/05/1852	Um noivo achado dentro de uma cabelleira	Narrar uma história de amor ocorrida em 1786	Texto veiculado na primeira página
	20/06/1852	Achar marido n’um ovo	Narrar episódio ocorrido em 1839, na véspera do dia de Santo Antônio	Texto narrativo
	18/12/1853	Um contraste. Simão, o homem do fogo	Narrar a história de um ex-escravo que recebeu o título de oficial pelo Príncipe Regente	-
	05/08/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
	26/08/1855	Charada biographica	Propor uma adivinhação	Texto escrito em forma de poesia
	14/10/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
<b>D. Escolastica P. de L.</b>	15/01/1854	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charada”
<b>Estrella</b>	22/02/1852	-	Comentar sobre os bailes ocorridos nos últimos dias	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	07/03/1852	O catete	Sugerir a criação de uma sociedade no bairro catete	-
	21/03/1852	Chronica Theatral	Comentar os espetáculos e a presença da família Imperial nos teatros	-

<b>Estrella</b>	27/03/1852	-	Descrever a reunião mensal da sociedade Philenterpe	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	26/06/1853	-	Elogiar a atuação da Sra. Amalia Jacobson	Texto veiculado na seção "Theatro lyrico"
	03/07/1853	-	Comentar estréia teatral na Corte	Texto veiculado na seção "Theatro lyrico"
	24/07/1853	-	Comentar as óperas Sapho e Puritanos	Texto veiculado na seção "Theatro lyrico"
	21/08/1853	-	Comentar sobre o teatro na Corte	Texto veiculado na seção "Theatros"
	20/11/1853	Medicina Melodiosa	Anunciar descoberta de que a música auxilia na cura da dor de dente	Texto transcrito de um jornal português
<b>Eugenia</b>	20/02/1853	O triumpho da natureza	Relatar sua experiência de abandonar a família para viver com outro homem. Mostrar seu remorso e retorno à natureza de ser mãe e virtuosa.	-
<b>Eugenia de L.</b>	08/07/1855	Saudades	Consolar a viúva de um herói da Província da Bahia	Texto veiculado na seção "Poesia"
<b>Eugenia Foa</b>	02/07/1854	A infancia de Mozart ou os pequenos artistas	Narrar a história de Mozart, que veio de uma família humilde	-
<b>Eulalia M. dos S. Pereira</b>	27/05/1855	-	Refletir sobre o amor e a dor	Texto veiculado na seção "Poesia"
<b>Francina</b>	08/02/1852	-	Argumentar que todas as mulheres devem contribuir para a prosperidade do <i>Jornal das Senhoras</i>	Correspondência
	08/02/1852 a 15/02/1852	As semanas	Comentar sobre atrações culturais na Corte	Texto publicado em duas partes
<b>Francina Oscenia</b>	07/05/1854	O baile da Sylphide	Comentar o baile, focando nos figurinos vistos.	Informa que é sua primeira publicação em jornal
	21/05/1854	-	Anunciar que tornou-se colaboradora do jornal e comentar alguns bailes	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	28/05/1854	-	Comentar eventos sociais e figurinos	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	04/06/1854	-	Lamentar o pouco movimento no âmbito social	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	11/06/1854	-	Comentar os últimos eventos sociais	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	18/06/1854	-	Comentar os últimos eventos sociais e os trajes observados	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	25/06/1854	-	Comentar os últimos bailes e os trajes observados	Texto veiculado na seção "Chronica dos Salões"
	02/07/1854	-	Comentar sobre as festas	Texto veiculado na

<b>Francina Oscenia</b>			de São João e sobre a presença da família real nos festejos	seção “Chronica dos Salões”
	09/07/1854	-	Comentar o pequeno movimento nos salões	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	16/07/1854	-	Refletir sobre o prazer de freqüentar os salões	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	23/07/1854	-	Comentar os últimos bailes e os trajes observados	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	13/08/1854	-	Comentar bailes e soirées	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	27/08/1854	-	Comentar bailes e soirée	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
	03/09/1854	-	Comentar eventos sociais ocorridos no fim do mês de agosto	Texto veiculado na seção “Chronica dos Salões”
<b>D. Francisca</b>	30/10/1853		Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
<b>D. Francisca Luiza da Costa</b>	10/12/1854	A’ uma amiga	Prestar elogios à uma amiga	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves</b>	12/06/1853	Minha apresentação	Apresentar enquanto redatora	Texto veiculado na primeira página
	26/06/1853	As nossas assignantes	Agradecer pelo fechamento de mais um semestre	Texto veiculado na primeira página
	26/06/1853	Beneficencia imperial	Comentar atos beneficentes praticados pelo Imperador	-
	26/06/1853	Saudades da minha terra	Agradecer pelo recebimento das letras e músicas compostas por uma maranhense	A autora não permitiu a revelação do seu nome
	03/07/1853	-	Anunciar a publicação da tradução do romance <i>A Dama das Camélias</i> , nas páginas do periódico	-
	07/08/1853	O beneficio aos madeirenses	Louvar as senhoras e demais membros da Sociedade Phil’Euterpe por ajudar aos moradores da Ilha da Madeira que passavam fome	-
	04/09/1853	Um phenomeno	Elogiar as habilidades de uma menina sem braços	-
	02/10/1853	Carta dirigida pela Illm. Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha à redacção do Jornal das Senhoras	Reconhecer os talentos de Juana Manso e convidar as leitoras para estréia de sua peça teatral	Texto veiculado na primeira página
	13/11/1853	Simão, o marinheiro	Homenagem ao marinheiro que salvou senhoras que naufragaram	Texto veiculado na primeira página

<b>Gervasia Nunezia Pires dos Santos Neves</b>	25/12/1853	-	Pesar pelo falecimento da rainha de Portugal, D. Maria II	Texto veiculado na primeira página
	08/01/1854	-	Agradecer artigo de uma nova colaboradora	-
	19/03/1854	Acto de magestade	Louvar o Imperador por mandar erguer uma estátua em homenagem ao falecido Conselheiro José Clemente Pereira	Texto veiculado na segunda página
	21/05/1854	A's nossas assignantes	Informar sobre o atraso dos figurinos vindos de Paris	Aviso veiculado na primeira página
	02/07/1854	A's nossas assignantes	Anunciar a chegada de figurinos, bem como cobrar as assinaturas	Aviso veiculado na primeira página
<b>Gervina</b>	15/05/1853	-	Comentar sobre a passagem de um cometa e apresentações teatrais	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	12/06/1853	Justiça	Defender a justiça como a maior de todas as virtudes	-
	19/06/1853	Fragmentos de um livro santo	Listar 13 lições para a vida	Texto extraído
<b>Gervina P.</b>	17/04/1853	-	Refletir sobre bailes de máscaras e comentar teatros	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	24/04/1853	O Sr. Noronha	Critica o indiferentismo das pessoas para com a arte do Sr. Noronha	-
	01/05/1853	-	Relembrar eventos passados e indicar farinha de S. Bento às leitoras	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	05/06/1853	-	Comentar sobre as fortes chuvas que alagavam o Rio de Janeiro	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
<b>Gervina P. S. N.</b>	19/06/1853	-	Comentar apresentação do maestro Noronha; festas religiosas e teatros.	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	03/07/1853	-	Comentar bailes, saraus e teatros	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	17/07/1853	-	Comentar festas e teatros	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
<b>Gervina N. P. dos S. N.</b>	31/07/1853	-	Comentar festas, bailes e teatros. Narrar sua visita ao Hospital dos Alienados	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	14/08/1853	-	Comentar sobre suas experiências e do marido ao piano	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	28/08/1853	-	Comentar eventos sociais ocorridos na Corte	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"

<b>Gervina N. P. dos S. N.</b>	11/09/1853	-	Comentar eventos sociais ocorridos na Corte, narrar seus passeios e louvar o 7 de setembro	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	09/10/1853	-	Noticiar eventos sociais; comentar obras literárias francesas; incentivar as mulheres a escreverem; louvar Joana Manso e a emancipação da mulher	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	23/10/1853	-	Noticiar eventos sociais; louvar a família Imperial	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
	06/11/1853	-	Noticiar eventos sociais; louvar o teatro brasileiro; publicar poemas em homenagem a um amigo	Texto veiculado na seção "Chronica da Quinzena"
<b>Guilhermina Santos</b>	12/11/1854	A' uma rola	Elogiar a ave	Texto veiculado na seção "Poesia"
<b>Heloiza</b>	25/07/1852	A uma linda menina chamada Rosa	Ressaltar a beleza de Rosa	Poesia
<b>Dona Joanna de Noronha</b>	17/07/1853	Pensamentos	Refletir sobre diversos temas como a mulher, a vida, o perdão.	-
	01/10/1854	A felicidade	Refletir sobre a felicidade e os desafios de escrever para o público	-
<b>Joaninha</b>	21/05/1854	-	Criticar o indiferentismo para com a música brasileira; comentar eventos musicais.	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
	04/06/1854	-	Anunciar lançamentos musicais dos últimos 15 dias	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
	09/07/1854	-	Anunciar lançamentos musicais dos últimos dias	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
	23/07/1894	-	Recomendar músicas e comentar execuções musicais ocorridas nos últimos eventos	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
	13/08/1854	-	Anunciar publicações musicais e estimular as mulheres a executá-las	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
	17/09/1854	-	Comentar publicações e eventos musicais	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
	15/10/1854	-	Valorizar a música e anunciar publicações musicais	Texto veiculado na seção "Boletim Musical"
<b>Joanna Paula Manso de Noronha</b>	01/01/1852	As nossas assignantes	Reflexão sobre o estranhamento causado pelo fato de uma mulher dirigir um periódico	Editorial do primeiro número
	01/01/1852 a	Misterios Del Plata. Romance historico	Criticar o governo Juan Manuel de Rosas	Publicado em 23 partes.

<b>Joanna Paula Manso de Noronha</b>	04/07/1852	contemporaneo		
	18/01/1852	As nossas assignantes	Agradecimento pelo apoio das mulheres ao periódico	Editorial do terceiro número
	08/02/1852	Resposta	Resposta a uma carta recebida, na qual “O homem” criticava a proposta do periódico	Texto argumentativo veiculado a partir da primeira página
	21/03/1852	Visita	Descrição de uma visita feita à Quinta da Boa Vista	Texto narrativo veiculado na primeira página
	04/04/1852	A’s nossas assignantes	Balanço do primeiro trimestre do periódico	Editorial do décimo quarto número
	24/10/1852	Emancipação Moral da Mulher	Criticar as interpretações feitas sobre seu projeto de Emancipação Moral da Mulher	Texto dissertativo
<b>J.P.Bellona</b>	20/06/1852	-	Tratar de vários temas como: o alto nº de casamentos nos últimos 15 dias; corridas, teatros; festas e bailes.	Texto veiculado na seção “Chronica da Semana”
<b>Julieta</b>	01/10/1854	-	Propor adivinhações	Textos veiculados na seção “Charadas”
	05/11/1854	-	Propor adivinhações	Textos veiculados na seção “Charadas”
	12/11/1854	-	Propor adivinhações	Textos veiculados na seção “Charadas”
	03/12/1854	-	Propor adivinhações	Texto veiculado na seção “Charadas”
	24/12/1854	-	Propor adivinhações	Texto veiculado na seção “Charadas”
<b>L.C.</b>	07/11/1852	Analia: Victima do amor	Narrar os últimos dias da moça de 20 anos, que morreu por não ter seu amor correspondido	A autora declara-se amiga de Analia
<b>Leonor G***</b>	30/04/1854	O dote de Maria	Narrar a história de um casamento que precisou da intervenção do pintor Miguel Angelo	Texto traduzido
	14/05/1854	Araribá: Poesia Americana	Valorizar a beleza e a força das índias	Poesia
	06/08/1854	Teu nome	Elogiar o nome da pessoa que inspirou os versos	Poesia
<b>Leontina</b>	06/05/1855	Elle! Somente elle!	Refletir sobre o amor	Texto veiculado na seção “Poesia”
	04/11/1855	Delirio	Refletir sobre o amor	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Lina</b>	08/02/1852	-	Argumentar sobre a importância do <i>Jornal das Senhoras</i> para a vida das mulheres	Correspondência enviada para o <i>Jornal das Senhoras</i>
	08/02/1852	Então me quer?	Refletir sobre o amor e a delicadeza feminina	Poesia
<b>Mademoseille Brunet</b>	25/06/1854	Enigme	Propor uma adivinhação	Texto escrito em francês
<b>D. Manuelita</b>	06/11/1853	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charada”

<b>Manoela E. de C. Peixoto</b>	29/04/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
<b>Maria Clementina da Cruz</b>	25/07/1852	-	Refletir sobre o amor e defender a emancipação moral da mulher	Texto de uma jovem de 15 anos, enviado de Pernambuco
	29/08/1852	Artigo II	Defender a emancipação intelectual da mulher	-
<b>Maria F. de O. Barbosa</b>	31/10/1852	Elegia	Despedir e homenagear o general José Ballivian	-
<b>D. Maria J.S.C.</b>	31/12/1854	Adoração	Refletir sobre a vida de Jesus	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Mariquinhas</b>	11/06/1854	Historieta	Narrar história de um casal recém casado	-
<b>Dona M.C. de J.</b>	17/09/1854	-	Refletir sobre a dor	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>M. de Santa Rosa de Lima</b>	13/03/1853	O enterro d’uma donzella christã	Narrar a história do falecimento de uma jovem e exaltar o cristianismo	-
<b>Mme. Laura Prus</b>	05/09/1852 a 12/09/1852	O cavaleiro branco	Narrar uma história de heroísmo, envolvendo a busca por liberdade	-
<b>Panorama</b>	30/05/1852 a 06/06/1852	O duello das Damas	Narrar trama ocorrida na Espanha, no século XVI, envolvendo batismo e amor.	Conto publicado em duas partes
	31/07/1853	Vantagens do lêr	Apresentar as vantagens da leitura	-
<b>Papoula</b>	17/04/1853	Historias no ar	Narrar histórias sobre fofocas na aldeia e artigos que não devem ser emprestados	Trata-se de duas histórias independentes
	24/04/1853	Historias no ar	Narrar histórias envolvendo casamento e parentesco	-
	01/05/1853	Modos de vida	Narrar a história de um charlatão que se passava por doutor	-
	08/05/1853	Historias no ar	Narrar histórias sobre pretendentes interesseiros de uma viúva e um marido infiel	-
	22/05/1853	A estação dos bailes	Exaltar o período festivo	-
	29/05/1853	Historias no ar	Narrar histórias sobre geração, educação das crianças e curandeiros	Trata-se de três histórias independentes
<b>Paula de L.</b>	06/06/1852	A menina vaidosa	Refletir sobre o pecado da vaidade	Poesia
<b>Paulina de L.</b>	29/07/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
	12/08/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
	02/09/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
	21/10/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
	11/11/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na seção “Charadas”
	16/12/1855	-	Propor uma adivinhação	Texto veiculado na



				seção “Charadas”
<b>Pela joven cearense - B.P.</b>	20/05/1855	Saudade	Refletir sobre a amizade	Texto veiculado na seção “Poesia”
<b>Por uma sua amiga</b>	05/12/1852	À sentida morte da Illm. <sup>a</sup> Sr. <sup>a</sup> D. Francisca Candida da Silva	Despedir e elogiar a falecida	Poesia
<b>Por uma infeliz</b>	17/07/1853	Soneto	Expressar dor e sofrimento	Poesia
<b>Por uma joven</b>	26/06/1853	Charadas	Propor uma adivinhação	-
<b>Por uma joven de 15 annos</b>	01/01/1853	Um adeus ao anno passado	Louvar o ano que passou	Poesia
<b>Ritinha</b>	08/01/1854	-	Apresentar-se às leitoras; comentar sobre o deleite e a moda no campo; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	15/01/1854	-	Refletir sobre a moda como ciência e como arte; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	22/01/1854	-	Refletir sobre a moda no Rio de Janeiro; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	05/02/1854	-	Comentar sobre a importância dos banhos para a higiene; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	12/02/1854	-	Narrar uma reunião de amigas que simularam uma assembléa para discutir moda; explicar padrões de bordado	Texto veiculado na seção “Modas”
	19/02/1854	-	Ressaltar a importância de se vestir adequadamente para cada ocasião; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	26/02/1854	-	Comentar figurinos de carnaval	Texto veiculado na seção “Modas”
	05/03/1854	-	Comentar os trajes vistos no carnaval; analisar figurinos de baile e de teatro	Texto veiculado na seção “Modas”
	12/03/1854	-	Defender a importância da moda; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	19/03/1854	-	Narrar seu sonho que envolve moda; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	26/03/1854	-	Refletir sobre música	Texto veiculado na seção “Modas”
	02/04/1854	-	Analisar figurino de baile	Texto veiculado na seção “Modas”
	09/04/1854	-	Comentar figurinos vistos nos eventos sociais; analisar figurino de baile	Texto veiculado na seção “Modas”
	16/04/1854	-	Argumentar que é preciso usar roupas da moda para ir ao templo;	Texto veiculado na seção “Modas”

<b>Ritinha</b>			analisar figurinos	
	23/04/1854	-	Narrar impressões de um baile; analisar figurinos	Texto veiculado na seção “Modas”
	30/04/1854	-	Comentar sobre vestimentas de inverno	Texto veiculado na seção “Modas”
<b>Thereza</b>	08/01/1854	Uma historia que se passa em Inglaterra	Narrar uma história que envolve generosidade e lealdade	Texto traduzido do livro <i>Les femmes</i> , de autoria de Alphonse Karr
<b>Uma assignante</b>	08/02/1852	-	Elogiar a Joana Manso pela coragem de lançar o <i>Jornal das Senhoras</i>	Correspondência
	08/02/1852	Pensamentos sobre a verdadeira amizade	Reflexão sobre a amizade.	Extraído
	27/03/1852	Interessante comunicado	Comunicar que uma moça muda e surda aprendeu piano e que seu professor, Sr. Joseph Fachinetti iria alfabetizá-la.	-
<b>Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco</b>	04/07/1852	A’s nossas assignantes	Anunciar mudança de redação do periódico	Editorial do vigéssimo sétimo número
	11/07/1852	A’s nossas assignantes	Solicitar que as correspondentes explicitem nome e endereço	Aviso veiculado na primeira página
	18/07/1852	Os prazeres e vantagens da religião	Defender a religião cristã	Texto extraído de um discurso inglês
	18/07/1852	O sacerdote	Exaltar a função do sacerdote	Texto extraído de um discurso inglês
	25/07/1852	O Jornal das Senhoras	Ressaltar que o periódico objetiva desenvolver as artes e os talentos das mulheres	Editorial do trigésimo número
	01/08/1852	A virgem de Van Dick	Exaltação da virgindade, decência e beleza feminina.	Texto traduzido do francês
	12/09/1852	-	Elogiar uma carta recebida, a qual exalta Sr. Forbes por curar um operário sem cobrar.	-
	10/10/1852	A’s nossas assignantes	Desculpar-se por não publicar figurino na edição	Texto veiculado na primeira página
	17/10/1852	A’s nossas assignantes	Ressaltar os sacrifícios feitos para manter um jornal de qualidade. Anunciar o acréscimo de 4 páginas nas edições	Texto veiculado na primeira página
	31/10/1852	As nossas assignantes	Anunciar colaboradora do periódico	Aviso veiculado na primeira página
	12/12/1852	Uma desculpa	Desculpar-se pelo atraso dos figurinos vindos de Paris	Aviso veiculado na primeira página
	26/12/1852	A’s nossas assignantes	Balanço do ano e perspectivas para 1853	Editorial do último número de 1852
26/12/1852	Nasceu Jesus	Louvar Jesus e desejar paz	-	

<b>Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco</b>	01/01/1853	-	Dar informações sobre assinaturas do periódico	Texto veiculado na última página
	22/08/1852 a 13/02/1853	Karolina: Novella polaca	Valorizar a virgindade, o matrimônio, a maternidade, a benevolência e santidade feminina.	Texto traduzido do francês, de autoria de Olympio Chodzko. Publicado em
	27/02/1853	-	Informar que alguns materiais não foram publicados por falta de espaço	-
	20/03/1853	N.C.	Lamentar o falecimento de D. Maria Amelia, irmã do Imperador	Aviso veiculado na primeira página
	24/04/1853	A senhora Stoltz no Rio de Janeiro	Elogiar a atriz Rosina Stoltz e traduzir artigo sobre a artista veiculado em Paris	O autor do artigo traduzido é Lord Pilgrim
<b>Viscondessa da...</b>	12/12/1852	Da vingança	Criticar o sentimento de vingança	-
	23/01/1853	A nobreza na China	Comentar sobre o reconhecimento de honra na China	Texto extraído
	13/02/1853	A quaresma	Esclarecer o que significa o período da quaresma	Texto extraído
	20/02/1853	O tribunal das facécias	Elogiar costume dos gregos de evitar gracejos	Texto extraído
	27/02/1853	Partes que compõe a formosura	Comentar como deve ser cada parte do corpo para se atingir a formosura	Extraído de um antigo jornal português
	27/02/1853	Molestias do peito, defluxos, toses, etc	Relatar observações de farmacêutico parisiense	Texto traduzido
	27/03/1853	A pascoa	Esclarecer o que significa o período da páscoa	Texto extraído
	10/04/1853	A promessa de casamento: facto historico	Narrar uma história que envolvia promessa de casamento não cumprida, no século XIV	Texto extraído
	10/04/1853	Efeito do casamento: sobre a duração da vida	Explicitar pesquisa de um médico alemão, que conclui que pessoas casadas vivem mais	Texto extraído
	05/06/1853	O pobre cego	Narrar a história do pobre cego que foi abandonado pelo filho que virou conde	Texto extraído
	19/06/1853	O poder da verdade	Valorizar a verdade	Texto traduzido
	26/06/1853	Efeitos saudaveis da gymnastica	Benefícios da ginástica para a beleza e para saúde	-
	24/07/1853	Margarida: Episodio do cerco do Porto	Narrar a triste história de Margarida, que perdeu o braço e o noivo	Texto extraído de um livro publicado em Lisboa
	31/07/1853	Napoleão e o prisioneiro inglez	Narrar a história de um ousado prisioneiro que conseguiu ser liberto por	Texto extraído

<b>Viscondessa da...</b>			Napoleão	
	07/08/1853	O lenço azul	Narrar a história de um soldado suíço que foi fuzilado por furtar um lenço	Informa que o texto é do “Arch. pop.”
	14/08/1853	Da origem do título de Dom	Analisar a origem do título de Dom em diversas regiões do Ocidente	Texto extraído de um velho livro
	21/08/1853	Nada foi criado sem motivo. Legenda Allemã	Justificar todas as criações de Deus	-
	28/08/1853	Os intrigantes	Comentar que entre os “povos selvagens” das Américas não existe o vocábulo intriga	-
	28/08/1853	Educação	Narrar fato ocorrido na Rússia para defender a importância da educação	-
	25/09/1853	Sacrifício voluntário entre os índios	Narrar um ritual de suicídio voluntário na Índia	Artigo extraído de um jornal inglês
	25/09/1853	Quem tal diria!	Narrar um ato de caridade	-
	02/10/1853	Mythologia dos escoceses antigos	Narrar lenda escocesa vinculada a elementos da natureza	-
	02/10/1853	Socrates e Francklin	Defender o casamento, utilizando exemplos de homens célebres que foram casados	-
	09/10/1853	Costumes e crenças extravagantes de alguns povos	Narrar curiosidades de sociedades de várias regiões do mundo	Texto extraído de uma obra
	16/10/1853	A primeira parteira	Narrar história da inserção das mulheres na profissão de obstetra e criticar os senhores que não permitem as mulheres a estudarem medicina	-
	16/10/1853	A coisa mais forte do mundo	Narrar história ocorrida na Pérsia	-
	30/10/1853	O luto	Comentar rituais de luto em várias partes do mundo	Texto traduzido
	20/11/1853	Alguns rasgos da vida do doutor Swift	Narrar algumas experiências do médico Swift	Texto traduzido
	04/12/1853	A formosura	Refletir sobre distintas concepções de formosura	Texto extraído de um livro
	25/12/1853	A noite de natal em Goldberg, na Silesia	Narrar a história das festividades de natal em Goldberg	Texto extraído
	25/12/1853	Maria Stuard	Narrar a história da rainha da Escócia e da França	-
	08/01/1854	Dia de reis	Narrar a origem da	-

<b>Viscondessa da...</b>			comemoração do dia de reis	
	15/01/1854	Os annuncios dos jornaes hollandezes	Comentar que as páginas dos jornais holandeses são preenchidas basicamente com anúncios	-
	29/01/1854	A falsa beneficencia	Criticar as pessoas que fazem beneficência apenas em público	Texto extraído
	05/02/1854	Um banquete na côrte do imperador Domiciano	Comentar usos e costumes da época do imperador	-
	12/12/1854	Exemplo de caridade	Refletir sobre a importância da caridade	Texto extraído
	02/04/1854	O gaz	Trazer informações sobre a iluminação à gás	-
	09/04/1854	Da fabricação do gaz para illuminação, extrahido pela distillação do carvão mineral	Detalhar o processo de illuminação a partir do carvão mineral	Texto extraído de jornal europeu
	23/04/1854	O madrugar é bom para a saúde	Narrar relatos médicos sobre os benefícios de acordar cedo	Tradução do inglês
	07/05/1854	O visir e a criança	Narrar história que envolve a generosidade de um príncipe	Texto traduzido
	15/10/1854	O amor de uma mulher e o amor de um homem	Comparar as diferentes manifestações do amor em homens e mulheres	Texto veiculado em duas partes
	24/12/1854	O presepio	Descrever a cidade de Belém e o presépio	Texto extraído
<b>Viscondessa de...</b>	17/10/1852	As sympathias	Refletir sobre a amizade	-
	14/11/1852	As irmãs de caridade	Exaltar as irmãs de caridade	-
	08/05/1853	Dous amores	Refletir sobre o amor	Texto extraído
	15/05/1853	Novencentos dolars: Por uma escrava	Narrar a história de uma escrava que casou, mas seu dono foi cobrar pela alforria um tempo depois	Texto traduzido
	29/05/1853	Festa do corpo de Deus	Esclarecer o que significa	-
	29/05/1853	O futuro	Defender que o melhor caminho é ignorar o destino	-
	26/06/1853	As fogueiras de S. João na Bretanha	Narrar os rituais da festa de São João	Texto traduzido

Apêndice C – Levantamento de publicações femininas no periódico *La Camelia*

<b>Autora</b>	<b>Data de veiculação</b>	<b>Título</b>	<b>Ideia central</b>	<b>Observações</b>
<b>Adalia</b>	11/05/1852	El Biricuya	Elogios à flor da paixão	Poesia
<b>Adela</b>	18/04/1852	-	Reflexão sobre a natureza feminina	Correspondência acompanhada de poesia
	25/04/1852		Homenagem à presidenta da Sociedad de Beneficencia	Correspondência enviada à redação
<b>Adela y Zoila</b>	04/05/1852 e 06/05/1852	1º de mayo, 2 de mayo	Defesa da República Argentina e do General Urquiza	Correspondência enviada à redação. Publicada em duas partes
<b>Adriana</b>	27/04/1852 e 29/04/1852	-	Reflexão sobre mulheres, moralidade e matrimônio	Correspondência acompanhada de texto dissertativo. Publicada em duas partes
<b>Ariana</b>	02/05/1852	-	Crítica à moda adotada na Argentina	Correspondência enviada à redação
<b>Cassiana</b>	18/04/1852	Al R. P. Castañeta	Queixa contra o padre, devido às indiretas que ele lançou ao <i>La Camelia</i>	Correspondência
<b>Clara</b>	15/04/1852	-	Crítica às injustiças que os homens cometem com as mulheres	Correspondência enviada à redação
<b>Eliza</b>	11/04/1852	-	Defesa dos periódicos femininos e da igualdade entre os sexos	Correspondência enviada à redação
<b>Hadalia</b>	20/04/1852	-	Reflexão sobre a igualdade entre os sexos	Correspondência enviada à redação
	20/04/1852	-	Crítica aos homens que amedrontam as mulheres nas ruas. Defesa da liberdade feminina	Correspondência enviada à redação
	22/04/1852	Generosidad	Crítica aos homens que confundem generosidade com submissão	Correspondência enviada à redação
	22/04/1852	A la flor del aire (blanca)	Elogios à flor e à república	Poesia
	02/05/1852	Satira	Crítica à situação econômica	Poesia
	09/05/1852	Satirilla	Crítica social	Poesia
<b>Helena</b>	09/05/1852	-	Reflexões sobre o amor	Correspondência enviada à redação
<b>Hernestina y Luisa</b>	25/04/1852; 27/04/1852 e 29/04/1852	-	Defesa da moda adotada em Buenos Aires	Correspondência enviada à redação. Publicada em três partes
<b>Laura</b>	15/04/1852	-	Refletir sobre o amor	Poesia
	22/04/1852	-	Crítica publicações do padre Castañeta	Correspondência acompanhada de poesia
<b>Nisefora</b>	27/04/1852	-	Crítica à adoção de modas européias na Argentina	Correspondência enviada à redação
<b>Ortencia y Lila</b>	25/04/1852	-	Defesa da escrita feminina	Correspondência enviada à redação
<b>Una aficionada á la moda</b>	18/04/1852	-	Elogios à beleza das argentinas e à moda	Correspondência enviada à redação
<b>Unas</b>	22/04/1852	Moda	Crítica à moda adotada em	Correspondência enviada

<b>suscriptoras</b>			<b>Buenos Aires</b>	<b>à redação</b>
<b>Zoila</b>	11/04/1852; 13/04/1852	-	Crítica à forma como as mulheres são tratadas.	Correspondência acompanhada de texto dissertativo. Publicada em 2 partes.

Apêndice D – Levantamento de publicações femininas no periódico *Album de Señoritas*

<b>Autora</b>	<b>Data do texto veiculado</b>	<b>Título</b>	<b>Ideia central</b>	<b>Observações</b>
<b>Anarda</b>	01/01/1854	Moda	Crítica à cópia de modelos europeus na vestimenta feminina	Correspondência acompanhada de um artigo dissertativo
	08/01/1854	Modas	Moda e sigilo de sua identidade	Correspondência dirigida à redatora
<b>Juana Paula Manso de Noronha</b>	01/01/1854	-	Emancipação das mulheres	Primeiro editorial do periódico
	01/01/1854	Emancipacion Moral de la Mujer	Emancipação das mulheres	Artigo dissertativo
	01/01/1854 a 17/02/1854	La Familia Del Comendador	Cotidiano de uma família rica e suas mazelas	Romance cuja trama se passa no Rio de Janeiro. Divido em oito partes para ser veiculado no periódico
	01/01/1854	Una flor sobre la tumba	Homenagem à uma amiga compatriota	Poesia escrita no Rio de Janeiro em 1850
	29/01/1854	A nuestras subscriptoras	Balanço da trajetória do <i>Album de Señoritas</i>	Texto argumentativo